

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR

Novo Hamburgo 1927-1997:
os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade

Jeferson Francisco Selbach

Orientação: Prof^ª. Dr.^ª Sandra Jatahy Pesavento

Porto Alegre, Novembro de 1999.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR

Novo Hamburgo 1927-1997:
os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade

Jeferson Francisco Selbach

Orientação: Prof^a. Dr.^a Sandra Jatahy Pesavento

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Planejamento
Urbano e Regional.

Porto Alegre, Novembro de 1999.

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S464n SELBACH, Jeferson Francisco. *Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade*/ Jeferson Francisco Selbach; orientação Sandra Jatahy Pesavento – Porto Alegre: UFRGS/ Faculdade de Arquitetura, 1999. 370p.:il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, RS, 1999

CDU 711.433 (816.51)
 316.334.56 (816.51)
 711.433.03 (816.51)

DESCRITORES

Cidade grande: Novo Hamburgo
711.433 (816.51)

Sociologia Urbana: Novo Hamburgo
316.334.56 (816.51)

Cidade grande: Novo Hamburgo
711.433.03 (816.5)

Bibliotecárias responsáveis

Iara Ferreira de Macedo, CRB 10/430
Margarete Tessainer da Fonseca, CRB 10/836

“Há mais sonhos na vigília
que no sono natural”
André Luiz

In memoriam

SINOVALDO

OLHA, GÊNIO. DEPOIS DESTA FESTA
TODA, SE EU NÃO ME ELEGER NA
PRÓXIMA ELEIÇÃO, DESISTO DE TI...



* A figura central (o Aladim) representa o progenitor do autor desta dissertação. Os perus assados, espalhados pelo chão, representam o prato principal da festança promovida por conta do seu quinquagésimo aniversário, em 1977. Charge publicada no jornal NH de 29 de Agosto de 1977.

Agradecimentos...

... à Capes, pois num país de tantas deficiências é de fundamental importância instrumentos de fomento à pesquisas de toda natureza; à Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis, em Novo Hamburgo, pois oportunizou todos subsídios necessários ao acesso e trato com as fontes desta pesquisa; à Sandra, por me orientar e nunca aceitar de pronto os primeiros escritos, o que exigiu nova e nova redação; aos meus familiares, sem os quais este trabalho não poderia ter sido finalizado; e à todos demais, em especial àquela que vela por mim, hoje e sempre...

Abstract

This dissertation aims to make a particular picture of a city peripherically located regarding the main countries in the world, in order to understand a persuasive process in our everyday life wich is the experience of the modernity. This approach allows us to grasp how it is inserted whithin a typically modern and global life experience. In order to do so five spaces of sociability in the city of Novo Hamburgo/RS were chosen, to show that this process requires some changes overtime that not necessarily mean structural changes. That is why it was introduced the idea of the seesaw, as something that moves up and down, nevertheless, keeps still on the ground. Our main goal is exactly to show that material transformations not necessarily mean social improvements.

Resumo

Antes de tudo, este trabalho é uma tentativa de radiografar uma cidade periférica para conseguir entender, mesmo que superficialmente, um processo que atinge a todos. Assim, tal leitura à partir da periferia, abre possibilidades de resgate de uma vivência tipicamente moderna. Para tanto, foi escolhido cinco espaços de sociabilidade e neles mostrado como este processo necessita de constantes mudanças superficiais mas não estruturais. Por isso a associação à *gangorra*, brinquedo que vai e volta sem sair do lugar. Nosso objetivo principal reside justamente nesta aproximação: mostrar que a evolução material não quer dizer, necessariamente, evolução da humanidade.

Sumário

Planta de Construção.....	11
Parte I DA CIDADE	
1. Da emancipação municipal.....	18
2. Os “fructos” da emancipação.....	23
2.1. A metamorfose no chão.....	24
2.1.1. O modernismo nas ruas.....	24
2.1.2. O contraste nas calçadas.	26
2.1.3. A beleza nas pontes.	27
2.1.4. Ordem, organização e disciplina... o Plano Diretor chegou.....	29
2.1.5. Campanha vamos dar nome às nossas ruas e número às nossas casas.	31
2.2. A dinamização dos serviços urbanos.....	33
2.2.1. Luz “elétrica” e iluminação pública.....	33
2.2.2. A água, este líquido precioso.....	35
2.2.3. O “telephone”, ligando a cidade ao mundo.....	36
2.2.4. Limpeza urbana e arborização.....	39
2.3. Maquilagem urbanística.....	41
2.3.1. Renovação Arquitetônica.....	41
2.3.2. A cidade se estica feito elástico: os arrabaldes.....	43
2.3.3. A verticalização novo-hamburguesa.....	45
3. A cidade se movimenta.....	49
3.1. O trânsito nas ruas.....	50
3.2. Usos e costumes se modificam.....	54
3.3. O trem chegou... e partiu.....	58
3.4. Veículos particulares tomam conta da rua.....	63
3.5. Atenção ao volante: animais soltos e sinais de trânsito.....	68
3.6. O ônibus passou lotado.....	72

4.	A cidade e seus problemas.....	76
4.1.	A (in)segurança urbana.....	77
4.2.	Tocando piano na delegacia.....	81
4.3.	O combustível do homem moderno.....	82
4.4.	O <i>mal necessário</i> invade a cidade.....	84
4.5.	A exteriorização da miséria, um acontecimento moderno.....	86
4.6.	Crianças descalças na capital do calçado.....	87
5.	A cidade e as trocas.....	90
5.1.	<i>Nosso modernos castelos onde as luzes nunca se apagam</i>	91
5.2.	<i>Proletários, uni-vos!</i>	97
5.3.	Novo Hamburgo, de <i>Cidade Industrial</i> à <i>Cidade Comercial</i>	101
6.	A cidade se diverte.....	105
6.1.	Novo Hamburgo, a cidade dos fogueteiros.....	106
6.2.	Lazer, cultura e festa pagã.....	108
6.3.	Circo, cinema e televisão.....	111
6.4.	Estações do ano.....	114
7.	A cidade progride.....	118
7.1.	Discurso pró-progresso.....	120
7.2.	Derrubando as pontes com o passado.....	125
7.3.	A tempestade que saneia a atmosfera.....	129
8.	A cidade sob o olhar atento do cronista Ercílio Rosa.....	135
8.1.	A metamorfose urbana.....	136
8.2.	Tradições caídas: a nostalgia na descarga do tempo.....	139
8.3.	Isto é progresso!?!.....	142
8.4.	Multidão, vultos e estações na cidade.....	145

Parte II

DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA GANGORRA DA MODERNIDADE

9.	A Praça dos <i>Imigrantes</i> , antiga <i>14 de Julho</i>	154
9.1.	Aspectos físicos e transformação.....	155
9.2.	Construções que destoam o ambiente.....	161
9.3.	A praça como espaço de sociabilidade.....	166
10.	A avenida <i>Pedro Adams Filho</i>	175
10.1.	Um cenário dos sonhos.....	176
10.2.	A artéria da movimentação.....	180
10.3.	Uma avenida singularmente cosmopolita.....	184

11.	As galerias <i>Carolina, Central e Hamburguesa</i>	193
11.1.	Erguendo os templos.....	194
11.2.	As vitrinas da moda e as lojas famosas.....	195
11.3.	O barco faz água.....	198
12.	O calçadão na rua <i>General Neto</i>	201
12.1.	Ainda uma rua.....	202
12.2.	“ <i>Aquela rua em Novo Hamburgo</i> ”.....	208
12.3.	A rua das verdades.....	211
13.	O Shopping Center <i>Novo Shopping</i>	218
13.1.	Uma longa espera.....	219
13.2.	Dormindo acordado.....	223
13.3.	Mundo real.... lá fora!.....	229
	Considerações finais.....	232
	Referências bibliográficas... ..	235
	Anexos, por uma história aberta.....	241

Planta de Construção

O presente trabalho - Novo Hamburgo 1927-1997, espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade - é uma tentativa de ler uma cidade de colonização alemã encravada no extremo sul do Brasil, cidade esta que procurou firmar-se como símbolo de desenvolvimento, pujança e progresso, como exemplo a um país que queria acertar o passo com sua própria história. Desnudar uma cidade assim, que queria fazer-se conhecida como a *Manchester Brasileira*, é tentar dar sentido a uma modernidade da qual fazemos parte pois, como seu *status* não é central, bem pode revelar outras facetas da experiência humana de viver neste mundo em transformação e com ele mudar; pode mostrar, num olhar de fora das grandes capitais ou metrópoles, o que se pensou e se quis em termos de modernidade. E possibilita, ainda, e acima de tudo, dar uma visão a partir da periferia deste processo que, embora demoníaco, impele ao crescimento.

Tal medida acentua sob o prisma da ambigüidade, a ótica que permite coexistirem num mundo moderno, forças, atitudes e vivências opostas; um ambiente que comporta o sonho, o espetáculo, o deslumbre, a embriaguez dos gozos materiais, mas também a dor, o sofrimento, o desespero, o despertar atônito... situações que concorrem juntas e fazem parte da experiência humana neste final de milênio.

Assim como a nau à deriva necessita da ancoragem, a análise necessita de um foco central. Para tanto, escolhemos cinco espaços de sociabilidade por entendermos serem eles *locus* do viver a modernidade.

O primeiro espaço focalizado será a Praça dos Imigrantes (ex-14 de Julho), localizada no coração da cidade. Marcando o início do pensar o urbano, este logradouro

foi palco para a nova sociabilidade nascente. Ela, que até 1927 (ano de emancipação municipal) não passava de um descampado junto à antiquíssima estação da Viação Férrea, "*não tardará em ser ricamente ajardinada, em estilo moderno, sendo de notar que em frente à porta principal da referida estação, será colocado um modelo de mulher, despejando um cântaro d'água, no centro do pequeno lago, tal como se vê no logradouro público, onde fica situado a intendência municipal de Porto Alegre.*"¹ Anseios e paixões ali se concentraram, esta praça foi o lugar escolhido e construído para encontros e desencontros desta sociedade que queria materializar seu sonho de fazer parte da humanidade dita civilizada.

Adjunto à praça está a Avenida Pedro Adams Filho. Detemo-nos, como segundo espaço focalizado, em seu trecho compreendido pela extensão do logradouro que lhe faz frente, entre as ruas Lima e Silva e Gomes Portinho. Tal espaço propicia o revelar de algumas facetas tipicamente urbanas: o tráfego de veículos nas novas ruas macadamizadas; a iluminação feérica que permitiu maior vida social e passeios noturnos; a calçada para o *footing* dos cidadãos despreocupados mas atentos aos olhares da multidão; as vitrinas, trazendo novidades que, se não possibilitaram a compra, permitiram a contemplação; a renovação arquitetônica, que se debruçou sobre a rua e apagou as marcas do tempo, pois desmontou a golpes de marreta certa as antigas casas onde o ladrilho hidráulico não vertia em dias de umidade, o cal das paredes repelia os insetos, e onde existia lugar para quintais com goiabeiras, hortas cartesianas e o indefectível espantalho. Enfim, foi o espaço dos namoricos que ali se iniciavam, onde rapazes e moças caprichavam nos olhares cheios de intenções, onde *encostar* na eleita era um fato comemorado por toda a *torcida* e segurar na pontinha dos dedos terminava ocasionando sonhos românticos.²

O terceiro espaço focalizado são as galerias *Central*, *Carolina* e *Hamburguesa*, construídas na década de 70, entre as ruas Joaquim Nabuco e General Neto. Longe de se assemelharem às *Passagens Parisienses*, mas ainda assim como espaço de desfile da última moda daquelas que, freqüentemente, estavam nas colunas sociais, ali se instalaram os mais diversos ramos do comércio e serviços, entre eles algumas das lojas mais *chiques* da cidade, pois sua iluminação, decoração, cores, elementos, calçamento e

¹ Jornal "O 5 de Abril", 20 de maio de 1927 (citaremos as siglas JO5 para designar Jornal O 5 de Abril, JNH para Jornal NH, e JIN para Jornal O Independente).

adornos, sua constante modificação de vitrinas, fizeram delas terreno propício para o ver e ser visto. A febre de Galerias teve seus tempos áureos e a cidade também mergulhou nelas, a ponto de ironizarem que não levaria muito tempo e poder-se-ia atravessar Novo Hamburgo de lado a lado somente através delas.³

O quarto espaço é o *Calçadão Osvaldo Cruz*, construído na década de 80, sobre a rua General Neto, entre a rua Bento Gonçalves e a avenida Pedro Adams Filho. Tal espaço surgiu num contexto que buscava a humanização do trânsito nos centros das cidades. Ele tornou-se palco, teatro e até circo, local e internacional, onde crianças patinavam em seu piso escorregadio, onde havia mesas de bares ao longo de sua extensão, onde nos sábados ouvia-se a *bandinha* tocar, e onde o pequeno comércio, disposto de cada lado da rua, se esmerava num capricho de arrumação que era o próprio apanágio da cultura luso-germânica. A sede social da *Sociedade Ginástica* e o Cinema *Lumière* que, nas noites de gala dos tempos áureos, reuniam a “*finá flor da sociedade hamburguense*”, tiveram, como endereço, a antiga rua General Neto. Também ali ficava o famoso *Café Avenida*, ponto de encontro de autoridades, pessoas conhecidas no meio social, intelectuais, políticos, empresários, ou simples anônimos da multidão que ali iam, seja para discutir assuntos de interesse geral, seja para “*serem obrigados, por dever de cortezia, a ouvir as mais variadas e controvertidas idéias e opiniões sobre a guerra, a literatura, a cultura, etc., pois os estrategistas de mesa de café, pseudo-literatos e críticos de arte, em geral, são indivíduos que, absolutamente, nada entendem daquilo que tomam por tema de suas conversas...*”⁴

Como quinto espaço, fechando nossa análise, focalizaremos o shopping center NovoShopping, localizado no bairro Rio Branco, à beira do arroio Luiz Rau. Verdadeira ilha de consumo e fantasia no coração da cidade, sua construção iniciou na década de 80, mas somente abriu suas portas dez anos depois. Projetado em época de dinheiro abundante, recebeu amplos corredores, ambiente climatizado, sonorização, piso de mármore, escadas rolantes, bom sistema de sinalização e informação, estacionamento fechado e seguro. Sua decoração foi sempre versátil e simplificada, pois a ordem era consumir e a atenção devia voltar-se às lojas com suas múltiplas opções de compras, com seus neons e multicolores apelos, com suas vitrinas cujo conteúdo “*parecem*

² Ver JNH de 13 de Maio de 1987 e 29 de Junho de 1988.

³ JNH de 06 de Dezembro de 1978.

expressões de mulheres carinhosas acenando num gesto convidativo... tentação das mulheres, desespero dos homens." Tudo concorrendo para tornar o ato da compra uma tarefa simples e agradável. Mas o shopping, enquanto espaço de sociabilidade, foi também um pólo de atração para o lazer e atividades culturais; foi o espaço para passear com a família, levar as visitas para ver as vitrinas, ou ainda “alopra”, divertir-se, paquerar e namorar. Enfim, diante da decadência urbana, foi o espaço propício que excluiu as mazelas sociais, como os *amigos do alheio*, os menores, a prostituição e onde a comunidade deveria pensar: “*aqui é minha casa!*”⁵

Na esperança de encontrar algo em comum nos espaços escolhidos, invocamos um dúbio sentido da palavra *gangorra*.⁶ O aparelho de diversão infantil que oscila quando duas crianças sobem nas extremidades, permite-nos lembrar da transitoriedade tipicamente moderna, numa ida e vinda incessante, com seu sempre novo mas sempre igual; a armadilha para animais bravios ou o curral de entrada fácil e saída impossível nos faz pensar na capacidade do modo de vida moderno de a tudo impregnar, com seu jogo de sedução, fascínio e contemplação, sem a concretude da felicidade prometida. Aproximar tais conceitos invocados aos cinco espaços escolhidos na cidade, não significa pensar ou afirmar que ora ocorreu uma total ascensão para em seguida um total abandono, nem que ocorreu uma ruptura radical de um espaço para outro, mas sim que tal situação surge de uma forma bastante tênue. E é assim que pretendemos mostrá-la.

Devido a esta tenuidade, o período de análise dilata-se ao longo de 70 anos. Iniciamos quando da emancipação de Novo Hamburgo, então 2º distrito de São Leopoldo, em 5 de abril de 1927. Esta data, como um divisor de águas, marca o início da estruturação, remodelação e renovação urbanas. A então praça 14 de Julho (atual dos Imigrantes) e a avenida Pedro Adams Filho surgem como focos destes anseios pós-emancipacionistas; as Galerias vêm na década de 70; o Calçadão, nos anos 80; e o shopping, nos anos 90.

Para analisar estes espaços, utilizamos, como método, o princípio da fragmentação literária. Tal método supõe explodir o *continuum* da história e juntar os “*cacos*” segundo uma nova ordem (quebra-cabeça ou colcha de retalhos). Tem-se assim

⁴ Ver JO5 de 18 de Fevereiro de 1944 e JNH de 21 e 28 de Maio de 1996 (Vinícius Bossle).

⁵ Ver JO5 de 27 de Fevereiro e 2 de Abril de 1948 (ambos de Ercílio Rosa) e JNH de 22 de Outubro de 1994.

⁶ Conforme FERREIRA, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio*, p. 673, sentidos 1, 3 e 6.

uma desmontagem e uma remontagem literária: como numa grande reunião onde os tempos históricos trocam experiências comuns entre si num “*agora da conhecibilidade*”. Como o “*Livro de registros*” de uma cidade é constituído de inúmeras fontes, decidimos utilizar o jornal, pois ele ao mesmo tempo que carrega um discurso ideológico (que tenta mascarar a realidade de acordo com interesses próprios), abre brechas para que o investigador atento descubra nas entrelinhas aquilo que se queria esconder. Assim, coletamos o material (fragmentos, citações, notas, notícias, crônicas, anúncios, charges, etc.) a partir de três jornais locais.⁷ Estes elementos isolados têm pouco significado, encontram-se em “*estado de dicionário*”; seu sentido nasce de uma combinatória segundo uma nova lei. Esta combinatória pode ser feita como “*remontagem*” pelo leitor (história aberta). Organizadas por data, nós remontamos a partir de seis grupos temáticos primários e trinta e seis secundários, que tinham ligação e expressavam a vida social da cidade e/ou dos espaços escolhidos. A historiografia, como destruição construtiva, pressupõe esta coleta fragmentada do material e a remontagem por áreas de interesse segundo convenção própria. O trabalho de redação deu-se a partir destes grupos temáticos, seja em forma de “*choque*” ou “*justaposição*”.⁸

Aproximamos tais informações para que elas se insiram num tempo histórico descontínuo, para que os conhecimentos esparsos se unam, para que os desejos e as reivindicações se mostrem os mesmos ao longo do tempo. É ler no passado como a sociedade presente constrói seu futuro. É ainda uma tentativa de resgatar os três tempos históricos de Santo Agostinho: o tempo do passado, o presente do presente e o presente do futuro.

Como estrutura básica desta dissertação, apresentamos de início esta “*Planta de Construção*”, em seguida, dispomos a primeira parte deste trabalho, onde são abordados os assuntos relativos à cidade propriamente dita e onde procuramos pleitear a Novo Hamburgo um espaço no rol da modernidade, vendo como seus elementos nela fizeram-se presentes. O capítulo 1 – “*Da emancipação municipal*” – é um breve olhar sobre o processo emancipatório; o capítulo 2 – “*Os fructos da emancipação*” – procura mostrar algumas características que se quis ter com a emancipação da cidade; o capítulo 3 – “*A cidade se movimenta*” – aborda o movimento nas ruas: carros, pessoas, trem, ônibus,

⁷ Os jornais circularam da seguinte forma: “O 5 de Abril”, de 1927 à 1962; “O Independente”, de 1951 à 1954 e o “NH”, à partir de 1960.

etc.; o capítulo 4 – “*A cidade e seus problemas*” – aborda os assuntos relativos à segurança pública, ocorrências policiais e os excluídos; o capítulo 5 – “*A cidade e as trocas*” – privilegia o aspecto econômico de Novo Hamburgo; o capítulo 6 – “*A cidade se diverte*” – procura destacar os aspectos culturais e festivos e o uso da cidade quando da mudança de estações; o capítulo 7 – “*A cidade progride*” – aborda o conceito de progresso que se quis imprimir na vida urbana e na própria urbes; por fim, no capítulo 8, procuramos ver a cidade pela ótica de Ercílio Rosa, poeta e cronista cujo olhar de estranhamento permitiu uma visão típica de um *flâneur*. Na segunda parte analisamos os espaços de sociabilidade escolhidos, destinando um capítulo para cada um: “*A Praça...*”, “*A avenida...*”, “*As Galerias...*”, “*O Calçadão...*”, e “*O shopping...*”.

Estes treze capítulos formam a discussão aqui proposta. Ainda destacamos os “*Anexos, por uma história aberta*”, onde pincelamos brevemente a metodologia empregada e, posteriormente, guardamos na íntegra as fontes desta pesquisa pois, enquanto fragmentos da cidade, são reunidas aqui, como provas de um dossiê para todos aqueles que, munidos de um distintivo da *Scotland Yard*, desconfiem que a história está mal contada...

⁸ Ver mais sobre a técnica de montagem em “*Anexos, por uma história aberta...*”

Parte I

DA CIDADE

“Cidade grande, dias sem pássaros, noites sem estrelas.”

Mário Quintana

O mundo ficou pequeno para Novo Hamburgo. Nova York, Hong Kong e Paris se transformaram em arrabaldes da faceira cidade. Novo Hamburgo se expande, se agita e há muito tempo perdeu a sua bucolidade, para ser uma cidade madura com todos os problemas inerentes ao crescimento um pouco desordenado.”

Jornal NH 1º de Abril de 1994

“Você é o que é... e acabou-se.”

Diálogo entre Mefistofeles e Fausto

“Ai de ti Corozaim! Ai de ti Betsaida! Pois se os prodígios operados dentro de vós o tivessem sido outrora em Tiro e em Sidônia, elas teriam feito penitência nos cilícios e nas cinzas. Eis porque, no dia do juízo final, Tiro e Sidônia serão tratadas com menos rigor do que vós. E tu, Cafarnaum, que te elevastes até o céu, tu submergirás até o inferno.”

Lucas X, 13-15

1.

Da emancipação municipal...

“Todos os seres, mesmo os irracionais, procuram emancipar-se.”⁹

Com o argumento acima citado no memorial apresentado em 14 de setembro de 1925 ao Conselho Municipal reunido na cidade de São Leopoldo, o então 2º distrito Novo Hamburgo solicitava licença para formar um município autônomo, sozinho ou com outros territórios para os quais houvessem vantagens geográficas e econômicas. O pedido, negado em nova reunião datada daquele mesmo mês, argumentava ainda que tal aspiração unânime do “*povo sensato*” era deveras justa, uma vez que “*a renda da zona em questão é suficiente para cobrir as despesas da administração e o grau de educação cívica bastante adiantado para poderem os habitantes escolher seus administradores.*”¹⁰

A questão econômica Novo Hamburgo bem o provara na exposição realizada no ano anterior, onde grande parte de seus produtos manufaturados ou agrícolas puderam ser vistos por considerável número de pessoas, entre elas o preclaro estadista que, tão proficuamente, dirigia os destinos do Estado: Borges de Medeiros.

Em termos de arrecadação, a agricultura, o comércio e, principalmente, a indústria do então 2º distrito havia contribuído para os cofres municipais, em 1925, com uma renda superior a 300.000\$000.¹¹ O marco inicial da independência político-administrativa foi creditado à instalação da Coletoria Federal em 1914. Do território,

⁹ PETRY, A Emancipação de Novo Hamburgo, p. 4

¹⁰ Idem, p. 4

onde quase não havia comércio, indústria ou “*algo demonstrativo de progresso apreciável*”, surgiu um renomado parque industrial cognominado a “*Manchester Brasileira*”.¹² Este conglomerado industrial tornara-se desde cedo motivo de orgulho. A cidade jactava-se em ter um número de estabelecimentos industriais maior do que o de casas comerciais. Por isso sua alcunha: *Cidade Industrial*.¹³

Sua pujança econômica era fato inconteste; não haveria motivos para barrar o pedido de desanexação em se tratando unicamente de sua capacidade financeira. Todos os índices davam mostra disso. Mas a questão extrapolava a arrecadação possível e entrava em jogo o retorno em investimentos, através de obras de infra-estrutura, cuja responsabilidade estava à cargo da sede distrital, São Leopoldo. E esta deixava muito a desejar...

“Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, pelo extraordinário desenvolvimento dos últimos annos não póde adiar por mais tempo o calçamento de ruas, organização de praças, fornecimento de agua, installação de exgotos e introduccão de outras medidas de ordem pública, que a hygiene impõem, o progresso exige e a que a população tem direito.”¹⁴

Não resta dúvida que o descontentamento pairava no ar, devido à carência de obras públicas no distrito. Urgia assim, e sem perda de tempo, introduzir melhoramentos urbanos, a menos que se intentasse impedir o avanço e o progresso local.

Mas para o Conselho Municipal, com sede em São Leopoldo e, teoricamente, representando os interesses de todas as comunas que faziam parte da região, tais melhorias há muito eram realizadas. Para eles, Novo Hamburgo sempre fora, mais do que qualquer outro distrito, favorecida por investimentos. Neste particular não haveria possibilidade de “*contradicta séria*”. Provas “*irrefragavel e insophismavel de tal affirmativa*” seriam os relatórios de diversos intendentes cujo teor verificava que as despesas realizadas na comuna, nos anos de 1921 a 1924, teriam sido grandes, inclusive bem maiores do que na própria sede distrital. Não haveria, portanto, motivos para desmembrar a região, uma vez que tudo caminhava conforme as necessidades e capacidades locais.

¹¹ Conforme o decreto de emancipação datado de 5 de Abril de 1927 e publicado no JO5 de 6 de Maio de 1927.

¹² JO5, 11 de Janeiro de 1946.

¹³ JO5, 03 de Dezembro de 1954.

¹⁴ O 5º grande argumento que fala em favor da desanexação, In: PETRY, *A Emancipação de Novo....* p.5

As finanças municipais, sempre lisonjeiras e satisfatórias, permitiam a tomada de empréstimos a fim de custear obras de infra-estrutura urbanas. Tais empréstimos, muito comuns na época, tão logo lançados a público eram cobertos, quase sempre, no mesmo dia de sua abertura.

O parecer negando a autonomia a Novo Hamburgo argumentara que, quando a questão da divisão municipal surgiu, houve retraimento de capital deste tipo de operação. Confiante em sua prosperidade e em seu ilimitado crédito, a municipalidade havia se lançado em execução de vultosos projetos. Tendo feito as encomendas e lavrado os contratos, viu-se, com o fato ocorrido, obrigada a recorrer aos bancos, a fim de levantar fundos necessários ao cumprimento de seus compromissos.

Por esta razão, argumentara que somente “unido e prospero o municipio gozará de crédito ilimitado e poderá victoriosamente proseguir na execução das obras e melhoramentos de que carece... desta vantagem gozará o 2º districto.”¹⁵

Ora, se o 2º distrito somente teria a perder com a separação, e se ficaria em péssimas condições para atender seus futuros compromissos, e ainda se veria sua renda diminuir e seu crédito ser abalado, por que razão faltou verbas – ou credibilidade – à São Leopoldo?

Como investidor, o mercado que ora escasseara, sabia que a sede distrital somente teria a perder, uma vez deixando de ser sorrateiramente responsável pelas verbas arrecadadas em Novo Hamburgo...

Afora a questão econômica e outras tantas levantadas no parecer, uma das razões negativas situou-se no argumento etnológico.

“São Leopoldo foi o ponto inicial da colonização alemã. Hoje, porém, os seus moradores se adaptaram ao meio, perdendo, assim, o caracter de uma cidade puramente alemã que era ha 30 annos atraz. Em Novo Hamburgo, tal phenomeno de adaptação e nacionalização ainda não se operou completamente.”¹⁶

Contra-argumentando, Leopoldo Petry indagou o sentido de tal afirmação. Afinal, os hamburguenses precisariam ainda viver sob a tutela de São Leopoldo para se nacionalizarem, uma vez que ainda não poderiam ser considerados brasileiros? Seriam mais patriotas aqueles cujos capitais estavam a juros e se entregavam à ociosidade, ao

¹⁵ Razões de ordem financeira contrárias à desanexação, In: PETRY, *A Emancipação de Novo...*, p.10

invés dos industrialistas e comerciantes locais que, incansavelmente, trabalhavam em seus estabelecimentos? E os operários, que mourejavam sem cessar nas fábricas? Patriotas seriam aqueles que passavam as noites nos cabarés e os dias parados nas esquinas das ruas ou flanando pelas vias públicas? Sem falar das mulheres, que zelavam seus pertences e tornavam o lar mais agradável, ao contrário daquelas que viviam debruçadas nas janelas e que chegavam a vender a roupa de cama para comprar meias de seda e se desfazerem de trens de cozinha para irem ao cinema! Para uma Novo Hamburgo, onde tudo era trabalho e produção, onde os “*parasytas da humanidade, felizmente, não encontram ramo em que pousar*”, melhor seria trilhar sozinho o caminho do que ir mal acompanhado.¹⁷

Em se tratando de *brasilidade* ou amor à pátria adotada, Novo Hamburgo não decepcionou ao longo do tempo, sempre formou e fortaleceu a cortina de Defesa Nacional. Pode provar isto em épocas conturbadas da história brasileira. Em 1930 “*viveu horas de jubilo indescritível, que atingiu às raias do delírio*” quando a população soube do levante das guarnições federais no Rio de Janeiro, ocasião em que subira ao ar centenas de foguetes e o povo afluiu ao edifício da Intendência, onde era afixados os pormenores da vitória.¹⁸ Ou em 1964, onde as indústrias trabalharam normalmente e nenhuma desordem foi vista. A cidade não tomou conhecimento do movimento de anarquia que se estabeleceu no país. “*Este é um dos motivos que fazem o progresso de Novo Hamburgo... somente através do trabalho, do empenho honesto e criterioso de nossos governantes é que o Brasil chegará a dias melhores.*”¹⁹

Apesar do discurso cívico e da atitude bem comportada, viu o ano de 1926 passar sem ser concretizado seu sonho de emancipação. Somente em Abril do ano seguinte ela ocorreu. Tal demora justificou-se pelo fato de que Borges de Medeiros “*desejava formar o município em harmonia com os políticos de São Leopoldo*”²⁰, tendo mandado diversos emissários para entendimentos que nunca se concretizaram. Infrutíferos estes, resolvera decretar a emancipação. Em fins de Março de 1927 chegou a tão esperada notícia.

¹⁶ idem

¹⁷ *Analyse* do Parecer por Leopoldo Petry, In: PETRY, A Emancipação de Novo Hamburgo, p.23-25

¹⁸ JO5, 31 de Outubro de 1930.

¹⁹ JNH, 04 de Abril de 1964.

²⁰ Obviamente, tal assertiva é contestada. Borges de Medeiros não emancipou Novo Hamburgo por um simples gesto de nobreza; se assim o fez, teve interesses outros, não analisados aqui.

“Sendo justamente hora do fechamento das fábricas, esta notícia se espalhou rapidamente e ao cabo de poucos momentos já se ouvia por todos os cantos da nova comuna um intenso espoucar de foguetes que durou a noite toda e o dia e a noite seguidos, só parando quando não se encontrou mais um fogetisinho em toda a vila. O programa das festas já estava impresso há vários dias e foi profusamente espalhado e cumprido á risca.”²¹

Em 5 de Abril de 1927, Borges de Medeiros assinou oficialmente a elevação do distrito à categoria de município. Encravado completamente dentro do território de São Leopoldo e ocupando este uma área superficial de 65 km², com uma população de 8.500 almas e 1.438 prédios, tendo por sede Novo Hamburgo.²²

Como intendente provisório foi nomeado Jacob Koeff Netto.²³

Logo em seguida fundou-se um jornal a partir de “*um grupo de ardorosos paladinos do villamento local*” que teve, como primeiro presidente, Leopoldo Petry, levado ao cargo de intendente municipal, em chapa única, tão logo apurou-se os resultados das eleições municipais de Maio de 1927.

“O nosso jornal não tem nenhuma ligação partidária ou religiosa. Isto não nos impede de consignarmos, em nosso artigo inicial, palavras do mais profundo reconhecimento ao preclaro estadista que tão proficuamente dirige os destinos do nosso querido estado, Borges de Medeiros.”²⁴

²¹ JO5, 05 de Abril de 1940.

²² Decreto nº 3.818 de 5 de Abril de 1927, chamado de O Decreto de Ouro, editado no JO5 de 27 de Maio de 1927.

²³ Decreto nº 3.820 de 5 de Abril de 1927.

²⁴ 1ª edição do JO5, em 06 de Maio de 1927.

2.

Os “fructos” da emancipação

“E assim, máo grado o curto lapso de tempo de autonomia, já os dirigentes do nosso município, homens compenetrados que são de seus deveres, vão introduzindo na villa e mesmo em seus arredores melhoramentos que de há muito eram uma velha aspiração do heróico povo desta terra.”²⁵

2.1. A metamorfose no chão.

Bastava o passado colonial. Novo Hamburgo queria modernizar-se. E isto era sinônimo de embelezamento e deleite aos olhos. Não mais traçados disformes nas ruas e nuvens de poeira no ar. Nas vias públicas o modernismo estaria no calçamento que recomendaria a cidade. Nas calçadas, o contraste, principalmente nos arrabaldes, onde se revezavam passeios ora com lajes ora com capoeira. Na construção das pontes, além da necessidade primeira, o embelezamento da urbes. Um Plano Diretor para ordenar, organizar e disciplinar o crescimento desvairado, produzido pelos inúmeros loteamentos populares, cuja construção produzia aberrações técnicas e arquitetônicas. Neste contexto as ruas sem nome e as casas sem números, simbolizando o pandemônio urbano. Para

²⁵ JO5 de 20 de Maio de 1927.

apagar da memória o passado colonial, o remédio era a reordenação da vida em moldes modernos.

2.1.1 O modernismo nas ruas

“As ruas foram se esticando e se cruzando, formando esquinas onde hoje os namorados se esfregam. Sob o asfalto de suas ruas modernizadas, ainda existe algum fragmento de minha juventude ignara, esperando tudo do nada.”²⁶ Ercílio Rosa

Afirma Marcel Roncayolo que “*o traçado urbano leva em si desde sua origem um princípio de organização que pode ser simultaneamente imagem e interpretação de mundo.*”²⁷ Para uma Novo Hamburgo, que se queria moderna em 1927, era indispensável apagar da memória seu passado colonial, que tinha, como imagem, as vias públicas esburacadas, fora de alinhamento e sem possibilidades de rápido escoamento que seu progressivo crescimento exigia. Seu traçado, por nunca ter sido devidamente fiscalizado, deixado ao bel-prazer dos proprietários de terrenos adjacentes, incorreu na ausência de um sistema viário uniforme. Se na rua da colônia somente passavam carretas puxadas à junta de bois ou tropeiros, conduzindo suas boiadas, diferente era a via pública urbana, cujo espaço começava a ter novos donos: automóveis e outros veículos automotores. Com o surgimento dos primeiros carros particulares ficava impossível safar-se das “*nuvens de poeira*” que levantavam e sujavam roupas, móveis e tudo o mais que o “*terrível elemento*” pudesse alcançar, uma vez que a maioria das construções no perímetro urbano eram fronteiriças à via pública, ou muito próximas à ela, tamanho o espaço do terreno. Desta forma, ao longo dos anos, a cidade procurou fazer com que de velhas ruas surgissem novas, com novos calçamentos atapetando o chão da “*Cidade Industrial*”.²⁸ Estas novas ruas refletiram a transformação do espaço urbano e da reordenação da vida, pela qual a cidade estava passando.²⁹

Para não mais pisar na poeira das ruas descalças e gastar a mola dos automóveis importava pôr mãos à obra: abaular ruas, facilitando o escoamento de suas águas pluviais; prolongá-las em linha reta para obter ganhos na extensão, procurando evitar o cruzamento com o leito da Viação Férrea, sempre motivo de perigo; restaurar e conservar o que era danificado pelas chuvas; empregar zeladores a fim de que, em

²⁶ JO5 de 14 de Setembro de 1956.

²⁷ Tradução livre de “El trazado urbano lleva em sí desde el origen un principio de organización que puede ser simultáneamente imagen e interpretación del mundo.” In: RONCAYOLO, *La Ciudad*, p.120

²⁸ Ver JO5 de 24 de Junho de 1927, 23 de Março de 1945 e JNH de 11 de Junho de 1960.

qualquer tempo, pudesse a estrada dar acesso à qualquer veículo, pois como “*verdadeiros rosários de buraco, na estação hibernal, transformam-se em grandes atoleiros*”. Isto tudo para transformar o que “*de rua só tem o nome pois parece com o leito seco dum rio*”, e que em dias de chuva transformavam-se em legítimas cachoeiras.³⁰

No transcorrer das décadas de 30, 40 e 50, vários foram os sistemas empregados no calçamento das ruas, visando diminuir a formação do pó, impedir a infiltração das águas no subsolo e, acima de tudo, embelezar a urbe. A *macadamização* (do inglês Mac Adam), foi desde o início muito utilizada, mas tornou-se obsoleta e deficiente diante do aumento no fluxo de circulação em vias públicas. Buracos “*incômodos e anti-higiênicos*” surgiam pouco tempo depois de concluída a estrada. Em tempos diluvianos o macadame não era utilizado, pois era aplicado quente. Calçava-se, então, com pedra irregular rejuntada com piche. Dos Estados Unidos veio a proposta de utilizar o cimento armado. Da Alemanha experimentaram um asfalto líquido aplicado à frio. Por longa data foi usado o paralepípedo. Porém, o que vingou, porque custava menos que o cimento armado, foi o revestimento que empregava o asfalto por sobre o leito da rua previamente preparada com uma espessa camada de brita e cilindrada tanto quanto possível. Ou ainda, quando as finanças municipais não comportavam maiores investimentos, simplesmente o calçamento de pedra irregular. Certo é que qualquer revestimento possibilitava menor emprego de força motriz e, para tanto, a municipalidade adquiria possantes máquinas.³¹

O que não poderia é ser suspensa a pavimentação das ruas, pois a população “*não vê recompensada sua operosidade, numa gritante injustiça para com seus deveres e suas obrigações tributárias*”³². Importava metamorfosear as ruas esburacadas e de difícil trânsito de modo que figurassem como belas artérias públicas.

“Os veículos, que, antes, rodavam nelas com dificuldades, chispam, agora, por elas, com grande velocidade, principalmente nos declives, em flagrante contraste com o que se verificava antes.”³³

²⁹ PESAVENTO, *O Espetáculo da Rua*, p.38

³⁰ Ver JO5 de 20 de Maio e 17 de Junho de 1927, 30 de Janeiro de 1931, 30 de Janeiro de 1953, 8 de Maio de 1959 e 25 de Março de 1960.

³¹ Ver JO5 de 20 de Abril e 22 de Junho de 1928, 3 de Maio, 7 de Junho e 15 de Novembro de 1929, 15 de Janeiro de 1943, 11 de Novembro de 1949, 19 de Junho e 7 de Agosto de 1953.

³² JO5 de 23 de Junho de 1961. Ver ainda JO5 24 de Junho de 1927.

³³ JO5 de 23 de Março de 1945.

Assim, dos poteiros surgiram avenidas com extraordinária largura e beleza, e dos morros escadarias que se antes representavam total e completa negação “*dos mais cominhos princípios da técnica de embelezamento de uma cidade*”, agora recomendam-na.³⁴

“Novo Hamburgo anda ficando bonita, limpa, a maioria das ruas asfaltadas. Para se andar de carro, bicicleta ou moto é uma beleza, mas ainda discuto os efeitos que este asfalto produzirá no futuro da cidade.”³⁵

Sim, beleza e conforto tiveram um preço... e ele não tardou aparecer. Se o uso do asfalto adotado em meados de 1960 resultou na cobertura asfáltica da cidade inteira nos anos 80 e 90, embora acreditassem ser tão fino, que ficou a dúvida se a rua teria sido asfaltada ou pintada de preto, ele provocou a deficiência em outros setores. As ruas e avenidas lindas, floridas e asfaltadas não ganharam redes de esgoto. Aos olhos tornar-se-iam lindas e não sujariam os carros importados que nela circulariam. Na vila, entretanto, as crianças brincariam nos arroios poluídos, mas haveria postos de saúde... Restaria esperar um 1º de Abril qualquer, quando então o prefeito viria a público anunciar que não mais asfaltaria as ruas da cidade.³⁶

2.1.2. O contraste nas calçadas.

“O luxo berlinense parece inefável. E já começa no asfalto. A largura das calçadas é principesca, faz do pobre diabo um fidalgo a passear no pódio de seu castelo.”³⁷ Walter Benjamin

Ao contrário de Berlim, da qual era muito provável que só guardasse a origem alemã, o luxo hamburguês terminava no asfalto. Sua calçadas poucas vezes foram motivo de orgulho. Se fosse correto o dito popular de que os passeios da cidade são o espelho de sua administração, em Novo Hamburgo tal imagem espelharia desleixo da municipalidade.³⁸

Uma vez dado o calçamento nas ruas, realizado com tamanho esmero, necessário era também colocar cordões, pois sem eles haveria um contraste desagradável com as belas construções levantadas pela iniciativa privada. Concluída a colocação destes,

³⁴ JNH de 06 de Janeiro de 1962. A avenida 1º de Março foi prevista com uma largura de 16 metros (4 pistas), o que, para a época era extraordinário (ver JNH 22 de Abril de 1961).

³⁵ JNH de 18 de Setembro de 1986.

³⁶ Ver JNH de 24 de Julho de 1986, 1º de Abril, 23 de Julho e 28 de Outubro de 1994.

³⁷ *Imagens do Pensamento*, In: ____, *Obras Escolhidas II*, p.156

³⁸ Ver JO5 de 07 de Janeiro de 1955

restava aos proprietários dos respectivos terrenos prover suas frentes com lajes, de modo a permitir que se atravessar a vila de uma a outra ponta pela calçada. Mesmo que não conviesse a eles cruzar os braços à espera de uma intimação para mantê-las em condições transitáveis, pois nada mais eram do que o cartão de visita de seus donos, somente à muito custo algo foi feito. E isto ocorria mesmo nas propriedade de “*gente que pode*”. Tornara-se comum o revezamento de terrenos ora calçados, ora com capoeira.³⁹

“Já tem sido apontado e reclamado o estado precário, vergonhoso até, em que se encontram grande parte das calçadas em nossa cidade, sem que até o momento tenha sido tomada providência por quem de direito (e obrigação).”⁴⁰

Na Novo Hamburgo emancipada, cujas ruas foram amplamente recapadas, poucas eram as calçadas em que os pedestres podiam transitar com segurança. Eles sentiam na pele o franco desrespeito e afronta às suas pessoas, mesmo com a passagem dos anos. Calçadas velhas, mal feitas e de conservação lastimável, esburacadas e com pedras soltas que, nos dias de chuva, davam verdadeiros banhos se o pedestre distraído pisasse numa pedra em falso. Comum era ver, no inverno, muita gente com as pernas respingadas pela lama saltada das pedras soltas nos passeios públicos. Isso sem falar na “*chuva de baixo para cima*” que a hidráulica provocava, ou da vinda de cima mesmo, mas provocada por goteiras que formavam verdadeiras duchas aos transeuntes. “*Nos dias de faxina nos andares superiores, os orifícios despejam sobre quem por baixo se achar no momento preciso, água suja e queijadas.*”⁴¹ Além disso, havia buracos de quase 1 metro de profundidade que, abertos com a intenção de plantar árvores num tempo mais ou menos próximo, persistiam por longas semanas. “*Tem-se medo de deixar sair as crianças às ruas para irem à aula. Vários já trazem na canela a marca da queda quando sentiram o chão desaparecer debaixo dos pés.*”⁴² Entre água suja vinda de todos os lados e verdadeiros poços secos, poder-se-ia, ainda, ter o rosto arranhado por “*estranhas carícias*” vindas das roseiras pendentes em alguns muros.⁴³

³⁹ Ver JO5 de 24 de Junho e 1º de Julho de 1927 e 27 de Setembro de 1957.

⁴⁰ JO5 de 27 de Setembro de 1957.

⁴¹ JO5 de 16 de Março de 1951.

⁴² JO5 de 24 de Agosto de 1945.

⁴³ Ver JO5 de 26 de Fevereiro de 1932, 7 de Março de 1952 (Ercílio Rosa), 24 de Fevereiro de 1956 e 27 de Setembro de 1957.

Mas difícil mesmo seria quando, nos anos 80 e 90, tornou-se necessário aumentar o passo da caminhada para saltar por sobre homens, mulheres e crianças que mendigavam pelas calçadas...⁴⁴

2.1.3. A beleza nas pontes.

“Tem também um riacho que corta a cidade ao meio, sobre o qual havia, nos tempos coloniais, uma ponte em cada rua... Hoje, onde havia rua não há ponte e onde havia ponte não há rua... nem ponte...”⁴⁵ Ercílio Rosa

Ligar dois lados de um córrego d'água, riacho ou caudaloso rio pode parecer tarefa relativamente simples nos dias de hoje. Na cidade moderna pouco é o valor dado às pontes, uma vez que nelas se passa em grande velocidade. Não há tempo para contemplação. Não há *glamour*. Ainda mais que o que se passa por baixo não permite que se agüente por muito tempo com a respiração normal. Excetua-se aí, obviamente, as famosas pontes que celebrizaram a inteligência humana. O que seria de cidades como Londres, Nova Iorque, São Francisco, Paris, Tóquio, Rio de Janeiro ou até Florianópolis sem suas pontes ligando-as às regiões circunvizinhas. Em Novo Hamburgo, cidade que ora transformava-se, e “*as transformações não devem ser vistas apenas enquanto empreendimento, mas pelo viés da comunicação simbólica*”⁴⁶, as pontes tiveram algo à mais... ao menos no início.

“Construção da ponte na rua... Essa obra, de grande belleza architectonica, além de suprimir uma necessidade, virá grandemente embellezar a nossa villa e transformará aquella via pública numa das mais lindas do município.”⁴⁷

Se a cidade colonial utilizava-se de pontes ou das “*pinguelas*” com estrutura de madeira de pinho, onde quem atravessasse “*roçava com o chapéu nas flores dos pés de maricá, cujos galhos pendiam preguiçosamente sobre o pantanal*”⁴⁸, a cidade dos anos 30 e 40 que se queria agradável à vista não poderia mais permiti-las, pois além do aspecto nada positivo, constituíam constantes fontes de despesas. Necessário era construir sólidas e modernas estruturas, uma vez que em suas inaugurações elas eram finamente ornamentadas, com folhagens e bandeirolas, e com direito à corte de fita simbólica pelo intendente municipal e banda de música. Somente após isto podiam ser

⁴⁴ Ver JNH de 8 de Julho de 1993 e 30 de Abril de 1996.

⁴⁵ JO5 de 25 de Abril de 1952.

⁴⁶ GOMES, *Todas as cidades, a cidade*, p.105

⁴⁷ JO5 de 24 de Fevereiro de 1928.

⁴⁸ JO5 de 4 de Setembro de 1959.

entregues ao trânsito. Mas isto ainda no tempo em que batizavam-nas homenageando aqueles que haviam contribuído com o material necessário à construção.⁴⁹

Toda esta pompa era somente reservada à área central. No bairro, mesmo nas décadas de 50 e 60, quando chovia e ninguém podia passar, os moradores procuravam remediar a enchente colocando algumas pedras, improvisando uma ponte para atravessar o riacho com os pés enxutos.⁵⁰

A canalização do arroio Vicente Luis Rau,⁵¹ logo carinhosamente apelidado de “*Arroio Preto*”, trouxe mudanças de hábitos para aqueles que dele se utilizavam. Até meados de 1940, os condutores de veículos à tração animal ali levavam seus “*fiéis puxadores*” para beberem água; com a urbanização crescente e a falta de fiscalização, viram-se privados do “*precioso líquido*” e obrigados a recorrerem aos particulares. Embora tenha sido feito um apelo para apaziguar tais dificuldades, como dotar o centro com um bebedouro destinado aos animais, nada foi feito. Pelo contrário, o arroio viu-se logo poluído e intragável, contaminando tudo por onde passava, e o tráfego de carroças foi proibido nas áreas centrais, embora tenha sido pouco obedecido.⁵²

“Novo Hamburgo tem um arroio colorido. Um dia água verde, noutro roxa, depois preta e algumas vezes azul. São os dejetos industriais ali despejados.”⁵³

Além disso, a ponte moderna e sólida, mas não tão bela, deixaria de ser exclusividade dos habitantes “*de cima*”. A partir dos anos 80, os “*de baixo*”, os “*ratos urbanos*” ou “*tartarugas ninjas*”, ali encontrariam abrigo. Serviria ela de proteção para aqueles que não queriam dormir ao relento, se esconderem da polícia para poderem fazer uso de drogas ou até para manterem relações sexuais.⁵⁴

“Uma manhã fria de inverno vi-o sair de sob uma ponte novinha em folha...”⁵⁵ Ercílio Rosa

2.1.4. Ordem, organização e disciplina... o Plano Diretor chegou.

“Becos fechados foram abertos! Novas ruas foram rasgadas!

⁴⁹ Ver JO5 de 20 de Maio e 24 de Junho de 1927, 13 de Janeiro e 13 de Abril de 1928, 15 de Novembro de 1929 e 2 de Março de 1951.

⁵⁰ JO5 de 24 de Fevereiro de 1956.

⁵¹ Nos primeiros tempos este arroio separava a vila de Novo Hamburgo e os arrabaldes “África” e “Mistura”, mas depois a cidade cresceu e ele passou a cortá-la ao meio.

⁵² Ver JO5 de 10 de Fevereiro de 1950, JNH de 2 de Abril de 1965, 14 de Dezembro de 1984 e 20 de Março de 1985.

⁵³ JNH de 23 de Dezembro de 1992.

⁵⁴ Ver JNH de 8 de Outubro de 1991 e 27 de Dezembro de 1993.

⁵⁵ JO5 de 10 de Junho de 1955.

Por enquanto somente no papel...”⁵⁶

Organização, ordenamento e disciplina são palavras-chaves para a compreensão dos planos diretores. Mas a *Santíssima Trindade* urbanista demorou a fazer parte do dicionário novo-hamburguês. Intenção não faltou desde o início. Já em 1929 adotou-se um código de posturas com a finalidade de evitar maiores despesas às gerações futuras, para que elas não viessem a destruir ou corrigir aquilo que viria a ser construído. Assim, acharam-se forçados a organizar os projetos e planos de construções “*de acordo com os ensinamentos da technica moderna*”.⁵⁷

Pensada enquanto um problema a ser resolvido, a cidade tornara-se objeto de reflexão, coisa que induziria à intervenção no espaço, na busca de uma ordenação social.⁵⁸ Na prática, tal situação somente ocorrera na área central. Nos arrabaldes, onde viviam os “*nascidos em outras comunas*”, a intervenção e organização do espaço somente começou a ser pensada nas décadas de 50 e 60, quando a cidade já parecia um “*elástico à se esticar por seus arredores*”.⁵⁹

Em se tratando de questão étnica havia forte separação até meados de 1940. No lado privilegiado do arroio, onde passava o leito da Viação Férrea, viviam os puros descendentes germânicos, divididos entre Hamburgo Velho, local das famílias mais antigas, e Novo Hamburgo, onde ficava o comércio em geral. O outro lado do rio era reduto dos não alemães. Numa área, vulgarmente conhecida por “*África*”, ficavam os de pele escura. Noutra, o “*Mistura*”, ficavam os “*brazilianers*”, aqueles que já tinham certa miscigenação.⁶⁰

Isto explica em parte a tardança na questão da organização espacial da cidade. Se, nas ruas centrais, havia o belo, o agradável, o “*local dos encontros domingueiros depois da missa*”, materializados na praça 14 de Julho – palco das aspirações românticas -, e na avenida Pedro Adams Filho – espaço propício ao *footing* -, no arrabalde a situação era bem diferente.

⁵⁶ JO5 de 13 de Junho de 1952.

⁵⁷ JO5 de 17 de Maio de 1929.

⁵⁸ PESAVENTO, *Entre práticas e representações*, p.380

⁵⁹ Ver JO5 de 14 de Setembro de 1956 (Ercílio Rosa).

⁶⁰ A área conhecida por “*África*” deu origem ao bairro Guarani; o “*Mistura*” ao bairro Rio Branco. Ver ainda JO5 de 28 de Dezembro de 1928, 1º de Dezembro de 1950 (Ercílio Rosa) e 4 de Setembro de 1959, e JNH de 3 de Dezembro de 1965, 5 de Novembro de 1980 e 25 de Novembro de 1981.

A maioria daqueles que vinham de outras cidades para trabalhar nas fábricas de calçados e curtumes da cidade, movimento este que se tornou acentuado nas décadas de 50 e 60, acabavam fixando-se nos novos loteamentos que surgiam da noite para o dia no entorno urbano. Tais loteamentos, e as construções que neles se fizeram, é que exigiram a intervenção municipal, pois uma cidade que queria perceber-se civilizada não poderia morar numa zona de crescimento desvairado, onde prevalecia o interesse dos moradores e dos loteadores, sem nenhuma visão de conjunto. Uma cidade, como Novo Hamburgo, que orgulhava-se de sua pujança econômica, gozando da singularidade de ser o município brasileiro que mais carregava rendas aos cofres públicos em proporção ao seu tamanho, não admitia faltar-lhe um desenvolvimento urbanístico orientado de acordo com a época moderna.⁶¹

“Nosso atual desenvolvimento citadino é como uma lago que recebe tumultuosa e descontroladamente as correntes em forma de trabalho e esforço, expandindo-se aritmeticamente ao sabor do acaso – mas não é um açude que forma um conjunto, equilibrando a natural energia da nossa população produtiva com uma visão coordenada. Construimos, em Novo Hamburgo, casas e fábricas e ruas e estradas, enfim, um impressionante aglomerado de prédios e de vias públicas – mas não chegamos, ainda, ao ponto de construir uma cidade.”⁶²

O plano diretor, como uma certidão de batismo um tanto atrasada, chegaria em tempo para se construir algo grandioso e definitivo. Sua utilidade deveria ser vista mais como um freio a cercear o ímpeto desordenado das construções na cidade, do que uma extravagância ou luxo da municipalidade.⁶³

Tão antipático ao público quanto necessário à cidade, os recuos progressivos impunham-se pela necessidade do trânsito. Argumentava-se que, se cada pessoa tinha um traje diferente para cada fim, uma cidade deveria ter ruas com dimensões variadas, pois vários eram seus fins. À rua do comércio, calçadas largas para os pedestres verem vitrinas e caminharem abraçados aos pacotes; ao comércio atacadista, estacionamento seguro e contínuo para os veículos que lhe servissem; à grande indústria, que possuía pátios internos, uma rua de fácil acesso. Assim, cada rua exigia um estudo prévio e racional, que levasse em conta tais fatores, dando uma visão de conjunto à cidade e proporcionando a boa utilização pelos habitantes.⁶⁴

⁶¹ Ver JO5 de 28 de Março de 1952, 5 de Abril de 1957 e 24 de Fevereiro de 1962.

⁶² JO5 de 6 de Janeiro de 1956.

⁶³ Ver JO5 de 20 de Fevereiro de 1953 e JNH de 6 de Novembro de 1962.

⁶⁴ Ver JO5 de 3 de Setembro de 1948 e 7 de Agosto de 1953.

Sem ele, a cidade via-se diante de uma série de aberrações técnicas, onde prevalecia o interesse imediato dos moradores mais próximos, ou ainda diante das mais distorcidas criações arquitetônicas, no mais variado e profundo revezamento de estabelecimentos.⁶⁵

“O esparramento exagerado, que se constata no alastramento de nossa ‘urbs’ é um dos aspectos que dão a impressão de desordem e ausência de planificação racional.”⁶⁶

Em 1952 formou-se uma comissão mista para tratar do planejamento urbano. Nela haviam dois engenheiros civis, um topógrafo, três comerciantes, dois industrialistas, dois juristas e um desenhista. Urbanistas ou arquitetos não havia nenhum...⁶⁷

Algo fora feito, mas a cidade bucólica de feição européia cresceu em ritmo vertiginoso a partir de 1970. A fúria do progresso não se conteve na organização, ordenamento e disciplina esperados.

Seu futuro foi sonhado..

“Eu estava em uma cidade do futuro. Era uma cidade totalmente industrializada. Era uma cidade rica. Todos tinham veículos próprios. Tudo em volta era edifício e aquela cidade super urbanizada não guardara nenhuma espaço para o verde.”⁶⁸

2.1.5. Campanha vamos dar nome às nossas ruas e números a nossas casas.

“Enquanto a cidade vai estendendo seus limites, ficando ruas ainda sem nome e bordadas de moradia, sentimos uma satisfação cultivando nossa megalomania.”⁶⁹
Ercílio Rosa

Na esteira da ordenação espacial, a necessidade de nomear ruas e numerar casas. Se “*bairros inteiros revelam seu segredo nos nomes das ruas*”⁷⁰, quem não tem nome não existe! “*Uma rua sem nome provoca no subconsciente um vago sentimento de insatisfação, de abandono e de orfandade intelectual.*” À mesma época do Plano Diretor, em meados de 1950, o batismo das ruas fez-se necessário. Ou mais, seria ele o

⁶⁵ Ver JO5 de 5 de Fevereiro de 1954 e 6 de Abril de 1956.

⁶⁶ JO5 de 9 de Abril de 1954.

⁶⁷ Ver JO5 de 23 de Maio de 1952.

⁶⁸ JNH de 6 de Novembro de 1986.

⁶⁹ JO5 de 3 de Março de 1950.

⁷⁰ BENJAMIN, Imagens do Pensamento, In: ___. *Obras Escolhidas II*, p.196

primeiro passo da organização que se queria ter, para se chegar a ser. Não mais a tolerância de continuar ruas “*dormindo na bruma incolor e amorfa da anonimidade*”.⁷¹

Na década de 50, Novo Hamburgo ainda se caracterizava pelo crescimento horizontal. Somente na parte central da cidade, e ainda muito timidamente, a cidade alcançava os céus. Casas operárias surgiam em loteamentos populares. Ali faltavam número nas casas e nome nas ruas. Ainda nas que tinham, era comum alterar a denominação ao longo do percurso. Mesmo com o *Medonho*⁷² distribuindo convites de enterro nas ruas centrais da cidade, ficava difícil prestar as últimas homenagens ao falecido, tal a má orientação.

O sentimento presente é que a cidade havia crescido com maior rapidez do que a sua capacidade em vencer o anonimato suportava. Como diria Ercílio Rosa: “*no chalezinho sem número, numa rua sem nome desta cidade industrial, o novo-hamburguês anônimo e sem pretensões.*”⁷³

Urgia transformar a aldeia amorfa e anônima numa “*urbs*” com aspecto progressista, dando rótulo às ruas, questão indispensável num ambiente que se queria civilizado.⁷⁴

Em 1961, o então jornal NH, que mais tarde se autodenominaria o “*jornal da comunidade*”, lançou uma campanha para prover as ruas com nomes e as casas com números. Embora exitosa a campanha, após cinco anos ainda faltava nome às ruas, tal a dificuldade na coleta de dados de personalidades locais cujos nomes justificassem serem dados à elas.⁷⁵

As vias públicas hamburguenses, outrora imersas no anonimato, foram sendo batizadas pouco a pouco. Anônimos, nos anos seguintes, somente aqueles que nela haveria de morar.

“Esta semana vi ruas sem placas com placas e as placas sem ruas com ruas.”⁷⁶ Ercílio Rosa

⁷¹ Ver JO5 de 16 de Janeiro de 1948.

⁷² O “*Medonho*” foi um indivíduo de capacidade mental alterada que, muitas vezes, distribuía participações e anúncios sociais e fúnebres, ou ainda panfletos comerciais, nas ruas centrais da cidade. Ver JNH de 26 de Novembro de 1993.

⁷³ JO5 de 6 de Março de 1953; ver ainda JO5 de 6 de Fevereiro de 1953.

⁷⁴ Ver JO5 de 31 de Julho de 1953.

⁷⁵ Ver JNH de 28 de Outubro de 1961 e 09 de Novembro de 1967.

⁷⁶ JO5 de 2 de Abril de 1954.

2.2. A dinamização dos serviços urbanos.

Dinamizar os serviços a cargo do poder público tornou-se palavra de ordem. Tal como Porto Alegre na virada do século, em Novo Hamburgo a concentração urbana criava problemas e o ordenamento se impunha.⁷⁷ Necessidades básicas, tais como fornecimento de luz elétrica e água potável, iluminação pública, telefone e limpeza urbana necessitavam ser supridas decentemente. Na cidade, que se queria civilizada, era preciso dinamizar os serviços de uso geral.

À cargo do Estado, o fornecimento de energia elétrica fora sempre considerado serviço precário. Igual situação foi o da água, sempre motivando reclamações. Nos telefones, a obsolescência perdurou muito tempo. Estes serviços, tão logo eram melhorados, tornavam-se novamente precários. Construía-se para o presente e não para o futuro.

À cargo do município, a iluminação pública recebeu grandes incentivos, a ponto de Novo Hamburgo ser comparada a uma árvore de natal, tamanha sua claridade. Com o calçamento, a limpeza tornou o município exemplo aos demais. Mas limpeza e iluminação dignos de destaque, somente na área central. Nos arrabaldes a situação era diferente. Por falta de interesse ou escassez de recursos, a cidade, que crescia vertiginosamente, não conseguia dar a todos a mesma qualidade em seus serviços.

2.2.1. Luz “elétrica” e iluminação pública.

“E, depois do anoitecer, quando a gente pensa que sonha, lâmpadas são quebradas nas esquinas, enquanto a lua ofende a iluminação de certas ruas... Quando o crepúsculo já não é mais nada, a noite impera...”⁷⁸ Ercílio Rosa

Em 1993, um hamburguense, que esteve fora da cidade por alguns anos, se surpreendeu com a frenética iluminação pública, a ponto de exclamar: - “*Meus Deus, Novo Hamburgo parece uma árvore de Natal, nunca vi coisa igual!*”⁷⁹ Mas a cidade luz demorou a chegar em tais condições. Todos conviveram por longo tempo com a escuridão noturna.

Desde o início via-se a eletricidade como força motriz que, grandemente, influenciaria o desenvolvimento urbano, pois a *Cidade Industrial* tinha máquinas na

⁷⁷ Sobre Porto Alegre ver PESAVENTO, *Entre práticas e representações*, p.381

⁷⁸ JO5 de 11 de Janeiro de 1952.

⁷⁹ JNH de 12 de Outubro de 1993.

produção fabril. Consequentemente, a eletricidade modificaria o caráter, os costumes e a mentalidade em geral. Entretanto, era comum ver nas ruas diversas lâmpadas apagadas; e habitual até se ter interrompido o fornecimento elétrico quando da realização de algum festejo. Na própria festa de emancipação, não tendo luz na praça, estacionaram ao redor diversos veículos particulares da localidade, e dos faróis fez-se luz, a bem de continuar os festejos.⁸⁰

Obviamente, tão logo Novo Hamburgo emancipou-se, as ruas centrais e a praça 14 de Julho receberam uma iluminação feérica, claridade esta que tornou-se escassa nos anos seguintes, fazendo da praça um doente de olhar tristíssimo esperando a hora fatal.⁸¹

Mas nos distritos é que faltava tais melhoramentos. Uma cidade, que crescia vertiginosamente, exigia iluminação nas ruas e energia às indústrias, ao comércio e às residências. O motivo de tal escassez explica-se porque tais serviços sempre estiveram a cargo do Estado, que licenciava a produção e o fornecimento a companhias estrangeiras. Estas dificilmente acompanhavam com investimentos o progresso da cidade. Assim, quanto mais a cidade crescia e se iluminava, mais às escuras ficava.

Nas ruas o aspecto negro, tal qual uma casinha de pobre, iluminada pelo candeeiro. Fábricas, lojas e lares, vias de comunicação modernas ou esburacadas e praças arborizadas, todos sentiam a escassez da luz.⁸²

Ainda na década de 50, prejuízos de toda ordem advinham ao município devido ao racionamento de luz. Não só Novo Hamburgo, como centenas de vilas e picadas clamavam por mais energia elétrica, pois somente onde ela existisse em abundância reinaria o conforto. Os *black-outs* eram constantes e tornavam-se fontes de inconvenientes até de ordem moral, principalmente às mulheres. Urgia dotar a cidade de iluminação conveniente, de acordo com a vida cidadina. Não mais ter zonas às escuras durante semanas seguidas.⁸³

Cansado dos desmandos estrangeiros, na década de 60, o governo estatizou a energia gaúcha, sob comando da então companhia americana *Bond&Share*; e prometeu não mais racionamento. Ledo engano. Mesmo assim, a população via-se obrigada a

⁸⁰ Ver JO5 de 3 e 17 de Junho, e 9 de Setembro de 1927.

⁸¹ Ver JO5 de 7 de Abril de 1933.

⁸² Ver JO5 de 25 de Abril de 1952.

⁸³ Ver JO5 de 7 de Março de 1952, 8 de Janeiro de 1954 e 7 de Janeiro de 1955.

tatear no escuro, quando em demanda aos lares. O município do interior, que possuía a maior extensão de rede elétrica, continuava às escuras.⁸⁴

Mesmo a área central, quando os *neons* dos anúncios comerciais eram apagados, caía em perfeita penumbra. Que dizer dos bairros, que permaneciam muitas vezes semanas inteiras até a luz dar o ar de sua graça. Ficava impossível passear à noite. O manto negro se fazia sentir e notar, como se não tivesse chegado a Novo Hamburgo os benefícios resultantes das descobertas do último século. E se as luzes permaneciam apagadas, ainda faltavam postes com lâmpadas. Para piorar, existia o vandalismo noturno. Por maldade ou outros motivos muitas lâmpadas eram quebradas.⁸⁵

Exceção à parte, nas épocas natalinas eram feitas campanhas para se enfeitar casas, lojas e fábricas. A municipalidade dava seu quinhão iluminando a área central. Chamada até de cidade-presépio, chegada a época de Natal milhares de lâmpadas eram acesas, pinheiros eram iluminados por refletores, jogos de luzes surgiam na noite, comércios e residências eram decoradas, mesmo que para isso fosse necessário desligar algumas lâmpadas em outras áreas.⁸⁶

Para se chegar à cidade iluminada que se queria, fora sugerido, em fins dos anos 80, possantes holofotes coloridos, que deveriam ser instalados nos altos dos edifícios, projetando fachos de luzes em diferentes direções, dando à cidade um aspecto de metrópole e oferecendo um deslumbrante visual noturno. Mas a idéia não vingou. Quem sabe travada pela escassez de energia provocada por tanta iluminação, que agora era novamente distribuída por companhias privadas.⁸⁷

Sobriaria iluminação nas ruas, com novas e possantes lâmpadas a mercúrio nas principais vias e as velhas fluorescentes nas vilas. Mas no setor produtivo a escassez continuaria.

2.2.2. E o líquido precioso brotou dos canos...

“Um dos mais expressivos índices de progresso material de uma cidade é, sem dúvida, a extensão da rede d’água.”⁸⁸

⁸⁴ Ver JO5 de 12 de Fevereiro e JNH de 31 de Dezembro de 1960.

⁸⁵ Ver JNH de 30 de Setembro de 1961, 5 de Maio de 1962 e 11 de Outubro de 1963.

⁸⁶ Ver JNH de 18 de Dezembro de 1986 e sobre Natal ver JNH 24 de Novembro de 1962, 26 de Dezembro de 1964, 10 de dezembro de 1965 e 8 de Dezembro de 1967.

⁸⁷ Ver JNH de 12 e 16 de Agosto de 1988.

⁸⁸ JO5 de 18 de Março de 1960.

Há uma história fictícia, escrita por um ilustre hamburguense, que se passa numa localidade do sul do país, de nome Blumental, mas conhecida por “*Manchester Brasileira*”. O personagem principal, um “*estrangeiro*” do norte do país, tinha a incumbência de construir, em pouco menos de cinco meses, uma hidráulica na cidade. Tratava-se de um projeto completo, serviço de engenheiro, bacteriologista e higienista. Tudo isso antes das eleições.⁸⁹

Assim como a cidade fictícia, palco da trama, Novo Hamburgo conviveu, por longos anos, com a inexistência de água encanada ou com a escassez de seu fornecimento quando ela brotou nas ruas centrais. Somente no ano de 1952 é que o precioso líquido, abastecido pela hidráulica, pôde ser servido em cafés, pensões, hotéis e residências da cidade.⁹⁰

Passados quatro anos já havia reclamações em relação à demora na ampliação dos serviços e à falta d’água constante, agravada pelo calor que secava os reservatórios. Havia a promessa de ampliação paulatina na extensão da rede e aprimoramento dos serviços, mas esta ficava sempre aquém das necessidades locais.⁹¹

Em 1957, a vereança local decidiu por bem dotar a proposta orçamentária com determinada verba para ser posta à disposição do Estado, a quem competia o serviço, para que ele pudesse realizar as devidas e necessárias ampliações.⁹²

Algumas obras foram feitas. Entretanto, sempre para o momento vivido e nunca pensando no dia de amanhã. Mesmo sem preverem o fabuloso crescimento urbano da qual Novo Hamburgo fora acometida, os reservatórios e a rede hidráulica foram sendo construídos no limite das reivindicações locais. Enquanto a cidade apinhava de gente nos anos 60, 70 e 80, as torneiras iam secando. Assim como a rede elétrica, a cargo do Governo Estadual, a água foi sempre um problema presente à cidade que crescia vertiginosamente.⁹³

⁸⁹ Ver Viana MOOG, Um rio imita o Reno. Pela descrição e características da cidade, leva-nos a crer ser Novo Hamburgo.

⁹⁰ Ver JO5 de 11 de Janeiro de 1952.

⁹¹ Ver JO5 de 12 de Outubro de 1956 e 4 de Dezembro de 1959.

⁹² Ver JO5 de 25 de Janeiro de 1957.

⁹³ Ver JO5 de 9 de Agosto de 1957 e 7 de Abril de 1961.

“A hidráulica e a CEEE estão aconselhando que não usem mais água de torneira nem acendam luz durante a noite, para evitar funestas conseqüências como constatar que não há água nas torneiras e que as lâmpadas não acendem.”⁹⁴

2.2.3. O “Telephone” ligando a cidade ao mundo.

“O telefone é o único aparelho que você tem dentro de sua casa e funciona de acordo com a vontade de terceiros. E basta você desejar que alguém lhe telefone para se tornar silencioso como uma tumba.”⁹⁵

A Novo Hamburgo de 1908 possuía a expressiva quantidade de 280 aparelhos telefônicos movidos à manivela e operados por simpáticas moças. Nas cidades do interior, as famílias restringiam a saída das mulheres para trabalhar fora. Como tal, os centros telefônicos tornavam-se redutos femininos, pois ali elas encontravam trabalho. Era o tempo de levantar o aparelho, girar a manivela e aguardar a “voz macia e doce” responder a chamada. Fornecido o número desejado se desligava, não sem antes breve colóquio cordial. Se a chamada fosse para alguém da localidade, demorava pouco. Se fosse para outro município da região ou do Estado, era melhor ir cuidar de outros afazeres. Maior distância do que isso, só mesmo com uma paciência de Jó, pois uma carta chegava antes. As moças da telefônica eram figuras excepcionais neste processo. Além de plugarem um assinante a outro, conheciam as famílias e até recebiam recados quando a ligação não se completava, tal a precariedade do serviço. Uma nova linha ligando a cidade à capital era motivo de alegria geral.⁹⁶

A mesma estrutura tocada à manivela e utilizando telefonista perdurou até meados da década de 60. Assim, ou os telefones tocavam todos ao mesmo tempo, ou atendia-se e ninguém respondia. Se a chamada fosse urbana era realizada com relativa facilidade, apesar do sistema obsoleto. Se se tratasse de chamada interurbana, o telefone em Novo Hamburgo era quase uma inutilidade. Urgia modificar o sistema. Queria-se o telefone automático, objeto de primeiríssima necessidade em ambientes civilizados, elemento indispensável a se refletir nas demais atividades.⁹⁷

Com a estatização dos serviços telefônicos no início dos anos 60, até então estavam sob responsabilidade de uma companhia multinacional, fez-se uma campanha para instalação dos telefones automáticos. Acabava ali o romantismo. De peça chave na

⁹⁴ JNH de 2 de Dezembro de 1961.

⁹⁵ Lauro Diogo de Jesus, JNH de 1º de Agosto de 1973.

⁹⁶ Ver JO5 de 3 de Janeiro de 1953.

⁹⁷ Ver JNH de 4 de Junho de 1960, 4 de Março e 10 de Junho de 1961.

estrutura, a telefonista passou a ser um canal de comunicação frio e insensível aos chamados, operando numa mesa coberta de fios, mas apenas acionando botões.⁹⁸

Apesar de ter sido a coqueluche do momento, a instalação dos telefones automáticos não logrou o êxito esperado. A campanha desencadeada pela imprensa local não conseguiu fazer com que fosse alcançada a previsão inicial de 1.100 aparelhos. Chegou-se a 70%, com 742 inscritos. “*Novo Hamburgo, com sua pujança econômica e padrão de vida de seus filhos, poderia ter atingido a casa dos 2.000 aparelhos.*”⁹⁹

Não eram grandes as vantagens em ter o “*aparelhinho preto*”. Eram poucos os telefones na cidade e os que tinha funcionavam precariamente. DDD não existia. Além do mais, as pessoas se encontravam nas ruas; os homens no Café Avenida, esquina onde “*as coisas aconteciam*”. Lá ficava-se sabendo de todas as novidades. Mas com o tempo a coisa mudou. A cidade cresceu e todos tornaram-se desconhecidos. Além do prestígio, o telefone tornou-se utilidade indispensável. Ao se fazer ficha para obter crediário nas lojas, já se declarava a posse ou não do mal falado aparelho.¹⁰⁰

Também o telex tornara-se uma realidade em 1971, embora sua instalação permanente dependesse do uso ou não pela comunidade, coisa que não aconteceu de imediato. Ou o telefone público, dois anos depois, alcunhado de “*orelhão*”, sempre motivo de depredação. O primeiro telefone público da cidade foi instalado em frente à Galeria Central. As fichas, bem mais tarde substituídas por cartões magnéticos, eram vendidas em uma tabacaria ali localizada.¹⁰¹

Particular ou público, os problemas continuavam existindo. As linhas se cruzavam freqüentemente. Pequenos segredos ou grandes problemas tornavam-se esporadicamente de conhecimento público: “*Já houve o caso de duas madames conversando sobre a insatisfação conjugal... uma orientava a outra como proceder para arranjar um homem.*”¹⁰²

⁹⁸ Ver JNH de 13 de Julho de 1982.

⁹⁹ JNH de 17 de Fevereiro de 1962.

¹⁰⁰ Ver JNH de 1º de Agosto de 1973.

¹⁰¹ Ver JNH de 6 de Janeiro de 1971 (Telex), 24 de Agosto de 1973 (orelhão), 29 de Abril de 1991 (charge sobre depredações) e 25 de Abril de 1996 (cartões magnéticos).

¹⁰² JNH de 26 de Maio de 1978, cronista Alceu Feijó.

Na década de 80 a tecnologia avançou. Precursor do celular, o telefone sem fio apareceu em cena timidamente. Podia-se ver o esnobe colunista social local de posse do seu, passeando pela cidade.¹⁰³

Motivo de charges, a situação precária dos telefones era corrente. Numa delas, uma caveira já com teias de aranha aguardava uma ligação. O cinzeiro cheio fechava a sátira. Em outra, um aparelho telefônico pedia, com chapéu na mão, esmolas na calçada. Uma plaqueta avisava: “cego, surdo e mudo”.¹⁰⁴

Numa cidade rica como era Novo Hamburgo, os telefones celulares chegaram tão logo foi possível. Misturando exibicionismo e funcionalidade, sua utilização invadiu a cidade nos anos 90. Primeiramente apareceram em locais freqüentados pela elite *nouveau-riche*, mas logo depois foram visto até na periferia, tal sua popularização. Os usuários de celulares, assim como os índios que receberam espelhos e colares dos primeiros conquistadores e foram correndo para as aldeias exhibir os presentes, correram a cidade exibindo-os, pois ele era motivo de prestígio público ou sinônimo de simples curiosidade.¹⁰⁵

“Uma nova onda paira no ar e se espalha na cidade. Curtem, esnobam. São os assinantes dos telefones celulares. Os novos ricos fazem charme, pose, carregando e usando o celular. Descem dos carros com o aparelho na cintura e vão logo fazendo uma ligação, só pra mostrar que tem celular. Eles gostam mesmo é quando o aparelho toca. Deixam ficar tocando de propósito.”¹⁰⁶

2.2.4. Limpeza urbana e arborização.

“Novo Hamburgo cidade espelho, reflete limpeza pro Estado inteiro.”¹⁰⁷

Sinônimo de ambiente civilizado, a limpeza urbana traduziu-se como cultura adiantada. E com esta idéia fixa, Novo Hamburgo procurou, desde cedo, tomar a si a responsabilidade em manter-se agradável aos olhos e olfato, através da limpeza e arborização de suas vias e logradouros públicos. Assim, em seguida à emancipação, fez valer a proibição de lançar lixo, cascas de frutas, detritos, animais mortos, qualquer

¹⁰³ Ver JNH de 12 de Junho de 1983, colunista Paulo Scherer.

¹⁰⁴ Ver charges Sinovaldo, JNH de 14 de Abril de 1989 e 5 de Julho de 1990.

¹⁰⁵ Ver JNH de 23 de Abril de 1993, 18 de Maio de 1994 (charge) e 9 de Janeiro de 1995. Cena ocorrida numa movimentada sinaleira hamburguense: um motorista falava ao celular. O garoto, que pedia esmolas, vendo-o, encostou em sua janela, tirou o chinelo sujo do pé e o pôs junto ao ouvido, como se igualmente estivesse conversando ao telefone. (sem registro)

¹⁰⁶ JNH de 9 de Dezembro de 1994, Sérgio Hack - Tribuna Livre.

¹⁰⁷ Slogan participante de concurso sobre limpeza pública. Ver JNH 19 de Março de 1971.

imundície ou coisa semelhante no espaço público. Era preciso que ao exterior aparecesse a transformação por qual a cidade passava. Como sala de visita da localidade, as ruas e logradouros públicos deveriam refletir limpeza para quem os visitasse não saísse com uma impressão desagradável. Se acontecesse de algum visitante esbarrar com montes de cisco e cascas de frutas espalhadas pelo chão, sarjetas entupidas e exalando mau cheiro, não seria muito lisonjeira a impressão que teria da cidade. Nas estradas coloniais a sujeira pouco se fazia notar, tal seu estado de abandono. Mas com a municipalidade nivelando e alinhando-as, qualquer detrito feriria a vista. O velho hábito de utilizar a rua como depósito de lixo deveria ser eliminado.¹⁰⁸

Entretanto, não bastou a publicação do edital impondo ordem e beleza. O antigo uso não cessou mesmo nas décadas seguintes. Os apelos feitos pouco tiveram eco junto à população. Quando não se jogava o lixo na via pública, jogava-se nos terrenos baldios, abandonados às macegas.¹⁰⁹

A par da limpeza, a administração pública iniciou uma arborização na cidade. Para uma completa modificação em seu aspecto geral, derrubou plátanos plantados sem ordem nem simetria e, no lugar, colocou árvores frutíferas, de sombra ou ornamentais.¹¹⁰

Mas, ao invés de zelarem para que “*mãos daninhas*” não estragassem a beleza da urbe, a população assistiu os eternos “*mocinhos bonitos*” depredarem as árvores logo após a saída dos bailes.¹¹¹

Outro problema em voga foi o depósito de lixo. Na década de 50 a circunvizinhança do outrora lugar ermo e agreste, receptor das substâncias recolhidas dos cubos da cidade inteira, transformara-se em florescentes e populosos bairros. A presença de valas fétidas em meio a eles ocasionava inconvenientes. Em dias de mormaço as exalações se alastravam insuportável e prejudicialmente por vários trechos.¹¹²

¹⁰⁸ Ver JO5 14 de Junho de 1929.

¹⁰⁹ Ver JO5 de 27 de Setembro de 1935 e 28 de Março de 1952.

¹¹⁰ Ver JO5 de 14 de Junho de 1929, 8 de Setembro de 1944, 28 de Setembro de 1945 e 30 de Março de 1951 (Ercílio Rosa).

¹¹¹ Ver JO5 de 8 de Setembro de 1944 e 19 de Agosto de 1949.

¹¹² Ver JO5 de 26 de Janeiro de 1951.

Indício de progresso e avanço civilizatório, a limpeza das ruas continuava. Aos olhos dos visitantes, a cidade deveria ter uma digna apresentação, ao menos nas ruas centrais. Uma cidade limpa, com logradouros sempre convidativos, seria motivo de trânsito permanente.¹¹³

De tanta insistência, Novo Hamburgo tornou-se modelo ao Estado. Suas ruas calçadas e bem varridas e sua iluminação feérica exemplificavam a vontade da comuna. Impulsionada pela presença de visitantes, a cidade imprimiu beleza e agradabilidade em seus espaços.

Tanta limpeza tinha uma finalidade. E não era a retomada de uma conotação germânica. Novo Hamburgo longe estaria de suas co-irmãs européias. O cuidado com a limpeza da urbe fundamentava-se na feira calçadista, a FENAC. Em meados de 1960, cada vez mais encontrava-se turistas em visita à cidade. Boa parte destes eram de compradores de sapatos. Para estes a cidade era de fato uma beleza, tanto de dia como à noite. Nas praças centrais não havia canteiros pisoteados nem bancos arranhados ou árvores gravadas a canivete. Seus jardins transpareciam o aspecto primaveril o ano inteiro e nas ruas principais não se via sujeira.¹¹⁴

Mas civilizada e ordenada, somente a área central. Nos arrabaldes reinava a anarquia com ruas emaranhadas e chalés rústicos. A começar pela divisa natural, o arroio que atravessava a cidade. Nele só passando com o nariz tampado. Problema igual encontrou-se nos bueiros, que entupiam freqüentemente devido ao acúmulo de detritos trazidos pelas chuvas. Sem limpeza, os moradores se viam obrigados a aturar o cheiro insuportável, agravado nos dias quentes.¹¹⁵

Seja como for, a cidade foi pioneira em muitas oportunidades: em 1974 empregou mulheres para varrer as ruas e nos anos 80 e 90 fez a campanha “*se-pa-re o lixo*” e terceirizou o recolhimento.¹¹⁶

Ficou assim a imagem de cidade limpa, que tão orgulhava seus habitantes, principalmente aqueles onde o asfalto chegava. Afinal “*A limpeza é o sorriso da*

¹¹³ Ver JO5 de 31 de Julho de 1953.

¹¹⁴ Ver JNH de 25 de Setembro e 11 de Dezembro de 1964.

¹¹⁵ Ver JO5 de 2 de Abril de 1965, 4 de Agosto de 1967 e Charge de 8 de Julho de 1970.

¹¹⁶ Ver JNH 10 de Maio de 1974 (Charge sobre mulher varrendo a rua de dia enquanto seu marido varre a casa à noite), 31 de Agosto de 1990 (Charge dona de casa colaborando com a campanha para separar o lixo orgânico e

cidade”, “*Novo Hamburgo, cidade industrial, na limpeza não tem igual*”, “*Cidade limpa e bem cuidada é cidade muito visitada*”, e “*Bom cidadão não joga lixo no chão*”.¹¹⁷

2.3. Maquilagem Urbanística.

“Cada maquilagem pressupõe a existência de defeitos ou imperfeições, às quais ansiamos esconder.”

Maquiar a urbe significou esconder as imperfeições e apagar os rastros de um passado colonial. No desejo de progresso, impregnado no imaginário social, estava contida a vontade de criar uma imagem de identificação com os centros adiantados. Para quem se queria moderno, era necessário um espaço físico compatível. Para tanto, prédios antigos cederam lugar a imponentes construções. A palavra de ordem era embelezar. Mas tal vontade restringiu-se ao Centro. Nos arredores a situação era diferente. Derrotados da guerra agrícola, levas de pessoas migravam para o sonho urbano. E Novo Hamburgo era, para eles, como uma Eldorado a reluzir com seu ouro. A cidade cresceu, se esticou, avançou sobre morros e aterrou banhados. Ruas e casas surgiram do dia para a noite, sem nome nem indício de memória. No Centro vieram os edifícios. A torre se ergueu majestosa na cidade babélica. Espigões encobriram tudo. Veio a selva de pedra. E as feições urbanas continuaram a se alterar. E a metamorfose não permitiu que se reconhecesse permanência, a não ser de fluxos contínuos, periódicos e mecânicos. A Novo Hamburgo que se queria bela e agradável, que queria se parecer com uma grande metrópole, chegou ao presente materializando seu sonho, mas não de todo. Na periferia continuou o contraste, num clima tipicamente sub-urbano.¹¹⁸

2.3.1. Renovação arquitetônica.

“Há transformações no aspecto da cidade. Casarões históricos e habitações coloniais foram sumariamente destruídas em prol do progresso e da evolução da cidade. Eu admiro a rápida progressão novo hamburguesa através dos fatos concretos expostos nas ruas, na vontade e nos sentimentos modestos e puros, que constróem dia após dia, a transformação da cidade...”¹¹⁹ Ercílio Rosa

inorgânico, ela coloca o marido no saco de lixo orgânico) e 24 de Junho de 1993 (Charge sobre o caminhão do lixo da empresa contratada Vega Sopave incomodando o bolso do prefeito)

¹¹⁷ Frases apresentadas no concurso de slogans sobre a limpeza urbana. O vencedor foi a última frase. Ver JNH de 19 de Março de 1971. Ver ainda JNH de 28 de Outubro de 1987.

¹¹⁸ Ver SEVCENKO, *Metrópole: matriz lírica moderna*, p.65

¹¹⁹ JO5 de 30 de Março de 1951.

Para uma cidade que se queria moderna, capaz de encenar a ordem e o progresso civilizatórios, o florescimento arquitetônico era ponto nevrálgico. Ele mostraria o grau de adiantamento que a comuna se encontraria.

Projetando-se no espaço físico urbano, como um palco ilusionista onde os tempos modernos pudessem ser encenados com todo seu aparato, o imaginário social se materializava. Mas construir não seria tão somente embelezar e modernizar a cidade, tornando-a agradável e bela aos olhos de todos. Seria também produzir uma imagem que a identificasse com outros centros adiantados.¹²⁰

A fisionomia hamburguesa recebeu seus devidos cuidados após a emancipação. Por um lado, a municipalidade arborizou praças, arrumou vias públicas e construiu um palácio municipal moderno. Por outro, a elite enriqueceu dia a dia a cidade com novas e modernas construções que, criam eles, honrava qualquer cidade civilizada. Assim, surgiram sólidos prédios ali e elegantes palacetes acolá. Modernos *bungalows* iam sendo construídos. A vila se renovava.¹²¹

Na década de 40, os antigos prédios, que destoavam a harmonia do conjunto foram demolidos e no lugar deles ergueram-se alterosos edifícios, verdadeiros arranha-céus de 4 andares. A maquiagem urbanística estaria presente em cada casa hamburguesa, e se estenderia às praças e vias públicas. A vontade de embelezamento fez-se presente. Desejo mínimo era a colocação de cortinas nas janelas. Mas para esquecer um passado colonial, e dar à vila ares de cidade, era necessário fazer a caiação dos prédios. Cada um podia cooperar no embelezamento citadino, irradiando um esforço estético dentro da própria moradia. Prédios residenciais deveriam ser convidativos. Os de comércio deveriam ter a fachada imponente. Queria-se corpos arquitetônicos originais, triangulares talvez, como o abrigo municipal na praça 14 de Julho. Certo é que os grupos prediais deveriam impressionar e imprimir, no conjunto orgânico, um novo caráter à “*fisionomia da paisagem*” com blocos fabris impulsionados pela seleção de linhas e contornos.¹²²

¹²⁰ Ver GOMES, Todas as cidades, a cidade, 1994, p.104; PESAVENTO, Entre práticas e representações..., p.389; RESENDE, Rio de Janeiro, cidade do modernismo, 1994, p.127; SOUZA, Construindo o espaço de representação, p.109.

¹²¹ Ver JO5 de 27 de Maio e 30 de Dezembro de 1927, 3 de Maio de 1929 e 21 de Março de 1930. Ver ainda JO5 de 3 e 17 de Abril de 1953 (palácio municipal).

¹²² Ver JO5 de 17 de Dezembro de 1943 e 30 de Janeiro de 1948.

Novas construções tomavam lugar das antigas. Elegantes prédios residenciais se erguiam majestosamente. Grandes edifícios eram destinados ao comércio. Construía-se novos estabelecimentos industriais, ou ampliavam-se os já existentes. A cidade apresentava-se com suas características pitorescas e com seus ares de bucolidade, mas não deixava de representar sua marcha a passos de gigante na larga estrada do progresso. No vale do sapateiro, a nau-capitã calçava-se de modernas construções. Assim é que “*Novo Hamburgo vai fugindo pouco a pouco de suas condições de aldeia.*”¹²³

Entretanto, se muitas casas do município eram verdadeiras jóias em destaque no panorama urbanístico, outras chocavam a sensibilidade daqueles que andavam à caça de impressões harmoniosas, pois seus aspectos sinistros lembravam abutres ao longo do leito da Viação Férrea. A partir do anos 40, modestos chalés de coloração preta e cinza abrigariam as famílias dos vários milhares de operários que labutavam nas fábricas em prol do progresso local e grandeza do país. Sob exigências higiênicas, importadas dos grandes centros, as construções populares, próprias dos operários, estavam proibidas na área central. E quem tinha dinheiro não empregava em casas para alugar, devido ao alto preço que deveriam cobrar. Os bairros, destinados aos operários, demoravam a sair do papel. Os loteamentos populares irregulares cresciam mais rapidamente.¹²⁴

“Em cada pedacinho de rua surge uma fábrica, um palacete, um chalezinho ou sonho projetado noutro sonho. Ora, direis, a cidade!”¹²⁵ Ercílio Rosa

2.3.2. A cidade se estica feito elástico: os arrabaldes.

“Os arrabaldes são o estado de sítio da cidade, o terreno no qual brame ininterruptamente a grande batalha decisiva entre a cidade e o campo.”¹²⁶ Walter Benjamin

Até meados da década de 60, o crescimento urbano de Novo Hamburgo caracterizou-se principalmente em sentido horizontal. Os poucos prédios de no máximo quatro andares restringiam-se à área central. Grandes incentivadores deste crescimento horizontal foram os loteamentos surgidos sucessivamente ao redor da urbe. Como este entorno não era terreno arável, pois somente existia mato e macegas, a área urbana não

¹²³ Ercílio Rosa, JO5 de 29 de Julho de 1949. Ver ainda JO5 de 8 de Outubro de 1943, 30 de Março e 10 de Agosto de 1951 (as duas últimas são de Ercílio Rosa).

¹²⁴ Ver JO5 de 8 de Outubro de 1943, 16 de Junho de 1944 e 30 de Janeiro de 1948.

¹²⁵ JO5 de 3 de Março de 1950 (Ercílio Rosa).

¹²⁶ Imagens do Pensamento, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.202

invadiu nenhuma área rural. Mesmo assim, nos arredores da comuna jaziam os espoliados da eterna luta campo *versus* cidade. Expulsos dos campos de todo Estado pela mecanização agrícola iniciada nos anos 40, os “*nascidos em outras comunas*” migravam para a região do sapateiro, numa verdadeira corrida ao *Klondyke*, e nos arrabaldes se fixavam.

Se na área central a beleza agradava aos olhos dos moradores, dos turistas e dos visitantes domingueiros, nos arrabaldes o tom tendia à bucolidade, beirando o abandono. Quem passeasse pelas vilas anotaria com a vista a deficiência de detalhes urbanísticos que apareciam à luz do sol. Mesmo em fins dos anos 50, os bairros esperavam em vão as promessas de melhoramentos.¹²⁷

Em Hamburgo Velho destacava-se a policromia dos jardins particulares. Suas ladeiras escondiam histórias anônimas. Nas ruas ouvia-se fragmentos das conversas que escapavam das janelas semi-abertas. Pedacos de conversas, restos de frases, pairavam no ar. Depósito das recordações, o tradicional bairro guardava na memória o passado. Nos jazigos de seus cemitérios dormiam os primeiros moradores e seus descendentes diretos. A arquitetura germânica aguçava a imaginação e remetia ao tempo em que o bairro era o núcleo do vilamento. Com o progresso local, as ruas esburacadas e cobertas de heras foram pavimentadas. Os passeios foram calçados com lajes de pedra grés. Postes de iluminação substituíram a luz do luar. Escadarias e muros de arrimo integraram o morro bucólico nos rígidos moldes citadinos.¹²⁸

Do outro lado do arroio ficava a “*África*”, assim alcunhada por ter sido inicialmente reduto de escravos. Diferente do centro, cuja organização e limpeza inspirava ares civilizados, no bairro em questão a “*gurizada*” jogava “*pelada*” no campinho de futebol improvisado em terrenos baldios e os adultos “*alisavam*” o balcão do boteco ou se “*esparavam*” nas canchas de bocha. Frequentemente acontecia luta sangrenta em alguma bodega. Nas ruas sem passeio ou mesmo sem nome, gente humilde e simples, na maioria operários, iam e voltavam das fábricas. Exceto quando chovia, pois ficava tudo alagado e ninguém podia passar. Chalés pitorescos pipocavam por toda parte. Cercas caídas, varais de roupas esticadas ao sol, galinhas soltas, galos

¹²⁷ Ver JO5 de 8 de Fevereiro de 1957.

¹²⁸ Ver JO5 de 21 de Fevereiro de 1947, 1º de Dezembro de 1950 (ambas Ercílio Rosa), 8 de Agosto de 1952 e 15 de Julho de 1955.

cantando ao amanhecer, passarinhos trinando nos arvoredos, molecadas brincando no leito das ruas misturando-se à cachorros sem classe, tal era a atmosfera do bairro.¹²⁹

Também do outro lado do arroio ficava o antigo local conhecido por “*Mistura*”, reduto dos “*brazilianers*”, como eram chamados pelos alemães do centro aqueles que ali moravam. O bairro cresceu muito com a construção da rodovia federal nos anos 50, pois localizava-se a meio caminho dela e do centro. Como frontispício da comuna, tornou-se passagem obrigatória para quem chegasse de carro ou ônibus. Seu comércio desenvolveu-se de maneira extraordinária, principalmente na rua Joaquim Nabuco, que começava na praça do triângulo (neste logradouro terminava a rua que vinha da rodovia) e ia até o centro. Nesta rua estabeleceu-se o comerciante Antônio Cavasotto, que tornou famosa a sua loja “*Casas Cavasotto*” devido às promoções lançadas ao público. Se nos anos 20 e 30, tempo em que mãos dadas significava noivado, era de costume as famílias realizarem piqueniques às margens das águas límpidas do arroio que separava as duas vilas, pois cercado por mato abundante, oferecia muita sombra, com a derrubada das árvores em 40 e 50, terminaram os encontros e as caçadas de passarinhos com fundos e escopetas.¹³⁰

Com o crescimento urbano a partir de 60, as vilas de outrora transformaram-se em bairros populosos. A cidade se expandiu e homogeneizou tudo. Novo Hamburgo, sentindo a necessidade de maiores espaços, asfixiou as encostas de morros e aterrou banhados necessários à vazão natural do rio. Bairros distantes do centro e próximos dos Rio dos Sinos tornaram-se presas fáceis quando em época de chuvas. Com o desejo de progredir tornado maior que os obstáculos naturais, a natureza dava o troco à urbanização, com cheias e alagamentos constantes, mas isto somente na periferia. A molecada de outrora, que banhava-se no riacho de águas limpas, continuou a brincar no arroio, só que agora de águas sujas vindas do esgoto.¹³¹

2.3.3. A verticalização novo-hamburguesa.

¹²⁹ Ver JO5 de 28 de Dezembro de 1928, 3 de Junho de 1955, 24 de Fevereiro de 1956 e 25 de Março de 1960. A antiga zona denominada “África” é hoje o bairro Guarani.

¹³⁰ Ver JO5 de 24 de Julho e 4 de Setembro de 1959 e JNH de 3 de Dezembro de 1965 e 25 de Novembro de 1981. A área do “Mistura” é atualmente o bairro Rio Branco.

¹³¹ Ver JO5 de 20 de Agosto de 1948, 30 de Março de 1951, 6 de Fevereiro de 1953 e 8 de Abril de 1955 (1ª, 2ª e 4ª são de Ercílio Rosa) e JNH de 23 de Julho de 1994.

“Havia, não me lembro agora se no país das maravilhas, da Alice, ou se na cidade de Oz, uma velha que morava num sapato... E nós que moramos em caixas de sapato!”¹³² Mário Quintana

Em meados da década de 50, a cidade se viu abalada pela idéia temerária da construção de um edifício de 16 andares. Até então todos só conheciam na urbes arranha-céus de 4 andares, que não formavam a cortina de concreto capaz de provocar alterações climáticas. Temerosos de serem considerados retrógrados, poucos de manifestaram contra a construção; exceção aos mais velhos e sisudos, que apontaram diversas dificuldades para o êxito do trabalho. Mesmos estes foram arrastados no turbilhão que se formou pró-construção. Entretanto, o tempo provou que Novo Hamburgo ainda não estava preparada para tal iniciativa. A grandiosa realização cedo tornou-se autêntica tapera. De futuro majestoso passou à acolher desordeiros e *maloqueiros*. Foi campo perfeito para proliferação de mosquitos. Mesmo desejando incessantemente renovar sua arquitetura urbana, para Novo Hamburgo era tempo de crescer horizontalmente.¹³³

Somente na década seguinte que a cidade babélica tornar-se-ia necessária e cobiçada, mesmo timidamente. Como emblema da cidade grande, a torre passaria ao desejo novo-hamburguês. Como símbolo da celebração da tecnologia e do triunfo humano sobre as forças naturais, a intensidade vertical tornava-se realidade na cidade.¹³⁴

Novo Hamburgo começou a ganhar novas feição a partir dos anos 60. Prédios antigos e coloniais vieram abaixo por conta de picaretas certeiras e os primeiros edifícios começaram a surgir. Os espigões de diversos andares abrigariam apartamentos residenciais, salas comerciais, lojas e garagens. Os próprios industrialistas do ramo coureiro-calçadista foram os empreendedores e fomentadores. Bastava ficar fora algum tempo para se observar quanta coisa surgia durante a ausência.¹³⁵

Na década de 70 ficou claro que Novo Hamburgo crescia para o alto. Cada dia novas construções apareciam no cenário. Arranha-céus em construções e outros tantos projetados: “*Os edifícios nascem como cogumelos!*” Ante os habitantes, a cidade de concreto surgia. Edifícios erguiam-se tal monstros para o infinito, ou majestosos como

¹³² QUINTANA, *Na volta da Esquina*, p.48

¹³³ Ver JO5 de 15 de Julho de 1955 e JNH de 26 de Janeiro de 1963.

¹³⁴ A cidade babélica e a torre como emblema ver GOMES, *Todas as cidades, a cidade*, p.88

as montanhas, e projetavam sombra sobre as ruas estreitas mas movimentadas. O sol surgia timidamente entre os pesados blocos de concreto. Agravado pela correria urbana, o céu deixaria de ser obra de contemplação.¹³⁶

Bastou dez anos para Novo Hamburgo sofrer o impacto da transformação urbanística, praticamente adquirindo uma nova fachada e definitivamente enterrando seu passado. Casas do princípio do século e arbustos secos lutariam contra o emaranhado de prédios. Como colono em Nova Iorque, o habitante que se ausentasse por algum tempo, quando retornasse, torceria o pescoço de um lado para outro na ânsia de contar os edifícios. Verdadeiro canteiro de obras, no ano de 1987, calculou-se na cidade mais de 90 edifícios em obras. Se antes as torres das Igrejas se destacavam no cenário urbano, e eram ponto de referência ao viajor, e até era possível observar com detalhes o relevo da cidade, os morros e o vale, logo os edifícios esconderam tudo isto. Da antiga vila de feições européias não restou nem o sotaque alemão. Edifícios arrojadas e sofisticados surgiram em cena. Antenas parabólicas foram instaladas. Até um heliporto foi construído.¹³⁷

Neste contexto surgiu um novo tipo de relação social: o condomínio. Ele reuniu as famílias dispersas pela louca urbanização e criou grupos sociais que passaria a viver comunitariamente. As calçadas, outrora tradicional local de reunião para tomar chimarrão, foram substituídas pelas áreas de lazer cercadas com grades. As brigas de vizinhos deram lugar às reuniões condominiais. Ele ainda trouxe uma contradição tipicamente moderna: nas colônias as pessoas moravam à quilômetros de distância uma das outras mas viviam mais próximas do que as que estariam lado a lado nos apartamentos. Apesar da indiferença, a vida no condomínio trouxe muitas peculiaridades como a de passar uma “*cantada*” na vizinha de cima através da janela do poço de luz. A empreitada poderia dar resultado mas todo edifício ficava sabendo. O poço de ar e luz, apesar do nome pomposo, era o maior telégrafo do edifício, as informações que por ali passavam eram mais conhecidas do que edital afixado na

¹³⁵ Ver JNH de 6 de Novembro de 1962, 17 de Janeiro e 18 de Dezembro de 1964.

¹³⁶ Ver JNH de 4 de Junho de 1970, 17 de Setembro de 1971 e 7 de Novembro de 1977.

¹³⁷ Ver JNH de 28 de Dezembro de 1984, 10 de Maio de 1985, 3 de Junho e 30 de Outubro de 1987. Sobre antenas parabólicas em edifício ver JNH de 21 de Julho de 1987. O Heliporto construído no final da década pouco foi utilizado na década seguinte. Ver JNH de 30 de Outubro de 1987, 21 de Julho de 1989 e 10 de Janeiro de 1996.

portaria. Da mesma forma pôr a amante para morar num edifício na mesma cidade seria revelar em pouco tempo o nome do “*coronel*”.¹³⁸

Mas viver em um edifício seria viver um estilo de vida moderno. Principalmente se fosse um privilegiado morador da cobertura. Em meio à selva de pedra, ela oferecia a singularidade de uma casa com jardim de flores e área de lazer particular aliado à segurança e privacidade relativa. Desta forma, como nos grandes centros urbanos, tais imóveis alcançaram grande cotação no mercado imobiliário local.¹³⁹

Mas a torre que materializaria a promessa de um futuro glorioso trouxe consigo a própria obsolescência.¹⁴⁰ Como Babel sentiu a ira dos deuses:

“Quando eu era menino pobre do bairro Guarani, eu imaginava que deveria ser bom morar num apartamento no centro da cidade, pertinho do cinema e de tudo que era bonito. Agora que eu sou um adulto pobre, que moro num apartamento no Centro, imagino como deve ser bom morar numa casa de bairro onde existe grama, terra, árvore, campinho de futebol e armazém onde se pode apalpar a lingüiça exposta para ver o pedigree.”¹⁴¹ Aurélio Decker

Assim foi indo a cidade, crescendo tanto para os lados quanto para o alto, como um efeito cinematográfico. Um novo cenário substituiu a pacata Novo Hamburgo. O milagre americano aconteceu. Os casarões tornaram-se escritórios de exportadoras. Os chalés cederam lugar aos espigões que suplantaram as torres das igrejas. A cidade passou a viver atrás de grades e cercas eletrônicas. Os bairros se igualaram à antigos cemitérios.¹⁴² “*A cidade se transformou em labirinto para principiante. O olhar só distingue aquilo que brilha incessantemente.*”¹⁴³

Como uma São Paulo em miniatura, a diversidade tornou-se marca registrada da cidade. Pensando o pós-modernismo como ensaio na tentativa de gerar não apenas novos espaços, mas acima de tudo novas percepções, a cidade voltada para a comunicação simbólica fez-se presente.¹⁴⁴

Novo Hamburgo seguiu a tendência das cidades norte-americanas (influência da exportação massiva para aquele país?). Verdadeira *downtown* tornada imenso local de compras e serviços e as residências na periferia. Como um pão sazonado, cozido em

¹³⁸ Ver JNH de 3 de Setembro de 1980, 15 de Julho de 1993 e 23 de Abril de 1996.

¹³⁹ Ver JNH de 8 de Setembro de 1982 e 23 de Março de 1984.

¹⁴⁰ Ver GOMES, *Todas as cidades, a cidade*, p.88

¹⁴¹ JNH de 30 de Março de 1987.

¹⁴² Ver JNH de 7 de Abril de 1995 e 4 de Abril de 1997.

¹⁴³ BENJAMIN, *Imagens do Pensamento*. In: __. *Obras Escolhidas II*, p.157

forno de barro, teria no miolo a bela avenida Pedro Adams Filho e os edifícios modernos a provocar manifestações lisonjeiras dos moradores locais e visitantes, e na casca as vilas esquecidas por Deus e pelas administrações locais.¹⁴⁵

“No centro as boates, os cinemas com ar condicionado, restaurantes, etc. Num círculo mais externo os carrões são substituídos pelos modelos fora de linha, surgem os cinemas com pulgas, ruas calçadas com pedra irregular. Iluminação precária, bares com cerveja quente e bife com fritas e arroz. Num círculo posterior, há as bicicletas, as ruas empoeiradas, cachorros latindo atrás das pessoas, botequins da cachaça e do mini snooker, crianças jogando bola em campinhos, mulheres conversando entre cercas de madeira com pintura gasta. E depois, becos onde as patrôlas da prefeitura não animam-se a ir, crianças sujas chapinham em valos formados por águas da chuva ou do esgoto, casas de uma peça, paredes de lata e chão batido, varais com trapos postos a secar.”¹⁴⁶ Luiz Afonso Franz

¹⁴⁴ Ver BRESCIANI, *A Cidade das Multidões*, p.10; FERRARA, *O código em férias...*, In: ___. *Olhar Periférico*, p.182. Ver ainda JNH de 8 de Setembro de 1994.

¹⁴⁵ Ver JNH de 27 de Outubro de 1991 e 28 de Novembro de 1995.

¹⁴⁶ JNH de 23 de Dezembro de 1977.

3.

A cidade se movimenta...

“Rolando pelas ruas, vão sempre as reivindicações justas dos necessitados e o gozo supérfluo dos que desdenham as necessidades alheias. As ruas são enciclopédias abertas, iluminando pensamentos e alisando idéias.”¹⁴⁷ Ercílio Rosa

As ruas da pequena comunidade alemã, outrora de trânsito familiar, transformaram-se. E a metamorfose maior ficou por conta de seu uso. A rua da antiga vila, usada como espaço cívico-religioso, desapareceu. A multidão miscigenada tomou conta do espaço urbano e carregou consigo o anonimato. Desprovidos de experiência, seus habitantes passaram à viver o choque inerente à cidade moderna. E da vivência imediatista veio a rotina e a fuga na embriaguez do sonho, com seu sempre novo mas sempre igual. A constante preocupação em interceptar o choque cotidiano ocasionou a perda de energias vitais, únicas capazes de proporcionar a liberdade. “*Em vez de despertar o homem do seu sonho mítico, a modernidade capitalista o mergulhou numa nova mitologia*”.¹⁴⁸

Na esteira das transformações, a mudança de velhos usos e hábitos. Uma nova sociedade não mais para reprimir mas sim para proporcionar à coletividade a liberdade de ação, para que o indivíduo possa viver com seus erros e acertos e sempre seguir em

¹⁴⁷ Publicado no JO5 de 17 de Junho de 1949 e repetido no JNH de 20 de Agosto de 1965.

¹⁴⁸ ROUANET, A razão nômade, p.67

frente. A tradição cedeu lugar à vivência. Certos usos e hábitos permaneceram, mas alguns perderam-se no tempo e outros foram incorporados de diversas culturas.

Do desejo coletivo de modernização, o trem não fazia parte. Símbolo do arcaico, ele desapareceu de cena. Avistá-lo seria lembrar da confusão de linhas e horários. Seu leito significava perigo ao trânsito urbano. No automóvel a solução desejada e encontrada. Na sociedade do anonimato, o veículo próprio materializava a liberdade. Daí seu *status*: a posse de um não era só utilidade, mas uma satisfação garantida. Com tal escolha, o trânsito parou em engarrafamentos devido aos constantes acidentes, provocados seja por motoristas irresponsáveis, seja por animais.

Para evitar isto, a eliminação de animais vadios das ruas e a organização do trânsito com a colocação de sinais, semáforos e um imenso aparato preventivo. E para aqueles que não conseguiam ter um veículo próprio, restava como transporte o ônibus. De lamento em lamento, o uso do coletivo exasperou uma situação tipicamente moderna: o olhar calado, o viajar sem trocar uma palavra com alguém. Mas em Novo Hamburgo, a situação caótica das linhas de ônibus aproximou as pessoas.

Em Novo Hamburgo, a cidade se movimentava...

3.1. O trânsito nas ruas...

“As ruas são sempre um cenário novo, onde as tonalidades se confundem.”¹⁴⁹ Ercílio Rosa

Numa cidade pequena, como era Novo Hamburgo até fins da década de 40, todos se conheciam, ou ao menos tinham noção da procedência familiar. Como comunidade fechada, em muito importava a estirpe do indivíduo. No andar na rua, a saudação era atitude indispensável. Com outra fisionomia, a cidade permitia os passeios descompromissados, principalmente na avenida Pedro Adams Filho e na praça 14 de Julho, onde, após a missa domingueira, as jovens sonhadoras praticavam o *footing*.¹⁵⁰

Como espaço para a vida social, a rua abrigava diversas comemorações. Ainda em meados de 30, na procissão de *Corpus Christi*, que iniciava na Igreja São Luiz e seguia por algumas ruas centrais, viam-se as fachadas dos edifícios festivamente *engalanadas* e ornamentadas com imagens, estátuas e flores. Em alguns pontos por

¹⁴⁹ JO5 de 12 de Setembro de 1947.

¹⁵⁰ Ver JNH de 30 de Novembro de 1981.

onde o féretro passava, armavam-se artísticos altares onde o sacerdote e o sumo-sacerdote celebravam a benção, seguidos pelos diversos coros que faziam a melodia. Se grande número de católicos acompanhavam tais atos religiosos com demonstrações de devoção, os não católicos assistiam com respeito a solenidade.¹⁵¹

Também as demonstrações cívicas revestiam-se de brilhantismo. No XV de Novembro, alunos, políticos e representantes de diversas sociedade civis reuniam-se na praça para cantarem o hino da independência. Após isto, formavam um préstito, puxado pela Banda Municipal Carlos Gomes, e dirigiam-se a Hamburgo Velho, onde estava localizado o monumento da emancipação. Lá, grande *massa de povo* aguardava o cortejo.¹⁵²

Era o tempo que o grande perigo nas ruas ficava por conta dos *petizes* e suas *carrocinhas*, e dos rapazes com suas bicicletas, que faziam das calçadas suas praças de desportos ou canchas de corridas, ou até dos varredores da prefeitura que costumavam andar com suas *viaturas* nos passeios. Como o pouco trânsito ainda permitia às crianças brincarem nas calçadas, e às famílias dela se utilizarem para conversar na *fresca da tardinha* ao mesmo tempo que observavam o movimento, tais abusos ocasionavam transtornos. Os perigos na rua também ficavam por conta de alguns cidadãos cujo hábito de caçar aves com espingardas ou fundas, acertando muitas vezes postes, canos de luz e até vidraças, constituíam abuso ao município.¹⁵³

Ainda em fins de 40, a cidade era interiorana; os hábitos mudavam num tempo diferente às demais transformações. Fora dos horários comerciais a multidão invadia as ruas, seja pela manhã a caminho do trabalho, seja à noite voltando para casa, ou às 11:30 horas, quando verdadeira turba humana surgia na parte central. Antes do almoço, alguns preferiam os bares para o aperitivo costumeiro; casais apaixonados se detinham nas esquinas para um último beijo; mocinhas solteiras passavam ante os olhares atentos dos rapazes. Logo depois, “*quando os relógios marcam doze horas, sintonizando com o badalar dos sinos, as ruas já estão totalmente vazias e afagadas pelo silêncio morno que enche os espaços*”.¹⁵⁴

¹⁵¹ Ver JO5 de 7 de Junho de 1929, 5 e 19 de Junho de 1931.

¹⁵² Ver JO5 de 16 de Novembro de 1928.

¹⁵³ Ver JO5 de 17 de Junho de 1927, 28 de Fevereiro de 1930, 2 de Dezembro de 1932, 20 de Janeiro de 1933, 1º de Maio de 1936, 27 de Setembro de 1957 e 13 de Fevereiro de 1959 e JNH de 25 de Fevereiro de 1981.

¹⁵⁴ Ercílio Rosa, JO5 de 17 de Setembro de 1948.

Tal cenário era bem diferente da verdadeira cidade de Manchester na Inglaterra, onde o espetáculo da multidão operária se apresentava, com as fábricas vomitando nas ruas uma turba agitada e barulhenta. Homens, mulheres e crianças, com suas roupas sujas, rostos cansados e tristes, tinham o bar como refúgio, ou simplesmente voltavam para seus velhos casebres.¹⁵⁵

Nas décadas de 50 e 60, a multidão passou tomar conta das ruas, trazendo consigo o anonimato urbano. Como observara Simmel nas grandes cidades, também em Novo Hamburgo tornou-se mais fácil esbarrar fisicamente em meio à massa humana apressada do que conhecer alguém humanamente.¹⁵⁶ Com o aumento no movimento dos transeuntes, as calçadas tornaram-se estreitas. Pessoas se movimentavam a passos largos, andavam às pressas pelas ruas. A multidão se comprimia. Se antes passeava-se pelas ruas e eram todos conhecidos, o crescimento populacional tornou a todos ilustres anônimos. Era um mar de rostos nunca antes vistos. Um *mundão* de gente! Neste rebuliço, a vivência direta não permitia notar o crescimento vertiginoso. A velocidade da vida acabava com a observação das transformações. Na correria urbana, não haveria paradas.¹⁵⁷

Da rotina mecânica veio a indiferença. Desdém, desprezo, apatia, insensibilidade, negligência, qualidades patentes ao homem moderno ameaçado, ansioso por apagar seu rastro na selva urbana, tal uma presa que foge de ávido caçador.¹⁵⁸

“Sensações estranhas da vida comum de todas as horas: segredos comerciais ou confabulações futebolísticas, demagogias políticas ou declarações de amor... Tudo pode acontecer nos vãos escuros das ruas...”¹⁵⁹

O ato de parar para observar a multidão que “*passa ansiosa com a sofreguidão dos que têm pressa*” tornou-se atitude suspeita e fora do comum. Tal conduta chamaria a atenção dos passantes, pois estes não estariam acostumados a ver ninguém postado no

¹⁵⁵ Ver BRESCIANI, *A cidade das multidões*, p.14-15

¹⁵⁶ Ver SIMMEL, *A metrópole e a vida mental*. Ver ainda KONDER, *Um olhar filosófico sobre a cidade*, p.72-82

¹⁵⁷ Ver 31 de Julho e 18 de Dezembro de 1964, 5 de Novembro de 1969, 5 de Novembro e 22 de Dezembro de 1980 e 5 de Junho de 1987.

¹⁵⁸ SIMMEL coloca que a vivência da grande cidade impele o homem à uma antipatia latente que o protege de perigos típicos da metrópole – a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada -, sem os quais esse modo de vida não poderia ser mantido. Ver __. *A metrópole e a vida mental*, p.12. Ver ainda JO5 de 16 de Setembro de 1949 e 15 de Janeiro de 1954 (Ercílio Rosa).

¹⁵⁹ Ercílio Rosa, JO5 de 22 de Outubro de 1948

meio da rua observando algo. Na cidade que escondia a todos, parar para olhar, ver ou sentir, era ameaçar aos demais.¹⁶⁰

O único olhar permitido seria o do *voyeur*, aquele que não materializa desejos escondidos, somente fica à imaginar...¹⁶¹

Como na cidade imaginada por Ítalo Calvino, *Cloé*, onde as pessoas não se reconhecem ao passar pelas ruas, somente imaginam uma infinidade de coisas em relação umas das outras: encontros, conversas, carícias, mordidas... nada de cumprimentos cordiais. Por poucos instantes os olhares se cruzam para logo se desviarem, nunca se fixam.¹⁶²

Assim em Novo Hamburgo, onde podia ser visto passar diversos vultos: o do burguês despreocupado com seus gestos medidos de quem tem o privilégio das horas vazias; a sombra curvada do operário pobre com suas mãos vazias metidas nos bolsos vazios; ou o porte esguio da donzela beatificada à procura de um noivo. Numa cidade que tinha fábricas em quase todas as ruas e namoro nas esquinas, que tinha *policrônicas* alvoradas e crepúsculos românticos, que tinha ladeiras sugestivas e casas dependuradas nos barrancos, não poderiam faltar pretensas arianas passeando na avenida depois da missa e morenas de olhos azuis amando em segredo nas curvas da praça.¹⁶³

Como figuras urbanas da multidão, vaidosas, se exibiam enquanto dissimulavam sua passagem, se ofereciam enquanto se negavam. Como diria Baudelaire: “*efêmera beldade, cujos olhos me fazem nascer outra vez, não mais hei de te ver senão na eternidade?*”¹⁶⁴

Sem dúvida nenhuma, o trânsito nas ruas mudou de feições. Se grandes foram as transformações na fisionomia da urbes, maiores foram no movimento urbano. A cidade que cresceu e se desenvolveu fortemente durante o anos 70 e 80, produziu conseqüências não imaginadas. O homem moderno, produto da cidade grande, deveria ter todas as condições de conforto que a aglomeração urbana poderia lhe oferecer.

¹⁶⁰ Ver JO5 de 5 de Outubro de 1956 e JNH de 4 de Junho de 1970.

¹⁶¹ Ver CERTEAU, *A invenção do cotidiano*, 1994 e MAFESOLI, *A contemplação do Mundo*, 1995

¹⁶² Ver CALVINO, *As cidades invisíveis*, p.51-52

¹⁶³ Ver JO5 de 5 de Abril de 1945 (repetido em 25 de Novembro de 1949), 25 de Abril de 1952 e JNH de 27 de Agosto de 1965 (ambos de Ercílio Rosa)

¹⁶⁴ BAUDELAIRE, *A uma passante*, In: __. *As flores do mal*, p.345; ver ainda FERRARA, *As máscaras da cidade*, In: __. *Olhar periférico*, p. 213, BENJAMIN, *Sobre alguns temas em Baudelaire*, In : __. *Obras escolhidas III*, p.103-150 e CERTEAU, *A cultura no plural*, p.42-44.

Entretanto, ironicamente, tal vivência urbana o fez enfrentar o vai-e-vem dos dias apressados e a competição incessante com tudo e com todos.¹⁶⁵

A cidade que se queria moderna, carregou consigo problemas inerentes às grandes metrópoles: crianças liderando quadrilhas, neuróticos anônimos se reunindo nos fundos da Igreja, e o mais paradoxal, fantasmas sem sótãos vagando ao longo das ruas. Como diria Bresciani: “*Velhos espectros voltam a rondar a vida nas sociedades modernas.*”¹⁶⁶

Da vila em 1927, onde todos se conheciam e era de suma importância a procedência familiar, surgiu uma Novo Hamburgo na década de 90 que perdeu sua cara germânica e uma população de cabelos negros e pele morena que assumiu o comando social. O centro da cidade, outrora propício ao *footing* e aos namoricos ingênuos, tornou-se verdadeiro mercado persa...¹⁶⁷

“Sábado, o coração da cidade estava vivendo momentos de completa confusão, a partir do Calçadão. Havia, além do trânsito intenso, comemorações, protestos e até procissão religiosa. No Calçadão, tocava a Banda Municipal. No bar da praça um conjunto popular, na praça havia a concentração dos funcionários do SulBrasileiro. Depois apareceu um grupo interrompendo o trânsito e gritando: hei, hei, hei, Jesus é o nosso Rei! O centro transformou-se num verdadeiro mercado persa!”¹⁶⁸

3.2. Usos e costumes se modificam...

“O elemento que aciona o contexto urbano é o usuário e o uso é a sua fala, sua linguagem... A transformação da cidade é a história do uso urbano, escrita pelo usuário.”¹⁶⁹

Na evolução dos tempos, velhos hábitos foram enterrados na mesma cova que sua época e outros tantos nasceram na maternidade do tempo. Há ainda os que permaneceram tal um ancião sentado no banco de praça a transmitir sua experiência aos que passam, de muita valia para alguns, de nenhuma para muitos. Como viu Walter Benjamin, saiu de cena o homem tradicional de outrora: solene, nobre, adornado com as

¹⁶⁵ Ver JNH de 20 de Julho de 1973.

¹⁶⁶ Ver JNH de 7 de Março de 1980, 29 de Junho de 1988 e 4 de Abril de 1997. Ver BRESCIANI, A cidade das multidões, p.10

¹⁶⁷ Ver JNH de 4 de Abril de 1997

¹⁶⁸ Coluna Sabe Tudo, JNH de 18 de Março de 1985. O SulBrasileiro foi um banco com sede no Rio Grande do Sul que foi liquidado pelo Banco Central. Os funcionários protestaram e reivindicaram uma solução outra que não a simples liquidação. Assim foi criado um banco federal, o Meridional, privatizado anos depois.

¹⁶⁹ FERRARA, Olhar Periférico, p.19

oferendas do passado. Em seu lugar o contemporâneo nu, deitado como um recém nascido nas fraldas sujas da nova época.¹⁷⁰

Na sociedade moderna, de essência dinâmica, com espaço para milhões viverem não com segurança, mas com liberdade de ação, a comunidade não mais se concentraria na repressão da livre individualidade para manter um sistema social fechado, mas sim na livre ação construtiva e comunitária, para proteger as fontes coletivas que permitissem a cada indivíduo ser *tätig-frei* (liberto para agir).¹⁷¹

A Novo Hamburgo de feições germânicas enterrou consigo alguns usos, hábitos e costumes... A passagem do aeroplano, outrora acontecimento digno de registro e que fazia as pessoas pararem para olhar, tornou-se fato comum. Promover campeonato de *pelada* (futebol) na via pública trouxe o risco certo de atropelamento. Botar os tamancos nas calçadas para incomodar a vizinhança, apanhar *Marcela* na época de páscoa, desfilar na “*parada dos bichos*” com cartazes satirizando vários temas nacionais e locais, ficou para trás. Reunir-se em grupo para percorrer as ruas depois da meia-noite de fim de ano, dando salvas no ar, denominado *neujahrsanschiessen* ou ir de porta em porta, munidos de gaita iam apresentando em versos originais os votos de felicidade aos vizinhos, chamado de “*cantar o ano bom*”, não coube mais na cidade crescida. Fazer serenata para a amada, que antes poderia render um *pito* das autoridades locais por incomodar a vizinhança, tornou-se perigoso pois pular o muro e entrar sorrateiramente no pátio certamente renderia um tiroteio antes mesmo da cantoria começar.¹⁷²

Em termos de sexualidade muita coisa mudou. A Novo Hamburgo moral e rigorosamente fechada de 1930 e 40, viu chegar os tempos modernos a partir dos anos 70. O ideal de felicidade surgiu como válvula de escape, como alento à alma cansada da labuta hostil imposta pelo cotidiano. Nesta fuga, não mais o sofrimento. No esquecimento, sua fertilidade. O dia-a-dia terrível pouco seria diante das benesses que a contemplação proporcionaria. O apelo sexual, principalmente o feminino, se destacaria como clímax da felicidade.

¹⁷⁰ Ver BENJAMIN, *Experiência e pobreza*, In: __. *Obras Escolhidas I*, p.116

¹⁷¹ Ver BERMAN, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p.65

¹⁷² Ver JO5 de 6 de Janeiro de 1928, 5 de Setembro de 1930, 20 de Março de 1931, 5 de Agosto de 1932, 18 de Agosto de 1933, 18 de Abril de 1952 (Ercílio Rosa), 17 de Agosto de 1956 e JNH de 7 de Maio de 1960, 9 de Maio de 1964, 5 de Novembro de 1980 e 26 de Setembro de 1988. Ver ainda descrição do Ano Bom em PETRY, *Novo Hamburgo, florescente município...*, p.71

A jovem de família tradicional que até a década de 50 era mandada a internatos com a finalidade de se educar para o noivado e o matrimônio - sem, teoricamente, aulas práticas - e para dirigir o futuro lar e a lida doméstica: costurar, remendar, lavar e engomar, higienizar a casa e lidar com maestria na arte da *culinária* “*a fim de preparar gostosos quitutes para seus maridinhos*”¹⁷³, cedeu lugar à mulher independente e autônoma dos anos 80 e 90, concorrendo de igual na busca do prazer sexual, indo à caça de sua presa quando necessário. Foi-se o tempo das atividades de esperar marido: praticar hipismo, frequentar chás de caridade, fazer cursos diversos. De sólido somente ficou a preocupação milenar feminina: cuidar da beleza.

Diminuiu o casamento entre parentes que elevava a percentagem de excepcionais na colônia. O namoro no sofá ou no portão de casa sumiu de cena temporariamente, pois os olhares vigilantes dos pais e as más línguas da vizinhança e das *velhas recalçadas* impedia qualquer aproximação mais concreta. Uma moça aceitar um convite para ir à copa durante o baile não mais significaria namoro. *Encostar na eleita* não seria mais um fato comemorado pela torcida, nem segurar na pontinha dos dedos ocasionaria sonhos românticos.¹⁷⁴

“Tulivacot, naguele dempo era diferente, não como hoj, em gue os namorato cha vai agarando na bremera vez que fê. [...] A bai bremero brecissafa saper guem era o rabaiz, e zó depois dissia se podia o namoro. Hoj, os curria bremero casam, depois tizem pros bais. [...] Se a chende engosdava no rost do namorato a mãe e bai cha bodava olho grante. [...] Beicho só quanto dinha namorro virme. Mass os rabaiz zembre gueriam beichá a chende, brincipalmente depois do paile, guando, as fesses, iam chundo até a gaza da chente: - Alô, curria, quepmi ain cussia, alô, uns dissiam assim, odros fassiam roteio, dinham gonversa móI, assim: - Alô, quepmi ain brova de amôor. Vecha os olhos. Ich vil uma bicóta na boca, alô. [...] A chende usava roba de mulher, hoj a maorria usa roba de hom, esdas galças gombridas. Eu não gué sê adrasada, zeí gue é brático esdas calça, mass é roba de hom, isto é.”¹⁷⁵

Ainda na década de 70, fez-se campanha contra a nudez feminina para levantar a mulher mais alto nos degraus da decência, pois cria-se que a moça que mostrasse as nádegas na rua não poderia estar aspirando um bom casamento, uma vez que o homem cansaria de vê-la seminua em público e a consideraria imprópria para ser sua companheira, esposa e mãe de seus filhos. Mesmo assim, a mulher vestiu a mini-saia, peça considerada “*adubo para os olhos*” e indispensável na contenção de despesas do

¹⁷³ Ver JO5 de 30 de Junho de 1944 e JNH de 13 de Janeiro e 7 de Agosto de 1984.

¹⁷⁴ Ver JNH de 26 de Agosto e 5 de Novembro de 1980, 28 de Julho de 1981 e 13 de Maio de 1987.

¹⁷⁵ Depoimento narrado pelo jornalista Aurélio Decker, sendo da sua tia Lucila, no JNH de 16 de Maio de 1983

país pois economizaria tecido, e a calça comprida, ocasionando a triste situação de não saber quem era homem ou quem era mulher.¹⁷⁶

Nesta miscigenação de roupas, também muitos homens assumiram seu “*lado feminino*”. Em 1981, pôde ser visto uma típica cena londrina em um supermercado local: um jovem homossexual, vestindo roupas femininas, andando de mãos dadas com outro rapaz. Mas como Novo Hamburgo não era Londres, uma multidão seguia o casal discretamente.¹⁷⁷

A cidade evoluiu bastante, tornou-se natural católicos casarem-se com os evangélicos e vice-versa. O hábito de namorar no sofá voltou discretamente, pois na rua o risco tornara-se permanente.¹⁷⁸

Outros costumes típicos da colônia ainda permaneceram na Novo Hamburgo moderna, embora sem o mesmo prestígio. Como eficiente meio de comunicação no início do século, o sino anunciava na colônia incêndios, hora do dia e falecimentos. Na pequena comunidade poucos tinham relógio de pulso e os doentes eram conhecidos por todos. Se viesse a falecer um membro da comunidade, os colonos paravam seus afazeres e comentavam entre si: “*Horch! Iss ein man gerttorb. Ich tenga mohl das wea millesch pehts. Tea wa so tzimlichkrang gness, un is so ungefea finef un siptzich ioa ald. Sai bekrebniss is moia, um haleb fia. Un tea wa ein guda mam.*”¹⁷⁹ O repicar dos sinos fazia parte do cotidiano e todos se acostumavam desde pequenos. Acima de tudo, o sino tocando significava um chamamento à oração.

Na Novo Hamburgo que crescia acerbamente nos anos 60, tal costume afundou. Em meio à poluição sonora da cidade, o sino tornara-se um barulho a mais, muitas vezes lúgubre, irritante e assustador. A chamada para orar fora substituída pelo acertar o relógio, entrar ou sair do trabalho ou colégio, pegar o ônibus, almoçar, jantar, etc. O cotidiano substituiu a reflexão interior. O barulho do sino avisaria agora a morte, pouco a pouco, do indivíduo.¹⁸⁰

¹⁷⁶ Ver JNH de 2 de Março de 1973 e 11 de Abril de 1977.

¹⁷⁷ Ver JNH de 16 e 20 de Janeiro de 1981.

¹⁷⁸ Ver JNH de 30 de Novembro de 1981.

¹⁷⁹ Ver JNH de 30 de Janeiro de 1980. Tradução livre do texto citado em aspas: Escuta! Morreu alguém. Eu acho que foi doença de... Ele estava bem doente, e tinha mais ou menos 70 anos de idade. Seu enterro é amanhã às 3 e meia. E ele era um homem bom.

¹⁸⁰ Ver JNH de 5 de Dezembro de 1977.

Houve costumes que não mudaram, pelo menos em sua essência: fofocas e etiquetas.

As ruas estreitas de outrora, assemelhadas a filmes italianos com as comadres trocando novidades na hora de varrer as calçadas ou da passagem do verdureiro, tornaram-se amplas e largas, mas nem por isso deixaram de ser fontes à bisbilhotice alheia. Na cidade anônima, o costume provinciano cujas línguas viperinas despejavam fel e maldade, continuava. A onda de boatos, característico de cidade pequenas onde a preocupação constante de seus quase desocupados habitantes era deter-se na vida dos outros, tornava-se institucionalizada numa Novo Hamburgo dos anos 60 e 70. Nascido nos bares e cafés, assumia foros de verdade. Se o estado físico de algum veículo envolvido em acidente de trânsito fosse lamentável, o dono já virava defunto. Mas o prato predileto das bocas alheias era a conduta de moças e senhoras. Alguém lhes dava um amante e logo após entrava no *“me disseram”*. Se mulher fumando não significava mais que ela estava à beira da prostituição, as más línguas atingiam outros: aos desquitados – *“quem não sabia que aquilo iria terminar assim”*; aos que iam mal nos negócios – *“só podia quebrar, era só farra, mulheres e carros novos”*; aos que progrediam – *“trabalhou, mas tem algo de errado, até pandorga para subir precisa rabo”*; ao bebereão – *“não vai beber, com uma mulher que gasta tudo em porcarias e não lava um prato”*; à mulher que sofria – *“coitada, mas o marido é pior, tem até amante, é a fulana”*; aos toxicômanos – *“é fácil resolver, basta uma surra por dia”*; aos homossexuais que deixaram de apanhar nas ruas – *“uma raça odiável, não posso nem enxergar um”*.¹⁸¹

“Fofocas são idênticas à bomba atômica: nascem de um átomo e vão aumentando de volume e força, capazes de destruir uma cidade. A fofoca tem sua origem no inferno, e o seu chefe é o pai da mentira, o diabo”.¹⁸²

Na família tradicional a etiqueta perdurou. Era de bom tom, quando em local público, não se apresentar à um desconhecido com o qual tivesse sido trocado algum comentário. Mas se encontrasse algum conhecido na rua, e se estivesse na presença de um amigo ou amiga, a boa educação mandava parar para saudá-lo e imediatamente apresentar o acompanhante. Caso contrário, poderia parecer que se quisesse esconder a

¹⁸¹ Ver JNH de 19 de Julho de 1963, 27 de Setembro de 1968, 13 de Agosto de 1971 e 26 de Janeiro de 1981.

¹⁸² Herta Parto, JNH de 26 de Agosto de 1981.

identidade da relação. Em Novo Hamburgo, ainda nos anos 80, era comum tal apresentação relacionar a pessoa ao nome da família ou ao cargo que ocupava.¹⁸³

As da terceira turma, do *nouveau-riche*, que quando surgiu a moda de calcular matematicamente a classe social lotaram lojas para transporem a barreira na pontuação necessária para “*chegar lá*”, faziam de tudo para chamar a atenção, principalmente para aparecerem na coluna social...

“Estou na fossa, quer vir tomar um Jhonnie Walker Black Label comigo? [...] Meu amorzinho, bati esta foto no Plaza São Rafael há quatro horas atrás, paguei ao fotógrafo um nota para revelar a foto em tempo recorde. Publica na tua coluna amanhã, ok!”¹⁸⁴

Como não poderia deixar de ser, houve, em Novo Hamburgo, grande influência da cultura exterior. Na década de 60 surgiram os *play-boys*, alcunhados de refinados cafajestes, escravos do prazer, invertidos e tarados sexuais, ou simplesmente reis da malandragem. Na década de 70 o forte foram as gírias, que perduraram nas décadas seguintes. Na década de 90, a geração *shopping-center* e o *happy-hour*, a hora da descontração que tomou parte no cotidiano urbano.¹⁸⁵

Na cidade que viu mudar seus usos, hábitos e costumes, muito foi deixado de lado e outros tantos surgiram vindos de diversas culturas. A transformação foi sempre um parto difícil, pois em Novo Hamburgo quase tudo incomodava: música em bar, ensaio de conjunto jovem, agrupamento em frente à sorveteria, bolinha de gude na rua, etc. Para uma cidade que jactava-se pela pujança econômica vinda da indústria coureiro-calçadista, criança boa seria aquela que entretia-se com a televisão, o tempo todo.¹⁸⁶

3.3. O trem chegou... e partiu.

No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx celebrou o trabalho, as idéias e as realizações burguesas. Foram eles que materializaram o tão sonhado em termos de modernidade. Para Berman a vocação burguesa para a atividade primeiro se expressou nos grandes projetos de construção física: moinhos, fábricas, pontes, canais, etc. No século passado, a grande invenção que fez a força humana triunfar sobre a natureza foi a ferrovia. O *cavalo de aço* incendiou a imaginação dos que o viram pela primeira vez... “*arrastando sua enorme serpente emplumada de fumaça, à velocidade do vento, através*

¹⁸³ Ver JNH de 22 de Julho de 1981 e 2 de Março de 1983.

¹⁸⁴ Cenas pelas quais passou o colunista Paulo Scherer, narradas no JNH de 15 de Março de 1982.

¹⁸⁵ Ver JO5 de 29 de Agosto de 1958 e JNH de 18 e 20 de Março de 1970 e 11 de Novembro de 1994.

*de países e continentes, com suas obras de engenharia, estações e pontes formando um conjunto de construções que faziam as pirâmides do Egito e os Aquedutos Romanos e até mesmo a Grande Muralha da China empalidecerem de provincianismo.”*¹⁸⁷

Os trilhos da gloriosa invenção se esparramaram por várias regiões do planeta, e o Rio Grande do Sul não ficou de fora. Em 1867 a Assembléia Provincial aprovou um projeto autorizando o Estado a assumir uma garantia de juros sobre determinado montante financeiro. Fora dada a largada para a construção da primeira ferrovia gaúcha, e o privilégio coube à zona de colonização alemã, por sua importância econômica e proximidade com a capital Porto Alegre. Quando o contrato de construção foi assinado com uma Companhia Inglesa, a garantia foi concedida a somente parte do capital e com uma taxa superior à estipulada inicialmente. Os recursos necessários foram levantados por meio de ações, sendo que a parte que o governo garantia foi subscrita no exterior e o restante no mercado nacional.¹⁸⁸

A construção iniciou em 1871 e em 1874 foi concluído o trecho Porto Alegre - São Leopoldo. Dois anos passaram para os trilhos seguirem a Hamburgo Velho. Entretanto, sob alegação de falta de recursos, as obras foram paralisadas alguns quilômetros antes do *vilamento* citado. Entre controvérsias históricas, conta-se que no local foi levantada uma estação logo denominada de *New Hamburg*, certamente do empreiteiro inglês.¹⁸⁹

O local era um descampado. O centro religioso, social, comercial e industrial era em Hamburgo Velho e quem quisesse ir de trem à capital deveria seguir à pé ou de carreta até a estação na parte baixa. Em 1880 havia carros de 4 rodas com tração animal, porém a passagem custava caro. Intensificava-se o movimento entre a vila de Hamburgo Velho e a estação de *New Hamburg*. Pouco a pouco ao entorno dela foram sendo instalados armazéns para depositar as mercadorias a serem embarcadas via trem, hotéis,

¹⁸⁶ Ver JNH de 25 de Abril de 1988.

¹⁸⁷ HOBBSAWN, *A Era das Revoluções*, p.61. Ver ainda MARX, *O Manifesto do Partido Comunista* e BERMAN, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p.91

¹⁸⁸ Conforme PESAVENTO, *O Cotidiano da República*, p.16, a renovação capitalista Rio-grandense partiu do complexo colonial imigrante e não da pecuária tradicional. Como tal, a zona de colonização alemã recebeu primeiro a ferrovia.

¹⁸⁹ A controvérsia histórica refere-se ao surgimento planejado ou não do município no local da estação. O historiador Leopoldo Petry defendia a idéia de que a estação ali ficou acidentalmente pois acabaram as verbas (ver JO5 de 4 de fevereiro de 1944 e PETRY, *Novo Hamburgo, florescente município...*) mas surgiu controvérsias levantadas por Gastão Spohr, afirmando que a referida estação fora planejada anteriormente, e naquele ponto desejava-se que surgisse uma cidade (ver JNH de 5 de Abril de 1978).

casa de comércio e outros estabelecimentos. Assim, o local carrou um desenvolvimento urbano acentuado. Quando, em 1899, a estrada férrea seguiu para Taquara – passando pela vila de Hamburgo Velho – já estaria consolidada a posição de pólo central no entorno da estação novo-hamburguesa.

Em 1912 surgiu a idéia da criação de uma linha de bonde entre as duas localidades. O carro puxado à tração animal partia em frente da estação de trem e subia a rua General Neto até a Bento Gonçalves, seguindo até a praça 20 de setembro, dobrando na rua Júlio de Castilhos e dali em direção a Hamburgo Velho até o Hotel Esplêndido. Como o terreno era acentuado, o desgaste dos animais era freqüente. Poucas semanas bastavam para ter de trocá-los. Posteriormente foi adaptado um motor de automóvel no veículo. Mesmo assim, o empreendimento não gerou os lucros necessários para seu pleno funcionamento e, em 1915, a companhia suspendeu o tráfego, sendo logo depois retirados os trilhos e os dormentes.

Se o bonde local teve curta duração, o trem perdurou longos anos. Em 1927, quem quisesse ir à Porto Alegre poderia tomá-lo nos seguintes horários: 7:15, 15:22 e 18:55. Para Hamburgo Velho, viagem em que se gastava aproximadamente 10 minutos, tinha trem às 10:13, 12:17 e 18:24, sendo que no primeiro e no último horário o veículo seguia até Taquara. Em 1928 foi acrescentado o horário das 5:50 para Porto Alegre e 18:00 de lá para Novo Hamburgo, possibilitando assim a permanência de quase 10 horas na capital e a volta com a “*fresca da tarde*”. Pela praxe, tais horários estavam sempre atrasados 5 minutos em relação à hora oficial. Como a população das cidades do interior tinham por hábito acertar seus relógios pelo da estação local, a situação muitas vezes ficava confusa. Em 1935 os relógios foram acertados mas os problemas continuaram a existir. Um *desarranjo* na máquina poderia atrasar em até 5 horas a viagem, uma vez que a companhia dispunha de somente duas máquinas em cada sentido. Pior mesmo era esperar de vinte a trinta minutos no guichê da estação e obter a resposta que não havia passagem pois o carro vinha lotado.¹⁹⁰

Se para passageiros faltava lugar, para as mercadorias sobrava espaço. Causa disso era que muitos “*capitalistas locais*” preferiam remeter suas mercadorias para a capital via automóvel ou caminhão. A abstinência na utilização da ferrovia era em

¹⁹⁰ Ver JO5 de 9 de Setembro de 1927, 20 de Janeiro de 1928, 8 de Novembro de 1929, 17 de Junho de 1932, 14 de Novembro de 1935 e 30 de Julho de 1943.

virtude da exigência de guias impostas pelo fisco federal. Consideravam-na formalidade prejudicial ao negócio, pois desperdiçava tempo. Outro motivo importante era o da Viação Férrea não aceitar, durante longo tempo, o despacho de mercadorias em embalagens de papelão, pois criam terem eles pouca segurança, obrigando às “*firmas produtoras*” utilizarem a caixa de madeira, mais custosa. Assim, desprezavam os vagões ferroviários em prol do transporte rodoviário, mesmo sendo ele não tão veloz nem tão seguro. Tal medida, explorada em larga escala, prejudicou seriamente a renda da Viação Férrea. Se a mercadoria fosse para além das fronteiras brasileiras no Rio Grande do Sul - Uruguai ou Argentina - deveria ser reembarcada em nova composição, uma vez que os trilhos tinham bitolas diferentes, medida preventiva contra invasões indesejadas.¹⁹¹

Afora as mercadorias e os passageiros comuns, pelos trilhos da Viação Férrea rodaram passageiros ilustres. Autoridades políticas viajavam em trens especiais. A visita de Getúlio Vargas à Novo Hamburgo, antes da Revolução de 30, foi marcada por intenso alvoroço: “*às 13:30 horas, ouviu-se, á curva jusante, um salvo longo da locomotiva, e, a alguns momentos, a entrada triumphal do comboio á estação; a despeito do calor intenso que reinava, 33º a sombra, a locomotiva resfollegou nos primeiros arrancos e os circumstantes irromperam numa prolongada, expressiva e altissonante salva de palmas.*”¹⁹²

Os trilhos de trem que eram de extrema importância à comunidade, traziam também seus problemas. Com o crescimento urbano ao redor da estação, a cidade ultrapassou a divisa dos trilhos e aos poucos foi se ligando aos bairros que ficavam no lado oposto. O movimento, tanto de pedestres quanto de veículos, aumentava dia-a-dia, ainda mais com a construção da BR-2 (atual BR-116), que passou a ser a porta de entrada natural da cidade. Neste contexto, o leito da Viação Férrea passou a cortar a cidade ao meio, prejudicando o trânsito. Aos pedestres foram fechadas muitas passagens ao longo dos trilhos, através de cerca de arame farpado, aumentando o trajeto para os que moravam do outro lado.¹⁹³

Para os veículos que transpunham o leito, o risco era permanente. Entre tantos acidentes ocorridos um “*carrinho*” foi colhido em cheio quando tentava transpor os

¹⁹¹ Ver JO5 de 24 de Junho, 29 de Julho e 25 de Outubro de 1927 e 1º de Dezembro de 1961.

¹⁹² Ver JO5 de 11 de Outubro de 1929.

¹⁹³ Ver JO5 de 6 de Setembro de 1929 e JIN de 22 de Julho de 1931.

trilhos, os animais desobedeceram; um outro foi projetado à regular distância, ficando totalmente inutilizado, pois o motor estancou seu funcionamento, tendo o dono abandonado o veículo quando vira o eminente perigo se aproximar; um terceiro deu-se com um ônibus de linha que tentava atravessar a estrada e chocou-se com o trem de tal forma que o tanque vazou e explodiu, irrompendo em chamas ambos veículos.¹⁹⁴

Houve ainda outros acidentes envolvendo pedestres ou animais. Numa ocasião uma senhora caminhava trôpega no leito quando a locomotiva surgiu da curva em grande velocidade e o motorista ainda teve tempo de apitar, mas a anciã seguiu calmamente sua caminhada, pois era surda, e a locomotiva colheu-a em cheio. Noutra ocasião, um cavalo pastava no leito e foi atropelado, sendo em seguida sacrificado pois quebrara as pernas. Por fim, houve a da senhora que estendia roupa no quintal que divisava com o leito, quando uma vaca lhe atacou e lhe atirou longe, indo parar na frente do trem que, justamente no momento, passava no local.¹⁹⁵

Além da desatenção dos motoristas, coisa que não ajudava eram as sinaleiras, célebres e arcaicas que não preenchiam sua finalidade e constituíam-se legítimos “*fogos fátuos*” para os condutores que nelas se fixavam.¹⁹⁶

Com os constantes acidentes ocorridos nos entroncamentos dos trilhos da rede ferroviária com as ruas da cidade houve apelo de políticos, mas uma intensa campanha, utilizando *out-doors* e televisão, alertando aos motoristas quanto aos perigos dos cruzamentos, foi feita somente quando extinguíram-se as linhas férreas em 1966. O slogan era atraente: “*Você pode parar, o trem nem sempre*”, mas chegou vinte anos atrasado.¹⁹⁷

No final da década de 50 e início da de 60, o estado da ferrovia era precário, não tinha acompanhado a evolução desejada. O alto custo de manutenção e renovação das linhas, aliado à falta de verbas extras, melhoramento de rodovias e introdução de melhores ônibus, fizeram ela perder gradativamente a preferência do público. Em 1961 já se previa a extinção do tronco ferroviário Taquara - Porto Alegre, coisa que somente aconteceu em 1964. Em seu lugar a Prefeitura obteve autorização para construir uma

¹⁹⁴ Ver JO5 de 16 de Março de 1928, 30 de Maio de 1930, 23 de Janeiro e 23 de Outubro de 1931, 21 de Agosto de 1953 e 6 de Setembro de 1957.

¹⁹⁵ Ver JO5 de 27 de Novembro de 1931, 2 de Abril de 1937 e 16 de Janeiro de 1959.

¹⁹⁶ Ver JO5 de 21 de Agosto de 1953 e 11 de Junho de 1960.

¹⁹⁷ Ver JO5 de 11 de Janeiro de 1952 e JNH de 4 de Junho de 1986.

perimetral. Substituíram assim o tipo de veículo no risco de atropelamento: do trem para o veículo automotor.¹⁹⁸

Houve tentativas e estudos para a vinda de outros tipos de trens, condizentes com os tempos modernos. Cogitou-se na instalação, na década de 70, do trem aéreo japonês. A composição, com 3 ou 4 vagões de 110 passageiros cada, se locomoveria sobre um monotrilho em ambos os sentidos, a uma altura de 5 metros do solo, sustentado por pilastras de concreto a cada 20 metros. Imaginaram até a linha passando pelo leito do arroio Luiz Rau, pois o barulho seria mínimo para as residências localizadas nas margens. Calculou-se em 15 minutos a viagem entre Novo Hamburgo e Porto Alegre. Outro sonho não concretizado foi a instalação em 1981 de uma linha piloto do aeromóvel fabricado pela empresa gaúcha Coester, que teria como saída de seu itinerário a avenida Victor Hugo Kunz no bairro Canudos até a Nicolau Becker no Centro. O veículo rodaria a 3 metros de altura, impulsionado pelo vento canalizado num corredor sob os trilhos.¹⁹⁹

Entre o futuro desejado e o passado enterrado, o trem desapareceu da cena hamburguense. A ilustre invenção humana, que fez afluir inúmeras pessoas de todos os lados para ver o veículo andar sem ter burros para puxar, encantando à todos, que fez pensar que teria gente morrendo de ataque cardíaco e que as vacas não ficariam mais prenhes, tal o espanto com a velocidade de 15 km/h alcançada pelo enorme veículo, que fez crianças se emocionarem ao vê-la esfumaceando no horizonte e sonharem que atravessavam as savanas norte-americanas cercado de índios comanches, não teve espaço na Novo Hamburgo moderna.²⁰⁰

“Os trens não podem parar porque são impulsionados pelo coração dos homens que nasceram e viveram ouvindo a música das locomotivas e os chiados da pressão escapando pelas válvulas.”²⁰¹

3.4. Os veículos particulares tomam conta da rua

“Passa o barulho dos carros, carregando bons senhores, que fogem da simplicidade dos amores.”²⁰²

¹⁹⁸ Ver JO5 de 10 de Outubro de 1959 e JNH de 15 de Julho de 1961, 6 de Novembro e 4 de Dezembro de 1964.

¹⁹⁹ Ver JNH de 6 de Novembro de 1970, 18 de Agosto de 1972 e 14 de Maio de 1981.

²⁰⁰ Ver JO5 de 6 de Junho de 1947 e JNH de 6 de Novembro de 1964 e 5 de Dezembro de 1983.

²⁰¹ Vinícius Bossle, JNH de 10 de Fevereiro de 1962.

²⁰² Carlos Nunes, JNH de 22 de Dezembro de 1980.

A compra de um automóvel suscita, de acordo com E. Morin²⁰³, um prazer real. Aquele que o adquire crê estar realizando um ato racional, em função de uma evidente utilidade como rapidez, comodidade e liberdade. Entretanto, ao contrário da primeira impressão, o automóvel tem um misterioso poder. Seu próprio uso numa cidade grande revela um contra-senso. Ao conduzir um veículo, tendo à disposição uma incrível força bruta a partir de um simples movimento de mão e pressão do pé, tem-se a impressão de domínio do tempo e do espaço. Apesar disto, os engarrafamentos constantes, o controle de velocidade e a escassez de vaga para estacionar são pesos contrários na balança da utilidade. Com um transporte público ficar-se-ia livre de tais questões, mas a imagem de liberdade que ele proporciona, aliada a possível fuga, acabaria. No anonimato urbano, o homem é somente mais um dentre os demais. Ao volante torna-se senhor absoluto de uma incrível máquina que dota-lhe de uma energia extraordinária. Como num brinquedo infantil, no automóvel o homem expressa sua personalidade interior, vive experiências e aprende com os riscos que corre. A locomoção particular torna-se para ele o que a concha é para o caracol, impossível dissociar. O desejo de posse corresponde a uma necessidade profunda. Sempre há justificativas suficientes para sua aquisição, mesmo que isto desequilibre o orçamento. Compensando sentimentos de inferioridade e favorecendo a descontração, o automóvel desempenha o papel de catarse: desoprime.

A tendência em utilizar o veículo particular foi muito forte em Novo Hamburgo. Já na década de 60 a cidade jactava-se em ser a segunda colocada no índice que media o número de carros em relação ao de habitantes. Com 70 mil moradores havia quase 5 mil automóveis registrados na delegacia local. No final da década de 70 já eram 22 mil veículos, um para cada seis habitantes.²⁰⁴

O “*autinho*” tornou-se desde cedo paixão local. Em 1928 a chegada de novos modelos fazia a multidão dirigir-se às agências locais para ver “*o primeiro carro do último tipo*”. Anúncio de carros da Ford ou da Chevrolet ocupavam páginas inteiras no jornal. Bombas de gasolina eram instaladas cada vez com maior frequência. Os serviços automotivos se modernizavam. Na crise de 1929 houve escassez do produto. Na 2ª grande guerra houve racionamento. Autos particulares ficaram proibidos de rodar. As autoridades policiais receberam instruções para apreender veículos infratores. Nesses

²⁰³ MORIN, *Sociologia: do microsocia ao macroplanetário*, p.188-193

²⁰⁴ Ver JNH de 6 de Março de 1964 e 4 de Janeiro de 1978.

casos a gasolina era cedida aos carros de praça e aos de transporte de carga e o carro era recolhido ao depósito judicial. Com 375 veículos, o consumo baixou de 90 mil para 26 mil litros por mês, trazendo problemas para o transporte e para a produção. Ensaiou-se a utilização do gasogênio, mas para tais veículos carecia força: “*precisam formar vertiginosa corrida para subirem a terrível rampa, tal o aclave da ligação*”. Além do mais, podia-se perder a manivela do ventilador.²⁰⁵

Passado as épocas difíceis, o automóvel voltava com toda a força. Na década de 80 Novo Hamburgo ficou conhecida como a “*cidade dos mil Gálixes*”. A circulação de muitos agentes importadores de calçados acostumados a rodarem em carros grandes e confortáveis (na maioria eram importadores norte-americanos), ocasionaram tal fato. Além do mais, com o Gálixie os buracos nas ruas passavam despercebidos e em caso de acidente era mais provável virar o outro veículo, mesmo que ele fosse um pesado ônibus. Mas longe de ser privilégio dos mais abastados, o confortável carro, quando bastante usado, ia ao encontro dos menos favorecidos, e apressava a ascensão destes, no sentido inverso, tal o exorbitante consumo. Como cidade que gostava de mostrar e lembrar sua opulência financeira, também circulou pelas ruas uma das duas Mercedes-Benz zero quilômetro existentes no Rio Grande do Sul, fato anterior à “*farra dos importados*” dos anos 90, que além de falir fábricas e produzir desemprego, fez automóvel estrangeiro disputar espaço com carros velhos.²⁰⁶

Isto tudo porque a mentalidade reinante era que compra de um automóvel significava algo mais do que sua real utilidade. Adquirir uma marca nacional equivaleria demonstrar que o Balanço tinha deixado muito à desejar. A aquisição de um de “*segunda mão*” era que a fábrica “*andava pelas caronas*” e faltaria até crédito. Por isso a necessidade de comprar um automóvel “*grandão*”, último modelo e de preferência “*importado*”, para que todo mundo notasse que os negócios iam bem. Certo é que a era do automóvel se concretizou. Tornado o novo Deus da civilização, todos passaram a trabalhar em função dele, de como consegui-lo e troca-lo constantemente.

²⁰⁵ Ver JO5 de 20 de Maio de 1927, 6 de Janeiro, 23 de Março e 14 de Dezembro de 1928, 10 de Maio e 26 de Julho de 1929, 17 de Julho e 11 de Setembro de 1942, 30 de Abril e 4 de junho de 1943.

²⁰⁶ Ver JNH de 1º de Novembro de 1974 (charge), 6 de Abril de 1981, 15 de Janeiro de 1985, 15 de Janeiro de 1986, 21 de Julho de 1989 e 7 de Abril de 1995.

Em 1968, Novo Hamburgo já contava com um “*cemitério de automóveis*”, negócio até então inédito na região.²⁰⁷

Já no ano de 1928 previa-se a substituição da estrada de ferro pela de rodagem. Com um aparato técnico, administrativo e burocrático dispendioso, e o comércio, a indústria e os passageiros exigindo algo dinâmico, os veículos automotores foram a solução encontrada em substituição ao trem. O próprio conceito de “*distância*” sofreria modificações. Uma simples viagem dentro do Estado, que em 1930 ou 40 provocava a idéia de ausência durante semanas inteiras e uma série de transtornos, trabalho, obstáculos, contrariedades e desventuras, seria substituída pelo conforto e rapidez proporcionada pelo automóvel.²⁰⁸

Ruas esburacadas e abandonadas que a chuva transformava em lamaçal, foram “*metamorfoseadas em belíssimas avenidas*”. A cidade foi sendo construída em função do automóvel. O prefeito campeão de votos foi aquele que tornou Novo Hamburgo uma verdadeira “*asfaltolândia*”. Preocupado com os carros, o pedestre, teoricamente intocável, vivia seu inferno particular. A faixa de segurança era pouco respeitada e as sinaleiras existiam só para os carros pois mudavam em dois tempos.²⁰⁹

“Minha rua... Aí começa a desventura da pobre transeunte da minha rua, que não pode comprar um ‘super’ para voar baixinho a tirar poeira na cara dos outros. A ‘aza voadora’ passa. A poeira micro pulverizada como o pó de arroz Coty ergue-se do chão onde estivera dormindo ou espreitando as pobres vítimas (esse mundo quebrado está tão povoado de gente ruim, que eu chego a atribuir maldades as coisas inanimadas) e joga-se sobre a infeliz criatura: densa, compacta, asfixiante, a gente tenta resguardar, pelo menos os pobres pulmões - que não pediram para passear e não têm nada que ver com as conseqüências que daí resultam e leva o lenço a boca e ao nariz. Mas aí, o malvado do pó nada respeitosa, sente-se os olhos em fogo; abandona-se os pulmões e se leva o lenço aos olhos. Mas, acontece que vêm outro transeunte em sentido contrário, também procurando se proteger na medida do possível, da catástrofe pulverizada e zás: sentimos um choque em todo o corpo e ouvimos um palavrão. Em conseqüência disso, sorvemos, para completar a desgraça, um longo austo do maligno pó.”²¹⁰

Mesmo com questionáveis investimentos em infra-estrutura urbana, o número de veículos crescia mais rapidamente. As ruas ficavam dia-a-dia mais estreitas diante do crescente movimento, e não conseguiam mais dar a vazão necessária. Ao mesmo tempo que o aumento do número de veículos materializava o crescente poder aquisitivo, mais

²⁰⁷ Ver JNH de 16 de Março de 1962, 5 de Julho de 1968 e 22 de Janeiro de 1981.

²⁰⁸ Ver JO5 de 20 de Janeiro de 1928.

²⁰⁹ Ver JO5 de 15 de Maio de 1931 e 23 de Março de 1945 e JNH de 25 de Julho de 1973, 19 de Julho de 1987 (charge) e 30 de Abril de 1993 (charge).

²¹⁰ JO5 de 10 de Dezembro de 1948.

desumano se tornava a área urbana, ficando extremamente congestionada nos horários de pique.²¹¹

Muito mais que o excessivo número de veículos nas ruas, o trânsito perigoso ficava por conta dos próprios condutores. A falta de observância das leis e regras punha em constantes riscos a população. De berço, a correria foi generalizada. No começo foi nas ruas macadamizadas “*onde os chauffeurs, sem nenhuma consideração para com os transeuntes e com os riscos de graves acidentes, abrem a descarga de seus vehiculos, correndo loucamente, sem sequer fonfonarem nos bifurcamentos das ruas.*”²¹²

Na coletividade onde imperava a idéia de rua como selva, reinava a anarquia, apesar das constantes regulamentações previstas no códigos de posturas municipal, como o desvio pela direita e o uso obrigatório da caderneta de motorista, já no final dos anos 20. As novas ruas retas e macadamizadas serviam de pista de corrida: “*os conductores entram com 25, abrem para 45, e rufflam para 80 a 100 quilômetros.*” Isto quando a velocidade máxima estava limitada a 30 km/h para carros e motocicletas e 20 km/h para ônibus e caminhões. Mesmo em locais que exigiam maior atenção, e menor velocidade, os carros “voavam” a 60, 70 e 80 quilômetros horários. Em 40 ou 50, os “*meninos bonitos*” transformavam as principais artérias da urbes em verdadeiras pistas de prova. Em 1960, as “*Pintacudas*” estacionadas irregularmente entravavam o trânsito. As descargas abertas causavam a impressão de se estar no pátio de uma oficina mecânica. As ruas de mão única era utilizadas na contramão. Menores e não habilitados flanavam sem qualquer preocupação. “*Conductores de motocicletas*” e donos de lambretas feriam os tímpanos alheios com o ruído de suas descargas. Em 1970, o tráfego de carroça nas ruas centrais fazia do trânsito uma piada. Numa administração elas foram proibidas de trafegar no centro. Erradicou-se a *carrocinha* do padeiro, do verdureiro e do biscateiro. Além de proibidas era mais em conta manter um carro velho do que um cavalo bem alimentado. Mas com os constantes aumentos de preço dos combustíveis elas reapareceram com toda força nos anos 80. O cheiro de esterco do

²¹¹ Ver JNH de 4 de Julho de 1973, 1º de Julho de 1982 e 5 e 9 de Junho de 1987.

²¹² Ver JO5 de 22 de Novembro de 1929 e 10 de Janeiro e 13 de Junho de 1930.

cavalo sumiu. Em seu lugar a imagem dos anos 90: homens, mulheres e crianças puxando suas *carrocinhas* em busca de papel velho.²¹³

Em matéria de trânsito, Novo Hamburgo apresentava um quadro semelhante ao *kerb* às 4 horas da madrugada: ninguém mais se entendia. Quem dirigisse dentro dos limites e da legislação em vigor levava buzinação, gracinhas e até ofensas dos apressados. Com a pouca fiscalização, os automóveis, num estilo garboso, continuavam seu trajeto. O perigo diminuía quando da colocação de inspetores de tráfego, quando o pessoal do Departamento de Polícia “*mandava brasa*” ou quando a Brigada Militar agia de maneira acintosa e um tanto brusca.²¹⁴

Apesar de melhorias nas estradas, o trânsito piorava. Mesmo com ruas novas o tempo para ir de um local ao outro aumentava. Um acidente engarrafava completamente o trânsito.²¹⁵

E não passava dia sem se verificar choques de veículos nas ruas da cidade. Os motivos e o modo como eles ocorriam eram os mais diversos: arames esticados atravessando a rua e animais espantados arrastando o condutor; manobras infelizes virando o veículo e capotagens devido a velocidade excessiva; motoristas imprudentes soltando a direção para apanhar o chapéu e caroneiros caindo ao solo pelo mesmo motivo; motoristas que atropelavam e fugiam em grande velocidade e com os faróis apagados e atropelamentos em meio à multidão de pedestres; direção frouxa causando acidentes e postes de luz arrancados com violentos choques; crianças brincando na rua sendo atropeladas e curiosos presenciando tais cenas mórbidas de atropelamento com os automóveis seguindo sua jornada mecânica e indiferente. Certo é que em Novo Hamburgo os veículos logo matavam mais do que qualquer outra arma.²¹⁶

“Meu reino e minha vida por um carro. Quando uma pessoa, considerada normal, entra num carro, transforma-se. Dentro, sente-se rei, dona do mundo, e procura mostrar o que sabe fazer. Desliga-se do mundo e zuuummm, zanza por aí como mosca tonta. Se os carros fossem inquebráveis e os pedestres robôs poderíamos fazer isso. Entretanto, sentamos num

²¹³ Ver JO5 de 6 de Dezembro de 1929, 9 e 30 de Janeiro, 6 de Fevereiro e 18 de Setembro de 1931, 1º de Junho de 1935, 19 de Junho de 1953 e JNH de 1º de Abril de 1961, 5 de Dezembro de 1962, 8 de Novembro de 1963, 16 de Junho de 1971, 14 de Dezembro de 1984 e 20 de Março de 1985.

²¹⁴ Ver JO5 de 20 de Fevereiro de 1931 e JNH de 12 de Junho de 1964, 5 de Novembro de 1969 e 3 de Fevereiro de 1990.

²¹⁵ Ver JNH de 19 de Maio de 1971, 14 de Agosto de 1974 e charges de 15 de Maio de 1970, 21 de Abril de 1989 e 6 de Agosto de 1991.

²¹⁶ Ver JO5 de 30 de Maio de 1930, 30 de Janeiro e 18 de dezembro de 1931, 11 de Março e 29 de Abril de 1932, 17 de Março e 26 de Maio de 1933, 1º de Junho de 1935, 19 de Maio de 1944 e 16 de Junho de 1954 e JNH de 25 de Agosto de 1967 e 14 de Julho de 1986.

compartimento cujas paredes são tão frágeis que basta uma batida e a lata já amassa. O carro não é o culpado, pois ele não anda sozinho.”²¹⁷

Se o grande movimento de veículos impressionava a todos, principalmente no final da temporada de verão e retorno às aulas, na época de férias a cidade ficava vazia, silenciosa e melancólica. Desaparecia o “*bulício da juventude, o atordoar das motos e a interminável estridência das buzinas*”. Mesmo em outras épocas coexistia a correria urbana no caótico trânsito e o bucolismo interiorano ou a “*densa fumaça cheirando à fábrica*” e as nuvens de fumaça produzidas pelo escapamento dos veículos. O uso do automóvel aliado à preocupação de chegar, à balbúrdia do trânsito, às sinaleiras, etc., fazia da cidade uma verdadeira desconhecida. Para quem caminhava ela apresentava-se de uma forma e para quem dirigia, de outra.²¹⁸

Quem não dispunha de recursos para adquirir um veículo próprio poderia andar de carro num dos diversos táxis existentes ou “*carros de praça*”, como eram conhecidos no início. Mas era preciso preparar o bolso pois um pequeno aumento no preço dos combustíveis significava um grande aumento no preço da “*corrida*”. Por esta razão o repúdio, por parte dos taxistas, e a alegria, por parte dos usuários, na obrigatoriedade do uso do táxi na década de 60. Quem preferisse se resguardar de tais despesas poderia andar de carro no próprio enterro. Desde 1928 o féretro em Novo Hamburgo era puxado por um carro fúnebre provido de motor próprio.²¹⁹

Bem ou mal, certo é que o veículo revolucionou o modo de vida de todos...

“O automóvel poderá dar à mulher moderna condições ainda inéditas para fiscalizar o homem, criando para este situações mais do que impertinentes. As saias justas e os sapatos salto 7 ou 9 impediam que a mulher nos alcançasse com as próprias pernas. A arma do momento é o automóvel. Com ele a mulher é tão rápida quanto o homem, e pode caçá-lo, dia e noite. Talvez o auto seja o instrumento de novas e amargas decepções femininas. É provável que ele destrua algumas das melhores ilusões da mulher, que pela sua delicadeza e sensibilidade jamais poderia compreender a perdoar os pecados masculinos.”²²⁰

3.5. Atenção ao volante: animais soltos e sinais de trânsito.

“Sinais de trânsito regem a orquestra da cidade grande.”²²¹ Walter Benjamin

²¹⁷ Liti Rutzen, JNH de 26 de Maio de 1972.

²¹⁸ Ver JO5 de 30 de Janeiro de 1931, 3 de Junho de 1932 e 17 de Março de 1944 e JNH de 20 de Julho de 1973, 18 de Janeiro de 1983, 10 de Maio de 1985 e 28 de Novembro de 1995.

²¹⁹ Ver JO5 de 27 de Maio de 1927, 17 de Fevereiro de 1928, 13 de Março de 1931 e 8 de Janeiro de 1937 e JNH de 28 de Janeiro de 1961 e 7 de Julho de 1967.

²²⁰ Vinícius Bossle, JNH de 9 de Outubro de 1964

²²¹ Imagens do Pensamento, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.157

Novo Hamburgo crescia e necessitava de regras para disciplinar a vida urbana. Na rua os carros apareciam, timidamente no início, depois acentuadamente. O trânsito conturbava-se cada vez mais. Organizar, disciplinar e ordenar tornaram-se verbos necessários à vivência moderna. O livre trânsito era condição indispensável ao bom viver de todos.

Entre os muitos problemas a serem atacados estava o dos animais soltos que vagavam ao bel-prazer nas vias públicas. Se no vilarejo de feições coloniais em 1930 eles ainda eram admitidos, na cidade de 1960 em diante, onde iniciava o reinado automobilístico, eles eram um entrave a ser eliminado.

Em matéria de animais soltos, os cães mereceram atenção especial por parte das autoridades locais desde a emancipação. Para uma administração que procurava zelar pela beleza do município, cães vadios nas vias públicas não poderiam ser admitidos. Aqueles que fosse encontrados vagando sem a chapa de identificação e açaimados com o devido cabrestilho no focinho para não morderem, seriam recolhidos para posterior eliminação com arsênico.²²²

Se na década de 30, as ruas da “bella” capital gaúcha estavam sendo “*enfeidadas por uma multidão de cães nojentos, cheios de mazelas, que enxameiam as calçadas expondo sua rabunagem ao sol, muito pachorramente*”, em Novo Hamburgo a cachorrada não se limitava a dormir e vadiar pelos passeios públicos, eles muitas vezes agrediam transeuntes: “*Nada mais desagradável do que esta falta de garantias para as nossas pernas proveniente da excessiva liberdade dada à sociedade canina*”. O código de posturas previa responsabilidades aos proprietários de cães que deixassem seus *fêis companheiros* soltos, com agravos caso eles viessem a provocar “*estragos feitos pelos dentes dos seus mollosos na integridade physica dos cidadãos*.”²²³

O excesso de cães vagando tinha uma explicação lógica. Numa sociedade pequena, onde todos se conheciam e os roubos eram pouco frequentes, não havia razão em se ter a residência gradeada e com cães para afastar os “*amigos do alheio*”, como atualmente é sua finalidade maior. Além disso, poucos alimentavam inutilmente um animal deste. A preferência recaía nas vacas, porcos, cavalos e galinhas, pois traziam algum retorno à família. A posse de um cachorro tinha por objetivo a caça. E pela

²²² Ver JO5 de 21 de Dezembro de 1928 e 29 de Agosto de 1930.

ausência de grades nas casas dos proprietários, a fuga tornava-se facilitada, quando não eram eles simplesmente criados soltos. Com o tempo, e o natural crescimento urbano, a cidade passou a proibir a caça em seus arredores. Logo, os cães tornaram-se inúteis. Muitos foram largados ao bel-prazer para que conseguissem seu próprio alimento vadiando na cidade. Com o aumento da violência urbana, o cão assumiu a função de guardião e passou a ficar preso na coleira ou no pátio gradeado.²²⁴

Com o abandono dos cães por parte dos proprietários, tornou-se freqüente pelas autoridades adotar uma medida considerada louvável e saneadora: a eliminação. Não faltaram paladinos na luta pelo extermínio canino. As queixas cresciam. Ainda em meados de 1950, os cachorros punham em polvorosa as pessoas: ladravam noite adentro sem parar, atacavam e mordiam crianças e velhos, assaltavam casas em busca de alimento, rasgavam vestes de transeuntes. A comunidade canina contava com cães de todas as raças e tamanhos, numa miscigenação tal que formou-se uma nova raça, alcunhada de *vira-latas*. O proprietário de algum cachorro fujão, se o quisesse de volta, deveria pagar multa e alimentação gasta enquanto preso, e dar-lhe vacina e colocar-lhe coleira e focinheira, isto tudo até três dias depois dele preso. Os que eram esquecidos no cárcere poderiam ter como destino nada agradável a fábrica de sabão. Querendo fosse feita justiça, elementos criminosos percorriam a cidade na calada da noite envenenando os cães, estivessem eles presos ou soltos.²²⁵

Na cidade que queria ter foros de civilização ainda eram encontrados outros animais: bois, vacas e cavalos. Soltos, invadiam quintais, rompendo cercas e estragando pertences. No perímetro urbano era comum algumas pessoas engordarem porcos e criar galinhas²²⁶, como se ainda vivessem na colônia e fosse comum tal situação...

“Terneira detida. Encontra-se recolhida ao pátio do quartel de polícia municipal, há cerca de cinco dias, uma terneira de pello branco e preto, a qual vagava na via pública.”²²⁷

Para o trânsito, tais animais soltos eram uma preocupação constante. Alguns irresponsáveis e desordeiros, para agravar a situação de perigo, espantavam os animais

²²³ Ver JO5 de 14 de Fevereiro de 1930

²²⁴ Ver JO5 de 25 de Agosto de 1933

²²⁵ Ver JO5 de 2 de Março e 17 de Agosto de 1956 e JNH de 16 de Abril de 1960, 14 de Outubro de 1961 e 6 de Março de 1964.

²²⁶ Ver JO5 de 17 de Agosto de 1956.

²²⁷ JO5 de 6 de Maio de 1931.

com o fito de ver motoristas desavisados desviarem com manobras bruscas do perigo de colisão.²²⁸

Embora nunca eliminados completamente, o número de animais soltos nas ruas diminuiu com o passar do anos. O trânsito aumentou e o problema passou a ser outro: os sinais de trânsito.

As primeiras sinaleiras na cidade foram as da Viação Férrea que cortava a cidade ao meio. Célebres e arcaicas, pouco preenchiam a finalidade a que se destinavam, pois freqüentemente não funcionavam e constituíam-se em legítimos “*fogos fátuos*” para os condutores que nelas se fixavam.²²⁹

Para organizar o trânsito de veículos automotores, foram instaladas sinaleiras automáticas nos principais entroncamentos urbanos. Levou 30 anos para os semáforos serem sincronizados entre si e para o pedestre ganhar uma sinalização própria, mesmo que tenha sido quase inútil, tamanho o desrespeito. Aliado a isto, o movimento intenso, a inutilidade da faixa de segurança e a sinaleira de dois tempos, tornava a vida do pedestre um perigo constante. E com o hábito vindo da freqüente orientação pela sinalização luminosa, o mal funcionamento causava embaraços diversos.²³⁰

Além de semáforos, Novo Hamburgo contava com um bom sistema de sinalização. Mas as placas de trânsito coexistiam com *outdoors*, sinais, letreiros, tabuletas, informações, anúncios, cartazes, folhetos, manchetes, luminosos, enfim, uma gigantesca aglomeração de textos ou constelação de escrita que, poluindo o visual, se erguia diariamente diante dos habitantes.²³¹

Apesar de ser bem sinalizada no trânsito, o desrespeito às regras estabelecidas era enorme. “*Novo Hamburgo é uma cidade de contradições: tem grande número de sinaleiras e os motoristas são os mais irresponsáveis.*” Para conter isto, na década de 70 a cidade implantou um sistema de tartarugas, obstáculo ovalado colocado lado a lado em toda extensão da rua, com o objetivo de diminuir as correrias. Caso o motorista não as respeitasse poderia quebrar uma mola ou até a ponta de eixo do veículo. Não logrado

²²⁸ Ver JNH de 16 de Dezembro de 1961.

²²⁹ Ver JO5 de 21 de Agosto de 1853 e JNH de 11 de Junho de 1960.

²³⁰ Ver JO5 de 27 de Fevereiro e 9 de Outubro de 1953, 4 de Setembro de 1959, 30 de Dezembro de 1960 e JNH de 14 e 28 de Outubro de 1961, 12 de Janeiro de 1963, 25 de Julho de 1973, 5 de Janeiro de 1982 e 4 de Janeiro de 1984.

²³¹ Ver JNH de 24 de Dezembro de 1990. Ver ainda BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, p.273

o êxito esperado, na década seguinte iniciaram a instalação de “*quebra-molas*”, saliência única de um ao outro lado da rua. Na década de 90, Novo Hamburgo já era conhecida como a capital do “*quebra-mola*”, pois em quase todas as ruas existia o obstáculo. Isto porque, parar no sinal vermelho não significava grande coisa. Antes de aparecer o sinal verde já havia um apressado buzinando neuroticamente. Motivo maior era a mentalidade reinante...²³²

“Como está bom o rádio, não? Sim, o som está bárbaro. Tu já reparastes como a máquina está puxando bem, até parece um cavalo, me dá vontade de voar, a ti não? É bom sim, a máquina está tinindo. Vou sentir a sensação de levantar vôo. O velocímetro marca 100, 110, 120, 140. A sensação é o máximo.”²³³

Para os dias complicados que se seguiram à cidade modernizada, a sinaleira representou uma nova forma de vida na década de 90. Enquanto se esperava passar os “*trabalhadores da fruteira do semáforo*” ou os pedintes, poder-se-ia praticar a terapia da sinaleira.²³⁴

“Requisitos: um automóvel, pouco tempo para o relax, uma dose razoável de estresse e disposição para se adaptar à vida moderna. Some a isso quatro ou cinco sinaleiras no seu caminho e um intelecto mínimo para ler enquanto dirige. A leitura é só o início, depois você decora o texto e não precisa mais do jornal. A terapia é feita no trajeto diário de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Você entra no carro com o jornal na mão, põe a chave na ignição e vai lendo o texto. Um ônibus lhe pisca os faróis atrás e um fusca velho na frente não deixa você ir mais rápido. Na primeira sinaleira uma senhora com uma criança no colo lhe cutuca o vidro pedindo dinheiro. Você não tem culpa mas se sente mal. Diz “Não” com a cabeça e prolongando o movimento começa o aquecimento do pescoço alternando esquerda direita. Debride, abra o cinto e desabote o botão da calça. Dê uma de iogue: exale todo o ar dos pulmões e contraia a pança. Aspire o oxigênio que resta à sua volta pausadamente. Na outra sinaleira tire os sapatos e faça uma massagem chinesa. Massageie o pé esquerdo no debriador e o direito no freio. Sinal verde à vista. Arranque e apague da mente os afazeres e imagine que seu dia irá ser bom. Diga bem alto: o meu chefe é bom.. o meu salário é bom. Frases como estas você intercala entre as sinaleiras. Na próxima sinaleira abra o vidro, estique os braços na altura dos ombros e movimente-os num vai e vem tal qual um pássaro. É o tai-chi adaptado à sinaleira do trânsito. Todo mundo tá vendo, mas você está livre em pleno trânsito... Você precisa voltar à realidade, por isso cante: ai, ai, ai, tá doendo o bolso... crie uma melodia.”²³⁵

3.6. O ônibus passou lotado...

“Passa o ônibus dos operários levando esses homens sem rima,

²³² Ver JNH de 6 de Junho de 1973, 9 de Junho de 1987, 3 de Fevereiro e 29 de Outubro de 1990 e 9 de Março de 1992

²³³ JNH de 28 de Junho de 1968.

²³⁴ Ver JNH de 4 de Outubro de 1991.

²³⁵ Rogério Goldman, em JNH de 26 de Setembro de 1994.

que são obrigados à simplicidade da rotina.”²³⁶

Conforme Simmel, “*as relações recíprocas dos seres humanos nas cidades se distinguem por uma notória preponderância da atividade visual sobre a auditiva*”. Este predomínio do “*olhar calado*” acentua-se principalmente nos meios de transporte públicos. Neles as pessoas estão obrigadas a se encarar em silêncio durante longo tempo. Esta obrigatoriedade de ficar mudo face a face com o vizinho de banco tornou-se característico nas cidades grandes. Tal fato ocorreu em Novo Hamburgo, mas de uma forma um tanto peculiar. Esta peculiaridade não deveu-se ao seu tamanho. Se no início todos os moradores se conheciam, com o crescimento populacional este fato perdeu em muito sua importância. O aspecto particular residiu na precariedade dos serviços prestados pelas concessionárias ao longo de toda sua existência. Por causa do transporte público débil, pessoas estranhas tinham maiores probabilidades em trocar breves comentários entre si. Em ônibus que entrava “*mais gente do que em velório de rico*”, tornava-se difícil permanecer indiferente à situação. Isto propiciava comentários com o vizinho, e destes comentários seguiam-se outras assuntos.²³⁷

Foi na década de 30 que o ônibus consolidou-se como transporte público. Linhas saídas de Novo Hamburgo para as regiões circunvizinhas foram sendo criadas. Horários existentes foram ampliados.²³⁸

No início, os *auto-omnibus* que faziam o transporte regular entre a vila de Novo Hamburgo e as diversas localidades tinham como ponto de partida e de chegada o Café Avenida, localizado na avenida Pedro Adams Filho esquina rua General Neto, bem em frente à praça 14 de Julho e a estação ferroviária. Neste tempo era comum ser encontrado nos ônibus objetos do tipo chapéu de sol, luvas e meias de senhoras, latinhas de pó de arroz e até bengalas, as quais ficavam à disposição de seus *legítimos* donos nos escritórios das empresas. Em tal época, com as ruas não macadamizadas, o transporte era feito em carros abertos. Tão logo melhoraram as estradas, as empresas responsáveis pelas linhas passaram à adquirir, gradativamente, *luxuosos* carros fechados.²³⁹

²³⁶ Carlos Nunes, JNH de 22 de Dezembro de 1980.

²³⁷ Ver SIMMEL, *Mélanges de philosophie relativiste*, p. 26-27 citado em BENJAMIN, Paris do segundo império em Baudelaire, In: __. *Obras Escolhidas III*, p.36. Ver ainda JNH de 23 de Janeiro de 1986.

²³⁸ Ver JO5 de 29 de Novembro de 1929, 18 de Abril de 1930, 22 de Setembro e 8 de Dezembro de 1933, 8 de Junho e 14 de Dezembro de 1934 e 15 de Março e 27 de Setembro de 1935.

²³⁹ Ver JO5 de 9 de Outubro de 1931, 17 de Fevereiro e 28 de Abril de 1933 e 22 de Novembro de 1935.

Em meados de 1939 foram construídos dois abrigos municipais: um para as linhas urbanas e outro para as interurbanas, ambos localizados na então praça 14 de Julho, de face para a avenida Pedro Adams Filho. O prédio que servia para os ônibus intermunicipais ficou conhecido popularmente como “*pombal*” e foi demolido em 1971, sendo a rodoviária transferida primeiro para a rua Magalhães Calvet e posteriormente para o bairro Rio Branco. As “*bancas*”, que serviam de ponto às linhas locais, só não foram demolidas de roldão porque o mandato do prefeito acabou, mas logo passaram a não mais receberem embarque e desembarque de passageiros.²⁴⁰

Mesmo com o natural melhoramento das estradas e a aquisição de carros novos, os reclames longe estariam de cessar. Se o motorista do coletivo achava conveniente ir dormir mais cedo ele ia para casa, mesmo que isso causasse transtornos aos que necessitavam do transporte. Muitos motoristas deixavam de observar o horário estipulado ou até esqueciam da viagem. Quando o pessoal ia aos *kerbs* de outras localidades a volta para casa era incerta. Quando eles se dispunham a trazer o pessoal de regresso a Novo Hamburgo, aceitavam passageiros ao longo do itinerário. De passagem não deixavam de “*dar um giro*” em outros salões de baile para “*gozar uma valsinha*” e “*refrescar a goela*”. Aos passageiros restava “*aguardar os acontecimentos*”. Entre a viagem e os atrasos, podia transcorrer mais de 6 horas e com o grande número de passageiros apanhados havia ocasiões em que vários ficavam impossibilitados de regressarem à cidade. Uma simples viagem de ônibus poderia causar muitos transtornos. Cada *chauffeur* possuía um relógio, mas eles não estavam combinados entre si. Uns se guiavam pelo horário oficial, outros pelo da Viação Férrea, outros ainda por si próprios.²⁴¹

Com a escassez de horários, os carros se transformavam em verdadeiras “*latas de sardinha*”. Passageiros “*peso pluma*” dividiam os acentos com os “*peso baleia*” e a situação era constrangedora, principalmente às senhoras que “*vêm quase esmagadas e aos solavancos pela estrada*”. Se a lotação era 40 passageiros amontoava-se no mínimo 70, ficando impossível crer que o carro iria sair do lugar. A viagem de *pinga-pinga*, como ficou conhecido por efetuar inúmeras paradas, era uma tragicomédia. Na hora do fiscal pedir a passagem sempre havia aquele que não encontrava o maldito papelzinho; e

²⁴⁰ Ver JNH de 4 de Junho de 1960 e 21 de Julho, 8 de Setembro e 15 de Outubro de 1971. Ver mais sobre o “Pombal” e as “Bancas” na segunda parte capítulos referentes à praça 14 de Julho e à avenida Pedro Adams Filho.

dá-lhe senta e levanta e procura no bolso e nada de passagem. Na hora da gritaria, cada qual tinha seu grito: o do fiscal era “*aperta o corredor*”; o do cobrador “*a saída é na frente*”; do passageiro “*não empurra*”, “*tira a mão daí*” e “*pára que eu vou descer*”. A falta de preocupação era tamanha que não seria estranho encontrar um aviso deste tipo: “*esta empresa não se responsabiliza de conduzir os passageiros até o fim da linha*”. Aviso talvez necessário para que as pessoas embarcassem prevenidas.²⁴²

Entre os usuários o comportamento era questionável. No horário de saída das aulas, as jovens *requintadas* eram expostas a constantes vexames por rapazes que viajavam juntos no ônibus como se fossem civilizados. Além do mais, era nos coletivos lotados que se escutava as lamúrias, os comentários e as críticas da coletividade. Neste contexto, o cavalheirismo saiu de moda. Tanto as jovens graciosas e bonitas, que faziam suas compras na capital e usavam o horário de pique para retornar à cidade, quanto as senhoras idosas e as com criança no colo, viajavam de pé. Com o coletivo apinhado de gente e a viagem demorando uma eternidade, rapazes e senhores não cediam facilmente seus acentos.²⁴³

Para agravar a infelicidade dos passageiros, e dos pedestres que recebiam a fumaça do óleo queimado nos olhos, rostos, roupas e até na alma, a imprudência dos motoristas era fato presente. Enfrentando diariamente o burburinho do tráfego pouco disciplinado, encontravam-se em permanente tensão nervosa. Com o ônibus apinhado de passageiros impacientes, expunham a perigo a vida de todos. E quando não eram eles os responsáveis, era o veículo que quebrava.²⁴⁴

“Frase ouvida no dia da inauguração do novo ônibus: Meus Deus, pelo tempo que levaram para por um em funcionamento eu pensava que vinha um *Super-Constelation* e no final nos apresentam esta *carreta* pintada de nova.”²⁴⁵

O serviço de ônibus dificilmente acompanhou a evolução urbana e as necessidades da população. Com uma das passagens mais caras do estado, Novo Hamburgo nunca teve um serviço condizente. A situação sempre foi lamentável. Não admira ter a cidade preferido o transporte particular e individual, tamanha a

²⁴¹ Ver JO5 de 12 de Maio e 13 de Outubro de 1933, 29 de Março de 1934 e 12 de Julho de 1935.

²⁴² Ver JO5 de 9 de Dezembro de 1932, 15 de Abril de 1961 e 23 de Janeiro de 1986.

²⁴³ Ver JO5 de 7 de Dezembro de 1945, 22 de Abril de 1955 e JNH de 13 de Abril de 1962.

²⁴⁴ Ver JO5 de 25 de Janeiro de 1932, 17 de Fevereiro de 1933, 30 de Novembro de 1934, 13 de Dezembro de 1935 e 25 de Dezembro de 1959.

precariedade e descaso com o transporte público. Mas o silêncio no coletivo foi quebrado pela necessidade de reclamar. A dor aproximou as pessoas distanciadas pelo anonimato moderno.²⁴⁶

²⁴⁵ JNH de 25 de Janeiro de 1961.

²⁴⁶ Ver JO5 de 29 de Março de 1945 e 2 de Outubro de 1964 e JNH de 3 de Abril de 1996. Ver ainda charges no JNH de 8 de Agosto de 1989, 16 de Junho e 21 de Novembro de 1990 e 2 de Junho de 1994 (aumento das passagens, ônibus lotado, greve de motoristas e paradas como moradia aos desabrigados).

4.

A cidade e seus problemas

“Eis a noite sutil, amiga do assassino;
Ela vem como um cúmplice, a passo lupino;
Qual grande alcova o céu se fecha lentamente,
E em besta fera torna-se o homem impaciente.
O Meretrício brilha ao longo das calçadas;
Qual formigueiro ele franqueia mil entradas;
Por toda a parte engendra uma invisível trilha,
Assim como o inimigo apronta uma armadilha;
E os ladrões, que perdão ou trégua alguma têm,
Começando cedo a trabalhar, eles também,
Forçando docemente o trinco e a fechadura
Para que a vida não lhes seja assim tão dura.”
Charles Baudelaire²⁴⁷

Novo Hamburgo almejou ser moderna, mas esta modernidade carregou consigo a exasperação da insegurança nos assaltos e roubos e na falta de policiamento, da fuga nas bebidas alcóolicas e nos entorpecentes, da prostituição pública e privada, da exteriorização da miséria de homens, mulheres e crianças abandonadas nas ruas. Um peso indispensável para aqueles que desejavam crescer e progredir.

A cidade que tinha como desejo a manutenção da ordem, da moral e da segurança, viu seus planos irem por água abaixo. O crescimento urbano tão almejado trouxe suas funestas conseqüências. Na delegacia local as ocorrências esporádicas passaram a ser freqüentes. A bucolidade da cidade de feições germânicas cedeu lugar à agitação dos grandes centros heterogêneos. O pavor tomou conta de todos. No álcool e nas substâncias alucinógenas muitos encontraram a fuga tão esperada. A cidade de

²⁴⁷ O crepúsculo vespertino, In: __. *As Flores do Mal*, p.349-350

pujança econômica tornou-se caminho do tráfico. A moral decaiu. As filhas da *santa terrinha* largaram o trabalho da manufatura e muitas se prostituíram. Os bons costumes cederam lugar à promiscuidade. A infra-estrutura profana local suplantava a da capital. A miséria também chegou. Homens, mulheres e crianças mendigariam pelas belas ruas asfaltadas da cidade industrial. Indigentes disputariam espaço com a opulência dos mais ricos. Os filhos dos excluídos pagariam um preço altíssimo. Ou serviam de mão de obra barata ou vagavam pelas ruas, como engraxates, jornaleiros, pedintes e delinquentes.

A *Courocap* viu os problemas urbanos chegarem com todo seu ímpeto, e nada puderam, ou não quiseram, fazer...

4.1. A (in)segurança urbana...

“Esse mundo miraculoso e mágico é ainda demoníaco e aterrorizador, a girar desenfreado e fora de controle, a ameaçar e destruir, cegamente, à medida que se move.”²⁴⁸

A vida na cidade exige um conjunto de leis e regras impostas à todos com o fito de assegurar a moral, a ordem e a segurança. Admitindo *moral* como uma conduta considerada válida – relativa aos (bons) costumes, *ordem* como tranqüilidade pública resultante da conformidade das leis vigentes e *segurança* como aquilo em que se pode confiar, a cidade é o lugar menos propício para esta tríplice utopia. Por princípio, a cidade faz lembrar um antro de perdição e de concentração de parasitismo, ou seja, um lugar de contradições e, logo, de deterioração moral. Na luta pela ordem pública ganha a intranqüilidade permanente. O verbo confiar tornou-se impossível conjugar.²⁴⁹

Para Foucault, policial diria respeito à bem governar. Além de fiscalizar, inspecionar e tomar medidas preventivas contra as enfermidades urbanas, a segurança pública incluiria a manutenção da ordem vigente. Reprimir e eliminar os perigos urbanos seriam atribuições dos órgãos de segurança. Melhor forma de realizar isto seria pela demonstração de força. Esta ameaça implícita teria dupla via: interna e externamente.²⁵⁰

Inserido no contexto brasileiro, Novo Hamburgo sofria a influência externa. Como cidade industrial, cuja finalidade última estava na produção fabril, acatava de

²⁴⁸ BERMAN, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p.99

²⁴⁹ Ver KONDER, *Um olhar filosófico sobre a cidade*, p.73-82

²⁵⁰ Ver FOUCAULT, *Microfísica do poder*, e MAUCH, *O policial e a cidade, um olhar vigilante...*, p.69-78

pronto decisões nacionais e até dava sustento para a (des)ordem vigente. Ao longo das intempéries brasileiras, a cidade soube dançar conforme a música.

Na revolução de 30, viveu horas de grande júbilo, que atingiu as “*raias do delírio*”. Com o levante das guarnições federais no Rio de Janeiro, subiram aos céus centenas de foguetes e “*o povo começou a afluir à frente do edifício da Intendência Municipal, onde iam sendo affixados os pormenores da grande victória.*”²⁵¹

Na Segunda Guerra Mundial, onde o inimigo maior era a Alemanha, a cidade de origem germânica sofreu diversos constrangimentos. Por precaução os rádios eram registrados e o idioma alemão ficou proibido. Aqueles que o falassem em público seriam presos. Tal proibição não levou em conta que o idioma alemão era utilizado no dia a dia e havia idosos que sequer sabiam o português. Passado o conturbado período, a cidade privilegiou o patriotismo brasileiro. A *Semana da Pátria* era comemorada com muitos festejos. Eram necessárias demonstrações de civismo e ardor patriótico para afirmar o brasileirismo dos descendentes dos colonos alemães.²⁵²

“No ar, os nossos pilotos festejavam a magna data em revoadas arrojadas e elegantes, falando, com o ruído dos seus motores, a linguagem do futuro glorioso deste povo, cujo destino as noites estreladas ostentam no cruzeiro reluzente e os dias refletem o brilho do sol nas azas metálicas dos aviões. A alma da Pátria se espalhava fremente e indômita nos milhares de rostos alegres desse povo glorioso, em cujos peitos está acesa a chama ardente e crepitante do mais puro patriotismo, envolvido no trabalho diuturno e fecundo em prol da nação, para a grandeza sempre maior do Brasil.”²⁵³

Milhares de crianças das diversas escolas e atletas das sociedade desportivas desfilavam pela avenida Pedro Adams Filho. Uma apresentação da Banda dos Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro levava uma enorme quantidade de pessoas ao centro. O número de autoridades locais recebendo *ilustres* convidados era tamanha que certa feita o palanque veio a baixo.²⁵⁴

No golpe militar de 64, “*quando os grupos subversivos tentaram a guerrilha*” e “*as forças armadas vieram para as ruas e levaram todos eles de roldão*”, onde “*uns forma mortos, outros aprisionados e os que sobraram fizeram pista*”, pois “*estava em jogo a soberania nacional*”, Novo Hamburgo deu o exemplo à Nação e não parou, sequer “*tomou conhecimento do movimento de anarquia que se procurou estabelecer no*

²⁵¹ Ver JO5 de 31 de Outubro de 1930.

²⁵² Ver JO5 de 28 de Fevereiro de 1936 e 14 de Abril de 1944.

²⁵³ JO5 de 12 de Setembro de 1952

país, com a queda do presidente João Goulart". As indústrias funcionaram normalmente e nenhum movimento de desordem foi visto, mesmo sendo o ex-governador gaúcho Leonel Brizola, figura responsável pela oficialização da comitiva de industrialistas locais que fez a famosa viagem ao exterior – viagem esta que abriu as exportações calçadistas aos países europeus e aos Estados Unidos -, integrante do governo apeado do poder.²⁵⁵

Na década de 70, auge da ditadura militar, falar em comunismo na cidade era invocar o próprio *tinioso* e acreditava-se que exemplos como o golpe militar na vizinha Argentina, em 1976, comprovaria que “*governos fracos, que toleram a greve sistemática e a baderna generalizada, fatalmente terminam conduzindo o país para uma situação de caos*”.²⁵⁶

Se a demonstração de amor pela pátria adotada era explícita, a demonstração para garantir a segurança local foi sempre precária. No início, quando Novo Hamburgo era uma vila recém emancipada, a calma e a tranqüilidade imperavam e a polícia sequer tinha plantão pois entre um e outro homicídio ou crime violento na “*Courocap*” passavam-se anos. Em 1933 a *inspetoria* de veículos era uma piada. Vestia-se de improvisado um cidadão com uma indumentária e estava formada a *secção*. Como tal, o inspetor, “*no mister de sua profissão*”, revelava uma completa ignorância do código de veículos. Num determinado acidente, onde o carro foi de encontro à um poste telefônico, ele fez o legítimo papel de manequim fantasiado. Com a aglomeração popular, onde todos palpitavam, causou espanto geral sua pergunta: “*mas que devo então fazer?*” O acidentado propôs-lhe que tomasse nota do nome mas o dito cujo era analfabeto. Em diversas ocasiões era de lamentar a atitude da *inspetoria* de tráfego, principalmente na aplicação de multas. “*Repetidas vezes são multados automóveis que, pasmem os leitores, ou estão ausentes, ou trancados na garagem.*” Era comum o apelo para que a polícia aplicasse “*corretivos necessários*” aos baderneiros, dando-lhes “*uma ocupação mais proveitosa no xadrez, durante umas boas 24 horas*”.²⁵⁷

²⁵⁴ Ver JO5 de 5 de Março de 1954 e JNH de 3 de Setembro de 1960 e 11 de Setembro de 1962 (charge).

²⁵⁵ Ver JNH de 4 de Abril de 1964 e 21 de Maio de 1980 e 29 de Janeiro de 1999.

²⁵⁶ Ver JNH de 26 de Maio de 1971 e 26 de Março de 1976.

²⁵⁷ Ver JO5 de 19 de Junho de 1931, 15 e 29 de Setembro de 1933 e JNH de 20 de Julho de 1962 e 31 de Janeiro de 1964.

Mesmo com a troca de uniforme, pois era preciso demonstrar que se tinha policiais dignos, disciplinados e bem fardados, a Guarda Civil foi dissolvida. Em 1935, o policiamento do município ficou a cargo de 16 homens da Brigada Militar do Estado.²⁵⁸

Na década de 60 resolveu-se fazer um policiamento preventivo com praças caminhando em dupla pelas ruas centrais da cidade. Antes a polícia só aparecia onde se imaginava “*dar galho*” ou quando já tinha dado. Na nova situação, eles caminhavam a passo lento, geralmente com as mãos para trás, conversando entre si, “*indiferentes aos olhares que lhes endereçavam os que desconheciam a finalidade desse aparente trocar de pernas*”. Alcinados de “*Fritz e Franz*” ou “*Pedro e Paulo*”, a fiscalização das duplas surtiu efeito. O trânsito melhorou, principalmente o de pedestres. As mulheres ficaram livres dos incômodos e impróprios *Don Juans* que infestavam a cidade. Os “*filhinhos de papai rico*”, que faziam das ruas pistas de corridas e de experimentação do ronco de seus motores, também levaram a pior.²⁵⁹

Mas a fiscalização rigorosa trouxe a repressão desvairada. Logo surgiram diversos reclames sobre a maneira acintosa e até brusca com que os guardas interpelavam as pessoas de bem. Aos que davam entrada na Delegacia local havia a surpresa da “*Operação Cabeleira*”, que procedia o corte das *melenas*. Tal medida foi considerada salutar pois tirava de circulação os diversos *gatunos* e *malandros* que infestavam a cidade, ao menos enquanto perdurasse a careca.²⁶⁰

Findo o regime militar, o clima de segurança nacional perdeu o sentido. Entretanto, a violência institucionalizada continuou, mesmo com a polícia tendo de mendigar vales de gasolina e viaturas à comunidade. Os salários percebidos não causavam inveja à ninguém. Diferente das telas de cinema que mostravam o aparato policial norte-americano, a pobreza franciscana da polícia local emperrava a solução dos crimes. Nesta situação, as duplas de *brigadianos* encarregadas da ronda preventiva ficaram acuadas diante da violência: “*O que eles poderão fazer caso alguma coisa*

²⁵⁸ Ver JO5 de 1º de Fevereiro e 4 de Outubro de 1935.

²⁵⁹ Ver JNH de 8 de Julho de 1961, 13 de Abril de 1962 e 1º de Junho de 1963.

²⁶⁰ Ver JNH de 26 de Abril de 1960 e 12 de Junho de 1964

aconteça? No máximo sai correndo atrás, ou será aconselhável correr para fugir dos transgressores que estarão mais bem equipados do que eles próprios.”²⁶¹

A insegurança tornou-se geral. Os que tinham recursos se protegiam com cadeados, grades, cercas eletrônicas, cachorros treinados, segurança particular, alarmes, armas de grosso calibre e outros inúmeros mecanismo de proteção. Para a grande maioria restava continuar exposta às freqüentes agressões. Empresas de vigilância particular cresceram, pois mesmo com um Conselho de Segurança atuante, a cidade era presa fácil. Numa gestão foram desviados para a saúde os recursos provenientes do estacionamento pago, que até então iam para a polícia. Ao invés de prevenir a violência preferiu-se cuidar das vítimas. Em voga nos anos 90, as empresas de zeladoria, com seus carros velhos para a ronda noturna, seus apitos e rádios transmissores para contatar a polícia, substituíram a segurança pública tão decadente. À esta caberia outra função...²⁶²

“Se todos os brigadianos que estavam no Centro resolvessem se agrupar, o contingente seria maior do que os grevistas que fizeram a acanhada passeata.”²⁶³

4.2. Tocando piano na delegacia...

“Pelos ruas, as pessoas caminham retorcendo as mãos, [...] acordam de manhã com um pesadelo e logo começa outro.” Ítalo Calvino²⁶⁴

Novo Hamburgo procurou firmar-se como uma cidade limpa, bela e agradável aos olhos de todos, principalmente aos dos visitantes da FENAC. Prezando tanto por ruas asfaltadas e retas e iluminação pública e abundante, a cidade pecou na garantia de segurança aos seus concidadãos. Pensavam que bastaria reorganizar os espaços urbanos para obter reformas estruturais na sociedade. Ledo engano, a insegurança tornou-se marca registrada na cidade industrial.²⁶⁵

Enquanto pequena vila, nos anos 30 e 40, a preocupação maior não passava de ingênuas ocorrências policiais: *cyclistas abusadores* ou pequenos *petizes* andando com suas bicicletas e *carrinhos* nos passeios públicos, trazendo aos transeuntes o risco de se verem atirados à sarjeta, tal a velocidade que imprimem; rapazes com fundas na mão,

²⁶¹ Ver JNH de 4 de Janeiro de 1978 e 18 de Dezembro de 1986.

²⁶² Ver JNH de 7 de Fevereiro de 1964, 27 de Março de 1989 e 9 de Março de 1992.

²⁶³ JNH de 16 de Março de 1989.

²⁶⁴ CALVINO, *As cidades invisíveis*, p.134

²⁶⁵ Ver SOUZA, *Construindo o espaço de representação*, p. 112

caçando aves mas acertando tantas outras coisas; brincadeiras de mau gosto do tipo arrancar portões de residências particulares e abandoná-los mais adiante; incêndios apagados à balde d'água com a ajuda dos vizinhos; ou simplesmente objetos achados nas ruas, tais como chaves e latas de cola.²⁶⁶

Esporadicamente haviam casos mais graves: indivíduos desalmados raptando crianças com o fito de saciar instintos bestiais; tarados destituídos de senso moral encontrando como passatempo a difamação pública; salteadores irrompendo armados de facões, cacetes ou porretes, roubando dos passantes o dinheiro que cria-se ser para equilibrar a precária situação financeira; audaciosos gatunos furtando do templo local a taça de ouro utilizada como suporte para a hóstia sagrada – “*nem as Igrejas respeitam!*”; industrialista recebendo felicitações por ter atirado contra assaltante noturno que com a voz de “*pára*” não parou e ainda atirou, embora não tenha sido encontrada a arma; troca de insultos e agressões físicas entre inquilino e proprietário por causa do aluguel; ou brigas de amor, onde o namorado enciumado sacava da faca e feria sua bem amada.²⁶⁷

Mas a cidade calma e pacífica, onde reinava relativa ordem e tranqüilidade, mudou. De pacata e ordeira na época da emancipação, transformou-se em turbulenta e perigosa em menos de 40 anos. A calma cedeu lugar à agitação e o pacifismo desapareceu. O progresso chegou rápido, trazendo consigo naturais conseqüências. Ele cobrou seus benefícios carreando aspectos negativos. Tal foi o ônus a ser pago.²⁶⁸

Nos anos 70 a 90, os constantes assaltos trouxeram à cidade um clima de pavor. As charges passaram à refletir a rotina dos roubos e a indiferença alheia. As necessidades mudaram, roubava-se para finalidades outras do que matar a fome. Os golpes cresceram e não passaria dia sem alguém ser lesado. De tanto pensar em trabalho, em fabricar calçados e embelezar a urbes, Novo Hamburgo acabaria não precavendo-se contra os *amigos do alheio* e *malandros*. Tornar-se-ia o paraíso dos golpistas e assaltantes. Nela os vigaristas encontrariam a tão sonhada *Eldorado*.²⁶⁹

4.3. O combustível do homem moderno...

²⁶⁶ Ver JO5 de 17 de Junho, 19 de Agosto e 9 de Setembro de 1927, 14 de Dezembro de 1928, 28 de Fevereiro de 1930, 9 de Outubro de 1931, 2 de Dezembro de 1932, 20 de Janeiro e 29 de Setembro de 1933, 1º de Maio de 1936 e 26 de Agosto de 1960.

²⁶⁷ Ver JO5 de 10 de Junho de 1927, 16 de Agosto de 1929, 16 de Janeiro, 31 de Julho e 11 de Dezembro de 1931, 28 de Abril e 15 de Setembro de 1933, 27 de Maio e 24 de Junho de 1955, 21 de Setembro de 1962 (charge).

²⁶⁸ Ver JNH de 20 de Julho de 1962 e 31 de Janeiro de 1964.

“O Comedor de Haxixe desconhece a feiúra.” Walter Benjamin ²⁷⁰

A tendência humana em procurar refúgio nos estimulantes artificiais existiu desde tempos imemoriais. Mas a razão pela qual o homem deles se utilizou mudou com o tempo. O estilo de vida moderno trouxe novos hábitos de consumo. O vai-e-vem incessante e a correria urbana exigiram novos produtos a fim de suportar as angústias e estimular o indivíduo. Chá e charutos, relacionados à relaxamento e lazer, foram substituídos por café e cigarros, associados ao trabalho cotidiano. Cervejas baratas e aguardentes de produção local tornaram popular o uso do álcool. E assim como aumentou o uso da força de trabalho infantil, o consumo passou a acontecer cada vez mais cedo. Também ganharam espaço na preferência popular os comprimidos anestésicos, diversos estimulantes e outros tantos relaxantes. Na reprodução das rotinas mecânicas, tal consumo “*liberta o ser constrangido, mas apenas para que ele insufla de vida a rotina da exasperação artificial*”.²⁷¹

A fuga provocada pelos estimulantes acabava com o redemoinho enlouquecedor provocado pela vida diária e esvaziava o tumulto íntimo do indivíduo. Nele encontrava-se a beatitude prometida. Grandes questões em voga resolviam-se de súbito e as contradições existentes transformavam-se em unidade. O homem virou Deus, e como um “*maníaco que substituiria móveis resistentes e jardins verdadeiros por cenários pintados numa tela e emoldurados numa armação*”, quis criar o Paraíso através do sonho e da embriaguez.²⁷²

Desde cedo, o uso de bebidas alcólicas foi comum em Novo Hamburgo. Frequentemente ocorriam conflitos nas *bodegas* devido à bebedeira e à jogatina. À noite, enquanto a maior parte da população dormia ou preparava-se para o sono, os bêbados, as prostitutas e os vadios tomavam conta das ruas e punham em polvorosa o sossego público. Nos bares predominava a boemia. Os habitantes noturnos enchiam a cara e ficavam a desafiar a todos, “*acreditando-se verdadeiros super-homens, quando*

²⁶⁹ Ver JNH de 22 de Junho de 1975 (charge), 27 de Março de 1985, 28 de Junho de 1988, 1º de Fevereiro e 11 de Abril de 1991.

²⁷⁰ BENJAMIN, *Haxixe e a história de um transe*, In: __. *Haxixe*, p.22

²⁷¹ SEVCENKO, *Metrópole, matriz da lírica moderna*, p. 67

²⁷² Ver BAUDELAIRE, *O Poema do Haxixe*, In: __. *O Poema do Haxixe*, p.47-54

*não são nada mais nada menos que uns simples e reles bêbados, inúteis e desordeiros”.*²⁷³

“Na esquina, um ébrio oscilava entre a vertical e a horizontal, certamente sob o peso do cigarro, torto e apagado, que lhe pendia dos lábios em babugem. Três rapazes, cantarolando e fazendo algazarra, dele se aproximaram. Pediu então: - Ei moço... dá o fogo. O grupo estancou. Mais pela perspectiva de uma experiência nova ou de uma ‘gozação’, do que de espírito de solidariedade humana. Um deles acendeu o cigarro do alcoólatra: - Estás ruinzinho, heim, velho!... - Ruinzinho não... estou afogando... - Afogando as mágoas? Ou a fome?... - Afogando a vergonha de ser brasileiro. Concluiu o ‘pudim de cachaça’ no vai-vem de sua maré de garrafa.”²⁷⁴

Na década de 70, o *point* era a Casa de Chá na rua David Canabarro. Logo abaixo, na esquina com a avenida Pedro Adams Filho, ficava a *esquina da paquera*, conhecida assim pelos jovens, ou *esquina maldita*, alcunhada pelos velhos. Ali os jovens se reuniam, muitos para trocarem experiências sobre drogas, ou até experimentarem. Feliz daquele que as tivesse provado, pois cedo tornava-se ídolo. Nesta época, os que se trancavam nos carros para curtirem um *baseado*, ou os que preferiam tomar *boleta*, eram conhecidos de todos.²⁷⁵

Com o passar dos anos novas drogas, cada vez mais fortes, foram sendo usadas. O alto poder aquisitivo fez de Novo Hamburgo uma zona rentável para o tráfico. “A cocaína deixou de ser esparramada sobre mesas de fino acabamento, em algumas mansões de luxo”. O pó foi logo comercializado em bares, clubes, vilas, favelas e até em portões de escolas. Fez-se consórcio para aquisição do produto. A rota internacional de tráfico passaria também pela cidade. Na década de 90, em plena divisa de Novo Hamburgo com São Leopoldo, fez-se a maior apreensão de cocaína do país. Escondido no interior de fardos de couro *wet-blue*, 2.100 quilos do mais puro produto, pronto para ser enviado ao exterior.²⁷⁶

4.4. O mal necessário invade a cidade...

²⁷³ Ver JO5 de 27 de Maio de 1927, 28 de Dezembro de 1928 e JNH de 4 de Fevereiro de 1961.

²⁷⁴ Eurico de Azevedo, no JNH de 27 de Setembro de 1963.

²⁷⁵ Ver JNH de 30 de Novembro de 1981 e 20 de Junho de 1987.

²⁷⁶ Ver JNH 21 de Julho e 7 de Setembro de 1987, 14 de Julho de 1990 (charge), 3 e 15 (charge) de Julho de 1993.

É comum ouvir o dito popular: “*a prostituição e a mais antiga das profissões*”. Entretanto, a reunião de diversas mulheres, com o fito de trocarem favores e serviços sexuais por dinheiro, é algo típico da civilização. Para além dos diversos termos utilizados para denominar a *casa das putas*, certo é que tal lugar sempre refletiu a sociedade onde funciona. Pelos seus aspectos físicos retrata sua época. E como no resto da humanidade, na *casa de tolerância* há figuras das mais diversas.²⁷⁷

Como não poderia deixar de ser, em Novo Hamburgo também existiria tanto a prostituição de rua quanto a do *lupanar*...

Na década de 50 houve uma ferrenha briga entre a municipalidade e um bordel local. Fiscais da prefeitura havia fechado a casa da *cafetina* Joana Catarina Tiss. Esta, não se dada por vencida, impetrou um mandado de segurança, e continuou a trabalhar. Mas se a justiça favoreceu a alcoviteira, os jornais não descansaram. Denunciaram a presença de indivíduos desclassificados que, promovendo bebedeiras acompanhados das moças residentes na maloca, punham em polvorosa o bairro, com suas pancadarias, gritarias e palavrões. Logo se discutia a estranha proposta do legislativo estadual que visava oficializar a zona do meretrício, com a construção de casas e salões de baile para as *decaídas*, feitas pelo Estado ou pela iniciativa particular. Criam eles que tal ato oficializaria e incrementaria o chamado *mal necessário*, e acima de tudo representaria um rude golpe aos bons costumes, desmoralizando a tradicional família hamburguense.²⁷⁸

Criou-se uma comissão de *homens de bem* numa cruzada contra os bordéis e pela elevação moral. Pouco adiantou, tal iniciativa naufragou em pouco tempo e dissolveu-se a comissão. “*Que cada um vá para casa cuidar de suas filhas o máximo que puder e deixem que o mal necessário tome conta da cidade e que o império da Catarina continue mandando, ditando as leis e os costumes*”. Com tal publicidade, os negócios continuaram e no local do bordel surgiram outros tantos, ficando conhecido como o *morro das catarinas*.²⁷⁹

Na metade dos anos 70 começou timidamente a prostituição ambulante pelas ruas da cidade, principalmente na avenida Nações Unidas, nas imediações onde seria

²⁷⁷ Ver MURPHY, *História dos grandes bordéis do mundo*, p.11

²⁷⁸ Ver JO5 de 3 de Junho de 1955, 2 de Março de 1956 e 24 de Junho de 1960

²⁷⁹ Ver JNH de 13 de Janeiro de 1962.

erguido o Shopping Center. Numa charge da época aparecem rapazes *inocentes* que pensam estar com *a bola toda* pois algumas *moças* vestidas sensualmente lhes abanam: “*Olha só zé, que jóias!! Temos com tudo!!*” Dois outros se escondem embaixo da ponte e um reclama ao outro: “*Não te falei que aquelas minas iam tirar até a roupa da gente!!*” Para completar a ironia, uma multidão se aglomera numa carrocinha ao lado do ponto, certamente para *cuidar* melhor das moças.²⁸⁰

Em 1980, apareceram os travestis. Numa ocasião teve um jovem que passeava na cidade quando uma bela loira convidou-o para passear. Aceitando, namoraram no primeiro dia e no outro ele a levou para casa. Ao convidá-la para um banho de piscina, ela relutou e ambos nunca mais se viram. Posteriormente ele descobriu o engodo, tratava-se de um homem. Passados dez anos, os travestis proliferaram a ponto de criarem uma associação inédita, pioneira do gênero na América Latina, cuja finalidade era defendê-los contra a marginalização social e promovê-los harmoniosamente na sociedade.²⁸¹

Também nesta década as casas de prostituição evoluíram. O *morro das catarinas* passou a ser privilégio dos desclassificados. As escapadas dos casados, principalmente na época de calor quando as esposas estavam no litoral, mudaram. Se nos idos de 50 ou 60, quando a cidade ainda era pequena e quase todos se conheciam, era necessário uma verdadeira fuga cinematográfica, com *carros de praça*, ônibus e até trem. Com o crescimento urbano e o anonimato inerente a ele, visto à partir dos anos 60, tais precauções tornaram-se desnecessárias. Trazidos pelos viajantes dos grandes centros e pelos importadores com *gostos mais requintados e paladares exigentes*, Novo Hamburgo entrou nos anos 90 com uma infra-estrutura profana comparada a das grandes cidades. Surgiram casas de massagens localizadas na área central e as acompanhantes *universitárias*, ambos com freqüentes anúncios no mesmo jornal que promoveu a cruzada pela moralidade e pelo fim do bordel da alcoviteira Catarina, tempos antes. Em época de FENAC, as modernas casas noturnas locais atraíam tanto quanto as da capital Porto Alegre.²⁸²

²⁸⁰ Ver charge no JNH de 26 de Fevereiro de 1975.

²⁸¹ Ver JNH de 20 de Janeiro de 1981 e 31 de Julho de 1990.

²⁸² Ver JNH de 12 de Fevereiro de 1993 e 11 de Agosto de 1995.

Na cidade que se quis moderna, o *footing* das moças de família depois da missa foi substituído pelo *trottoir* das putas. Muitas fábricas de calçados fecharam e em algumas delas se instalaram modernos prostíbulos. A força de trabalho das filhas hamburguenses mudaria de sentido. Saiu de cena a tradicional costureira de sapato; em seu lugar o apelo sexual, o *drink*, a dança sensual e o pagamento no final.

4.5. A exteriorização da miséria, um acontecimento moderno...

“Há muitos desses vultos que se arrastam à margem do mundo, da sociedade e à margem de si mesmos. São estranhas criaturas que flutuam na multidão, debruando lágrimas com sorrisos ou encobrendo ironias com lamentos...” Ercílio Rosa²⁸³

No carnaval de 1941 apareceu a seguinte observação: “*Não é permitido o trânsito pelas ruas de grupos carnavalescos de que façam parte indivíduos maltrapilhos, empunhando latas, fragmentos de madeira e outros objetos.*” Os excluídos da ordem estavam também excluídos na desordem.²⁸⁴

Já em 1946 havia na cidade uma figura típica: Argemiro. Fruto de uma sociedade excludente, pois a ostentação da riqueza, a pobreza dos trabalhadores e a mendicância nas ruas são resultados do mesmo processo produtivo, Argemiro mendigava nas portas das casas, nos hotéis, restaurantes, lojas e bares, pedindo algum dinheiro ou um prato de comida. Onde chegava só precisava cumprimentar os presentes e, sem dizer coisa alguma, recolher com facilidade o dinheiro. Era a contrapartida de uma sociedade comprometida; o níquel representava um alívio na consciência de quem dava. Antes de tudo, Argemiro era uma personificação da sociedade privada. E como representante de uma sociedade assim, muitos houveram depois dele. “*Eles são o outro prato da balança que com sua miséria, desgraça e vicissitudes contrabalançam e equilibram a paz social do mundo moderno.*”²⁸⁵

O problema da mendicância agravou-se nos anos 50 e 60. Cada vez mais mendigos perambulavam pelas ruas centrais, estendendo a mão à caridade alheia. A cidade que jactava-se em ser trabalhadora, não podia presenciar o humilhante e assustador espectro de mendigos a se movimentar pelas artérias modernas. Chegado o rigoroso inverno, com todos de narizes vermelhos, roupas cheirando à naftalina e

²⁸³ JO5 de 10 de Junho de 1955.

²⁸⁴ Ver JO5 de 24 de Janeiro de 1941 e 26 de Fevereiro de 1954.

²⁸⁵ Ver JO5 de 25 de Janeiro de 1946.

comerciantes com sorriso de satisfação estampados no rosto, os mendigos esfarrapados e descalços sofriam mais ainda. Em disputa com cães sarnentos, à cata de alimentos, eles reviravam o lixo atrás de um pão velho.²⁸⁶

Nas décadas de 80 e 90, a situação entrou no cotidiano urbano. Passear pela cidade tornou-se uma opção um tanto constrangedora. O número de indigentes aumentava dia após dia, alguns com aparentes problemas mentais e outros tantos alcoolizados. Para chamar a atenção, havia os que abriam suas próprias feridas e aqueles que assustavam os passantes com reações agressivas ou obscenas.²⁸⁷

Como na Porto Alegre do início do século que parecia encantadora e bela aos olhos de todos mas que escondia suas grandes falhas, Novo Hamburgo queria fazer-se conhecida pelos carros de luxo e pela pompa de cidade grande, mas à noite a cidade dos mendigos ganhava força e tomava conta das ruas. *“No lugar de vistosas capas e elegantes casacos, contentam-se com o que sobrou: os trapos”*. A questão pairava no ar: *“Quem é louco, aquele que baba nas ruas, nos mostra a língua e diz palavras desconexas ao léu, ou aquele que aumenta o passo e salta sobre homens, mulheres e crianças que mendigam pelas calçadas?”*²⁸⁸

4.6. Crianças descalças na capital do calçado...

“Com centenas de esquemas e variantes transformam a miséria numa grande arte.” Walter Benjamin²⁸⁹

Na Novo Hamburgo dos primeiros tempos após a emancipação, não era comum vagar pelas ruas menores abandonados. Quando estes eram encontrados, a polícia administrativa tratava de recolhê-los para posteriormente serem encaminhados de volta aos pais. Era o tempo que menores de rua ainda tinham pais conhecidos.²⁹⁰

Na década de 50, o problema do menor era tangível. Face à condição de miserabilidade dos pais, crescente número de *pequenos seres* eram obrigados a mendigar nas ruas. Aos pequenos esmoleiros levantavam-se vozes contrárias. Às autoridades cabia tomar medidas radicais, sérias e urgentes pois da esmola passavam

²⁸⁶ Ver JO5 de 5 de Fevereiro de 1954, 12 de Fevereiro de 1960 e JNH de 1º de Setembro de 1967.

²⁸⁷ Ver JNH de 5 de Dezembro de 1985, 19 de Julho de 1991 e 21 de Abril de 1998.

²⁸⁸ Ver JNH de 19 de Julho de 1991 e 30 de Abril de 1996. Ver ainda PESAVENTO, *O Espetáculo da rua*, p.51 e BRESCIANI, *A cidade das multidões*, p.14

²⁸⁹ *Imagens do Pensamento*, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.163

²⁹⁰ Ver JO5 de 21 de Outubro de 1927.

aos pequenos furtos. Surgia o problema da delinqüência infantil. Em 1953 foi dado início à construção da *Casa da Criança*, obra esta que somente foi entregue em parte sete anos depois. O problema agravava-se com o “*elevado número de guris que fumam e bebem como gente grande cuja única preocupação é vadiar, freqüentar casas de diversões noturna, e, não raro, entregues a mais franca e desenfreada jogatina*”.²⁹¹

Procurando reverter tal problema, encontrou-se solução paliativa colocando-os nas esteiras da produção. Conforme notícia, somente no ano de 1960 mais de 800 menores de 18 anos tinham sido despedidos das fábricas de calçado. No final da mesma década, quando Novo Hamburgo ultrapassava a produção calçadista da cidade de Elda na Espanha, circulavam por lá fotos da miséria hamburguense. Eles culpavam os subsídios do governo e os míseros salários pagos aos operários. Se os salários dos operários já beiravam a simples subsistência, no emprego de menores encontrou-se a tão desejada e necessária mão-de-obra ainda mais barata.²⁹²

Quando não se empregavam nas indústrias, os menores faziam outros trabalhos, como jornaleiros, engraxates, vendedores ambulantes, ou senão esmoleiros: “*O jornaleiro, esse pequenino ente que não conhece as belezas da infância, que nem sabe como é que se entra numa escola e que nunca viu um presente de Papai Noel, também faz parte do mecanismo do jornal*”. Eles esticavam na boca os exemplares do hebdomadário local como hostes de borracha. Como engraxates, andavam com roupas sujas e pés descalços. Como trabalhadores da *fruteira do semáforo* ou *feirantes das esquinas*, substituíam a escola pelo trabalho e o uniforme pelo chinelo de dedo e calção surrado. Como pedintes, seus rendimentos causavam inveja a ponto de virem de São Leopoldo para Novo Hamburgo a fim de mendigar.²⁹³

Enquanto as crianças privilegiadas davam sua demonstração de civismo desfilando na avenida em comemoração à Semana da Pátria, os menores perambulavam pelas ruas. Com pais bêbados e morando feito bichos em toscos casebres sem as mínimas condições de higiene, eles ganhavam o espaço urbano. Primeiro mendigavam trocados ou comida, depois passaria a roubar, se prostituírem e até matar. O problema do menor atingia a todos: “*É o operário que irá trabalhar descansado sem*

²⁹¹ Ver JO5 de 9 de Janeiro, 6 de Fevereiro e 16 de Outubro de 1953, 19 de Agosto de 1955 e 24 de Junho de 1960.

²⁹² Ver JO5 de 11 de Novembro de 1960 e JNH de 17 de Maio de 1995.

²⁹³ Ver JNH de 14 de Janeiro de 1966 (Ercílio Rosa), 19 de Novembro de 1984 e 4 de Outubro de 1991. Ver ainda BENJAMIN, *Imagens do Pensamento*, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.151

*preocupações com os filhos, é a mãe produzirá mais, é o aspecto da cidade que irá melhorar.”*²⁹⁴

A vida dos menores tinha suas nuances. No anoitecer juntava-se os lucros do dia e separava-se o troco para o vício do cigarro. Quando não dava muito, servia as *guimbas* ou *sabiás* encontrados nas sarjetas. Pais se aproveitavam da situação do menor. Os meninos maltrapilhos, tremendo diante do rigoroso frio gaúcho, batiam nas portas das residências luxuosas... “*Vizinha, não tem uma roupinha pá nós?*” Feita a doação e dito o “*brigado*”, a cena se repetia na vizinhança. Num lugar ermo a mãe dos pequeninos pedintes dobrava e ajeitava o monte de roupas ganhos. Para carregar o fruto da caridade alheia valia até chamar um táxi.²⁹⁵

O problema do menor dormindo ao relento, que se na década de 60 era algo inacreditável para Novo Hamburgo, passou a ser presenciado no cotidiano da cidade nos anos 90. Lançaram a culpa disto tudo no pessoal do interior que buscavam na *Courocap* o sonho de crescimento perdido na roça...

“Atraídos pelo sonho da selva de concreto e suas luzes, os *invasores* vão chegando, dando vida a verdadeiros anjos de cara suja: os meninos de rua. No primeiro momento tudo é novidade: o asfalto, o ônibus, os carros de luxo. Logo o tempo encarrega-se de mostrar que o brilho e o conforto não são para todos, e sim para poucos, pouquíssimos. O convívio urbano, e em especial a mendicância, torna-os mais próximos. Reconhecê-los não é tarefa difícil: são os mesmos que transitam, mulambentos e desesperados pelas ruas do Vale dos Sapateiros.”²⁹⁶

²⁹⁴ Ver JNH de 3 de Setembro de 1960 e 11 de Novembro de 1961.

²⁹⁵ Ver JNH de 17 de Dezembro de 1971 e 23 de Junho de 1972.

²⁹⁶ Reportagem de Mário Selbach, JNH de 12 de julho de 1991.

5.

A cidade e as trocas

“Piada muito boa surgida em Novo Hamburgo, relacionada à crise Argentina. Dizem que os conhecidos comerciantes Aladim e Bentevi leram a manchete de um jornal da Capital no início desta semana – “Argentina em falência” – e viajaram imediatamente a Buenos Aires, a fim de arrematar as sobras... Só que com a eclosão do golpe militar (ninguém sai, ninguém entra), ambos ficaram presos por lá...”²⁹⁷

Para galgar o título de *Capital Nacional do Calçado*, Novo Hamburgo começou desde cedo sua industrialização fabril. Das sobras da produção de artigos de montaria, ainda um século antes, viria o fabrico de sapato do qual faria a cidade despontar dentre as demais. O número de indústrias suplantaria todas as outras atividades. O couro e o calçado empregariam um número cada vez maior de trabalhadores. Novo Hamburgo não seria terra de gente preguiçosa. Este discurso viria acompanhado da organização e da disciplina, tanto na fábrica quanto na vida social. Com o início das exportações a cidade conheceria uma nova fase econômica, regada por dinheiro abundante muitas vezes desvirtuado para outras finalidade que não a produção. Neste ciclo, as fábricas tornaram-se vulneráveis e dependentes das constantes flutuações do mercado. Baseados na mão-de-obra barata, muitas indústrias deixaram de modernizar suas linhas produtivas. Com o avanço da produção oriental sobre os países importadores de calçados, a cidade viu suas fábricas abrirem falência ou se transferirem para outras regiões, em busca de incentivos especiais.

²⁹⁷ Coluna Sabe Tudo, JNH de 26 de Março de 1976.

Neste contexto, a vida do operariado teria personalidade própria. Ao invés de espoliados, o discurso apresentava-os como cidadãos felizes. Patrões e empregados estariam lutando lado a lado em prol do progresso geral. Como terra de gente trabalhadora, Novo Hamburgo primava pelo operário ordeiro e disciplinado. Entretanto, o aumento da produção trouxe migrantes de todas as partes em busca do *Eldorado* calçadista e fez revelar a mentalidade racial. Ameaçando a sociedade dita civilizada, os “*de cor*” seriam responsabilizados pela miséria nos limites urbanos. Com a expatriação fabril, grande parte ficou sem emprego. Talvez o troco recebido pela falta de coesão.

A cidade que perdia suas fábricas ganhava casas de comércio cada vez mais requintadas. A mercadoria passou de utensílio útil a objeto fetichizado. Da vila de feições germânicas surgiu uma cidade de universo mítico, que tinha no consumo seu deus onipotente.

A cidade realizava suas trocas...

5.1. *Nossos modernos castelos onde as luzes nunca se apagam...*

“No começo do dia rasgam silenciosos rastejantes de nossa cidade sons surdos e metálicos... São milhares de maquinários que, em harmoniosa melodia, iniciam-se no trabalho cotidiano.” Ercílio Rosa²⁹⁸

Em Novo Hamburgo, o complexo coureiro-calçadista nasceu num contexto dúbio. Ao que consta, foi Nicolau Becker, imigrante de origem alemã chegado ao Brasil no final do século XVIII, o primeiro a trabalhar com curtume e selaria. Instalado na *Estrada das Tropas*, na altura do que viria a ser Hamburgo Velho, via passar a sua frente os tropeiros vindos das estâncias localizadas na parte sul do Estado rumo ao mercado principal de Sorocaba, em São Paulo. Além do ponto privilegiado, pouco valia a matéria-prima utilizada no fabrico dos artigos de montaria: lombilhos, caronas, cinchos, sobre-cinchos, loros e rabichos. Para os estancieiros, o que importava no boi era a carne e não o couro; este era tão somente utilizado na própria estância. Desta forma, o negócio prosperou. Com a chegada de imigrantes alemães em 1824, muitas famílias passaram à ser utilizadas na fabricação dos artigos de montaria. Em 1857 existia no Vale dos Sinos trinta e duas manufaturas de couro e selaria.

²⁹⁸ JO5 de 26 de Agosto de 1949.

Do curtimento do couro e da manufatura voltada à selaria adveio a fabricação de calçados. Como o garrão e o couro das virilhas do boi não serviam aos artigos de montaria, tal material passou a ser utilizado para confeccionar-se chinelos, solas e saltos. Aliado à isto, os alemães eram acostumados a calçar algo para proteger os pés no rigoroso inverno europeu. Chegados ao Brasil, não perderam o hábito, pois a lida nas picadas proporcionava o encontro com animais venenosos que se escondiam sob a mata-virgem. E como o serviço na roça desgastava rapidamente o calçado, tornou-se necessário a constante aquisição do produto.

Na virada do século a industrialização caseira passou a ocupar a mão-de-obra de um número maior de famílias. Na primeira década deste século destacou-se o industrialista Pedro Adams Filho que introduziu modernas técnicas de fabricação do calçado. Em 1912 a municipalidade de São Leopoldo, da qual até então Novo Hamburgo fazia parte, mandou construir uma usina hidroelétrica na localidade de Picada 48. Com 200 hps, ela disponibilizou energia abundante à região e possibilitou a utilização de motores elétricos nas pequenas indústrias que fabricavam manualmente o calçado. Outro destaque coube ao industrialista Paulo Triebse, fabricante de sandálias, artigo mais leve, barato e cômodo, que logo substituiu o chinelo e teve grande aceitação no mercado.²⁹⁹

Unindo assim necessidades e oportunidades, nascia a indústria que anos mais tarde alcunharia a cidade de *Courocap, Industrial, Manchester Brasileira* ou simplesmente a *Capital Nacional do Calçado*.

Tamanha seria a quantidade de indústrias estabelecidas que Novo Hamburgo jactaria-se em tê-las em maior número do que os estabelecimentos comerciais. Em 1954 eram 403 indústrias contra 350 casas de comércio. Na visão de Ercílio Rosa, uma manhã de dia útil iniciava cedo. Pouco passaria das 7 horas e poder-se-ia ver “*a manhã ainda envolta nas brumas da madrugada*” e “*o sol, ainda respingando sereno*” levantando-se heroicamente no começo de mais um dia comum. “*Enquanto a aragem dorme, como é de costume nos vales, uma densa fumaça cheirando à fábrica envolve toda a cidade...*”³⁰⁰

²⁹⁹ Ver PETRY, *Novo Hamburgo: um florescente município...*, p.11-27

³⁰⁰ Ver JO5 de 19 de Janeiro de 1951 e 3 de Dezembro de 1954.

No povoado que tinha fábricas em quase todas as ruas, elas reinavam absolutas. A poderosa indústria do couro e do calçado, com seus inúmeros estabelecimentos deles derivados, empregariam milhares de operários e fariam da outrora vila um município rico e progressista. Novo Hamburgo encontraria na industrialização fabril o desejado destaque perante as demais cidades. De pequenos estabelecimentos caseiros surgiriam grandes grupos econômicos. No reinado do couro, as fábricas de calçado faziam a cidade. Em pouco tempo, Novo Hamburgo passou à condição de maior contribuinte *per capita* dos cofres públicos.³⁰¹

Em 1955, um visitante publicou suas apreciações sobre a cidade. Para ele, embora a maioria dos trabalhadores tivesse como função diária confeccionar calçados ininterruptamente para que Novo Hamburgo pudesse ser chamada de “*Cidade Industrial*”, muitos não tinham um par decente para calçar. Tal paradoxalidade existia para que os industrialistas recebessem o “*título pomposo de magnatas ou tubarões do couro*”. O contra-argumento utilizado foi de que eles, os industrialistas, viviam cobertos de macacões de pó e lutavam lado a lado com seus empregados “*em prol do progresso de toda a coletividade*”. Para desespero dos “*forasteiros grã-finos*”, em Novo Hamburgo se desprezaria o conceito (certamente marxista) de classes, visto que fora das oficinas não haveria empregados nem empregadores, somente novos hamburguenses. “*A maioria dos automóveis que correm nas ruas da cidade, certamente custaram muitos macacões engraxados e muito suor por dentro e por fora de seus proprietários*”.³⁰²

Afora tal mentalidade ingênua, dia-a-dia os industrialistas se fortaleciam como verdadeiros capitães da indústria coureiro-calçadista. “*E o desenvolvimento industrial da comuna avança sem cessar, em meio ao retinar de engrenagens e máquinas, sem solstícios para descanso, nem paradas*”. Na medida do possível, os responsáveis por tal empreitada empregavam modernas e aperfeiçoadas maquinarias na produção fabril. A

³⁰¹ Ver JO5 de 3 de Setembro de 1943, 18 e 24 de Abril de 1952 (Ercílio Rosa), 3 de Abril e 3 de Julho de 1953 e 30 de Junho de 1961.

³⁰² Ver JO5 de 2 de Dezembro de 1955. Acentuamos a utilização do conceito de classe marxista porque na época da notícia era comum ter tal idéia em relação à tipos de classes sociais (medida pelo poder aquisitivo, ter-se-ia classe baixa, média ou alta). Pelo visto, o discurso utilizado poderia hoje assumir o conceito de Bourdieu que emprega a noção de *campo* e *habitus*, procurando assim, evitar o reducionismo, principalmente o do economismo, “*que nada conhece além do interesse material e a busca da maximização do lucro monetário*”. Ver BORDIEU, O Poder simbólico, p.69 (citação) e p.152 (crítica à teoria de classes de K. Marx).

par disto, empregavam também um grande número de menores. Ambos, máquinas modernas e menores de idade, proporcionavam ganhos maiores.³⁰³

O discurso vendido a público fora sem dúvida de que em Novo Hamburgo as pessoas trabalhavam muito e que a preguiça não encontrava espaço. Todos acordavam cedo e seguiam suas jornadas até tarde em prazerosos *serões*; tudo para fazer crescer a produção calçadista, semelhante à cena do épico “*Como era verde meu Vale*”, ou algo parecido, com operários felizes e contentes nas linhas de produção. Aos industrialistas, apesar de alguns deslizes aceitáveis tais como absterem-se de utilizar o trem para fugir do fisco ou contaminarem os arroios com produtos poluentes, estaria reservado o estereótipo do Fausto, fomentando o progresso material e a conseqüente evolução humana, tão desejada por todos.³⁰⁴

Com o trabalho organizado e disciplinado, a vida na fábrica deveria parecer uma extensão da própria sociedade, esta também caminhando na ordem e no progresso desejados. Por detrás dos portões das indústrias, a disciplina se impunha a partir de regulamentações próprias e, uma vez que se tratava de propriedade privada, sob jugo dos “*capitães do couro*”, a jornada e as condições de trabalho impostas aos operários “*bem-comportados*” se davam de acordo com as necessidades de cada indústria e de cada momento. Tal um autônomo feudo, as fábricas assemelhavam-se à “*modernos castelos onde as luzes nunca se apagam*”.³⁰⁵

Era o tempo da pequena comunidade, onde todos se uniam na luta contra as forças externas e importava mais o geral do que o individual. Isto diferenciava-os, como assinala Simmel, da imensa aglomeração humana que passariam a ser anos mais tarde, já nas décadas de 80 e 90, onde o inimigo não mais estaria para além das trincheiras urbanas, mas sim dentro dos próprios domínios da cidade. Prelúdio dos “*tempos chegados*”, todos passariam a viver na luta pela própria sobrevivência, uns contra os outros.³⁰⁶

³⁰³ Ver JO5 de 19 de Fevereiro e 11 de Novembro de 1960 e 31 de Março e 20 de Maio de 1961.

³⁰⁴ Ver JO5 de 25 de Outubro de 1927, 15 de Fevereiro de 1952, 14 de Agosto de 1953 e 7 de Janeiro de 1955. Ver ainda BERMAN, Tudo que é sólido desmancha no ar, p. 60-70. A idéia do Fausto fomentador posta por Berman é de que ele representaria o capitalista voraz, que transforma-se em consumado destruidor e criador, numa figura ambígua e sombria mas necessária à própria evolução humana. Seria esta uma das facetas do homem moderno.

³⁰⁵ VER BRESCIANI, Permanência e ruptura no estudo das cidades, p.19

³⁰⁶ Ver SIMMEL, A metrópole e a vida mental e Sociologia: estudos sobre las formas de socialización; e BRESCIANI, Cidade, cidadania e imaginário, p.19

Mas se o discurso apresentado queria deixar transparecer um sistema produtivo digno, organizado e coerente, do qual faziam parte empregados “*bem-comportados*” e patrões “*trabalhando lado-a-lado com operários*”, e que na cidade todos lutavam em prol do desenvolvimento da própria comunidade e do bem comum, tal situação começou a mudar.

A relativa independência de Novo Hamburgo, que passara a crise de 1929 e a 2ª Grande Guerra com relativa facilidade, cedeu lugar a uma dependência doentia e suicida.

O “*deflorar da donzela*” ocorreu no final dos anos 60, quando da famosa viagem de um grupo de industrialistas à Europa e aos Estados Unidos, com o fito de venderem lá calçados hamburguenses. Tendo à mente tão somente a vontade de negociar, o grupo não voltou “*de blue-jeans, mascando chicletes e perito na difícil arte do rock-and-roll*”. Conscientes de sua tarefa, “*trocaram uma festa especial, com lindas garotas em Nova Iorque, para darem continuidade ao programa estabelecido*”.³⁰⁷

Com os primeiros pedidos embarcados, começava uma nova fase ao município; ele conheceria a pujança e a bancarrota. Pelas mãos da exportação do calçado, tornado produto varonil, a cidade perderia a virgindade e tal uma fêmea prenhe, teria desejos irresistivelmente furiosos. Em meio à um movimento mundial de transferência da produção manual e poluente à países periféricos, Novo Hamburgo teria à sua frente o desafio da produção massiva do calçado.

Acolhendo os trabalhadores espoliados dos campos vindos de todas as regiões do Estado, a cidade começava um crescimento vertiginoso. O inchaço populacional dava-se a “*olhos vistos*”. Famílias inteiras migravam em busca do sonho da cidade que tornava-se grande. Em final dos anos 60, Novo Hamburgo era a *Eldorado* prometida; quem quisesse trabalhar, encontrava algum tipo de serviço.

Baseados na mão-de-obra barata, os industrialistas do calçado pouco investiam em suas indústrias. Com levadas cada vez maiores de migrantes batendo às portas das fábricas e com os pedidos vindos do exterior, não haveria preocupações em modernizar. Preferível era desviar os preciosos e abundantes recursos, necessários à produção fabril, para a construção civil e aquisição de bem imóveis. Como um efeito cinematográfico, a

cidade alcançava os céus. Talhou-se a zona urbana, em pouco tempo, de enormes espigões. Da vila de antiga feições germânicas fez-se um enorme canteiro de obras. Antigos prédios coloniais vieram abaixo para dar lugar à modernos edifícios. A cidade se modificava.

Tal foi o repúdio pela desordem, e a conseqüente busca pela ordem, que em 1º de Abril de 1964 a cidade não parou; sequer tomou conhecimento do movimento dito anárquico, eclodido pela deposição do presidente. Novo Hamburgo encontraria na ideologia ditatorial o caminho seguro para o rápido progresso, algo tão desejado. Clientes estrangeiros, em sua maioria norte-americanos, pagando em moeda forte seus grandes pedidos; multidão de ex-agricultores trabalhando nas fábricas, sem horário para paradas ou descansos; legislação propícia à mandos e desmandos e fiscalização quase nula; para os industrialistas novo hamburguenses o céu era o limite.³⁰⁸

Entretanto, bastou dez anos para o “*barco fazer água*”, para tomar forma a perigosa situação criada com a extrema dependência na exportação de calçados. Em 1974, mudou a política norte-americana, e o sapato brasileiro virou réu. Logo podiam ser vistos anúncios de primeira página anunciando a venda do patrimônio das massas falidas. Grandes e tradicionais grupos industriais foram sendo retalhados em pedaços pelos ávidos negociantes que, tal raposas à espera da vítima, compravam a barganha e revendiam logo adiante. Pelo exagero da fama surgiu até a piada da tentativa de arrematação das sobras no país vizinho, Argentina.³⁰⁹

As indústrias locais ficaram assim sujeitas às intempéries econômicas. Ora cresciam exacerbadamente por conta de mecanismos governamentais, tais como a maxidesvalorização da moeda que fez sumir o pão da mesa mas incentivou as exportações, ora quebravam.³¹⁰

Passados trinta anos após a “*grande viagem*” e Novo Hamburgo já convivía com sua própria derrocada. Um levantamento feito em 1993 apontava a verdade que não queria ser vista: a cidade escorregava lentamente de sua posição de terra abastada e empobrecia dia-a-dia. As charges apontavam a situação presente. Numa delas um cidadão não entendia por que o Vale dos Sinos passava à ser o Vale das Latinhas. O

³⁰⁷ Ver JNH de 7 de Janeiro de 1961 e 29 de Janeiro de 1999.

³⁰⁸ Ver JNH de 4 de Abril de 1964.

³⁰⁹ Ver JNH de 5 de Abril de 1974 (charge), 12 de Novembro de 1975 (anúncio) e 26 de Março de 1976.

outro explicava: “*é que lá tinha uma fábrica de calçados... lá tinha um curtume...*” Noutra charge um grupo de turistas visitava o Vale do Crack. Tal nome porque todas as fábricas estavam quebrando, e este seria o som ouvido quando isto ocorria. Com a falência das indústrias de calçado, e de muitas outras que compunham o complexo coureiro-calçadista, o desemprego tornou-se cena cotidiana. Cada vez mais via-se gente esperando em longas filas para receber o salário-desemprego.³¹¹

A explosão de um depósito químico em pleno centro da cidade demonstrou que o modelo adotado pela *Cidade Industrial* tinha chegado ao fim. Da exótica China veio o troco que a indústria local tinha dado às regiões de grande produção calçadistas, tempos antes. Cidades como a norte-americana Lawrence, que não acreditava na concorrência externa e passou a conviver com centenas de fábricas de calçado fantasmas, ou como a espanhola Elda, que chegou a se irmanar com Novo Hamburgo e depois se arrependeu quando a brasileira passou-lhe à frente nas vendas, seriam as imagens vistas pela vidente no uso de sua bola de cristal para a *Capital Nacional do Calçado*.³¹²

Apesar de tudo isto, muitos empresários locais não perderam tempo e buscaram alternativas na produção. Já previsto por Adam Smith, que considerava o capital como algo de essência instável, os “*capitães do couro*” trasladaram suas indústrias para regiões mais carentes; primeiro alcançaram o interior do Estado e depois se expatriaram para terras do nordeste brasileiro, chamados por incentivos fiscais e mão-de-obra abundante. Bem definidos por Schorske, “*o capitalista urbano apareceu como um nômade pouco patriótico. Mesmo que a cidade contribua ao melhoramento que lhe proporciona o mercado e os bens manufaturados, mesmo que enriqueça a humanidade porque possibilita a transcendência das necessidades primárias, seus empresários residentes são hábeis e pouco confiáveis.*”³¹³

Em Novo Hamburgo, restava a ironia do 1º de Abril: “*muitas empresas de calçado estão em excelente estado, mas seus donos não*”.³¹⁴

5.2. Proletários, uni-vos!

³¹⁰ Ver JNH de 7 de Março de 1983.

³¹¹ Ver JNH de 1º de Dezembro de 1993, 11 de Fevereiro (charge), 7 de Abril e 16 de Junho de 1995 (charge).

³¹² Ver JNH de 5 de Maio de 1994 e 17 de maio de 1995.

³¹³ A. SMITH citado por SCHORSKE, *La idea de ciudad en pensamiento europeo: de Voltaire a Spengler*, p.5

³¹⁴ Aurélio Decker, JNH de 1º de Abril de 1996.

“O cenário das ruas e os segredos das esquinas, são oásis para quem sacrifica seu trabalho pela grandeza desta cidade onde a gente depositou um sonho sobreposto noutro sonho”.
Ercílio Rosa³¹⁵

Bastante peculiar foi a questão proletária em Novo Hamburgo. Entendendo os operários como aqueles desprovidos dos próprios meios de produção, obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviverem, e, portanto, tal como mercadorias ou artigos de comércio, sujeitos à vicissitudes da concorrência e às flutuações de mercado, quase não haveria lugar na cidade para embates e discordância entre empregados e patrões.³¹⁶

Diferente de um discurso operário encontrado na virada do século na capital Porto Alegre, o discurso presente em Novo Hamburgo até os anos 60 mostrava-os não como categoria humilhada, espezinhada, aviltada, explorada e até roubada, mas com digna, obreira, construtora do progresso e como sustentáculo da sociedade. Não haveria injustiça no usufruto do labor produtivo. Isto porque a marca d'água entre dominador e dominados seria muito tênue.³¹⁷

O conceito de trabalhador estaria muito mais próximo à Bourdieu. Em sua teoria, o aspecto econômico seria um dentre os demais. Divididos em campos, cada um teria a sua propriedade específica, mas também suas propriedades comuns ou gerais, válidas à todos os outros. Neles, cada indivíduo teria um capital simbólico, um conhecimento adquirido, um conjunto de saberes próprio, um *savoir-faire* acumulado (conceito de *habitus*). Dominantes e dominados estariam assim ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas, “*sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas*”. Instauradas com um tempo mais ou menos duradouro, as alianças ambíguas fundamentar-se-iam sempre num “*mal-entendido mais ou menos consciente*”.³¹⁸

Poder-se-ia, assim, entender, sem perplexidade, a convivência dita harmônica entre empregados e empregadores na *Manchester Brasileira*. Todos pertenceriam a um campo mais ou menos específico, e nele haveria uma coexistência pacífica. Ainda mais que, para além do entusiasmo um tanto exagerado, as fábricas muitas vezes não

³¹⁵ JO5 de 19 de Agosto de 1949.

³¹⁶ Conceito de operário retirado de MARX, *O manifesto do Partido Comunista*, p.93-99 e de *O Capital*.

³¹⁷ Sobre discurso operário em Porto Alegre na virada do século ver PESAVENTO, *Os pobres da cidade*, p.76-77

³¹⁸ Ver BOURDIEU, *O Poder Simbólico*, p.66 e 153

passavam de fabriquetas caseiras, onde a figura do patrão aparecia como a do “*pai responsável*” por sua “*família*”. Portanto, seria natural a relação entre patrão e operários.

O ambiente de trabalho seria por princípio ordeiro. Nele, os trabalhadores lutariam em prol de si próprios e pelo bem geral da nação, “*dada as conseqüências do produto de seu trabalho, que se espalha pelo Brasil afora*”. Aqueles que realizassem jornadas diurnas e pertinazes estariam “*mergulhando no solo fértil do trabalho organizado, regado com os mais sãos princípios sociais de justiça e fraternidade humana*”. Ao laborioso povo da terra, o prenúncio de um “*horizonte cheio de esplendor matinal, em rutilo faiscar*”, que traria à *Cidade Industrial* um grandioso porvir.³¹⁹

Era forte o discurso em cima do trabalho feito além do necessário. “*Si cada habitante se deixasse levar pelo descanso estabelecido legalmente, legalmente seria apenas um novo-hamburguês descansando*”. Em toda urbe poder-se-ia ver passar trabalhadores com a face acusando satisfação. Como numa colmeia bem organizada e feliz, os indivíduos realizar-se-ia no labor sistemático. Invocando o *conto da formiga e da cigarra*, todos trabalhavam para no rigoroso inverno poderem usufruir dos frutos colhidos. A atitude da cigarra, preguiçosa e jocosa, era refutada veemente.³²⁰

“Enquanto os conquistadores do salário mínimo vivem refesteladamente suas horas de lazer nos bancos das praças ou esfregando solas de sapatos caros nos paralelepípedos das avenidas centrais, os que trabalham vão amassando areais das ruelas dos arrabaldes, carregando aviamentos para o serão até 23 ou 24 horas em prol do progresso coletivo.”³²¹

Os vadios em meio à comunidade de trabalhadores eram considerados não uma necessidade mas uma mal que “*corrói as mentalidades e desvirtua as intenções dos que se esforçam*”. Tal o desiderato pelo trabalho ordenado e por trabalhadores ordeiros que, em 1952, Novo Hamburgo pleiteou a vinda de imigrantes italianos, visto “*tratar-se de elementos selecionados e capacitados*”. Bem diferente seria a recepção, uma década depois, dos imigrantes vindos do interior do Estado, que acorriam à cidade, tal como garimpeiros na corrida ao ouro do *Klondyke*.³²²

Por esta razão, a figura do sapateiro era resguardada. Mal “*os primeiros alvares começam a tingir no horizonte o azul celeste com o colorido vivo dos raios solares*” e

³¹⁹ Ver JO5 de 11 de Fevereiro de 1949 (Ercílio Rosa) e 18 de Janeiro de 1952.

³²⁰ Ver JO5 de 21 de Março de 1952 (Ercílio Rosa).

³²¹ Ercílio Rosa, JO5 de 14 de Setembro de 1956.

³²² Ver JO5 de 11 de Fevereiro de 1949 (Ercílio Rosa), 4 de Julho de 1952 e 14 de Setembro de 1956 (Ercílio Rosa).

poder-se-ia ver o humilde sapateiro dando seus primeiros passos no “*atendimento de seus afazeres*”, junto com os primeiros transeuntes que “*desfilam pelas ruas em demanda ao trabalho cotidiano no afã do progresso que projeta para o lato as criaturas humanas*”³²³

A cidade procurava o progresso, acima de tudo, na industrialização fabril. Para tanto, procurava negar seu passo agrário: “*Em Novo Hamburgo não há colonos... há simplesmente indústrias*”. Ela queria mostrar-se como exemplo de pujança e capacidade produtiva, como cidade dinâmica, da qual pouco importava o tamanho e o número de habitantes, mas sim a produtividade alcançada. E destes crescentes índices de produção tirava-se a idéia de que haveria poucos municípios onde se trabalhava mais do que ali. A mentalidade corrente era clara: “*Da emancipação até nosso dias tudo foi trabalho, esforço e dinamismo, transformamos Hamburguer-Berg na Manchester Gaúcha.*”³²⁴

Como ordem e progresso não caminham lado a lado, havia algumas intempéries no percurso. Devido à constante elevação do custo de vida durante a década de 50, irrompeu na cidade diversos movimentos de protesto. Na visão de Ercílio Rosa, “*os sentimentos de revolta íntima cuidadosamente refreados transbordaram a passividade das almas tradicionalmente serenas e tranqüilas, e expandiram-se, exteriorizando demonstrações de desagrado*”. Não havia anarquia. O então inédito movimento popular se desenrolava com disciplina, veemência e confiança. Pelas ruas da cidade, a turba humana deslocava-se pacificamente. E isto porque creditava-se ao operariado local um espírito ordeiro e trabalhador. Cria-se ser a causa psicológica do movimento, o alarme com que ficaram os chefes de família, pois sentiam “*a responsabilidade sobre seus ombros de sustentar mulher e filhos dignamente*”.³²⁵

A concentração do operariado e o descontentamento com os preços exorbitantes acabava num estilo bem brasileiro. Em meio à massa, falavam diversos oradores, concitando-os que voltassem às fábricas e criava-se uma comissão “*que dali por diante zelaria pelas aspirações gerais*”. Era um tal de poder constituído fazer demagogia e depois colocar um pedra em cima, e de povo a reclamar mas depois se conformar, que seria difícil ver outra forma para solucionar o problema. Mas “*enquanto a chuva está*

³²³ Ver JO5 de 9 de Outubro de 1959.

³²⁴ Ver JO5 de 25 de Julho de 1952 (Ercílio Rosa), 4 e 25 de Março e 8 de Abril de 1960 e JNH de 11 de Maio de 1961.

³²⁵ Ver JO5 de 1º de Fevereiro de 1952.

caindo, os preços continuam subindo”, e o descontentamento popular passava a oferecer aos “*elementos extremistas o terreno propício para a propaganda deletéria*”, o que colocava a cidade nas “*malhas pérfidas da greve*”. Em vista disso, os “*condutores do operariado, através dos sindicatos de classe secundados pelo prefeito, tomaram a iniciativa de salvaguardar a tranqüilidade no seio da família comunal*”.³²⁶

Tamanho foi a capacidade de controlar o operariado local que somente no início dos anos 60 Novo Hamburgo conheceu a greve...

“O dia amanheceu sem o costumeiro pito das indústrias. No ar pairava algo de diferente, algo de inédito, a grande cidade fabril do sul do país não iniciara aquele dia de maneira como os demais. Era dia de greve.”³²⁷

Apesar dos pequenos desvios na reta estrada do progresso, procurou-se passar a idéia de cidade extremamente trabalhadora e ordeira. Tais movimentos de conflito poderiam ser computados aos *nascidos em outras comunas*. Numa estatística realizada em 1961, revelou-se que o número de forasteiros residentes na cidade era bem maior que o número de naturais da terra. A inferioridade numérica de hamburguenses ressaltava aos olhos de todos. O fluxo migratório, ao qual se imputaria a causa de todos os males locais, exacerbava-se dia-a-dia.³²⁸

O discurso de cidade de trabalhadores ordeiros e pacíficos cederia lugar ao do êxodo que trouxe consigo a miséria. Como vira Bresciani, a concentração urbana revelar-se-ia num paradoxo: a divisão do trabalho e o aumento na produção *versus* ameaça potencial à sociedade civilizada (*classes laborieuses e classes dangereuses*). Revelou-se a mentalidade racial. Diferente dos primeiros imigrantes alemães, que se auxiliavam mutuamente, os migrantes vindos do interior do Estado carregaram a culpa da miserabilidade local e do conseqüente aumento da violência, quando na verdade foram eles os responsáveis pela riqueza do município, mas continuaram pobres pois não tiveram a devida compensação por causa da exploração fabril. A miséria veio pelas mãos de um sistema produtivo excludente. Afirmado por Benevolo, o desenvolvimento

³²⁶ Ver JO5 de 15 de Agosto de 1952, 27 de Março de 1953, 13 de Agosto de 1954 (Ercílio Rosa) e 27 de Setembro de 1957.

³²⁷ Ercílio Rosa, JO5 de 9 de Julho de 1960

³²⁸ Ver JNH de 5 de Dezembro de 1961.

econômico não seria o remédio para a situação, ele aceleraria o fosso que separava ricos e pobres.³²⁹

Alguns ainda afirmavam, em pleno anos 80, ser Novo Hamburgo terra de gente trabalhadora que “*vive de forma mais responsável do que festiva*”, mas muitos denunciaram a verdadeira corrida ao ouro de colonos que abandonavam “*seu habitat natural para se instalarem às margens da rodovia*”.³³⁰

O discurso continuava afirmando que em Novo Hamburgo o povo era ordeiro. Uma greve nacional em 1989 foi um desastre na cidade. Fábricas trabalharam, lojas abriram e bancos atenderam normalmente. Optando pelo trabalho e não pela paralisação, “*a esmagadora maioria dos hamburguenses mostrou que não é simpatizante de movimentos grevistas*”. Tamanho o escarcho que “*se todos os brigadianos que estavam no centro resolvessem se agrupar, o contingente seria maior do que os grevistas que fizeram a acanhada passeata*”.³³¹

Trabalhando por salários míseros e sem iniciativa de coesão, com sindicatos muitas vezes comprometidos e poder constituído praticamente tomado por interesses liberais, os ordeiros e pacíficos trabalhadores viram seus empregos evaporar-se no ar sob a bandeira da liberação econômica. A grande produção expatriou-se, na década de 90, para regiões onde a mão de obra e os incentivos fiscais eram mais atraentes. Com grande parte da força produtiva local jogada a subempregos ou simplesmente desempregada, aqueles que tinham seus salários garantidos no final do mês, com carteira assinada e situação regularizada, não seriam a voz a contestar o sistema produtivo excludente, à menos que quisessem também eles engordar a “*bicha*” do salário-desemprego.

O brado conclamando à todos proletários unirem-se ecoava no ar, sem ninguém para ouvir...

5.3. Novo Hamburgo, de *Cidade Industrial* à *Cidade Comercial*...

³²⁹ Ver BRESCIANI, *Permanência e ruptura no estudo das cidades*, p.12; BENEVOLO, *História da Cidade*, p.725. O discurso racial, de que imigrantes são a causa da miséria, não foi privilégio local. Ele aparece ainda hoje de forma clara em países centrais. Estados Unidos com imigrantes latino-americanos, Europa Ocidental com os do Leste Europeu e África, Japão com países asiáticos.

³³⁰ Ver JNH de 30 de Março e 25 de Setembro de 1981.

³³¹ Ver JNH de 15 e 16 de Março de 1989.

Ao contrário do que previu Weber, o mundo dito racional não eliminou o universo mítico. Quando muito, substituiu a contemplação religioso pela contemplação materialista. Para ele, as “*profecias racionais*”, as novas idéias de progresso e ideais de civilização de caráter racional e de concepção ocidental, tiveram o mérito de haver rompido o encanto mágico do mundo, criando o fundamento para a ciência, a técnica e para o capitalismo. Mas no âmago do sistema produtivo adotado residiria um contrasenso. A aquisição de um produto ou mercadoria, na contracorrente da razão, não mais estaria vinculada às satisfações naturais.³³²

Para Benjamin, a mercadoria tornava-se motivo de fetiche e perdia sua autenticidade com a reprodutibilidade técnica que destruía sua aura mas socializava seu consumo. Pela produção massiva conhecer-se-ia o original através da cópia. Fetichizando a mercadoria, a sociedade capitalista produziria seus próprios mitos e, ao invés de santos nos altares e oferendas aos deuses, contemplar-se-ia artigos de luxo, de consumo cotidiano e até *souvenirs*: “*Os contemporâneos não se cansam de admirá-las*”.³³³

A cidade seria o lugar do bombardeio de imagens de consumo. Nela, a propaganda intensiva visaria atingir um público consumidor das imagens e potencial consumidor do produto. Certeau acusou este mito contemporâneo. Viu a crença, a magia e o desejo no discurso imaginário que circularia pela cidade e “*que não cessa de falar na felicidade*”. Mas viu que tal discurso fez-se companheiro da não veracidade. Se o mito religioso dizia: “*A felicidade não é deste mundo*”, a palavra de ordem capitalista seria: “*Seja feliz, consuma!*” No culto da mercadoria encerrar-se-ia um mundo muito mais sacralizado.³³⁴

Tal universo mítico, de contemplação à mercadoria, seria visto em Novo Hamburgo, mas não no início...

O comércio na colônia alemã prestou-se muito tempo à troca de produtos agrícolas, vindo das picadas, por gêneros manufaturados, trazidos de Porto Alegre. Deveu-se à uma casa de comércio, que fazia este tipo de escambo, o primeiro núcleo urbano, ou muito mais, a responsabilidade pela formação da vila de Hamburgo Velho.

³³² Ver WEBER, *História Geral da Economia e O Espírito do Capitalismo*, In: __. *Textos selecionados*

³³³ Ver BENJAMIN, *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, In: __. *Obras Escolhidas I e Paris, Capital do século XIX*, p.31

No entroncamento da estrada das tropas, que ligava o noroeste da província à São Francisco de Cima da Serra, e da estrada geral, que vinha do passo do Rio dos Sinos e seguia em direção ao morro de *Zwei Brüder*, instalara-se Alexandre Kersting, natural de Hamburg na Alemanha. Mais tarde ele passou o ponto ao vendeiro Johan Peter Schimitt.

Até a vinda do trem, em 1874, a comercialização dos produtos dava-se por São Leopoldo, local do porto fluvial. Com o final da linha ferroviária chegada a alguns quilômetros antes do povoado, muitos armazéns, magazines e hospedagens foram sendo instaladas ao entorno da estação, formando assim o novo núcleo, batizado de *New Hamburg*. Ali passaram a ocorrer as transações comerciais entre as colônias alemãs e a capital. Consequentemente, a cidade se desenvolveu à partir da estação de trem.³³⁵

Nas décadas de 20, 30 e 40 o comércio na cidade era bastante independente. A crise de 29 não afetou diretamente as trocas comerciais, nem o movimento baixou tanto. A preocupação da comuna ficava por conta dos *fiados* e dos *mascates*. Na pequena vila era difícil ser um devedor ao mesmo tempo relapso e anônimo. Mesmo assim, “*quando, em princípios do mez, o cobrador percorre as ruas afim de cobrar as contas, é grande o número daqueles que andam apertados*”. Com fama de *boa-pagadora*, a cidade sofria o assédio dos vendedores ambulantes vindo de outras cidades que colocavam suas mercadorias, “*especialmente no ramo de armarinhos – meias, gravatas, etc.*”- diretamente nas residências particulares, “*a preços que o honrado commercio local não pode competir, pois, emquanto este paga elevado tributo com impostos, aquelles na maioria das vezes, negociam lesando os cofres públicos, pois, em raríssimas vezes pagam impostos e mesmo, si tal succeder, pagam geralmente quantias determinadas, às vezes irrisórias*”.³³⁶

Na cidade ainda era comum o anúncio de serviços como hotelaria (*procurae o hotel familiar de Guilherme Groverman*), “*carros de praça*” (*quereis ser promptamente atendido procurae os autos da Garage Central – preços módicos*), abastecimento (*Gazolina Atlantic e kerosene marca Sol, as melhores e mais econômicas*), a inédita abertura aos domingos (*domingo próximo estará aberta durante todo o dia a farmácia*)

³³⁴ Ver CERTEAU, *A cultura no plural*, p. 41-54

³³⁵ Ver PETRY, *Novo Hamburgo, um florescente município*.

³³⁶ Ver JO5 de 20 de Julho de 1928, 1º de Maio de 1931 e 10 de Novembro de 1933.

ou ainda os serviços de ótica que realizavam o exame no estabelecimento e mandavam-no à Alemanha, de onde vinha pronto as lentes e a armação.³³⁷

Nas décadas de 50 e 60 o comércio se aprimorou. Começaram a aparecer os primeiros sinais da preocupação em diferenciar o produto vendido. A inauguração da farmácia veio “*por certo beneficiar os moradores, pois, que suas instalações e sortimentos de produtos farmacêuticos se enquadram perfeitamente nos moldes mais atualizados do ramo*”. O posto de gasolina já era “*modernamente instalado*”. Uma nova loja na cidade, “*destinada a bem servir as elegantes que poderão encontrar o que de mais recente foi lançado na moda internacional*”, era motivo de orgulho. Cada cliente passaria a ter cortes exclusivos, o que permitia à feliz compradora não encontrar “*em qualquer recepção social, ou baile, um outro vestido com padrão igual ao seu*”.³³⁸

Uma questão bastante influente no comércio foi o do horário. Em 1966 estabeleceu-se um, nos moldes mais progressistas. As casas comerciais poderiam funcionar, facultativamente, aos sábados até as 12:30 horas e no horário das 11:30 às 12:30, durante a semana, poderiam manterem-se abertas. As lojas de sapato iam além: durante o ano poderiam abrir sábados e domingos. Tal horário, progressista para a época, foi considerado retrógrado duas décadas depois e quase impediu a abertura do *Shopping Center*, pois ficaria inviável montar toda uma estrutura e não poder vender a mercadoria, devido ao *Sábado Inglês*.³³⁹

Nos anos 70 surgiram as Galerias na área central, trazendo consigo uma nova concepção comercial. Elas projetaram luz no fetiche da mercadoria. Suas vitrinas apareceriam de forma ousada e logo virariam palco da *higt society*. As lojas seriam inauguradas com *glamour*, “*ao sabor de drinques e salgadinhos*”. Seus ambientes lembrariam o bom gosto e suas roupas teriam exclusividade. “*Com tudo isto, o entra e sai de gente in local era um assombro*”.³⁴⁰

A credibilidade dos compradores continuava em alta. Cheques de Novo Hamburgo eram aceitos facilmente em estabelecimentos de outras cidades. De certo devido à eficiência na cobrança das instituições bancárias. Numa comemoração aos

³³⁷ Ver JO5 de 27 de Maio de 1927, 10 de Maio de 1929 e 1º de Junho de 1934 e JNH de 29 de Março de 1984.

³³⁸ Ver JO5 de 20 de Junho de 1952 e 18 de Março de 1960 e JNH de 7 de Maio de 1960, 9 de Dezembro de 1961 e 26 de Julho de 1963.

³³⁹ Ver JNH de 10 de Dezembro de 1965 e 2 e 10 de Maio de 1989.

³⁴⁰ Ver JNH de 13 de Dezembro de 1982.

finados pôde-se ver uma senhora depositando flores em frente a uma agência local. Interpelada, ela respondeu: “*É aqui que meu marido está enterrado até o pescoço*”.³⁴¹

Com a abertura do *Shopping Center*, Novo Hamburgo conheceria a fase de ouro do setor comercial, através da extrema contemplação à mercadoria e ao universos mítico formado. O *templo de consumo* assustaria até aos mais progressistas.³⁴²

A cidade das indústrias viu seu reinado mudar de mãos. Tamanho foi o número de lojas comerciais e de serviços, instaladas e sondando o mercado para se instalarem, que poder-se-ia passar a chamá-la de *Cidade Comercial*.³⁴³

³⁴¹ Ver JNH de 2 de Agosto e 21 de Novembro de 1983.

³⁴² As questões sobre o comércio na avenida Pedro Adams Filho, nas Galerias, no Calçadão e no *Shopping Center*, serão melhores discutidas na segunda parte deste trabalho, em capítulos específicos à cada um dos espaços citados.

³⁴³ Ver JNH de 16 de Dezembro de 1982.

6.

A cidade se diverte

“A cidade enganosa, tem um poder, que às vezes se diz maligno e outros benigno. Você acha que está se divertindo nela quando na passa de um escravo.” Ítalo Calvino³⁴⁴

A diversão sempre foi uma catarse humana, uma válvula de escape das tensões sociais. Ela tem o poder de dirimir ansiedades e reanimar até os mais carrancudos. Cidade sem diversão é comunidade morta.

Em Novo Hamburgo, a diversão pendeu muito tempo para o lado ingênuo. Na vida social os bailes de *kerb* imperavam. Como lazer haviam as alternativas de piqueniques, passeios na praça, sentar com a família na calçada, andar de bicicleta ou torcer nas *carreiras*. Podia-se também assistir as encenações teatrais ou os filmes nos *Cine-theatros*. Outra opção, esporadicamente, eram os circos que visitavam a cidade de tempos em tempos. Era o tempo de carnaval do tipo *desfile militar* e comemorações juninas com direito à balões, busca-pés e fogueiras.

Com o desenvolvimento urbano, a cidade mudou seus hábitos de entretenimento. Os rojões e os fogos de artifício ganharam terreno nas mais diversas comemorações. O foguetório mostrava beleza mas trazia o incômodo barulho. A festa pagã do Momo, sempre motivo de orgulho pela boa conduta adotada pelos foliões, tornou-se imoral e indecente para as tradições de outrora. o cinema ganhou força mas logo foi substituído pela televisão, uma vez que em casa não haveriam os incômodos das salas de exibição.

A diversão oscilava com as estações do ano. Nos períodos de férias a cidade ficava vazia. Antes do verão havia o Natal, comemoração que perdeu muito seu espírito

de fraternidade e tornou-se sonho de consumo à todos, seguindo à risca o estilo ocidental.

Em Novo Hamburgo, a cidade se divertia...

6.1. Novo Hamburgo, a cidade dos fogueteiros...

“O mais antigo elemento da origem chinesa, mostra-se superior ao fausto telúrico.” Walter Benjamin³⁴⁵

Em seus momentos de festejos e diversões, um elementos que nunca faltava na cidade era os fogos de artifício, que, se produziam um espetáculo aos olhos de todos, geravam inquietação à muitos, devido ao estrondoso barulho.

Já na emancipação teve-se notícia de festejos com este tipo de utensílio: “*ao cabo de poucos momentos já se ouvia por todos os cantos da nova comuna um intenso espoucar de foguetes*”. A comemoração foi tamanha que “*durou a noite toda e durante o dia e a noite seguidos, só parando quando não se encontrou mais um foguetinho em toda a vila*”.³⁴⁶

O crescimento da cidade fez mudar muitas tradições. Nos anos 50, as comemorações juninas os balões e os busca-pés ficaram proibidos por causa da segurança e as fogueiras, que antes erguiam-se majestosas até em ruas areentas dos arrabaldes, escassearam. Nas noites de São João, os fogos de artifício ganharam força: “*sobre a cidade praticamente às escuras, espoucam fogos de todos os artifícios*”.³⁴⁷

Não restrito às comemorações, o foguetório estendia-se sem aparente motivo. Os “*pacatos*” moradores sobressaltavam-se altas horas da noite, assustados pelo barulho de bombas, rojões e foguetes, soltas por “*elementos desclassificados*” que procuravam estabelecer a *algazarra* e o “*insossêgo*” no descanso merecido. Para uma cidade que se queria civilizada, tal “*espoucar enervante e insensato*” seria um abuso que “*além de perturbar o sono necessário dos que durante o dia trabalham, deprime o prestígio da cidade ordeira e serena*”.³⁴⁸

³⁴⁴ CALVINO, *Cidades Invisíveis*, p.16

³⁴⁵ BENJAMIN, *Imagens do Pensamento*, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.151

³⁴⁶ Relatos dos festejos da emancipação municipal de Leopoldo Petry, publicados no JO5 de 5 de Abril de 1940.

³⁴⁷ Ver Ercílio Rosa, JO5 de 19 de Junho de 1953, 25 de Junho de 1954 e 24 de Junho de 1955.

³⁴⁸ Ver JO5 de 14 de Janeiro de 1955.

Esperava-se noites tranquilas e madrugadas serenas, mas freqüentemente a cidade via-se tomada de assalto pela foguetada e acordava atemorizada. A impressão que se tinha é que devido à insônia ocorriam tais abusos. Sem poder dormir, o insone vingava-se na vizinhança soltando os foguetes.³⁴⁹

Na cidade detentora do imaginário título de mais barulhenta do Estado, tudo era motivo para algazarra. Festas de aniversário ou casamentos, jogos de futebol ou comício de políticos, acerto no jogo do bicho ou na loteria, qualquer coisa que saísse fora do normal seria festejado com uma “*foguetama*” impressionante: “*O fino do programa é arrumar uns amigos que tenham automóveis, e dar uma voltinha pelo centro da cidade queimando os guris (foguetes) nos ouvidos de quem não têm nada com o acontecimento*”. Com o crescimento vertical visto à partir da década de 60, tal propósito tornou-se ainda mais perigoso. Os foguetes estouravam praticamente dentro dos apartamentos mais altos. Uma série de rojões, em plena madrugada e em plena janela, era uma amarga experiência.³⁵⁰

Nos anos 60, se tornaram intensas as reclamações dos moradores: “*será que o tributo pago pelos novo hamburguenses não merece algo além de foguetes?*” Com a colaboração da delegacia de polícia iniciou-se uma campanha pela tranquilidade pública. A empreitada procuraria manter o sossego principalmente após as 22 horas. Os mais visados seriam os jovens condutores de lambretas, que andavam com suas descargas abertas e proferiam palavras obscenas e de baixo calão, e aqueles que largassem foguetes pelas ruas da cidade no meio da noite. Assim, a perturbação tornou-se contravenção, pois “*uma população trabalhadora merece um repouso reparador, sem interrupções causadas por elementos que não sabem o mal que estão causando com seu desrespeito ao sossego público.*”³⁵¹

Apesar da aprovação geral, a lei do silêncio durou pouco tempo. Numa charge de 1974 aparecia um grupo de jovens bebendo e comemorando em plena rua. Nos edifícios, os moradores iam para a sacada; uns acordavam sonolentos, outros atiravam seus travesseiros. Um comentava com sua esposa: “*o negócio é a gente se mudar para o*

³⁴⁹ Ver Ercílio Rosa, JO5 de 12 de Junho de 1953.

³⁵⁰ Ver JNH de 3 de Dezembro de 1960 e 11 de Setembro de 1964.

³⁵¹ Ver JO5 de 12 de Junho de 1953 (Ercílio Rosa) e JNH de 18 de Setembro de 1961 e 24 de Março de 1962.

interior.” Enquanto isto o grupo do barulho partia sem rumo nem hora para terminar a folia.³⁵²

Pelos comentários na charge, mostrava-se bem a característica que a urbe tomava: Novo Hamburgo não era mais uma cidade interiorana. De tanto querer ser moderna e progressista, sentia a problemática subjacente ao crescimento urbano. Com as tradições caídas, a cidade tornava-se grande. Nos festejos mais diversos, os fogos de artifício sumiam das lojas, tal sua intensa comercialização. O barulho viria como um tributo inerente ao próprio desenvolvimento.³⁵³

6.2. Lazer, Cultura e festa pagã...

A vida social da vila recém emancipada estava aquém do consenso metropolitano. Ainda era tempo de fazer piqueniques na beira do arroio devido à sombra em abundância, praticar o *footing* na praça depois da missa, reunir a família na calçada em frente à residência para observar o movimento, participar de clubes de ciclismo que promoviam passeios domingueiros, ou assistir as “*carreiras*”, dispondo-se ao longo da cancha para apostar e torcer pelos cavalos.³⁵⁴

Meio século depois, a urbanização já tinha derrubado as árvores e poluído o arroio, a correria havia acabado com os passeios descompromissados, o trânsito intenso trazido a poluição, os carros tomado conta das ruas e a aposta em corridas tornado-se ilegal.

Ainda na década de 50 e 60, era também bastante comum freqüentar os bailes de *kerb* que ocorriam por toda a região. Mesmos nestes, ou em outras reuniões sociais que os sucederam, os homens continuavam preferindo a copa à dançar com as garotas.³⁵⁵

Esporadicamente, aconteciam eventos que atraíam grande público, tal como a prova de ciclomotores realizada nas principais ruas urbanas ou até um tribunal de júri que, por estar julgando um assassinato que chocou a cidade, foi realizado num salão de festas de um sociedade local.³⁵⁶

³⁵² Ver JNH de 3 de Abril de 1974 (charge).

³⁵³ Ver JO5 de 19 de Junho de 1953.

³⁵⁴ Ver JO5 de 10 de Junho e 22 de Julho de 1927 e 24 de Julho de 1959 e JNH de 3 de Dezembro de 1965, 25 de fevereiro e 25 e 30 de Novembro de 1981.

³⁵⁵ Ver JNH de 6 de Novembro de 1962.

³⁵⁶ Ver JO5 de 14 de Janeiro de 1955 e JNH de 13 de Junho de 1963.

Também na cultura não havia muito interesse local. Embora em algumas ocasiões a cidade não se limitasse a “*aspirar a poeira das oficinas, nem a construir bungalôs bonitos e chalezinhos simples ao longo das ruas*”, e tentasse algo em relação ao desenvolvimento cultural, na maioria das vezes tais iniciativas eram improfícuas. O “*cheiro típico de couro curtido*” continuava espalhado pela cidade toda e, “*enquanto o ruído das máquinas denota que o novo-hamburguês empenha-se cada vez mais no aperfeiçoamento do calçado, numa miragem quasi obcecada pelos pés humanos*”, a mentalidade local longe estava dos “*nobres princípios espirituais*”. A crítica aparecia: “*enquanto ceureamos os pés, viemos usando a cabeça apenas para pôr o chapéu*”.³⁵⁷

Agravando a situação, não havia separação entre o joio e o trigo. Uma apresentação de cantores de renome internacional ou célebres artistas, atraía poucos ao auditório; estes compareciam muitas vezes apenas para serem vistos. Mas “*qualquer malandro que, com apenas um pandeiro ou violão, se apresenta diante de nossa platéia, recebe ovações indescritíveis*.”³⁵⁸

Enquanto lazer e cultura perdiam terreno, uma festa pagã avançava paulatinamente, contaminando todos por onde passava; era o *Carnaval*.

Para Ferrara, a época carnavalesca é aquela onde rompem-se “*a distinção entre ricos e pobres, popular e erudito, particular e público, para criar um momento em que tudo ocorre ao ar livre*.” Nela, a sociedade inteira deixar-se-ia ver pelo reverso da ordem estabelecida. De acordo com Balandier, ela “*se libera pela imitação e pelo divertimento, se abre aos ataques e às críticas por meio de transposições toleráveis e se entrega parodicamente ao movimento a fim de com ele aumentar sua ordem*”. Como festa do inverso ela se opõe às demonstrações políticas de civismo e às ritualizações religiosas.³⁵⁹

Obviamente, na tradicional sociedade hamburguense, fechada por natureza, o carnaval levou tempo para chegar aos padrões atuais. Nos anos 30, as brincadeiras de rua, através dos blocos, eram bastante peculiares. Ao aproximar-se o reinado do deus Momo, via-se a agitação nos ensaios. Afinados os “*hymnos carnavalescos*”, os entusiastas tomavam as principais ruas da cidade. A passeata revestia-se de brilhantismo

³⁵⁷ Ver JO5 de 30 de Setembro de 1949 e 18 de Janeiro de 1952 (Ercílio Rosa).

³⁵⁸ Ver JO5 de 15 de Agosto de 1952.

e os dirigentes dos blocos e cordões recebiam congratulações “*pela boa linha de conducta e ordem que mantiveram durante os folguedos empanado tantas vezes pelo entusiasmo fanático de seus torcedores e adeptos*”.³⁶⁰

Em tempos de *Estado Novo*, o carnaval de rua foi retrocedendo ano a ano e ameaçava passar despercebido em muitas ocasiões, devido à ausência dos corsos e de outros festejos. Era época das normatizações carnavalescas. Batalhas de confetes e banhos com fantasia, ensaios ou bailes públicos, passeatas de blocos, cordões, ranchos ou qualquer outro tipo de agrupamento, só poderiam se realizar mediante autorização prévia da delegacia especial de costumes, e depois de pagos os emolumentos previstos em lei. O poder constituído desautorizava qualquer canção sem que a respectiva letra tivesse sido previamente censurada e proibia o uso de fantasias atentórias à moral ou parecidas com uniformes adotados pelas classes armadas. O uso da máscara somente era permitido nos dias de festa e os mascarados estariam sujeitos à fiscalização policial. Grupos carnavalescos de que fizessem parte indivíduos maltrapilhos, empunhando latas, fragmentos de madeira ou outros objeto, seriam dissolvidos e seus componentes levados à delegacia.³⁶¹

Várias moças da sociedade local preferiam abster-se dos festejos e partiam em retiro espiritual, “*acontecimento digno de registro nos anais religiosos da comuna*”. Ao invés do culto ao deus pagão, a oração e a reflexão.³⁶²

Mas se as ruas esvaziavam-se, os festejos nos bailes, realizados por diversas sociedade locais, atraíam muitos foliões e iam tornando-se realizações tradicionais.³⁶³

Na década de 50, os festejos carnavalescos saíram da clausura e ganharam força. O luxo dos carros e das fantasias sensacionalizavam o público. A animação e a folia tomavam conta da grande massa de populares que postava-se na avenida para ver os blocos desfilarem. Quando a barulhenta e alegre temporada do Momo batia às portas da cidade – “*já atingem nossos ouvidos os prólogos das epopéias de festança e gáudio*” –

³⁵⁹ Ver FERRARA, *As máscaras da cidade*, In: __. *Olhar periférico*, p.210; e BALANDIER, *O poder em cena*, p.54-56

³⁶⁰ Ver JO5 de 3 e 10 de Fevereiro e 3 de Março de 1933.

³⁶¹ Ver JO5 de 16 de Fevereiro de 1934, 24 de Janeiro de 1941 e 26 de Fevereiro de 1954.

³⁶² Ver JO5 de 16 de Fevereiro de 1945.

³⁶³ Ver JO5 de 8 de Março de 1935.

arrastava todos de roldão. Mesmo assim, a conduta local continuava impecável, “*face aos sentimentos cristãos do nosso povo*”.³⁶⁴

“A elevada linha de conduta, que sempre presidiu a festança desenfreada e incontida da mocidade de nossa terra, parece constituir também este ano um dos traços vigorosos de nosso carnaval, que, atualizando-se gradativamente com o correr dos anos, tem para si o mérito de mover-se sempre dentro dos limites da decência e do respeito mútuo. Assim, a cidade industrial vai a passos largos e decididos ao encontro do rei da alegria, honrando suas tradições de gente alegre e divertida, coisa de seu alto prestígio social, conquistado através de sua ilibada e retilínea conduta.”³⁶⁵

Apesar de ser uma festa necessária, uma vez que liberaria energias reprimidas e fecharia as lacunas para insurreições, não poderiam faltar vozes contrárias. Em *terra de gente trabalhadora*, haviam aqueles que criam poder tais energias serem canalizadas “*a favor de melhores objetivos e mais profundas realizações em prol da felicidade geral e da elevação sempre mais alta do prestígio da pátria*”. Tal mentalidade não levava em conta o efeito de purificação engendrado pelos festejos carnavalescos, limpando qualquer sentimento de revolta em relação às desigualdades sociais.³⁶⁶

A festa do reverso, que deixava a impressão de uma sociedade sem cortes sociais, desigualdades e conflitos de poder, que queria transparecer a fraternidade no âmbito festivo, que invertia os papéis e posições dos indivíduos, acabava consolidando tais dicotomias “*depois do fim do rito*”,³⁶⁷

Levaria anos ainda para a *Cidade Industrial* deixar de ter carnavais do tipo “*desfile militar com marcha à vontade*”, com direito à Banda Municipal, em que a disciplina de caserna era substituída pelo espírito fuleiro. Mesmo assim, o eficiente policiamento que zelava pelo préstito carnavalesco tornava-se impotente diante do predicado maior dos foliões: pornografia e imoralidade. Com a chegada dos chamados *Blocos Humorísticos*, nos anos 60 e 70, muitas vezes “*constrangendo senhoras e moças, com obscenidades e gestos imorais*”, o estilo liberado e irreverente quebrava pouco a pouco a tradição local. Com bastante relutância, sem dúvida...

³⁶⁴ Ver JO5 de 11 de Janeiro de 1952, 26 de Fevereiro de 1954, 21 de Janeiro e 24 de Fevereiro de 1955.

³⁶⁵ Ver JO5 de 28 de Janeiro de 1955.

³⁶⁶ Ver JO5 de 13 de Janeiro de 1959.

³⁶⁷ Ver DA MATTA, Carnavais, malandros e heróis...; e BALANDIER, O poder em cena, p.56

“Há, meus caros jovens, as vossas extravagâncias colocadas ao lado daquilo, para uma comparação, transformar-vos-iam em noviças quando saem a passeio: de mãos dadas e encabuladas.”³⁶⁸

Dos antigos blocos de foliões dos anos 30 e 40, sobrou o carnaval de rua organizado em escolas de samba nas décadas de 80 e 90, com direito à platéia e jurados. Os foliões que quisessem liberar suas personalidades enrustidas, deveriam escolher entre participar dos bailes nos salões das sociedades locais, ou viajar para outros Estados onde o espírito da irreverência era muito maior. O que importava era dar vazão às energias reprimidas durante o ano inteiro pelo trabalho ordenado; e nada melhor que a festa do inverso. Numa sociedade que prezava tanto pela ordem, a festa pagã, como baluarte da desordem, completaria o outro lado da moeda social.

6.3. Circo, cinema e televisão...

Antes de tudo, a encenação é uma catarse para quem assiste.³⁶⁹ No circo, tal purificação pende para o lado cômico e o da expectativa. O ambiente circense permite a purgação através do riso e da ansiedade. No cinema e na televisão ela assume diversos gêneros. Na projeção de imagens, o espectador passa pelas mais diversas situações que nunca pensou viver e jamais viverá na sua real existência. Nos poucos momentos de entretenimento, ele assume uma vida que não é a sua; ele sai de seu mundo anônimo para viver uma história da qual participa passivamente. Circo, cinema e televisão foram inventos bastante apropriados ao homem moderno. Em sua vivência superficial e rotineira, eles lhe completam.

Nos primeiros tempos à época da emancipação municipal, os entretenimentos na cidade davam-se por conta da visita de algum circo, da encenação de alguma peça teatral ou da projeção de algum filme. Espetáculos teatrais ou filmes davam-se no mesmo local: os “*Cine-theatros*”.

Os circos chegados à cidade, trazendo sempre alegria, normalmente montavam o pavilhão na praça 20 de Setembro e lá, precedidos ou não de renome, trabalhavam com

³⁶⁸ Ver JNH de 16 de Março de 1962. A comparação se refere ao carnaval carioca.

³⁶⁹ No sentido teatral, catarse é o efeito moral e purificador da tragédia clássica, cujas situações dramáticas trazem à tona os sentimentos de terror e piedade aos espectadores, proporcionando-lhes o alívio, ou purgação, desses sentimentos, conforme FERREIRA, Novo Dicionário da Língua Portuguesa, p.295

sucesso. A estréia era coroada de êxito: *“tanto no sabbado, como na de domingo, toda a lotação chegou a ser excedida, tal a massa de povo que affluiu a esse espetáculo”*.³⁷⁰

Posteriormente, já nos anos 50, o forte passaria a ser o cinema, bastante vulgarizado entre o público. Nas sessões observava-se a formação de *“bichas”* de interessados que guardavam, *“com verdadeiro estoicismo, o seu direito a um lugar mais cômodo na participação da respectiva sessão”*.³⁷¹

Na *Cidade Industrial*, os trabalhadores acorriam em massa às salas de projeção, *“para assistirem à vingança que o intérprete executa em nome delas, na medida em que o ator não somente afirma diante do aparelho sua humanidade (ou o que aparece como tal aos olhos dos espectadores), como coloca esse aparelho a serviço do seu próprio triunfo”*.³⁷²

Para as crianças havia encenações do tipo *Chapeuzinho Vermelho*, onde *“a petizada gosava com a faceirice do passarinho e, com a austeridade dos cavalheiros, emocionava-se com a bondade da fada que detestava a bruxa, não deixando em nenhum momento de amar a Chapeuzinho Vermelho”*, ou filmes do tipo *As diabruras da Marisol*.³⁷³

Pouco a pouco, o cinema ia quebrando a força da tradição moral. Filmes como *“Um romance em Paris”* apresentavam, em *“tecnicolor de 2ª e 3ª dimensão”*, danças frenéticas e ousadas. Muitas vezes os *“traillers”* dos chamados *“filmes impróprios”* eram exibidos nas sessões de censura livre. Estas cenas de *“verdadeiro atentado à moral, que ferem as mentes em formação”*, causavam descontentamento aos adultos, mas eram a alegria dos adolescentes.³⁷⁴

Apesar das reformas nas salas de exibição, como a colocação de poltronas estofadas *“Brafor”* em substituição das cadeiras de madeira, sempre no afã de proporcionar aos *“habituês”* maior conforto e bem-estar, ou ainda de campanhas para moralizar o convívio social, era freqüente notar a falta de decência de alguns *“engraçadinhos”* que ignoravam a *“boa ética”* e se conduziam de maneira *“pouco*

³⁷⁰ Ver JO5 de 11 de Novembro de 1927, 10 de Julho de 1931 e 26 de Janeiro de 1934.

³⁷¹ Ver JO5 de 8 de Janeiro de 1954.

³⁷² BENJAMIN, A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, In: __. *Obras Escolhidas I*, p.179.

³⁷³ Ver JO5 de 10 de Junho de 1955 e JNH de 4 de Outubro de 1963.

³⁷⁴ Ver JO5 de 8 de Julho de 1955 e JNH de 4 de Outubro de 1963.

recomendável e nada social”, largando suas “*piadinhas*” em relação à película exposta.³⁷⁵

“Muitas vezes, os fiscais encarregados, localizam o ‘engraçadinho’ e o punem, expulsando-o do interior do cinema porém, no momento em que este não é localizado ou, antes disto, o público assiste permanecendo ouvindo palavras por eles ditos, que são verdadeiros vexames. .. Chegará o dia em que um chefe de família não mais poderá levar os seus a assistir uma película.”³⁷⁶

Na década de 60 surgiu a televisão, e como um cinema caseiro, invadiu os lares e fez com que velhos, moços e crianças ficassem em casa para saborear os programas exibidos. Num século onde a vida era acelerada, suas transmissões satisfariam o desejo humano de chegar mais rápido aos lugares, ver mais coisas e perder menos tempo com tudo isto.³⁷⁷

“Não sei se vocês já se deram conta mas a televisão é algo assim do outro mundo. Um negócio de louco, para falar a verdade. Quando estou assistindo o Jornal Nacional e vejo, imagem e som, dos mais distantes recantos do Brasil, não consigo esconder minha admiração pela inteligência do bicho-homem. Apesar de ocorrer diariamente, o fato de Recife, Brasília, Guanabara, São Paulo e mais um número de cidade dentro de minha sala é motivo de constante deslumbramento.”³⁷⁸

Com uma lógica própria, a televisão viria para vender idéias, valores e um novo estilo de vida. A alienação reproduziu-se nas imagens encerradas no aparelho transmissor, em P&B ou colorido. Redutora por natureza, ela traria cenas espetaculares para serem vistas...

“Você entra em casa e quase cai de costas, quando ouve um grito que quase derruba as paredes. - Ai, o Manuel assassinou o Luciano! que crime horrendo! Pronto, estragou seu dia. Antes mesmo de chegar à sala de onde viera o grito, você começa a imaginar qual de seus parentes tem o nome de Manuel, o sádico, que assassinara o Luciano. Ou o Luciano, que fora vítima de tão odioso assassinato. Mas quando chega à sala, vê somente sua esposa, sua irmã,... pasmem, até o velho diante de um aparelho de televisão, assistindo à novela que está em seus capítulos derradeiros.”³⁷⁹

Gradualmente, o cinema entraria em decadência, pois o novo hamburguense preferiria ficar em casa do que assistir algum filme. Nos anos 70, os cinemas começaram a apelar com filmes eróticos: “*Um marido sem... é como um jardim sem flores*”. Também a qualidade das cópias deixava a desejar. Como elas passavam por

³⁷⁵ Ver JNH de 4 de Junho de 1960.

³⁷⁶ JNH de 9 de Agosto de 1963.

³⁷⁷ Ver JNH de 14 de Agosto de 1964. Ver ainda VIRILIO, *Entrevista concedida a Laymert Garcia dos Santos*, apud OLIVEIRA, *A cidade (tele) percebida*, p.22

³⁷⁸ Lauro Diogo de Jesus, JNH de 12 de Novembro de 1971.

³⁷⁹ Sérgio Pires, JNH de 13 de Janeiro de 1971.

vários cinemas, desgastavam-se rapidamente e sua distribuição era extremamente precária. Se caísse alguma ponte ou ocorresse outra intempérie, a fita poderia chegava a tempo na cidade.³⁸⁰

Com a queda do público nos anos seguintes, as casas apelavam para a sonegação. Amiúde, os porteiros não inutilizavam o ingresso e os devolviam ao bilheteiro que vendia-os novamente, não precisando, portanto, acionar a caixa registradora. Mesmo com isto, na década de 80, foram fechando os “cinemões”, assim chamadas as grandes salas de projeção. Com a abertura do *Shopping Center* no início dos anos 90 – com duas salas de cinema menores e um ambiente sofisticado – as salas de cinema de até 1900 lugares definitivamente cerraram suas portas. O *Lumière* e o *Avenida* viraram lojas de eletrodomésticos e roupas. O *Saionara* (antigo *Carlos Gomes*), que proibia o ingresso dos engraxates de pés descalços e roupas sujas mas permitia o “*distinto público*” das fitas pornográficas, amanheceu um dia com uma faixa: “*Breve aqui, Igreja Universal do Reino de Deus*”. Ele teve o mesmo fim que o cinema de Hamburgo Velho que, muito tempo antes, havia virado templo religioso após uma reforma no prédio, reforma esta que causou grande confusão, uma vez que descaracterizou completamente o bairro histórico.³⁸¹

A diversão passiva das telas foi substituída pela exortação ativa da fé, e o gasto com o ingresso pelo dízimo e pelas ofertas...

6.4. Estações do ano...

“Pois cada cidade pretende ser visitada na estação do ano que apresenta seu clima mais extremado. Ela está, antes de tudo, adaptada a ele, e só à partir daí é que se pode conhecê-la.” Walter Benjamin³⁸²

Por sua localização, entre 29°40 e 29°50 da latitude sul e 7°50 de longitude oeste do meridiano do Rio de Janeiro, e por sua altitude, com mínima de 27,39 metros na antiga estação de trem, 103 na igreja católica de Hamburgo Velho e máxima de 250 no travessão de Dois Irmãos,³⁸³ Novo Hamburgo sempre se viu envolto num clima ameno e bem definido. Tal amenidade fez inclusive de Hamburgo Velho, um dia, local

³⁸⁰ Ver JNH de 16 de Março de 1973, 10 de Maio e 18 de Setembro de 1974.

³⁸¹ Ver JNH de 30 de Julho e 13 de Setembro de 1982, 16 de Janeiro e 29 de Março de 1984, 23 de Junho de 1995 e 10 de Abril de 1997.

³⁸² BENJAMIN, *Imagens do Pensamento*, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.186

³⁸³ Ver PETRY, *Novo Hamburgo, florescente município...*, p.15

recomendado para estação de repouso. Acima de tudo, primavera, verão, outono e inverno permitiam ser vistos como tais. Entretanto, nos últimos anos, acentuar-se-ia o clima quente nos meses de Janeiro e Fevereiro, seja pelo dito aquecimento global, seja pelo efeito estufa, próprio das zonas intensamente urbanizadas.

Outono era a estação das folhas caídas e das árvores nuas. O mês de março marcava o fim dos dias de calor “*canicular*” e o retorno das férias e conseqüente volta às aulas. Em abril começavam as chuvas esporádicas. No mês das mães, maio, “*o sol vai fugindo e parece que os dias tornam-se sem cor e que os sonhos se desfiam com as folhas*”. A estação de outono teria “*o perfume das últimas maçãs maduras*” e seria “*uma incógnita todas as manhãs, porque vira mais depressa que cata-vento.*”³⁸⁴

Chegado o Inverno, o frio fazia-se acompanhar pelo tradicional vento “*Minuano*”, que “*entra por um ouvido e sai pelo outro*”. Na estação gelada, que permitia “*chupar os dedos como se fosse picolés*”, as casas permaneciam maior tempo fechadas, muitas vezes aquecidas por lareiras ou fogões à lenha, e os cinemas e bailes tinham pouca freqüência. Nas ruas desertas as pessoas andavam encapotadas e os carros ficavam com os vidros embaciados.³⁸⁵

“Decididamente Novo Hamburgo enfrentará novos dias calmos, sem grandes festas. Muita gente preparando as malas para diversos pontos do país, onde gozarão as férias de inverno. Nossos clubes, neste mês, que deverá ser chuvoso e frio, permanecerão fechados. Nossas ruas, geralmente movimentadas, ficarão silenciosas e tristes, privadas da beleza e graça das jovens que enfeitam a cidade. No verão, essa solidão que se abate sobre a cidade é mais suportável, amenizada, talvez pela beleza da estação. Porém no inverno onde tudo é úmido e frio, esse abandono parece que toma conta de tudo, envolvendo-nos também em seu véu de melancolia.”³⁸⁶

Mas se o frio das épocas inverniais trazia os narizes vermelhos, os sobretudos cheirando a naftalina e o sorriso dos comerciantes que viam seus estoques abandonarem as prateleiras, trazia também consigo o degradante espetáculo da mendicância. Meninos e meninas com pés descalços e mal agasalhados percorriam as ruas em busca de trocados, agasalhos ou um prato de comida. Velhos e moços disputavam com cachorros as latas de lixo em busca de restos de comida.³⁸⁷

³⁸⁴ Ver JO5 de 20 de Abril de 1928 e 20 de Maio de 1955 (Ercílio Rosa) e JNH de 24 de Março de 1986.

³⁸⁵ Ver JO5 de 18 de Janeiro de 1957 e JNH de 7 de Maio de 1985.

³⁸⁶ JNH de 6 de Julho de 1962.

³⁸⁷ Ver JNH de 9 de Junho de 1967, 23 de Junho de 1972 e 12 de Julho de 1991. Sobre a mendicância ver mais no capítulo 4.5. *A exteriorização da miséria...*

Os tempos primaveris chegavam com o desabrochar das flores. As chuvas também eram abundantes. Em dias de temporal “*as ruas jaziam alagadas e nas sarjetas avolumavam-se correntes de água que se atiravam vorazes por sobre os escoadouros*”. Os que tinham carro safavam-se mas os demais corriam à procura de proteção; de pouco valia, pois os carros passavam velozes sobre poças d’água e molhava os desabrigados. O final da primavera era marcado pelo “*horário de verão*”, quando adiantavam-se os relógios em 1 hora para melhor aproveitar a claridade e gastar menos energia. Alguns se acostumavam, outros nem tanto. Na colônia não adiantava o novo horário, “*pois as vacas estão acostumadas com o horário de tirar o leite*”.³⁸⁸

Chegado o verão, o calor reinava absoluto. Para ameniza-lo valia tudo: chuvaradas constantes, sombra de árvores, bancos de praça ou andar na calçada onde o edifício fazia sombra. Mas pouco adiantava. O “*chopinho*” ao ar livre tornava-se choco, dormir à noite era um inferno acentuado pelos mosquitos, o asfalto derretia e grudava e os bueiros abriam suas “*bocas mal cheirosas*” e cuspiam “*milhares de insetos nojentos, como as baratas que voam para dentro de nossas casas.*” Seco como “*carne de sol*”, o calor no verão fazia as pessoas se arrastarem de um lugar à outro, em busca de ambientes climatizados.³⁸⁹

Dezembro era o mês do Papai Noel que, apesar do calor, trajava-se como se nas ruas reinasse a neve. A cidade se embelezava com a colocação de milhares de lâmpadas das mais diversas cores nas árvores das ruas centrais, principalmente na avenida Pedro Adams Filho. Na praça central montava-se o pinheiro iluminado por refletores e as casas e lojas decoravam suas fachadas com milhares de luzes “*pisca-pisca*” e outros arranjos natalinos. A vontade de fazer um natal digno de países europeus era tão grande que Novo Hamburgo foi alcunhada de “*cidade-presépio*”. Se dependesse dos habitantes só faltaria a neve...

“Creio que em todas as casas haverá pelo menos um galho de pinheiro simbolizando a árvore de Natal; e que da árvore penderão bolas coloridas, estrelas douradas e velinhas acesas; e que ao pé do pinheirinho o presépio reproduza a história do nascimento de Jesus; e na maior parte das casas as famílias cantarão em coro os trechos de ‘Noite Feliz’; e

³⁸⁸ Ver JO5 de 18 de Setembro de 1959 e JNH de 24 de Março e 5 de Outubro de 1986.

³⁸⁹ Ver JO5 de 18 de Janeiro de 1957 e JNH de 5 de Janeiro de 1972, 17 de Janeiro de 1975 (charge) e 24 de Março de 1986

certamente haverá pacotes com nomes sobre a mesa, cartuchos com passas, avelãs, docinhos cobertos com merengues e balas.”³⁹⁰

Nas ruas, a alegria estampava-se nas faces infantis. Com vitrinas multicolores e repletas de brinquedos e presentes, as lojas atraíam sempre. O clima natalino voltava-se para o consumo: crianças, casais e amigos trocavam idéias, discutiam e consultavam-se entre si para escolher a melhor opção. Entretanto, aos filhos dos menos favorecidos, o natal deslumbrava mas não mudava em quase nada. Eles podiam olhar, cobiçar, desejar e suspirar diante das vitrinas, mas no dia seguinte continuavam suas brincadeiras com latas velhas, carros sem roda e bonecas sem braços ou cabeça. “*Brinquedos de vitrines e papai-noéis não entram em casebres de arrabaldes*”. A data homenageando o Messias tornava-se simples comércio. O espírito de fraternidade cedia terreno ao sonho consumista, cujos apelos encantavam à todos.³⁹¹

Como diria Calvino, “*não existe época mais agradável e produtiva, para o mundo da indústria e do comércio, que o Natal e as semanas que o antecedem... entre os homens de negócio, as pesadas disputas de interesse se aplacam e dão lugar a uma nova competição: quem oferece de modo mais gracioso o presente mais distinto e original*”.³⁹²

Após o natal era tempo de descanso. A cidade ficava vazia, silenciosa e melancólica. O bulício da juventude, com o *atordoar das motos* e a *estridência das buzinas*, cessava. A maior parte dos veranistas hamburguenses estava de férias e o local preferido, já nas primeiras décadas, era o balneário de *Tramandaí*, no litoral norte do Estado.³⁹³

Para os maridos, as épocas de férias eram propícias às *escapadas*. Enquanto as esposas ficavam no litoral com as crianças, e a cidade estava livre dos olhares vigilantes, os *casados* espaireciam à noite. Muitas vezes as fugas exigiam esquemas complexos, dignos das aventuras de espionagem, mas com o crescimento urbano e o anonimato inerente à ele, tais fugas tornaram-se bem mais fáceis e sem o sabor do perigo.³⁹⁴

³⁹⁰ Vinícius Bossle, JNH de 26 de Dezembro de 1964.

³⁹¹ Ver JO5 de 21 de Dezembro de 1945 e 19 de Dezembro de 1958 (Ercílio Rosa).

³⁹² CALVINO, Marcovaldo ou as estações na cidade, p.127

³⁹³ Ver JO5 de 15 de Janeiro de 1943, 12 de Janeiro de 1945 e JNH de 18 de Janeiro de 1983.

³⁹⁴ Ver JNH de 12 de Fevereiro de 1993.

7.

A cidade progride

“Entendamo-nos bem. Não ponho eu mira na posse do que o mundo alcunha gozos. O que preciso e quero, é atordoar-me. Quero a embriaguez de incomportáveis dores, a volúpia do ódio, o arroubamento das sumas aflições. Estou curado das sedes do saber; de ora em diante às dores todas escancaro est’alma. As sensações da espécie humana em peso, quero-as eu dentro em mim; seus bens, seus males mais atrozes, mais íntimos, se entranhem aqui onde à vontade a mente minha os abraça, os tateie; assim me torno eu próprio a humanidade; e se ela ao cabo perdida for, me perderei com ela.”³⁹⁵

No início dos tempos, as necessidades humanas eram primárias. O homem precisava de pouca coisa para subsistir. Na marcha evolutiva, ele criou para si novas necessidades, uma supérfluas, outras indispensáveis. Seria ingenuidade pensar que mantendo-se no estado primitivo, o homem seria mais feliz do que com o imenso aparato que hoje tem a sua disposição. Assim como a criança parece ser mais feliz em seu mundo, tal felicidade seria a do bruto. Segundo Elias³⁹⁶, a condição humana é uma lenta e prolongada construção do próprio homem. À esta marcha evolutiva convencionou-se chamar “*progresso*”. Entretanto, há de se separar o joio do trigo. De um lado tem-se o desenvolvimento tecnológico e científico, o progresso material, o da técnica emancipacionista e o dos saberes. Estes trazem a satisfação das necessidades humanas e tornam-se, assim, marcas do processo progressivo. Se as conquistas materiais são a cama de salto das intelectuais, destas advém o progresso moral, embora não as siga imediatamente.

Tal como fizeram Walter Benjamin e Theodor Adorno, é preciso recusar a confusão entre progresso das técnicas e dos conhecimentos com o progresso da

³⁹⁵ Diálogo de Fausto com Mefistófoles, In: GOETHE, Fausto, p.105

³⁹⁶ ELIAS, O Processo civilizador

humanidade. Concebido diante da ameaça fascista de 1930-40, que parecia avançar sem obstáculos sobre a liberdade humana, o conceito de Adorno sobre o progresso humano repousaria na constituição social global e no sujeito consciente de si mesmo; as únicas armas capazes de afastar o desastre total. O verdadeiro progresso consistiria na guerra contra o triunfo do mal radical, na resistência ao constante perigo de regressão à barbárie e na possibilidade de evitar a catástrofe integral.³⁹⁷

Tornou-se famosa a invocação alegórica de Benjamin sobre o anjo da história que tenta em vão deter-se nas ruínas acumuladas do passado, pois a tempestade chamada “progresso”, soprada do paraíso, impele-o irresistivelmente para o futuro.³⁹⁸ Tal alegoria reaparece quase textualmente em Adorno: “*O anjo portador do gládio de fogo, que expulsa os homens do paraíso e os impeliu à via do preparo técnico, é, ele próprio, o símbolo desse progresso*”.³⁹⁹

Se pelo progresso intelectual fazer-se-ia compreensível o discernimento entre o certo e o errado, mas que o desenvolvimento moral não o acompanharia concomitantemente, a inteligência humana, a técnica e as conquistas materiais poderiam ser postas a “*serviço das trevas*”. Com isto, poder-se-ia embaraçar a marcha progressiva, mas nunca detê-la. Aqueles que assim procedessem assemelhar-se-iam à pequenas pedras colocadas debaixo de grande veículo, não impedindo-o de avançar.

Embora nunca utilizado a palavra “moral”, tanto Adorno quanto Benjamin vislumbraram o caráter moral no progresso humano. Em Adorno, o verdadeiro progresso humano dar-se-ia quando a sociedade global alcançasse um caráter social e quando o sujeito nela vivesse com conhecimento e consciência de si mesmo. A própria idéia de humanidade não excluiria coisa alguma; não caberia uma idéia de progresso sem a de humanidade.⁴⁰⁰ Em Benjamin, a técnica seria emancipadora, permitindo a “*redenção*”, mas vista pelo *modo operandi* habitual, por como se utiliza quem dela se apropria, tais conquistas tornaram-se esdrúxulas.⁴⁰¹

Quer queira-se ou não, o aperfeiçoamento da humanidade segue uma marcha regular e lenta, mas constante. Os abalos físicos ou morais que surgem nesta, impelem o

³⁹⁷ ADORNO, *Progresso*, p. 217-236

³⁹⁸ BENJAMIN, *Sobre o Conceito da História*, In: __. *Obras Escolhidas I*, p.226

³⁹⁹ ADORNO apud LÖWY & VARIKAS, *A crítica do progresso em Adorno*, p. 206

⁴⁰⁰ ADORNO, *Progresso*, p. 218-219

⁴⁰¹ Ver BENJAMIN, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, In: __. *Obras Escolhidas I*, p.165

homem a seguir em frente. Vistos com olhos pessimistas e mesquinhos, tais abalos são percebidos como desordem constante e caos total. Com um olhar mais apurado, eles se assemelham à tempestade que saneia a atmosfera, depois de a ter agitado violentamente. Observado em conjunto, vê-se a marcha moral ascendente, pois no passar dos tempos reprime-se os abusos de toda ordem. Além do mais, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas, faz-se mister que o mal chegue ao limite.

Atualmente, o progresso das técnicas e dos saberes parece soçobrar ao moral. Tal situação, passageira, faz da vida moderna algo de paradoxo e contraditório. Como bem coloca M. Berman, ser moderno é viver um desejo de mudança, de si e do mundo ao redor, mas também viver o terror da vida que se desfaz em pedaços.

“Ser moderno é encontra-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”⁴⁰²

Neste contexto é que se insere o progresso em Novo Hamburgo. A cidade viveu seus dias de glória quando buscava incansavelmente o progresso, confundindo-o como conquistas materiais. Renovou sua arquitetura, construiu belas residências e edifícios suntuosos, alinhou e calçou suas ruas, ordenou o desenvolvimento, enfim, procurou crescer e ganhar feições de pequena metrópole.

Para tanto, precisou derrubar as pontes que ligavam-lhe ao passado, uma vez que não queria volta. Negou suas origens coloniais para mergulhar no sonho urbano. E estas mudanças teve de fazer sem nostalgia.

Obviamente, neste processo, conheceu as intempéries do caminho. As mazelas inerentes ao crescimento chegaram de prontidão.

Entendendo progresso como uma força dinâmica e irresistível, como o vento que sopra do paraíso e impele a seguir em frente, a cidade progredia...

7.1. Discurso pró-progresso

“Novo Hamburgo, baluarte altaneiro de trabalho intensivo e cultura, Onde a ordem unida ao progresso, Produziu bem-estar e fartura. Onde um povo ordeiro e pacato Em esforço continuo se expande Do Brasil ao progresso servindo E a grandeza do nosso Rio Grande. Onde os homens em tempos passados Os azares da sorte enfrentaram E vencendo a floresta ainda virgem Do futuro alicerces lançaram. De paragens longínquas chegados Onde medra o frondoso carvalho Nestas plagas de esbeltas palmeiras Iniciaram profícuo trabalho. Suas

⁴⁰² BERMAN, Tudo que é sólido desmancha no ar, p.15

espôsas. Heroínas sublimes, Não deixando os maridos sozinhos, Corajosas à selva seguiram Sobraçando os queridos filhinhos. Em união com os filhos pioneiros Doutras terras, com nobre heroísmo Do progresso as estradas abriram Animados de patriotismo. Sempre unidos, semeia e plantam Satisfeitos recolhem a messe Quando a terra, premiado o trabalho Seus tesouros, em paga oferece. E onde ranchos outrora se viam, Confortáveis vivendas se reguem, Onde a densa floresta imperava, Progressistas cidades nasceram. Guarda sempre, terrinha querida Do passado a herança sagrada E põe todo esse rico tesouro A serviço da Pátria adorada. Pois, assim colherás altaneira, Do labor merecida vitória, E teus filhos, dos pais de orgulhando Cultuarão, com fervor, sua memória.”⁴⁰³

Antes de tudo, o conceito de progresso material é derivado da troca: se ela foi justa, não houve progresso, pois ficou-se onde se estava. Na dinâmica capitalista, esta questão se colocou extraordinariamente bem. Na apropriação de poucos em detrimento de muitos, reside este princípio, que longe de ser estático, tornou-se extremamente dinâmico. Para Adorno, “a liberdade da ampliação destaca-se da mentira da igualdade.”⁴⁰⁴

O *Século das Luzes*, que proporcionou a vinda da razão, impregnou-se no pensamento ocidental. Pelo progresso da técnica viria o progresso intelectual; técnica e saber caminhariam mais ou menos juntos.

O conceito de progresso confundir-se-ia com o de civilização. O caminho para ser civilizado passaria pela busca incessante do progresso. No ocidente, o conceito de civilização expressou-se na consciência que os ocidentais tinham de si mesmos. Como afirmou N. Elias, os ocidentais, numa atitude narcisista, despreveriam o que lhe constituiria o caráter especial e aquilo de que se orgulhavam. Assim, olhando o próprio umbigo, veriam a natureza de *suas* maneiras e gostos, o nível de *sua* tecnologia, o desenvolvimento de *sua* cultura, *sua* ciência, *sua* concepção de mundo, *sua* maneira de viver, *seus* costumes, *suas* idéias religiosas, etc.⁴⁰⁵

Neste contexto, em Novo Hamburgo, o conceito de progresso humano confundir-se-ia com o de progresso material. Desde a emancipação, o progresso trazia consigo um crescente número de edificações a todo território do município: “*em toda parte vê-se surgir modestos chalés aqui, sólidos prédios alli, e elegantes palacetes acolá*”. A idéia era de que mesmo com pequena área urbana, poderia ser feito grandes

⁴⁰³ Hino a Novo Hamburgo. Dedicado a FENAC por Leopoldo Petry, em JNH de 20 de Abril de 1963.

⁴⁰⁴ ADORNO, *Progresso*, In: Revista Lua Nova, p. 234

⁴⁰⁵ ELIAS, *O processo civilizador I*, p.23

avanços. Com os “*ensinamentos da techinca moderna*” o espírito progressista iniciava o trabalho de “*adaptar-se às necessidades da collectividade*”.⁴⁰⁶

A renovação arquitetônica deveria acompanhar a evolução: “*quando temos a oportunidade de percorrer a cidade, surpreende sempre, as novas construções que vão erguendo, cada dia, com mais freqüência e em estilos os mais exóticos*”. Nos anos 30, 40 e 50, a cidade não cessava de se metamorfosear e dar demonstrações de progresso apreciável, com construções que “*honrariam qualquer cidade civilizada*”. A cidade ganhava dia-a-dia novas edificações, “*sua vida toma fóros de ambiente civilizado; tudo, aqui, respira atividade, beleza, bom gosto*”. As ruas, que antes eram cobertas de ervas daninhas e de espessos *maricasais*, foram calçadas. Os terrenos vazios e abandonados às macegas se transformaram em belos jardins que se multiplicavam a olhos vistos e tornavam-se “*verdadeiras salas de visitas para os forasteiros*”. A afirmação não poderia ser outra: “*o progresso aqui é fato inconteste*”, ou ainda esta: “*tudo cheira o novo*”.⁴⁰⁷

A manutenção dos serviços públicos era indispensável. Nos anos 30 e 40, a abundante iluminação pública bem diria a vida intensa e o progresso do município: “*uma cidade como Novo Hamburgo, da qual podemos nos orgulhar, tem direito a uma permanente indumentária de gala*”. Por esta razão, urgia serem tomadas todas as medidas possíveis, capazes de dotar a cidade de uma iluminação decente, “*de acordo com seu alto grau de desenvolvimento sob todos os aspectos de sua vida cotidiana*”. Nos anos 50, também a água era motivo de preocupação, uma vez que a extensão da rede seria índice de progresso material; Em 60, a precariedade nos serviços telefônicos não poderia ser admitida. Também nesta época foi procurado dar-se nome às ruas, colocando as placas indicativas nas esquinas, e numerar-se as casas, transformando a povoação “*numa urbs com aspectos progressistas*” e dando “*o rótulo indispensável num ambiente civilizado*”. Certo era batizar as ruas com o nome dos vultos que contribuíram para o progresso municipal.⁴⁰⁸

Com o crescimento urbano fez-se necessário pôr ordem na casa. “*Não se concebe que possa uma comuna se desenvolver e progredir, sem que haja um plano*

⁴⁰⁶ Ver JO5 de 20 de Janeiro de 1928, 3 de Maio de 1929 e 27 de Setembro de 1935.

⁴⁰⁷ Ver JO5 de 27 de Maio de 1927, 22 de Outubro de 1943, 16 de Junho de 1944, 11 de Janeiro de 1946 e 23 de Junho de 1971.

⁴⁰⁸ Ver JO5 de 10 de Setembro de 1943, 31 de Julho de 1953, 7 de Janeiro de 1955 e 18 de Março de 1960 e JNH de 4 de Março e 10 de Junho de 1961 e 9 de Novembro de 1967.

pré-determinado de orientação ao setor urbanístico.” O esparramento exagerado e desordenado daria a impressão de ausência desta planificação racional tão desejada.⁴⁰⁹

Como queria Le Corbusier, *“a casa, a rua, a cidade devem estar em ordem, senão contrariam os princípios fundamentais pelos quais nos norteamos; em desordem, elas se opõem a nós, nos entram, como nos entrava a natureza ambiente que combatíamos, que combatemos todos os dias”*. Somente pela ordem se promoveria a liberdade. Ela dependeria da imposição da ordem.⁴¹⁰

O avanço deste progresso não poderia ser interrompido: *“O progresso não pode para de evoluir, estamos condenados à progredir sempre, não podemos estacionar no tempo, pois ele nos engolirá”*. Como concluíra Fausto: *“Se eu para serei escravo!”* K. Marx vira isto como um mecanismo de sobrevivência do modo de produção capitalista: *“A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os meios de produção, e, por conseguinte, as relações de produção e, com elas, todas as relações sociais.”*⁴¹¹

Ai daqueles que se pusessem como entrave à marcha progressista; seriam considerados retrógrados e acabariam atropelados. Isto pôde ser visto em Novo Hamburgo, na década de 50, quando a idéia da construção de um edifício com 16 andares avançou sem sacrifício nem opositores. Os mais velhos, menos sujeitos às mudanças, seriam os mais angustiados. Um ancião, mesmo afastado da zona urbano, bem sentiu tal amargura. Na década de 60, ele foi proibido de deixar o gado solto, pois estes quase sempre acabavam na via pública, era ameaçado pela rigorosa fiscalização. Com pesadas multas, em pouco tempo perderia sua terra. Obviamente, os grandes proprietários de matadouros não sofriam este tipo de pressão.⁴¹²

Como uma São Paulo em miniatura, onde tudo era trabalho, dinamismo, ânsia de progredir, ritmo acelerado de desenvolvimento e vontade firme de vencer, Novo Hamburgo se transformaria. Nos anos 60 e 70, a calma e a tranqüilidade passariam a só existir na aparência, pois a urbe tornava-se febricitante, inquieta e buliçosa.⁴¹³

⁴⁰⁹ Ver JO5 de 9 de Abril de 1954 e JNH de 6 de Novembro de 1962.

⁴¹⁰ LE CORBUSIER, *Urbanismo*, p.15; ver ainda HARVEY, *Condição Pós-moderna*, p.39

⁴¹¹ Ver JNH de 8 de Setembro de 1971. Ver GOETHE, *Fausto*, p.101-125; MARX, *O Manifesto do Partido Comunista*, p.97; e BERMAN, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p.51 e 93

⁴¹² Ver JNH de 26 de Janeiro de 1963 e 12 de Janeiro de 1972.

⁴¹³ Ver JNH de 19 de Janeiro de 1963 e 18 de Dezembro de 1964.

Passavam-se os dias e acentuava-se mais e mais o desenvolvimento, a renovação e o progresso da *Cidade Industrial*. Constatar-se-ia: “*Novo Hamburgo é uma cidade moderna, movimentada, bonita, com grande trânsito de pedestres e veículos*”. Além de oferecer sapato ao grande número de turistas que visitavam-na, a urbe tinha de ser atraente, limpa e agradável à vista. A crescente construção de edificações verticais, casas e indústrias faziam com que ela ganhasse “*pinta de metrópole*”. Com ares de cidade grande, desaparecia as feições coloniais; os prédios antigos vinham abaixo por conta de picaretas certeiras; novas construções se erguiam com velocidade impressionante; a cidade se modernizava.⁴¹⁴

De calma e pacífica, onde reinava a tranqüilidade, passaria rapidamente à agitação diária: “*A calma deu lugar à movimentação desusada dos centros maiores*”. Novo Hamburgo cresceu e conseguiu que o tão desejado progresso batesse às suas portas.⁴¹⁵

Com o progresso, os valores mudaram; surgiram as interpretações e os requintes de civilização: linhas aerodinâmicas nos automóveis, estilo funcional nas residências, gravata borboleta, penteados, bronzeado de pele, televisão a cores, máquina de lavar roupas, cursos, viagens, valor da renda, etc. “*Às vezes me pergunto, será que está valendo a pena? Há um meio de impedir tanto progresso? A resposta vem logo... e tem outro jeito? Temos de nos adaptar e pronto!*”⁴¹⁶

Apesar das transformações, algumas coisas de cidade pequena ainda poderiam ser vistas na cidade dos anos 80 e 90, tais como uma horta com mangas, amendoins, flores e outros produtos, em meio à selva de prédios; ou ainda o povo se reunindo aos sábados pela manhã na praça enfeitada de bandeirinhas de papel para ouvir retretas da Banda Municipal.⁴¹⁷

A cidade chegava ao progresso tão esperado antes do previsto e do imaginado...

“Mil coisas encheram-me o pensamento; mil coisas assolaram-me o cérebro, ao pensar sobre seu futuro, sobre o seu aspecto e influência, digamos, daqui há um século. E, estas ruas, (penso para mim) como estarão? Muitos arranha-céus, vida social intensa, vida noturna, *night clubs* luxuosíssimos, imprensa diária, estações de rádio, progresso de toda a

⁴¹⁴ Ver JNH de 11 de Junho de 1960, 31 de Julho e 18 de Dezembro de 1964, 22 de Dezembro de 1967 e 19 de Maio de 1971.

⁴¹⁵ Ver JNH de 20 de Julho de 1962 e 31 de Maio de 1972.

⁴¹⁶ Ver JNH de 16 de Março de 1962, 30 de Agosto de 1974 e 11 de Novembro de 1980.

⁴¹⁷ Ver JNH de 19 de Outubro de 1986 e 9 de Maio de 1991.

sorte? Tavez... Mas pergunto, não deixaria Novo Hamburgo de ser, então, a cidade do couro, o local *onde as fábricas fizeram uma cidade*, para ser como as outras, enfim, como todas as grandes cidades, onde há riqueza, mas, ao mesmo tempo miséria em profusão? Ao futuro, ao incognicível futuro, pertence a resposta.”⁴¹⁸

Todo este progressivo processo teria uma justificativa plausível: o trabalho. “*O paradoxo da riqueza opulenta ao lado da juvenilidade tem em Novo Hamburgo uma explicação: é o trabalho.*” Esta palavra explicaria tudo e somente diante dela seria possível compreender o tamanho progresso em tão curto período.⁴¹⁹

Em tempos difíceis, como em 30 ou 50, mesmo com o “*boquejo nas esquinas*” e as “*rotativas*” despejando milhares de notícias de crise, o que passava à ser uma sentença inapelável, Novo Hamburgo continuava a se desenvolver. Como uma “*terra singular*”, os filhos da gleba hamburguesa realizavam jornada diuturnas e pertinazes para o seu bem-estar e para a grandeza da pátria. “*É uma dessas razões mestras que, mergulhando no solo fértil do trabalho organizado, regado com os mais sãos princípios sociais da justiça e fraternidade humana, levam ao tronco robusto da Nacionalidade a seiva da alimentação, a capa agasalhadora e confortante das ramificações e folhagens, em meio às quais fazem brotar os frutos do progresso material e as flores da cultura e da arte.*”⁴²⁰

Novo Hamburgo seria exemplo de pujança de uma coletividade voltada ao trabalho e na indústria encontrava seu destaque. Como apanágio de todos, a ordem, o progresso, o trabalho organizado transformava a antiga *Hamburguer-Berg* na *Manchester Brasileira*. O discurso era claro: “*Há poucos municípios onde se trabalha e produz tanto como aqui.*”⁴²¹

Tal canto da sereia fez com que, em curto espaço de tempo, principalmente à partir dos anos 60, a cidade atraísse os migrantes de todo Estado. A população crescia e os “*nascidos em outras comunas*” passavam a ser maioria. Com a crescente industrialização e conseqüente oferta de empregos, a cidade passaria à ser vista como o

⁴¹⁸ JO5 de 3 de Setembro de 1943.

⁴¹⁹ Ver JO5 de 18 de Abril de 1952.

⁴²⁰ Ver JO5 de 21 de Junho de 1929, 1º de Maio de 1931 e 18 de Janeiro de 1952.

⁴²¹ Ver JO5 de 3 de Julho de 1953, 8 de Abril de 1960 e 31 de Março de 1961 e JNH de 11 de Maio de 1961.

pote de ouro no fim do arco-íris. Na década de 70, ela materializaria a *Eldorado* perdida.⁴²²

Mas os anos 90 chegaram e Novo Hamburgo perdeu, pouco a pouco, seu prestígio econômico. Com a crise calçadista, e sua excessiva dependência nas exportações deste produto, a cidade escorregaria lentamente de posição. Mesmo assim, a cidade de feições germânicas passaria por inúmeras transformações. O progresso lhe imprimia fortes mudanças, tanto físicas como culturais. O ritmo de cidade grande aportava na progressista urbe, trazendo consigo tanto as vantagens quanto as mazelas do progresso tão desejado por todos.⁴²³

7.2. Derrubando as pontes do passado...

“O que é colono? Em Novo Hamburgo não há colonos... há simplesmente indústrias!”⁴²⁴

No final do ano de 1927 a cidade inaugurou um monumento em homenagem ao centenário da colonização alemã na região. Ele foi erguido no terreno que fazia parte do lote número 1 da “*colônia da Costa da Serra*”, pertencente à Libório Mentz, imigrante chegado na segunda leva em 6 de novembro de 1824. Sua estrutura em tijolo e cimento armado media 23 metros de altura e era guarnecido por 8 colunas redondas. Em seu interior haviam escadas que davam acesso às sacadas. Nas quatro faces via-se placas de mármore com os seguintes dizeres: “*100 annos da colonisação – em commemoração ao centenário da colonisação allemã no Rio Grande do Sul 1824-1924. Honrando os paes, ensinando os filhos*”.⁴²⁵

Com o marco inicial da obra posto no ano de 1924, o “*sumptuoso monumento, erigido numa das mais pitorescas collinas de Hamburgo Velho,*” levou três anos para ser concluído. Apesar da demora, sua inauguração foi um acontecimento digno de registro: “*os convidados officiaes foram recebidos na gare da Viação férrea de Hamburgo Velho*”. Formado o préstito na estação do trem, as autoridades municipais, os convidados oficiais, as escolas e sociedades, junto com grande massa popular, puxados pela banda de música, seguiram ao local do monumento. A praça da colonização estava

⁴²² Ver JO5 de 24 de Janeiro de 1941 e JNH de 9 de Dezembro de 1961, 25 de Setembro e 6 de Novembro de 1981 e 27 de Março de 1985.

⁴²³ Ver JNH de 1º de Dezembro de 1993 e 1º de Setembro de 1994.

⁴²⁴ JO5 de 25 de Julho de 1952

⁴²⁵ Ver JO5 de 9 de Dezembro de 1927.

enfeitada com bandeira e grinalda. No cerimonial foi entoado o “*imortal himno de Beethoven (cantam os céos a glória de Deus)*.”⁴²⁶

Apesar da pomposa inauguração, bastou um quarto de século para a obra perder muito do seu sentido. Voltando no tempo, como confere M. Dreher⁴²⁷, os primeiros colonos chegados ao Brasil não recebiam muita atenção da pátria-mãe. Até a queda de Bismark, que sentenciou: “*Um alemão, que despe sua pátria como um velho casaco, não é mais um alemão para mim, não tenho mais interesses de compatriota para ele*”, havia pouco interesse em relação aos expatriados. Como no Brasil estes imigrantes eram colocados em regiões pouco povoadas, fazendo com que o contato com a população local fosse mínimo, os elementos da cultura brasileira só eram adotados quando neles se via alguma vantagem. No correr do tempo, tais povoados adquiriram características próprias. Mas, com a queda de Bismark, aumentaram os interesses alemães em relação às zonas de imigração. Adotou-se uma política de preservação da germanidade, através da imprensa, das escolas, congregações e igrejas, e da Marinha. Com a 1ª guerra mundial, no qual o Brasil se aliou contra a Alemanha, surgiu a desconfiança contra o “*perigo alemão*”, e o Estado tomou iniciativas de combatê-lo, tais como a imposição do idioma nato e a proibição do alemão. Cessada a batalha em campos europeus e finda as proibições, os teuto-brasileiros concentraram-se em restabelecer ou preservar algo dos valores étnicos. Desta forma, comemorou-se festivamente, em 1924, o centenário da colonização. O movimento modernista, que ganhou corpo com a Semana da Arte Moderna em 1922, viria colidir frontalmente com esta cultura ética. À partir de 1930, o governo Vargas apertou o cerco contra o estrangeirismo e o nacionalismo tomou vulto. Nas escolas, todas as matérias deveria ser proferidas no idioma português. Duro golpe à região de colonização alemã, cuja grande parte dos alunos aprendiam no dialeto local. Com a 2ª guerra tais medidas acentuaram-se. Ficou proibido falar em público o idioma dos países inimigos, entre eles o alemão...

Findo os períodos conturbados, a cidade continuou a comemorar o Dia do Colono. A data, 25 de Julho, não havia sido posta como feriado, mas a prefeitura e as

⁴²⁶ Ver JO5 de 2 de Setembro e 18 de Novembro de 1927.

⁴²⁷ DREHER, Igreja e germanidade, p.39-52

entidades culturais, esportivas e religiosas se movimentavam na organização do programa festivo.⁴²⁸

Ainda na década de 50, podia ser vista visitas de embaixadores dos países do qual descendiam os habitantes da região, tais como o alemão em maio de 1957 e o da Áustria dois meses depois.⁴²⁹

Entretanto, maiores eram os laços que ligavam os teuto-brasileiros à terra que os acolhera. As comemorações da Semana da Pátria constituir-se-iam “*na melhor prova e afirmação de brasilidade dos descendentes dos bravos e heróicos pioneiros da colonização riograndense*”. Ao invés de “*um monumento que foi dedicado a homenagear a colonização alemã no Rio Grande do Sul e que lembra uma Novo Hamburgo vila, uma Novo Hamburgo do passado, colônia ainda*”, clamava-se por um busto ou uma estátua que fizesse lembrar a transição para a vida urbana. Por esta razão a afirmação: “*em Novo Hamburgo não há colonos, há indústrias*”.⁴³⁰

Neste contexto, não haveria razão para preservar a imagem dos tempos de colônia. As velhas construções faria vir à lembrança do passado. Progredir significaria fazer desaparecer os tempos de outrora e tal destruição assinalaria a queda das pontes com o ontem, para que não houvesse possibilidade de volta. Tal atitude viria de encontro às raízes do pensamento iluminista que, ao abraçar a idéia do progresso, “*buscou ativamente a ruptura com a história e com a tradição esposada pela humanidade*”.⁴³¹ Assim como engaja-se numa modernidade que cultiva o novo e que, de acordo com Rouanet, expulsa o antiquado e se define mesmo em pelo distanciamento com relação à ele.⁴³² Só negando o passado é que seria possível a conquista da dita civilização.

Desta forma, a cidade procurava se modernizar através da destruição construtiva. Nas décadas de 60 e 70 era comum desaparecer prédios antigos e surgir novas construções. A cidade crescia e os prédios se multiplicavam. As ruas se alargavam: “*Tudo cheira novo!*”⁴³³

⁴²⁸ Ver JO5 de 17 de Julho de 1953.

⁴²⁹ Ver JO5 de 17 de Maio e 7 de Junho de 1957.

⁴³⁰ Ver JO5 de 6 de Janeiro de 1950 e 25 de Julho e 12 de Setembro de 1952.

⁴³¹ HARVEY, *Condição pós-moderna*, p.23

⁴³² ROUANET, *A razão nômade*, p.65

⁴³³ Ver JNH de 19 de Maio e 23 de Junho de 1971.

Em termos de cultura, a cidade se distanciava dos tempos em que imperava o idioma alemão...

“Há mais de trinta ano era comum, vulgar mesmo, ouvir-se falar quase que exclusivamente a língua alemã nas casas de comércio, nas sedes sociais, nos bares, nos cafés, nas reuniões, enfim onde quer que fôssemos ou estivéssemos. Se caminhamos pela avenida central ou freqüentarmos os nossos bares, cafés, cinemas ou outras casas públicas, já não se nota mais aquela predominância da língua alemã, até outra bem diferente que nós outros ainda não entendemos. Encontramos aqui o grego Nathan, o rumeno Nicola, o turco ou sírio Ahmud, o polonês Petrowoski, o espanhol Carrasco, o italiano Sefadi, e porque esquecer o velho tronco, o português Isaias. Mais adiante vamos encontrar o ex-alemão Schubert, o ex-alemão Fink e assim formando uma maravilhosa sinfonia étnica, cada um de seus componentes trazendo para nosso meio os conhecimentos, experiência e cultura de suas terras de origem para enriquecer este Novo Hamburgo.”⁴³⁴

A cidade via chegar os anos 80 completamente renovada. O *boom* da exportação calçadista trouxe-lhe os recursos para a modernização física. O progresso vinha de fora, demolindo de roldão as tradições, e igualando a cidade às grandes metrópoles, senão em tamanho e importância mas como processo. “*Já tem até jornal diário e trânsito complicado*”. A cidade adquiria uma nova fachada pelo impacto da transformação urbanística que sofrera. As poucas casas do princípio do século lutariam contra o emaranhado de fios e prédios novos. “*Em pouco tempo Novo Hamburgo não terá mais passado.*”⁴³⁵

Os tempos de cozinhar em forno de barro, tirar água límpida do poço no fundo do quintal com a caneca feita de lata de azeite, ter caminhãozinho de madeira com rodas feitas de latas de leite em pó, soltar pandorgas fabricadas com grude de polvilho ou farinha de trigo, brincar na via pública com bolinhas de gude, tinham chegado ao fim. As antigas construções onde o ladrilho hidráulico não vertia em dias de umidade, onde o cal das paredes repelia os mosquitos, e onde havia quintais com árvores frutíferas, horta cartesiana e até espantalho, tinham vindo abaixo por conta de picaretas certeiras.⁴³⁶

Sentimento maior de perda seria daqueles que não conseguiam se adaptar à vida nova e às transformações. Muitos provinham da roça e com seus sotaques ainda carregados não conseguiam se integrar no mundo do modernismo e por ignorância alheia sofriam de rejeição.⁴³⁷

⁴³⁴ Plínio Arlindo de Moura, JNH de 19 de Janeiro de 1963.

⁴³⁵ Ver JNH de 4 de Maio de 1979 e 10 de Maio de 1985.

⁴³⁶ Ver JNH de 5 de Dezembro de 1985 e 29 de Junho e 26 de Setembro de 1988.

⁴³⁷ Ver JNH de 13 de Dezembro de 1982.

Mas como coloca M. Berman, no mundo moderno, para que a pessoa sobreviva, precisa aspirar à mudança, não apenas estar apto a ela mas persegui-la ativamente, procurá-la, sem lamentar com nostalgia as relações fixas e imobilizantes, e olhar sempre para o seu futuro e para a sua relação com os demais.⁴³⁸ Além do mais, a velocidade das transformações não permite que se detenha à observar com olhos de saudosista.⁴³⁹

Mesmo assim, coexistiriam em Novo Hamburgo o bucolismo interiorano e a correria dos tempos modernos.⁴⁴⁰ Mas os resquícios étnicos há muito deixavam de existir. O próprio monumento da colonização, outrora epicentro de uma tentativa de resgatar e preservar a origem germânica, foi cercado por um clube recreativo e seu acesso ficou restrito aos sócios. As pontes com o passado, Novo Hamburgo soube derrubar...

7.3. A tempestade que saneia a atmosfera...

“Acordam com um pesadelo e logo começa outro... O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos.”⁴⁴¹ Ítalo Calvino

Como visto, o processo progressivo humano subtende-se não como algo tranqüilo ou sereno, reto ou ininterrupto. Adorno evoca a figura de um gigante, que após seu sono imemorial, se põe lentamente em movimento, para, em seguida, desembestar, espezinhando tudo o que lhe surja no caminho. Tal metáfora do progredir da humanidade quer fazer crer que o rude despertar é o único potencial de emancipação humana.⁴⁴² O sono do gigante assemelha-se às idéias que se infiltram pouco a pouco no seio das civilizações e germinam durante séculos para depois irromperem subitamente e produzirem o desmoronamento do edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as novas necessidades e com as novas aspirações.

Assim como a tempestade saneia a natureza, após tê-la abalado violentamente, as intempéries do caminho do ser humano são-lhe oportunidades profícuas. Adorno viu que os revezes históricos provocados pelo próprio princípio de progresso ofereceriam as condições para que a humanidade encontrasse os meios de evitá-las no futuro. Berman

⁴³⁸ BERMAN, Tudo que é sólido desmancha no ar, p.94

⁴³⁹ Ver JNH de 5 de Junho de 1987.

⁴⁴⁰ Ver JNH de 28 de Novembro de 1995.

⁴⁴¹ CALVINO, As Cidades Invisíveis, p.134 e 150

⁴⁴² ADORNO, Progresso, p. 224

acentua que o processo, embora demoníaco, impele ao crescimento, e cita a fala conclusiva de Mefistófeles: “*Por que você aceita parceria conosco se não pode levá-la adiante? Você quer voar mas fica logo aturdido! O crescimento humano tem custos humanos, qualquer um que o deseje tem de pagar o preço, e ele é altíssimo!*”⁴⁴³ Assim vive o homem moderno: amedrontado e sem bilhete de retorno. Neste contexto, a cidade parece encerrar não só o desejo de progresso pela modernização, mas ser o túmulo da justiça, amor e paz entre os homens.⁴⁴⁴

Na *Cidade Industrial*, a conta do progresso humano caminharia colada ao desenvolvimento material. Acreditava-se, já nos anos 50, que o avanço das pesquisas científicas aliada à ganância humana estaria em combate com a valorização do homem e da vida em geral. Idéias sobre a insensatez futura ganhavam terreno: “*A humanidade no ano 2000 será pouco combativa e mais acessível às idéias gerais, a um humanitarismo mais sincero porém de caráter mais débil, como ocorre com as pessoas que tem demasiadas considerações e vivem múltiplas torturas e inibições interiores.*”⁴⁴⁵

Embora tratassem de debelar os males urbanos para que estes não se transformassem em epidemias e calamidades públicas, mesmo no começo dos anos 60 havia a cobrança por maior interesse para que Novo Hamburgo não perdesse sua característica de cidade modelo de progresso, e deixasse a violência, a miséria e outros males se proliferarem.⁴⁴⁶

Mesmo com isto, a cidade via chegar os acontecimentos que o progresso trazia, por conta dos benefícios. Era o pesado ônus para uma Novo Hamburgo que crescia a olhos vistos. A cidade ia ficando grande, e com seu crescimento tornava-se indiferente à situação dos vencidos.⁴⁴⁷

A poluição foi um dos convidados que primeiro compareceram ao *sabá* do progresso. O arroio, desde cedo, foi constantemente contaminado por produtos utilizados no curtimento do couro. Já na década de 30 ele exalava o “*insupportável fétido, notadamente nos dias de cancula*”. Os detritos nele lançados tornavam suas águas putrificadas, fazendo “*desprender irrespirável athmosphera*”. Também os detritos

⁴⁴³ BERMAN, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p.57

⁴⁴⁴ AVANCINI, *As imagens da cidade na prosa de Mário de Andrade*, p.64

⁴⁴⁵ Comentário sobre o livro de Huxley (*O preço da Liberdade é a eterna vigilância*), em JO5 de 24 de Junho de 1955. Ver ainda JO5 de 18 de Janeiro de 1957.

⁴⁴⁶ Ver JNH de 11 de Novembro e 30 de Dezembro de 1961.

das patentes tinham ali seu fim, e eles faziam os transeuntes sentirem “*a sensibilidade olfativa ferida pela fedentina, que se emana da sargeta*”.⁴⁴⁸

Mesmo com o código de posturas inculcando multas aos que nele despejassem lixo ou porcarias diversas, as águas poluídas do arroio tornava-o residência oficial dos mosquitos, “*insectosinhos enfadonhos*” que “*aparecem em verdadeiros enxames*”. A cidade era tomada por verdadeira invasão, nas quais os mosquitos se tornavam donos da noite: “*Flit, insecticida, Preat, Pyramides, matador, nada ajuda!*” O sono noturno tinha a presença dos “*irritantes zumbidos*” e das “*malfadadas picadas*”. Quanto mais calor fazia, mais a cidade sofria. Mesmo com a chuva eles não desapareciam e restava esperar o inverno para levar “*esses indesejáveis*”.⁴⁴⁹

Contra estas pragas, foram tomadas rígidas medidas na década de 40, tais como remover o lixo em latas fechadas, adotar piso na cozinha e dispensa, e exigir “*gabinetes higiênicos*” com fossa séptica para as casas em construção ou reforma. Para completar a salubridade faltaria a água e o esgoto; a água veio, mas o arroio continuou sendo poluído.⁴⁵⁰

A poluição vinha também na esteira do transporte automotor. Aliado aos pesados edifícios que se ergueram nos anos 60 como “*monstros para o infinito*” projetando “*suas sombras negras por sobre as ruas estreitas*”, os veículos traziam barulho, poeira e gás tóxico saído de suas surdinas. A melodia urbana tornar-se-ia um som estridente com decibéis acima do normal, trazendo a surdez precoce. A poeira foi amainada pelo asfalto que impermeabilizaria a cidade inteira nos anos 80. Acabou em parte com ela e tornou a cidade bonita e limpa, mas fez com que a água da chuva perdesse contato com a terra e fosse coletada e drenada rapidamente ao arroio, inundando-o e fazendo dele mero canal morto e sem condições de renovação.⁴⁵¹

Mas tal era a mentalidade desde a década de 30: “*Para um país subdesenvolvido é muitíssimo mais vantajoso construir estradas pavimentadas do que estradas de ferro*”. Assim, nos anos 70, o automóvel viu sua era chegar irresistivelmente: “*o automóvel é o novo Deus da civilização, todo mundo passa à trabalhar em função dele*”. Ele traria os

⁴⁴⁷ Ver JNH de 31 de Janeiro de 1964 e 1º de Setembro de 1967.

⁴⁴⁸ Ver JO5 de 27 de Fevereiro e 10 de Julho de 1931 e 24 de Fevereiro de 1961 e JIN de 8 de Julho de 1931

⁴⁴⁹ Ver JO5 de 20 de Março de 1931 e 7 de Junho de 1940 e JNH de 5 de Janeiro de 1963 e 24 de Janeiro de 1964.

⁴⁵⁰ Ver JO5 de 18 de Dezembro de 1942.

⁴⁵¹ JNH de 4 de Junho de 1970, 12 de Janeiro de 1972, 18 de Setembro de 1986 e 23 de Julho de 1994.

resíduos tóxicos liberados na descarga. Com poucas árvores, muitas delas derrubadas por terem sido plantadas “*sem ordem nem simetria*”, e muito asfalto, os efeitos nocivos apareceriam em meados dos anos 80: “*o motorista tem de enfrentar diariamente o burburinho do tráfego pouco disciplinado, é um homem que se encontra em constante tensão nervosa*”; aumentava dia a dia a insegurança para motoristas e pedestres; crescia o número de acidentes e Novo Hamburgo contava seus mortos junto com as estatísticas econômicas.⁴⁵²

Com o alto poder aquisitivo, significativa parcela da população pôde ter seu veículo. Aumentava o índice de carros por habitante. Com a circulação cada vez maior, mais desumana tornava-se a cidade. Os congestionamentos em horários de pico apareceram. Os motoristas locais passaram a ser conhecidos como petulantes e irresponsáveis. Poucos paravam ao sinal vermelho e o respeito aos limites de velocidade não existia. Na década de 90, a cidade embriagava-se no fel do progresso desvairado.⁴⁵³

Sob a égide progressista, a urbe conheceria o paradoxo da riqueza em profusão e da miséria alheia. Mesmo arrecadando vultosas divisas com a exportação fabril nos áureos anos de 60 em diante, ela via crescer em seus limites o número de famílias com vários filhos, morando em barracos de madeira ou lata, com crianças subnutridas brincando nas águas poluídas, isto já na década de 70.⁴⁵⁴

“Novo Hamburgo já cresceu bastante a ponto de ter famílias com oito filhos de barriga inchadas, morando num casebre e renda familiar insuficiente para patrocinar um jantar em restaurante de categoria. Estes nunca viram uma colorida boutique do centro, nunca passearam por uma galeria cheia de lojas atraentes, nunca tomaram gilda de canudinho ou andaram de frescão.”⁴⁵⁵

Atraídos pela “*selva de concreto e suas luzes*”, os excluídos da ordem logo viam que as belezas urbanas não eram tão belas assim. Os carros de luxo e a pompa da cidade grande ficavam distantes da realidade. Ao invés de elegantes trajés, os *anjos de cara*

⁴⁵² Ver JO5 de 14 de Junho de 1929, 14 de Agosto e 25 de Dezembro de 1959 e JNH de 4 de Julho de 1973 e 22 de Janeiro de 1981.

⁴⁵³ Ver JNH de 1º de Julho de 1982 e 3 de Fevereiro de 1990.

⁴⁵⁴ Ver JNH de 16 de Julho de 1971.

⁴⁵⁵ Luiz Afonso Franz, JNH de 23 de Dezembro de 1977.

suja viveriam em farrapos pelas ruas centrais, debaixo de marquises ou em outro canto que oferecesse abrigo noturno.⁴⁵⁶

A mendicância aumentava consideravelmente e tornava-se profissão. A cidade dos miseráveis sitiava a bela e chique pseudo-metrópole hamburguesa, ameaçando-a com a invasão paulatina e sutil. As charges nas décadas de 80 e 90 mostravam a tentativa de esconder tal cenário. Nas ruas emoldurava-se imagens díspares: belos carros e pedintes nos semáforos; *grã-finagem* bem vestida pulando por cima de mendigos nas calçadas; travestis, bêbados, drogados e assaltantes convivendo com uma ex-população germânica assustada.⁴⁵⁷

Da discrepância na distribuição da renda, vieram outros efeitos. A violência aumentou. De município calmo, pacífico e tranqüilo até os anos 50, passou à cidade insegura nos anos 90. Ao cidadão cabia se proteger com a infinita plêiade de equipamentos. As crianças de rua ganhavam uma batalha importante: enquanto elas tinham a liberdade de percorrer as ruas, as crianças ricas deveriam brincar trancafiadas em casa.⁴⁵⁸

Como a violência é um natural dom masculino, às décadas restava a prostituição. “*Adentramos os anos 90 com uma infra-estrutura de fazer inveja aos mais famosos lugares do mundo, temos hoje casas de massagens instaladas no Centro com anúncio no jornal.*”⁴⁵⁹

Como subterfúgio a isto tudo, as pessoas se fechavam num mundo cada vez mais íntimo. Como colocou Sennett, as sociedades ocidentais estariam deixando de voltar-se para o outro e preocupar-se-iam com a própria interioridade, “*com a ressalva de que, em meio à preocupação consigo mesmo, ninguém pode dizer o que há dentro.*”⁴⁶⁰ A cidade se distanciava dos tempos em que as notícias circulavam rapidamente de boca em boca. “*Cidade grande é cidade fria, sem alma, uma selva sem comunicação*”. Com milhares de pessoas morando num pequeno espaço urbano, o anonimato era inerente: “*Quem sou eu para conhecer uma multidão de gente deste tamanho?*” Cresceria o número de edifícios nos anos 80, pois morar em apartamentos dava a sensação de segurança.

⁴⁵⁶ Ver JNH de 12 e 19 de Julho de 1991.

⁴⁵⁷ Ver JNH de 17 de Dezembro de 1971, 10 de Julho de 1988 (charge), 24 de Março de 1993 (charge), 30 de Abril de 1996 e 13 de Fevereiro de 1997.

⁴⁵⁸ Ver JNH de 27 de Março de 1989 e 26 de Dezembro de 1992 (charge).

⁴⁵⁹ Ver JNH de 12 de Fevereiro de 1993.

Entretanto, era mais fácil ter amizade nos quatro pontos cardeais da cidade do que no apartamento ao lado. Tal anonimato aliar-se-ia à indiferença alheia. Numa charge, várias pessoas vêem um cadáver estendido no chão, mas o que fazem é ler o jornal que cobre ele.⁴⁶¹

Moderna como era, em Novo Hamburgo não poderia faltar a invasão dos entorpecentes. Já na década de 60, vários grupos se encontravam diante da *Casa de Chá*, próxima à *esquina da paquera*. Conhecia-se quem fumava maconha ou tomava produtos farmacológicos (boleta). Mas com o crescimento urbano visto à partir dos anos 70, e o grande potencial econômico, a cidade tornou-se ponto rentável para o consumo de drogas mais fortes, como a cocaína, o crack e os diversos ácidos que infestaram o mercado local.⁴⁶²

Para arrematar, os tempos modernos trouxeram a paranóia e a alienação nas artes em geral. A falência cultural viu-se na anti-cultura psicodélica.⁴⁶³

O progresso tão esperado não se fez parceiro da promessa de paz e felicidade. Seus cúmplices foram outros: vai-e-vem apressado, motor enfumaçando, buzinas ensurdecedoras, trânsito caótico, filas para comprar e ser atendido, conduções públicas abalroadas, bombardeio de imagens de consumo desvairado, hospitais psiquiátricos lotados, neuróticos anônimos se reunindo nos fundos da igreja, vias públicas impermeabilizadas pelo asfalto, deslocamentos demorados, engarrafamentos, veraneio sem descanso, roubos, assassinatos, vigarices, tóxicos, tiroteios, prostituição infantil, esgotos entupidos, energia elétrica e água potável escassos, escolas sem vaga, cadeias lotadas, crianças cheirando cola, depósitos de lixo soçobrando, escassez de áreas verdes e árvores, noites sem estrelas, fábricas falindo, desemprego em massa, futuro incerto, e *tutti quanti*.⁴⁶⁴

Mas como visto inicialmente, para entender a necessidade do bem e das reformas é necessários que se chegue a um limite intolerável. Para dar-se o devido valor

⁴⁶⁰ SENNETT, *O declínio do homem público*, p.18

⁴⁶¹ Ver JNH de 5 de Novembro de 1980, 23 de Janeiro de 1981, 15 de Julho de 1993 (charge) e 17 de Outubro de 1994 (charge).

⁴⁶² Ver JNH de 30 de Novembro de 1981 e 20 de Junho de 1987.

⁴⁶³ Ver JNH de 18 de Abril de 1990.

⁴⁶⁴ Ver JNH de 20 de Julho de 1973, 14 de Agosto de 1974, 27 de Dezembro de 1979, 7 de Março de 1980, 21 de Janeiro de 1987 e 7 de Abril de 1995.

à luz, é necessário conhecer as trevas. A tempestade que agita violentamente as estruturas atuais saneia a atmosfera humana...

8.

A cidade sob o olhar atento do cronista Ercílio Rosa

“Eu gosto da filosofia barata das esquinas e dos bares. Gosto de olhar a vida por determinados ângulos. E é debruçado nas arestas das esquinas ou sobre o mármore frio dos bares que eu espio a alma dos meus semelhantes. Vejo-os nos bares, despidos de preconceitos, quando no calor de dois ou três aperitivos, expõem nus seus sentimentos, suas aspirações, suas idéias. Nos bares das esquinas a gente sempre vê indivíduos iluminados pela luz bruxolenta de suas presunções, tornando-se transparentes. Prefiro bisbilhotar os pensamentos alheios, escorado numa esquina qualquer ou segurando o queixo nu na mesa de café. Uma esquina, um bar ou um café, tudo serve para examinar os sentimentos alheios.” Ercílio Rosa⁴⁶⁵

A cidade de Novo Hamburgo encontrava-se, entre as décadas de 40 e 60, em franco crescimento. Abandonando seu aspecto de vilarejo, procurava ser lembrada como um pequena metrópole progressista. Sua feição colonial perdia-se no tempo e a transformação urbana, vista na construção de modernos edifícios no lugar das antigas habitações, ganhava força. O progresso material era fato incontestado e soçobrava a nostalgia. Com o crescimento, a memória escasseava. Tornava-se possível vagar em meio à multidão que invadia paulatinamente as ruas. O fenômeno urbano, com todo seu ímpeto, alcançava a cidade.

Ercílio Rosa foi o cronista que melhor interpretou Novo Hamburgo. Seus escritos, sempre conjugados em tom poético, descreveram a cidade em transformação. Seu olhar atento percorreu as ruas, vendo-as como páginas escritas com a qual a cidade queria ser definida.⁴⁶⁶ Legítimo *flâneur*⁴⁶⁷, relatou uma urbe que não se imaginava

⁴⁶⁵ Ercílio Rosa, JNH de 11 de Março de 1966.

⁴⁶⁶ Ver CALVINO, *As cidades invisíveis*, p.17-18

existir. Das ruas – “*traços geométricos beirando nossa expectativa debruçada numa surpresa*” – ou das esquinas – “*os ângulos retos das ruas, onde a gente quase sempre encontra uma voz ecoando ou sem eco, afagando uma esperança qualquer, enrolada num sonho poético*”⁴⁶⁸ – o cronista enxergava o que os passantes comuns não viam. Fugindo do automatismo urbano, o ritmo de sua caminhada lhe permitiu ter uma consciência crítica: “*eu gosto de percorrer as ruas despreocupadamente, como se fosse um burguês qualquer que tenho o privilégio das horas vazias.*”⁴⁶⁹ Como bom anfitrião, mostrou a *Manchester Gaúcha* numa radiografia peculiar.

A cidade surgiu esplendorosa sob o olhar atento do cronista Ercílio Rosa...

8.1. A metamorfose urbana...

Já nos anos 30 e 40 Novo Hamburgo queria ser moderna e este sonho somente seria possível através da renovação arquitetônica e da ordenação espacial. Tendo a ordem e o progresso como lema, a comuna tornar-se-ia adiantada se projetasse em seu espaço físico a materialização deste sonho. O embelezamento urbano não restringia-se a construir uma cidade agradável aos olhos de todos. Embelezar significaria tornar-se parecida com outros centros ditos adiantados, para, com isso, ser adiantada também. A maquiagem urbanística fazia-se presente na *Cidade Industrial*.

Ercílio Rosa, com sua visão apurada, enxergou os ventos da mudança na renovação arquitetônica. Em suas andanças pelas ruas, “*com o andar despreocupado e despercebido de quem não quer nada*”⁴⁷⁰, ele surpreendeu-se com a transformação da paisagem “*que o urbanismo progressivo provoca quotidianamente na filosofia das ruas*”. A fisionomia urbana transformava-se diante da intensa urbanização dos anos 40 e 50. Nos terrenos da área central, outrora baldios, construíram-se elegantes prédios. Nos arrabaldes surgiram moradias heterogêneas que, “*subindo as ladeiras ou rasgando orlas de campos rasos, povoam de esperança e realidade os sonhos embrionários dos que sabem lutar pelos seus ideais*”. O surto de renovação avançava com todo seu ímpeto:

⁴⁶⁷ Sobre o *flâneur* ver BENJAMIN, *A Paris do segundo Império...*, In: __. *Obras Escolhidas III*, p.35; ROUANET, *A razão nômade*, p.22; BOLLE, *Fisiognomia da Metrópole Moderna*, p.387-388; CANEVACCI, *A cidade polifônica*, p.102 e FERRARA, *Máscaras da cidade e Imagem e representação urbana*, In: __. *Olhar Periférico*, p.216 e 246

⁴⁶⁸ Ver JO5 de 17 de Junho de 1949. Todas as notícias deste capítulo são de Ercílio Rosa, salvo citação em contrário. Quando em aspas, mas não citado, refere-se à notícia citada em seguida.

⁴⁶⁹ JO5 de 3 de Março de 1950.

⁴⁷⁰ JNH de 20 de Agosto de 1965.

“Enquanto a cidade vai estendendo seus limites, ficando ruas ainda sem nome e bordadas de moradias, sentimos uma satisfação cultivando nossa megalomania”.⁴⁷¹

Em suas fiscalizações, o cronista encontrava as transformações radicais por que passava a vila na década de 50. Ela se esticava feito elástico; as ruas ficavam cada vez mais compridas e testemunhavam, *“por si mesmas, toda a inquietação alimentada pela ânsia evolutiva de quem sabe o que quer”*.⁴⁷² Edificações de todos os gêneros eram levantadas com uma velocidade ímpar, *“aterrando banhados ou cortando barrancos, na fúria apressada de encher espaços vazios”*. A urbe *“se espalha gostosamente sob o amparo poderoso do trabalho fecundo”*. Novo Hamburgo se estendia e rolava sobre os montes e vales limítrofes, *“colorindo-os suavemente com pluralidade contrastantes das casas postadas ao longo das ruas desparelhas”*. A vila de feições coloniais desaparecia paulatinamente diante da incessante renovação visual: *“a cidade invade os arredores, rasgando o chão e levantando casas”*.⁴⁷³ A rápida progressão era, para o cronista, motivo de orgulho e admiração: *“Eu admiro a rápida progressão novo-hamburguesa através dos fatos concretos expostos nas ruas, na vontade e nos sentimentos modestos e puros, que constróem, dia após dia, a transformação da cidade”*.⁴⁷⁴

Além da renovação na fisionomia das construções, o modernismo ganhava as ruas da urbe progressista. Com o calçamento, atapetava-se a *Cidade Industrial*. Tal transformação refletia a reordenação da vida pela qual passava Novo Hamburgo. Por onde rodavam veículos, haveria de ter macadame ou asfalto. Aos pedestres deveria haver dignos calçamentos.

Para Ercílio Rosa, a cidade do calçado *calçou-se* com artigo fino: *“as ruas estão sendo revestidas com paralelepípedos, com uma entresola de encanamento hidráulico”*.⁴⁷⁵ As ruas onde nos anos 20 e 30 jogava-se *“peladas”* foram modernizadas com asfalto no final de 50: *“as ruas foram se esticando e se cruzando, formando esquinas onde hoje os namorados se esfregam”*.⁴⁷⁶ Das antigas estradas esburacadas e desertas, fez-se ruas *“arrumadinhas e retificadas, bordadas de casarios*

⁴⁷¹ JO5 de 03 de Março de 1950.

⁴⁷² JO5 de 10 de Agosto de 1951.

⁴⁷³ JO5 de 27 de Maio de 1955.

⁴⁷⁴ JO5 de 30 de Março de 1951.

⁴⁷⁵ JO5 de 15 de Julho de 1949.

⁴⁷⁶ JO5 de 14 de Setembro de 1956.

heterogêneos”.⁴⁷⁷ Mesmo nas ruas que ainda continuavam descalças e ocasionavam o desgaste das molas dos veículos, ou nas pontes que não eram bem pontes e nas casas sem numeração, isto tudo principalmente nos arrabaldes, o cronista via a consubstanciação do esforço de cada concidadão seu, “*para conseguir realizar seus desejos idealizados nas sombras de algum sonho remoto, pendente das seqüências de esperanças postadas num pedaço de rua ou numa esquina qualquer*”.⁴⁷⁸ O progresso geral da urbe causava admiração. Percorrendo as ruas via-se que, “*diariamente mais uma construção se iniciava ao longo do trajeto, e mais um trajeto de iniciativa se concretizava na progressão dos dias*”.⁴⁷⁹ A cidade era toda transformação. Quem chegasse de fora vislumbraria um espetáculo digno de admiração.

“Sua pitoresca paisagem aparece-nos encantadoramente exposta na desenvoltura de seu progresso crescente que a evolução de sua indústria impõe à urbanidade. De dia, o chiar monótono das fábricas, envolvendo couro nas fôrmas ou formando filetes de esperança nas miragens do porvir. A noite, o rosário de luzes brancas afagando as ladeiras com fileiras de estrelas cintilantes ao relento, segurando sonhos às vezes mal sonhados. Seu feitio e sua topografia dão-lhe uma graça estranha e sedutora, dada a variedade de níveis que nos permite admirar os contornos de seu panorama variado e belo. A cidade vive dependurada na poesia simples e impensada que escorrega pelas ladeiras onde a gente sempre encontra alguma reminiscência escorada nalgum canto da rua ou numa saudade qualquer, escondida entre pedaços de recordações.”⁴⁸⁰

Em uma cidade que se queria moderna não poderiam faltar os requisitos básicos da civilização. O cronista denunciaria tal heresia: “*Novo Hamburgo tem andado igual as idéias de Noé... as fábricas, os lares, as ruas, etc., sentem a escassez de luz*”.⁴⁸¹ Em outra ocasião, Ercílio Rosa aventurou-se numa escrita que ele mesmo intitulou de *poesia barata*: “*E, depois do anoitecer, quando a gente pensa que sonha, lâmpadas são quebradas nas esquinas, enquanto a lua ofende a iluminação de certas ruas... Quando o crepúsculo já não é mais nada, a noite impera*”.⁴⁸²

Toda esta preocupação de conservar melhorando, de abrir becos, de rasgar ruas, mesmo que somente no papel, teria um preço. A transformação no aspecto urbano visando a modernização constante, visto nos anos 50, e a destruição de casarões históricos e habitações coloniais em prol do progresso, cobriam seu alto custo. Somente um sujeito apto à tais mudanças poderia aceitá-las, senão de súbito, mas com

⁴⁷⁷ JO5 de 3 de Fevereiro de 1956.

⁴⁷⁸ JO5 de 30 de Janeiro de 1953.

⁴⁷⁹ JO5 de 6 de Março de 1953.

⁴⁸⁰ JNH de 13 de Agosto de 1965.

⁴⁸¹ JO5 de 25 de Abril de 1952.

cautela e sentimento de perda. Consciente ou não, Ercílio Rosa sabia da necessidade em derrubar as pontes com o passado, para que não houvesse possibilidades de retorno: “às vezes a gente lamenta a destruição de um barraco histórico ou de alguns barracões postados nas margens da cidade, mas acabamos por ver as coisas como si elas sempre tivessem sido assim, e acostumamo-nos com a evolução que o progresso compõe na sua marcha constante”.⁴⁸³ Mesmo assim, o embate entre passado e futuro, entre nostalgia versus progresso, travava-se no peito do cronista...

8.2. Tradições caídas: a nostalgia na descarga do tempo.

“E o tempo, esse insofismável credor da velhice, quase sempre nos permite um olhar otimista para o futuro ou um repuxo de saudade para o passado.”⁴⁸⁴

Na esteira do progresso, um entrave impedia a marcha evolutiva: o passado. Se a cidade se modernizava pela destruição construtiva, principalmente em 40 e 50, onde desapareciam as habitações antigas e os novos prédios se multiplicavam, o que seria feito dos vestígios e da própria memória? Para Ercílio Rosa, o passar dos anos permitia esta atitude dúbia: saudade do ontem e otimismo no amanhã. Certas ocasiões e determinados vestígios do passado fazia sua nostalgia soçobrar sua atitude progressista: “Apesar das evoluções e das transformações que os anos operam, há sempre em todas as cidade vestígios que não se apagam nunca, conservando tradições num canto de rua, num muro velho ou num pedaço de costume. Guardando recordações límpidas de saudosos tempos que os anos consumiram.”⁴⁸⁵

As comemorações juninas traziam ao cronista recordações de sua infância, quando sua cidade natal, praticamente às escuras e sem iluminação feérica colocada anos depois, era clareada pelos fogos de artifício que espoucavam por toda parte. Nos terrenos baldios ardiam fogueiras majestosas, mesmo nas ruas mais tortuosas e areentas dos arrabaldes. Acompanhando as festanças de São João em Novo Hamburgo, Ercílio Rosa viu as tradições caírem. Nos terrenos vazios foram levantadas modernas construções e as ruas poeirentas foram calçadas. Com o crescimento urbano, muitas brincadeiras típicas, como soltar balão e busca-pés, foram proibidas. Desta época, escreveria: “As tradições vão sumindo, pouco a pouco, abocanhadas pelo turbilhão

⁴⁸² JO5 de 11 de Janeiro de 1952.

⁴⁸³ JO5 de 25 de Março de 1960.

⁴⁸⁴ JO5 de 1º de Abril de 1955.

*inevitável das transformações sentimentais e objetivas que empurram a vida sobre os dias que passam.”*⁴⁸⁶

Também a tradição de apanhar *Marcela* na *Sexta-feira Santa*, que fazia o cronista comungar com a “*imensidão do céu infinito*” e testemunhar “*a grandeza sem fim das verdades da natureza, embalando sonhos imbecis na rede incrédula de nossa alma*”, ficou para trás.⁴⁸⁷

Entre os resquícios da cidade, a estação da Viação Férrea, que originara o desenvolvimento de Novo Hamburgo, fazia Ercílio Rosa invocar os fantasmas do passado. Se um dia o trem fora considerado “*o grande veículo de aproximação entre os povos da Terra*”, que chegou a representar a salvação do mundo pelo progresso industrial⁴⁸⁸, a velha estação lembrava o passado colônia e os trilhos traziam constantemente perigo ao trânsito. Os vestígios do passado colonial, que tanto a cidade queria esquecer, eram lembrados na estação. Trazida da Inglaterra, peça por peça, na metade final do século passado, suportava as rugas do tempo. Tinha a glória de ser a mais antiga do Estado.⁴⁸⁹ Na cidade, era reivindicação geral, desde a emancipação, derrubá-la e construir uma nova, “*condizente com o desenvolvimento da comuna*”. O cronista estava junto na batalha para destruir “*o velho barracão cercado de arame farpado que ornamenta a praça*”.⁴⁹⁰ Quanto aos trilhos, era constante o abalroamento entre a composição e algum veículo particular ou coletivo urbano que tentasse transpor o leito que cortava a cidade ao meio: “*por que será que os veículos rodoviários não advinham que as sinaleiras da Viação Férrea não funcionam por falta de energia elétrica?*”⁴⁹¹

O local onde a invocação do saudosismo tornava-se mais forte era o histórico distrito (posteriormente bairro) de Hamburgo Velho. Da velha estação na praça *14 de julho*, ainda na chamada cidade baixa (área central), até Hamburgo Velho, levava-se 5 minutos de trem, isto se não ocorresse nenhum imprevisto, como enguiçamento da máquina ou acidente nos trilhos. Uma vez chegado ao aristocrático local, descia-se

⁴⁸⁵ JO5 de 8 de Abril de 1955.

⁴⁸⁶ JO5 de 24 de Junho de 1955. Ver ainda JO5 de 19 de Junho de 1953 e 25 de Junho de 1954.

⁴⁸⁷ JO5 de 18 de abril de 1952.

⁴⁸⁸ ROUANET, *A razão nômade*, p.38

⁴⁸⁹ Ver JO5 de 24 de Novembro de 1950 e JNH de 28 de Janeiro de 1966 e 31 de Março de 1976.

⁴⁹⁰ JO5 de 6 de Março de 1953.

⁴⁹¹ JO5 de 28 de Março de 1952.

numa “*estaçãozinha acanhada e humilde*”⁴⁹². Perto dela fora erguido o Monumento da Colonização, inaugurado pouco depois da emancipação municipal em 1927. Para Ercílio Rosa, ele era “*um símbolo que a gente enrola na transparência dos dias, encampando um sonho retrospectivo na história da cidade*”. O local onde fora erigido fazia parte do lote número 1 dos primeiros colonizadores. Com a construção em homenagem a eles, o local transformara-se “*num berço onde a gente embala as horas desocupadas das tardes domingueiras*”.⁴⁹³ Apesar de proporcionar tal languidez, o próprio monumento era motivo de controvérsia. Ele destoava o imaginário coletivo ao fazer todos lembrarem do passado colonial. O próprio cronista se questionou: “*O que é colono? Tenho um dicionário que explica... cultivador livre de terras que pertencem a outrem... a muitíssimos anos já não existem colonos em nossas glebas. Em Novo Hamburgo não há colonos... há simplesmente indústrias*”.⁴⁹⁴ O monumento caracterizou uma questão complicada: esquecer a alcunha de colono para ser conhecido como a *Cidade Industrial*.⁴⁹⁵

Subindo as ladeiras de paisagens bucólicas, que “*refrescam as idéias da gente*”, onde “*o vento sopra de um modo diferente, acariciando árvores que balançam graciosamente como uma lembrança épica no coração sonhador*”, Ercílio Rosa viu que a histórica vila de Hamburgo Velho era toda poesia: nos ângulos das ruas haviam “*pedaços de sonhos grudados nas esperanças de seus habitantes*”⁴⁹⁶; casas luxuosas e habitações antigas pareciam “*pedacinhos de vida onde o destino depositou um reflexo do céu*”⁴⁹⁷; nos jardins havia a policromia romântica; ali ficavam os ginásios que introduziam o “*saber na consciência dos adolescentes*”⁴⁹⁸; havia o contraste da avenida que conduzia ao cemitério, “*esburacada, enrugada e coberta de heras que parece uma parca desafiando a vida, também no limiar do outro mundo*”⁴⁹⁹; havia as árvores centenárias que testemunhavam a evolução da cidade alta; havia tudo o que um coração apaixonado poderia sonhar. Para o cronista, “*ali a gente vê em cada esquina, em cada*

⁴⁹² JO5 de 1º de Dezembro de 1950.

⁴⁹³ JO5 de 3 de Dezembro de 1948.

⁴⁹⁴ JO5 de 25 de Julho de 1952.

⁴⁹⁵ Anos depois, o *América Tênis Club* (atual *Sociedade Aliança*) encampou o entorno do monumento, dotando-lhe de atrações desportivas e sociais. Sua visita ficou restrita aos associados. Nada incoerente diante desta tentativa de esquecer o passado e firmar-se como cidade progressista.

⁴⁹⁶ JO5 de 14 de Janeiro de 1949.

⁴⁹⁷ JO5 de 21 de Fevereiro de 1947.

⁴⁹⁸ JO5 de 1º de Dezembro de 1950.

⁴⁹⁹ JO5 de 21 de Fevereiro de 1947.

jardim e em cada barranco, uma reminiscência dos heróicos colonizadores que nos legaram esta conjunção de fábricas”.⁵⁰⁰

Ercílio Rosa fez um apelo, no final dos anos 40, em prol da construção de uma praça no largo fronteiro à Igreja Católica de Hamburgo Velho, de onde descortinava-se um belíssimo panorama da cidade baixa (Novo Hamburgo): *“se aquele largo fosse uma praça, a gente se postaria ali e, contemplando o vale, rememoraríamos todos os bens estendidos pela cidade afora, dependurados nas encostas, ou escorregando pelas ladeiras abaixo”*. Sentado no local de sua reivindicação, ele podia ver melhor a paisagem: *“você já viu como a nossa cidade se transforma constantemente”*.⁵⁰¹ Do alto do *Morro dos Hamburguenses*, local originário do primeiro núcleo urbano, a visão era-lhe esplêndida. Vislumbrava *“de norte a sul e de leste a oeste imensas obras coçando o ímpeto dos novo-hamburguenses que sabem o que querem”*.⁵⁰²

Diante desta paisagem progressista, o cronista recordava-se de sua cidade natal que também sofrera o impacto da transformação urbana: *“em cada canto outrora deserto há um amontoado de edificações atestando a furiosa progressão dos que ficaram”*.⁵⁰³ A aristocrática vila de Hamburgo Velho, *“que desde os tempos coloniais mantém o tradicionalismo conservador das cousas que não são bem nossas”*.⁵⁰⁴, era-lhe o último refúgio capaz de proporcionar um repique de saudosismo diante da vigília progressista.

Na derradeira batalha entre passado versus futuro, a indecisão tomava conta do cronista. O saudosismo era-lhe um ninho acolhedor, mas a atitude progressista, desiderato coletivo, falava-lhe mais alto: *“nos acostumamos com a evolução que o progresso compõe na sua marcha constante”*.⁵⁰⁵

8.3. Isto é progresso!?

“Novo Hamburgo, essa aldeia grande e cheia de casas e fábricas, vai esfregando seu progresso no trabalho ardoroso de seus habitantes incansáveis que dependuraram nas

⁵⁰⁰ JO5 de 14 de Janeiro de 1949.

⁵⁰¹ JO5 de 20 de Agosto de 1948.

⁵⁰² JO5 de 14 de Janeiro de 1949.

⁵⁰³ JO5 de 8 de Abril de 1955. Ver ainda JO5 de 3 de Fevereiro e 14 de Setembro de 1956.

⁵⁰⁴ JO5 de 1º de Dezembro de 1950.

⁵⁰⁵ JO5 de 25 de Março de 1960.

máquinas empoeiradas e barulhentas, as sensações variáveis de quem deseja progredir. Nossa cidade progride tão rapidamente como namoro de rapaz...”⁵⁰⁶

A visão de progresso, antes de tudo, tinha como perspectiva final a conquista do bem-estar material e Ercílio Rosa sabia que somente no trabalho fecundo alcançar-se-ia, coletivamente, tal objetivo. Novo Hamburgo, também auto-alcunhada de *Manchester Gaúcha* (ou também *Manchester Brasileira*), optou por tornar-se uma cidade industrial. As manufaturas instaladas na urbe exigiam cada vez mais mão-de-obra devido ao constante crescimento. As indústrias calçadistas, que imperavam já no tempo do cronista, eram as que mais necessitavam de trabalho braçal, uma vez que a confecção do calçado era bastante artesanal, mesmo com a crescente mecanização. Como a fuga dos campos agrícolas ainda não estava em franca marcha, faltavam operários nas linhas de produção. Assim é que, serões e trabalho nos feriados eram vistos com bons olhos por todos, principalmente os ditos “*capitães do couro*”. Desta situação incorreu a idéia deturpada de que em Novo Hamburgo não havia preguiçosos. Tal idéia viciada deve-se ao fato de que entre “*gostar de trabalhar*” e não ter outra opção a não ser fazer “horas extras” existe um fosso de diferença. Obviamente, tal acepção não elimina a vontade de crescimento pelo labor produtivo, que muitos operários poderiam ter e realmente tinham, mas há de ser notado a discrepância entre realizar um trabalho além do devido, por obrigação ou por vontade própria, e a construção de um discurso que mascarou tal realidade, mostrando-a como fato natural.

No discurso construído por Ercílio Rosa, através de suas crônicas publicadas no hebdomadário local, entre os anos 40 e 50, Novo Hamburgo aparecia como terra de gente trabalhadora, terra de gente que lutava pelo seu próprio bem-estar e pela grandeza da coletividade. A preguiça, afirmaria ele, não encontraria lugar no seio dos novo-hamburguenses. Tal ímpeto de trabalho incessante seria herança dos colonizadores: “*as águas volúveis do Rio dos Sinos são testemunhas de toda a evolução de um pugilo de imigrantes calcados no desejo fixo de vencer*”⁵⁰⁷. Ao mesmo tempo que creditava a eles um legado quase hereditário – o sentimento laborioso – desdenhava-os pela retórica que a palavra “colono” produzia: “*a muitíssimos anos que não existem colonos em nossas*

⁵⁰⁶ JO5 de 15 de Julho de 1949.

⁵⁰⁷ JO5 de 23 de Julho de 1954.

glebas, e Novo Hamburgo nada deve a quem quer que seja, de seus primitivos colonizadores”⁵⁰⁸.

Colaborando com a consubstanciação da idéia de progresso material pelo trabalho de todos, Ercílio Rosa escreveria que se cada operário ou trabalhador “*se deixasse levar pelo descanso estabelecido legalmente, legalmente seria apenas um novo-hamburgues descansando*”. Não haveria progresso se a força de trabalho coletiva considerasse o descanso conquistado no léxico trabalhista. Querendo igualar a cidade a uma grande colméia, onde cada componente participaria de forma plena – “*em cada pedaço de rua há um gesto de satisfação exposto numa fração do trabalho feito além*”- o cronista subsidiava o discurso com a qual a cidade queria se aproximar. Indo além, creditava aos capitães das indústrias, que mesmo sendo patrões andavam com os macacões sujos de pó, o bom êxito do progresso geral: “*se cada bom burguês trabalhasse apenas o que manda o figurino, todo esse torrão que se apresenta para comemorar o seu jubileu de prata, não seria o que é presentemente*”⁵⁰⁹ Assim, somente com serões “*até as 23 ou 24 horas em prol do progresso coletivo*” é que seria possível toda comunidade vencer.⁵¹⁰

Como não poderia deixar de ser, toda esta loa tinha uma finalidade. Os que reivindicavam aumento no ordenado passavam a ser considerados os “*conquistadores do salário mínimo*” e que, ao invés de fazerem serões noturnos, viviam “*refesteladamente*” suas horas de lazer esfolando as mesas dos cafés. Eles escoravam-se no trabalho alheio, no labor incessante daqueles que “*vivem encafurnados nas oficinas e escritórios, lutando pelo pão de cada dia*”. Desta forma, na cidade que tinha “*fábricas em quase todas as ruas e namora nas esquinas, policrônicas alvoradas e românticos crepúsculos*”, poderiam ser encontrados os preguiçosos “*gastando os bancos*” da praça 14 de Julho ou as “*solas de sapatos caros nos paralelepípedos*” da avenida Pedro Adams Filho. E no seio da sociedade dita trabalhadora, tais elementos certamente faria corroer as mentalidades e desvirtuar as intenções dos que se esforçavam para vencer na vida.⁵¹¹

⁵⁰⁸ JO5 de 25 de Julho de 1952

⁵⁰⁹ JO5 de 21 de Março de 1952.

⁵¹⁰ JO5 de 14 de Setembro de 1956.

⁵¹¹ Ver JO5 de 11 de Fevereiro de 1949.

Assim, a única forma de pressão salarial contra os *tubarões do couro* – a reivindicação – era vista com desdém. Aquele que tomasse esta atitude seria considerado preguiçoso, o sujeito que escorava-se no progresso coletivo. Com isto, muitos poucos fariam “*greves inconstitucionais*”. A grande maioria dos trabalhadores “*conduzem suas esperanças debruçadas no otimismo progressivo do desejo de vencer pelo esforço natural do trabalho tranqüilo*”.⁵¹²

Paradoxalmente, enquanto a cidade procurava firmar-se num discurso assim, ganhava força uma nova forma de diversão: o carnaval. Ercílio Rosa prestigiava em muito a festa pagã. Para ele, a época carnavalesca impunha uma interrupção na “*serenidade cotidiana*” da pacata vila: “*o carnaval forma um parênteses, dentro do qual a gente se põe à vontade, gozando a faculdade de expor sentimentos como eles se manifestam*”. Ele via no carnaval mais uma mentira que satisfaria “*uma ilusão postada no oásis de nossa vida*”, mais uma desculpa para fugir dos preconceitos.⁵¹³ O cronista ia contra o puritanismo de plantão, que bradava contra aqueles que, mesmo em época de crise, dedicavam-se com extremo entusiasmo aos preparativos da festa. E tentando justificar a necessidade de alegria e diversão mesmo nos momentos difíceis, citou Spinoza: “*uma emoção só pode ser detida ou removida por outra emoção, contrária e mais forte*”⁵¹⁴. Nos dias consagrados ao Rei Momo caíam por terra os preconceitos e as janelas da personalidade escondida eram escancaradas. A verdade virava mentira e a mentira verdade. No carnaval, o cronista via a fuga, a interrupção da falas realidade vivida quotidianamente. Quem punha máscara, segundo ele, afirmava que era; quem não se mascarava, ocultava problemas. Ele sabia que “*para mostrar a alma nua é preciso ocultar o rosto*”⁵¹⁵. A ascensão da festa pagã bem ironizava a cidade dos trabalhadores, fazendo-a ver sua face escondida.

Findo o carnaval, depois de tendências e recalques expostos, “*voltamos a ser o que somos ou continuamos a ser o que nunca fomos*”. Se as fantasias amarrotadas jaziam “*sem valor nos rol das cousas passadas*” as almas embriagadas ainda sonhavam “*com as fúrias libertinas que conservam a ilusão carnavalesca de serem o que jamais*

⁵¹² JO5 de 10 de Agosto de 1951.

⁵¹³ JO5 de 2 de Fevereiro de 1951.

⁵¹⁴ JO5 de 8 de Fevereiro de 1952.

⁵¹⁵ JO5 de 22 de Fevereiro de 1952.

serão”⁵¹⁶. Depois da festa, para o cronista, “*ainda resta uma espiral de serpentina, alguns confetes perdidos ou cheiro qualquer de existencialismo alisando as realidades cotidianas que somos obrigados a arrastar através dos dias que passam*”⁵¹⁷.

Criado o impasse entre progresso através do trabalho produtivo – que visava o bem estar pessoal e geral – e a ascensão da festa do inverso – que mascarava a realidade –, o cronista concluiu categoricamente...

”Na sucessão dos dias que se arrastam incondicionais na progressão dos tempos, Novo Hamburgo vai fugindo pouco a pouco de sua condição de aldeia. Em cada setor de atividades, sentimos as transformações das cousas que se projetam ao longo da nossa imaginação. A cada momento que passa, surge distante de nós, algo novo nas características da cidade, cravando pontos de exclamações nas emoções da gente.”⁵¹⁸

Sua atitude progressista balançava novamente. O saudosismo paralizante tomava-lhe de súbito. Sempre aberto para estas duas situações, o cronista não fechava nenhuma porta. Talvez resida aí sua imensa riqueza...

8.4. Multidão, vultos e estações na cidade...

“Como é proveitoso, como enriquece a experiência de cada um, postar-se nas esquinas e sentir o cheiro dos acontecimentos pequeninos, mas que envolvem em suas agitações os problemas de todos os dias”.⁵¹⁹

Uma das conseqüências mais peculiares do crescimento urbano é, sem dúvida, o anonimato inerente a ele. Na cidade pequena é comum todos se conhecerem, ou ao menos terem a idéia da estirpe do indivíduo. A marca da cidade em crescimento reside na aparição deste fenômeno: a multidão. Com centenas de pessoas indo e vindo num mesmo espaço, sem se conhecerem umas às outras, é natural o destaque de algumas, principalmente daquelas que chamam a atenção por peculiaridades inexistentes nas demais ou por particularidades de cunho geral, vistas em todas as pessoas. Daí sua importância.

Diante de tal situação, a atitude do *flâneur* é algo plausível. Ele difere dos demais indivíduos pelo seu olhar de estranhamento. Enquanto a maioria dos passantes têm uma atitude passiva, o *flâneur* transforma suas andanças em momentos de reflexão.

⁵¹⁶ JO5 de 9 de Fevereiro de 1951.

⁵¹⁷ JO5 de 29 de Fevereiro de 1952.

⁵¹⁸ JO5 de 29 de Julho de 1949.

⁵¹⁹ JO5 de 5 de Abril de 1945

Como na cidade crescida torna-se quase impossível conhecer a procedência de cada um, ele lê aqueles que passam anonimamente.

Nesse sentido, Ercílio Rosa assemelha-se ao *flâneur*. Com uma Novo Hamburgo crescendo e se tornando uma pseudo-metrópole, ele pôde acompanhar o surgimento da multidão e o anonimato subjacente à ela. Como cronista, descreveu este fenômeno, abrindo espaço aos vultos que nela se destacavam.

Na *Cidade Industrial*, já crescida para jactar-se do desenvolvimento, mas ainda não o suficiente para abrigar em peso todos os fenômenos decorrentes deste, o local onde a multidão poderia ser vista era na área central, principalmente na praça *14 de Julho* e na parte da avenida Pedro Adams Filho compreendida nos limites da praça. Mesmo nestes, somente em horários específicos seria possível vê-la. Para o cronista, o meio-dia era a melhor hora. Com o apito das fábricas, centenas de almas invadiam as ruas com o passo apressado e com a preocupação comum de almoçar. Nos anos 40 e 50, ainda era tempo de almoço em casa. Antes da refeição propriamente dita, havia tempo de parar nos bares para o aperitivo costumeiro; de casais apaixonados se demorarem na despedida; de *mocinhas casadouras* se deterem por minutos nas esquinas; de rapazes se encostarem nas paredes, “*tomando com os olhos um aperitivo qualquer*”. Na avenida, os automóveis corriam “*desbaladamente ziguezagueando entre a multidão*” que se esparramava “*no vai e vem costumeiro*”.⁵²⁰ Para o cronista era o momento certo da observação sagaz: “*parei, bem na esquina de uma curva... postei-me a olhar a multidão que passava ansiosa com a sofreguidão dos que tem pressa*”.⁵²¹ Chegado as doze horas, efusivamente anunciada no badalar dos sinos, a cidade se esvaziava: “*as ruas já estão afagadas apenas pelo silêncio morno que enche os espaços*”.⁵²²

Afora o meio-dia e outros horários de pico, nos domingos a praça *14 de Julho* e a avenida em frente tornavam-se palcos para o ver e o ser visto. Na hora do *footing* contracenavam os mais diversos personagens urbanos. Mocinhas endomingadas saíam da missa e iam gastar os passeios andando de uma quadra a outra: “*tem pretensas arianas passeando na avenida depois da missa e morenas de olhos azuis amando em segredo nas curvas da praça*”.⁵²³ Os rapazes se encostavam nas paredes dos prédios ou

⁵²⁰ JO5 de 24 de Novembro de 1950.

⁵²¹ JO5 de 5 de Outubro de 1956.

⁵²² JO5 de 17 de Setembro de 1948.

⁵²³ JO5 de 25 de Abril de 1952.

nos muros, “*na silenciosa admiração pelo voluptuoso andar das mais salientes*”⁵²⁴, à espera de um olhar distraído que sinalizasse o *affair* feminino.

Considerado o “*armazém das aspirações românticas*”, onde as “*árvores silenciosas que o vento beija suavemente*” escondiam as carícias dos namorados que misturavam-se às flores, numa “*comunhão de cores, exalando perfumes estranhos*”⁵²⁵, a praça era o espaço da sociabilidade local nas décadas de 40 e 50: *austeros casais* se deliciavam com a aragem que *soprava suavemente* na praça; crianças usavam o quiosque no centro como palco para suas “*inocentes imitações cinematográficas*” ou brincavam à revelia de seus pais nos canteiros; as ruelas abrigavam cochichos, conversar, carícias, afagos e as árvores copadas testemunhavam os começos e os fins dos romances – “*enquanto escassos rapazes falam de namoradas, lá no fundo certos namorados agem*”; policiais conversavam em dupla e políticos discutiam projetos inconcebíveis; enquanto a banda tocava no coreto, mocinhas ingênuas viravam o rosto “*com gesto de superioridade*” e mocinhos “*com pretensão de galãs*” diziam inconveniências. A praça era perfeita para os escritos do cronista. Ali, “*uma multidão homogênea move-se despreocupadamente, confundindo-se empregadores e empregados, confundindo-se o vestido elegante e luxuoso da grã-fina com o terno surrado do operário humilde*”.⁵²⁶

“Ali na praça e na avenida há de tudo: sonhos que não se realizam; ânsias de amor correspondido; ilusões desfeitas; esperanças impacientes; sorrisos amargos e desejos de libertação. Uns correm atrás de uma esperança, outros fogem dos desenganos.”⁵²⁷

Nestes espaços, os vultos se destacavam. Nas agitações frenéticas, uns procurando a calma do lar e outros seguindo em direção aos centros mundanos, Ercílio Rosa descreveu o estereótipo da beldade feminina: a mocinha que passeava tranqüila, sem perceber que era motivo de encanto e admiração, que projetava pensamentos atrevidos por onde passasse. Postada diante das vitrinas – “*tentação das mulheres*” e “*desespero dos homens*” -, retocando “*o penteado num gesto provocante que desperta desejos ocultos*”, ela cheirava as “*provocações da moda*”. Para o cronista, as vitrinas eram “*expressões de mulheres carinhosas acenando num gesto convidativo*”, elas

⁵²⁴ JO5 de 21 de Agosto de 1959.

⁵²⁵ JNH de 13 de Agosto de 1965.

⁵²⁶ Ver JO5 de 12 de Setembro de 1947, 27 de Fevereiro de 1948, 24 de Novembro de 1950, 20 de Julho de 1951, 22 de Fevereiro de 1952 e 13 de Março de 1953 e JNH de 22 de Outubro de 1965.

⁵²⁷ JO5 de 27 de Fevereiro de 1948.

“sempre enrolam em nossas almas uma emoção qualquer, que traduz as saudades de tudo aquilo que não fomos, e que alimentamos a pretensão de que ainda somos”. Seguindo presunçosa e fria, “como um sonho hibernal”, a moça postada na vitrina passava ondulante e faceira, com os olhos distraídos de quem não queria nada, num vago e distante fitar a rua. Seus olhos e sua doce fisionomia pareciam “procuram algo que a graça do porte dissimulava numa curiosa interrogação”. Seu passo curto era um “aceno tímido ao culto da esperança”. Sua simples passagem era o bastante para “sonhar bobagens”.⁵²⁸

Assim como a beleza feminina foi destaque para o cronista, os deserdados da ordem tiveram os seus devidos lugares. Tal como em “O homem da multidão” de Poe⁵²⁹, Ercílio Rosa acompanhou um destes vultos que carregavam na alma “amarrotada e incolor” histórias recheadas de segredos, miséria e dor. Tendo a rua como abrigo, o vulto descrito na crônica andava sem destino, com seu passo vagaroso e despreocupado. Sua cama podia ser a marquise de um edifício qualquer, uma ponte recém-inaugurada sobre o arroio poluído, ou as árvores da praça. Suas poses resumiam-se no capote velho, na trouxa que escondia sua história e que o acompanhava por onde quer que fosse e no jornal que lhe servia para leituras matinais. Amiúde, vagueava entre a avenida principal, na busca do pão do corpo, e a praça, o pão da alma na leitura do jornal. Vivia um mundo à parte dos demais e, apesar da aparência esdrúxula, distanciava-se do automatismo urbano. Seu cotidiano era recolher aquilo que a cidade rejeitava, desdenhava, quebrava e jogava fora. Colocava tudo no saco que carregava consigo. Construía seu mundo à partir dos *souvenirs* urbanos. Para Ercílio Rosa, “há muitos desse vultos que se arrastam à margem do mundo, da sociedade e à margem de si mesmos. São estranhas criaturas que flutuam na multidão, debruando lágrimas com sorrisos e encobrendo ironias com lamentos”.⁵³⁰

Outros vultos que apareceram na *Manchester Brasileira* no final dos anos 50 e início dos 60, descrito em crônicas, foram os menores trabalhadores. Na avenida, Ercílio Rosa viu os engraxates acompanhando o movimento dos transeuntes. Esfregando um sapato qualquer, eles sonhavam com as moças que nunca dormiriam e com os trajes que nunca vestiriam. Na vigília, pensavam “num pedaço de pão dormido ou numa aventura

⁵²⁸ Ver JO5 de 2 de Abril e 2 de Julho de 1948 e JNH de 17 de Dezembro de 1965.

⁵²⁹ POE, *O Homem da multidão*, In: __. *Obras Completas*

de algum assalto”. Se não eram engraxates, podia ser os jornaleiros, os que berravam as notícias em destaque e distribuía as *“laudas cheias de letras”*.⁵³¹

Ercílio Rosa também abriu espaço em suas crônicas para um poeta: o velho Rodrigo. Como vulto urbano, ele foi um personagem freqüente na vida da cidade. Sempre aparecia no Café Avenida, especialmente na hora em que *“os homens sacudiam a fadiga matinal com o clássico aperitivo”*. O ancião, que fazia-se respeitar não só pela barba branca que cobria-lhe o peito como pela sonora e simpática voz, oferecia de mesa em mesa suas poesias, em troca de míseras moedas.⁵³²

O vulto ainda podia ser um mero passante cujo casaco esquecido num banco do bar guardava *“nas dobras de suas mangas os lamentos, as queixas, os laivos de amarguras, e os hinos vitoriosos postados ao longo do caminho do sujeitinho apressado”*.⁵³³

Como colocou Ercílio Rosa: *“nas ruas sempre encontramos gente de todos os tipos e tipos de toda a gente”*. As pessoas, ditas normais, muitas vezes não tinham consciência do próprio passado ou do futuro – *“não sabem de onde vêm nem para onde vão, andam apenas ao léu, subjugados aos empurrões da vida”*. Enroscadas em si próprias, *“não sabem definir sua própria personalidade nem medir o tamanho de sua presunção”*.⁵³⁴ Como escreveria Walter Benjamin: *“são determinadas em seus comportamentos pelos instintos de massa”*.⁵³⁵

Com um olhar mais espaçado, Ercílio Rosa também descreveria as estações da cidade ou os acontecimentos esporádicos...

De uma janela descreveu o dia que São Pedro reinava absoluto: *“violenta e copiosamente, arrogando-se sobre o calçamento, as gotas d’água, num burilar sem cadência, chocam-se com a vidraça como a quererem quebrá-la, para refugiarem-se do vento que as açoita.”* Numa recordação aos tempos colegiais, escreveu: *“A chuva é bonita, a chuva é boa! Eu gosto da chuva porque ela revive as flores. O jardineiro não*

⁵³⁰ Ver JO5 de 17 de Junho de 1949 e 10 de Julho de 1955.

⁵³¹ Ver JO5 de 21 de Agosto de 1959 e JNH de 14 de Janeiro de 1966.

⁵³² Ver JO5 de 23 de Fevereiro de 1951.

⁵³³ JO5 de 14 de Março de 1952.

⁵³⁴ Ver JO5 de 16 de Setembro de 1949 e 15 de Janeiro de 1954.

⁵³⁵ BENJAMIN, Rua de Mão única, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.21

*gosta da chuva porque lhe priva de trabalhar. Perde o dia. A vida é tão diferente!*⁵³⁶ Percorrendo a cidade, ao abrigo do fiel guarda-chuva, viu as calçadas encharcadas com o produto das nuvens estagnadas entre o céu e a terra. Diante das vitrinas da casa lotérica, viu os bilhetes que “*espiam os gestos vagos dos consumidores que passam*”.⁵³⁷ Nesses dias, o passante enfiava-se na capa de borracha e calçava galochas para quebrar, em passos apressados, a “*monotonia do deserto provocado pela chuva*”.⁵³⁸ Vislumbrando o céu nublado, que fazia rolar abundante as águas, “*arrastando frêmitos de alegrias inacabados ou fragmentos de esperança*”, viu os letreiros de propaganda estendidos pelas paredes das casas comerciais. Inquirindo a si próprio, concluiu que não importava se chovesse ou não, “*os desejos são os mesmos, as lutas pelos ideais não sofrem alterações, as ânsias evolucionistas progredem no mesmo ritmo, empurrando a vida para os confins ignorados do futuro*”. Acrescentou ainda: “*viver é aceitar a vida como a vida é!*”⁵³⁹ Mas, “*enquanto a chuva está caindo e os preços continuam subindo*”⁵⁴⁰, o cronista andava pela cidade, carregando *esticadinho* sobre sua cabeça o guarda-chuva, com a intenção de abrigar-se dos próprios desejos que iam “*encharcando nas águas turvas do egoísmo de nossas intenções*”. Somente ela para lavar “*as comoções palpáveis que esquecemos ao relento*”.⁵⁴¹ Passado a chuva, o chão úmido das ruas assinalava o rastro dos automóveis e o das calçadas o dos transeuntes. Das árvores, que antes amainavam o impacto do aguaceiro e serviam de abrigo aos pássaros, agora respingavam os ternos e os vestidos dos passantes. Na praça *14 de Julho*, via-se a cabeça do Rui Barbosa, postada no pedestal, ainda molhada e cheirando “*quasi toda a fumaça da locomotiva parada na estaçãozinha acanhada*”. Nas esquinas via-se grupos heterogêneo confabulando segredos mil.⁵⁴²

Como na época diluviana, os dias quentes molhavam as roupas pelo suor. “*As cousas da cidade entram no cotidiano das rua, suando o silêncio das manhãs e cobrindo de pingos de suor tudo que passa*”. Era o tempo de fugir das horas encaloradas, por covardia, medo do suor, snobismo, vaidade, necessidade ou pelo

⁵³⁶ JO5 de 24 de Março de 1944.

⁵³⁷ JNH de 10 de Setembro de 1965.

⁵³⁸ JO5 de 24 de Março de 1944.

⁵³⁹ JNH de 10 de Setembro de 1965.

⁵⁴⁰ JNH de 13 de Agosto de 1954.

⁵⁴¹ JO5 de 26 de Agosto de 1949.

⁵⁴² JO5 de 30 de Julho de 1954.

simples prazer da fuga.⁵⁴³ Na época do calor, Ercílio Rosa via “*pedaços de nuvens brancas dançando no céu azul*” e sentia “*uma leve aragem soprada do sul, afagando o calor intenso*”. No ar, “*paira o clima típico do couro curtido*” e “*os ruídos das máquinas demonstram que Novo Hamburgo empenha-se cada vez mais no aperfeiçoamento do calçado, numa miragem quase obcecada pelos pés humanos*”.⁵⁴⁴ Pelas ruas estavam os passantes com suas roupas enxovalhadas “*colando em corpos suados*”, devido ao intenso calor. Diversas moças e respeitáveis senhoras sentiam as intempéries do clima, trazendo na face o creme que escorregava e borrava a maquiagem. O cheiro de todos embaciava o ar e muitos sonhavam com uma praia, um planalto ou um chuveiro para espantar o calor. “*A gente sua até na imaginação*”.⁵⁴⁵

Afora os dias de extremo calor ou as épocas de chuva, a cidade convivia com o cenário propício à poesia e contemplação platônica. No mês de maio, “*mês das reticências e das reivindicações*”, o passeio pela *Cidade Industrial* permitia ver as “*folhas amarelas caídas como a maioria dos sonhos humanos*”. O sol fugia mais cedo e os dias pareciam perder sua cor. “*Tudo vai se desprendendo: árvores nuas sob a carícia da brisa e folhas amarelas pelo chão como ilusões perdidas*.”⁵⁴⁶ Após o mês das mães, o inverno acenava, trazendo consigo o frio e o panorama das manhãs geladas, onde “*os jardins, os pomares, as ruas, as esquinas e todos os telhados cobrem-se de sereno gelado, espetando nos olhos da gente o espetáculo arrepiante e belo da geada postada à espera do sol!*”⁵⁴⁷

Passado os meses de frio vinha a primavera, onde “*os dias vão se esticando preguiçosamente num suspiro alongado, enrolando-se na harmonia platônica das aragens perfumadas que a sutileza primaveril extrai da natureza, renovando as esperanças humanas*”.⁵⁴⁸ Para o cronista, a época primaveril trazia a metamorfose nas ruas. Elas ficavam mais alegres e sugestivas, “*aureoladas pelo colorido de suas miragens, de suas esquinas e de seus postes*”.⁵⁴⁹ Nas esquinas e nos cantos das ruas surgiam ilusões coloridas que convidavam ao romantismo. A primavera prenunciava o ano que findava e um novo que se iniciava, trazendo de volta a *rufa* do verão. “*E o ano*

⁵⁴³ JO5 de 23 de Janeiro de 1953.

⁵⁴⁴ JNH de 7 de Janeiro de 1966.

⁵⁴⁵ JNH de 21 de Janeiro de 1966.

⁵⁴⁶ JO5 de 20 de Maio de 1955.

⁵⁴⁷ JO5 de 20 de Julho de 1956.

⁵⁴⁸ JNH de 24 de Setembro de 1965.

começou como começamos todos os anos: as mesmas preocupações, os mesmos anseios e as mesmas esperanças. Os dias também são iguais. Apenas o calendário vai mudando os números, dando-nos a impressão de que medimos o tempo".⁵⁵⁰

Dentre os vários acontecimentos lembrados por Ercílio Rosa através de seus escritos, a época da eleição ganhou espaço na década de 50. No dia de votar a cidade se enfeitava com cartazes e faixas, num “*apelo pela solidariedade do voto*”. O movimento maior ficava por conta dos “*cabos e sargentos eleitorais que cruzavam as ruas da cidade aliciando soldados para os seus generais, na derradeira batalha de princípios*”. Passado o dia destinado à participação democrática, os eleitores já não representavam grande coisa e os cartazes e promessas perdiam seu valor. Para o cronista que não tinha nenhuma ligação partidária, a cidade precisava de menos discursos de palanques e de promessas de politiquinhos de bairro, e de mais ação e trabalho.⁵⁵¹

O intelectual que acreditava no progresso pelo trabalho incessante, cria ser solução para a política a receita novo-hamburguesa: esforço e dinamismo...

* * *

Epílogo

Com o fim da circulação do hebdomadário “*O 5 de Abril*”, no ano de 1962, Ercílio Rosa cessou de escrever suas crônicas, ou quando as escreveu foi muito raramente e nada mais do que novas redações de seus escritos passados.

Como *flâneur* que precisaria se distanciar da multidão para perceber a mudança da vida, Ercílio Rosa acomodou-se. Por esta razão, desapareceu no meio da multidão, tornando-se somente mais um passante.

Em 17 de Julho de 1982, o cronista faleceu e como todos aqueles que tiveram algum dia um olhar apurado sobre a sociedade, as homenagens e o reconhecimento chegaram-lhe tarde. Mas seus escritos, do tempo em que Novo Hamburgo cresceu acerbamente, ficariam como herança à *Cidade Industrial*.

⁵⁴⁹ JO5 de 17 de Setembro de 1954.

⁵⁵⁰ JNH de 7 de Janeiro de 1966.

⁵⁵¹ Ver JO5 de 20 de Julho e 9 de Novembro de 1951, 11 de Setembro de 1953, 8 de Outubro de 1954 e 7 de Agosto de 1959.

Parte II

DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA GANGORRA DA MODERNIDADE

“Das nossas cidades, a única coisa que vai ficar
é o vento que passa por elas.”

Bertolt Brecht

“Passará o céu e a Terra, mas minhas palavras não passarão.”

Marcos XII, 31

9.

A praça dos Imigrantes, antiga 14 de Julho

“A praça contém sinais, impressões do seu passado, as lutas de uma comunidade. Tudo está mesclado, confundido, como um grande quebra-cabeça. Ela se apresenta como uma caricatura do velho e do novo, do profano e do sagrado, do público e do privado.”⁵⁵²

Em princípio, a praça é o ponto de onde a cidade se expande: ali ela nasce e em seu entorno desenvolve-se. Conforme Murilo Marx⁵⁵³, a gênese e a evolução usual das cidades brasileiras remonta a idéia de hierarquia urbana: do povoado ascendeu à vila e posteriormente alcançou *status* municipal. Uma vez tornado município, haveria uma preocupação no uso e distribuição do solo urbano. Contudo, a ordenação e ocupação racional da cidade chegariam tarde. As normas eclesiásticas haviam prevalecido. Isto porque, enquanto povoado, ostentaria uma capela e, em razão de seu crescimento, ascenderia à cura, freguesia e paróquia. Assim, se a cidade crescia, seu crescimento partiria da praça central, onde a igreja tornava-se o principal de seus prédios, sempre na face mais privilegiada.

O caso de Novo Hamburgo é atípico. Até a chegada do trem, em 1876, o que existia era somente a vila de Hamburgo Velho. Esta, desenvolvera-se a partir do entroncamento de duas estradas onde situavam-se as duas igrejas. A católica, construída no tempo em que o catolicismo era religião oficial, ficava numa parte mais alta do morro. A evangélica, um pouco abaixo. A malha urbana da vila imbricava-se entre si, formando um labirinto por entre as construções. Como os trilhos ferroviários não alcançaram a vila – as obras foram paralisadas dois quilômetros antes – em torno da

⁵⁵² POSSAS, Rastreado pistas – a observação nas praças da cidade, p.237

⁵⁵³ MARX, Cidade no Brasil, terra de quem?, p.141

estação batizada de *New Hamburg* foram sendo feitas novas construções que passariam a abrigar os depósitos, hotéis, casas comerciais, residências, etc. Pouco a pouco, a cidade foi se transferindo de lugar e a partir da estação formou-se um novo núcleo urbano. Entre a estação e o novo povoado, resguardou-se um terreno que mais tarde seria a praça central. Assim como na vila de Hamburgo Velho a igreja não fora foco principal para o desenvolvimento urbano, em Novo Hamburgo o epicentro foi a estação do trem. A praça contígua somente mereceu tal denominação quando da emancipação municipal, em 1927, tempo em que todos os esforços da edilidade direcionaram-se ao seu embelezamento.

Ironicamente, a estação de onde Novo Hamburgo cresceu, foi constante motivo de chacota e desdém. Por seu aspecto lúgubre, a cidade que se queria moderna a desprezou, até sua demolição na década de 60. Afinal, a praça já se havia tornado, desde cedo, espaço da sociabilidade local...

9.1. Aspectos físicos e transformação.

“Nestes brumosos dias de julho, em que a natureza perde, em parte, o seu viço e o seu esplendor, as raras flores e os jardins não bailam tanto em nossas fantasias, ou mais explicitamente, não nos despertam tanta atenção como na época primaveril, em que tudo parece renascer. Entretanto, ninguém pode ficar insensível à remodelação da nossa praça 14 de Julho. A satisfação encheu os nossos corações ao constatar a metamorfose que ali se verifica...”⁵⁵⁴

Afirma Kohlsdorf: “*o espaço urbano realiza metamorfoses de maneira mais intensa do que lugares edilícios*”.⁵⁵⁵ A natureza modifica-se menos se comparada ao espaço habitado pelo homem. A cidade, como espaço arquitetônico, é, ainda, uma multiplicidade de formas e tendências. Sua lei de organização não é única nem permanente. Cada unidade que a compõe relaciona-se às demais unidades, formando um todo cuja ordem é volátil, passageira e efêmera. O que parece desordem é a ordem vigente.

A praça, como lugar central na qual a edilidade concentra grande parte de seus esforços para torná-la local agradável a todos e bem apresentada aos visitantes, segue a mesma lei da transformação urbana. Realizando também sua metamorfose permanente,

⁵⁵⁴ JO5 de 25 de Junho de 1943.

⁵⁵⁵ KOHLSDORF, A apreensão da forma da cidade, p.22

tornar-se espaço peculiar. Agregando as várias fases desta transformação ininterrupta, assemelha-se ao típico *Mercado Persa*, cuja desordem reinante é a ordem em vigor.

A atual praça *dos Imigrantes*, localizada entre o antigo leito da Viação Férrea e a avenida Pedro Adams Filho, sofreu em seu aspecto físico a lei da transformação permanente. Desde a emancipação municipal, em 1927, quando somente era um descampado abandonado, até os anos 90, a praça ganharia obras em praticamente todas as administrações municipais. Todas modificações tiveram o mesmo intuito: torná-la agradável àqueles que ali iam.

Enquanto *cartão de visitas* nos anos 30, a praça era o ponto principal para os visitantes. Nela, eles lançariam seus olhos e receberiam a primeira impressão: “*Ora, todos sabemos quanto valem na vida social, como na commercial, as primeiras impressões, por isso é dever do governo municipal providenciar para que sejam boas!*”⁵⁵⁶ A lembrança que o forasteiro levaria de Novo Hamburgo seria uma grata lembrança e uma agradável impressão: “*É evidente o valor higiênico-mental dos jardins*”.⁵⁵⁷

Assim, a primeira obra de vulto seria a praça, até então denominada “*14 de Julho*”. Seu aterramento deu-se cedo, e cedo também foi seu ajardinamento “*em estilo moderno*”. O projeto, tão logo ficou pronto, foi publicado em primeira página⁵⁵⁸, para que todos pudessem ter noção de como ficaria o logradouro público principal. Já em 1927, tal idéia fazia-se presente. A construção e manutenção dos jardins públicos constituíam “*um requisito de esthetica essencial a todo embelezamento urbano*”. Todos queriam uma cidade moderna, e ao poder público cabia materializar este sonho nos espaços sob sua responsabilidade. O papel da praça era claro: “*deliciará a vista e mesmo o olfato de nossa gente e dos viajantes que por aqui passarem, dando um attestado de bom gosto da administração que vem logrando proporcional a esta villa um embellezamento digno de qualquer centro adeantado*”⁵⁵⁹. Boa administração seria aquela que fizesse da vila uma tão sonhada cidade.

No projeto constava a colocação de uma estátua despejando um cântaro d’água no centro do pequeno lago existente em frente à estação do trem, “*tal como se vê no*

⁵⁵⁶ JO5 de 24 de Junho de 1927.

⁵⁵⁷ JO5 de 12 de Agosto de 1927.

⁵⁵⁸ Ver projeto da praça no JO5 de 30 de Setembro de 1927.

logradouro público onde fica situada a intendência municipal de Porto Alegre”⁵⁶⁰. Também um chafariz foi erguido. Seu projeto ficou exposto na vitrina da livraria Hans Behrend.⁵⁶¹

Concluída a parte estética, passou-se à preocupação com aqueles que freqüentariam a praça. Instalou-se bancos de cimento armado, postes de iluminação e até um *relógio eléctrico*.⁵⁶² Os bancos duraram alguns anos; a administração removeu-os para outros logradouros, o que ocasionou reclames diversos: “*torna-se necessário que a prefeitura providencie uma urgente substituição dos bancos retirados, para acomodar o grande número de exma. famílias que buscam refúgio neste agradável local nas noites de estio*”⁵⁶³. A iluminação tornou-se precária, logo exigindo substituição: “*não é das melhores a impressão que se tem, à noite, da iluminação da nossa pracinha; à noite parece um doente, de olhar tristíssimo, esperando a hora fatal*”⁵⁶⁴. Como a praça era considerada o ponto chique da cidade, tornava-se pedido geral um aumento das despesas com ela. Mesmo assim, sua beleza física decaiu em menos de dez anos: “*a estética estava mesmo a exigir uma remodelação naquele logradouro*”. Haviam descuidado da praça 14 de Julho: “*gramado praticamente não existia; os canteiros, com os contornos mal definidos, ofereciam um aspecto lastimável ou quasi deprimente*”⁵⁶⁵. Se algumas vezes a praça encontrava-se em abandono, o que privava a população de um local aprazível, em outras vezes as obras procuravam torná-lo menos lúgubre: “*dentro em pouco tempo teremos um logradouro público digno do desenvolvimento e progresso do nosso município*”⁵⁶⁶ o reajardinamento era constante; também as obras no calçamento mereciam destaque.⁵⁶⁷ A praça central era o local para qualquer administrador dar mostras de talento, sabedoria e capacidade. Quase todos iniciaram seus trabalhos ali...

“Um levantou os aterros dos canteiros até formar verdadeiras trincheiras; outro os arrasou todo; um terceiro mandou levantar um pavilhão, destruindo alguns canteiros; outro fez construir um botequim; outro eternizou-se pela idéia ridícula de derrubar um chafariz

⁵⁵⁹ JO5 de 12 de Agosto de 1927.

⁵⁶⁰ JO5 de 20 de Maio de 1927.

⁵⁶¹ Ver JO5 de 17 de Fevereiro de 1928.

⁵⁶² Ver JO5 de 8 de Agosto de 1930 e 24 de Junho de 1936.

⁵⁶³ JO5 de 24 de Janeiro de 1936.

⁵⁶⁴ JO5 de 7 de Abril de 1933.

⁵⁶⁵ JO5 de 25 de Junho de 1943.

⁵⁶⁶ JO5 de 24 de Março de 1944.

⁵⁶⁷ Ver JO5 de 23 de Julho de 1943.

existente defronte a estação ferroviária; um até quis derrubar as belas árvores que já espalhavam sombra, sob o pretexto infantil de serem muito velhas!”⁵⁶⁸

Bem ou mal, a então praça *14 de Julho* tornava-se espaço da sociabilidade local: “os namorados fazem seu footing, os intelectuais buscam inspiração, as crianças brincam, o rapazes discutem futebol e os velhos buscam a ilusão da felicidade ao entrar em mais estreito contacto com a vida e com o mundo”⁵⁶⁹. Para Ercílio Rosa, a praça era o armazém das aspirações locais nos anos 40 e 50: “é ali que vão sonhar as moças bonitas; os rapazes; as solteironas esperançosas; os velhos românticos cheirando a antigüidades... e toda a população em estado de sonho”⁵⁷⁰. O cronista que bem escreveu a cidade, fez da praça seu poço de inspiração: “a praça *14 de Julho*, espelho da mocidade local, ostenta em seus verdejantes jardins a pauta poética das flores, inspirando romances na imaginação sutil de toda gente”⁵⁷¹. É dele a seguinte descrição da praça central...

“O busto de Ruy Barbosa impõe respeito aos que respeitam o direito alheio e a estaçãozinha colonial postada ao fundo, ainda suporta, com seus 89 anos, a glória de ser a mais antiga do Estado. E na avenida em frente, os automóveis correm desabaladamente enquanto a multidão jovem se esparrama no vai e vem costumeiro. A praça *14 de Julho* é um pequeno mundo onde a gente gasta pedaços de horas, alimentando o sedentarismo dos momentos ociosos postados ao longo do tempo. A praça tem o destino e o privilégio das praças: árvores copadas silenciosas e indiferentes, testemunhando os afagos a as rugas dos namorados; os começos e os fins dos romances; sussurros de gente idosa e projetos inconcebíveis. Há cochichos nos bancos espalhados pelos caminhos, enquanto as linhas dos canteiros vão tegeando as sensações emotivas dos que se debruçam ao longo dos acontecimentos. E o quiosque que há muitos anos, por certo, foi construído para finalidade, serve presentemente de escritório comercial. A praça é um pequeno mundo. Enquanto a mocidade provoca sonhos duvidosos na avenida, a estaçãozinha colonial enruga seus 89 anos, envolta na rústica cerca-viva separando a praça. E enquanto os automóveis passam velozes pela avenida afora, há quase sempre um sapateiro folgado lá no último banco, aconchegando-se um pouquinho mais à morena faceira.”⁵⁷²

Entre as diversas remodelações e reformas que sofria, o logradouro ainda lembrava de longe os primeiros tempos românticos, com bustos de personalidades famosas; jardins limpos e farta iluminação quando em tempo de festa; ipês amarelos que confundiam-se com as bandeiras desfraldadas na época cívica; risos de crianças abafados pela banda de música aos domingos, etc.⁵⁷³ Sua fisionomia ainda não havia sofrido uma intervenção tão grave e profunda quanto a que ocorreria no final da década

⁵⁶⁸ JO5 de 30 de Maio de 1952.

⁵⁶⁹ JO5 de 25 de Junho de 1943.

⁵⁷⁰ JO5 de 24 de Janeiro de 1947 e JNH de 13 de Agosto de 1965.

⁵⁷¹ JO5 de 1º de Abril de 1955.

⁵⁷² JNH de 28 de Janeiro de 1966.

⁵⁷³ Ver JO5 de 8 de Agosto de 1958 e JNH de 18 de Maio de 1963 e 14 e Abril de 1967.

de 60. A velha estação do trem, tão chacoteada, desapareceria do cenário junto com os trilhos que separavam a cidade ao meio. Ao invés da praça verde, apareceria os primeiros traços do modernismo: linhas retas e formas definidas, concreto e aparente limpeza... a cidade tornava-se definitivamente um sonho moderno.

O amplo projeto visava embelezar todo o centro da cidade para a década de 70, com obras previstas na praça e adjacências. As reformas iniciaram num determinada administração, com a construção do chafariz das águas dançantes e da platibanda de concreto em seu redor. Não inteiramente finalizada, o aspecto do local tornou-se tragicômico: *“cercado por todos os lados está mais parecido com um curral do que com um logradouro público.”*⁵⁷⁴ A nova edilidade seguiria as reformas e o chafariz poderia ser finalizado dentro do projeto previsto: *“um belo lago e um chafariz luminoso, que formará 135 figuras de jogos d’água e luz, vão tornar ainda mais atraente o perímetro central de Novo Hamburgo.”*⁵⁷⁵ A fonte das águas dançantes formaria várias figuras nas cores violeta, vermelha, verde, amarelo e azul. Como a combinação possibilitaria inúmeras figuras diferentes, os autores do projeto afirmavam: *“nunca chegará a enjoar, pois proporciona sempre espetáculos diferentes, com a água dançando suavemente ao som de música estereofônica.”* Combinava-se assim, de forma maravilhosa, água, cor e música, *“num espetáculo emocionante que chega a fazer chorar”*.⁵⁷⁶

Afora o discurso oficial, a população foi receptiva com a novidade...

“Convenhamos. A fonte luminosa está sendo construída com boa técnica. O teste agradou; as primeiras experiências alegraram o coração do povo. Este aplaudiu, bateu palmas, talvez esquecido, naquele momento, de que ele é que as merece, mesmo transformadas na dança colorida das águas. A música lhe traz boas recordações e alegria; ameniza-lhe a preocupação e a constância do trabalho de todas as horas. Novo Hamburgo, cidade industrial, o seu comércio, os operários, mais do que tudo, merecem um espetáculo para os olhos afeitos ao trabalho, descanso para o espírito submisso à operosidade, ao vigoroso cumprimento do dever; e a palma da vitória ao contribuir com as grandes somas para os cofres públicos.”⁵⁷⁷

O discurso apresentado corroborava com a modernização da cidade pela nova feição da praça. Na prestação de contas ao final do mandato, destacou-se a retirada da velha estação e o fim da estrada de ferro: *“antes uma velha estação, agora uma praça bela e alegre.”* As linhas modernas da fonte de água dançantes e uma seqüência de

⁵⁷⁴ JNH de 26 de Fevereiro de 1969.

⁵⁷⁵ JNH de 8 de Novembro de 1968 (Administração presta conta ao Povo).

⁵⁷⁶ JNH de 22 de Novembro de 1968 (Administração presta conta ao Povo)

⁵⁷⁷ Frederico Morsch, JNH de 17 de Janeiro de 1969.

plataformas de concreto com dimensões variadas faziam da obra um verdadeiro marco urbano. A transformação deveria ser analisada e definida por um tríptico aspecto: beleza turística pelo inédito chafariz, estrutura de concreto demonstrando a arquitetura moderna e o novo ajardinamento em meio à selva de prédios que surgia paulatinamente.⁵⁷⁸

No próprio projeto haveria três partes distintas: o centro cívico, onde ficaria o chafariz, no qual foi construído um *pódium* junto aos símbolos da pátria e de onde as autoridades assistiriam as paradas nos dias festivos; a área de recreação, no local central; e o centro de informações, constituído por uma construção atípica atrás das bancas e por um relógio-torre erguido pelo *Lions Clube*. O relógio, além de fornecer as horas e de tocar música das rádios, de toca-fitas ou de toca-discos, ininterruptamente das 6:30 às 24:00 horas, servia de “*instrumento benemérito pois anualmente são colocadas propagandas cuja renda reverterá às entidades assistenciais*”.⁵⁷⁹

Como não poderia deixar de ser, ao longo dos anos 70 e 80, novos projetos foram sendo incorporados ao original. Sobre a casa de máquinas do chafariz foi construída uma concha acústica. Na área de recreação, um bar com guarda-sóis e mesinhas. No afã de parecer-se com a praça São Marcos de Veneza, um fotógrafo deu a idéia de dotar a praça com pombas, pois elas seriam de grande atração turística. Restrições à parte – “*não é qualquer vivente que gosta de receber, do alto, algo que não se coaduna perfeitamente com um penteado todo trabalhado ou mesmo com uma roupa domingueira*” – as pombas foram aprovadas, para a glória da criançada e do próprio fotógrafo que passou a faturar melhor com a nova atração.⁵⁸⁰

Mesmo a fonte de águas dançantes não durou muito tempo. Alguns anos depois de inaugurada, a prefeitura limpou sua volta, secando a área onde havia água, e preparou o local para ser um viveiro de peixes ornamentais. Alguns taxistas foram pegos pescando ali com redes feitas de sacos de frutas e arames. Desativado o chafariz no final da década de 70, mas sem a modificação da estrutura original, surgiu a proposta de utilizá-lo como pista de patinação, mas a idéia não se concretizou. Outra proposta que não vingou, sugerida nos anos 80, foi a construção de um restaurante típico no lugar

⁵⁷⁸ Ver JNH de 13 de Janeiro de 1971.

⁵⁷⁹ Ver JNH de 17 de Janeiro de 1969, 19 de Fevereiro e 15 de Setembro de 1971.

⁵⁸⁰ Ver JNH de 5 de Outubro de 1973 e 24 de Março e 7 de Abril de 1976.

do quiosque. Outra ainda, já nos anos 90, foi a *Rua 24 Horas*. Pretendia-se fazer da rua situada na face norte da praça, entre a rua 1º de Março e a avenida Pedro Adams Filho, um local aberto permanentemente, com lojas diversas: chaveiro, floricultura, tabacaria, livraria, farmácia, etc., tudo isto integrado com a praça.⁵⁸¹

Apesar da fértil imaginação local, a praça tomou outros rumos. O asfalto e os prédios erigidos de um lado ao outro, a partir da década de 70, acabaram com a bucolidade do lugar. As pombas reproduziram-se tão rapidamente que tornaram-se super-populosas. O outrora recanto romântico passou a maldito: frio, insalubre, inosso e acarpetado de cimento, “*só falta um capacete militar sobre a casamata do comando do chafariz*”. Nas noites dos anos 80 e 90, prostitutas, travestis, bêbados, cheiradores de cola, mendigos, menores de rua e ladrões tomaram conta da praça. De dia, os engraxates, um mambembe parque de diversão e até os agressivos vendedores do *Carnê do Baú*. Os bancos onde nos anos 30, 40 e 50, sentavam-se os namorados, passaram a ter como proprietários nos anos 90 os deserdados: “*tentei sentar num banco, todos estavam livres, mas cheirando à cola e cachaça.*” As seringueiras que faziam o resto de sombra cederam lugar ao calçamento de pedra: “*elas não são do tipo de vegetação compatíveis com a urbanização urbana*”.⁵⁸²

A utopia da praça limpa chegava ao fim. A *Imigrantes* dos anos 90 transformara-se numa enorme quadra com as mais variadas construções e com os mais variados tipos.⁵⁸³ A degradação constituiria seu índice marcante...⁵⁸⁴

“Olhando da Pedro Adams, da esquerda para a direita, tem as bancas, o mais antigo prédio. Nos fundos tem o prédio do turismo que mais parece um conjunto de escritórios de contabilidade. Aí, aparece o novo prédio da Brigada Militar, quase uma imitação de postos da polícia de Copacabana. Mais ao lado um banheiro público, cujo visual apreço que foi feito por mim, que não entendo patavinas de arquitetura. Perto deste novo banheiro tem aquelas enormes pedras de mármore, cravadas no chão por um movimento religioso e que parecem dois túmulos. Aí surge o quiosque cujo prédio lembra uma rodoviária em Tucunduva, mas com mesinhas bonitas, invadindo parte da praça. Depois começa o mar de concreto, em redor do chafariz e tem ao fundo a concha acústica e, ao lado desta, aquele banheiro público parecido com o último reduto da defesa do Hitler, nos últimos dias da 2ª Guerra. A praça do Imigrante acaba tendo um mistura de péssimo gosto. Esqueci de falar que durante muitos dias, entre o quiosque e os dois túmulos, a “*Alemoa*” pendura suas roupas para secar. Existe ainda a banquinha de revistas, de frente para a 1º de Março, que

⁵⁸¹ Ver JNH de 7 de Dezembro de 1977, 1º de Dezembro de 1978, 16 de Maio de 1980, 10 de Janeiro de 1984 e 28 de Abril de 1994.

⁵⁸² Ver JNH de 21 de Janeiro de 1983, 29 de Março de 1984, 3 de Dezembro de 1985, 21 de Janeiro de 1991, 21 de Setembro de 1994 e 22 de Junho de 1995.

⁵⁸³ Ver JNH de 30 de Julho de 1996.

⁵⁸⁴ Ver FERRARA, *Leitura sem palavras*, p.43

não é parecida com nada do que falei antes. Ainda podemos nos dar por felizes porque a praça não está asfaltada... ainda não.”⁵⁸⁵

A ex-praça *14 de Julho*, posteriormente denominada *dos Imigrantes*, que seria o tão sonhado marco da modernização de Novo Hamburgo, transformara-se num símbolo avesso da urbanização crescente, característica e peculiar, inerente à própria cidade...⁵⁸⁶

9.2. Construções que destoam o ambiente...

Como espaço de sociabilidade em 1930, desejava-se da praça *14 de Julho* um local quase perfeito. Por um lado a edilidade procurava dotá-la de atrações e por outro as pessoas desejavam que ela fosse limpa, bonita e agradável. Tais anseios confrontavam diretamente com qualquer coisas que destoasse o ambiente. Dentre as *pedras no sapato* de todos, três construções destacavam-se: a estação da Viação Férrea, o Abrigo Municipal e as Bancas. Na esteira da destruição, somente uma restaria de pé...

Em agosto de 1927 o hebdomadário *O 5 de Abril* noticiava: “*esteve nesta villa o dr. Souto Ribeiro, competente engenheiro da Viação Férrea, o qual veio tratar do estudo dos melhoramentos e embellezamentos que o benemérito governo do Estado pretende introduzir na estação local, cujo edifício e demais bemfeitorias, uma vez concluída a praça 14 de Julho, formará, se ficasse no estado actual, um contraste pouco agradável com os arredores, causando uma pequena impressão aos visitantes de nossa terra*”.⁵⁸⁷ Poucos meses antes o município havia alcançado a emancipação e logo dera início à construção da praça. Para quem queria um local dito moderno, a aparência esdrúxula da estação era algo complicado. Ter um prédio caindo aos pedaços, em meio a um logradouro totalmente embelezado, era no mínimo uma afronta. Por algum motivo, nem a edilidade nem o jornal local (ambos se confundiram no início) se propuseram a capitanear tais reformas no prédio da Viação Férrea.⁵⁸⁸ A responsabilidade perante ele terminava nos reclames, e estes não cessavam de acontecer.

⁵⁸⁵ Aurélio Decker, JNH de 25 de Setembro de 1995.

⁵⁸⁶ Em 1999 iniciou-se nova remodelação da praça, objetivando a revitalização da área central. Seguindo nos moldes das anteriores (tornado-a bela para mostrar a competência do administrador) tais reformas certamente não serão definitivas. Ver JNH de 30 de Abril de 1999.

⁵⁸⁷ JO5 de 26 de Agosto de 1927

⁵⁸⁸ A Intendência desapropriou um terreno que fazia divisa com a linha férrea, pois seu proprietário pretendia construir um prédio que tiraria a visibilidade dos maquinistas. Para salvaguardar o prejuízo privado houve maior interesse e recursos do que para reformar um prédio de uso geral. Ver JO5 de 17 de Janeiro de 1941.

Alcunhada de *armazém, pardieiro, velho barracão, velhíssimo casarão* ou *apodrecido casebre*, a estação local era sinônimo de retrocesso diante do progresso urbano. Seu estado deplorável era sempre posto em destaque, principalmente nos anos 30 e 40. Com o aumento populacional e o crescente tráfego entre os municípios vizinhos – “*notadamente com a capital*” – o movimento no *guichet* impressionava. Este expressivo número de passageiros convivía com a triste impressão do local: plataforma esburacada, telhado denegrido e furado, congestionamento nas plataformas e corredores em horário de pico, etc. O velho galpão apresentava um aspecto *sui-generis* contrastando com a praça e com a avenida. Sua parte interna transformara-se num *covil de ratos*. Na célebre choça era grande a quantidade de buracos cavados pelos *terríveis roedores* ou outras peculiaridades dignas de registro: “*maior, porém, foi o meu espanto, ao deparar com um fardo de couro, cujo invólucro fora roído pela rataria, o mesmo sucedendo com alguns saccos de farinha... evitei fazer maiores sindicancias com medo de que qualquer demora alli poderia reverter em prejuízo meu, pois muito bem poderiam os ratos se engraçar dos meus sapatos e deixar-me sahir descalço*”.⁵⁸⁹ Também em dias de calor canicular a estação era tal qual um forno em brasa.⁵⁹⁰

Qualquer reforma no prédio seria motivo de vitória. Em 1930 espalhou-se o boato de que dar-se-ia a construção de uma nova estação. Obviamente, o jornal encheria-se de orgulho: “*o 5 de Abril tem a jactância de dizer ter sido um dos paladinos que se bateram por este inadiável melhoramento*”.⁵⁹¹ Entretanto, para a infelicidade da comuna e do próprio jornal, nem a reforma e muito menos a grandiosa obra tomaram forma. A degradação do local continuaria a afrontar a estética do entorno. Num relato publicado vê-se a impressão de um filho da terra, que estava ausente havia vários anos: “*mostrou-se elle encantado, fazendo elogiosas referencias ás innumeras industrias, ao grande commercio, ás avultadas e lindas construcções, ao elegante jardim da praça fronteira á estação, mas quando deu com os olhos na estação ferroviária, um sorriso de ironia bem disse sua impressão*”.⁵⁹²

Passavam-se os anos e a cidade não se acostumava com a idéia de ter na área central tamanha afronta. O apodrecido casebre, que fora trazido pedaço por pedaço da

⁵⁸⁹ JO5 de 6 de Julho de 1934. Ver ainda JO5 de 20 de Janeiro de 1928, 25 de Outubro de 1929 e 9 de Janeiro de 1931.

⁵⁹⁰ Ver JO5 de 12 de Agosto de 1927.

⁵⁹¹ JO5 de 7 de Fevereiro de 1930.

Inglaterra na época do Segundo Império, tornava-se dia a dia uma preocupação geral. Faltava à estação até uma exigência nas zonas suburbanas – decentes instalações sanitárias: “*no pequeno local, ao qual, por escarno deu-se o nome de gabinete sanitário, a emancipação excrementária confunde-se com um horrível cheiro de amoníaco, só suportável com o uso de máscaras contra gazes*”.⁵⁹³ Ainda em 1874, quando os trilhos chegaram à região – “*afluiu gente de todos os lados para ver o trem andar sem burros para puxar, voltando impressionada com o que observou*”⁵⁹⁴ – ironizara-se que a estação jamais seria destruída pois isto ali algum dia haveria de ser um museu. Enquanto tal não acontecia, a cidade convivia com a decadência do local: “*basta assinalar que em dia de chuva somente com guarda-chuva aberto é possível nela permanecer... higiene ali é contrabando*”.⁵⁹⁵

A substituição do prédio em frangalhos por uma moderna construção ficava somente na promessa. De concreto mesmo eram as reformas esporádicas e superficiais. Mesmo elas, que não passavam de remendos e pinturas nas paredes ou concerto no piso da plataforma de embarque, não eram vistas com bons olhos, pois uma vez atacadas sabia-se que a substituição do antigo prédio por um novo distanciava-se cada vez mais: “*o velho barracão, pior que uma velha atafona de um collono pobre, continuará per omnia secula, seculorum... hay que tener paciencia*”.⁵⁹⁶ A par das reformas, a Viação Férrea havia colocado, na década de 40, cerca de arame farpado ao longo de alguns trechos. Na área central ela se estilhaçara, acabando “*com pontas viradas para todos os lados, estado que já deve ter inutilizado muitos trajes dos passeantes do jardim*”.⁵⁹⁷

Se a situação era difícil para os casais românticos, aos jovens e às moças endomingadas que passeavam na praça, para o trânsito os trilhos da Viação Férrea eram motivo de perigo constante, tamanho o risco de acidentes: “*todos conhecem a freqüência com que se repetem os acidentes provocados nos numerosos cruzamentos de ruas com os trilhos*”.⁵⁹⁸ Novo Hamburgo desenvolvera-se nos anos 40 e 50, a tal ponto

⁵⁹² JO5 de 20 de Janeiro de 1928.

⁵⁹³ JO5 de 10 de Maio de 1940.

⁵⁹⁴ JO5 de 6 de Junho de 1947.

⁵⁹⁵ JO5 de 29 de Novembro de 1940.

⁵⁹⁶ JO5 de 23 de Agosto de 1940. Ver ainda JO5 de 16 de julho e 8 de Setembro de 1943.

⁵⁹⁷ JO5 de 6 de Junho de 1947.

⁵⁹⁸ JO5 de 15 de Fevereiro de 1952.

que a estrada de ferro cindira-a ao meio. De uma vista aérea distinguir-se-ia as duas partes distintas.⁵⁹⁹

Assim, se de um lado os acidentes envolvendo trem e veículos particulares tornavam-se frequentes, por outro a estação continuava a afrontar a estética local. Ela fazia pasmar os visitantes pois contrastava com a evolução do restante da urbe. A cidade, cuja predestinação era a marcha célere ao progresso, defrontava-se com uma estação do *arco da velha*. Alguns cidadãos faziam questão de levar ao local as visitas, para que vissem com os próprios olhos o prédio “*com telhados apodrecidos, pedaços de construção caindo, vidros quebrados e paredes cheias de buraco num atestado doloroso de decadência*”⁶⁰⁰, isto tudo bem no centro da cidade.

A década de 60 foi marcada pela intensificação do discurso contra a estação e os trilhos do trem. Acreditava-se que a ferrovia havia perdido sua razão de ser, fora superada pelo transporte automotor que, mesmo sendo mais caro, tornava-se preferido diante de sua rapidez, segurança e eficiência. Os trens, ainda puxados por *Maria Fumaças*, e com escassos horários, trafegavam cada vez mais vazios. Como agravante, atrapalhavam o tráfego urbano e a própria expansão da cidade. A imagem da velha estação incrustada em plena área central contrastava com uma Novo Hamburgo metamorfoseada em pseudo-metrópole. O galpão representava a feiúra no cartão de visitas. Era o contraste citadino. A velha edificação convivía com modernas edificações.⁶⁰¹

Finalmente, em 10 de março de 1966, 90 anos após ser erguida, a estação foi demolida e o tráfego de trens desativado...⁶⁰²

Ironicamente, o discurso por sua eliminação visto desde a emancipação, desapareceria de súbito. Em seu lugar viria a nostalgia, como se a estação tivesse um dia representado algo de importante para a comuna. Esquecia-se da luta contra sua afronta estética e consubstanciava-se sua heroicidade...

“Há pouco ainda se lembrava da velha estação ferroviária que durante anos esteve fazendo parte do cenário do centro da cidade. A história dos trens que passavam diariamente pela cidade, trouxe muito desenvolvimento a esta região. Porém, com a evolução e o progresso,

⁵⁹⁹ Ver JO5 de 27 de Novembro de 1959.

⁶⁰⁰ JNH de 28 de Fevereiro de 1964. Ver ainda JO5 de 10 de Setembro de 1954.

⁶⁰¹ Ver JNH de 16 de Outubro de 1964 e 13 de Agosto de 1965.

⁶⁰² Ver JNH de 11 de Março de 1966.

o trabalho despendido por aqueles pioneiros, que enfrentaram os maiores contratemplos para que os comboios transportando passageiros ou mercadorias pudessem levar sua parcela de colaboração para a região do Vale dos Sinos foi esquecido, e as máquinas tomaram conta do velho cenário, transformando-o paulatinamente nesta que hoje é indicada como uma das praças mais modernas do interior.”⁶⁰³

A idéia de tempos passados melhores do que os atuais passaria a permear o imaginário coletivo. Na época da estação – diria o engraxate – a freguesia era farta: “os passageiros desciam do trem e me procuravam para limpar o pó da viagem”.⁶⁰⁴ O discurso saudosista, que só procurava lembra daquilo que parecia bom e esquecia-se das dificuldades e dos problemas da época, apareceria.

Entretanto, em 1981, com a pretensa vinda do *Trensurb* até a área central da cidade, desenterrou-se a problemática dos trens divisando a urbe. Mesmo com uma estação moderna, com grandes plataformas de embarque, lancherias e bares, mictórios decentes, etc., a cidade refutaria a vinda do trem até o centro. Quem sabe não agüentaria passar por outras tantas décadas tentando se livrar de um estação que tornar-se-ia, ela também, decadente no futuro...⁶⁰⁵

Dois outros prédios foram responsáveis pelo ambiente nada harmônico na área central: o Abrigo Municipal, conhecido como *Pombal*, que serviu inicialmente de rodoviária, e as *Bancas*, construídas como parada aos coletivos urbanos.

Quando erguido, em meados de 1940, o Abrigo municipal trouxe uma nova face à área central. Suas linhas modernas contrastaram com o aspecto lúgubre da estação do trem que lhe fazia frente. Era a batalha travada no campo arquitetônico e estético entre rodoviário *versus* ferroviário. Quando da construção, sua base triangular fora considerada um corpo arquitetônico original e que impressionava. Apesar disto, ele não era muito próprio ao que se propunha. Do segundo andar, os faxineiros muitas vezes alijavam o lixo e a água suja na calçada, atingindo quem ali passasse ou quem estivesse na área de embarque. Aliado ao crescimento urbano e conseqüente aumento do tráfego automotor nos anos 50, o *Pombal* deixou de ser ponto de ônibus intermunicipal. Instalaram-se ali um bar e posteriormente o centro de abastecimento alimentício – órgão que deu origem ao supermercado *Samas* – criado pela prefeitura. Havia a necessidade

⁶⁰³ JNH de 27 de Dezembro de 1968. (Administração presta contas ao Povo)

⁶⁰⁴ JNH de 31 de Maio de 1974.

⁶⁰⁵ Ver 7 de Janeiro de 1981.

de um mercado no centro, mas ninguém queria mais que ele funcionasse num velho e anti-estético casarão que, junto com o prédio da estação, destoavam o ambiente.⁶⁰⁶

Em 1960, a Câmara autorizou a demolição do *Pombal* e das *Bancas*.⁶⁰⁷ Correuse a área central atrás de opiniões, as quais foram as mais diversas...

“Considerando o problema do ponto de vista urbanístico e prático, acho que deve ser demolido. Este prédio já cumpriu com as suas finalidades estando agora o progresso de nossa cidade a exigir sua demolição... A idéia de demolição somente poderá ser posta em prática quando estiver determinado o que ocupará aquele local após a extinção daquele próprio municipal... Entende que deva ser demolido desde que seja substituído por algo que justifique a sua demolição...”⁶⁰⁸

Apesar de autorizada, a prefeitura levou cerca de dez anos para iniciar a demolição. Uma vez decidido, o ato tornou-se uma solenidade, com direito à foto do prefeito impunhando a perfuradora, na primeira página. Em três dias o prédio veio a baixo: “*para os mais velhos, não será fácil esquecer aquele ponto de reunião de muito tempo dos bares e cafés ali instalados... para os novos, fica somente a expressão que mais uma velha construção caiu, para dar lugar a outras mais modernas e requintadas*”.⁶⁰⁹ A cidade estava diante do progresso crescente e o Abrigo Municipal emperrava-o: “*o velho Pombal caiu derrubado para colocar Novo Hamburgo em dia com o futuro*”.⁶¹⁰

O prédio seguinte a ser demolido seria o das *Bancas*.⁶¹¹ Mas ele safara-se por conta do fim de mandato do *artiste démolisseur*. Permaneceria como símbolo de um passado a ser esquecido...

9.3. A Praça como espaço de sociabilidade...

“Visitante estranho. o mais estranho freguez, que até agora lá tem aparecido, foi um enorme ouriço-cacheiro, que, attrahido, não sei por que encanto, na noite de domingo ultimo, quis, bancar o cidadão hamburguez. Foi-se, porem, mal succedido, pois o guarda do jardim, vendo-o correr, sem cerimonia, por cima dos canteiros, o que é rigorosamente prohibido, apicou-lhe logo um correctivo, do qual não se levantou mais.”⁶¹²

⁶⁰⁶ Ver JO5 de 30 de Janeiro de 1948, 9 de Maio de 1951 e 4 de Dezembro de 1959.

⁶⁰⁷ JNH de 13 de Agosto de 1960.

⁶⁰⁸ JNH de 20 de Agosto de 1960, depoimentos diversos.

⁶⁰⁹ JNH de 21 de Julho de 1971.

⁶¹⁰ JNH de 8 de Setembro de 1971.

⁶¹¹ Ver JNH de 15 de Outubro de 1971. Ver mais sobre as Bancas no capítulo seguinte: “*A avenida Pedro Adams Filho...*”. A expressão *artiste démolisseur* (artista demolidor) é do Barão de Haussman, que transformou Paris no século XIX. Ver BENJAMIN, *Paris, capital do século XIX*, p.41

⁶¹² JO5 de 2 de Dezembro de 1927.

Nos idos de 1927, o intento da edilidade era fazer da praça um local símbolo da cidade em transformação. Uma vez emancipada, a vila queria tornar-se um ambiente civilizado e, para tanto, grande parte dos esforços foram concentrados ali. Até então, o aspecto da *14 de Julho* desagradava a todos. Dir-se-ia décadas mais tarde: “*quem conheceu os poteiros e paisagens que havia na frente da viação férrea, conheceu também os perigosos sumidouros, onde hoje se engalana a nossa vistosa praça 14 de julho*”.⁶¹³ Com a tão esperada independência, Novo Hamburgo precisava de um local onde os sonhos da coletividade tornassem-se reais.

Afora a contenção destes anseios gerais, o âmago da metamorfose do local estava na esfera política. A praça *14 de Julho* era o espaço certo para comícios, campanhas, passeatas, manifestações e quaisquer outros atos cívicos, uma vez que os meios de comunicação ainda engatinhavam. A praça tornar-se-ia, assim, um espaço da sociabilidade local, mas, por isso mesmo, a “*arte de governar bem o povo*” andaria ao seu lado, com toda sua carga ideológica.

À época da inauguração lançou-se uma convocação: “*o intendente convida a todas as senhoras que se interessam pela praça a uma reunião... o plano de se confiar o cuidado do nosso jardim publico às senhoras da nossa elite, as quaes, com seu fino gosto, mais do que qualquer outra pessoa, estão em condições de dotar-o dos atractivos que o tornarão sempre mais caro aos nossos conterrâneos*”.⁶¹⁴ A praça dita do povo seria ornamentada pela elite local e aos colonos, que tanto a cidade queria esquecer, fora excluído tal direito e restrita inclusive suas andanças pelo local: “*estando já bastante adeantados os trabalhos de ajardinamento deste logradouro publico, avisa-se aos proprietários de cavallares e vaccuns, que, para evitar estragos nas novas plantações, deverão ter cuidado em não soltarem na rua esses animaes*”.⁶¹⁵ Não seriam mais admitidas situações como estas: “*Terneira detida... encontra-se recolhida ao patio do quartel uma terneira de pello branco e preto, a qual vagava na via publica*”⁶¹⁶, ou como a do ouriço-cacheiro que “*atrahido não sei porque encanto quis bancar o cidadão hamburguez...*” e recebeu um corretivo do guarda do jardim.⁶¹⁷ A estética deveria imperar, pois somente nela alcançar-se-ia a dita civilização. O desejo era de

⁶¹³ JO5 de 4 de Setembro de 1959.

⁶¹⁴ JO5 de 30 de Setembro de 1927.

⁶¹⁵ JO5 de 5 de Agosto de 1927.

⁶¹⁶ JO5 de 6 de Maio de 1931

sempre se ter agradáveis impressões, tais como esta: “*apesar de se terem aglomerado, mais de três mil pessoas nos arredores da praça 14 de julho, não houve nem uma única tentativa de damnificar as arvoresinhas recém plantadas... isto mostra o alto grão de educação do nosso povo e o interesse e desvelo em zelar as propriedades publicas confiadas ao seu cuidado*”.⁶¹⁸

Com cada vez mais passantes, a praça tornava-se espaço de sociabilidade. Visitantes tinham no local uma parada obrigatória. Diante de tanta beleza às vezes não se continham: “*pede-nos o guarda desse nosso aprazível logradouro que chamemos a atenção de alguns visitantes que as flores nas praças publicas são bens da colectividade, não sendo por isso, permitido aos particulares, apanhal-as*”.⁶¹⁹ Os amantes da cultura das flores encontravam ali o local perfeito para dedicarem-se “*ao seu sport predilecto*”.⁶²⁰ As senhoras esqueciam suas bolsas e os senhores suas chaves, mas tais objetos quase sempre estavam à disposição na redação do jornal. Quem quisesse sorvetes, sanduíches e bebidas geladas encontraria. Quem quisesse cuidar da própria estética também: “*petit-salon... comunico á minha distincta freuguezia que acabo de instalar um bem montado salõ de barbearia.... mantenho sempre bom sortimento de perfumaria, nacionaes e estrangeiras... atende-se a chamado em domicilio*.”⁶²¹ Os cordões carnavalescos dali partiam para *assaltar* as residências. Um dirigível sobre a vila era motivo de grande aglomeração na praça: “*divisava-se a longo o gigantesco ‘pássaro prateado’, prorrompendo a multidão em grande manifestação de entusiasmo*”.⁶²² Já outros pássaros, como os pombos-correios soltos ali, juntavam um público menor⁶²³. Como nem tudo eram flores, havia a estação da Viação Férrea para afrontar a estética local e como agravante os maquinistas tinham como procedimento abusivo apitar o silvo da locomotiva no horário noturno.⁶²⁴

Como palco político, a praça abrigaria alguns festejos importantes ao longo dos anos 30: comício cívico pró-candidatura Getúlio Vargas-João Pessoa a convite da

⁶¹⁷ JO5 de 2 de Dezembro de 1927.

⁶¹⁸ JO5 de 30 de Setembro de 1927.

⁶¹⁹ JO5 de 7 de Setembro de 1928. Ver ainda JO5 de 7 de Outubro de 1927 e 17 de Março de 1933.

⁶²⁰ JO5 de 16 de Março de 1928.

⁶²¹ JO5 de 12 de Outubro de 1928. Ver ainda JO5 de 18 de Novembro de 1932 e 3 de Março de 1933.

⁶²² JO5 de 6 de Julho de 1934. Ver ainda JO5 de 24 de Fevereiro de 1933.

⁶²³ Ver JO5 de 16 e 23 de Agosto de 1935.

⁶²⁴ Ver JO5 de 31 de Janeiro de 1930.

intendência⁶²⁵; visita do próprio candidato com a “*mocidade escolar empunhando minúsculos pavilhões nacionais*” e com direito a “*três philarmonicas que enchiam o ar de sons vibrantes, pontilhados, de quando em quando, pelo fragor dos foguetes que deixavam após si pequenos flocos de fumo alvacentos, enfeitando a lâmina azulea do firmamento radioso e esplendido*”⁶²⁶; dali sairia a carreata – “*pede-se aos moradores por onde passar o préstimo a fineza de enfeitarem as casas*”⁶²⁷; as festas da vitória da Revolução de 30, desencadeada tão logo captara-se a notícia do levante das guarnições federais no Rio de Janeiro – “*incalculável multidão reuniu-se á praça 14 de Junho, tendo então, se realizado um grande comício... terminando o discurso do Major Petry, o povo, não contendo o seu entusiasmo, invadiu o edifício da Intendência, e sahiu, dando uma volta á praça 14 de Julho, com o intendente carregado sobre os ombros*”.⁶²⁸

Nas décadas de 40 e 50 a praça era do cronista Ercílio Rosa. Sua visão apurada enxergaria tudo enquanto sua pena sagaz descreveria a sociabilidade do local. Como *válvula de escape* das atribuições cotidianas, a praça *14 de Julho* tornara-se espaço para a prática do *footing*. Nesta hora – diria ele – “*sentimos uma aragem cheirosa deixada pela jovens que perambulam pela avenida*”⁶²⁹ como testemunha ocular dos inícios e términos de romances, o *centro sentimental da cidade* abrigaria de tudo: sonhos de grandezas espetados nas curvas de seus canteiros debruados de verde, simbolizando a esperança esperada; abraços e carícias dos namorados, refletindo nas imaginações humanas os desejos objetivos encravados nos sonhos platônicos dos que passam; sonhos que não se realizavam; ânsias de amor correspondido; ilusões desfeitas; esperas impacientes; sorrisos amargos; desejos de libertação; fuga dos desenganos; e outros mais...⁶³⁰ Mas enquanto *as mocinhas endomingadas provocam sonhos duvidosos e escassos rapazes falam de namoradas*, no fundo da praça *certos namorados agem*.⁶³¹

Depois da hora do *footing*, na calada da noite, mãos ladras arrancavam mudas de flores, deixando-a desprovida de seu belo aspecto...⁶³²

⁶²⁵ Ver JO5 de 20 de Setembro de 1929.

⁶²⁶ JO5 de 11 de Outubro de 1929.

⁶²⁷ JO5 de 4 de Outubro de 1929.

⁶²⁸ JO5 de 31 de Outubro de 1930.

⁶²⁹ JO5 de 12 de Setembro de 1947.

⁶³⁰ Ver JO5 de 27 de Fevereiro de 1948, 15 de Julho de 1949 e 16 de Junho de 1950.

⁶³¹ Ver JO5 de 24 de Novembro de 1950 e 20 de Julho de 1951.

⁶³² Ver JO5 de 13 de Novembro de 1953.

A par de ser espaço social, e mesmo com a crescente introdução de aparelhos radiofônicos, a praça crescia como palco para as manifestações políticas-patrióticas-nacionalistas. Nos anos da 2^a guerra, na qual a vila alemã teve de mostrar-se mais brasileira do que nunca, as comemorações da Semana da Pátria eram algo espetacular. Um atleta conduzia o fogo simbólico até o Altar da Pátria (a pira ardia durante toda semana). A multidão, postada ao longo da avenida principal e na própria praça, aguardava ansiosa para dar seu tributo frenético e entusiasta, com aplausos quando da passagem do corredor.⁶³³ Quando Berlim caiu foi feito um comício com vários oradores e um desfile dos manifestantes pelas principais ruas: “*a cidade permaneceu festivamente embandeirada... a indústria cessou suas atividades, mantendo-se o povo nas ruas nas mais delirantes manifestações de alegria... o jubilo da população é incontido*”.⁶³⁴ Na Semana da Pátria daquele ano, o fogo simbólico partiu do Monte Castelo, na Itália, “*onde os heróicos soldados da FEB escreveram épicas páginas de bravura*”, e atravessou todo o país, “*inflamando os corações dos brasileiros de são patriotismo, unindo-os em torno dos mesmos ideais, concitando-os à luta pela grandeza da nossa terra*”. Na praça, onde encontrava-se o altar, foram apagadas as luzes, restando somente o clarão do fogo simbólico.⁶³⁵

Outros acontecimentos políticos se desenrolavam na *14 de Julho*, tais como inauguração de bustos; festa do município com desfile das escolas e sociedade, banda de música e multidão nas ruas; panfletagem e discursos inflamados na época de eleições – “*para intendente municipal antes um negro de beijo rachado do que um filho de Novo Hamburgo*”; natal da criança pobre, onde várias eram “*agraciadas cada uma com seu presentinho*”; etc.⁶³⁶

Com o fim dos anos em que se praticava o *footing*, a praça tornar-se-ia espaço de todos a partir de 60, inclusive dos deserdados da ordem. Por eles, ela passaria à ser considerada decadente e maldita...

Bruxel, um dos personagens que passariam à freqüentar o local entre os anos 60 e 70, era o verdadeiro estereótipo do vagabundo: levava uma vida errante, vagueando por todos os lados, tal um nômade sem tempo nem existência, perambulando pelas

⁶³³ Ver JO5 de 4 de Setembro de 1942.

⁶³⁴ Ver JO5 de 4 de Maio de 1945.

⁶³⁵ Ver JO5 de 7 de Setembro de 1945.

⁶³⁶ Ver JO5 de 6 de Janeiro e 10 de Novembro de 1950, 11 de Abril e 30 de Maio de 1952 e 24 de Dezembro de 1953.

estradas sempre de posse de seu saco vazio. Se de dia sentava num dos bancos da *14 de Julho*, à noite dormia nas soleiras da estação do trem: “*eles (o resto da humanidade) pensam que eu sinto frio... dormi a noite inteira, e quentinho.... embrulhei-me nesta matéria plástica e me esquentei com o calor*”. Ele era uma espécie de vagabundo-poeta-filósofo-errante. Lia seu jornal com compenetração filosófica, raramente sorria e seus pensamentos vagavam. Feliz na solidão, sem atração pelas coisas materiais, esperava o momento derradeiro, onde seria enterrado como indigente, sem acompanhamento nem flores... a vida já lhe tinha esvaído-se.⁶³⁷

Medonho foi outro personagem que passou à fazer parte da fisionomia urbana nos anos 70 e 80. À princípio não incomodava ninguém, mas era incomodado por alguns. Sua fúria ficava por conta daqueles que tentavam tocar no *saquinho de matéria plástica* que carregava consigo e onde guardava toda sua fortuna. Encostar em seu tesouro significava atingi-lo profundamente. Daí advinha-lhe uma violenta crise. Tal fato passou a fazer parte de divertimento geral. Sua aparência era esdrúxula: altura não maior a 1,50 metro; idade indefinida (podia ter tanto 16 como 25); magro e de membros pequenos com extremidades de tamanho aquém do proporcional; olhos tristes como a luz mortiça de duas velas; crânio infantil com rosto encavado; tez amarelada pela palidez; barba rala; chapéu grande e desabado; roupas sujas e surradas, largas e folgadas, revelando que o antigo proprietário era maior; sapatos (quando não descalço) de igual forma. Com o passar dos anos, sua condição mental agravou-se: apedrejava vidraças ou os próprios passantes; atirava-se debaixo dos automóveis em pleno movimento; fazia *strep-tease* no Café Avenida; deitava-se no corredor dos edifícios; botava fogo nas portas das residências cujo proprietários negavam-lhe papel velho; tornando-se assim, um caso de polícia ou de saúde pública. Um dia até foi útil: distribuía convites de enterro.⁶³⁸

Uma terceira figura bastante conhecida de todos, nos anos 90, foi o *Macuco*. Este era querido pela população em geral. Um dia sumiu e todos ficaram preocupados. Reapareceu nas Bancas para o seu costumeiro pão com schimier e nata e café preto, “*cheio de causos e recebendo muitos abraços pela sua aparição*”. Um conhecido

⁶³⁷ Bruxel foi um homem que contraiu sífilis quando jovem e teve atrofia testicular. Não se considerava alienado, somente evitava o contato com outras pessoas pois sabia do risco de contaminação que carregava consigo. Sem perspectiva nenhuma, esperava pacientemente o desenlace. Ver JNH de 20 de Julho de 1962, 16 de Julho de 1965 e 13 de Outubro de 1972.

hamburguês, resgatado que fora pelos salva-vidas, recebeu a sugestão de adotar alguém como compensação pela graça recebida. Pensaram no *Macuco*.⁶³⁹

Outros tantos vagabundos típicos dos grandes centros passariam à freqüentar a praça. As fisionomias não diferiam muito. Alguns traços eram bastantes comuns: olhos esbugalhados, rodeados de olheiras profundas; barba e bigode; charutos ou cigarros de palha no canto da boca; chinelo num pé e no outro sapato sem sola; roupas sujas, rasgadas e multicolores devido aos remendos; *pinga* numa das mãos e chapéu para esmola na outra... Quando doentes, eram tratados com indiferença: “*Oito e meia da manhã e o cara estendido em plena praça dos Imigrantes, botando sangue pela boca... na calçada um monte de gente passando*”.⁶⁴⁰

Também os menores abandonados e delinqüentes tomariam conta da praça à partir de 60. Em bandos, onde cada um era mais ou menos sujo do que o outro, andavam descalços fazendo pirraças. Como afazer principal e fonte de renda, tinham a caixa de engraxate. Esta nada mais tinha do que algumas poucas latinhas de graxa, o pano e um vidro para água. Por pouca coisa se engalfinhavam, brigavam e rasgavam-se em pleno passeio público: “*destratam-se interrompendo a passagem dos transeuntes e fazem chegar aos ouvidos destes palavras que nem sempre são encontradas em dicionários*”. Como fuga tinham o saco de cola, o qual cheiravam em plena luz do dia, impressionando a todos...⁶⁴¹

Ao lado dos vadios, indigentes e menores abandonados, estavam os travestis e as prostitutas. Na década de 80, tendo como ponto a praça, os travestis começaram a gerar polêmica e receber os maus tratos. Chegaram a reivindicar uma rua específica para seu livre trânsito, longe das batidas da violenta polícia local. Houve quem denominasse a pretensa rua de *veadódromo*. Na prostituição, cada vez mais haviam menores de idade. Com desavenças em casa e a rua como única saída, meninas recém-mulheres passariam à disputar palmo a palmo as calçadas da praça com as mulheres da noite e os homossexuais.⁶⁴²

⁶³⁸ Ver JNH de 17 de Abril e 4 de Dezembro de 1964, 26 de Janeiro de 1972 e 26 de Novembro de 1993.

⁶³⁹ Ver JNH de 7 de Setembro de 1989 e 16 de Fevereiro de 1991.

⁶⁴⁰ JNH de 23 de Janeiro de 1993. Ver ainda JNH de 10 de Janeiro de 1969.

⁶⁴¹ Ver JNH de 22 de Janeiro de 1965 e 11 de Setembro de 1987.

⁶⁴² Ver JNH de 7 de Julho de 1989 e 30 de Outubro de 1991.

A praça também tornava-se lugar das recordações. Com a correria urbana inerente ao próprio desenvolvimento, somente aqueles que já haviam dado “*seu quinhão em prol do engrandecimento de Novo Hamburgo*” podiam se reunir nos bancos do logradouro central para relembrem com saudades tudo que haviam vivido, feito e passado: “*seus olhos cansados mal divisam o outro lado da rua, mas seus corações sentem a vibração, os ruídos e a agitação da cidade que cresceu*”.⁶⁴³

Obviamente, ao longo dos tempos, houve inúmeras tentativas para reabilitar a praça nos moldes desejáveis e ditos decentes. Já com novo aspecto, na década de 70, promoveu-se um desfile de moda junto à fonte de águas dançantes (a apresentação foi interrompida na metade devido à forte chuva). Na esteira da remodelação. A garotada ganhou um *play-ground* aerodinâmico que lembrava a conquista espacial. Se antes as crianças sonhavam que a praça era um campo de batalha, onde o coreto era o castelo, as árvores eram o exército inimigo e os pássaros o auxílio vindo de Deus, na nova praça as novas crianças sonhariam com espaçonaves e viagens interplanetárias. Os adultos ganharam uma concha acústica sobre a casa de máquinas do chafariz. Sua inauguração contou com a apresentação de um coral: “*o espetáculo, apesar do barulho dos veículos, foi impressionante... em primeiro plano, a fonte de águas dançantes fazia evoluções ao ritmo das músicas apresentadas pelo coral*”.⁶⁴⁴

Na época natalina a praça ganhava um colorido especial. Sua ornamentação era completa: pinheiro iluminado por potentes refletores; árvores com bolinhas coloridas, estrelas e velinhas acesas; presépios representando a história do nascimento do Cristo; etc. Também as luzes e outros tipos de arranjos em casas e lojas comerciais eram vistas ou papais-noéis recolhendo lista de presentes.⁶⁴⁵

Apesar das tentativas de tornar o local “agradável” (ou restrito somente aos cidadãos desejados), a praça *14 de Julho* transformava-se em praça dos Imigrantes. Não só a mudança de nome seria sentida. Sentir-se-ia saudades dos tempos passados...

“Onde está a praça que estava ali? Não sei... Sumiu; arrancaram tudo, demoliram o Coreto, não tem mais flores, não tem mais jardim. Que saudades eu sinto, do Coreto nos dias de festa; muita gente assistindo, vibrando, aplaudindo a retreta. Era a praça “Quatorze”, coração da cidade, reunindo para a festividade. E nos carnavais! Vinham os blocos, o povo aplaudia; aglomeração, discussão, opiniões diferentes. O povo subia nos bancos, gritava,

⁶⁴³ Ver JNH de 15 de Abril de 1961.

⁶⁴⁴ JNH de 26 de Dezembro de 1973. Ver ainda JNH de 30 de Outubro de 1970 e 3 de Fevereiro de 1971.

⁶⁴⁵ Ver JNH de 6 de Dezembro de 1963.

vibrava, ria a valer. Era o máximo; a grande festa; o encontro de todos, ali na praça. Depois vinha a Bandinha, sempre aos sábados dar espetáculo. A praça cheia; crianças, homens, mulheres, velhos, moços, enfim... todos na praça a ouvir os acordes e esquecer a tristeza. Hoje não mais praça; mas algo surge no local, acompanhando a evolução. Tudo cresce; é o progresso. E Novo Hamburgo cresce junto, é destaque no Brasil, e nos dá satisfação. Não temos mais a Bandinha, o que nos resta é a saudade, dos momentos alegres, felizes, que ali vivemos. Ma eis que surge a beleza. No mesmo local da praça; uma obra-prima encantadora; bela como a natureza. Um presente ao hamburguês, uma idéia muito feliz. Onde ontem tinha a praça, hoje tem o chafariz.”⁶⁴⁶

O discurso saudosista aparecia com força à partir de 60. Tornava-se intensa a saudade da outrora praça arborizada, limpa, florida, “*onde os passarinhos completavam o esplendor da natureza ali presente*” onde haviam bancos à sombra das árvores centenárias, bandinhas no coreto, crianças correndo por sobre passeios de pedrinhas brancas, luz incandescente, adultos com seus encontros e desencontros. As linhas arquitetônicas modernas trouxeram o concreto, o lago artificial, a ausência de árvores e o som estereofônico (para martírio dos moradores e lojistas da vizinhança).⁶⁴⁷

“Por que as mocinhas de hoje não podem passear na praça? Mesmo com seus pais e namorados o risco é o mesmo: assaltos, tiros, esfaqueamentos, estupros.”⁶⁴⁸

Nos anos 80 e 90, as moças endomingadas não mais passeariam na praça. Primeiro porque poucas ainda freqüentavam a missa. Os namoros de outrora, com mãos dadas significando casamento, haviam sido enterrados. Os jovens casais agora passeariam entre os artesãos ali instalados: “*a jovem foi direta aos brincos... escolheu, olhou, perguntou preços e até decidiu... só que o brinco que ela escolheu era para o seu namorado*”.⁶⁴⁹ Em segundo lugar porque os ditos maus elementos imperavam no local. À noite, a situação se agravaria. Com a falta de iluminação feérica dos tempos anteriores, a praça tornava-se espaço degradado de uma sociedade degradada. O local preferiu ter como usuários bêbados, mendigos, *pungüistas*, prostitutas, travestis, etc., do que a presença de colonos “*sem-terra*”. Quando estes faziam sua caminhada pelas ruas centrais, a iluminação da praça foi desligada, somente retornando quando os indesejados tinham passado.⁶⁵⁰

A concha das grandes apresentações tornou-se espaço do novo espetáculo urbano: “*um velhinho e duas velhinhas tomavam chimarrão na concha acústica ereta*

⁶⁴⁶ Rogério Martins, JNH de 17 de Janeiro de 1969.

⁶⁴⁷ Ver JNH de 12 de Novembro de 1960, 17 de Setembro de 1969 e 19 de Janeiro de 1983.

⁶⁴⁸ JNH de 7 de Setembro de 1981.

⁶⁴⁹ JNH de 1º de Agosto de 1989.

⁶⁵⁰ Ver JNH de 19 de Junho de 1986 e 6 de Janeiro de 1993.

sobre fedorentos banheiros onde paga-se dois cruzeiros por mijada, vendo o passeio de tantos carros novos”.⁶⁵¹ Nem atos públicos eram mais realizados ali... Usava-se o *pódium* instalado de frente para a avenida, interrompendo assim o trânsito.⁶⁵²

Também os atos cívicos foram aos poucos sendo esquecidos. O fogo simbólico, que até meados dos anos 70 eram recebido com cortejo, banda de música e fogos de artifício, com bandeirinhas de todos os Estados da Federação e “*palavras de nossos eloqüentes patrícios*”, perdeu seu valor. A honra de ser escalado como guarda simbólico do local deixou de existir. Raros seriam aqueles estudantes que sequer permaneceriam junto à Pira da Pátria. Ao invés da posição de sentido, cadeiras para não cansar.⁶⁵³

A praça de outrora deixava sua aparência ingênua dos tempos da emancipação. O fluxo diário de pessoas, agora atraídas unicamente pelas atividades econômicas da área central, fariam da praça um local onde as raízes não se fixariam. Um ponto obrigatório em meio a cidade, porém um ponto de passagem.⁶⁵⁴ O cotidiano revelado não seria mais o do discurso oficial, que excluía os excluídos. Atuariam os atores anônimos, frente as elites e autoridade locais.⁶⁵⁵

⁶⁵¹ JNH de 28 de Abril de 1990.

⁶⁵² Ver JNH de 9 de Agosto de 1985.

⁶⁵³ Ver JNH de 26 de Agosto de 1966 e 9 de Setembro de 1982.

⁶⁵⁴ Ver FERRARA, *Leitura sem palavras*, p.42

⁶⁵⁵ Ver POSSAS, *Rastreado pistas – a observação nas praças da cidade*, p.239

10.

A avenida Pedro Adams Filho

“São apenas cem metros de asfalto, mas ladeando eles há de tudo, o que, certamente justifica o entusiasmo e o orgulho de seus moradores e da cidade, onde ela é, sem dúvida, a única rua realmente cosmopolita”.⁶⁵⁶

Petersburgo surgiu, dentre suas co-irmãs mundiais, como um modelo de modernização, mas num modernismo do subdesenvolvimento. Numa interpretação peculiar, Marshall Berman⁶⁵⁷ pensa nela, entre a década de 1820 e o período soviético, como um arquétipo do emergente terceiro mundo no século XX. Buscando a identidade da cidade russa através da literatura local, o pensador concentra parte de seus esforços na análise de “*O Projeto Nevski*” de Nicolai Gogol.

Nesta obra, estaria bem exposto o drama da modernidade russa mudando do *Neva*, onde ficavam as construções estatais, para a avenida Nevski. Esta era uma das três radiais que partiam da praça do Almirantado e que sob o reinado de Alexandre havia sido totalmente reconstruída. Em 1820 surgira como um forte contraste em relação às artérias rivais. Foi assim reconhecida como um ambiente urbano sem paralelos. Era a rua mais longa, mais larga, mais bem iluminada e pavimentada. Ela conduzia ao terminal do expresso Moscou-Petersburgo, símbolo da energia e mobilidade moderna. Sua paisagem oferecia uma bela perspectiva da fluente vida urbana. Construções esplêndidas margeavam-na. A torre, vista de todos os pontos da rua, proporcionava orientação visual e senso de direção. Por tudo isto, inflamava a imaginação e transformava o espaço urbano num mágico cenário de sonho. Tornava-se,

⁶⁵⁶ JNH de 15 de Novembro de 1968.

de muitas maneiras, um espaço caracteristicamente moderno. A retidão, a largura, o comprimento, a boa pavimentação, fariam dela o local ideal para a locomoção de pessoas e coisas, uma artéria perfeita para os modos emergentes do tráfego. Ela serviria também como ponto de convergência de forças humanas e materiais: macadame e asfalto, luz elétrica ou a gás, ferrovia, bonde elétrico, automóveis, cinemas e demonstrações de massa. Seria ainda a vitrina das maravilhas da nova economia de consumo que a moderna produção em massa tornava acessível, tudo agradavelmente exibido pelas lojas. Ao lado de mercadorias estrangeiras haveriam estilos e pessoas internacionais. A rua *Nevski* era singularmente cosmopolita e como tal, abrigaria todos, desde a nobreza com seus casarões e palácios até artesãos pobres, prostitutas, bêbados, boêmios, etc. Ela abriria no coração de um país subdesenvolvido, em pleno século XIX, uma vista de todas as promessas deslumbrantes do mundo moderno. A rua agiria como cenário para as fantasias coletivas, daquilo que as pessoas desejavam ser, e oferecia o conhecimento verdadeiro daquilo que as pessoas realmente eram. Como espaço para o ver e o ser visto, encerraria um paradoxo tipicamente moderno: ao mesmo tempo que colocava as pessoas face a face, as impelia de cruzarem-se rapidamente, tornando difícil de conhecer alguém de perto.

Como protótipo inconsciente das avenidas principais nas cidades periféricas do mundo inteiro, o embrião da *Nevski* estaria também na avenida Pedro Adams Filho, com suas obras soberbas, com seu tráfego intenso e como espaço da sociabilidade local, isto tudo em meio à uma sociedade atrasada e subdesenvolvida, onde o modernismo assumiria um caráter fantástico, uma vez que não adviria da realidade social, mas de fantasias, miragens e sonhos de uma tão desejada modernidade...

10.1. Um cenário dos sonhos...

Em meados dos anos 30, se disse que o trecho da avenida Pedro Adams Filho, entre as ruas Gomes Portinho e Lima e Silva (face leste da praça *14 de Julho*), eram os piores 100 metros entre Porto Alegre e São Paulo. Obviamente, tal assertiva não afirmou ser o local um abandono total; pelo contrário, mostrou a importância e a necessidade em mantê-lo decentemente cuidado, limpo, recapado, enfim, agradável à todos.

⁶⁵⁷ BERMAN, Tudo que é sólido desmancha no ar, p.186-190

A importância desta avenida, especificamente no trecho citado, vem de longa data, mais precisamente quando da chegada do trem, em 1876. Se a partir da estação construiu-se um novo centro urbano, a Pedro Adams Filho foi a artéria principal deste, uma vez que lhe fazia frente. Divisor entre os trilhos das Viação Férrea e a cidade que crescia no lado leste, ela tornou-se ponto obrigatório de passagem e, por isso mesmo, espaço estratégico para o vir-a-ser moderno.

Nela, convergiram grande parte das forças humanas e materiais da comunidade local ao longo de várias gerações: calçamento para o tráfego de automóveis, calçadas para os pedestres, belas construções, iluminação pública, som ambiente (a famosa *Voz do Poste*), ponto de partida do bonde, cinema moderno, vitrinas trazendo a moda de fora, etc.

Em flagrante contraste com outras ruas, a Pedro Adams Filho encerrou o ambiente urbano tão desejado e como mônada das artérias principais das grandes cidades, ela transformou-se num cenário mágico, que todos sonhavam ter.

Ao contrário de outras avenidas principais nos grandes centros, a largura da Pedro Adams Filho não era nada principesca. Em termos de tamanho, ela era acanhada. A *1º de Março*, que corria paralelo à ela, esbanjava.⁶⁵⁸ Na Pedro Adams Filho, a pista dupla com canteiro central só foi possível num trecho longe do centro. Com uma largura de 20 metros, nunca foi possível torná-la dupla tal como exigiam os padrões internacionais.⁶⁵⁹ A solução encontrada foi fazer dela uma rua de mão única no trecho central.⁶⁶⁰ Sendo uma rua estreita, concentrou-se ali a tão desejada modernização...

Como visto, o tráfego necessitou e exigiu recapamento decente: “*tenho a nítida impressão de que apesar de ser uma máquina inerte, meu carro geme como pessoa humana*”.⁶⁶¹ Numa charge aparece um casal com o carro atolado em meio à um temporal, bem na avenida Pedro Adams Filho. O rapaz tenta explicar que a culpa não é do carro e sim dos buracos ali existentes.⁶⁶² A limpeza também foi algo requerido: “*os*

⁶⁵⁸ A avenida 1º de Março foi projetada inicialmente com a “excepcional” largura de 16 metros; quando da retirada dos trilhos do trem da cidade, ela incorporou a área de tornou-se maior ainda. Ver JNH de 22 de Abril de 1961.

⁶⁵⁹ Mínimo de 26 metros, sendo 9 para cada pista, 2 para o canteiro central e 3 para cada passeio lateral. Ver JNH de 1º de Dezembro de 1967 e 27 de Novembro de 1970.

⁶⁶⁰ Ver JNH de 28 de Janeiro de 1961.

⁶⁶¹ JNH de 18 de Março de 1966.

⁶⁶² Charge no JNH de 7 de Agosto de 1970.

rapazes da limpeza, para evitar a sobrecarga no bonito e moderno caminhão coletor, estão deixando a metade do lixo nas calçadas”.⁶⁶³

Ainda como via de mão dupla até o início dos anos 60, a Pedro Adams Filho tinha postes de iluminação fixados num pequeno canteiro central. Neles, foram colocados *penduricalhos*, os alto-falantes que passaram a ser conhecidos como a “*voz do Poste*”. Os futuros locutores da Rádio Progresso encarregavam-se das notícias e da animação geral. Algumas vezes, tal serviço era considerado ensurdecedor para a vizinhança. Em nome do progresso, retiraram o canteiro central e os postes de iluminação. O som ambiente foi transferido para as árvores laterais, mas nunca tiveram a mesma importância: “*parece que adivinharam a morte imediata de tão significativo serviço*”.⁶⁶⁴ Com o sumiço da “*Voz do Poste*” e com a avenida transformada em mão única no trecho central, o barulho passou a ser o do intenso trânsito de veículos.⁶⁶⁵

Como espaço ímpar, a avenida foi a vitrina tão desejada das maravilhas da economia de consumo em massa, através das exposição de produtos nacionais e importados, dispostos nas diversas lojas ali instaladas...

“As vitrines são símbolos das oportunidades que o destino provoca nas ambições humanas; os que podem, desprezam as mostras como si elas fossem ofensas à sua superioridade, e os que não podem se contentam na sua contemplação, resignados à modesta felicidade de apenas cobiçar... Quem se encostar num canto qualquer de rua, poderá testemunhar as emoções várias dos vários transeuntes que se detêm diante das vitrines. Uns sonham com o que podem obter e sentem-se felizes; outros obtêm o que não sonham e sentem-se infelizes...”⁶⁶⁶

Como cenário da modernização, novas e bonitas fachadas ladearam a avenida. Já entre os anos 40 e 50, as antigas construções cederam lugar às imponentes edificações. Nas décadas de 60 e 70, no lugar de prédios históricos, ergueram-se arranha-céus. A fúria do progresso trouxe instabilidade à paisagem urbana: “*diariamente mais uma construção se inicia ao longo do trajeto, e mais um trajeto de iniciativa se concretiza na progressão dos dias*”.⁶⁶⁷ Em 80 e 90, o ambiente dos sonhos passou a ser de pedra, asfalto e anúncios comerciais. A vegetação tornou-se escassa no centro comercial: “*um*

⁶⁶³ JNH de 30 de Junho de 1967.

⁶⁶⁴ JNH de 13 de Maio de 1987.

⁶⁶⁵ Ver JNH de 8 de Novembro de 1963.

⁶⁶⁶ Ercílio Rosa, JO5 de 16 de Dezembro de 1949.

⁶⁶⁷ Ercílio Rosa, 6 de Março de 1953. Ver ainda JNH de 2 de Julho de 1990.

pouco de beleza natural não faria mal... o melhor cliente é o cliente feliz e relaxado... não grita nem neurotiza a balconista”.⁶⁶⁸

Em fins dos anos 70, visando a humanização da área, pensou-se num *calçadão* que compreenderia o trecho entre as ruas General Neto e Lima e Silva. De início, numa tentativa de acostumar a população com a idéia, ocupou-se três metros da avenida para instalação de bancos e floreiras. Pelo projeto inicial trocar-se-ia asfalto por piso de basalto, estes do canteiro até os prédios. No meio seriam colocados canteiros para flores e folhagens. Entre eles, seriam plantadas árvores crescidas e instalados telefones públicos. A primeira parte da obra seria até a rua David Canabarro (bem ao meio), para posteriormente seguir até a esquina do Café Avenida na General Neto.⁶⁶⁹

A construção do calçadão tornou-se assunto polêmico, principalmente nas rodas do Café Avenida. Dali sairia a opinião: “*calçadão é moda, como foi moda o chafariz das águas dançantes... todos prefetos querem fazer um fonte luminosa*”.⁶⁷⁰ Como esquina onde as coisas aconteciam e local para o ver e o ser visto, aqueles que apreciavam a exibição de carros novos perderiam seu prazer.⁶⁷¹ Diante da pressão geral, o projeto foi engavetado por um bom tempo, ressurgindo na década seguinte.

A nova proposta de construção inseriu-se não mais numa procura de humanizar o centro com áreas de lazer, como foi inicialmente. Ela surgiu como uma alternativa ao intenso tráfego. Com um calçadão já pronto desde 1984 na rua General Neto, a idéia foi fechar as ruas centrais ao trânsito de veículos através de várias obras parecidas. Visto por uns como a solução para os constantes engarrafamentos e como uma maneira de reverter uma situação caótica uma vez que a área estava tomada de edifícios, a maior resistência ficou por conta dos comerciantes locais que brigaram pela manutenção de estacionamentos e do próprio tráfego próximo as suas lojas. Realizada uma pesquisa com o apoio deles, colheu-se, obviamente, o resultado negativo. A alegação maior foi de que os lojistas da rua General Neto, transformada em calçadão Osvaldo Cruz, haviam perdido os consumidores classe A e B. Para agravar, na Pedro Adams Filho existia grande número de desocupados devido à praça dos *Imigrantes*. De resto, não haveria argumento diante de tal evidência: “*o hamburguense está acostumado a estacionar seu*

⁶⁶⁸ JNH de 2 de Abril de 1986.

⁶⁶⁹ Ver JNH de 14 de Setembro de 1977 e 23 de Maio e 11 de Julho de 1978.

⁶⁷⁰ JNH de 24 de Julho de 1978.

⁶⁷¹ Ver JNH de 4 de Agosto de 1978.

veículo em frente à loja que deseja entrar... o automóvel em Novo Hamburgo é fundamental". Na derradeira batalha progresso *versus* humanização, o vitorioso sempre era o mesmo...⁶⁷²

Diante disso, novamente o projeto teve como fim a gaveta do esquecimento. Com somente a infra-estrutura concluída, a realização ou não de um calçadão ali ficaria por conta de próximas administrações...⁶⁷³

10.2. A artéria da movimentação...

“Calçadas estreitas, gente que a passos largos se movimenta, gente que vive, que anda às pressas pelas ruas. Alegria de sorrisos, satisfação estampada no rosto e uma multidão que se comprime. É a rua principal e os automóveis, num desfile garboso, continuam seu trajeto, dando um toque de dinamismo à cidade que cresceu.”⁶⁷⁴

Na década de 30 a Pedro Adams Filho tinha mão dupla com canteiro central e iluminação. Os ônibus intermunicipais saíam do Café Avenida em seis horários: 6:20, 9:00, 11:00, 13:30, 16:00 e 18:15. Destes, apenas em quatro havia baldeação para Porto Alegre. Na década de 90 a avenida era de mão-única, haviam poucas árvores e instalaram um lombada eletrônica que fotografava a placa dos veículos em excesso de velocidade. Neste meio tempo, muita coisa ocorreu: a cidade cresceu, prédios foram erguidos, casarões coloniais vieram a baixo, ruas foram asfaltadas, calçadas foram construídas, ocorreu uma intensa fuga do campo que trouxe migrantes de toda parte e a multidão de veículos e pedestres tomou conta das ruas.⁶⁷⁵

Nos anos 40 e 50 o reflexo sutil das vitrinas dispostas na avenida já envolvia “*as sombras dos vultos que passam vibrando de ímpeto incoercíveis*”⁶⁷⁶ e a Pedro Adams Filho regurgitava de moças e moços, de crianças, senhores idosos e senhoras de todas as idades, fazendo do local uma nova “*Rua da Praia*”.⁶⁷⁷

O trânsito de veículos já surgiu como um problema a ser resolvido. A ordem precisava ser posta. As sinaleiras foram o primeiro indício da organização requerida. Nos principais cruzamentos da área central foram instalados semáforos automáticos. Quando não funcionavam, transformavam-se em perigo para aqueles que já haviam se

⁶⁷² Ver JNH de 10 de Dezembro de 1986, 29 de Setembro de 1987 e 3, 10 e 24 de Abril de 1988.

⁶⁷³ Ver JNH de 26 de Abril e 3 de Agosto de 1988.

⁶⁷⁴ JNH de 5 de Novembro de 1969.

⁶⁷⁵ Ver JO5 de 5 de Maio de 1933 e JNH de 13 de Abril de 1995.

⁶⁷⁶ Ercílio Rosa, 5 de Abril de 1945.

⁶⁷⁷ Ver JO5 de 20 de Janeiro de 1950.

acostumado com elas: “o condutor do veículos que com certa velocidade tenta atravessar o cruzamento, e não vendo nenhum sinal, fica duvidoso e se constitui num perigo para os transeuntes e para os demais veículos.”⁶⁷⁸ Uma vez postas, deveriam funcionar, pois “tanto motoristas como pedestres, já se acostumaram a se guiarem pela sinalização luminosa na orientação de sua movimentação... o não funcionamento poderá provocar, a qualquer instante, acidentes de grande mostra”.⁶⁷⁹ Também o estacionamento na avenida foi mudado. Ele passou a ser feito pelo lado leste e de forma perpendicular, o que gerou transtornos e controvérsias por parte dos motoristas que desejavam estacionar seus veículos ao longo da praça.⁶⁸⁰

Nas décadas de 30, 40 e 50, era comum ser fechado o trânsito na avenida, no trecho entre as ruas Lima e Silva e Davi Canabarro. Era o tempo de famílias inteiras acorrerem à Praça *14 de Julho* para o descanso domingueiro e à avenida para o *footing*. Tal o costume, que quando não a fechavam, ocasionava-se problemas aos pedestres mais distraídos: “a cada passo, o transeunte despreocupado era colhido por um automóvel ou jogado a distância por algum ônibus”.⁶⁸¹ A prática ressurgiu esporadicamente até os anos 90, desta vez estendida até a Gomes Portinho, principalmente nos sábados pela manhã, fazendo do espaço uma chamada “*rua do lazer*”. Dela adveio a idéia de fazer do espaço um calçadão nos anos 70, mas o intento nunca se concretizou.⁶⁸²

Entre 40 e 50, sob o olhar do cronista Ercílio Rosa, a Pedro Adams Filho abrigou um multidão heterogênea que “*comprime-se no vai-e-vem recreativo dos que sabem encher as horas vazias que separam as preocupações de cada um.*” A avenida, como princípio, meio e fim dos romances citadinos, tornou-se o pequeno mundo “*onde a gente gasta pedacinhos de vida, enquanto as horas folgadas do fim de domingo vão se alongando nas sensações místicas dos que se encontram ao longo de si mesmos.*”⁶⁸³ Ela abrigou ainda “*os transeuntes heterogêneos que passam despreocupados pisando em ladrilhos soltos.*”⁶⁸⁴ Era o tempo da “*Voz do Poste*” e das pessoas serem conhecidas...⁶⁸⁵

⁶⁷⁸ JNH de 28 de Outubro de 1961. Ver ainda JO5 de 27 de Fevereiro e 9 de Outubro de 1953.

⁶⁷⁹ JNH de 12 de Janeiro de 1963.

⁶⁸⁰ Ver JO5 de 16 de Outubro de 1953.

⁶⁸¹ JO5 de 14 de Abril de 1950.

⁶⁸² Ver JNH de 21 de Março e 13 de Abril de 1973 e 9 de Julho de 1990.

⁶⁸³ JO5 de 14 de Abril de 1950 (Ercílio Rosa).

⁶⁸⁴ JO5 de 20 de Julho de 1951.

⁶⁸⁵ Ver JNH de 11 de Setembro de 1962.

No início da década de 60, o trecho central da Pedro Adams Filho tornou-se de mão única. Além do desejo de desafogar o trânsito de veículos que aumentava dia-a-dia e conseqüentemente diminuir o número de acidentes, a adoção do sentido única veio paralelo à retirada do canteiro central. Como era muito estreita para um padrão internacional de avenidas, somente com uma largura maior acreditaram ser possível solucionar o trânsito e também comportar as paradas militares e cívicas. Para a população local, entretanto, tal modificação pareceu péssima: traria prejuízo ao comércio pois supunha-se que com um só sentido diminuiria o movimento geral em 50%; o forasteiro encontraria dificuldades em se locomover; haveria confusão devido às inúmeras contravenções que se verificariam, entre outras.⁶⁸⁶

O trânsito mudou, mas mesmo assim, transcorreu algum tempo até todos se acostumarem com a inovação: “*continuaram, porém, os veículos a trafegarem nos dois sentidos*”.⁶⁸⁷ O caos cresceu no perímetro central, em determinados momentos a balbúrdia chegou às raias da mais completa anarquia. O tráfego no centro fez da *Cidade Industrial* uma *Babilônia* moderna. Em horários de pico, a ausência de medidas disciplinares e de fiscalização decente deram a situação como insustentável. Imprudência e desleixo, tal a idéia que se formou entre todos...⁶⁸⁸

“O problema é o abuso das buzinas. É verdadeiramente impressionante a ensurdecadora sinfonia executada, principalmente pelos coletivos, pelas estridentes buzinas a vácuo e a ar em nossas ruas centrais, dando a impressão de as mesmas serem grandes auditórios de espetáculo de cunho rocambolesco e alucinante. Alucinante sim, não é absoluto exagero de terminologia, pois que duvidamos que alguém que permaneça cerca de uma hora na Avenida Pedro Adams Filho não seja vítima de, pelo menos 3 a 5 choques provocados pela clarina de uma buzina manipulada por alguém que não imagina o malefício do seu procedimento.”⁶⁸⁹

Novo Hamburgo chegava na década de 70 com uma movimentação de carros e pessoas digna de uma pequena metrópole. Para a cidade ex-colônia alemã, todo este trânsito impressionava. Com uma foto de primeira página perguntou-se: “*Novo Hamburgo ou São Paulo? A primeira vista pode parecer São Paulo ou qualquer outra cidade brasileira. Entretanto não é nada mais do que a nossa avenida Pedro Adams*

⁶⁸⁶ Ver JNH de 28 de Janeiro e 4 de Fevereiro de 1961.

⁶⁸⁷ JNH de 6 de Maio de 1961.

⁶⁸⁸ Ver JNH de 29 de Abril de 1961 e 30 de Outubro e 10 de Novembro de 1962.

⁶⁸⁹ JNH de 10 de Fevereiro de 1962.

Filho”.⁶⁹⁰ O número de veículos que trafegava no centro trouxe como consequência natural um trânsito cada vez mais difícil.⁶⁹¹

No final da década, a situação estava deveras complicada. Os industrialistas que tinham como costume mostrar suas últimas aquisições sobre quatro rodas na “*esquina maldita*” ou que se dirigiam ao Café Avenida para esquecerem-se dos problemas cotidianos com um bate-papo informal, começaram a ficar preocupados: “*andou mais de 15 minutos ao redor da quadra e não conseguiu um local vago*”.⁶⁹²

A adoção do estacionamento pago, em fins da década de 70, como desestímulo ao tráfego nas ruas centrais, foi uma medida natural. Obviamente, com esta atitude inédita, não faltaram caricaturas. Numa charge, um turista mal estaciona para pedir informações e a moça da cobrança pergunta sobre o tiquete no carro. A medida de regulamentação do trânsito foi paulatinamente sendo aceita. Se faltava vontade para dispensar alguns trocados para poder estacionar, sobrava estímulo tanto nas vagas que passavam a existir como na simpatia das próprias moças que controlavam o estacionamento. A princípio, suas vestimentas não atraíram muito a atenção; eram de cor marrom (saia, *blazer* e chapéu de coco). Posteriormente tornaram-nas mais parecidas com suas colegas francesas, as *pervenches* (*pervenche parce qu’elles si habillent en bleu comme la fleur*). Seu novo uniforme constituiu-se em blusa branca com gravata vermelha, calça e casaco azul-marinho.⁶⁹³

Em algumas ocasiões, o estacionamento pago foi suspenso, o que trouxe de volta a falta de vaga...

“Após muitas voltas para estacionar no centro, só encontrou vaga quase no bairro Guarani e dali foi a pé ao centro. Conseguir uma vaga no centro, sem Faixa Nobre, assemelha-se à ganhar na loteria.”⁶⁹⁴

Outras vezes as vagas ficavam por conta dos “*fiscais*” clandestinos; com estes não havia padrão de cobrança nem garantia de cuidado do carro...

“Estacionei meu carro e apareceu um guri pedindo dinheiro para cuidá-lo. Disse-lhe que na volta pagaria. Depois de cinco minutos voltei e dei-lhe umas moedas. Ele reclamou,

⁶⁹⁰ JNH de 14 de Abril de 1971.

⁶⁹¹ Ver JNH de 19 de Maio de 1971.

⁶⁹² JNH de 20 de Junho de 1969.

⁶⁹³ Ver JNH de 6 de Abril de 1979 (charge) e 11 de Junho de 1985.

⁶⁹⁴ JNH de 1º de Dezembro de 1981.

querendo um barão. Eu não concordei e ele jogou fora dizendo na minha frente: isto eu não quero.”⁶⁹⁵

Outras medidas para conter o tráfego na Pedro Adams Filho foram adotadas. Em 1977 foram instalados diversos em pontos obstáculos do tipo “*tartaruga*” e “*quebramolas*”. Surgiu até uma brincadeira, por parte dos engraxates. Cada vez que passava uma carro velho, eles atiravam uma mola de automóvel. Teve motorista parando para verificar se a peça tinha saído de seu veículo. Afora isto, instalaram em 1995, entre o calçadão e a Praça, uma lombada eletrônica que tirava fotografias de veículos caso houvessem ultrapassado a velocidade máxima. Numa charge apareceu um casal posando em cima do carro para ser fotografado pelo aparelho. O equipamento, apesar de moderno, surpreendeu por ser instalado num local onde o trânsito fluía relativamente bem.⁶⁹⁶

Na década de 80, o intenso movimento da avenida não se verificava somente na via de trânsito. Em suas calçadas o ir-e-vir de pessoas era intenso. Como passarela, desfilavam conhecidos e estranhos, moças bonitas e senhoras elegantes, industrialistas e operários, gente de toda laia e tipo. Surgiu até personagens novos, como um mendigo que se arrastava grotescamente pelos ladrilhos irregulares e por entre as pernas indiferentes dos passantes; posteriormente ele ganhou uma cadeira de rodas e passou a serpentear por entre os transeuntes “*com a mesma desenvoltura do jovem atleta sobre sua moto ou do cidadão com seu carro zero km.*”⁶⁹⁷

E com esta multidão de pessoas indo de um lado para o outro com a pressa costumeira, a indiferença campeou solto e quem sentiu isto mais intensamente foram os idosos: “*uma senhora havia desmaiado e ninguém parava... alguém correu e pediu socorro, mas todos estavam com pressa... o problema não era deles... tinham pressa... cada vez mais pressa.*”⁶⁹⁸

Com o intenso tráfego, atravessar a rua tornou-se uma aventura perigosa. Velhos tentariam sem êxito tal façanha. Disto surgiu até a piada...

⁶⁹⁵ JNH de 11 de Janeiro de 1984.

⁶⁹⁶ Ver JNH de 5 de Setembro de 1977 e 13 e 22 de Abril de 1995 (charge).

⁶⁹⁷ JNH de 1º de Maio de 1981.

⁶⁹⁸ JNH de 10 de Abril de 1988.

“Duas velhinhas conhecidas se encontram numa movimentada avenida. Cada uma em um dos lados da rua. Uma delas indaga... como você conseguiu atravessar com este movimento? Responde a outra... não atravessei coisa nenhuma, já nasci deste lado!”⁶⁹⁹

Em 70 anos de vida autônoma, Novo Hamburgo crescera a tal ponto de ter uma avenida como a das grandes cidades, bem como tanto havia desejado...

10.3. Uma avenida singularmente cosmopolita...

Antes de tudo, a Pedro Adams Filho foi o espaço do ver e ser visto. Ela concentrou tudo aquilo que faria da cidade algo realmente cosmopolita. Se até os anos 50 ela foi o espaço propício ao *footing* das jovens domingueiras, ao olhar atento dos rapazes encostados nos muros, à contemplação da última moda posta nas vitrinas, às manifestações cívicas, etc., depois dos anos 60 ela abrigou também os deserdados da ordem ou todos os demais que ali acorreriam...

Por um lado, a avenida foi o espaço das manifestações cívicas, onde a população bem demonstrou o sentimento pátrio de que era possuída⁷⁰⁰, ou de manifestações populares como a apresentação de desfiles do curso carnavalesco⁷⁰¹. Por outro lado, ela foi o local propício para colherem-se as “*migalhas da vida cotidiana*”. Nos mais de 100 metros, pôde ser verificado um pouco de tudo aquilo que a cidade tinha a oferecer. Para atividades literárias, ela deu testemunhos de tamanha monta, tal qual “*miséria em casa de pobre*”.⁷⁰²

Sob a pena de Ercílio Rosa, nos anos 40 e 50, a avenida se apresentou em sua mais completa intimidade: “*a quietude dos arrabaldes põe em relevo o murmúrio que envolve a avenida, onde a mocidade alegre sorri prazerosamente*”.⁷⁰³ A cidade calma e pacífica, que tinha na semana de trabalho uma divindade onipotente, encontrou nos sábados à noite e nos domingos depois da missa a vazão de seus anseios represados. O vai-e-vem dos passantes despreocupados, “*desfilando em indolentes passos*”, externaram a satisfação e a alegria de todos. Pela avenida passaram os arquétipos da sociedade local...

“O idoso cidadão, na companhia de sua esposa, passeia num descanso psicológico. O jovem romântico, aparentemente letrado, vaidoso, numa superficialidade protuberante, passos

⁶⁹⁹ JNH de 7 de Abril de 1993. Ver ainda JNH de 20 de Julho de 1973.

⁷⁰⁰ Ver JO5 de 5 de Março de 1954.

⁷⁰¹ Ver JO5 de 26 de Fevereiro de 1954.

⁷⁰² Ver JO5 de 20 de Agosto de 1943.

⁷⁰³ JO5 de 27 de Fevereiro de 1948.

monótonos, sussurra com quentura e entusiasmo ao ouvido de sua *idéia*. Outros, com sorrateiros olhares, tocam de leve nas formas bem agitadas dos corpos contornados das mocinhas que embelezam a avenida. Aglomerações de pessoas formam círculos de palestras à margem da calçada. Em alhures, demais cidadãos se organizam em ala, para apreciar a graça fulgurante. Uns, protótipos na técnica dom joanesca, narcisivamente acariciam com os olhos, cheios de calidez e doçura, a excelência feminina. Diante as diversas vitrines e entradas de estabelecimentos, deslocam-se diversos cavalheiros: senhores cabisbaixos, celibatários olvidados, boêmios arrependidos, etc.⁷⁰⁴

Era o tempo de sair da missa correndo e ir se escorar nas paredes dos muros e prédios da avenida, na espera do passeio das moças que chegavam logo em seguida. Não faltaram aquelas que mais chamavam a atenção: *“todos os olhares se convergem silenciosos quando a jovem passa trajando um elegante tomara que caia”*.⁷⁰⁵; ou a outra que fazia um sucesso danado, mesmo vestindo um saco de aniagem, ocasionando com que os mais idosos se lembrassem do tempo que as *“patroas”* possuíam a mesma elegância, desenvoltura e beleza: *“Afinal, este diabo de divórcio vem ou não vem?”*⁷⁰⁶

Já nos anos 60, alguns afoitos exageraram e foram além do olhar passivo; passaram a dirigir palavras às vezes desmedidas e até obscenas. Os assim chamados *“galãs”* ou *“engraçadinhos”* punham em prática sua técnica de conquista dom juanesca dirigindo gracejos de mau gosto às senhoras e senhoritas. Pelo lado feminino, tal atitude não era sempre bem vista: *“Coitados, é a única maneira de se fazerem notar!”* A opinião das mulheres execrava tais atitudes e delas veio a sugestão para os homens melhor aproveitarem sua aptidões: *“como escolher melhor suas roupas, seus alfaiates, barbeiros, lavadeiras e, sobretudo, médicos plásticos”*.⁷⁰⁷

Na década de 70 tornou-se famosa a *“esquina da paquera”* (David Canabarro com Pedro Adams Filho). Frequentada pela juventude, que tinha na *Casa de Chá* ali existente o ponto de encontro, logo passou a ser motivo de reclames por parte dos moradores e comerciantes. As principais queixas foram no campo da moral, pois o *“grupo de elementos desocupados não conhecem limites para as suas atividades degradantes, tornam-se pornográficos, atentando contra a moralidade pública através*

⁷⁰⁴ JO5 de 25 de Novembro de 1949.

⁷⁰⁵ Ercílio Rosa, JO5 de 29 de Junho de 1951.

⁷⁰⁶ JNH de 20 de Maio de 1961.

⁷⁰⁷ JNH de 19 de Agosto de 1961. Ver ainda JNH de 11 de Junho de 1960 e 18 de Novembro de 1961.

de gestos e palavras”.⁷⁰⁸ Aos poucos esvaiu-se a avenida que outrora regurgitava de alegria, com famílias inteiras aproveitando a folga semanal.⁷⁰⁹

Durante a semana o movimento já era intenso desde a década de 60. No trânsito diário, os passantes eram os mais diversos. No alvorecer de um novo dia os primeiros que surgiam eram os leiteiros e padeiros distribuindo seus produtos de porta em porta e logo em seguida os operários dirigindo-se às fábricas. Pouco depois se via as comerciárias “*em passos saltitantes transbordando de esperanças e sonhos*”. Com elas também apareciam os estudantes “*discutindo a lição do dia ou a última do professor*”. Um pouco mais tarde, vinham os homens de negócios vestindo ternos e gravatas nem sempre impecáveis e carregando suas pastas pretas. Por fim tinha as mães apressadas e preocupadas com as compras diárias. Também haviam outros personagens típicos, como os pequenos jornaleiros e os engraxates. Na tentativa de vender seus serviços, um gritava: “*Leiam as últimas notícias*”, sendo ele mesmo analfabeto; o outro oferecia: “*Graxa hoje, seu moço?*”, tendo ele mesmo os pés descalços.⁷¹⁰

Como passarela de desfile das mais variadas tendências, padrões e estilos, a Pedro Adams Filho ditou a moda dos anos 40 e 50. Em suas vitrinas não só a fantasia nacional e internacional, mas o reflexo sutil dos passantes. Nas crônicas de Ercílio Rosa elas ganharam um colorido especial. Para ele, as vitrinas se assemelhavam à expressões de mulheres carinhosas acenando num gesto convidativo.⁷¹¹ Os sonhos e anseios de cada um nelas estavam dependurados. Aos homens, os bilhetes de loteria prometiam um resto de vida farta; às mulheres, um “*carpin de 35 cruzeiros*”. Nas calçadas, os luminosos titubeavam pela escassez de luz. Nas lojas, as vitrinas ornamentando a avenida, saudavam os passantes com a beleza de suas mostras.⁷¹² Como altar da nova sociedade de consumo, tornavam-se “*símbolos das oportunidades que o destino provoca nas ambições humanas*”. Para o cronista, aqueles que podiam comprar “*desprezam as mostras como si elas fossem ofensas a sua superioridade*”; os que não podiam “*se contentam na sua contemplação, resignados na modesta felicidade de apenas cobiçar*”⁷¹³. Ademais, a todos cabia a contemplação platônica. E nada melhor

⁷⁰⁸ JNH de 28 de Março de 1973.

⁷⁰⁹ Ver JNH de 22 de Outubro de 1960.

⁷¹⁰ Ver JNH de 8 de Novembro de 1963.

⁷¹¹ Ver JO5 de 2 de Abril de 1948.

⁷¹² Ver JO5 de 20 de Julho de 1951.

⁷¹³ JO5 de 16 de Dezembro de 1949.

que o Natal para isto. Nesta época, o simples olhar já era motivo para que as reminiscências viessem à tona.⁷¹⁴ Como enigmas, exerciam um forte fascínio sobre a alma ingênua e pura das crianças que sonhavam acordadas com a chegada dos presentes. Falando a linguagem própria da época, faziam sentir na imaginação infantil o oceano paradisíaco, sempre enrolando na alma uma emoção que “*traduz as saudades de tudo aquilo que não fomos e que alimentamos a pretensão de que ainda somos*”.⁷¹⁵ Sob as luzes multicoloridas do Natal, e diante de vitrinas repletas de brinquedos, o sonho infantil sempre se fez acompanhar...

“Mas os filhos das vizinhas vieram apenas olhar, cobiçar, desejar e suspirar diante das vitrines, para no outro dia fazer imitações de latinhas velhas debruadas de sonhos lá nos barrancos do bairro, pois brinquedos de vitrines e papai-noéis não entram em casebres de arrabaldes.”⁷¹⁶

Mas as vitrinas representaram, para o cronista, não somente um sonho infantil. Sua melhor definição foi seguramente esta: “*Ah, as vitrines! Tentação das mulheres, desespero dos homens*”.⁷¹⁷ Para o sexo frágil elas despertavam veemente os desejos mais recônditos, significando a própria perdição. Para os maridos, que na época ainda eram considerados o esteio do lar, a queda da esposa diante da diabólica imagem de consumo, trazia dívidas intermináveis.

Afora a visão do cronista, as vitrinas passavam a objeto de primeira contemplação por todos. Desde cedo organizou-se concursos “*a par de estimular uma boa apresentação das mostras da cidade aos visitantes e à população em geral*”.⁷¹⁸ Alguns exageraram na tentativa de chamar a atenção...

“Outro dia me espantei com o interior de uma vitrina, e aprecia que ali tinha passado um furacão: todas as coisas estavam jogadas em todas as direções, e em volta de bolsas, sapatos e sombrinhas os lenços davam a impressão de sacudidos pelo vento. Pensei que ia ser arrumada, mas me explicaram que aquilo era decoração. Tratava-se de uma decoração informal, disse o informante, e o desequilíbrio era apenas aparente, pois tudo representava ritmo através de movimentos organizados. Procurei entender o princípio estabelecido pela decoradora da vitrina, mas acabei fazendo o que fazem os homens: fiquei espiando do outro lado as balconistas bonitas. Afinal, para o sexo forte, é essa a principal utilidade das vitrinas, ver o desfile do outro lado dos vidros de fregueses e balconistas.”⁷¹⁹

⁷¹⁴ Ver JO5 de 14 de Dezembro de 1951.

⁷¹⁵ JO5 de 17 de Dezembro de 1965.

⁷¹⁶ JO5 de 19 de Dezembro de 1958.

⁷¹⁷ JO5 de 2 de Julho de 1948.

⁷¹⁸ JO5 de 11 de Dezembro de 1959.

⁷¹⁹ JNH de 10 de Junho de 1961.

No começo dos anos 60, uma certa loja colocou alguém fotografando a vitrina. Em pouco tempo provocou a aglomeração popular e todos ficaram ali parados, de boca aberta, como quem pensa estar vendo um disco voador, sem ver nada. Parou bêbado, viatura da polícia (pensaram que fosse uma concentração de pensionista do IAPI) e várias outras figuras urbanas. Quando o fotógrafo abandonou seu posto, todos ficaram se perguntando o que de fato havia ocorrido. O único que sobrou foi o bêbado que, olhando sério para a caixinha de música com uma pequena bailarina dançando em cima, dando voltas e voltas, sacudiu a cabeça dizendo: “*não é possível, acabo tonto vendo este troço andar em roda!*” O fascínio foi tamanho que tinha empregada doméstica passando dias e noites terríveis até conseguir comprar o tão sonhado artigo exposto.⁷²⁰

Também a mudança dos hábitos podia ser visto nas vitrinas. Ainda na década de 60, algumas jovens postaram-se embevecidas numa mostra de artigos masculinos. Apesar da jovem idade, comentavam as cores, os bordados e os enfeites das peças, sendo elas próprias uma propaganda da loja, pois sua animação foi tamanha (“*os slacks arrancavam gritinhos e ohs das mocinhas*”) que chamaram a atenção dos passantes. Já nas vitrinas de artigos femininos, os tímidos rapazes não deixavam de passar olhando rapidamente os ousados artigos, “*calculando as medidas daquilo que iria encher as roupas alvas e transparentes*”.⁷²¹

A melhor época para a contemplação era mesmo a natalina. O jogo de luzes na cidade, os enfeites nas casas, edifícios e árvores, garantiam um ambiente propício ao comércio na lojas. O movimento sempre crescia e as mercadorias expostas eram um convite para fazer compras. A noite de Natal nada seria sem os presentes aos entes queridos. Assim, numa visita às lojas, a atenção cairia nos diálogos de adultos e crianças sobre o melhor presente a dar ou a pedir.⁷²²

Mas as vitrinas não expunham tão somente os artigos tomados como objeto de contemplação coletiva. Elas refletiram a moda posta nos passantes da Pedro Adams Filho. Nenhum outro espaço, como a avenida, foi o lugar mais digno do “*ver e ser visto*”. E como as estações do ano, a moda mudou constantemente, trazendo temas

⁷²⁰ JNH de 20 de Maio e 10 de Junho de 1961.

⁷²¹ JNH de 11 de Outubro de 1963.

⁷²² Ver JO5 de 21 de Dezembro de 1945 e JNH de 13 de Dezembro de 1995.

futuristas, para espanto dos mais tradicionais, ou temas do passado, para desdém dos progressistas. Um ou outro, ela era o “*supra-sumo*” do sempre-novo mas sempre-igual.

Nos anos 60, a aculturação tomou impulso e os ídolos cinematográficos tornaram-se símbolos de como se vestir. O cabelo teve importância vital neste período; representou a imagem da rebeldia: “*temos de olhar duas vezes para termos a certeza de que estamos deparando com uma pessoa do sexo masculino, tal a semelhança que ficam com o cabelinho lambidinho para o lado tipo língua de vaca*”. A imitação descabida dos novos heróis estrangeiros fez da moda nos cortes uma completa aberração, ainda mais numa cidade periférica e tradicional como era Novo Hamburgo. A colunista de moda local alertou: “*pelo simples fato de um indivíduo se destacar como ator ou cantor, vestir-se excentricamente e adotar maneiras mais excêntricas ainda, não quer dizer que seja ditador da moda*”.⁷²³

Sua língua vesperina não restringiu-se aos do sexo masculinos. A beleza feminina estava destrocada diante do “*horror*” dos penteados e modelitos. Obviamente, algumas exageravam e andavam adornadas com enormes penteados, típicos de festa de gala, em plena tarde de calor. Em perfeita falta de harmonia, junto com as “*melancias*” da cabeça, calçavam chinelos cômodos: “*é o mesmo que ir à um baile calçando tamanco*”. Também o corte tipo “*chanel*”, adotado por algumas mais afoitas, provocou comentários: “*assemelham-se a soldados em dias de parada*”.⁷²⁴

Como a moda acompanha a época, a alegria das cores na páscoa influenciou a roupa feminina local: as jovens “*transformaram-se em verdadeiros ornamentos de Páscoa*”. Numa sutileza incontestada, a cronista comentou: “*a primeira impressão que nos ocorre é que as jovens haviam aderido aos festejos da Páscoa de maneira nunca vista em nossa cidade, aproveitando a tinta que sobrou do tingimento dos ovos, em casa, para pintarem os cabelos*”.⁷²⁵

A primavera de 73 trouxe colorido de volta às vitrinas, com o estampado predominando. As roupas ficaram alegres e surgiram novidades no mercado. Para os homens: camisas de malha fio escócia, com pesponto, e calça de brim, tergal ou

⁷²³ JNH de 16 de Setembro de 1961.

⁷²⁴ Colunista Elsa, JNH de 9 de Dezembro de 1961 e 6 de Novembro de 1962.

⁷²⁵ JNH de 28 de Abril de 1962.

gabardina com bainha boca-de-sino. Para as mulheres: terninhos e vestidos com pregas e blusas com gola xadrez.⁷²⁶

A década de 80 voltou-se para o terreno do casual e do confortável, de acordo com o novo ritmo feminino.⁷²⁷ O clássico veio com toda força: “*talvez os produtores estejam cansados de propor um estilo de vanguarda sem nada venderem, talvez porque estejam confusos com os diversos lançamentos que surgem a cada dia.*”⁷²⁸ A palavra-chave do momento era o conservador. Também vinha a idéia de comprar uma peça que futuramente poderia servir em outras estações ou que não saísse de moda tão cedo. Para Novo Hamburgo, a moda teve algumas peculiaridades. Uma charge mostrou o novo estilo em voga: um sapato com balas de revólver como decoração, tal a violência urbana.⁷²⁹

Com todas estas tendências na avenida, houve um certo retraimento em relação ao próprio conceito de bem vestir. Se até a metade do século, as tardes da Pedro Adams Filho eram palco para as mulheres elegantes, pois elas eram bem vestidas em todas as horas do dia, os anos 90 trouxeram o nivelamento de roupas: “*o marketing da moda colocou calça comprida em todas as mulheres... elegância mesmo, só nos grandes momentos sociais*”.⁷³⁰ Acabava a moda, ou seria somente um novo ciclo?

Um ou outro, ao longo dos anos a avenida foi feita um espaço de todos. A sociabilidade dos degradados surgiu com cada vez mais força...

Ainda nas décadas de 50 e 60, a cidade viu crescer paulatinamente aquilo que tanto queria esconder: a informalidade.

No comércio, Novo Hamburgo tornou-se “*Meca*” dos “*mascates*”; estes expunham seus artigos em plena calçada da avenida ou dos arredores. Concorrendo com o comércio legalmente estabelecido, eles foram proibidos de exercer suas atividades. Com licença especial da edilidade, ficaram somente as carrocinhas de pipoca, cachorro-quente, sorvetes e churrasquinhos, mas mesmo estas logo mais foram também proibidas⁷³¹. Numa crítica sagaz escreveu-se: “*a próxima medida a ser adotada será a*

⁷²⁶ Ver JNH de 21 de Setembro de 1973.

⁷²⁷ Colunista Gigi Martins (Só Para Mulheres), ver JNH de 18 de Janeiro de 1984.

⁷²⁸ Colunista Waldemyr Carlos Selbach Filho (Caderno de Domingo), JNH de 18 de Março de 1989.

⁷²⁹ Ver JNH de 22 de Junho de 1989 (charge).

⁷³⁰ JNH de 28 de Janeiro de 1994.

⁷³¹ Ver JO5 de 2 de Março de 1956 e JNH de 29 de Janeiro de 1965.

proibição da permanência dos buracos na avenida Pedro Adams Filho”.⁷³² A cidade que tanto queria ser limpa e agradável (tanto na sujeira quanto nos *camelôs*), exigiu ser moderna no recapamento da avenida. Assim como eram constantes os buracos, a proibição de comércio ilegal nunca durou muitos anos. A cada troca de administração, iam e vinham os “*ambulantes*”. Como personagens que deram personalidade à cidade, o pipoqueiro, o vendedor de bilhetes, o vendedor de revistas e muitos outros, foram partes constitutivas das atividades locais.⁷³³

Na avenida principal estavam também os menores abandonados. Como engraxates, jornaleiros ou baleiros, as crianças em estado de abandono invadiram o local. À partir dos anos 60, quando não trabalhavam em alguma atividade, simplesmente praticavam pequenos delitos ou mesmo pediam esmolas de porta em porta. Como vício, muitos cheiravam a “*cola de sapateiro*” utilizada nas fábricas e sem o mínimo controle de circulação.⁷³⁴

Também adolescentes abandonadas estavam na avenida...

“Sua verdadeira identidade e origem ninguém sabe ao certo. Ela apareceu atraída pelo movimento e pelas luzes do centro. Ela atende por um apelido conquistado na pia batismal da indiferença pública. Sua passarela são as ruas da cidade com preferência pelas proximidades do Bar Quiosque. Entre o Café Avenida e o Bar ela desfila seus vícios conquistados ali mesmo. Encena diariamente um espetáculo que varia entre top less, cheirar cola e provocar brigas com colegas de infortúnio e proprietários que emolduram seu palco. Quando a loira sumir, como sumiram outros tantas, outra irá surgir para conquistar os aplausos ou as críticas dos freqüentadores dali.”⁷³⁵

Na esquina central, a prostituição crescente apontou uma degradação escondida. Na década de 60 ainda a cidade se debatia par contê-la. O assim chamado “*trottoir*” incluía menores de idade (mariposas mirins) e mulheres de todo tipo, “*portando quase todas uma frasqueira, marcavam encontros nos cafés centrais, daí rumando para hotéis onde passavam as noites em companhias dos seus galãs*”.⁷³⁶ A idéia que se tinha era a de que tais meninas vinham de famílias desfeitas ou problemáticas, e na rua encontravam a fuga. Numa cidade que jactou-se em ser modelo, com lâmpadas fluorescentes nas ruas, asfalto brilhantes, chaminés a todo vapor, operários trabalhando e jovens estudando, idas à Igreja e histórias para adormecer crianças, as pequenas

⁷³² JNH de 14 de Janeiro de 1966.

⁷³³ Ver JNH de 12 de Abril de 1985.

⁷³⁴ Ver JO5 de 21 de Agosto de 1959 e 29 de Julho de 1960.

⁷³⁵ JNH de 6 de Janeiro de 1995.

⁷³⁶ JNH de 15 de Julho de 1961. Ver ainda JNH de 11 de Novembro de 1961.

meninas prostitutas foram o “calo” no Vale do Sapateiro. Mas o maior incômodo não foi ter elas se prostituindo, mas sim ter elas se prostituindo em plena avenida Pedro Adams Filho...

“A partir das 20 horas as meninas começam o desfile, criando uma situação vexatória para as senhoras e senhoritas que por ali passa. Inclusive meninas e senhoras residentes nas proximidades tem sido alvo de propostas indecorosas pelos homens que procuram as mariposas.”⁷³⁷

Nos anos 80, o aspecto lúgubre tomou conta das ruas centrais e a avenida Pedro Adams Filho deixou de ser trânsito da grã-finagem local. A *Cidade Industrial*, à medida que ia perdendo seu poderio econômico, ganhava ares das grandes metrópoles degradadas. A noite no centro deixou de ser dos casais de namorados e das moças e rapazes comportados; em seu lugar, homossexuais, indigentes, prostitutas, menores abandonados, etc. A cidade maldita pôde ser vista nitidamente na Pedro Adams Filho. Um passeio noturno era deveras revelador: homens e mulheres de aparência suspeita confabulando e gesticulando à sombra; travestis e prostitutas espalhafatosas nas calçadas; grupos ameaçadores de rostos amargos e carrancudos no Café Avenida, sempre alerta aos acontecimentos; meninos e meninas cheirando o resto da cola utilizada na exportação que tanto enriqueceu a cidade, sem contudo trazer a felicidade geral, por toda parte.⁷³⁸ Mesmo no natal, época das luzes e da solidariedade, dos papais-noéis e reis magos⁷³⁹, das vitrinas e da troca de presentes, o aspecto noturno da avenida era pouco convidativo...

“Quem passou pelo centro na madrugada de Natal, assistiu cenas do dia a dia, só que notadas com mais emotividade. Defronte o Café Avenida pai e filho dormiam na calçada abraçados. Na ponta da praça um grupo de garotos cheirava cola e abanava para quem passava. Mais adiante outro menores juntavam pontas de cigarros para rápidas tragadas. Adiante um grupo de travestis, embriagados, sonhavam com uma noite de amor ou só prazer, entre goles de sidra.”⁷⁴⁰

A própria sociedade de outrora, que impressionava-se com “*elementos inescrupulosos*” urinando nas esquinas centrais – “*esses indivíduos que se ocultam nas*

⁷³⁷ JNH de 15 de Março de 1968.

⁷³⁸ Ver JNH de 27 de Novembro de 1986.

⁷³⁹ Dois árabes que vieram conhecer alguns patrícios foram confundidos com os personagens bíblicos, uma vez que vestiam-se à caráter e falavam tipicamente. Ver JNH de 15 de Dezembro de 1988.

⁷⁴⁰ JNH de 26 de Dezembro de 1989.

sombras da noite merecem corrigenda pela ação indecorosa que procedem” – passaria a ver no cotidiano as calçadas manchadas de sangue.⁷⁴¹

Ainda na avenida, um ponto de sociabilidade mereceu destaque: as “*Bancas*”. O prédio foi construído para ser parada de ônibus municipal, mas com o crescente tráfego e devido à pequena largura da Pedro Adams Filho, transferiram a parada dos coletivos para a 1º de Março. O local viria abaixo mas sobreviveu. Mesmo sem ser ponto de passagem obrigatório, as “*Bancas*” tornaram-se uma tradição local. Elas traziam o colorido e o movimento para a avenida, fazendo da cidade um pseudo-metrópole. Ali reuniam-se os mais diversos personagens: industrialistas e operários, médicos e pacientes, estudantes e professores, comerciantes e clientes, cidadãos comuns, engraxates, mendigos, prostitutas, etc. Todos eram tratados com igualdade. Todos podiam tomar tranqüilo seus cafezinhos, comer pão com schimia e nata, comprar jornal ou conversar simplesmente.⁷⁴² As “*Bancas*” foram um espaço de sociabilidade local, abrigo inclusive a famosa “*sala de execução*”...

“Se Novo Hamburgo tivesse pena de morte, já teria um local prontinho para as execuções: o banheiro das bancas, ou a popularmente conhecida Banca 9. E nem seria preciso gastar luz para eletrocutar alguém, ou gás para que a morte fosse lenta. Seria preciso apenas colocar uma porta com um grande cadeado e jogar pra dentro do banheiro, vivo da silva, o condenado. Se a figura é exagerada, exagerado também é o cheiro que exala dali.”⁷⁴³

A avenida Pedro Adams Filho chegou na madureza como espaço de todos. Como reflexo de uma sociedade local degradada, ela mostrou à cidade cada época de sua existência. Ela mostrou à todos por onde todos caminhavam...

⁷⁴¹ Ver JO5 de 2 de Setembro de 1955 e JNH de 19 de Fevereiro de 1993.

⁷⁴² Ver JNH de 31 de Janeiro e 3 de Setembro de 1969, 28 de Março de 1984 e 2 de Outubro de 1986.

⁷⁴³ Aurélio Decker, JNH de 29 de Novembro de 1987.

11.

As galerias Carolina, Central e Hamburguesa

“Já notaram o número de galerias que a cidade está construindo? Não vai levar muito tempo e poderemos atravessar Novo Hamburgo de lado a lado só através delas. E o número de boutiques existentes na santa terrinha? Ou alguém está cometendo um erro de projeção ou Novo Hamburgo está nadando em dinheiro.”⁷⁴⁴

A melhor definição para as assim chamadas *galerias de comércio* é a de que as trata como *santuário do culto ao efêmero*. Como lugar santo, consagrado à adoração e veneração daquilo que é o mais passageiro e transitório (a moda, o consumo, a promessa de felicidade na aquisição de um produto ou no simples gasto supérfluo), elas foram o templo do fetiche da mercadoria, na qual todo o ambiente formado, com qualidades oníricas feitas exclusivamente ao estímulo da compra, serviu para despertar tão somente o desejo.

As galerias hamburguesas experimentaram tais aptidões, mas de uma forma não tão forte como suas famosas co-irmãs parisienses, analisadas por Walter Benjamin ao longo de sua obra.

Se na Paris do século XIX, as assim chamadas *passagens* apareciam como centros comerciais de mercadorias de luxo⁷⁴⁵, as de Novo Hamburgo surgiram como um espaço dentre os demais, na qual também se instalaram boutiques exclusivas e famosas, mas que comportaram outros tantos ramos comerciais menos fetichistas. Se nas primeiras as construções foram espetaculares para a época, com tetos de vidro por onde entrava a luz que iluminava as lojas mais elegantes da *cit e* e por onde o passante

⁷⁴⁴ JNH de 6 de Dezembro de 1978.

caminhava em piso de mármore⁷⁴⁶, as segundas tiveram a tardia arquitetura modernista, com linhas retas e aspecto *clean*, adaptadas à cidade periférica que era. De um lado, tinha-se um mundo em miniatura de uma cidade sofisticada; de outro, tinha-se também o reflexo de uma sociedade, mas com todos os personagens urbanos. Ainda nas de Paris, a arte pôs-se à serviço do comerciante, fazendo com que os consumidores não se cansassem de admirar as belezas, sendo por isso mesmo um local de atração. Nas de Novo Hamburgo, não havia arte, nem beleza, muito menos atrações. Ia-se para comprar, mas não com todo um ambiente de sonho. Suas qualidades oníricas encontrar-se-iam nas mercadorias...

11.1. Erguendo os templos.

As galerias surgiram em Novo Hamburgo no início dos anos 70, como uma opção à expansão do comércio local, exprimido que era no lado leste da avenida Pedro Adams Filho. As duas primeiras construídas foram a *Central* (entre a Joaquim Nabuco e a Lima e Silva) e a *Hamburguesa* (entre a David Canabarro e a General Neto). A terceira, *Carolina* (entre a Lima e Silva e a David Canabarro), foi erguida anos depois.

Já na década de 60, a cidade crescia de “vento em popa” e o comércio exigia novos locais para novos estabelecimentos. Com o espaço restrito, as lojas ficavam cada vez mais comprimidas e impossibilitadas de se expandirem. Assim, os dois projetos erguidos concomitantemente, tiveram um rápida aceitação por parte dos futuros proprietários.⁷⁴⁷

“A rapidez com que foram realizadas as tarefas de erguimento das duas galerias deve-se à receptividade que elas tiveram junto ao público. A comunidade da cidade industrial, sentindo a importância destas obras, de imediato atendeu a chamada das firmas responsáveis, adquirindo as salas para que houvessem as condições necessárias para a conclusão da obra.”⁷⁴⁸

Ambas construções tornaram-se sinônimo de progresso e modernização à *Cidade Industrial*: “o velho vai dando lugar às novas e arrojadas formas”.⁷⁴⁹ De igual forma, elas tendiam para a arquitetura modernista: fachadas retas, ausência de adornos, etc., mostrando a “*racionalidade funcional expressa na limpeza estrutural de sua*

⁷⁴⁵ Ver ROUANET, *A razão nômade*, p.21-62

⁷⁴⁶ Ver BENJAMIN, *Paris, capital do século XIX*, p.31

⁷⁴⁷ Ver JNH de 6 de Junho de 1970.

⁷⁴⁸ JNH de 29 de Janeiro de 1971.

⁷⁴⁹ JNH de 1º de Abril de 1970. Ver ainda JNH de 19 de Maio de 1971.

concepção”.⁷⁵⁰ Desvinculado da arte, a fachada e o interior das galerias caminharam para a funcionalidade e para o amplo aproveitamento do espaço. A limpeza na construção demonstrou serem elas espaços para a vivência do cotidiano e também de passagem.

No interior viu-se o total aproveitamento da área passível de construção. Todas as lojas (no térreo) e as salas (no 2º e 3º pavimentos) tiveram como abertura o meio do terreno. Nele ficou o corredor público. Quem passasse por ali, veria as vitrinas das lojas nos dois lados e portas e janelas nos andares acima. Este corredor era iluminado naturalmente, mas ao invés de ferro e vidro, tinha-se o concreto e as telhas transparentes.

Inicialmente, a galeria *Hamburguesa* contou com 38 lojas térreas e 17 conjuntos no piso superior, servido por elevador. A *Central* teve 43 lojas, entre térreo e andares superiores. Em ambas foi diversificado o comércio: relojoaria, ótica, cartório, loja de calçados, de eletrodomésticos, de móveis, de roupas, de fotografia, farmácia, lancheria, consultórios e escritórios diversos.⁷⁵¹

Na metade de 1971, as duas *obras monumentais* já estavam prontas e foram inauguradas “*para a satisfação do público hamburgurês que pode agora usufruir destes dois locais*”.⁷⁵² A cidade entrava definitivamente na era da contemplação da mercadoria.

11.2. As vitrinas da moda e as lojas famosas.

Recém inauguradas, as galerias ainda custariam a se tornarem espaço de trânsito dos habitantes locais. Dir-se-ia que a população não estava acostumada a passear por elas, pois era ainda muito apegada às compras tradicionais. Outro subterfúgio para o baixo movimento foi o de que, uma vez concluída as duas juntas, talvez a cidade não teria porte suficiente para comportar dois espaços de tamanha envergadura. Como agravante, poucos foram os comerciantes que se instalaram de imediato nas lojas. Assim, falta de costume e apego às lojas tradicionais, divisão causada pela concorrência entre ambas e espaço desocupado, fizeram delas, ao menos no início, um lugar de pouca importância.⁷⁵³

⁷⁵⁰ FERRARA, O Código em Férias, In: _____. *Olhar Periférico*, p.181

⁷⁵¹ Ver JNH de 18 de Março e 1º de Abril de 1970 e 14 de Maio de 1971.

⁷⁵² JNH de 9 de Junho de 1971.

⁷⁵³ Ver JNH de 1º de Agosto de 1971 e 4 de Agosto de 1972.

Para reverter tal situação, não faltaram opiniões diversas: instalação de boutiques femininas, conscientização da importância do espaço, anúncios e novidade constantes, etc. Uma ou outra, elas iam despertando aos poucos a curiosidade e aguçando a imaginação de todos.

Com o passar do tempo, novas lojas foram sendo inauguradas...

A *Eletrolar*, trazendo as mais recentes novidades em eletrodomésticos, estofados, tapetes, forrações e tudo o mais para o conforto e a beleza dos lares hamburgueses, instalou uma filial na Galeria Central: “o ato inaugural contou com a presença de figuras representativas da comunidade”⁷⁵⁴. Outros ramos comerciais de menor importância se instalaram ali: Tabacaria Araújo, Rubi jóias, Lavanderia BBC (*a melhor amiga de suas roupas*), Baruska lancheria, Executivo materiais para escritório, Jô Carvalho cosméticos, Sandalhão calçados, Geléia Real Super Bom, Micro lanches, ótica Paiva, livraria Delta, Razão contabilidade e cópias xerox, ótica Kohler, Yaffé calçados femininos, Exata advocacia, escritório Probo, salão Rei Cabeleireiros, Sérgio Hack serviços comerciais, PRC Souto Mayor administração e cobranças, entre outras.⁷⁵⁵

Na Galeria *Hamburguesa* também foram destaque a ferragem Weissheimer, Tic-Tac presentes, Kifoto, Bebeto’s aperitivos – (*na espinha da galera, imitando o bib... bob da onda, afogando gregas e troianos, num mar... acujá molhadinho, na divina cana*), Nagel cabeleireiros, lancheria Ao Belo Rio, etc...⁷⁵⁶

Em ambas, o maior destaque ficava por conta das lojas que ofereciam a moda local: Binho’s, “*a personalidade no vestir, quem for home apareça*”; Mokinha moda jovem, “*para ele e para ela*”; Shop-Shop, “*a moda de Ipanema para você vestir*”; Vida íntima, “*a boutique da futura mamãe e seu bebê*”, Chamosa boutique; A Rouxinha moda jovem unisex (esta se caracterizou por ser uma das mais *quentes* em termos de moda); Kika boutique, “*moda unisex em alto estilo*”; Amarelinha; Cogumelus; Brenner Sport’s, “*a loja mais esportiva do Vale*”; Xulé modas; Pele boutique, “*vista-se conforme seu bom gosto*” Cantinho das Camisolas, “*sua amada vai gostar de um presente bem*

⁷⁵⁴ JNH de 10 de Novembro de 1971.

⁷⁵⁵ Ver anúncios JNH de 22 de Junho, 6 de Julho, 24 de Agosto, 17 e 25 de Outubro e 23 de Novembro de 1973 e 4 de Junho e 1º de Outubro de 1976.

⁷⁵⁶ Ver JNH de 4 de Agosto de 1972 e 14 de Dezembro de 1983.

íntimo”; Skate House, “*com as melhores marcas em vestuário jovem: Armação, DeláPracá, Primo, OP, Pier*”; e muitas outras que sofreram o fluxo do modismo.⁷⁵⁷

Como verdadeiros centros comerciais, as galerias tornaram-se uma comodidade para os hamburgueses, pois podiam ser realizadas compras de vários artigos num mesmo local. De desacreditadas no início passaram à ser locais de intenso fluxo de consumidores: “*na galeria é satus possuir uma loja e a predominância é de boutiques*”⁷⁵⁸. Inaugurando ou cerrando as portas, as diversas lojas fizeram o movimento local, sempre carreado pelas boutiques.

Nos anos 80, a maturidade comercial alcançou as lojas de roupas. O fetiche da mercadoria veio com tudo, trazendo a subversão do valor de uso, onde o consumo centrou-se na *griffe*, na embalagem e no visual, conferindo ao produto qualidades oníricas de fascínio e persuasão que estimularam a compra.⁷⁵⁹ Para a população, tal desvio de consumo tornava-se condição de defesa pessoal nas relações sociais urbanas: o fetiche da mercadoria passou, antes de tudo, pela posse e exibição delas.⁷⁶⁰

As vitrinas passaram a ter um profissional responsável não só pela decoração da fachada, mas também pelo próprio interior da loja. A preocupação era em atrair e impressionar o cliente. Os conhecimentos do vitrinista eram postos a serviço da venda da mercadoria. Como cartão de visitas da loja, da vitrina dependia o sucesso nas vendas. Com o modelo tipo “*corredor*”, o cliente era facilmente seduzido ao interior da loja. Uma vez dentro, envolto num ambiente totalmente propício ao consumo, caberia ao vendedor o assédio para ele comprar algo que tinha somente a intenção de contemplar.

Assim, as vitrinas deveriam cooptar o passante num só lance. Nelas, a sensibilidade e a versatilidade do profissional se direcionava para compor um ritmo que levava os olhos do futuro comprador à um ponto previamente estabelecido. Depois de serem requeridos para algo excitante, os olhos procuravam repouso no conjunto, onde estavam expostas as diversas mercadorias. A idéia era chamar a atenção do transeunte, fazendo dele um promissor comprador e trazendo-o para dentro do covil.

⁷⁵⁷ Ver JNH de 4 de Junho de 1976, 4 e 15 de Setembro de 1978, 26 de Abril de 1979, 26 de Julho de 1982 e 17 de Outubro e 14 de Dezembro de 1983.

⁷⁵⁸ JNH de 26 de Abril de 1979.

⁷⁵⁹ Ver FERRARA, *Desenho Industrial*, In: __. *Olhar Periférico*, p.194-197

⁷⁶⁰ Ver FERRARA, *As máscaras da cidade*, In: __. *Olhar Periférico*, p.224

Ainda para auxiliar na cooptação do passante, valia utilizar elementos outros que não a própria mercadoria: pinturas, esculturas, artes gráficas e decorativas, folhas, flores, troncos, cestos, painéis, cartazes (estes tinham um poder de atração decisivo como elemento divulgador da mercadoria exposta), etc...

Outros aspectos fundamentais foram a harmonia nas cores da vitrina e o preço das mercadorias. A cor envolvia o conjunto em exposição de forma agradável, “*a fim de criar condições psicológicas propícias à venda*”.⁷⁶¹ As etiquetas, sempre em tamanho proporcional às mercadorias, inspiravam confiança e quebravam a timidez de certos compradores.

A galeria *Central* demorou vinte anos mas organizou um concurso entre as lojas para ver qual delas melhor expunha suas mercadorias nas vitrinas e decorava seu interior. O resultado, aos clientes e lojistas, agradou: “*muitas pessoas param, olham e elogiam*”.⁷⁶² Também promoções começaram a ser feitas. Uma loja, no afã de inovar, ofereceu como prêmio a ser sorteado entre os clientes 10 horas numa suíte de motel.⁷⁶³

Apesar de fundamentais, as boutiques precisavam estar sempre atualizadas, apresentando a versatilidade e a variedade de opções em seus artigos, de acordo com as constantes mudanças da moda. Lojas como Shop-Shop, Cogumelu’s e A Rouxinha eram as de maior destaque. Sempre em dia com a moda e procurando seguir as tendências nacionais e internacionais, ambas trabalhavam com renomadas marcas de roupas. Cada uma na sua especialidade, todas com a mesma finalidade: vender um sonho.⁷⁶⁴

As boutiques chegaram ao final da década de 80 inseridas na mentalidade dos grandes magazines europeus. Assim como nas roupas, o aspecto *clean* das vitrinas, demonstrando apenas algumas peças básicas, ultrapassava o conceito de propor ao cliente uma infinidade de roupas em exposição: “*o mínimo indispensável tem-se mostrado cada vez mais eficiente no retorno de vendas*”.⁷⁶⁵ A própria idéia de moda tornava-se diversificada...

⁷⁶¹ Martha Vohren e Rita Oliveira (Caderno de Mulher), JNH de 30 de Julho de 1980.

⁷⁶² JNH de 28 de Novembro de 1995.

⁷⁶³ Ver JNH de 24 de Junho de 1996.

⁷⁶⁴ Ver JNH de 24 de Novembro de 1981.

⁷⁶⁵ Waldemyr Carlos Selbach Fº, JNH de 30 de Novembro de 1988.

“Fala-se em tendências, estilos confirmados por este ou por aquele estilista, comenta-se inclusive que uma pessoa não será atual se não seguir os passos da moda. mas nunca a moda esteve tão variada e diversa como nesta estação.”⁷⁶⁶

Simple ou variada, a moda exposta nas vitrinas locais fez das lojas o templo do fetiche. Como tais, consubstanciaram o efêmero, o transitório, o sempre-novo mas o sempre-igual, próprio de uma sociedade moderna. Mas as galerias, apesar de serem este espaço da moda e das boutiques famosas, perderam muito de seu charme para as grandes lojas (*Grand Magasin*) e posteriormente para o *Shopping Center*. Transferiu-se assim o local de sacerdócio; o culto ao efêmero não podia encerrar-se num só lugar...

11.3. O barco faz água.

A importância das lojas instaladas nas galerias da zona central cresceu acerbamente nos anos seguintes as suas construções. Passado cinco anos da inauguração, elas já firmavam-se como objeto de destaque. Numa Novo Hamburgo que crescia *a olhos vistos*, tanto na economia proporcionada pela exportação calçadista, como na explosão demográfica pelos migrantes de toda parte, a dicotomia entre pobreza e riqueza também aumentava. Se na área central os sinais da modernização foram claros (praças, chafariz, lojas, asfalto, carros, pessoas, etc.), na periferia a discrepância deste progresso ocupava o espaço. De um lado, o colorido das boutiques, as galerias com suas vitrinas atraentes, as sorveterias, os restaurantes e tudo o mais para atrair e venerar. De outro lado, famílias miseráveis com filhos de barriga inchada, morando em casebres de lata ou tábuas de segunda mão, iluminação precária ou inexistente, botequins perigosos, pontos de venda de drogas, etc.⁷⁶⁷

Como espaço público, ainda que pertencente a alguém, as galerias teriam a sua frente a derradeira batalha entre a grã-finagem e os despossuídos. As lojas instaladas ali tornaram-se chamariz para os excluídos. Uma vez que a passagem era livre, a beleza das vitrinas atraiu não só os possíveis compradores, mas também aqueles que nunca puderam adquirir algo ali. Uns contemplavam e compravam; outros sonhavam acordados.

No natal da *Cidade Industrial*, tais sonhos soçobravam a realidade nua e crua...

⁷⁶⁶ Waldemyr Carlos Selbach Fº, JNH de 14 de Abril de 1989.

⁷⁶⁷ Ver JNH de 23 de Dezembro de 1977.

“Para a maioria das pessoas, o Natal é uma festa maravilhosa. Mas há os que sempre ficam de fora disto, sem nunca participar, sendo mero espectador da alegria dos outros. Para Sérgio, engraxate, 13 anos, todos os natais são iguais, e não espera ganhar nada neste, pois nos outros nunca ganhou. Seu pai está preso e sua mãe é preparadeira de calçado. Já Claudionor, engraxate, 14 anos, ganhou um ano um brinquedo novinho, mas a alegria durou pouco, pois todos queriam brincar com ele e acabaram estragando. Júlio, vendedor de picolé, acha muito bacana os pinheiros da praça. Em sua casa não tem festa, ele gostaria de dar um presente para sua “velha” mas o dinheiro que ganha vai todo para a “bóia”. Valdemar, encontrado na galeria Central, limpando as vitrinas, acha o Natal uma festa bonita, onde é bacana ver o Papai Noel nas lojas, nas ruas. As vitrinas ficam mais enfeitadas. Ele não faz festa em sua casa. João sente alegria no Natal. A cidade fica tão colorida e ele gosta de olhar as luzinhas dos pinheirinhos acendendo e apagando de noite, parecendo vaga-lume. Ele queria um presente. “A mãe manda a gente rezar na noite de Natal.”⁷⁶⁸

Além do assédio dos *indesejáveis*, as galerias passaram a ser um espaço perigoso. Sendo elas o espelho da sociedade local, por suas calçadas caminhavam todas as figuras urbanas.

A galeria *Carolina* foi, na década de 90, albergue noturno para os indigentes que ali iam se abrigar das noites frias no inverno gaúcho: “*é triste constatarmos a miséria e o desemprego destes seres que mesmo sem instrução poderiam estar trabalhando em algo útil*”.⁷⁶⁹

Nas mesma galeria o medo e a insegurança fizeram-se presentes. Numa ocasião, dois rapazes pareciam brincar de sobe e desce no elevador mas mostravam sua verdadeira intenção, quando entrava alguém, praticando o assalto.⁷⁷⁰

Na *Hamburguesa*, o perigo do trânsito rondou os corredores exclusivos dos passantes: “*os comerciantes foram surpreendidos pela incursão automobilística de um motorista rumo ao interior do estabelecimento*”.⁷⁷¹

Comprar algo ali passou a requerer um tanto de cuidado. Mesmo no interior das lojas a preocupação não cessava. Lojistas e consumidores podiam ser surpreendidos no meio de uma feliz transação por meninos de rua que invadiam sorrateiramente as lojas, com a desculpa de pedir água ou coisa parecida, mas no intuito de fazer um pandemônio ou até pequenos furtos.⁷⁷²

⁷⁶⁸ JNH de 21 de Dezembro de 1973.

⁷⁶⁹ JNH de 11 de Agosto de 1992.

⁷⁷⁰ Ver JNH de 30 de Janeiro de 1984.

⁷⁷¹ JNH de 27 de Novembro de 1988.

⁷⁷² Ver JNH de 18 de Agosto de 1994.

Somando as várias intempéries do comércio nas lojas de rua, a preferência do grande público consumidor recaiu nas lojas de departamento. Com maior segurança e ampla variedade de mercadorias aliado ao preço convidativo, a contemplação passou das vitrinas ao interior. Ao invés do passeio nas calçadas centrais, o passeio seria ao abrigo dos perigos urbanos, em ambientes climatizados.

Por estas razões, o comércio das boutiques encontrou no *Shopping Center* a solução para seus problemas. Para lá também iriam as grandes magazines, como lojas âncoras. Assim como nas galerias, os consumidores teriam num só lugar tudo aquilo que precisavam, mas agora longe dos *indesejados*...

12.

O calçadão na rua General Neto

“O Calçadão tem tudo para se tornar um efetivo ponto comercial. Seus bares e cafés podem imitar os famosos cafés parisienses com extensões envidraçadas, avançando para os dias mais frios e chuvosos. Imagino-me tomando um cafezinho quente, vendo a chuva batendo nos vidros num daqueles terríveis dias de inverno. O Calçadão é um Shopping aberto, com sol, chuva e crianças patinando entre os canteiros e mesas num movimento estético alegre.”⁷⁷³

A história da General Neto confunde-se com a própria história de Novo Hamburgo, mas não com o passado político ou com o desenvolvimento econômico da cidade, contado fartamente nas resenhas oficiais, e sim com as vivências que ali se desenrolaram, ao longo dos tempos. É a história das figuras humanas e dos locais de convívio; é o passado pouco explorado, pois nele não há heróis, só anônimos.

Com apenas uma quadra, de no máximo 180 metros de comprimento, espremida entre as avenidas Pedro Adams Filho e Bento Gonçalves, bem no coração da cidade, a General Neto foi desde cedo um espaço de sociabilidade local. Por ela passava o bonde que seguia a Hamburgo Velho, ainda no início do século. Numa de suas pontas, fora erguido o prédio da Instituição Evangélica e na outra, que mais tarde ficou conhecida como a “esquina do pecado”, ficava o Café Avenida. Entre as duas, como o limbo simbólico, surgiram construções que tornaram famosos os locais: Sociedade Ginástica, Cinema *Lumière*, Galeria *Hamburguesa*, etc...

Nela se veria passar toda a vida social. De espaço dos grã-finos com roupagens domingueiras, a ex-General Neto transformar-se-ia num imã dos despossuídos. Palco

⁷⁷³ JNH de 12 de Abril de 1996.

para o ver e ser visto, ela era “*aquela rua em Novo Hamburgo*”. Como tal, mostraria também a face degradada que tanto queria ser escondida. Numa cidade que crescia e se desenvolvia, a General Neto era seu reflexo principal...

12.1. Ainda uma rua.

Cada construção na General Neto foi um marco. Na parte de cima da rua, como a mostrar o caminho do céu, ergueu-se o primeiro prédio da Instituição Evangélica Luterana. A igreja desta entidade foi construída no terreno ao lado (Bento Gonçalves esquina David Canabarro) em estilo gótico. No frontispício da General Neto levantaram uma escola em estilo moderno.

Logo abaixo construíram, em 1911, a sede social da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo (SGNH), também conhecida como a “*Veterana*”. No início eram famosos os bailes de *kerb* ali realizados; chegavam a durar três dias: de domingo à terça-feira. Nos anos de 40 a 50, os encontros ali eram uma opção para quem cansasse do *footing* na Pedro Adams Filho. Na década de 60 o *quente* eram as reuniões dançantes realizadas aos sábados, entre as 20 horas e a 1 da madrugada. Era o tempo do *laquê* nos cabelos femininos e da “*cuba-libre*” no copo. Havia o conjunto para animar o baile e os medrosos de plantão em frente à pista de dança. A própria atmosfera reprimia os namoros. Como comunidade pequena que ainda era, todos se conheciam. As moças que ficavam nas mesas bem em frente à pista eram descartadas; não pela feiura, mas é que se recusassem o convite à dança todos veriam. Para as que ficavam ao fundo, nas mesas não tão bem iluminadas, deveria se ter cautela, pois elas poderiam ser mais altas ou mais baixas do que aparentavam enquanto sentadas. Se assim fosse, poderia ocorrer discrepância no casal. O próprio convite era uma grande formalidade. Nas mesas as moças faziam-se acompanhadas por uma verdadeiro júri: pai, mãe, irmão, tia, primo, etc... Uma vez criado a coragem necessária ao convite, se a moça disfarçasse muito (ela deveria fazer ares de se surpreender com o pedido), o rapaz passava reto. Se parasse, e a “*vítima*” aceitasse o convite, a mãe lançava um olhar firme e ameaçador, como se dissesse: “*dança, mas não aperta*”. Uma vez no salão, o objetivo era o meio da pista, quase sempre lotada. Com a música lenta, arriscava-se um tocar de rostos e, como as

calças eram folgadas, no término o rapaz tinha de disfarçar: “*a perna esquerda ficava mais um pouco esticada, meio de lado*”.⁷⁷⁴

Na década de 70 a sede foi transferida para outro local e o prédio ficou fechado longos anos. Na onda das Galerias, teve-se o intento de fazer dele um moderno Centro Comercial, com garagem subterrânea e corredores ligado à galeria *Hamburguesa*, mas venderam-no para uma Companhia de Seguros, na maior transação imobiliária até então registrada. No final dos anos 80, o presidente da Câmara dos vereadores (então prefeito em exercício) resolveu por bem desapropriar o prédio, tornando-o de utilidade pública. Quando o prefeito reassumiu seu posto, revogou o decreto. Ele seguiria os anos sem ser utilizado.⁷⁷⁵

Em frente à Ginástica foi construído o primeiro arranha-céu da cidade: o edifício Charrua. Ao lado deste, ficava a central telefônica, primeiramente num antigo prédio que cederia espaço a um edifício bem ao estilo modernista. Em frente, ficou a saída sul da galeria *Hamburguesa*, erguida na década de 70.

Na parte inferior da General Neto, ficava o Café Avenida, que deu farto estímulo para chamarem o local de “*esquina do pecado*”. O café que seria o mais famoso ponto de encontro hamburguense, foi erguido na década de 30. O primeiro proprietário, Eduardo Craemer, comprou o terreno das irmãs Koefel: “*o novo proprietário vai n’ella construir sumptuoso sobrado, onde installará moderno café, de um lado, e elegante salão de barbeiro, do outro.*”⁷⁷⁶

A recepção do estabelecimento foi tamanha que, em 1934, já fizeram a ampliação do prédio: “*o recinto do referido bar já se tornou muito pequeno para acolher o grande número de pessoas que costumam freqüentar esse modelar estabelecimento*”.⁷⁷⁷ As reformas, que dotaram-no de um espaço para restaurante, tornaram-se motivo de orgulho para os freqüentadores. A pintura das paredes, uma com fundo cor de rosa e outra verde, constituíram uma atração geral, equiparando o local “*às suas congêneres da capital do Estado e de outras localidades adiantadas*”.⁷⁷⁸ Um ano depois, o local passou a ser ponto de partida e chegada dos ônibus que faziam linha até

⁷⁷⁴ Aurélio Decker, JNH de 11 de Janeiro de 1981. Ver ainda JNH de 15 de Novembro de 1968 e 13 de Maio de 1987.

⁷⁷⁵ Ver JNH de 24 de Novembro de 1971, 28 de Dezembro de 1973 e 1º e 8 de Setembro de 1989.

⁷⁷⁶ JO5 de 12 de Dezembro de 1930.

⁷⁷⁷ JO5 de 9 de Novembro de 1934.

Porto Alegre. Dali também saía a baldeação, em ônibus especial, até Hamburgo Velho. Em frente ao Café Avenida tinha nesta época uma bomba de gasolina. Era o tempo em que se tropeçava nos bois que ali ficavam em descanso noturno.⁷⁷⁹

Em 1954, o restaurante anexo ao Café fechou suas portas devido à concorrência do restaurante Majestic, na mesma rua. A área que o abrigava foi locada para outros comércios, ficando a esquina como local exclusivo para o famoso cafezinho.⁷⁸⁰

No lado oposto ao Café Avenida, ficavam dois estabelecimentos que tornaram-se famosos. Um deles, a Casa Floriano, foi desde cedo revolucionária. Já em 1925, época em que os burros não conseguiam ultrapassar a profunda areia que se encontrava em frente à loja, ela admitia moças como balconistas, fato este que não era bem visto na época. A fama do estabelecimento era tamanha que tornou-se fonte de consulta para os demais comerciantes: a *“freguesia ostentava com muito orgulho o fato de comprar fiado na Hamburguesa (antigo nome fantasia), ou então, qualquer coisa o senhor pergunta lá pro seu Ebling”*.⁷⁸¹

O outro estabelecimento que se tornou famoso foi o Varejo Avenida. Ele revolucionou o comércio nos anos 50. Suas amplas vitrinas iluminavam a Pedro Adams Filho e a General Neto, mostrando a moda da época para o público feminino da cidade. A loja foi instalada num *“majestoso edifício de finas linhas arquitetônicas”*, erguido no lugar de um hotel. Apesar da beleza, a calçada não havia seguido o alinhamento, *“deixando assim uma saliência considerável, fazendo com que muitos pedestres toquem naquele obstáculo e tombem ao solo”*.⁷⁸² Mesmo assim, o estabelecimento passou a empregar vendedoras tidas como as mais bonitas da cidade: elas *“se confundiam com os manequins expostos nas vitrinas”*.⁷⁸³ Como do outro lado ficava o Café Avenida, local de concentração dos paqueradores da cidade, havia uma batalha de olhares e comentários cruzando a General Neto.

Ao lado dos dois estabelecimentos, quase em frente de onde seria a galeria *Hamburguesa*, foi construído o cinema *Lumière*. Em maio de 1953 ele inaugurou sua sala de exibição, tendo em cartaz o filme *“O maior espetáculo da Terra”* (do diretor

⁷⁷⁸ JO5 de 21 de Dezembro de 1934. Ver ainda JO5 de 14 de Dezembro de 1934.

⁷⁷⁹ Ver JO5 de 13 de Dezembro de 1935 e JNH de 31 de Janeiro de 1969 e 8 de Junho de 1978 (foto).

⁷⁸⁰ Ver JNH de 15 de Novembro de 1968.

⁷⁸¹ JNH de 29 de Agosto de 1985. Ver ainda JNH de 31 de Janeiro de 1969.

⁷⁸² JO5 de 23 de Março de 1956.

Cecil DeMille). Suas 1900 poltronas fizeram do local um ponto ímpar no cenário urbano. Ali os namorados se encontravam nas sessões de matinês ou nas sessões comprometedoras à noite, “*para retificar o beijo roubado na tarde de Domingo*”⁷⁸⁴. O fluxo de pessoas e veículos estacionados em fila dupla era tamanho que tornou-se constante as reclamações por parte dos moradores.⁷⁸⁵

Com estes estabelecimentos, e outros tantos que abrigaria, a General Neto seria a escolhida, em 1982, para transformar-se num calçadão. Era intento da edilidade restringir o acesso a algumas ruas centrais. A idéia tinha como mote principal diminuir o consumo de combustível. Achava-se que fechando o trânsito de veículos as pessoas passariam a utilizá-lo menos. A princípio, pensou-se em fechar a parte central da Pedro Adams Filho (entre as ruas Lima e Silva e General Neto). Como via de trânsito principal (ela atravessa a cidade), uma vez fechada, limitaria o crescente tráfego. Em 1977 confirmou-se a obra e a prefeitura iniciou instalando bancos e floreiras no espaço do estacionamento para acostumar a população com a nova área de lazer que ali surgiria. Um ano depois, o projeto já estava concluído: piso de basalto, canteiros para flores e folhagens, árvores já crescidas e telefones públicos. As obras deveriam ter início no mês de agosto, mas do Café Avenida veio opiniões contrárias. Para eles, o calçadão seria moda como tinha sido o chafariz, e como mostrar o carro novo na “esquina do pecado”? também não podia faltar o desdém do jornal. Numa charge, dois servidores públicos (caracterizados como colonos) colocam um sapato gigante (calçadão) na Pedro Adams Filho, pensando que era aquilo que o prefeito tinha pedido. Até o legislativo entrou em cena. Com a desculpa de haver consultado inúmeras pessoas, um vereador apontou que a General Neto seria o local mais indicado para ser feita a obra. Diante de tanta pressão, o calçadão foi engavetado...⁷⁸⁶

Passados cinco anos, com a troca de prefeitos, reacendeu-se a vontade de ter em Novo Hamburgo uma obra que tornava-se marco de várias cidades. Tão logo isto ocorreu, os lojistas da General Neto colocaram-se contrários, alegando que o comércio seria prejudicado com a queda no movimento. Desta vez não adiantaria muito. No final

⁷⁸³ JNH de 6 de Março de 1992. Ver ainda JNH de 15 de Novembro de 1968.

⁷⁸⁴ JNH de 13 de Setembro de 1982.

⁷⁸⁵ Ver JO5 de 1º de Julho de 1955 e 30 de Novembro de 1956.

⁷⁸⁶ Ver JNH de 24 de Janeiro e 14 de Outubro de 1977, 23 de Maio, 24 de Julho e 4 de Agosto de 1978 e 26 de abril de 1979.

de 1982 confirmou-se a instalação do primeiro calçadão de Novo Hamburgo na famosa rua. As obras iniciaram no ano seguinte.⁷⁸⁷

Durante a construção não faltaram opiniões, gracejos, reportagens, dúvidas, sugestões, expectativa, etc...

Pelo projeto, a General Neto seria revestida com piso de basalto e dotada de pequenas bancas construídas em concreto e madeira com telhas de barro, cabinas telefônicas, locais fixos para engraxates, postes de iluminação, floreiras com bancos, e tudo o mais.⁷⁸⁸

As opiniões divergiam. De um lado apoiava-se: *“calçadão é progresso, só vai ajudar a população e trazer vantagens ao comércio”*; se em Porto Alegre havia a “Rua da Praia” que, mesmo obrigando a todos estacionar longe do centro, aglomerava uma multidão todos os dias – *“tem gente que volta com torcicolo de tanto olhar os prédios e acha tudo lindo”* – e também tinha nas principais cidades européias, aqui também podia ter. Havia os contra: *“calçadão é obra de prefeito de cidade subdesenvolvida”*; não considerava-se a obra prioritária pois enquanto havia miséria nos bairros não cabia embelezar o centro; além disso não haviam consultado os comerciantes; consideravam por fim o calçadão como obra de pára-queda que vinham de fora e achavam-se donos da cidade.⁷⁸⁹

De certa forma, a idéia do calçadão já não fazia parte da vontade de diminuir o consumo de combustível. Ela inseria-se agora numa tentativa de humanizar o trânsito na área central, tão densamente urbanizada. Antes de ser uma obra estética, ele poderia ser considerado um primeiro passo na tentativa de substituir o privilégio dos carros pelo dos pedestres. Com o automóvel, todos se acomodaram. Todo motorista fazia questão de estacionar muito próximo à porta da loja, escola ou residência que pretendia ir. Andar mais do que alguns metros parecia crime. Numa cidade em que era necessário mostrar a opulência financeira, sendo o automóvel zero quilômetro símbolo primeiro, estacionar sem ser visto era heresia (havia os que utilizavam o sábado para lavar e dar brilho no veículo). Nesta paranóia coletiva, onde o automóvel era o dono das ruas, mais espaço

⁷⁸⁷ Ver JNH de 14 e 19 de Maio e 14 de Dezembro de 1982, 27 de Dezembro de 1983 e 4 de Janeiro de 1984.

⁷⁸⁸ Ver JNH de 28 de Março de 1984.

⁷⁸⁹ Ver JNH de 5 e 6 de Janeiro de 1984.

para as pessoas (mais árvores e flores, menos cimento e carros) era fundamental. Tal ato inverteria os valores já invertidos.⁷⁹⁰

Ainda que Novo Hamburgo fosse uma cidade pequena mesmo nos anos 80, comparando-a às grandes metrópoles, o trânsito já era intenso. As calçadas centrais tornavam-se estreitas e a desorganização e a falta de fiscalização traziam o pandemônio às ruas: caminhões a carroças interrompendo o trânsito, veículos mal estacionados ou parados em fila dupla, bicicletas na contramão, pedestres atravessando fora da faixa de segurança, etc.

Assim, o calçadão traria um novo ambiente social para uma área pseudo-militarizada. Ao invés da guerra no tráfego, haveria árvores, flores, iluminação, espaço para caminhar, bancos para sentar, pessoas para conversar, enfim, a General Neto seria uma rua voltada para o lazer.⁷⁹¹

Bem ou mal, o calçadão saiu do papel e tornou-se “a menina dos olhos” do prefeito, uma vez que ele visitava o canteiro de obras diariamente. Com os trabalhos quase concluídos, ele pessoalmente apelou aos comerciantes para que melhorassem as fachadas dos estabelecimentos: “*como o calçadão dará um novo realce ao centro, os proprietários poderiam se integrar ao espírito de novidade, pintando a fachada e melhorando os luminosos*”.⁷⁹² A idéia que se tinha era de criar um padrão pois já que o assunto era matéria vencida – “*a vaca tem que se acostumar aos trilhos*” – o local deveria ter estilo único para que não se transformasse num colcha de retalhos.

Apesar de quererem inaugurar o espaço no aniversário da emancipação do município, somente em 28 de Julho deu-se por entregue a tão falada obra, com uma festa digna da politicagem local; banda de música, atrações diversas, show, discursos...⁷⁹³

Obviamente, mesmo antes do tão esperado momento de entrega oficial à população, o calçadão já gerava críticas: “*a prefeitura precisa pensar numa solução*

⁷⁹⁰ Ver JNH de 18 de Janeiro de 1984.

⁷⁹¹ Ver JNH de 20 de Janeiro de 1984.

⁷⁹² JNH de 13 de Junho de 1984. Ver ainda JNH de 29 de março e 20 de Julho de 1984.

⁷⁹³ Ver JNH de 12 de Janeiro e 30 de Julho de 1984.

para o piso escorregadio em dias de chuva... pelo tipo de lajota, extremamente escorregadia, várias pessoas caíram ao transitar por ali".⁷⁹⁴

Como não poderia deixar de ser, a General Neto, outrora uma rua famosa, foi rebatizada devido à nova aparência. Sugeriu-se o nome de Tancredo Neves, "*a exemplo do que está acontecendo em outras cidades*"⁷⁹⁵, mas o que ficou mesmo foi Osvaldo Cruz. Até nisso fez-se críticas: "*o calçamento nada mais é do que o produto de adaptação de uma rua ao uso exclusivo de pedestres... não vejo razão para rebatizá-lo*".⁷⁹⁶

Passados quinze anos da inauguração, já se cogitava de reformar o espaço. Um *designer* local propôs a troca do piso por um anti-derrapante e a construção, entre as floreiras, de *cafés-bistrôs*, "*à semelhança dos que existem em Buenos Aires e Paris*".⁷⁹⁷ Na esteira da mudança, os comerciantes continuaram exigindo que a rua fosse aberta para os veículos, mas sem serem ouvidos.

A rua General Neto transformou-se junto com os anseios locais. Foi-se o tempo dos encontros na Ginástica, da conversa no Café Avenida, das sessões no cinema *Lumière*, dos passeios nas galerias. Muitas coisas desapareceram, e o passado foi cada vez mais lembrado: "*na frente da Ginástica nem rua tem, e naquele tempo havia*".⁷⁹⁸

12.2. "Aquela rua em Novo Hamburgo"

Um cronista local escreveu: "*certa vez me apaixonei por uma rua e levei um quarto de século para conhecê-la... foi depois que li 'Aquela rua em Paris', de Eliot Paul... ali se amava e se sofria, o sol de agosto dourava suas calçadas gastas pelos séculos e a neve de dezembro se espalhava sobre as pedras polidas do leito*".⁷⁹⁹ Ao invocar a rua que conheceu primeiramente pela literatura e depois pessoalmente, ele a comparou com a General Neto: "*aqui, na minha cidade, apaixonei-me há muito tempo pela ruazinha de uma quadra, enfiada no coração de Novo Hamburgo, onde ainda hoje todo mundo marca seus encontros e desencontros... é a ruazinha que conheci como General Neto*".⁸⁰⁰

⁷⁹⁴ JNH de 13 de Julho de 1984.

⁷⁹⁵ JNH de 30 de Abril de 1985.

⁷⁹⁶ JNH de 12 de Março de 1993.

⁷⁹⁷ JNH de 10 de Maio de 1999.

⁷⁹⁸ JNH de 23 de Janeiro de 1984.

⁷⁹⁹ JNH de 24 de Abril de 1984.

⁸⁰⁰ JNH de 28 de Maio de 1996.

Uma rua, para ser apaixonante, precisa ter suas peculiaridades, e isto a General Neto sempre teve de sobra, quer sendo rua, quer sendo calçada: “*através dele se espia a cidade e se fica sabendo de todas as novidades... caminhamos para transformá-lo numa imitação da Calle Florida de Buenos Aires, ou da rua do Ouvidor, no Rio*”.⁸⁰¹

Na General Neto encontrar-se-iam algumas figuras anônimas, mas de extrema importância: o doutor Casemiro, que morava no Hotel Deppe e varava madrugadas em seu consultório; também sua fiel enfermeira Magdalena; o advogado Antônio Bemfica Filho, que vivia apontando a miséria do mundo com vistas ao parlamento; Arnaldo Schimitz, da Casa Real de Móveis, sujeito de pequena estatura e personalidade ímpar; o Rudi da banca de revistas ainda do tempo do Abrigo Municipal; o Finck do Luna Bar; o Omar Guerreiro do Café Avenida; o Nilo Muller e o Ivo da alfaiataria; o Daltro Dala Barba, exímio cobrador – “*o último pedido do devedor: não põe minhas duplicatas no Daltro*”; o Bender do Salão Fígaro (este colocou uma porta de baixa altura em sua barbearia : “*dizem as más línguas que é para impedir a entrada do Milton Cassel*”); o Alfeu Klein, que animava carnaval, festa popular, aniversário, casamento e até velório; entre outros.⁸⁰²

Para além das figuras típicas do lugar, haviam estabelecimentos que construíram a história da *General Neto* nas décadas de 40, 50 e 60: a sede social da “*Veterana*”, que animou gerações sucessivas; o cinema *Lumière*, que reunia a “*fina flor da sociedade hamburguense*” nas suas noites de gala, etc.

Talvez o mais importante ponto da rua tenha sido mesmo o Café Avenida. Ele foi um ambiente obrigatório para o hamburguês, durante vários anos: “*chega a ser uma espécie de bolsa de Novo Hamburgo... são feitos negócios, negociatas, picaretagens, coisa séria e brincadeira, de tudo um pouco*...”⁸⁰³ Inaugurado na década de 30, logo passou à ser um ponto estratégico para saber o que ocorria na cidade. Como o jornal em Novo Hamburgo era semanal, o local era a fonte de informações. Por isso, durante anos seguidos, foi o local mais conhecido e freqüentado. Nele se formavam governos, se elegiam diretorias, se discutia questões importantes ou banais, se reuniam velhos e moços, patrões e operários, ricos e pés de chinelo. Nele iam todos os sábios apedeutas,

⁸⁰¹ JNH de 26 de Novembro de 1996.

⁸⁰² Ver JNH de 10 de Maio de 1967 e 21 de Maio de 1996.

⁸⁰³ JNH de 15 de Novembro de 1968.

os estrategistas de mesa-de-café, os pseudo-literatos, críticos de arte, enfim, todos aqueles indivíduos que absolutamente nada entendiam do tema de suas conversas.⁸⁰⁴

Na década de 40 e 50, o Café Avenida foi espaço perfeito para o cronista Ercílio Rosa ver e descrever a cidade. Ali era o local próprio para os indivíduos exporem seus sentimentos, aspirações e idéias, “*no calor de dois ou três aperitivos*”.⁸⁰⁵ Do Café ele descreveria Rodrigo, o velho poeta, que chegava sempre na hora do clássico aperitivo, oferecendo suas poesias em troca de algumas moedas, ou a “dama das 18 horas”, que passava numa pontualidade britânica.⁸⁰⁶ Uma visita ao Café Avenida seria assim descrita...

“Entrei no café como quem não queria nada, e não queria nada mesmo. Distraído, como um curioso em férias, relanceei os olhos através da fumaceira de cigarros que se enrolavam no ar. Gente exteriorizando sentimentos vários, esfregavam-se nas mesas, enquanto o garção serpenteava entre pernas e cadeiras, na ânsia de atender todos ao mesmo tempo. Furando o som característico do chacoalhar das xícaras misturado com o vazeiro, se distinguem pedaços de conversa surgidos de todos os lados. Olhando longe, caminhei vagarosamente entre as mesas e fui separando as palestras. A maioria ‘salvava’ o país... Uns opinavam pelo loteamento simples e puro; outros achavam ser necessária umas vassouradas em regra; outros mais eram de opiniões que com Brisa era difícil a solução... Eram os grupos entendidos em política... E ali no canto, o futebol se desenvolvia em toda a sua grandeza popular. Mais além lamentava-se a ausência do dinheiro, de crédito, de seriedade, de tudo... E eu, sem querer nada, fui atravessando o borborinho regurgitante e continuava ouvindo fracções de conversas: patrões queixando-se dos empregados e empregados queixando-se dos patrões... Funcionários de todas as classes, discutindo reivindicações de aumento de ordenados. Saí como havia entrado: sem querer nada e distraído como curioso em férias...”⁸⁰⁷

Para Ercílio Rosa, não só o Café Avenida era importante, mas a calçada em frente a ele era especial: “*esta esquina é o coração da cidade... é a esquina das reivindicações... é desta esquina que se distribuem as notícias, e que se discutem as pequenas e grandes cousas...*”⁸⁰⁸

Já na época do cronista, o proprietário era Omar Guerreiro. Em 1957, ele havia realizado algumas reformas no local: “*tem agora um balcão refrigerador com todos os requisitos de higiene, que serve de depósito para as iguarias e especialidades, a fim de bem servir sua numerosa freguesia*”.⁸⁰⁹ Neste tempo era pouco comum senhoras e senhoritas sentarem-se à mesa do café. Ali era um local predominantemente masculino:

⁸⁰⁴ Ver JO5 de 18 de Fevereiro de 1944 e JNH de 15 de Novembro de 1968.

⁸⁰⁵ JNH de 11 de Março de 1966.

⁸⁰⁶ Ver JO5 de 23 de Fevereiro de 1951 e 25 de Setembro e 3 de Outubro de 1952.

⁸⁰⁷ Ercílio Rosa, 7 de Agosto de 1959.

⁸⁰⁸ JO5 de 5 de Dezembro de 1958.

⁸⁰⁹ JO5 de 18 de Janeiro de 1957.

*“Acontece que os rapazes resolveram brincar de telefone... isso é, uma réplica do ‘brinquedo de comadre’ das garotas... arranjaram um telefone colorido e vivem fingindo que estão falando com alguém... o Café Avenida entrou de gaiato e se justifica... é o clube dos homens e qualquer folguinha a concentração é no cafezinho”.*⁸¹⁰

Na década de 70, o Café Avenida tornou-se palco para a mudança de costumes. O “Clube do Bolinha” que somente abrigava senhores e jovens que lá iam para ficar sabendo das últimas notícias sobre futebol, política, opiniões sobre a cidade, etc.⁸¹¹, viu seu território ser invadido...

*“Domingo à tarde um grupo de jovens de nossa sociedade resolveu experimentar a emoção de sentar à mesa das fofocas do Café Avenida e saborear um gostoso cafezinho. Gostaram tanto que deixaram o seguinte bilhete em poder de Luíza: que o exemplo destas duas jovens sirva para as demais jovens de nossa cidade. Que todas elas venham também sentar nesta mesa, a mesa das fofocas. Luíza ficou tão entusiasmada e resolveu estabelecer um horário só para as jovens. No referido horário colocará um vaso com flores para indicar aos barbados que é o horário feminino.”*⁸¹²

Na esquina do Café também seriam vistas as primeiras mudanças da moda. numa charge, aparece uma moça passando de saia comprida e ninguém dando-lhe bola; quando ela reaparece com uma mini-saia, todo mundo surpreende-se e assalta-lhe com os olhos.⁸¹³

Nos anos 80 e 90, a agitação urbana ameaça o tempo gasto com o cafezinho. O Café Avenida sobreviveria pelas notícias ou piadas ali produzidas. Apesar do café custar mais caro que nos outros locais, o freguês podia ouvir temas que passavam da política à pescaria ou da falência de empresas à situação nacional. Um comentário sobre a venda de chairas para o Chile e Paraguai era motivo para alguém concluir: *“vão servir para afiar as baionetas dos regimes fortes destes dois países”*. Se um falasse que precisava arranjar trajes de colono para uma comemoração, da outra mesa já se comentava: *“pra que fantasia? vai assim mesmo que já está bem caracterizado”*.⁸¹⁴ O Café poderia ser considerado um verdadeiro ponto de convergência de todos. Poder-se-ia ouvir, nas mesas, conversas em diversos idiomas: *“numa um grupo discutia em árabe, em outra hamburguenses debatiam em alemão, numa terceira um grupo em*

⁸¹⁰ JNH de 10 de Junho de 1961. Ver ainda JNH de 3 de Setembro de 1960.

⁸¹¹ Ver JNH de 1º de Abril de 1970.

⁸¹² JNH de 17 de Abril de 1970.

⁸¹³ Ver charge em JNH de 8 de Maio de 1970.

português”.⁸¹⁵ Os comentários e boatos surgidos ali eram muitas vezes tão verídicos que davam margem à observações do tipo: “*nenhuma notícia surgida no Café Avenida até hoje foi desmentida... falou no Café Avenida, tá falado*”, ou a piada que o próprio Omar Guerreiro iam requerer o registro como a agência de notícias, com direito autoral e tudo o mais. Seria o *Avenida-press*.⁸¹⁶

Afora o Café Avenida, a General Neto transformou-se com a construção do calçadão. Na década de 80, ela firmou-se como espaço de sociabilidade local, principalmente aos sábados. O fluxo de pessoas era impressionante aos sábados de manhã; a impressão que se tinha era de se estar em meio a centenas de milhares de transeuntes, tal como na “Rua da Praia” ou até em alguma avenida de Amsterdã: “*não existem muitas cidades tão aloucas como a nossa nas manhãs de sábado*”.⁸¹⁷ Se os dias da semana eram praticamente iguais, no sábado o calçadão brilhava como um palco: crianças patinavam, jovens namoravam, moças passeavam, anciãos conversavam, etc. Muitas eram as atrações: banda de música, shows diversos, brique, bares com mesa na rua, decoração própria em épocas festivas, e tudo o mais para atrair.⁸¹⁸

Com a construção do calçadão, a rua General Neto ganhou ares de rua metropolitana. Sua modificação agradou: “*ficará lisa como popô de nenê... há quem sugira que se coloquem escarradeiras em pontos estratégicos para que não se cuspa no calçamento lustroso, e se distribua recipientes para a coleta do lixo, e se ponha fiscais para punir os faltosos*”.⁸¹⁹ Decididamente, o calçadão entrou no cotidiano da cidade.

12.3. A rua das verdades.

Como rua metropolitana, a outra face da cidade mostrou-se na General Neto. Os problemas e perigos, típicos do desenvolvimento mal administrado, fizeram-se acompanhar pela beleza do local. Se a obra do calçadão atraía a todos, não poderiam faltar os despossuídos. “*Aquela rua em Novo Hamburgo*” tornava-se palco da nova ordem...

⁸¹⁴ Ver JNH de 26 de Setembro de 1980, 12 de Outubro de 1983 e 10 de Novembro de 1989.

⁸¹⁵ JNH de 7 de Fevereiro de 1991.

⁸¹⁶ Ver JNH de 3 de Novembro de 1989 e 2 de Março de 1990.

⁸¹⁷ JNH de 27 de Setembro de 1994.

⁸¹⁸ Ver JNH de 22 de Maio e 5 de Novembro de 1984, 18 e 31 de Dezembro de 1985 e 20 de Dezembro de 1995.

⁸¹⁹ JNH de 24 de Abril de 1984.

Para o comércio, o fechamento da rua em 1984 não foi algo bem quisto. Ainda com a mentalidade de que para o cliente era necessário estacionar bem em frente ao estabelecimento, os comerciantes acreditavam que uma rua sem trânsito ou estacionamento era sinônimo de vendas decrescentes. Apesar de um tanto frágil, pois as galerias que fizeram tanto sucesso na década de 70 eram de uso exclusivo de pedestres, esta argumentação seria utilizada no passar dos anos para justificar a queda no movimento e no nível da clientela. A bandeira pela abertura parcial da rua (pleiteavam uma via de 3 metros de largura) continuou de pé nos anos 90, mesmo sem êxito.⁸²⁰

Outras questões, muito mais embricadas e complexas, fizeram do calçadão na *ex-General Neto* um local degradado. O problema maior situou-se, por um lado, no quase abandono por parte dos poderes competentes, e, por outro, na falta de atrativos locais. A rua tornou-se um mero local de passagem.

O racionamento de energia elétrica, imposto em âmbito nacional, começou pelo calçadão. Somente parte da iluminação era utilizada. Uma simples falta de água no centro fez dele local de abastecimento. A situação precária na segurança atingiu o comércio. Algumas lojas passaram a vender de portas fechadas, tal o assédio dos menores abandonados que faziam verdadeiras “*excursões*” nos estabelecimentos. Nas floreiras foi encontrado um pé de maconha de aproximadamente três meses e já medindo 1,5 metros. O espaço tornou-se local propício à prática de *skate* ou patinação, o que incomodava os pedestres. Na face oeste, bem na praça, os travestis circulavam com atitudes obscenas, trazendo perturbação ao local. De cima abaixo, os menores e mendigos transitavam: “*uma doente mental ficou totalmente nua, andando com uma corrente na mão e tentando acertar os automóveis*”.⁸²¹ O assédio infantil por uma esmola era feito por meninos e meninas da própria cidade.

Ainda na época da construção, o calçadão geraria muitos comentários e opiniões divergentes...

“O calçadão é muito importante para o comércio pois ele se torna o ponto quente do centro da cidade. O centro foi enriquecendo e o pó diminuiu... O Calçadão foi muito bem concebido e dará um certo ar de grandeza à cidade. Mas se ele nasceu certo, deverá continuar assim, limpo e casto... deve ser cuidado para que as pragas não tomem conta: camelôs, entregadores de panfletos, mendigos, bicicletas e patins... O Calçadão trará

⁸²⁰ Ver JNH de 7 de Janeiro de 1988 e 10 de Maio de 1999.

⁸²¹ JNH de 24 de Junho de 1991. Ver ainda JNH de 22 de Janeiro de 1985, 9 de Janeiro de 1986, 2 de Março de 1990, 1º de Outubro de 1991, 18 e 19 de Agosto de 1994 e 26 de Julho de 1995.

consigo novos hábitos à cidade, tornando-se um ponto de encontro para amigos terem o seu bate-papo... É um desperdício de dinheiro para satisfazer um capricho do prefeito. O Calçadão ficou bonito, um verdadeiro cartão de visitas, mas, não seria interessante termos uma cidade sem casebres e mendigos? Bastaria colocar flores sobre o asfalto... A iluminação, apesar de bonita, é fraca...”⁸²²

Se décadas antes da inauguração da obra, a General Neto foi um dos locais finos da cidade, onde as “*distintas*” e “*snoobs*” botavam suas melhores roupas quando iam ao centro, o novo espaço tornou-se imã para os marginais e desocupados.⁸²³

Sentiu-se a falta dos ditos “*cidadãos*” pela própria falta de atrações no local...

Se antes havia o trânsito intenso de veículos, trazendo a poluição, com a obra o local passou a atrair bares que fizeram-se acompanhar pela confusão das mesas e pelos freqüentadores muitas vezes atrevidos: “*torna-se impossível transitar por lá... se não bastasse a falta de espaço, ouve-se piadinhas.*”⁸²⁴

Ainda em 1982 fechou o cinema *Lumière*. Quando inaugurado, em 1950, ele atraía uma multidão. Quando cerrou as portas, já eram poucos os freqüentadores. De filmes famosos, passou à exibir produções medíocres. Ao invés do cinema, o local passou a ser uma grande loja de departamento...

“os suspiros arrebatados dos namorados foram substituídos pela expectativa dos balconistas no afã de aumentar seus rendimentos. O escurinho conivente com os namorados foi desvendado por potentes conjuntos luminosos. A poesia deu lugar ao prosaico, os heróis abandonaram a tela para sempre.”⁸²⁵

Do intenso trânsito, das produções famosas, da carrocinha de pipoca e dos vendedores de maça proibidos de trabalhar, só restou o nome inscrito em letras antigas, acimentado no 2º andar da fachada principal.⁸²⁶

Outro prédio famoso que deixou seqüelas na atração local, foi o da sede social da SGNH. Anos passaram sem nada ser feito ali. Apesar de ter sido reformado – pintaram-lhe de azul celeste com janelas azul-marinho – o local tornou-se ponto de

⁸²² JNH de 20 de Julho de 1984.

⁸²³ Ver JNH de 16 de Maio de 1984.

⁸²⁴ JNH de 18 de Setembro de 1985. Ver ainda JNH de 9 de Dezembro de 1987.

⁸²⁵ JNH de 13 de Setembro de 1982.

⁸²⁶ Ver JO5 de 1º de Julho de 1955 e JNH de 24 de Novembro de 1967, 14 de Outubro de 1977 e 29 de Março de 1984.

encontro sexual: “*plataforma de um candidato... transformar o prédio no mais moderno e central motel do Vale... e a pedido dos usuários anônimos*”.⁸²⁷

Houve ainda uma atração posta no calçadão que gerou discussão na cidade inteira. Entre o prédio da SGNH e o da comunidade luterana, um muro pertencente à última foi cedido em 1987 para que alguns artistas locais expressassem seus talentos, quebrando a frieza imposta por tanto concreto e visando embelezar o local. Ao invés de pintarem-no com paisagens agradáveis, como tanto desejavam aqueles que prezavam pela falsa estética, os artistas fizeram ali uma manifestação em favor da vida, um grito contra a morte do Rio dos Sinos. O muro saiu de sua acidentada insignificância e passou a ser olhado e debatido. As farpas rolaram soltas no jornal e foram motivo de discussão nas rodas de conversa.

De um lado, os críticos da arte denunciante: “*deve-se limpar o muro e contratar gente com mais beleza no coração e pureza na cabeça... algum tempo ali, tentando decifrar a mensagem que pretenderam transmitir, nada encontramos de positivo... a sensação foi de mal-estar... se alguém conseguir decifrar aquilo teremos os mais feios e pornográficos palavrões*”.⁸²⁸ Obviamente, numa cidade que prezava pela industrialização, uma obra-prima sem conteúdo ideológico ou crítico seria mais conveniente. A consciência ecológica não deveria estar na pauta, pois as empresas poluidoras, cujos proprietários eram os “*nobres e influentes*” cidadãos, a muito custo e muito tardiamente instalaram tratamento de efluentes. O discurso dizia que não era com passeatas, pichações de muro, palestras e outras intelectualidades que se remediaria a situação. A culpa da poluição não era das empresas e sim dos consumidores.⁸²⁹

À favor do muro estavam aqueles que queriam justamente isto: procurar um impacto para a conscientização geral. O muro tornou-se o símbolo da luta ecológica. Numa de suas pontas aparecia o rio bonito, em harmonia com a natureza, como era nos primeiros tempos. A medida que acompanhava-se a pintura, via-se o retrato da poluição. Na ponta extrema tinha-se esqueletos simbolizando a morte. A argumentação principal foi de que, apesar do intenso debate que se vinha travando, tudo continuava igual. A

⁸²⁷ JNH de 17 de Maio de 1985. Ver ainda JNH de 10 de Setembro de 1996.

⁸²⁸ JNH de 12 de Junho de 1987.

⁸²⁹ Ver JNH de 19 de Julho de 1987.

única coisa que mudava era o rio, cada vez mais pastoso, fedorento e podre, num prelúdio da própria morte.⁸³⁰

Numa enquete realizada, acentuou-se a polêmica do muro. Enquanto uns achavam que a obra era um pouco exagerada para ser exposta num calçadão tão bonito, outros via nela um retrato da realidade, algo necessário para que todos conscientizassem-se do meio-ambiente e como uma tomada de providência para salvar o rio.⁸³¹

Os mais comedidos concluíram que realmente não dava para viver na ilusão de que o rio ainda era lindo, caudaloso e poético. Ele estava morrendo e ainda havia tempo para salva-lo. Acreditavam ainda que a morte biológica era devido a um processo inerente ao próprio desenvolvimento... *“Negar que a humanidade, como um todo, optou pelo conforto generalizado desde o automóvel até o universo de plástico é ignorância. Usamos adoidadamente as adoráveis cacarecadas que o mundo moderno oferece, sem pensar nos detritos, para onde vão, que males causam.”*⁸³²

Diante da polêmica, as autoridades silenciaram. A consciência pesava não só pelo “*mar de piche*” que cobria a cidade⁸³³, mas pelo próprio problema que se arrastava por sucessivas administrações. Já nas décadas de 30 e 40, o arroio servia para transportar as águas poluídas. Nos dias de “*cancula*” era insuportável o “*fétido*” que emanava dele. O mau cheiro era causado não só pelo detritos das fábricas e curtumes, tornando “*as águas putrificadas*” e “*despendendo irrespirável athmosfera*”⁸³⁴, mas também das patentes que despejavam direto nas sarjetas: “*quem penetra na rua sente a sensibilidade olfativa ferida pelo fedentino*”.⁸³⁵ O cheiro vindo do canal era nauseabundeante. A reivindicação por uma rede de esgoto decente acentuava-se com o excesso de chuva. Os bueiros não venciam a quantidade de água e irrompiam facilmente.⁸³⁶ A questão da poluição, seja industrial ou residencial, era vista não sob o prisma da contaminação e degradação do rio, mas só pelo fato de exalar mau cheiro numa cidade que crescia e se queria moderna.

⁸³⁰ Ver JNH de 15 de Junho de 1987.

⁸³¹ Ver JNH de 17 de Julho de 1987.

⁸³² JNH de 22 de Julho de 1987.

⁸³³ Ver JNH de 25 de Julho de 1987.

⁸³⁴ Ver JIN de 8 de Julho de 1931 e JO5 de 27 de Fevereiro de 1931.

⁸³⁵ JO5 de 10 de Julho de 1931.

⁸³⁶ Ver JO5 de 10 de Março de 1933, 18 de Janeiro de 1957 e 26 de Fevereiro de 1960 e JNH de 28 de Janeiro de 1961.

“Os curtumes em tempos idos estavam localizados longe dos pontos de maior intensidade populacional, devido ao cheiro acre e pouco agradável. Hoje alguns se viram instalados em pleno centro. Muitos deles estão transferindo suas instalações novamente para bem longe da área populacional.”⁸³⁷

Assim como não se queria o mau-cheiro, os mosquitos também não eram bem vindos. Como Novo Hamburgo cresceu ao longo do arroio e o transbordamento deste fazia das margens uma verdadeira sanga, os “*insectosinhos enfadonhos*” proliferavam-se enormemente. Na década de 40, a edilidade adotou medida para exterminá-los, como a remoção do lixo em latas fechadas e fossas sépticas para as residências, mas sabia-se que era na estruturação das águas pluviais e do esgoto que encontrava-se a maior dificuldade. O problema só foi eliminado de vez com o avanço da urbanização sobre o arroio, já nos anos 50 e 60.⁸³⁸

Na polêmica da pintura do muro do calçadão não faltou a opinião científica...

“Um estudo de um engenheiro florestal afirma que o asfalto em demasia e grande quantidade de locais concretados, estão auxiliando na morte do rio dos Sinos. A impermeabilidade em nossa cidade tem sido uma ambição do progresso. Deseja-se ordem, limpeza, fluidez do trânsito, enquanto grandes áreas cobertas com cimento são símbolo de luta vencida. Tendo o orgulho como guia e o controle da situação como argamassa, gasta-se dinheiro público e privado em obras de efeitos questionáveis. Impermeabilizar a cidade é cobrir ruas com asfalto, é cimentar passeios públicos, pátios e estacionamentos. É construir sempre mais. É canalizar arroios e drenos de tal forma que a água perca totalmente o contato com a terra e corra para o rio. Com a grande impermeabilização, a água da chuva é coletada com rapidez, penetra o sistema de drenagem, e faz com que os drenos estejam sempre atulhados e o alagamento das ruas seja uma constante. A substituição dos canos com dimensões maiores passa a ser rotineiro. O rio, desconectado de seus órgãos de limpeza, passa a ser um mero canal de transporte de águas, sem alterar sua qualidade pelo caminho. O rio está praticamente morto e sem condições de renovação.”⁸³⁹

Como não poderia deixar de ser, todas esta discussão acabou sem ação concreta. O muro foi pintado de branco e o rio continuou morto...

A última atração que deixou de existir no calçadão foi o Café Avenida. Como espaço aberto à todos, o estabelecimento seria palco para os mais diversos personagens urbanos. Em 1960, já era assustador o número de engraxates que passava defronte o Café. Com a construção do calçadão, os garçons passaram a ameaçá-los com o recolhimento da caixinha, para que não atrapalhassem a beleza local. As cenas mais tórridas davam-se ali: “*Uma menina de 16 anos, conhecida por Alemoa, teve de ser*

⁸³⁷ JNH de 24 de Fevereiro de 1961.

⁸³⁸ Ver JO5 de 20 de Março de 1931, 7 de Junho de 1940 e 18 de Dezembro de 1942 e JNH de 5 de Janeiro de 1963 e 24 de Janeiro de 1964.

⁸³⁹ JNH de 15 de Julho de 1987.

retirada do Café Avenida por policiais, onde se refugiou depois de ficar dopada ao cheirar cola.”⁸⁴⁰ Os próprios habitantes noturnos trouxeram ao local mais insegurança. Com o funcionamento à noite, pôde ser visto todo o degrado da sociedade: travestis bolinando e sendo bolinados, bêbados vomitando, menores dopados, desocupados gritando palavrões, batucadas e cantorias noite adentro...⁸⁴¹

Como agravante, o tempo gasto em tomar café e conversar com amigos tornou-se escasso nos anos 80 e 90. O Café Avenida fugiu do fim a que se destinava e entrou em dificuldades financeiras. Como o prédio era alugado, a renda tornou-se insuficiente para manter as portas abertas. Houve boato de que um empresário pretendia adquirir o ponto para mantê-lo aberto, como símbolo de um empreendimento que tornara-se de domínio público. Mas uma piada surgida no próprio Café refletia a real mentalidade dos locais: “*como foram as vendas na Fenac? Muito boas, vendi minha D-20 e dois terrenos em Tramandaí*”.⁸⁴²

Em 26 de dezembro de 1995 o mais tradicional ponto de encontro da cidade cerrou suas portas para nunca mais abrir. O proprietário, Omar Guerreiro, abriu uma cafeteria a poucos metros do local original, mas mesmo com a fiel frequência dos clientes, em menos de um ano estava novamente em dificuldades para pagar as despesas. A magia do local ficou no antigo prédio. Uma das principais atrações do calçadão na ex-*General Neto* cedeu seu espaço para uma loja de eletrodomésticos.⁸⁴³

Em 1980, alguém imaginou como seria o Café Avenida no ano 2000. Sua descrição foi bastante detalhada: as velhas mesas de mármore e pernas carcomidas seriam trocadas por balcões de fórmica; os novos frequentadores seriam pessoas sem poesia nem tempo para amizades; o chão seriam reluzente e sem pontas de cigarros. Sua perspicácia foi exata, mas o local não seria mais no calçadão. Os frequentadores do Café Avenida, e do próprio calçadão, passariam a se encontrarem no *Shopping Center*...

⁸⁴⁰ JNH de 28 de Julho de 1986

⁸⁴¹ Ver JNH 22 de Outubro de 1960, 5 de Novembro de 1984 e 20 de Abril de 1991.

⁸⁴² JNH de 10 de Agosto de 1995. Ver ainda JNH de 28 de Março de 1984, 15 de Janeiro de 1993 e 19 de Novembro de 1994.

⁸⁴³ Ver JNH de 29 de Dezembro de 1995, 12 de Abril e 26 e 27 de Novembro de 1996 e 19 de Maio de 1998.

13.

O Shopping Center *NovoShopping*

“Uma ilha de consumo no coração da cidade”⁸⁴⁴

A cidade de Novo Hamburgo sempre se entusiasmou com grandes empreendimentos, e o Shopping talvez tenha sido aquele que mais centrou as atenções. Sua construção até que foi rápida, mas longos anos se passaram até poder abri-lo ao ávido público consumidor. A cidade parecia predestinada a ver o trem do progresso passar, sem nada poder fazer...

Com a abertura, a população acorreu em massa; todos queiram ver a grandiosa obra que tinha despertado tanta curiosidade durante tantos anos. Lá dentro, o ambiente era um mundo completo de sonhos e fantasias: lojas com vitrinas espetaculares, decoração sem precedentes, nada de calor ou frio, nem mendigos ou ladrões, etc. O local era perfeito para passear com a família, flertar para futuros encontros, conversar com amigos... O Shopping deveria ser o espaço da comunidade, mas não de todos, e sim daqueles que iriam ali para gastar.

O mundo real deveria ficar lá fora; os frequentadores do Shopping não queriam voltar de um sonho tão bom, de um lugar onde a fantasia reinava absoluta...

13.1. Uma longa espera...

Quando demoliram o *Pombal*, no início dos anos 70, o assim denominado ex-abrigo de ônibus que se localizava em plena praça *14 de Julho* (Imigrantes), pensou-se

⁸⁴⁴ JNH de 21 de Outubro de 1993.

que ali surgiria um moderno *Shopping Center*, trazendo enorme benefícios à comunidade, uma vez que o comércio apresentava-se pouco centralizado. Entretanto, as galerias, construídas no início dos anos 70, suprimiram tal deficiência. O futuro centro de compras sairia da área central. Sua instalação deu-se a aproximados 500 metros do coração da cidade. Mesmo tão próximo, o novo espaço se localizou fora do centro, já no bairro Rio Branco, do outro lado do valão (arroio Luiz Rau).⁸⁴⁵

Apesar da barreira natural (arroio) e do leito do trem nas décadas de 50 e 60, a movimentação centro-bairro era deveras alta. Isto porque, com a construção da Rodovia Federal (mais tarde BR-116), ele passou à ser um corredor de passagem para aqueles que entravam ou saíam de Novo Hamburgo via veículo automotor. Também ali se localizou a rodoviária inter-municipal.

Se até os anos 20 e 30 ainda era possível fazer piqueniques na beira do arroio, sentado na vasta sombra ali existente, ou caçar passarinhos com fundas e escopetas (era o tempo em que aqueles que ali viviam eram conhecidos como *brazilianer*, por isso a antiga denominação de *Mistura*), com a retirada dos trilhos do trem na metade dos anos 60, a urbanização avançou ferreamente, unindo definitivamente Rio Branco e Centro.⁸⁴⁶

Assim, como frontispício da comuna, onde esticavam-se “*bojudos bungalôs e casinhas simples*”, onde os terrenos eram invadidos por “*fábricas de todo o tamanho*”, onde “*multidões heterogêneas*” confundiam-se “*na luta comum*”, o bairro Rio Branco tornou-se movimentado e extremamente importante desde cedo.⁸⁴⁷

Em 1979 veio a público o ante-projeto de um Centro de Compras a ser construído na quadra formada pelas ruas Joaquim Nabuco, Imperatriz Leopoldina, 5 de Abril e avenida Nações Unidas (arroio). A construção ocuparia praticamente toda a quadra, ficando somente alguns lotes de fora. Pelo projeto inicial haveria blocos de edifícios. Um deles, com 8 andares, seria reservado a escritórios. Os demais, com 6 andares, serviria aos demais estabelecimentos comerciais. Em todos os blocos haveria um andar para estacionamento.⁸⁴⁸

⁸⁴⁵ Ver JNH de 31 de Janeiro de 1968 e 21 de Julho e 8 de Setembro de 1971.

⁸⁴⁶ Ver JO5 de 24 de Julho e 4 de Setembro de 1959 e JNH de 25 de Novembro de 1981.

⁸⁴⁷ Ver Ercílio Rosa em JNH de 3 de Dezembro de 1965.

⁸⁴⁸ Ver JNH de 17 de Julho de 1979 e 27 de Junho de 1980.

O projeto se arrastou alguns anos até ser dado início à construção. Em 1982, refez-se a idéia inicial. O novo plano previa a construção de um prédio de 4 pavimentos que ocuparia todos os terrenos de frente para a avenida, sendo que o térreo e o primeiro andar seriam para as galerias e lojas e os outros dois andares para estacionamento. Nos lotes de face para a rua Imperatriz Leopoldina ficariam o acesso ao estacionamento e o edifício de 10 andares com elevador panorâmico. A construção da área reservada às lojas e ao estacionamento foi logo atacada. A do edifício, ficou-se nas fundações.⁸⁴⁹

Em final de 1985, a obra estava praticamente pronta. Faltavam alguns detalhes como vidros, ferros e equipamentos. Do projeto inicial, com 20 mil m², fez-se um gigantesco complexo de concreto e aço de 39 mil m². Na entrada pela avenida, tinha-se a praça principal, envolta por escadas rolantes e escadarias fixas revestidas de mármore e iluminada por uma clarabóia de 600 m². Na entrada norte tinha-se o espaço para uma das lojas âncoras e, em seguida, a praça secundária que guardava uma grande escultura de um artista local. Ao mesmo tempo em que erguia-se tão grandiosa obra pela iniciativa privada, a prefeitura contribuiu, construindo um calçadão em frente à ela. A obra municipal, feita por sobre o arroio Luiz Rau, serviria para ligar ambos os lados da avenida Nações Unidas, melhorando para os pedestres o tráfego entre Centro e Shopping. Apesar do tempo recorde para a construção, ambos demoraram anos para ser inaugurados.⁸⁵⁰ Mesmo praticamente acabados, postergava-se a entrega. Por um lado, a Incorporadora atravessava momentos difíceis, chegou à pedir concordata. Por outro, o prefeito queria inaugurar ambas com dignidade: “*nós faremos isto para que Novo Hamburgo seja respeitável*”.⁸⁵¹ Seu desejo era inaugura-los em sua gestão, mas com a demora via que seu sonho tornava-se cada dia mais distante.

Sucediam-se as charges no jornal: lesma carregando fita e tesoura para inaugurar; colonos conversando em frente à ele – “*Fritz, a greve foi pra valer, fecharam até esse lojaão!*”; *Tio Patinhas* querendo utilizá-lo como *caixa-forte* já que ele não abria nunca; senhora representando a Prefeitura, tentando tirar o *elefante branco* da lama; grupo apostando qual tartaruga chegaria antes à Novo Hamburgo (uma era o Shopping e a outra o Lixão); filho comentando com o pai sobre o anúncio de inauguração do local –

⁸⁴⁹ Ver JNH de 30 de Junho e 3 de Agosto de 1981 e 10 de Setembro de 1982.

⁸⁵⁰ Ver JNH de 20 de Março e 16 de Outubro de 1984, 7 de Fevereiro, 14 de Maio, 27 de Setembro e 6 de Dezembro de 1985, 21 de Janeiro e 20 de Junho de 1986 e 15 de Dezembro de 1987.

⁸⁵¹ JNH de 31 de Agosto de 1987. Ver ainda JNH de 15 de Dezembro de 1986 e 16 de Agosto de 1988.

“Ué pai, voltou o programa acredite se quiser?”; asno falando ao touro que se a lesma do *Trensurb* acelerasse chegaria antes da lesma do Shopping...⁸⁵²

No final dos anos 80 era grande a polêmica em torno do Centro de Compras: Prefeitura pressionava para que a obra pudesse ser inaugurada; lojistas que já haviam pago parte do espaço sentiam-se prejudicados; consumidores esvaiam-se numa expectativa desgastante. A cidade vizinha de São Leopoldo, que começara a construir bem depois, já havia inaugurado o seu Shopping Center. Novo Hamburgo perdia terreno frente à rival. Jactara-se quando havia iniciado as obras; seria o primeiro estabelecimento do gênero no interior do Estado. O agente financeiro, a Caixa Econômica Federal, sugeriu uma campanha local para que a comunidade assumisse o empreendimento, mas isto era uma utopia. Se os empresários voltavam-se tão somente para a riqueza pessoal através do sapato, algo que fugisse disso estava inteiramente descartado, além disso, seria difícil encontrar alguém disposto a bancar sozinho a empreitada, uma vez que ela exigia volumosos investimentos ainda a serem feitos no local.⁸⁵³

Em 1989, apareceu um grupo empresarial interessado no negócio. Era a DHB de Porto Alegre, fabricante de peças automotivas. A empresa tinha como diretor Luís Carlos Mandelli, então presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul – FIERGS. Este, apesar do interesse, fez uma ressalva: “*a perdurar o Sábado Inglês em Novo Hamburgo, a compra não acontecerá*”. A obrigatoriedade em fechar as lojas no sábado à tarde inviabilizaria a abertura de um centro comercial de tamanha proporção. Outro comerciante famoso, Alécio Ughini, comentou a inviabilidade do estabelecimento, chamando a cidade de retrógrada por não permitir o comércio no sábado inteiro, dia de maior movimento nas compras.⁸⁵⁴

A negociação tornou-se algo bastante complicado: anunciava-se a concretização do negócio para depois desmentir-se. Em setembro de 1989, confirmou-se definitivamente a assinatura formal do Contrato de Compra e Venda. Tão logo feito

⁸⁵² Ver charges no JNH de 2 de Julho de 1986, 16 de Março, 9 e 29 de Junho e 4 e 25 de Outubro de 1989 e 24 de Outubro de 1991.

⁸⁵³ Ver JNH de 28 de Março, 4 de Maio e 26 de Setembro de 1989.

⁸⁵⁴ Ver JNH de 2 e 10 de Maio de 1989.

isto, anunciou-se nova promessa de abrir o Shopping Center no segundo semestre de 1990.⁸⁵⁵

Em começo dos anos 90, as alterações no prédio seguiam em ritmo acelerado: novas escadas rolantes; sistema de prevenção de incêndio, pintura interna, retirada de escadarias e da escultura na praça secundária, pois poderiam atrapalhar a visualização das lojas, que era o alvo principal a ser atingido, etc. A previsão era de inaugura-lo em meados de outubro. Já em março a empresa responsável pela venda dos espaços realizou uma festa para 500 convidados – a identificação para entrar era feita via computador, na qual foi lançado oficialmente a comercialização “*para que deseja participar do seletto grupo de 140 lojas que serão abrigadas ali*”.⁸⁵⁶

Apesar da Prefeitura se entusiasmar com o andamento das obras – ela colocou um anúncio do tipo “*este Shopping vai dar o que falar, e o que arrecadar*” – a tão esperada inauguração postergava-se cada vez mais. Obviamente, desta vez não estavam suspensos os trabalhos, mas a previsão não condizia com a realidade. Operários e administradores corriam contra o tempo, numa verdadeira luta homérica, para que o *Shopping Center* virasse realidade. Outubro de 1991 seria a data definitiva para inaugura-lo. Com 20 milhões de dólares investidos, o local abrigaria 140 lojas, 14 restaurantes, 2 cinemas, 5 escadas rolantes, 2 sanitários por pavimento, sistema de proteção automática contra incêndio, calefação interna, oferecendo assim um ambiente agradável, com variada opção de compra, aliado à segurança e conforto. Esperava-se, por tudo isto, vendas três ou quatro vezes maiores do que no comércio tradicional, uma vez que as vitrinas seriam vistas por um número maior de possíveis consumidores.⁸⁵⁷

Absorvendo 2,23% da carga elétrica disponível na região (equivalente ao consumo de um bairro com 70 mil habitantes), o Shopping inaugurou oficialmente no dia 23 de outubro de 1991 e a abertura aos consumidores foi feita no dia seguinte. A cerimônia oficial contou com a presença do governador, políticos estaduais e municipais, do prefeito e do ex-prefeito que construiu o calçadão em frente e que tanto pressionou para que aquele dia chegasse: “*o Shopping é como um filho para mim*”, teria dito ele na inauguração. Além dos tradicionais discursos, houve show de raio laiser,

⁸⁵⁵ Ver JNH de 22 e 27 de Junho, 21 de Setembro e 10 e 24 de Outubro de 1989.

⁸⁵⁶ JNH de 9 de Março de 1990. Ver ainda JNH de 11 de Janeiro, 8 de Março e 18 de Julho de 1990.

⁸⁵⁷ Ver JNH de 9 de Março de 1990 e 25 de Julho e 24 de Outubro de 1991.

apresentação de conjuntos musicais, queima de fogos, etc. Como não poderia deixar de ser, a pena afiada do chargista registrou a festa. Na charge aparece dois sujeitos assistindo a queima de fogos. Um deles comenta que nunca havia visto tamanho show pirotécnico. O outro, ironicamente, responde: “*também, foram 10 anos guardando fogos*”.⁸⁵⁸

Definitivamente, a *Cidade Industrial* ganhava sua ilha de consumo e fantasia. O mundo dos sonhos tornava-se realidade...

13.2. Dormindo acordado.

Muito antes da inauguração, em meados dos anos 80, quando o Shopping ainda estava nos acabamentos, podiam ser vistas, diariamente, inúmeras pessoas aglomeradas junto ao vidro da porta principal, na tentativa de ver o que estava sendo feito dentro do prédio. Aqueles em que a curiosidade era maior, tinham como opção ir ao Shopping Iguatemi, em Porto Alegre. Como um paraíso ou um país europeu, o centro de compras da capital permitia uma viagem pelos maiores desejos: neve caindo em intervalos regulares, temperatura digna de vistosos agasalhos, pessoas saudáveis e bem vestidas em todas as idades comprando ou passeando sem maiores parcimônias, seguranças bem equipados e eficientes, nenhum esmoleiro, punguista ou vendedor interrompendo o ir e vir, etc...⁸⁵⁹

O que se esperava do Shopping Center de Novo Hamburgo era algo parecido. O ato de comprar deveria ser um momento de prazer. Nada de chuva, frio ou calor, nenhum engarrafamento nem falta de vaga para estacionar. Ao invés disso, infraestrutura minuciosamente planejada, ambiente sóbrio e acolhedor, galerias e lojas climatizadas e amplas para evitar o acúmulo de pessoas, sonorização ambiental, piso de mármore, escadas rolantes, áreas de descanso e lazer, fraldeiros, berçários, banheiros com mictórios limpos, etc., tudo para fazer do local um espaço não só de compras mas de sociabilidade geral.⁸⁶⁰

A intenção maior seria levar o usuário para dentro do complexo, conduzindo-o a espaços maiores, marcados pela interseção de corredores que dariam origem às praças.

⁸⁵⁸ Ver JNH de 31 de Maio e 23 e 24 de Outubro de 1991.

⁸⁵⁹ Ver JNH de 7 de Outubro de 1987 e 13 de Dezembro de 1988.

⁸⁶⁰ Ver JNH de 6 de Dezembro de 1985 e 19 de Julho de 1989.

A decoração seria simples e versátil (algumas obras de arte, vegetação, bancos e floreiras móveis), fazendo com que a atenção estivesse dirigida para as compras.⁸⁶¹

Além das lojas, o Shopping deveria ser um pólo de atração para o lazer. Era intento fazer com que a população se acostumassem a freqüenta-lo, pois uma vez lá dentro as chances em comprar aumentariam. Considerando o número de lojas, o sistema de informação e sinalização, a decoração sempre atualizada, e tudo o mais, o ato de comprar tornar-se-ia simples e agradável. O Shopping, antes de mais nada, consolidaria o lazer consumista. Como sinônimo de progresso urbano e modernização local, o espaço deveria ser referência para o convívio social. Ao invés de menores abandonados, vendedores ambulantes e assaltantes de toda ordem, no Centro Comercial o freqüentador teria a sua disposição estacionamento fechado e seguro, escadas rolantes, múltiplas opções de compra com o colorido das vitrinas e o anseio pelo produto estampado, música ambiente e demais apelos.⁸⁶²

Antes mesmo de abrir oficialmente, dentro da filosofia de torná-lo espaço de todos, foi realizado um show em suas dependências. A previsão que se tinha, uma vez aberto, é que por ali circulariam em torno de 15 mil pessoas diariamente. No dia da abertura para o público, uma pequena multidão se encontrava na entrada principal, pronta para “invadir” o prédio. Mesmo passados alguns dias, impressionou o número de pessoas circulando ininterruptamente ali: “fica a dúvida qual a porcentagem de pessoas que vão fazer compras e as que vão apenas para passear ou matar a curiosidade”. Aos domingos, mesmo com as lojas fechadas, tinha-se tremenda movimentação: “até para andar nas escadas rolantes houve fila”.⁸⁶³

Independente da curiosidade inicial, o Shopping veio para mudar hábitos e costumes da população. Ali se marcavam encontros com amigos, se passeava com a família, se levava as visitas para olhar as vitrinas, se flertava, etc. Não sendo tão somente um eufórico centro de compras, no espaço desfilariam os modelitos “in” e “out” da cidade: “este majestoso prédio tornou-se a coqueluche da cidade”. A idéia era de que com tal espaço, Novo Hamburgo dava um grande salto para a modernidade.⁸⁶⁴

⁸⁶¹ Ver JNH de 24 de Novembro de 1990.

⁸⁶² Ver JNH de 30 de Junho e 24 de Novembro de 1990.

⁸⁶³ Ver JNH de 5 de Julho de 1990 e 9 de Abril, 25, 28 e 29 de Outubro de 1991.

⁸⁶⁴ Ver JNH de 29 de Outubro e 1º de Novembro de 1991.

Do local saiu a tão falada “*geração Shopping Center*”, formada principalmente por jovens das diversas tribos urbanas. Encostados nos balcões das lojas, andando de escadas rolantes, olhando as vitrinas, sentados nos bancos, sempre flertando para possivelmente “*ficar*” com alguém, jovens das mais variadas faixas etárias tiveram como “*point*” o local. Dentro dele, o ponto de encontro principal era a praça de alimentação. Ali, podia-se descansar, observar as pessoas, conversar, estudar ou tão somente passar o tempo.⁸⁶⁵

Dia a dia, o Shopping Center passou a fazer parte do cotidiano da cidade. Os hamburguenses se acostumaram com a idéia de passear por vitrinas, comparar preços, divertir-se nos jogos eletrônicos, “*aloprar*” com amigos, conhecer novas pessoas, etc...⁸⁶⁶

Por ser um espaço de padrão mundial, o Shopping abrigou também os estrangeiros de passagem pela cidade...

“Eu pedia um lanche no Shopping quando encostou ao eu lado um negro alto, 1,90, falando inglês. Pensei: o que faz perdido neste shopping um negro deste tamanho, com problemas até pra descolar “*coke*” e fritas? Ele era de Barbeidos (Barbados) e vem sempre comprar sapato em Novo Hamburgo. Ele pega um avião e faz algumas baldeações, salta no Salgado Filho e via Cootraero (taxi) desembarca em Novo Hamburgo. Enche sacolões com 2 mil pares e volta; bota nas vitrines e vende tudo à turistas americanas de chapelão de palha. Este homem, mastigando um hambúrguer, sentado sozinho numa mesa do Bob’s, de jaqueta colorida e boné, é um empreendedor, não tem distância ou fronteira para o seu negócio. Mas pensei: lojista que faz pedido de 2 mil pares não tem direito à paparicação e Gruta Azul. Me explicaram que em exportação, só tem direito à mordomia quem compra 100 mil pares, ou o dobro se não for branco.”⁸⁶⁷

Como espaço assim, o Shopping ao mesmo tempo que veio acalantar de vez a tão sonhada modernidade, que consubstanciou-se através dos tempos pelo desenvolvimento urbano, pela renovação arquitetônica, pelos automóveis de luxo, etc., abrigou a verdadeira mentalidade local, revelado em fatos como este, onde a discriminação racial, mesmo implícita, não deixou de igualar a pseudo-metrópole do final de milênio com a vila do início do século, época esta em que os alemães não viviam junto com os “*misturados*”.

⁸⁶⁵ Ver JNH de 9 de Agosto de 1993 e 22 de Outubro de 1994.

⁸⁶⁶ Ver JNH de 24 de Outubro de 1991, 21 de Outubro de 1993 e 22 de Outubro de 1994.

⁸⁶⁷ Luiz Afonso Franz, JNH de 7 de Novembro de 1992

Mas adultos e jovens, estrangeiros ou locais, o Centro de Compras era uma opção certa a qualquer tempo: se o dia estivesse nublado, se chovesse torrencialmente, se fizesse um calor insuportável, lá dentro o tempo não mudava.⁸⁶⁸

Na tentativa de firmar-se como opção para todos, abriu-se espaço para atividade outras que não as compras: “*a missão do NovoShopping não é só comprar e vender, mas viver, sentir a vida, trazer e vivenciar as qualidades da comunidade que deve pensar: aqui é minha casa, aqui eu tenho lugar.*”⁸⁶⁹ Assim, cultura e lazer fizeram do lugar um espaço privilegiado. Ainda na inauguração, instalou-se um touro mecânico. No primeiro aniversário, a programação contou com apresentação de danças e *karaokê*, atividade infantis e juvenis, apresentação de ginástica olímpica, palhaços, aeróbica, show de mágica, mostra de equipamentos náuticos, etc. Ao longo dos anos, as mais diversas exposições tiveram ali espaço: encontro com o Japão; feira de antigüidades, “*Mistérios do Egito*”, com réplicas de obras da antiga civilização; “*O que pensa a juventude*”, com exposição de portas decoradas por adolescentes; mostra fotográfica de baleias; exibição de trabalhos realizados por alunos pobres; entre outras. Além das diversas exposições e mostras, outros eventos foram ali promovidos, tais como desfile de moda e viagem pelo mundo virtual da *internet*, com a disponibilização de microcomputadores ligados à rede mundial de informação.⁸⁷⁰

Algumas atrações eram permanentes: o cinema e o cafezinho com os amigos. Com duas salas de projeção, a ida ao cinema no Shopping tornou-se extensão das compras. Se no tempo das grandes salas de exibição tinha-se todo um ritual – tomar banho, vestir algo decente, pentear-se ou fazer a barba – o Centro de Compras ao mesmo tempo que eliminou tal rito, o agregou para todo o seu ambiente. Ele uniu os extremos do padrão visual: nem tão chique como baile de gala, nem tão surrado como maltrapilho. Com o fim do Café Avenida, o cafezinho e o bate-papo encontraram lugar nas mesas do Shopping: “*ao meio-dia, as mesinhas do Café Donuts são freqüentadas por grupos singulares e discretos*”.⁸⁷¹

⁸⁶⁸ ver JNH de 16 de Dezembro de 1996 e 24 de Fevereiro de 1997.

⁸⁶⁹ JNH de 22 de Outubro de 1994.

⁸⁷⁰ Ver JNH de 29 de Outubro de 1991, 23 de Outubro e 4 de Dezembro de 1992, 7 de Maio de 1993, 19 de Setembro de 1995, 9 e 10 de Maio e 18 de Julho de 1996, 1º e 17 de Abril de 1997 e 18 de Setembro de 1998.

⁸⁷¹ Ver JNH de 8 de Julho de 1996 e 22 de Janeiro de 1999.

Para além das diversas atrações que o local oferecia, eram as lojas que deveriam centrar a atenção. Um passeio pelas galerias para a contemplação das mercadorias expostas era algo peculiar. Neste contexto é que, segundo Lucrecia D'Aléssio Ferrara⁸⁷², as mercadorias passaram a sofrer a subversão do valor de uso. Enquanto a lógica da produção caminha para a massificação, a lógica do consumo valoriza o produto. Para além das qualidades intrínsecas do objeto de consumo, sobrepuja-se o fascínio e a persuasão como estímulo à compra. Seu objetivo volta-se para a *griffe*, o *designer*, a embalagem e o visual. A posse passaria a significar igualdade no meio social, uma condição de defesa nas relações urbanas. A contemplação e o fetiche da mercadoria passam pela sua posse e exibição. Nenhuma atmosfera é mais propícia ao estímulo da compra do que a do Shopping Center.

Muito antes da inauguração, já se anunciava a instalação de lojas famosas, como Americanas e Renner, e de outras menores como West Coast, Casa Rubens, Strassburguer, Xintem, Gaston, Cia da Pele, Super-festas, Tabakara, Kenwood-Whoop, Wrangler, Esperando Nenê, Dalcellis, Choi Modas, Courlândia-Couroesporte, entre outras. Também outros ramos teriam ali lugar reservado: óticas Mundial e Confiança, Sorveteria Mônica, Alberto Joalheiro, Panvel farmácias, O Boticário perfumaria, A Cambial, etc. Para atraí-las, procurou-se vender a idéia de que o Shopping seria o grande centro de compras de uma grande região de alto poder aquisitivo (coisa que acabou realmente acontecendo) e que 82,3% da área já estava locada (na verdade abriu com pouco mais de 50%).⁸⁷³

Ao longo do tempo, várias lojas tiveram o Shopping como endereço: Brasil Moreno, com decoração leve e descontraída; Authentikus, com produtos exclusivos; a Lullaby, toda feita em estilo natural, com madeira crua, ferro, aço e vidro; a Via de Fato, com metais pintados e cromados e madeira; as lojas Milka, inicialmente decorada com a fusão do estilo clássico parisiense, colunas gregas e móveis chineses; o Tevah, comercializado as jaquetas “*reversíveis*” e ternos masculinos; a Courolândia, líder em artigos para viagem; a Casa Lyra, loja de meias, *lingerie*, perfumaria e bijuteria; a Ortopé calçados; a Gang moda jovem; o Bicho da Luz, voltado para o público feminino, no estilo *prêt-a-porter*, com peças em linho, seda e javanês; a Hong-Kong, artigos do

⁸⁷² FERRARA, *Desenho Industrial... e As Máscaras da cidade...*, In: __. *Olhar Periférico*, p.194-197 e 224.

⁸⁷³ Ver JNH de 9 de Março e 19 de Novembro de 1990, 24 de Outubro de 1991 e 12 de Dezembro de 1995.

oriente, com flores de seda, porcelana e estatuetas; a Liss, produtos femininos em estilo clássico; a Rayon, moda jovem com estilo “à vontade”; a Personal Paper, artigos importados e nacionais de papelaria; a Tilk’s, tecidos para decoração; a Levi’s, jeans unisex; a Cristófoli, calçados de fabricação própria e de outras marcas; a Woodstock, que manteve como atração por algum tempo uma manequim circulando pelas galeria acompanhada por um violonista; e muitas outras. Falou-se inclusive numa revenda de automóveis (seria a primeira num Shopping), mas não se concretizou a instalação.⁸⁷⁴

Muitas lojas transferiram-se da área central para o novo centro de compras, como foi o caso da Renner, que antes ficava na avenida Pedro Adams Filho, e da ótica Corujinha do Vale, situada no calçadão. Ao longo do tempo, muitas lojas instaladas no Shopping fecharam suas portas devido aos custos operacionais. O rodízio sempre fora considerado normal; uma taxa de substituição anual de 10% ficava dentro do esperado.⁸⁷⁵

Entre tempos de venda fértil e escassa, o Shopping firmou-se como templo do consumo. Aos poucos, o perfil do público delineava-se. A média de pessoas circulando na semana alcançava 20 mil, chegando a 35 mil nos finais de semana, nas épocas natalinas extrapolava. Em 1992 foi registrada a entrada de 150 mil pessoas. Nos dias antecedentes ao natal deste ano “*alguns lojistas foram obrigados a fechar as portas em determinado horário para fazerem um atendimento controlado*”. Os números nas vendas também surpreendiam. No mesmo final de semana natalino vendeu-se algo em torno de 800 mil dólares; no ano de 93 a expectativa de faturamento beirou a casa dos 50 milhões de dólares.⁸⁷⁶

Além das lojas, a praça de alimentação, localizada no 3º pavimento, foi sempre atração. Se no começo ela era apenas mais um setor no contexto do Centro de Compras, com o passar dos anos ela transformou-se numa alternativa para atrair o público consumidor; foi uma espécie de âncora para as lojas. Nos 12 a 15 estabelecimentos servia-se sanduíches, pizzas, bife com fritas, pão de queijo, doce, tortas, sorvetes, almoço ou lanches rápidos, sucos, refrigerantes, cerveja, chope, café simples, expresso ou chá. Alguns estabelecimentos passaram por ali: *Bob’s*, *Boca Rica*, *Bronson* pastéis,

⁸⁷⁴ Ver JNH de 24 de Outubro de 1991, 21 de Outubro de 1993, 16 de Março e 7 de Abril de 1995 e 26 de Fevereiro de 1997.

⁸⁷⁵ Ver JNH de 5 de Abril de 1995 e 6 de Janeiro de 1996.

⁸⁷⁶ Ver JNH de 20 de Novembro de 1991, 22 de Dezembro de 1992, 21 de Outubro de 1993 e 12 de Abril de 1996.

Estação Café, *Franguetto*, *Humgrill*, *Made in China*, *Mak's* cachorro quente, Oficina das Panquecas, *Pasteletto*, *People's Place*, Pica-pau lanches, *Sabor por Inteiro*, Torta de Panela, Sanduicheria Flor de Primavera, etc... O ambiente tornou-se propício não só para lanches, mas também par encontros, bate-papos ou para simplesmente “*matar o tempo*”.⁸⁷⁷

Se o Shopping contava com todas estas atrações (vitrinas, praça de alimentação, cinema, exposições, etc.) e tornou-se, por isso mesmo, um espaço de sociabilidade de Novo Hamburgo, era na decoração versátil e sempre renovada que residia a atmosfera lúdica. Como nas Passagens Parisienses, a arte pôs-se a serviço do comércio.⁸⁷⁸

Antes mesmo da inauguração, haviam colocado uma escultura de um artista local na praça central. Ela era formada por uma peça com 6 metros de altura, composta por aves gigantes e oito pássaros suspensos, com asas em posições diferentes que sempre estariam em movimento em função do fluxo de ar. A escultura tinha sido pensada para causar um impacto visual. Como ela estava num lago de concreto e no alto tinha-se a imensa clarabóia, era “*como se os passantes estivessem ao redor de uma fonte, dando a idéia de uma praça tradicional, com a vivacidade e sensação de liberdade que os vôos dos pássaros transmitem*”. A nova direção, entretanto, retirou a fonte e os pássaros de metal sob a justificativa de que ela atrapalharia a visão das lojas – estas sim é que deveriam centrar as atenções – e que o próprio espaço serviria para as exposições.⁸⁷⁹

A única escultura que restaria, “*no melhor estilo nova-iorquino*”, encontrava-se numa praça secundária. Ela inseria-se na decoração “*clean*” e versátil que procurou-se adotar. Ao invés de placas fixas, utilizou-se as móveis; assim também os cinzeiros, lixeiras e floreiras. Se ainda na inauguração eram menos da metade a lojas abertas, o que fazia das galeria imensos corredores onde alternava-se loja e tapumes, passados alguns anos o Shopping adotou uma fórmula considerada infalível: “*criar permanente expectativa de novidade*”. Apesar de muitas lojas fecharem aos domingos, mantinha-se acesas as luzes das vitrinas. A decoração, tanto interna quanto externa, também era apelativa nas datas especiais. Nos natais colocava-se milhares de lâmpadas fora do

⁸⁷⁷ Ver JNH de 24 de Outubro de 1991, 11 de Fevereiro e 21 de Outubro de 1993, 2 de Junho de 1994 e 8 de Março de 1996.

⁸⁷⁸ Ver BENJAMIN, *Paris, capital do século XIX*, p.31

⁸⁷⁹ Ver JNH de 15 de Dezembro de 1987 e 18 de Julho de 1990.

prédio. No interior, como se fosse em Nova Iorque, as crianças faziam seus pedidos ao “*bom velhinho*”. O Shopping criou mais do que o imaginário aspirara.⁸⁸⁰ Ainda no exterior, pintaram toda fachada de uma cor “*chamativa*”, isto não só na tentativa de situar bem o Centro de Compra, tornando-o um ícone urbano, mas também para marcar bem a diferença do que era mundo real, lá fora, e do que era o mundo dos sonhos e da fantasia, lá dentro...⁸⁸¹

13.3. Mundo real... lá fora!

Tempos depois de aberto o Shopping, ocorreram alguns incidentes que se não tiveram uma força de devastação enorme, possibilitaram uma reflexão sobre algo bastante controvertido: seria ou não o Shopping um local público? Um deles se deu quando duas moças tentavam realizar uma pesquisa eleitoral sem autorização prévia da direção. Em poucos momentos elas foram interpeladas pelos seguranças do estabelecimento, que passaram à vigiá-las como se fossem autêntica ameaça ao sossego geral. Pelo rádio eles trocavam comentários do tipo: “*deixa comigo que elas estão bem guarnecidas*”. Um segundo incidente se deu quando um grupo de crianças de uma escola municipal foi expulsa da praça de alimentação pois estavam ocupando para o lanche quase 30 mesas. Tal expulsão não se deu devido à agitação natural que um grupo assim tem, mas sim porque, como num piquenique, elas haviam levado as refeições prontas, ao invés de as comprarem no local.⁸⁸²

De fato, o Shopping Center não é um lugar público, aberto a todos. Ele é um espaço voltado para o público, mas para um público selecionado. É exatamente isto que o diferencia de outros espaços: o convívio social é restrito a determinados “*cidadãos*”. O Centro de Compras resgatou aquilo que, implicitamente, sempre existiu em outros espaços de sociabilidade que acabaram decadentes devido à abertura aos outros habitantes da cidade. Na praça *14 de Julho* e na avenida Pedro Adams Filho haviam regras informais de convívio; não se ia nelas se não se estivesse com trajes decentes e modos educados. Nas galerias, mesmo sendo particulares, procurou-se adotar regras, mas estas foram pouco fiscalizadas. Assim também no calçadão; mesmo sendo espaço público, havia normas só conhecidas no papel.

⁸⁸⁰ Ver SOUZA, *Construindo o espaço da representação...*, p.118

⁸⁸¹ Ver JNH de 24 de Outubro de 1991, 24 de Outubro e 26 de Novembro de 1992, 29 de Novembro de 1996 e 23 de Outubro de 1998.

⁸⁸² Ver JNH de 3 de Novembro de 1992 e 2 de Setembro de 1994.

Resgatando tudo isto, e fazendo valer de vez a separação social, o Shopping tornou-se um mundo a parte. Lá dentro, tudo aquilo que todo “*cidadão decente*” sempre desejou...

Na área da segurança, o Centro de Compras contaria com uma grande equipe de inspetores e supervisores, todos munidos de rádio para a rápida comunicação, e vários telefones. Além dos guardas, haviam alarmes e câmaras para melhor observar o movimento e evitar “deslizes” de alguns consumidores. No estacionamento foi adotado a cobrança, visto que muitos dos que ali colocavam o veículo não eram consumidores. Com o sistema pago, foram colocadas cancelas de abertura automática.⁸⁸³

Fora do Shopping, mesmo em frente a ele, no calçadão da avenida Nações Unidas, ficava a sociedade real, com todas suas mazelas e dificuldades. Antes da abertura, o local já se tornara espaço social, seja como lazer da família, seja como ponto de reunião noturna dos marginalizados e drogados. Mesmo depois de inaugurado, em frente ao Shopping dava-se o mundo real: um andarilho conhecido por *Queimado* (porque em certa oportunidade atearam fogo nele) morreu após cair no arroio, pois ele dormia embaixo da ponte da Joaquim Nabuco; embaixo do calçadão viviam também os “*tartarugas ninjas*”, menores cheiradores de cola que viviam da esmola alheia ou de pequenos furtos; na parte de cima, além de pedestres, reuniam-se *skatistas*, acusados de drogados e marginais.⁸⁸⁴

De certa forma, estabeleceu-se uma competição entre o Centro de Compras e o centro da cidade, com visível vantagem para o primeiro. Dir-se-ia que Shopping Center traria desenvolvimento ao segmento comercial, através da qualificação no atendimento e na mão de obra. A própria concorrência com o comércio de rua seria salutar, uma vez que os tradicionais comerciantes sentiriam a necessidade de criar novas formas de atrair o público (promoções, vitrinas, atendimento), o que acarretaria maior eficiência. O Shopping seria a visão moderna da compra e venda, na qual Novo Hamburgo havia de se enquadrar. Entretanto, não foi bem assim que ocorreu. O bairro Rio Branco, por ser muito próximo ao centro, valorizou; a área central decaiu. Numa das ruas de ligação entre centro e bairro, a 5 de Abril, previu-se a instalação de um “*camelódromo*”, tal o

⁸⁸³ Ver JNH de 24 de Outubro de 1991, 20 de Dezembro de 1995 e 22 de Maio e 17 de Julho de 1996.

⁸⁸⁴ Ver JNH de 16 de Dezembro de 1987, 12 de Abril de 1988, 8 de Outubro e 10 de Dezembro de 1991, 27 de Dezembro de 1993 e 23 de Abril de 1994.

fluxo de passantes. Talvez o comércio tradicional tenha melhorado, mas muitas lojas cerraram as portas ou transferiram-se ou para o Shopping ou para próximo à ele.⁸⁸⁵

Não haveria competição justa para um local que oferecia tantas atrações e tamanha comodidade: cinema com pipoqueiro na porta; ambiente climatizado; segurança eficiente; pessoas bem vestidas; lojas e mais lojas...⁸⁸⁶

“Assim tem sido as tardes no cafezinho, sempre uma surpresa, sempre um amigo a quem não víamos há muito tempo. É um grupo reunido no espaço aconchegante do Donuts. É bem diferente do que era no Café Avenida ou no calçadão, onde só compareciam homens, os mesmos de sempre. No shopping é uma reunião social. Como uma mesa nos salões da Ginástica, ou num Café de Paris, Londres ou Nova York. O desfile contínuo nos corredores é uma constante mudança de cenário. Ora um grupo de estudantes, depois uma bela jovem mostrando a tatuagem na barriga, com o moleton bem no limite máximo permitido pelo pudor e os bons costumes. Bons costumes porque a frequência do shopping vai dos 8 aos 80. Mas no cafezinho do Donuts está acontecendo uma situação bem curiosa, que tem servido de um constante rejuvenescimento. Um anoitecer no shopping é um amanhecer na vida. Quantos amigos de outros tempos são representados e revividos através de seus filhos e netos. Histórias são contadas, fatos são lembrados e vividos como se estivéssemos num elevador. Cada andar uma surpresa. Tem mais! O constante desfile de mulheres jovens, bonitas, de todas as idades, concorre com muita vantagem com um desfile na praia. No shopping elas estão recém saídas do banho e da frente dos espelhos. Suas roupas estão bem ajustadinhas aos corpos perfeitos. A praia apresenta as imperfeições, principalmente porque não é toda bunda que dignifica o fio dental. A maioria condena. Viver o shopping é viver modernamente. É estar em dia com o mundo de hoje, de ontem e de muito antes.”⁸⁸⁷

Bem ou mal, a aculturação bateu às portas da cidade. Se na praça ninguém mais dava valor aos símbolos brasileiros – hastear a bandeira tornou-se mera formalidade –, no Shopping estaria exposta a bandeira norte-americana e tudo o mais intrínseco à cultura estrangeira. Como diria um ilustre hamburguense: “*a mentalidade pragmática e materialista anglo-saxônica tomou de roldão nossa maneira de pensar, agir, proceder e viver... em todos os setores copiamos ou fazemos o possível para atingir o nível de vida dos americanos.*”⁸⁸⁸

Um depoimento sobre a campanha de uma casa lotérica, instalada no Shopping, bem resume tal mentalidade: “*nós vendemos sonhos e nada mais adequado do que vendermos também otimismo e alto astral*”...⁸⁸⁹

⁸⁸⁵ Ver JNH de 24 de Outubro e 10 de Dezembro de 1991, 3 de Abril de 1993 e 21 de Março de 1994.

⁸⁸⁶ Ver JNH de 23 de Dezembro de 1991, 20 de Julho de 1993, 22 de Outubro de 1994 e 20 de Dezembro de 1995.

⁸⁸⁷ Alceu Feijó, JNH de 5 de Agosto de 1998.

⁸⁸⁸ Ernest Sarlet, JNH de 14 de Dezembro de 1978. Ver ainda JNH de 3 de Outubro de 1992.

⁸⁸⁹ JNH de 15 de Dezembro de 1995.

Considerações Finais

Reza a décima-primeira tese da técnica do escritor de Walter Benjamin que não se deve escrever a conclusão da obra no local de trabalho habitual, pois nele não se encontra a coragem necessária.⁸⁹⁰ Mesmo saindo do “*ninho acolhedor*”, é muito difícil concluir um trabalho cujo intento foi justamente não ter uma “verdade” pronta e sim demonstrar que o olhar que se teve é somente mais um dentre os possíveis.⁸⁹¹ Assim, a possibilidade que se abre é de fazer considerações sobre o que aqui foi abordado...

Como objetivo primeiro, teve-se o intento de demonstrar que os espaços de sociabilidade escolhidos aproximam-se do duplo sentido do termo “*gangorra*”; isto porque, fazendo deles um brinquedo lúdico ou uma armadilha para animais, pode-se ver a que ponto os desejos coletivos são sonhos que falsificam a realidade. Assim fazendo, podemos encontrar justamente neles os elementos necessários a sua compreensão. Se os sonhos coletivos depositados nestes espaços sociais contém “*verdades*” que dormem, é tarefa do despertar histórico libertá-las.⁸⁹²

Desta questão advém o objetivo principal, implícito em toda obra, que é o de demonstrar o discurso da felicidade incutido na conquista material. Este não cessa de unir os desejos coletivos à realidade, sem contudo esposá-la. Ele exhibe a comunicação, sem poder garanti-lo.⁸⁹³ Esta comunicação utópica da felicidade vêm da possibilidade consumidora trazida pelos tempos modernos. Quando Benjamin viu que a extinção da aura nas mercadorias tanto poderia representar um empobrecimento se fosse direcionada para o banal, quanto poderia ser fecundo se possibilitasse novos caminhos para a

⁸⁹⁰ BENJAMIN, *Rua de Mão Única*, In: __. *Obras Escolhidas II*, p.31.

⁸⁹¹ Ver PESAVENTO, *A cidade Maldita*, p. 27 (a história abdica do seu poder de enunciação da verdade, passando a admitir que as fontes são marcos indiciários daquilo que teria acontecido um dia e com as quais o historiador constrói uma versão... a leitura que realiza de uma época é um olhar entre os possíveis).

⁸⁹² Ver ROUANET, *As razões do Iluminismo*, p.55

⁸⁹³ Ver CERTEAU, *A cultura no plural*, p.46

experiência⁸⁹⁴, ele deu pistas por onde a consciência crítica poderia caminhar. Se ainda hoje a alegoria do imaginário indica a felicidade, revelando no inconsciente a disponibilidade em “*sentir-se bem*” consumindo, ela esconde sob o véu da obscuridade o preço à ser pago. E isto estende-se ao próprio discurso do progresso: “*ser feliz é progredir... progredir é conquistar coisas materiais!*” O despertar histórico rejuvenesce assim a máxima eclesiástica: “*a felicidade não é deste mundo*” (ao menos não alcançada pela conquista de bens materiais, o que move a sociedade moderna).

Portanto, a cruzada moderna é justamente desmistificar este novo mundo mítico, criado pelo ocidente dito racional. É dessacralizar o que está sendo sacralizado. É pensar com consciência livre. É ver que o progresso da técnica não quer dizer progresso humano. E que conquistar bens materiais não quer dizer ter êxito na felicidade.

Assim como a cobra fornece o antídoto para o veneno de sua picada, nada mais justo que retirar os elementos que possibilitem esta desmestificação no próprio seio da vivência social. Aí reside a necessidade de um método que permita justamente o despertar do sonho moderno ocidental.

Como método, optamos em utilizar o princípio da fragmentação literária. Como o “*livro de registros*” da cidade comporta diversas fontes (documentos, ordens, atas, leis, mapas, diagramas, etc...), sendo por isso mesmo um labirinto uma vez que um texto remete a outro e assim sucessivamente⁸⁹⁵, decidimos por inventariar somente parte desta herança local, mais precisamente as notícias de jornais que circularam em Novo Hamburgo. Esta fonte bem revela uma ideologia própria. Se nos primeiros jornais (*O 5 de Abril* e o *Independente*) ainda se podia ver as posições relativamente de forma clara e definida, no Jornal NH ela esconde-se sob o véu da pseudo-neutralidade. Mesmo esta posição, conquanto hoje obscura, é passível de ser descoberta. Por isso mesmo, o jornal como fonte torna-se estrela de primeira grandeza no universo a ser pesquisado.

Uma vez coletado o material, procedeu-se à combinatória segundo uma nova lei, pois os elementos isolados significam pouco, encontram-se em “*estado de dicionário*”. Esta “*remontagem*” pode ser feita indefinidamente (por esta razão anexamos todas as

⁸⁹⁴ Ver BENJAMIN, *A obra de Arte na era da reprodutibilidade técnica*, In: __. *Obras Escolhidas I*, p.165-195. Ver ainda PAULA, *Tensões e ambigüidades em Walter Benjamin*, p.106-130

⁸⁹⁵ Ver GOMES, *Todas as cidades, a cidade*, p.24

fontes pesquisadas). De nossa parte, as separamos em seis grupos temáticos primários e trinta e seis secundários.⁸⁹⁶ Destes cadernos temáticos foi feita a escrita.

Uma vez juntos, os anos não passam de instantes que se movem na eternidade, do mesmo modo que os relevos do solo se apagam para quem sobe ao espaço ou para o viajante que atravessa profundo vale assombrado por espesso nevoeiro. Ele não logra apanhar com a vista a extensão da estrada por onde vai, nem seus pontos extremos. Chegando, porém, ao cume da montanha, abrange com o olhar quanto percorreu do caminho e quanto lhe resta dele percorrer.

Em relação ao local, há de considerar-se que Novo Hamburgo serviu de exemplo perfeito, pois como cidade industrial que recebeu a carga inerente ao próprio desenvolvimento, conheceu o ápice (utópico) e o declínio (real), peculiar a um país periférico. Ainda em se tratando de periferia, é ela o melhor espaço para mostrar como as forças ambíguas do mundo moderno coexistem: sonho, espetáculo e deslumbre *versus* dor, sofrimento e insegurança.

Ainda em se tratando do último espaço de sociabilidade (Shopping Center), como *Epílogo* ou uma consulta aos astros, poderíamos dizer que vislumbra-se algumas saídas à ele: ou as mudanças serão mais rápidas do que o enjôo, ou todos enjoarão de tantas mudanças, ou ficará como simples espaço de compras, sem o requinte de outrora, como foi na praça, na avenida, nas galerias, no calçadão... até aparecer outro local de sociabilidade...

Por fim, destacamos o inadiável trabalho do investigador ciente de seu combate, que deve ser o de buscar incessantemente os meios para a análise crítica, pois deixá-la à revelia é entregar as rédeas a interesses vis, individuais e comprometidos, tão comuns no mundo de hoje. E mais, é tentar trazer o “*despertar*” à um mundo onde “*há mais sonhos na vigília que no sono natural...*” Uma atitude sem dúvida necessária, pois, como diria Benjamin, “*atuar é um meio para sonhar... meditar é um meio para estar desperto*”.⁸⁹⁷

⁸⁹⁶ Em “*Anexos, por uma história aberta*” discorremos sobre esta classificação utilizada.

⁸⁹⁷ BENJAMIN, *Notas sem data*, In: __. *Haxixe*, p.125

Anexos, por uma história aberta.

“Os artigos e cartas publicados aqui nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente.”⁸⁹⁸

Conforme dito na “*Planta de Construção*”, decidimos anexar os fragmentos literários (notícias de jornais) que constituíram-se no esteio desta pesquisa. Mesmo tratando-se de material de restrito acesso, pois somente existem originais na própria biblioteca municipal, o motivo maior para tal procedimento reside na possibilidade de remontar a história à partir da mesma fonte, atividade esta propícia à todos aqueles que desconfiaram da veracidade da nossa própria montagem; por isso considerarmos uma história aberta.

As notícias foram dispostas em ordem cronológica, mas preservou-se a classificação utilizada (6 grupos temáticos principais e 36 secundários). Em relação aos grupos temáticos, adotou-se um sistema de siglas compostas por duas letras. Na principal teve-se os fragmentos literários que diziam respeito à cidade de Novo Hamburgo (sigla: CI), os fragmentos relativos à praça dos *Imigrantes* [ex-14 de julho] e outras praças (PR), fragmentos relativos à avenida *Pedro Adams Filho* (AV), fragmentos relativos às galerias *Carolina*, *Hamburguesa* e *Central* (GA), fragmentos relativos ao calçadão na rua *General Neto*, denominado de *Oswaldo Cruz* (CA) e fragmentos relativos ao Shopping Center *NovoShopping* (SH). De igual forma, adotou-se siglas com duas letras para os 36 grupos temáticos secundários, assim dispostas:

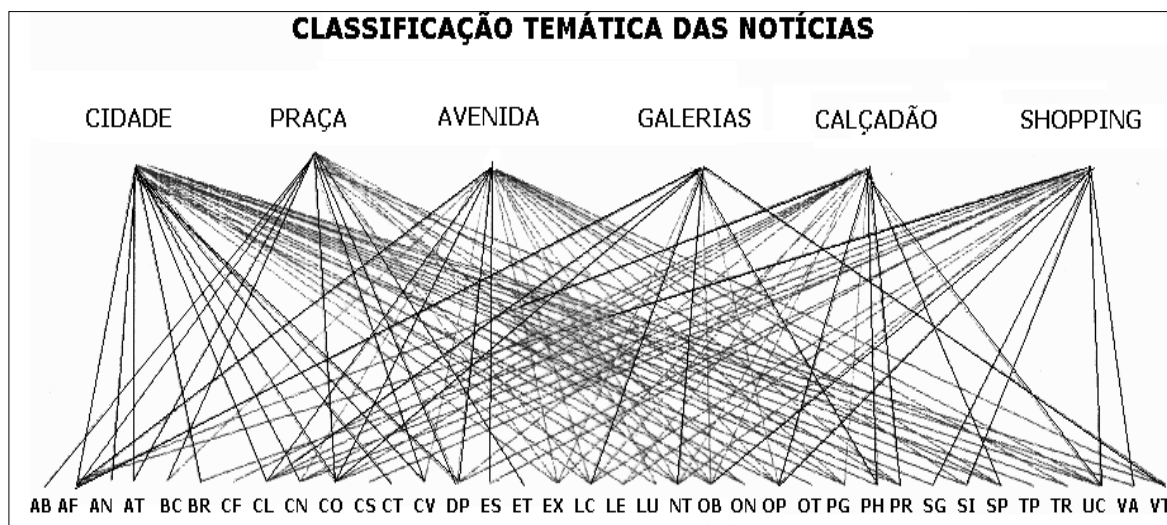
⁸⁹⁸ Texto explicativo da Coluna Opinião do Jornal NH em 20 de Abril de 1998.

	Cd	CI	PR	AV	GA	CA	SH	Total
Abrigo Municipal	AB	-	8	-	-	-	-	8
Aspectos físicos, arquitetura	AF	33	25	5	1	18	12	94
Animais soltos, reclamações	AN	12	-	-	-	-	-	12
Trem, acidentes, utilização, tráfego, horário	AT	37	1	-	-	-	-	38
Bancas	BC	-	1	8	-	-	-	9
Bairros Mistura, África, H. Velho	BR	14	-	-	-	-	4	18
Café Avenida	CF	-	-	-	-	43	-	43
Calçadas, movimento nas...	CL	33	-	9	2	3	1	48
Cinema, televisão	CN	18	-	1	-	5	3	27
Comércio, indústria, serviços, greves	CO	58	5	4	23	7	31	128
Calçada Novo Shopping	CS	-	-	-	-	-	10	10
Consumo gasolina, Taxas rodoviárias	CT	6	-	-	-	-	-	6
Carnaval	CV	22	1	1	-	-	-	24
Discursos, anúncios e atos do Poder Público	DP	58	10	1	-	6	5	80
Estacionamento	ES	-	-	6	-	-	2	8
Estação do Trem	ET	-	24	-	-	-	-	24
Excluídos, menores, vagabundos, mendigos	EX	25	15	3	1	2	-	46
Lazer, cultura, religião	LC	15	3	1	1	4	15	39
Luz elétrica, água, esgoto, iluminação	LE	33	-	-	-	1	1	35
Limpeza urbana. Arborização	LU	24	-	1	-	-	-	25
Natal	NT	4	2	3	1	1	2	13
Projeto, obras	OB	64	32	14	9	15	37	171
Ônibus	ON	32	1	-	-	-	-	33
Ocorrências policiais, roubos, brigas	OP	36	6	2	2	3	1	50
Outros	OT	10	-	-	-	-	-	10
Progresso, nostalgia, miséria	PG	103	6	2	-	8	-	119
Telefone	PH	19	-	-	2	1	-	22
Prostituição	PR	7	2	5	-	1	-	15
Segurança	SG	10	-	-	-	-	3	13
Sinaleiras	SI	7	-	3	-	-	1	11
Sossego público, mosquitos	SP	25	1	7	-	1	-	34
Tempo, estação do ano, férias	TP	24	-	-	-	-	-	24
Trânsito, acidentes	TR	55	-	17	-	-	-	72
Usos e costumes, movimento na rua (carros)	UC	48	21	9	-	8	22	108
Modo de vida e influência estrangeira	VA	4	-	-	-	-	2	6
Vitrinas	VT	23	-	1	5	-	-	29
	Total	859	164	103	47	127	152	1452

Cada notícia possui assim uma identidade própria. Além da data, ela pertence tanto ao primeiro grupo como ao segundo. Aí reside a possibilidade da “*costura*

literária” entre os aspectos abordados.⁸⁹⁹ Com este sistema, uma vez utilizando um editor de texto eletrônico, pode-se classificar rapidamente as notícias, seja por data, pelo campo primário ou pelo secundário.⁹⁰⁰ Pode-se ainda incorporar ou suprimir grupos temáticos, bem como acrescentar níveis de classificação.

Anexamos aqui um gráfico onde aparece a distribuição das notícias nos respectivos grupos temáticos:



Por tudo isto, colocamos à disposição todas as notícias assim apresentadas:

CI=DP= 06/05/1927 JO5 Decreto n. 3.820 05/04/1927 nomeia intendente provisório Dr. Jacob Koeff Netto [1]

CI=DP= 06/05/1927 JO5 Da fundação do jornal "o 5 de abril": de um grupo de ardorosos paladinos do villamento local, partiu a idéa da fundação de um jornal (p.2) o nosso jornal não tem nenhuma ligação partidária ou religiosa. Isto não nos impede de consignarmos, no nosso artigo inicial, palavras do nosso mais profundo reconhecimento ao preclaro estadista que tão proficuamente dirige os destinos do nosso querido Estado, Fr. A . A . Borges de Medeiros". [1]

CI=DP= 06/05/1927 JO5 O decreto de ouro - decreto n. 3.818, de 5 de abril de 1927. Crea o município de Novo Hamburgo como o território do 2. Districto de S.Leopoldo. O presidente do estado do Rio Grande do Sul, no exercício da faculdade que lhe confere a constituição, art. 20, n. 15. Considerando que 900 eleitores, representando dois terços de todo eleitorado do 2. Districto do município de S. Leopoldo, pedem a elevação do mesmo districto á categoria de município, por ser uma antiga aspiração collectiva; considerando que o districto, com a população recenseada de 8.500 habitantes, ocupando uma área superficial de 65 km2, aproximadamente, tem por séde a povoação de Novo Hamburgo, com 1.438 prédios e agricultura, commercio e industria bastante desenvolvidos, que já em 1925 contribuíram para os cofres do município com uma renda superior a 300.000\$000; considerando que o desmembramento do districto será pouco sensível ao município de S. Leopoldo, que ficará, assim mesmo, com uma população

⁸⁹⁹ Um bom exemplo disto é o caso das crônicas de Ercílio Rosa. Elas estiveram presentes ao longo de boa parte do trabalho, mas também fizeram com que o cronista tivesse um capítulo próprio.

⁹⁰⁰ O editor de texto Word da Microsoft permite até três tipos de classificação de uma só vez. Para tanto ele exige um “separador de campo”. Nós adotamos o símbolo “=”. Assim, entre cada item à ser classificado coloca-se este separador (ex: CI=ON= data).

de 41.820 almas, no mínimo, com uma superfície de 1.198 km², e com rendas mais que suficientes para prover ás exigências de sua vida autônoma; considerando, finalmente, que o novo município, constituído inteiramente no interior de S. Leopoldo, não alterará os limites deste com os municípios circumvizinhos de Gravatahy, Taquara e S. Sebastião do Cahy; Decreta Art. 1.- fica elevado á categoria de município, com a denominação de Novo Hamburgo e séde na villa do mesmo nome, o território do actual 2. Districto do município de S. Leopoldo. Art. 2.- enquanto o primeiro conselho municipal de Novo Hamburgo, que se comporá de sete conselheiros, não decretar a lei orgânica do município e não votar o seu orçamento anual, serão nelle observadas a lei orgânica do de S. Leopoldo e bem assim a sua lei de orçamento para o corrente exercício, na parte que se referir ao districto, que passa a constituir o novo município. Art. 3.- o município de S. Leopoldo transferirá ao de Novo Hamburgo a sua divida activa correspondente aos contribuintes do anterior districto, bem como os próprios municipaes nelle existentes. Art. 4.- o município de Novo Hamburgo pagará ao de S. Leopoldo, pela forma que entre si convencionarem, a quota que lhe corresponder proporcionalmente a seus habitantes, na divida passiva que houver contrahido o segundo até esta data. Art. 5- os limites do município de Novo Hamburgo são do actual 2. Districto de S. Leopoldo. Palácio do Governo, em Porto Alegre 5 de abril de 1927. A . A . Borges de Medeiros/ Protasio Alves [1]

CI=AT= 20/05/1927 JO5 Desastre e morte. Terça- feira, dia 17 do corr., deu-se, na estação Parobé um horrível desastre que roubou a vida de um homem. O sr Willy Halm, funcionario aposentado da viação férrea, acompanhado de sua esposa e uma filha, sahira a passear num carrinho. Ao transpor o leito da estrada de ferro, desobedeceram os animaes, e o trem de passageiros que, por fatalidade, passava neste momento, colheu em cheio o vehiculo, jogando-o a 20 metros de distancia. [3]

CI=DP= 20/05/1927 JO5 Os primeiros fructos da nossa emancipação. E assim, mão grado o curto lapso de tempo de autonomia, já os dirigentes do nosso município, homens compenetrados que são de seus deveres, vão introduzindo na villa e mesmo em seus arredores melhoramentos que de há muito eram uma velha aspiração do heróico povo desta terra. [2]

CI=OB= 20/05/1927 JO5 Temos assim, pois, o abahulamento completo da rua 1º de março e o prolongamento da rua 7 de setembro que seguindo desta villa em linha recta até encontrar a estrada de S. Leopoldo, torna a dita rua de extensão menos longa e evita dous crusamentos com a estrada ferro-viaria. Outros melhoramentos de que também todos desde já devem ter conhecimento, é dos que serão introduzidos na rua 13 de maio, onde será construída uma solida ponte, sobre o arroio que a atravessa. Deve merecer igualmente a atenção de todos a conservação que a intendência imprimirá á estrada que vae a S. Leopoldo e que todos conhecem por estrada de baixo. Como se sabe, essa estrada, o anno passado chegou a ficar intransitável, mas felizmente tal não acontecerá mais, pois já estão empregados nella dous zeladores afim de que essa estrada, em qualquer tempo, possa dar accesso a qualquer vehiculo. Para o problema dos calçamentos, cordões, etc. já foram visitadas varias pedreiras afim de ver qual dellas será a melhor para a installação de uma britadeira. [2]

CI=VT= 20/05/1927 JO5 Ver anuncio da ford [3]

PR=OB= 20/05/1927 JO5 Também as ruas Pinto Bandeira e Praça Mauá serão devidamente nivelladas, sendo que esta será dotada de um moderno jardim. O aterramento da praça 14 de julho, que fica ao lado da estação da estrada de ferro, já foi iniciada e não tardará muito em ser a aludida praça ricamente ajardinada, em estilo moderno, sendo de notar que em frente á porta principal da referida estação, será colocado um modelo de mulher, despejando um cântaro d'água, no centro do pequeno lago, tal como se vê no logradouro publico, onde fica situado a intendência municipal de P. Alegre. [PC-9]

CI=CO= 27/05/1927 JO5 Anúncios: Procuraes o Hotel Familiar de Guilherme Groverman [5]

CI=CO= 27/05/1927 JO5 Anúncios: Quereis ser promptamente attendido procuraes os autos n. 121 e 125 da Garage Central Telephone n. 78 - preços módicos [3-5]

CI=OP= 27/05/1927 JO5 Conflictio. Hontem, na villa nova, 2º districto deste município, diversos indivíduos, depois de muito beberem na casa commercial do Sr. Carlos F. Ludwing, por motivo de jogo, travaram comnflctio, sahindo alguns delles feridos levemente, inclusive o comerciante acima referido. [4]

CI=PG= 27/05/1927 JO5 Para comprovar o que vimos de dizer é bastante que se note os innumerados estabelecimentos industriaes e commerciaes que possuimos, a nossa vida social, enfim, com referencia á nossa villa, o seu grão de adeantamento, o seu florescimento architectonico, dia a dia enriquecido com a construcção de ediffcios que honrariam qualquer cidade civilizada. Dispomos de uma sociedade - a gymnastica - freqüentada pela élite do nosso povo, e cujo patrimônio attinge a mais de

trezentos contos de réis. Convém enumerar também os nossos cine-theatros Guarany, Carlos Gomes e Central, todos installados em bonitos edifícios próprios. [2-7]

CI=DP= 03/06/1927 JO5 Segunda- feira próxima será empossado o nosso primeiro Governo Municipal, eleito a 29 do p.p. (ver bibliografia referente a cada um) [1]

CI=LE= 03/06/1927 JO5 Falta de luz. A população local, queixa-se constantemente da falta de luz, que ultimamente se tem feito sentir, principalmente á rua Pinto Bandeira, onde diversas lâmpadas acham-se seguidamente apagadas. Espera-se entretanto, que quando entrarem em accordo as municipalidades de N. Hamburgo e S. Leopoldo, este serviço seja devidamente reorganizado. [2]

CI=VT= 03/06/1927 JO5 Novo carro FORD. Por informações que nos foram fornecidas pela agencia FORD nesta villa sabemos ter o presidente da mesma companhia Sr. Edsel B. Ford telegraphado annunciando que ira produzir um carro superior em apparencia e execucao com mais força, velocidade e fácil controle de trafego. Essa noticia certamente causará sensação no mundo automobilístico, visto o FORD ser sobejamente conhecido e constituir um dos factores maiores da continua ascendência do automobilismo. [3]

CI=LC= 10/06/1927 JO5 Club cyclista realengo. Convida-se aos snrs. Associados para o passeio que se realizará domingo, 12 do corrente, ás 8 horas. A directoria. [6]

CI=OP= 10/06/1927 JO5 Por causa do aluguel. Segunda-feira, dia 6 do corr., apresentou-se á policia o Sr. Christiano Nadler queixando-se que, indo cobrar o aluguel duma casa de sua propriedade, occupada por Waldemar Tackneyer, foi pela mulher deste ameaçado com uma cadeira e subindo á rua, foi em seguida agredido por Clemente Aliardi que, atirado-o contra uma cerca, produziu-lhe diversos ferimentos. Estava Nadler, ainda prestando seu depoimento, veiu á presença do Sr. Marcolino dos Santos Pacheco, activo delegado de policia, o sr. Waldemar Tackmeyer dizendo que, tendo Nadler ido á sua casa, dirigiu-se com palavras insultuosas á sua mulher e agrediu-a a cacete, produzindo-lhe diversos ferimentos pelo corpo.[4]

CI=LE= 17/06/1927 JO5 Irregularidades na nossa luz. Já nos habituamos, de certo tempo a esta parte, com as continuas interrupções de nossa luz electrica. Esse fato, como todos sabem, verifica-se, significativamente, sempre que, neste município, realiza-se qualquer festa.[2]

CI=OB= 17/06/1927 JO5 Estrada da Villa Nova - acham-se quasi concluídas as obras da restauração na Estrada da villa Nova damnificadas com as ultimas chuvas. [2]

CI=OP= 17/06/1927 JO5 Cyclistas abusadores. Tendo verificado, seguidamente, que vários rapazes, desta villa, quando andam de bicycleta o fazem sempre por cima das calçadas, transformando assim esse passeio exclusivamente para pedestres, em estrada de rodagem, o sr. Marcolino dos Santos Pacheco, activo sub-intendente do 1º districto, por ordem do sr. Intendente municipal, que vê, nesse facto, não só um abuso, mas também um serio perigo, principalmente ás creanças, que, descuidadas, como é natural, andam sempre brincando pelas calçadas, determinou ás praças da policia que sempre que verifique tal fato intime os cyclistas a comparecerem á sub-intendencia, onde deverão pagar a multa taxada em lei. [3-4]

CI=AT= 24/06/1927 JO5 Exportação de laranja. essa mercadoria que é embarcada aqui, pela estrada de ferro, vae ate Riveira, cidade Uruguaya, fronteira a livramento, neste Estado, de onde é reembarcada para Montevidéo. [3]

CI=CL= 24/06/1927 JO5 Cordões: torna-se necessário collocar cordões em varias ruas onde a iniciativa particular levantou bellas construcções, que formam um contraste desagradável com o desleixo que se verifica nas vilas publicas. [2]

CI=OB= 24/06/1927 JO5 Avenida Mauá. Esta avenida, que vae dar á frente da praça Centenário, será também embelezada de modo a figurar como uma das nossas mais belas artérias publicas. [2]

CI=OB= 24/06/1927 JO5 Relatório por Leopoldo Petry. Parece-me que pontes com superstructura de madeira só deverão ser feitas quando se trata de um trabalho provisório, pois constituem constantes fontes de despesas. Não possuímos uma única estrada que esteja nas devidas condições, por nunca se ter fiscalizado devidamente a abertura de novas ruas, deixando-se o traçado das mesmas ao bel-prazer dos proprietários dos terrenos adjacentes. A consequência é que não temos um systema de viação uniforme. É indispensável calçar ou macadamizar as vias publicas porque só assim poderão offerecer as condições indispensáveis ao transporte rápido e econômico. [2]

PR=OB= 24/06/1927 JO5 Chamo a vossa particular atenção sobre a importância das ultimas praças [P. Mauá] situadas nas imediações da estrada de ferro, pois são elas o primeiro ponto em que o visitante que aqui chega, lança os seus olhos e recebe a primeira impressão. Ora, todos sabemos quanto valem na vida social, como commercial, as primeiras impressões, por isso é dever do governo municipal providenciar para que sejam boas. [9]

PR=OB= 24/06/1927 JO5 Praça Centenário. Está sendo terraplenada a praça do centenário, onde se encontra o monumento da imigração. Logo que fique prompto tal serviço, será iniciado o seu ajardimento que, conforme estamos informados, obedecerá ao systema moderno. [9]

CI=CL= 01/07/1927 JO5 Cordão. Já se acha concluída a collocação do cordão nas ruas Júlio de Castilhos, Gen. Osório e João Antônio da Silva, ficando assim ligados os passeios entre as duas povoações que formam esta villa. Uma vez colocados as competentes lages pelos proprietários dos respectivos terrenos, poderemos atravessar a nossa villa de uma a outra ponta, pela calçada. [2]

CI=LC= 22/07/1927 JO5 Carreiras. Foi extraordinário o movimento das carreiras na cancha do sr. Henrique Wasum, no domingo passado. Mais de cem automóveis e vinte e cinco caminhões, grande numero de cavallos, carros e carretas se viam dispostos ao longo da cancha. Mais de mil e quinhentas pessoas, vindas de toda parte do Estado, alli estavam reunidas para assistir ás importantes corridas. [6]

CI=AT= 29/07/1927 JO5 Meios de transporte. Esteve nesta villa, no dia 22 do corr., o sr. Andrade Neves, inspector de trafego da viação férrea, que visitou as principaes industrias, anotando os motivos porque quasi todos os industriaes daqui estão remetendo as suas mercadorias para essa capital em autos e caminhões. Este novo meio de transporte, que está sendo explorado em larga escala, está prejudicando seriamente a renda da viação. [3]

PR=UC= 05/08/1927 JO5 Praça 14 de julho. Estando já bastante adeantados os trabalhos de ajardinamento deste logradouro publico, avisa-se aos proprietários de cavallares e vaccuns, que, para evitar estragos nas novas plantações, deverão ter cuidado em não soltarem na rua esses animaes. [9]

PR=OB= 12/08/1927 JO5 Jardins Públicos. Inaugura-se, dentro em breve, o jardim da praça 14 de julho, desta villa. não só por constituir um requisito de esthetica essencial a todo embelezamento urbano... o aludido jardim, que, brevemente, deliciará a vista e mesmo o olfato de nossa gente e dos viajantes que por aqui passarem, dando um attestado do bom gosto da administração [que] vem logrando proporcional a esta villa um embellezamento digno de qualquer centro adeantado... dupla utilidade, unindo o necessário ao agradável... o viajante, por exemplo, que tiver de esperar o trem, principalmente no verão, não precisará fazel-o dentro do velho casarão da viação, que nos dias caniculares é como que um forno em brazas, fal-o-a então, na praça, á sombra, num ambiente de ar agradável, tendo á vista a perspectiva bellissima... assim o forasteiro levará da nossa terra uma grata lembrança, uma agradável impressão... da influência que os jardins públicos exercem na vida das grandes cidades e dos povos inteligentes... é evidente o valor higiênico mental dos jardins. [9]

CI=OP= 19/08/1927 JO5 Chaves achadas. O sr. Francisco Breucha, communica-nos que encontrou, na via publica, duas chaves, que estão á disposição de seu dono, na residência daquelle cavalheiro. [4]

PR=ET= 26/08/1927 JO5 Viação Férrea. Esteve nesta villa o dr. A . Souto Ribeiro, competente engenheiro da viação férrea, o qual veio tratar do estudo dos melhoramentos e embellezamentos que o benemerito Governo do Estado pretende introduzir na estação local, cujo edificio e demais bemfeitorias, uma vez concluída a praça 14 de julho, formará, se ficasse no estado actual, um contraste pouco agradável com os arredores, causando uma pequena impressão aos visitantes de nossa terra. [9]

CI=DP= 02/09/1927 JO5 Monumento da colonisação allemã. Esse sumptuoso monumento, erigido numa das pittorescas collinas de Hamburgo Velho, está quasi concluído, faltando apenas alguns leves retoques na praça que o rodêa e o ajardinamento da mesma. [7]

CI=AT= 09/09/1927 JO5 Horário dos Trens. Desde o dia 7 do corrente está em vigor o novo horário dos trens de passageiros da viação férrea. Da estação de Novo Hamburgo seguem os seguintes trens: 1. Para Porto Alegre: as 7,15 - 15,22 - 18,55; 2. Para Hamburgo Velho: 10,13 - 12,17 - 18,24; 3. Para Taquara: 10,13 - 18,24; Da estação Hamburgo Velho: 1. Para Porto alegre: 7,05 - 15,12 - 18,45; 2. Para Taquara: 10,24 - 18,35. [3]

CI=LE= 09/09/1927 JO5 Entrelinhas... e para frisar a grande evolução que a electricidade, como força motriz, vem produzindo no nosso desenvolvimento urbano e a influencia que dahi resultará para a formação do nosso character, dos nossos costumes e da nossa mentalidade em geral. [2]

CI=OP= 09/09/1927 JO5 Princípios de incêndio... accaduto, antes que pudesse assumir grandes proporções, os proprietários, com a ajuda de vizinhos, conseguiram extinguir o fogo a baldes d'água... a existência estava no seguro. [4]

CI=LU= 30/09/1927 JO5 Convite. o intendente convida a todas as senhoras que se interessam pela praça à uma reunião... o plano de se confiar o cuidado do nosso jardim publico ás senhoras da nossa elite, as quaes, com seu fino gosto, mais do que qualquer outra pessoa, estão em condições de dotal-o dos atractivos que o tornarão sempre mais caro aos nossos conterrâneos. [9]

PR=DP= 30/09/1927 JO5 Agradável impressão. apesar de se terem aglomerado, mais de três mil pessoas nos arredores da praça 14 de julho, não houve nem uma única tentativa de damnificar as arvoresinhas recém plantadas... isto... mostra o alto grão de educação do nosso povo e o interesse e desvelo em zelar as propriedades publicas confiadas ao seu cuidado. [9]

PR=OB= 30/09/1927 JO5 Ver projeto da praça 14 de julho [9]

PR=UC= 07/10/1927 JO5 8º B.C. Estiveram nesta villa as 1. e 2. Companhias do 8º batalhão de caçadores, aquartelados em S. Leopoldo, os jovens soldados, que fizeram toda a marcha a pé, aqui chegaram muito bem dispostos e fizeram descanso na praça 14 de julho. [9]

CI=EX= 21/10/1927 JO5 Menores abandonados. Há dias soldados da policia administrativa, em patrulha pela villa, encontraram, já noite alta, vagando, dous meninos [estes] declararam que eram acostumados a sahirem de casa e que isso faziam a mandado de seus paes, que não lhes davam o que comer. Agora, caso quasi idêntico, se repete. Desta vez, duas meninas. Ambas andam perambulando pelas ruas da nossa villa a pedirem esmolas. A menor dellas já tem um vício - fuma tocos de cigarros ou como se diz na gíria "sabiás" que encontra pelas sargetas. [4]

CI=AT= 25/10/1927 JO5 Os transportes de mercadorias na viação férrea. os exportadores de mercadorias (S.L. e N.H.) se abstinham de remeter os seus productos a esta capital por aquela ferrovia, em virtude da exigência de guias que lhes eram impostas pelo fisco federal. Considerando essa formalidade prejudicial ao negocio, pelo desperdício de tempo que isso acarretava, os exportadores desprezaram os vagões da viação férrea e davam preferencia a outros transportes, embora menos velozes e inferiores em conforto, para se livrarem do trabalho da extracção de guias, a que não podiam fugir, quando se utilizavam dos trens. [3-5]

CI=LC= 11/11/1927 JO5 Circo Palermo. Em seu pavilhão armado á praça 20 de setembro está trabalhando, com successo, o circo Palermo, da firma Robotini. [6]

CI=DP= 18/11/1927 JO5 A inauguração do monumento da colonisação allemã. os convidados officiaes foram recebidos na gare da viação férrea de Hamburgo Velho. Formou-se, então, extenso préstito, na estação, no qual tomaram parte as autoridades, sociedades, os convidados officiaes e grande massa popular, préstito que, puxado pela banda de musica, seguiu para o local do monumento, onde se deu inicio á cerimonia da inauguração do mesmo. Chegados á praça da colonizaçã, ricamente ornamentada com bandeiras e grinaldas, foi entoado pelos cantores o imortal himno de Beethoven (cantam os ceós a gloria de Deus) [7]

PR=CO= 02/12/1927 JO5 Anuncio: Praça do monumento da colonisação - Sorvetes, sandwiches e bebidas geladas encontreis aos domingos, na aprazível Praça do monumento - Hamburgo Velho 25/4/927 - Vicente Schneider [9]

PR=OP= 02/12/1927 JO5 Visitante extranho. o mais extranho freguez, que até agora lá tem apparecido, foi um enorme ouriço-cacheiro, que, attrahido, não sei por que encanto, na noite de domingo ultimo, quis, bancar o cidadão hamburguez. Foi-se, porem, mal succedido, pois o guarda do jardim, vendo-o correr, sem cerimonia, por cima dos canteiros, o que é rigorosamente prohibido, appicou-lhe logo um correctivo, do qual não se levantou mais. [9]

CI=DP= 09/12/1927 JO5 O monumento. foi construído pelo architecto Sr. Ernesto Seubert, de tijolos e cimento armado. Mede 23 metros de altura. Apresenta linhas singelas, e de forma quadrada, guarnecida por 8 columnas redondas. As escadas no interior dão acesso a sacadas, que ficam á altura de respectivamente 6 e 14 metros. Nas quatro faces vêm-se placas de mármore, com os seguintes dizeres:

100 annos de colonisação. - em commemoração ao centenário da colonisação allemã no Rio Grande do Sul 1824- 1924. Honrando os paes, ensinando os filhos. Em 1924, por occasião dos festejos commemorativos da imigração allemã, foi colocado o marco inicial e activados os trabalhos... o terreno em que foi erigido o monumento, fazia parte do lote nro. 1 da "colônia da costa da serra", pertencente ao colono Liborio Mentz, chegado na segunda leva de immigrants, em 6 de novembro de 1824. [7]

CI=OB= 30/12/1927 JO5 Embellezamento da villa. Vão adeantadas as obras do bello sobrado que o sr. Martin Pilger está mandando construir á rua bento Gonçalves. [2]

CI=LC= 06/01/1928 JO5 Anno novo. Há certos usos tradicionaes, que difficilmente deixam de ser observados pelo povo. Um delles é o denominado "neujahrsanschiessen" em allemão. Consiste em reunir-se um grupo e percorrer as ruas, depois da meia-noite de fim de anno, dando salvas no ar. Esse uso teve sua origem no sul da allemanha e no norte da França. Outro, é oriundo do Brasil, é chamado "cantar o anno bom". Munidos duma gaita, grupos iam, de porta em porta, apresentando em originaes versos, seus votos de felicidade aos visinhos. [3]

CI=VT= 06/01/1928 JO5 Ver anuncio carro Chevrolet [3]

CI=OB= 13/01/1928 JO5 Ponte na rua 13 de maio. consta que já foi encommendado o material para a construcção da ponte na rua 13 de maio e cuja construcção será iniciada no próximo mez de fevereiro. [2]

CI=AT= 20/01/1928 JO5 Novo trem. determinou que o último trem, que sahia de Porto Alegre até S. Leopoldo seguisse até Novo Hamburgo, e daqui partisse de manhã cedo para Porto Alegre. O horário é o seguinte: partida de Novo Hamburgo 5,50 h; partida de Porto Alegre 18,00 h. Esse novo trem traz grandes vantagens para o nosso commercio, pois assim, quem o tomar, terá 10 horas de permanência em Porto Alegre, tempo sufficiente para realizar seus negócios e, com a fresca da tarde, voltar a Novo Hamburgo. [3]

CI=TR= 20/01/1928 JO5 As nossas estradas para São Leopoldo e Porto Alegre. os modernos vehiculos de locomoção e transporte, por meio de autos e caminhões, trouxeram uma completa modificação no nosso intercâmbio social e commercial. Os antigos ideaes, que se concentravam na construcção de ramaes ferroviarios, estão sendo postos de lado, pelo menos quando se trata de pequenas distancias e a concorrência que sofre a viação ferrea, se faz sentir agudamente. É que essas empresas, talhadas para operar com vultosas quantias e grandes quantidades, dispõe de um aparato tecnico, administrativo e burocratico dispendioso, tornando difficil e moroso o manejo desse corpo pesado, quando o comercio e a industria exigem e encontram no caminhão, um meio simples e rápido de fazerem chagar as suas mercadorias ao ponto de destino... o próprio sentido que se dá á palavra distancia, já soffreu modificação, quando, ainda há vinte annos, se fallava numa viagem á serra ou a tramandahy, já se ligava a essa idéa uma ausência de semanas inteiras e uma série de trabalhos, obstáculos, contrariedades e mesmo aventuras. E hoje? Comodamente sentado nas poltronas do auto, alcança-se, em pouco tempo, os pontos mais longínquos do Estado. Embora seja pequena a área deste município procura-se pôr em prática os ensinamentos da technica moderna e a experiência colhida em outras localidades, onde o espirito progressista já iniciou o trabalho de aptar-se ás necessidades da collectividade. [3-7]

PR=ET= 20/01/1928 JO5 O que dizem de nós. (diário de Notícias 12 corr.) a estação local da viação férrea - repetidas vezes tem sido feitas criticas muito razoáveis em relação ao estado deplorável em que se encontra o velhíssimo casarão que serve de estação local á viação férrea. sempre é posto em destaque o facto, de este pardieiro ter sido construído há mais de meio século, não se adaptando, de modo nenhum ao fim a que actualmente se destina, O avultado numero de passageiros que aqui chega recebem logo ao desembarcar a mais triste impressão; plataforma esburacada, telhado denegrido e furado pela acção inexorável do tempo, [após uma conversa com um filho da terra que estava ausente por 17 anos] mostrou-se elle encantado, fazendo elogiosas referencias ás innumeradas industrias, ao grande commercio, às avultadas e lindas construcções, ao elegante jardim da praça fronteira á estação mas quando deu com os olhos na estação ferro viária, um sorriso de ironia bem disse sua impressão. [9]

CI=CO= 17/02/1928 JO5 Sociedade do carro fúnebre. desde 1913 existe nesta localidade uma sociedade que foi organizada para a aquisição de um carro fúnebre... substituir o carro fúnebre, até agora usado, de tracção animal, por um caminhão- automóvel, mais adequado ás necessidades da época. [3]

PR=OB= 17/02/1928 JO5 Melhoramentos municipaes. Acham-se expostos, na vitrina da livraria Hans Behrend, o projecto dum chafariz a ser construído na praça 14 de julho. Um chafariz igual será erguido em Hamburgo Velho no triângulo em frente ao cinema Central. [9]

CI=OB= 24/02/1928 JO5 Melhoramentos municipaes. Construcção da ponte na rua 13 de maio. Essa obra, de grande belleza architectonica, alem de suprimir uma necessidade, vira grandemente embellezar a nossa villa e transformará aquella via publica numa das mais lindas do município. [2]

CI=TR= 24/02/1928 JO5 Perversidade ou acaso. vinha de Tramandahy, com diversos passageiros, quando, um pouco alem de São Leopoldo, o automóvel foi ao encontro de um arame que, esticado, atravessava a rua de lado a lado. [3]

CI=AT= 16/03/1928 JO5 Desastre. o sr. Jorge Schury, se dirigia, em automóvel ao bairro Rio Branco, quando, ao atravessar o leito da estrada de ferro perto do açougue, aconteceu ser o automóvel apanhado pelo trem de Taquara que mesmo vinha entrando. [3]

PR=UC= 16/03/1928 JO5 Praça 14 de julho. Com a entrada do outomno surge nos corações dos amantes da cultura das flores o desejo de dedicar-se ao seu sport predilecto, interrompido pelo calor e pela rufa do verão. [9]

CI=VT= 23/03/1928 JO5 O novo auto Ford. Chegou, segunda-feira, para a agencia Ford local, o primeiro carro do ultimo typo, recém-lançado ao mercado logo ao divulgar-se a noticia da sua chegada, aqui, uma verdadeira multidão dirigiu-se á agencia Ford. [3]

PR=AF= 04/04/1928 JO5 Ver fotografia praça 14 de julho [9]

CI=OB= 13/04/1928 JO5 A inauguração da ponte á rua 5 de abril. esta, que, como toda a rua 5 de abril, estava finamente ornamentada com folhagens e bandeirolas. Cortando a fita symbolica, o snr. Intendente, acompanhado pelo povo e banda de musica, atravessando a ponte, deu-a por entregue ao transito. [2]

CI=TP= 20/04/1928 JO5 O tempo. as copiosas chuvas têm causado graves prejuízos nas ruas e estradas do município, notadamente naquellas que, compostas nas ultimas semanas, ainda não estavam consolidadas. [2-6]

CI=TR= 20/04/1928 JO5 Desastre. Ante-hontem, quando, numa carroça, distribuía carne em Hamburgo Velho o sr. Alfredo Ludwig foi victima dum desastre. Espantando-se os animaes que conduziam o vehiculo, dispararam e o sr, Ludwig cahiu entre os varaes sendo arrastado numa grande distancia. [3]

CI=OB= 22/06/1928 JO5 Calçamentos monolithos de cimento armado. O systema de Mac Adam, universalmente empregado nas construcções de estradas e ruas é já deficiente para as necessidades da circulação moderna nas grandes vias de comunicação. As calçadas construídas com mais esmero por esse systema estragam-se pouco tempo depois de construidas e os buracos que nella se formam são, além de incommodos, antihygienicos. Um engenheiro de Waschington propoz ultimamente a construcção de calçadas monolithicas de cimento armado. [2]

CI=CO= 20/07/1928 JO5 Os fiados. quando, porém, em princípios de mez, o cobrador percorre as ruas afim de cobrar as contas, é grande o numero daquelles que andam "apertados". [5]

PR=OP= 07/09/1928 JO5 Praça 14 de julho. Pede-nos o guarda desse nosso aprazível logradouro que chamemos a atenção de alguns visitantes que as flores nas praças publicas são bens da colectividade, não sendo por isso, permittido aos particulares, apanhal-as. [9]

PR=CO= 12/10/1928 JO5 Petit-salão. Com o nome acima, o snr. Albano Stocker acaba de installar, á praça 14 de julho, nro.1, um bem montado salão de barbearia. [9]

PR=CO= 12/10/1928 JO5 Petit-salon. Communico á minha distincta freguezia que acabo de instalar um bem montado salão de barbearia á praça 14 de julho no.1 (enfrente o cinema Guarany). Mantenho sempre bom sortimento de perfumaria, nacionaes e estrangeiras. Attende-se a chamado em domicilio. Albano Stocker. [9]

CI=DP= 16/11/1928 JO5 15 de novembro. Revestiu-se de brilhantismo a festa commemorativa á passagem do 39º anniversario da República. As escolas reuniram-se ás 8 horas, na praça 20 de setembro. Formado o préstito este, puxado pela banda Carlos Gomes. Dirigiu-se á praça 14 de julho, fazendo frente

á intendência municipal. Cantando o hymno da independência; organizou-se novamente o préstito e dirigiu-se a Hamburgo Velho, onde continuou a festa na praça do monumento. Apesar do intenso calor que reinava e da distancia até a praça quasi todas as escolas acompanharam o préstito além de grande numero de outras sociedades incorporadas, com suas bandeiras. A frente da sociedade Frohinn, grande massa de povo aguardava o cortejo. [3]

CI=CT= 14/12/1928 JO5 Bombas de gasolina. Acabam de ser installadas mais duas bombas de gasolina neste município. Uma de frente ao Café Sport, a outra, em frente ao cinema Central de Hamburgo Velho. [3]

CI=OP= 14/12/1928 JO5 Achado. No escriptorio da firma Ernesto & Moeller e Cia, á rua Bento Gonçalves, 19 - entrega-se ao legítimo dono um pacote contendo 12 latas de colla para câmaras de ar encontradas na referida rua. [4]

CI=AN= 21/12/1928 JO5 Cães raivosos. Avisam-se aos moradores desta villa, proprietários de cães que, tendo-se notado ultimamente aqui alguns cães damnados, se dará caça a todos que se encontrarem vagueando pelas ruas sem estarem com a devida chapa e devidamente açaimados. [3]

CI=BR= 28/12/1928 JO5 Desordem e ferimento. travou-se sangrenta luta em uma bodega sita no bairro vulgarmente conhecido por África. [2-4]

CI=OB= 03/05/1929 JO5 Macadamização de estradas. a macadamização da estrada que do Travessão vem a Hamburgo Velho. Espera-se que essa importante via, cuja extensão é de 3.700 metros, fique concluída até fins de maio próximo e que poderá ser entregue ao transito publico até 5 de junho, 2º anniversario do actual governo municipal. Também vai muito adeantado o calçamento da rua Marquez de Souza, quadra entre o leito da viação férrea e rua Pinto Bandeira, em Hamburgo Velho. Nesta rua, devido à forte dulividade, não pode ser aplicado o macadam, tendo sido empregado o calçamento a pedra irregular, rejuntada com pixe, o que diminuirá a formação de pó na superfície e impedirá a infiltração das águas do sub-solo. [2]

CI=OB= 03/05/1929 JO5 O progresso de Novo Hamburgo. juntamente com o progresso, cresce, de dia a dia, o numero de edificações, em todo o território do município. Em toda parte vêm-se surgir modestos chalets aqui, sólidos prédios allí, e elegantes palacetes acolá. Em 1928 nada menos de 123 construcções foram levantadas e no corrente anno esse numero tende a aumentar ainda consideravelmente. [2-7]

CI=CO= 10/05/1929 JO5 Annuncio. Gasolina "Atlantic", Kerozene marca "Sol" - as melhores e mais econômicas - agente depositário nesta villa Ervino Schmitt - praça 14 de julho. [3-5]

CI=OB= 17/05/1929 JO5 Código de Posturas. Se quizermos evitar grandes despesas aos que depois de nós vierem trabalhar pelo progresso de Novo Hamburgo e impedir que elles sejam obrigados a destruir o que nós construimos, forçoso é organizar os projetos e planos de construcção urbana, arruamento, nivellamento e alinhamento de acordo com os ensinamentos da technica moderna e baseados nas theorias que a evolução rápida de nossa terra tem estabelecido. [2]

CI=CL= 07/06/1929 JO5 Procissão de Corpus Chisti. todas as ruas por onde passou o cortejo, estavam festivamente engalanadas e nos edifícios onde estão respectivamente os bancos Porto Alegrense e Pelotense, bem como nos prédios dos snrs. Otto Bennemann e Cyrillo Wolf viam-se armados artísticos altares. A ambas as procissões tinha accorrido grande numero de catholicos de todo o município, que acompanharam os actos religiosos com demonstrações de devoção; também parte do povo não catholico da villa assistiu com respeito a essa solemnidade. [3]

CI=OB= 07/06/1929 JO5 Mapa do município. já está concluída a primeira parte do mappa do município e que comprehende a zona principal da nossa villa (Novo Hamburgo e Hamburgo Velho). [2]

CI=OB= 07/06/1929 JO5 Pavimentação das ruas. o systema adoptado para a pavimentação é o mais moderno que se usa actualmente e aproveitado na construcção das grandes avenidas de São paulo e Rio de Janeiro. Consiste no revestimento do leito da rua previamente preparado de uma espessa camada de brita, que, depois de cylindrada quanto possivel, é impregnada com asphalto. As rodovias assim preparadas, tornam-se impermeáveis e não desprendem poeira, e sendo menos custosas que as de cimento armado, não lhes são inferiores em comodidade. [2]

CI=LU= 14/06/1929 JO5 Entrelinhas. E que prohibe atirar lixo nas ruas e praças publicas da villa; passamos a villa, preciso é que já no exterior appareça essa transformação; Ora, as ruas são, por

assim dizer, as salas de visita de uma localidade, seja povoado, seja villa ou capital, e si acontece chegar um visitante qualquer e esbarrar em todos os lugares públicos com montes de cisco, cascas de fructas espalhadas pelos passeios, sargetas entupidas por detriectus e exhalando mau cheiro, não será muito lisonjeira a impressão que daqui levará; Emquanto as nossas vias de transito não passavam de simples estradas ruraes, completamente abandonadas, pouco se notavam essas irregularidades, mas agora que a municipalidade manda nivelar, alinhar e sargetal-as, derrubados os velhos plátanos, plantados sem ordem nem simetria, verifica-se uma completa modificação em seu aspecto geral e qualquer trapinho ou detriecto, que em tempo não vão longe, não passaria despercebido nos fére desagradavelmente a vista; Sabemos perfeitamente que não é a má vontade, a causa que leva muitos moradores da nossa villa atirarem para a rua o lixo das casas, mas unicamente um velho habito, um antigo uso, e certo estamos que basta a publicação do edital para acabar de vez com esse abuso. [2-7]

CI=PG= 21/06/1929 JO5 A crise actual na praça. Causas gerais e contribuições locais. o que se boqueja nas esquinas e as rotativas despejam aos milhares em todos os quadrantes do território nacional passa a ser uma sentença inappellavel, um canon intangível, para os que renunciam á verdade em troca das apparencias. [7]

CI=CT= 26/07/1929 JO5 O consumo de gazolina e kerozene. art.11 - os recebedores, commerciantes ou depositários de gazolina e kerozene apresentarão a exactoria do local onde estejam estabelecidas, quinze dias após a publicação deste decreto, uma relação de gazolina ou kerozene em deposito, com especificação da quantidade e marca, acompanhada de documento comprobatório do pagamento das respectivas taxas, para a devida conferencia pelos agentes fiscaes, sob pena de ficarem sujeitos à multa de 500\$000. [3]

CI=OP= 16/08/1929 JO5 Arrombamento e morte. pela madrugada de hoje, o snr. Bertholdo Rech, industrialista e conselheiro municipal, residente em Hamburgo Velho, foi despertado por um ruído. Levantando-se, sahiu à rua, viu um indivíduo desconhecido sahir apressadamente. Á voz de "pára", o desconhecido disparou trez tiros, felizmente sem atingir o alvo, contra aquelle industrialista. Este, fazendo uso da arma de caça, que trazia, para defender-se da repentina agressão, detonou-a duas vezes, prostrando, gravemente ferido, o agressor que cahiu ao solo. Logo em seguida o snr. Rech, foi avisar as autoridades, porem quando o delegado de polícia chegou ao lugar não encontraram mais o ferido; apesar de atingido no abdomen, pelos dois tiros, arrastara-se até um galpão existente na vizinhança e alli foi encontrado, ainda com vida, tendo porem fallecido logo, foi removido o cadáver a sub-intendencia do 2º districto para os fins legaes. [Não foi encontrado a arma]. Felicitamos o snr. Bertholdo Rech por ter sahido illeso do grave perigo em que se encontrou. [4]

CI=AT= 06/09/1929 JO5 O fechamento das passagens ao lado da via férrea. Foi alvo de acérrimas censuras por parte dos moradores desta villa, a ordem do fechamento com arame farpado de diversas passagens ao longo da via ferrea que davam comunicação entre a praça 14 de julho e rua 1º de março e 5 de abril. pelas referidas passagens transitava grande parte dos moradores, que viram-se dum momento do outro privados do uso das referidas passagens, existentes há mais de 30 annos, forçados portanto, a fazer um trajecto muito maior para irem de suas residências ás fabricas e vice-versa. [3]

CI=DP= 20/09/1929 JO5 A visita do presidente do Estado a Novo Hamburgo. A exposição municipal. Cresce dia a dia o entusiasmo para o grande certamen, que a industria local organizará a 12 de outubro vindouro, em homenagem a S. Ex. o Dr. Getulio Vargas. [9]

CI=DP= 20/09/1929 JO5 Comício cívico. Em commemoração á gloriosa data de hoje e em propaganda da candidatura Getulio Vargas - João Pessoa, deverá realiza-se hoje, a convite do Major Leopoldo Petry, digno intendente deste município, um comicio civico á paraça 14 de julho, as 20 horas da noite. [9]

CI=DP= 04/10/1929 JO5 Programma de festejos. 13 horas: reunião dos proprietários de automóveis na divisa do município e que acompanharão o ilustre visitante até esta villa. 13 1/2 as 14 formação de um préstimo que seguirá pelas ruas praça 14 de julho e 15 de novembro. Pede-se aos moradores das ruas por onde passar o préstimo a fineza de enfeitarem as casas. Pede-se enfeitar os automóveis. [9]

CI=DP= 11/10/1929 JO5 Da visita de Getulio: a nossa villa viveu, e ainda vive, horas de intenso alvorôto, com as suas ruas e praças literalmente cheia de pessoas que applaudiam a figura; a nossa mocidade escolar, disseminada em grupos alacres, empunhando minúsculos pavilhões na clonaes, montava guarda á estação férrea; três philarmonicas enchiam o ar de sons vibrantes, pontilhados, de

quando em quando, pelo fragor dos foguetes que deixavam após si pequenos flocos de fumo alvaco, enfeitando a lâmina azuleja do firmamento radioso e esplendido; as ruas tinham o riso multicolor das bandeirólas e o grande arco do triumpho, artístico e imponente, ante a intendência.; as 13:30 horas, ouviu-se, á curva jusante, um silvo longo de locomotiva, e, alguns momentos, a entrada triumphal do comboio á estação!; a despeito do calor intenso que reinava, 33° a sombra.; a locomotiva resfollegou nos primeiros arrancos e os circumstantes irromperam numa prolongada, expressiva e altisonante salva de palmas. O dr. Getulio Vargas chegara à esta villa, em trem especial. [3-9]

PR=ET= 25/10/1929 JO5 Viação férrea. um outro grande mal que facilmente poderia ser remediado, é a confusão que se estabelece á chegada dos trens, com o embarque e desembarque dos passageiros. As plataformas e os corredores dos carros acham-se, nessas ocasiões, sempre congestionados. Uma maneira simples e pratica de acabar com este estado de coisas, seria a regulamentação das entradas e sahidas nos carros, sendo estas feitas de um lado e as entradas do lado opposto. Deste modo a parada dos comboios nas estações poderia ser também grandemente diminuída. [9]

CI=AT= 08/11/1929 JO5 Melhoramento no trafego da viação férrea que esta pretende estabelecer, entre a estação local e a de Porto Alegre, um serviço, quasi permanente, de passageiros, com o preço de passagens grandemente reduzidos. Para este fim seriam empregados carros motores. o actual serviço ferro-viário por aqui, com apenas dois trens em cada sentido. [3]

CI=OB= 15/11/1929 JO5 Macadamisação de ruas. [da rua que liga os dois districtos municipaes] que muito contribuirá para o progresso e embellezamento das duas localidades, um vehiculo com ligeiro impulso em Hamburgo velho, virá até aqui, sem emprego de força motriz, pois de lá até esta villa a rua, que tem mais de dois kilometros de extensão, tem um ligeiro declive. [2]

CI=OB= 15/11/1929 JO5 Macadisação. será feito uma experiência com um asphalto liquido de procedência allemã. é aplicado a frio, [ao contrario da macadamisação]. [2]

CI=OB= 15/11/1929 JO5 Ponte Vicente Barcellos. Na estrada que liga este município á São Leopoldo. a ponte recebeu [este nome] em homenagem a este senhor, que bondosamente doou todas as pedras para sua construção. [2]

CI=SP= 22/11/1929 JO5 Autos desenfreados. Contanto se cohiba, de vez, o abuso e vêsso, combatido em todos os lugares, de muitos chauffeurs e proprietários de automóveis que, sem a menor observância ás praxes estatuídas nas posturas municipaes quanto ao trafego, e sem o mínimo respeito á vida e á tranqüillidade publicas, andam em loucas correrias, com descarga aberta, sem buzinar ás esquinas, desabridamente. [3]

CI=ON= 29/11/1929 JO5 Mudança de garage. A garage Hamburgueza, proprietária do Auto Omnibus, que faz o serviço regular entre esta localidade e Hamburgo velho, dispondo ainda de outros vários autos, transferiu-se para o prédio situado a praça 14 de julho esquina rua Gomes Portinho. [3]

CI=TR= 06/12/1929 JO5 Desvio pela direita. A partir de 12 de dezembro corrente será introduzido em Porto Alegre, como na maioria dos municípios do estado, inclusive no nosso, o desvio pela direita, no trafego dos vehiculos. [3]

CI=TR= 10/01/1930 JO5 Correria de automóveis principalmente nas ruas macadamisadas, onde os senhores chauffeurs, sem nenhuma consideração para com os transeuntes e com risco de graves accidentes, abrem a descarga dos motores de seus vehiculos, correndo loucamente, sem sequer fonfonarem nos bifurcamentos das ruas. [3]

PR=SP= 31/01/1930 JO5 Abusos. Moradores residentes nas proximidades da estação ferro viaria pedem-nos reclamarmos contra o procedimento abusivo dos machinistas do trem de passageiros que aqui estaciona a noite e dos de carga que por aqui transitam, apitando alta noite a cada instante, não deixando ninguém dormir. [9]

PR=ET= 07/02/1930 JO5 Teremos finalmente estação nova attendendo a este pedido mandou proceder os estudos, e organizar prospectos para, em seguida, serem iniciadas as obras. O "5 de Abril" tem a jactância de dizer ter sido um dos paladinos que se bateram por este inadiável melhoramento. [9]

CI=AN= 14/02/1930 JO5 Cuidado com os cães. Os jornais de Porto Alegre tem-se voltado ultimamente para o problema canino. As ruas da bella capital gaúcha estão sendo afeidas por uma multidão de cães nojentos, cheios de mazelas, que enxameiam as calçadas expondo sua rabunagem ao sol,

muito pavorosamente. Novo Hamburgo não fica atrás em matéria de cachorrada. com a pequena diferença de que aqui os cachorros não se limitam a dormir pelos passeios, vão agredindo as dentadas os transeuntes incautos e atordoando as ruas com o seu ladrar insuportável. Ainda a poucos dias um pobre velho semi-paralytico, vendedor de bilhetes, foi mordido por um delles em plena via publica. Nada mais desagradável do que esta falta de garantias para as nossas pernas proveniente da excessiva liberdade dada a sociedade canina. Cumpre aos felizes possuidores destes valentes animaes procurar harmonisar melhor o direito dos caes com o respeito devido as pernas dos transeuntes. E não esquecerem também que há um artigo do Código Penal que os responsabilisa pelos estragos feitos pelos dentes dos seus mollosos na integridade physica dos pacatos cidadãos. O problema merece um pouco de atenção da municipalidade a quem compete não somente zelar pela belleza da villa mas também pela tranqüilidade da mesma. [3]

CI=OP= 28/02/1930 JO5 Caça. Entre os abusos para os quaes tem sido chamado ultimamente a atenção dos poderes competentes, figura o máo habito de alguns cidadãos desta villa, que, armados com espingarda, andam percorrendo os arredores, assassinando, a torto e a direito, as aves que encontram. [3-4]

CI=OB= 21/03/1930 JO5 A villa que se renova. O sr. Julio Aichinger, industrialista desta praça, está mandando construir a casa de sua moradia, transformando-a em um moderno "bungalow". Que outros lhe sigam o exemplo. [2]

CI=ON= 18/04/1930 JO5 Linha de auto-omnibus para passageiros a Porto Alegre e vice-versa. O serviço de auto-omnibus ora estabelecido vem favorecendo gradualmente a nossa população, sendo de desejar que o mesmo não tenha duração ephemera. Até agora tem sido grande o numero de passageiros que se vem utilizando deste meio de locomoção. [3]

CI=AT= 30/05/1930 JO5 Desastre de vehiculos. Domingo ultimo, o automóvel de propriedade do sr. Frederico Dietschi, na ocasião que transpunha o leito ferro viário, na rodovia que conduz á Campo Bom, foi alcançado por um trem de carga, que o projectou a regular distancia, deixando-o totalmente inutilizado. [3]

CI=TR= 30/05/1930 JO5 Desastre. Segunda-feira, o sr. Walburg Scheffel socio da firma local vinha com o seu automóvel em regular velocidade impulsionado pelo declive da rua, defronte do cinema Central, em Hambrugo Velho, em uma infeliz manobra, virou o seu vehiculo, que ficou muito damnificado, nada acontecendo, felizmente aos seus passageiros. [3]

CI=SP= 13/06/1930 JO5 Uma reclamação. Pedem-nos reclamarmos a quem de direito, contra o abusivo procedimento de alguns senhores motocyclistas que, além de porem em perigo a vida dos transeuntes com suas loucas disparadas, abrem a descarga de seus motores, produzindo infernal ruído e roubando a tranqüilidade da população. Uma multinha de quando em vez não seria máo. [3]

PR=OB= 08/08/1930 JO5 Melhoramentos locaes. O major intendente municipal, attendendo ao sempre crescente movimento, môrmemente nas noites colidas, nos jardins da Praça 14 de Julho, mandou construir mais 12 bancos de cimento armado para serem em breve ali collocados. Parabéns aos habitués. [9]

CI=AN= 29/08/1930 JO5 Cães vadios. Pedem-nos reclamarmos, a quem de direito, contra a grande quantidade de cães vadios que infestam as ruas da localidade. Aqui fica a reclamação, com o lembrete da conveniência de ser adquirido arsenico, ou outro toxico, antes da alta do preço, pois a queda do cambio, é provável a elevação do preço deste producto. [3]

CI=UC= 05/09/1930 JO5 Aeroplano. Passou, terça-feira ultima, sobre esta villa, um aeroplano. Vinha elle de nordeste e tomou a direcção sudoeste. Para muitas outras localidades é um facto comum, sendo entretanto para Novo Hamburgo um acontecimento digno de registro. [3]

CI=DP= 31/10/1930 JO5 As festas da victoria da revolução em Novo Hamburgo. Novo Hamburgo viveu horas de jubilo indescriptivel, que attingiu ás raias do delírio. Pelas 10,40 horas, o sr. Eduardo Cramer, captára a noticia irradiada pela Radio Gaúcha, do levante das guarnições federaes no Rio. Ao mesmo tempo que rapidamente se divulgava a auspiciosa nova, subiram ao ar centenas de foguetes e o povo começou a affluir á frente do edificio da Intendência Municipal, onde iam sendo affixados os pormenores da grande victoria. [1]

PR=DP= 31/10/1930 JO5 As festas da victoria da revolução em Novo Hamburgo. Á tarde, ás 16 horas, incalculável multidão reunia-se á praça 14 de Junho, tendo então, se realizado um grande comício.

Terminado o discurso do Major Petry, o povo, não contendo o seu entusiasmo, invadiu o edifício da Intendência, e saíu, dando uma volta á praça 14 de Julho, com o intendente carregado sobre os ombros. [4-9]

CA=CF= 12/12/1930 JO5 Venda de terreno. Foi lavrado, anti-hotem, a escriptura de venda, ao sr. Eduardo Cramer, pelas Irmãs Koefel, do bello terreno, esquina da rua General Netto e defronte á Estação Ferro Viária. O novo proprietário vae n'elle construir sumptuoso sobrado, onde installará moderno café, de um lado, e elegante salão de barbeiro, do outro. [12]

PR=ET= 09/01/1931 JO5 Suggestões. Novo Hamburgo progride rapidamente. A sua população multiplica. consequentemente augmenta, diariamente, o seu tráfego mútuo com os municípios vizinhos, notadamente com a capital. Quem se dér o trabalho de observar, na estação da via férrea local, o movimento do guichet, para a venda de passagens. Acresce que diariamente as condições da estrada estão melhorando (Novo Hamburgo - Porto Alegre). Neste município progride a macadamização em direção a São Leopoldo, de certo, o pior trecho. [3-9]

CI=OP= 16/01/1931 JO5 Roubo na Igreja São Luiz. Na noite de domingo para segunda feira última, audacioso gatuno, penetrou no templo catholico local, onde furtou uma pequena taça de ouro, a supporte da ostia sagrada. Nem as igrejas respeitam. [4]

CI=TR= 23/01/1931 JO5 Horrível desastre. o doloroso acontecimento, que teve como theatro uma das nossas mais movimentadas vias publicas, e que dolminou com a morte de uma infeliz senhora e sérios ferimentos em seu marido. Corria o caminhão uma velocidade moderada quando ao chegar a rua Lima e Silva deu-se o horrível acidente. No momento em que o caminhão se aproximava da linha férrea, dirigia-se à estação a locomotiva n. 392, comboiando diversos vagões. Por não ter, talvez, notado a aproximação do trem, o motorista do vehiculo, resolveu transpor a linha. [3]

CI=TR= 30/01/1931 JO5 Grave acidente. Rumava pela estrada principal à Hamburgo Velho, o caminhão de propriedade do sr. Nicolau Loeblein. Dirigindo-se também àquele districto o sr. Willy Rönnau, sendo vizinho do proprietário do vehiculo, pediu passagem no mesmo, no qual foi atendido prontamente. Chegando o caminhão, que corria numa velocidade moderada, à altura do Curtume Ludwig, aconteceu cahir ao solo o chapéo do sr. Willy. Para talvez apanha-lo, ou outro qualquer motivo, o alludido senhor soffreu forte queda, em consequência de que, ficou privado do dom da palavra, estado em que se encontra ainda. O chauffer Albano Arnaldo Loublein, que conduzia o vehiculo na occasião do accidente, somente percebeu o fatto do seu companheiro, quando chegou em Hamburgo Velho. [3]

CI=TR= 30/01/1931 JO5 Suggestões. Um dos factores máximos do progresso dos municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo é, indubitavelmente, a estrada geral, que, ladeando junto da Viação ferrea, conduz á capital. É grande o movimento de vehiculos, que por ella transitam diariamente, levando e trazendo passageiros e carga, embora o seu estado seja o pior possível. Verdadeiro rosários de buracos, os quaes na estação hibernal transformam-se em grandes atoladores, não fazem desanimar os conductores dos alludidos vehiculos. Este intercâmbio commercial e social poderia, porém, ser enormemente augmentado, si se tratasse de uma via publica macadamizada. [3]

CI=TR= 06/02/1931 JO5 Poeira e Perigo. Por ella ser de comprimento de um kilometro, ms. ou ms., em linha recta, os conductores dos mencionados vehiculos, que por ella transitam, acham que foi, embora muito mal macadamizada e nivellada para servir de pista de corridas ou de experiências de motores a gazolina. Entram com 25, abrem para 45, e rufflam para 80 a 100 kilometros. Há horas que é perigoso travessar a rua. E todo mundo sabe: Nestas ruas muito mal acabadas, mais que correm os autos, mais pó elles levantam. E não é para isto, que os moradores pagaram muito caro o chinfrim melhoramento na frente de suas casas, ou elles não poder mais abrir uma janela de tanta poeira. Um inspector de vehiculos nas alturas da carpintaria Schimitt, seria, (por causa das multas), uma boa fonte de receitas para a prefeitura. [3]

CI=TR= 20/02/1931 JO5 Poeira e perigo. Diversos moradores da rua 7 de setembro, por nosso intermédio agradecem ao sr. Coronel Prefeito de ter ordenado que nessa recta comprida se collocasse um inspector de vehiculos. Dizem que diminuiu a velocidade dos autos e com isto também (um pouco), a poeira e o perigo. [3]

CI=SP= 27/02/1931 JO5 O arroio Weinz. Moradores da rua Marcilio Dias e do bairro Rio Branco, pedem-nos chamemos a attenção das autoridades competentes, para o insupportável fétido que emana do arroio Weinz, notadamente nestes dias de cancula. Urge sejam tomadas providencias no sentido

de que seja somado esse mal que, além de incomodar grandemente os moradores daquelle popular bairro, representa uma séria ameaça para a saúde da população. [7-12]

CI=CT= 13/03/1931 JO5 Taxa de consolidação rodoviária. A collectoria estadual torna publico para conhecimento dos interessados que, está recebendo pedidos de inscrição de vehiculos para o lançamento da taxa de consolidação rodoviária - trafego - em 1931, taes como automóveis para passageiros, tanto de praça, como particulares, ditos para carga, carros, carroças, carretas, motocicletas, etc. Os pedidos de inscrição serão recebidos até o dia 31 do corrente, findo esse praso a inscrição será feita ex-officio, ficando os proprietários de vehiculos sujeitos as multas regulamentares. [3]

CI=SP= 20/03/1931 JO5 Os mosquitos. De toda parte ouvem-se queixas contra os mosquitos. Não somente nesta villa, mas também nos arredores, insectosinhos enfadonhos, apparecem em verdadeiros enxames e muitas familias queixam-se que devido a essa praga não podiam dormir a noite toda. Flit, insecticida, Pereat, Pyramides, matador, nada ajuda. Emquanto durava a secca, havia esperança de que com a primeira chuva iam desaparecer - porém, foi um engano. Continuam da mesma forma. Agora espera-se que, quando vier a soprar um minuano, levará consigo esses indesejaveis. Tomara. [7-12]

CI=UC= 20/03/1931 JO5 Aeroplano. Sabbado ultimo cruzou sobre nosso município um aeroplano da Varig. Vindo do sul seguiu para o norte, voltando pelas 15 h, em sentido inverso. Conforme soube mais tarde, a elegante aeronave, que aqui passou a pouca altura, fora effectuar um raid de Porto Alegre a Caxias e vice-versa. [3]

CI=PG= 01/05/1931 JO5 Crises e construções. Com toda a crise, porém, Novo Hamburgo continua a desenvolver-se e si nos dermos trabalho de passearmos pelas ruas de nossa Villa, vemos que nem a actividade industrial tem diminuído tanto, como os pessimistas querem fazer crer, nem tampouco o nosso comercio está de todo parado. O movimento de vehiculos, nas ruas, continua intenso, o vaivém nas casas comerciais não cessa, o ruído monótono das machinas não pára e pelas horas de fechamento das fabricas grande número de empregados e operários de ambos os sexos se movimentam pelo centro. [5-7]

CI=AN= 06/05/1931 JO5 Terneira detida. Encontra-se recolhida ao pátio do quartel de policia municipal, há cerca de 5 dias, uma terneira de pello branco e preto, a qual vagava na via publica em Hamburgo Velho. [3-9]

CI=TR= 15/05/1931 JO5 Rodovia Porto Alegre - Novo Hamburgo. Uma das maiores preocupações para os rio-grandenses, porque constitui todos os annos uma verdadeira calamidade, é o estado das nossas rodovias durante o inverno. Não se levando em conta o que ella representa, constitui o seu estado um clamoroso acto de abandono, pelos desditosos poderes públicos. Nestes últimos dias, a pouquíssima chuva que tem caído já a transformou num verdadeiro lamaçal, onde cada passo se formam os tradicionais "tatús". [3]

CI=CL= 05/06/1931 JO5 Corpo de Deus. Se houver bom tempo, no domingo próximo a procissão de "corpus Christi" sahirá da matriz de São Luiz, de Novo Hamburgo, passando pelas ruas 15 de novembro, Bento Gonçalves, David Canabarro, praça 14 de Julho, rua da república e voltando pela rua 15 de Novembro. [3]

CI=CL= 19/06/1931 JO5 Corpus Christie. Com o acompanhamento de quasi 2 mil pessoas, realisou-se, domingo ultimo, esta grande festa da igreja catholica. Por todas as ruas onde a procissão passava, via-se as fachadas dos edificios lindamente ornamentados com imagens, estatuas e flores. Em pequenos altares, armados no trajecto percorrido, o sacerdote celebrava Benção com o s.s. diversos côros de canto faziam ouvir suas melodias. Retornando ao templo sagrado, celebrou-se o "Te Deum" em acção de graça. [3]

CI=SG= 19/06/1931 JO5 Uma organização falha. A mais falha organização da nossa prefeitura municipal é, por certo, a Inspectoria de Vehiculos. Dum dia para outro, improvisaram-se inspectores, deuse-lhes uma indumentária, sujeita a todo acatamento e... estava formada a nova secção. Acontece, todavia, que esses improvisados directores do trafego urbano, no mistér de sua profissão, revelam a ignorarem completamente o código de vehiculos. Já não falamos em sua inepecia, pois, entre todos, nem um só sabe conduzir um automóvel. Assistimos, há dias, um facto, que justifica plenamente o que dissemos. Trata-se de um pequeno accidente, em que o automóvel foi de encontro a um poste telephonico. Como sempre, os curiosos agglomeraram-se. Um opinava daqui, outro dali, e o manequim phantasiado, investido das funções de inspector de vehiculos, que ali estava para regulamentar o trafego, á nosso espanto perguntou: "mas que devo então fazer?" Emfim, por proposta do próprio desastrado, que era um estranho ao lugar,

resolveu tomar nota do seu nome, mas era analfabeto. Desapertado por um curioso, o nosso inspector deu ordens, para que puzesse o carro em movimento, ficando de ir procura-lo mais tarde para resolver o caso. E não é só. Em diversas collisões, como tivemos oportunidade de ouvir seguidamente, vence aquelle, que melhor falla. O outro que, perplexo pelo desastre, nada diz, vale arcar com as respectivas responsabilidades, se bem que a culpa muitas vezes não lhe cabe. O que, porem, mais demonstra o desleixo com que é attendido esta secção, são as multas. Repetidas vezes, e isso tão seguido, que extenso se tornaria a indicação, são multados automóveis que, pasmem os leitores, ou estão ausentes, ou trancafiados na garage. No dia em que imaginariamente, infringiram as clausulas do vetusto código de vehiculos. Não seria motivo de admiração, se, por acaso, fossem multados carros que não existem. Quando uma collisão torna-se motivo de discussão perante a autoridade suprema da mencionada secção, também lá, nota-se uma lamentável defficiencia de conhecimentos. Lamentamos profundamente este descaso. Ousamos agora endereçar a illustre edilidade a seguinte pergunta: Foi a inspectoria de vehiculos creada, para regulamentar o trafego urbano ou acumular, ambiciosamente ouro na caixa da Intendência. Esperamos entretanto, que o sr. Prefeito Municipal, a quem descerramos esse véo sem vidro de augmento ou óculo côr de rosa do exagero, mas com o crystal claro da realidade, saiba tomar as providências cabíveis no caso. [4]

SH=OP= 19/06/1931 JO5 Monstruosidade. chegando próximo a ponte que acesso ao bairro Rio Branco, Adão apressou o passo para encontrar-se com Maria neste trajecto, que é menos habitado. Munido de um cacete, Adão, sem mais nem menos, entrou a espancar barbaramente a infeliz moça. Revelando toda monstruosidade que vinha dominando, com um forte golpe prestou Maria ao solo. Faustino, vendo a attitude fascinorosa de Adão, em vez de socorrer sua cunhada, deita a correr. [4]

CI=DP= 26/06/1931 JO5 Novo Jornal. Apareceu quarta feira ultima, o primeiro numero do novo hebdomadrio local "Novo Hamburgo". O novo semanario, que é editado pela "Empresa Novo Hamburgo ltda" tem como director o sr. Antonio Bemfica Fº e Carlos Gaile respectivamente da secção portugueza e allemã. Auguramos felicidades ao nosso collega local.

CI=DP= 03/07/1931 JO5 É reformulada a ortografia portuguesa

CI=SP= 08/07/1931 JIN O estado sanitário da villa. Os curtumes contam-se, no município, ás dezenas. E, precisamente delles, ou melhor, da maior parte delles, que emana horrível máu cheiro, resultante de seus detritos. Estes são depois, lançados ao arroio Weinz, o qual corta, em toda a extensão, o território municipal, tornando as suas águas putreficadas, desprendendo irrespirável athmosphera, principalmente nas proximidades do seu curso. É indubitavelmente este facto que constitui o elemento de maior vulto para a péssima salubridade local. O verão não tarda e é, precisamente, nos dias mais calidos que o máu cheiro mais se accentúa. [7-12]

CI=SP= 10/07/1931 JO5 O estado sanitário da nossa villa. Com o titulo "Ainda reclamando" há tempos publicamos, uma queixa contra instalações de certas patentes, que despejam suas águas nas sargetas. Quem penetrar na rua da República, pelo 15 de Novembro, sente a sensibilidade olfativa ferida por fedentina, que se emana da sargeta, em toda a quadra. Ora, como todo mundo sabe, essa rua é a mais movimentada artéria da nossa urbs. [7-12]

CI=LC= 10/07/1931 JO5 Circo Nelson. Deverá estrear hoje, ás 8,30 horas da noite, na praça 20 de setembro, onde tem o popilhão armado, o circo Nelson, que vem procedido de grande renome. [6]

CI=AT= 22/07/1931 JIN As cercas da viação Férrea. De certo tempo a esta parte a Viação Férrea vem cercando, de um lado e doutro, o leito de sua estrada, na linha de Taquara. Neste município varias foram as pessoas prejudicadas com taes cercas. Velhas servidões de trânsito, caminhos públicos, etc., foram cortados pelas cercas de 8 a 10 fios de arame farpado, mandadas levantar pela VF. [3]

CI=OP= 31/07/1931 JO5 Assalto. Na sexta feira, ao voltar de São Leopoldo, pela estrada denominada "de cima", o cidadão Valencio, empregado do matadouro e fabrica de lingüiça do Sr. Arthur Dieder, e que fora à visinha cidade, com a carroça vender os productos daquelle industrial, foi assaltado perto da divisa do município, por dois indivíduos, armados de porrete e que lhe exigiram o dinheiro que levava. Felizmente o assaltado conseguiu evadir-se, deixando na estrada a carroça e os animaes e que foram, mais tarde trazidos para a casa de seu dono pelo sr. Augusto Becker Fº. [4]

CI=SP= 18/09/1931 JO5 Abuso de Motocyclistas. Um dos que mais souberam aproveitar-se da extinção da Inspectoria de Vehiculos, são sem duvida os conductores de motocycletas. Chega mesmo a ser um verdadeiro abuso, o facto de correrem com descargas abertas, durante todo o dia nas ruas desta

vila. Seria bem acertado, que a ilustre edilidade, evitasse este abuso coibindo que dentro do centro da villa se abrissem descargas. Esta reclamação não só atinge os motocyclistas como também os chauffers de automóveis. Esperamos que a Prefeitura não se quer indiferente à nossa justa reclamação. [3]

CI=ON= 09/10/1931JO5 Objectos achados. No escriptorio da agencia Chevrolet, estão á disposição dos respectivos donos, os seguintes objectos encontrados nos omnibus desta empreza: um chapéo de sol, uma luva de senhora, uma carteira de dinheiro, um par de meias de senhora, um tamanco e uma latinha de pó de arroz. [3-4]

CI=OP= 09/10/1931 JO5 Objectos achados. Acha-se depositados na redacção desta folha uma chave, encontrado em frente à estação da Viação Férrea. [3-4]

CI=AT= 23/10/1931 JO5 Desastre de automóvel. Hontem, a rua 15 de novembro, foi theatro de um desastre de automóvel, que, por feliz coincidência de sorte, não teve maiores consequências a lamentar. Ao chegar sobre o leito, o motor do vehiculo, ou por um descuido do motorista ou qualquer outra razão, estanca o seu funcionamento. Foi quando se deu o desastre. O comboio procurando entrar na estação de marcha ré, colhe o automóvel, arrastando a regular distancia, deixou-o bastante damnificado. O motorista, notando a presença do trem e vendo a eminência do perigo, abandonou o vehiculo, pondo-se assim a salvo. [3]

CI=AT= 27/11/1931 JO5 Morte trágica. Seguia a pobre senhora trôpega, pois contava a avançada idade de 74 annos, fazendo talvez esforços para caminhar indo ao encontro da morte. Em dado momento, ao dobrar, uma curva, surge a locomotiva em grande velocidade. O machinista vendo a eminência ao perigo, apita constantemente. De nada valeu. A infeliz velhinha, seguia calmamente o seu caminho, sem nada ouvir: era surda. Com a marcha um pouco reduzida pelo prompto frenar do machinista, a locomotiva colheu a desventurada senhora, atirando-a com violência num valo alli existente, onde poucos instantes depois, exhalava o seu ultimo suspiro, com o nome do filho a morrer-lhe os trêmulos lábios ensangüentados. [3]

CI=OP= 11/12/1931 JO5 Um indivíduo de rasteiros é preso quando tentava duas menores. Acercou-se do grupo, o indivíduo João de tal, offerecendo-lhes dinheiro, para que procurassem com elle, um valioso anel perdido num pequeno matto existente na referida rua. Iracy, Dalila e Bengera, ignorando os pérfdios propostos de João, encetaram a busca do anel, que não existia. Ordenou que Nays ficasse na rua a espera de um irmão seu, que não tardaria a chegar acompanhado de outras menores, para o auxiliarem na busca do objecto. No interior do matto, João levou termo as suas vis idéias. Atirando violentamente a menor Bengera contra um barranco, deixou-a sem sentidos, impedindo assim que desse o alarme. Em seguida procurou subjugar Iracy e Dalila, que se debatiam desesperadamente nas garras do vil seductor. [4]

CI=TR= 18/12/1931 JO5 Doloroso desastre de automóvel. Ao recentar a marcha, um outro omnibus também da marca "Chevrolet", tomou a dianteira, sahindo antes. Durante o trajecto, o omnibus que vinha na frente, parou para recolher uns passageiros, duas senhoras, quando o outro vehiculo tomou a dianteira. Vinham os dois carros disputando a deanteira, em velocidade bastante elevada. Ao terem passado a curva fatal, foram surprehendidos, por forte estrondo e gritos. Ao se voltarem viram o caminhão capotado. Somente então foi que notaram o desastre, pois o vehiculo desastrado vinha na retaguarda. [3]

CI=TR= 18/12/1931 JO5 Novo acidente. Um novo acidente de automóvel, occorrido em pleno coração da villa veio provar mais uma vez, a urgente necessidade da criação de uma Inspectoria de Vehiculos para pôr a termo aos abusos que com grande freqüência vem registrando nos últimos tempos. Descia a rua David Canabarro, o automóvel Chevrolet Em sentido transversal vinha pela praça 14 de Julho, pilotado pelo sr. João Mazzaferro, um automóvel Ford. Ao se encontrarem no entroncamento das duas ruas, o carro do mechanico Mazzaferro foi de encontro ao outro, colhendo-o pelo lado. Os dois vehiculos que não traziam passageiros, ficaram bastante damnificados. [3]

CI=ON= 25/01/1932 JO5 Um accidente próximo... Um facto que, por certo, trará consequências fataes, é o dos menores, que para escaparem á vista do motorista do omnibus, encolhem-se na parte trazeira do estribo, onde não podem ser vistos. Alguns delles até mesmo se deitam. Como passageiros clandestinos, não pedem a parada do caminhão. Quando querem descer, ou aguardam uma opportunidade em que o carro esteja parado, ou tentam saltar, o que nem sempre lhes é possível, cahindo então ao solo, como aconteceu a dias, quando um dos referidos menores procurou apanhar o seu chapéo que o vento levava. [3]

CI=CL= 26/02/1932 JO5 Roseiras importunas. Quem transitar pela calçada do lado direito da rua Bento Gonçalves, despreocupadamente, passa pelo aborrecimento de ter o rosto arranhado por extranhas carícias que lhe fazem roseiras pendentes no muro. Apreciamos a rainha das flores, quando bem cuidada por mão carinhosa, enfeitada um lindo canteiro, e não deixando pender suas ermas ramificações sobre a cabeça do transeunte. Não é portanto de estranhar que alguém mais exaltado do que nós, que obrigado pelo labutar quotidiano, aproveitando este trajecto, dê cabo as importunas roseiras. Se ainda fossem rosas sem espinhos... [2]

CI=TR= 11/03/1932 JO5 Desastre de automóvel. Ao defrontar a officina mechanica, o conductor do referido vehiculo perde o seu chapéu. Procurando apanhar este objecto sem sustar a marcha, o imprudente motorista solta a direcção do seu carro. Apanhando uma pedra, ou por outro qualquer motivo, o caminhão desgovernou, capotando em seguida. [3]

CI=TR= 29/04/1932 JO5 Atropelado por um auto. O chauffer do vehiculo que causara o desastre, apagou logo os pharoes, fugiu a toda velocidade, não podendo ser reconhecido. [3]

CI=TR= 03/06/1932 JO5 Pelas rodovias. Chega a quase duzentos o numero de vehiculos que transitam em tempos normaes, o trecho comprehendido entre esta villa e a sede do município vizinho. [3]

CI=AT= 17/06/1932 JO5 Atrazo de trem. O trem de passageiros de Taquara, que chega aqui ás 2,30 hs da tarde, atrazou-se, quarta-feira, com 5 horas e meia no seu horário. O atrazo foi motivado por um desarranjo na machina. [3]

CI=UC= 05/08/1932 JO5 Fracturou uma perna. Quando jogava footbal na rua, o menino teve a infelicidade de fracturar uma perna. [3]

CI=TR= 26/08/1932 JO5 O trafego de pedestres durante a noite. Prevenimos os moradores de Novo Hamburgo que á noite os transeuntes devem desviar das sentinellas dispostas nas esquinas das nossas vias públicas. [9]

PR=OP= 18/11/1932 JO5 Perdeu-se. Na noite de domingo ultimo, foi esquecido num dos bancos da praça 14 de julho, uma bolsa de senhora, contendo, entre outros objectos, diversas fotografias. A pessoa que perdeu interessa-se pela devolução das fotografias e pede encarecidamente a que as encontrar de entrega-las na Prefeitura Municipal ou na Redacção desta folha. [9]

CI=CL= 02/12/1932 JO5 Assistindo... Já por diversas vezes aos abusos dos petizes, que, com suas carrocinhas, fazem das nossas calçadas as suas praças de desporto, ou canchas de corridas, é obvio que peçamos aos poderes públicos cohibir esses inconvenientes. Os transeuntes correm o risco de se verem, a todo momento, atirados á sargeta, tanta a velocidade que os pequenos conseguem imprimir aos seus carrinhos. Mas não é só isto! Pessoas de pouca idade poderão evitar serem victimadas e com o fato de não poderem caminhar descançadamente ainda muitos se conformariam. Há, porem, um outro inconveniente. O barulho que fazem, roubando muitas vezes o descanso dos outro, é um dos principaes factores que nos levam a rabiscar essas linhas, na certeza de que haja alguém que se interesse em cohibir os abusos. [3-4]

CI=LE= 02/12/1932 JO5 Energia Electrica Hamburgueza Ltda. Mais de cem novas ligações foram solicitadas á Energia Electrica Hamburgueza Ltda, nas ultimas semanas. Essas ligações gozam assim, do beneficio da isenção da taxa de 40\$, que continuara a ser concedido á todas as novas ligações feitas até o Natal desse anno. [2]

CI=ON= 09/12/1932 JO5 Cousas nossas. Um dia são os carros a derraparem e se perseguirem, outros os passageiros, sem prévio aviso, são obrigados a apearem dos vehiculos porque os srs. motoristas lembraram-se de fazer uma pequena escaramuça. Nem sequer se digam de prevenir as senhoras que a "encrenca" é passageira e que não passa de uma pequena encenação e que terminará assim que a polícia chegar. Tampouco tem o cuidado de se afastarem do vehiculo ou de usarem taboetas no interior destes, com os dizeres: "Pedimos desculpas aos srs. passageiros por uma eventual interrupção da viagem, ocasionada pelos costumeiros ensaios de dramas do Far-West. Ou então: "esta empreza não se responsabiliza de conduzir os passageiros até o fim da linha". Uma coisa, alias, necessária que o façam, como queiram continuar da maneira como ate aqui, pois, o passageiro que então embarcar, já irá com o espirito prevenido e as pessoas nervosas evitarão que sejam acometidas de uma ataque ou desmaio, principalmente as senhoras. [3]

CI=OP= 20/01/1933 JO5 Um acto selvagem. Andam por nossas ruas numerosos rapazes com fundas nas mãos, com as quaes atiram comtra avezinhas, postes, canos de luz, e até janellas. Assim na quarta feira passada quebraram por um acto selvagem 20 vidraças em cima da porta do Collegio São Luiz em Novo Hamburgo. Não será tempo para acabar já com todas as fundas? Sabem os damnificadores, que todos os danos causados voluntariamente, devem ser reparados, ou por elles, ou por seus paes? [3-4]

CI=SP= 27/01/1933 JO5 Uso e abuso. Centenas de moradores do 2º districto deste município dirigiram um apelo ao administrador da Comuna, Cel. José Gomes Ferreira, pedindo os seus bons officios no sentido de ser prohibido o uso abusivo com que os conductores dos auto-omnibus da linha empregam as suas buzinas. É justamente quando a necessidade de descanso, durante á noite, que mais infernal se torna o modo incorrecto dos nossos chauffeurs, a ponto da pacata população de Hamburgo Velho resolver clamar por uma medida do Cel. Prefeito. É de extranhar que as nossas empresas de conducção de passageiros, ainda não tenham atinado com a revolta que está provocando o uso imponderado das suas buzinas. Si é verdade que o grito da descarga annuncia, com certa utilidade, a chegada dum caminhão da linha, também é verdade que o nosso corpo exausto pelas fadigas d'um labor incessante exige o repouso e não pode estar sujeito ao bom ou mau humor dos proprietários dos auto-omnibus. [3]

CI=CV= 03/02/1933 JO5 Carnaval. Terão os nossos fuliões se acordado? Repentinamente, justamente quando mais se aproxima de nós Momo, toda agitação que se notava cessou. Porque? Mysterio! Em Hamburgo Velho tudo se agita e já se ouve de casa em casa a entonação de hymnos carnavalescos. Devo confessar mesmo que o povo do visinho districto é mais divertido do que nós e comprehende-se também o motivo: há mais união. Aqui passa-se dificuldade para essas cousas. A impertinência impera e oppõe os maiores obstáculos áquelles que ainda não desanimaram. Nós temos esse má costume de julgar-nos superiores em sociabilidade, àqueles nossos co-municipaes, mas é uma vaidade que erroneamente alimentamos. Hamburgo Velho sabe comprehender a finalidade das cousas e nós só sabemos gritar sem nada fazer e acabamos nos curvando de inveja, daquelles que por justiça nos excederam. Queremos ser mais e nesse sentido não somos como quasi nada. Arlequim. [6]

CI=CV= 10/02/1933 JO5 B.C. dos Leões. Ao que conseguimos colher, prosseguem com grande entusiasmo os ensaios do Bloco Carnavalesco dos Leões, que, como nos annos anteriores, farão uma passeata pelas principaes ruas desta villa. A direcção deste Bloco, que está a cargo do sr. Orlando Costa, promete várias surpresas para o Carnaval de 1933. [6]

CI=TR= 17/02/1933 JO5 Acidente. Domingo ultimo, á tarde, foi victima d'um sério accidente, que felizmente não teve maiores conseqüências a não ser a fractura duma perna, a menor Edela, filha do sr. José Korb. Fazia uma das suas viagens regulares o auto-omnibus nº 207 da Empreza Andorinha, quando inesperadamente defronte o Cinema Guranyrn surgiu, correndo a menor, que graças á pericia do chauffeur do caminhão, apenas foi atingido pelas rodas trazeiras do vehiculo. O chauffeur, sr. Ott, conseguiu, com uma manobra feliz, livrar a pequena duma morte certa. [3]

PR=CV= 24/02/1933 JO5 B.C. dos Leões. Dia 26, apresentação do Cordão Carnavalesco, na praça 14 de julho onde se farão ouvir com as suas marchas etc. Em seguida subirão a rua General Netto e Bento Gonçalves, onde assaltarão a residência do sr. Ernesto ° Moeller e Angelo Provenzano. [9]

CI=CV= 03/03/1933 JO5 Passeata Carnavalesca. Mostrou-se animado o Carnaval em nossas ruas. Coube aos 'Leões' e 'Palmeiristas' colher os louros da victoria, pois, revestiram-se de um brilhantismo invulgar, as passeatas que fizeram realizar, pelas principaes ruas de nossa villa, na noite da 3º feira ultima. As nossas principaes artérias apresentaram um aspecto completamente inedito em Novo Hamburgo, tal o esplendor das figuras allegoricas que com os differentes Blocos estavam ordenados. Deixamos aqui patente e congratulamo-nos com os dirigentes dos Blocos e Cordões pela boa linha de conducta e ordem que mantiveram durante os folguedos empanado tantas vezes pelo entusiasmo fanático de seus torcedores e adeptos. [6]

PR=OP= 03/03/1933 JO5 Chave achada. Encontra-se nesta redacção, á disposição do seu dono, uma chave encontrada na praça 14 de julho. [9]

CI=SP= 10/03/1933 JO5 O canal da rua 15 de Novembro. Quem tem andado pela rua 15 de novembro para dirigir-se ao Bairro Rio Branco, forçosamente terá deparado com um cheiro nauseabundo provindo d'um canal que a Prefeitura em má hora lembrou-se de abrir, para deixa-lo neste estado até agora. Ninguém ignora que aquelle canal atravessando a nossa villa de lado a lado, reuna matérias feccas que, com as águas estagnadas e outras tantas substancias nocivas, offerecem um serio perigo á saúde pública. [12]

CI=TR= 17/03/1933 JO5 Grave acidente. É o caso que, conforme conseguimos colher as 21 horas aproximadamente, sendo intenso o número de passeantes na praça 14 de julho a Inspectoria de Vehiculos, como sóe acontecer todos os sabbados e, domingos, houve por bem, impedir dos conductores de vehiculos o transito naquella Praça; Cumprindo a ordem, subiam e desciam os vehiculos a rua Lima e Silva em marcha lenta, pois os vehiculos eram na maioria de uso particular. Ao ser encontrado, o rosto completamente banhado em sangue, foi Albino transportado ao consultório do Dr. Metzler, que prontamente o attendeu, constatando a gravidade do caso pois fracturou o crânio. [3-9]

CI=LE= 07/04/1933 JO5 Causa nossa. Effectivamente, não é das melhores a impressão que se tem, a noite, da iluminação nas ruas e pior da nossa pracinha. Já não queremos exigir que as lâmpadas nas ruas sejam augmentadas ou substituídas por mais fortes, mas torna-se necessário uma substituição na praça 14 de julho, que a noite parece um doente, do olhar tristíssimos, esperando a hora fatal. É ella o ponto chic da nossa villa e cremos que, se mesmo augmentar as despesas, uma substituição de lâmpadas, estas serão melhor compensadas, com o aspecto que então apresentará, do que a economia com essa carinha triste e melencholica. [2-9]

CI=ON= 28/04/1933 JO5 Achado. Foi encontrado em um dos omnibus da empresa 'Andorinha', uma bengala, a qual se acha á disposição do seu legítimo dono em casa do sr. Pedro J. Ott, em Hamburgo Velho. [3-4]

CI=OP= 28/04/1933 JO5 Com vistas á policia - transeuntes atacados. Na villa Nova, já por diversas vezes, foram atacadas alguma pessoas. Assim, na noite de sexta feira ultima, pelas 9 horas, indivíduos armados de facão e cacete, atacaram um cidadão e exigiram-lhe que lhes entregassem o dinheiro que levava consigo. A victima, receiando qualquer attentado à sua vida, 'ordenou' aos 'indesejáveis' que lhe revistasse. Immediatamente, estes delinquentes avançaram no homem indefezto e subtrahiram todo o dinheiro que encontraram nos bolso, e, talvez, por um 'acto de cortezia' deixaram a victima somente com o relógio e outros e outros objectos de menos importância. Como se vê, estes indivíduos só tinham o fito de roubar o dinheiro; forçosamente para equilibrar a sua situação financeira, que nesta época há de estar bastante abalada. Factos desta natureza têm se repetido por diversas vezes e, para que se ponha cõbro a este estado de cousas, chamamos a attenção das nossas autoridades policiaes, mandando policiaer o 'campo de acção' de indivíduos de tamanho quilate. [4]

AV=CF= 05/05/1933 JO5 Empresa Catelli e Cia Ltda. Horário de auto-omnibus entre esta villa e São Leopoldo. Entrou em vigor nesta linha o horário de inverno, sahindo os omnibus do Café Avenida para São Leopoldo á *6,20; 9; *11; *13,30; *16, e 18,15 horas, regressando de São Leopoldo ás 7,10; 12,15; 17,15 e 19,15 horas. Os horários assinalados com asterisco (*) tem baldeação em São Leopoldo para Porto Alegre. [10]

CI=ON= 12/05/1933 JO5 Considerações. É o caso que ouvimos diversas queixas sobre a falta de omnibus nas horas de chegada dos trens de Porto Alegre, cujos passageiros, que aqui desembarcam, estão acostumados a servir-se deste meio de locomoção moderno, muito commodo e barato, e com justa razão acontece em toda parte. Na semana passada tivemos occasião de ver confirmada esta falta. Foi justamente quando, de tarde, é esperado o Trem que vem da Capital para seguir a Taquara, e, como na estação que atravessamos acontece seguido, chovia torrencialmente no momento quando parava o trem na Estação, desembarcaram diversos passageiros que quizeram utilizar-se do omnibus da nossa linha regular, tiveram a surpresa desagradável de não encontrarem nenhum dos vehiculos mencionados defronte a Estação local, como de costume. O mais interessante é que um dos carros estava estacionado no seu lugar e poucos minutos antes da entrada do trem o chauffeur achou conveniente tirar o vehiculo do seu posto, desaparecendo na escuridão da noite (a iluminação da praça 14 de julho ainda não estava funcionando. [3]

CI=TR= 26/05/1933 JO5 Desastre de automóvel. Quando no dia 22 do corrente, trafegava pela rua Bento Gonçalves o automóvel nº 143, de propriedade do sr. Alvicio Klaser, o mesmo esbarrou contra o muro que circunda o terreno que faz esquina com a rua 15 de Novembro, derrubando-o Atribui-se o motivo do desastre, á direção que estava frouxa. [3]

CI=UC= 18/08/1933 JO5 Viação Aérea. De há tempos para cá, varias vezes Novo Hamburgo teve o prazer de assistir á passagem de aviões, que, ora por aqui só passavam transitoriamente, ora se demoravam alguns minutos fazendo evoluções nas alturas desta villa. Segunda feira ultima, porem, a população local teve a feliz oportunidade de presenciar alguns espetáculos ainda inéditos para nós. Um dos aviões da Base de aviação Naval, alem de voar numa altura muito diminuta, executou várias provas arriscada e muito interessantes, que, alias, foram levadas a effeito com muita perícia por um dos hábeis

pilotos da aviação nacional. Quarta feira também passou por aqui um avião, que, porem, voou a grande altura. [3]

CI=AN= 25/08/1933 JO5 Eliminação de Cães vadios. Um aviso importante no numero passado desta folha, pelo sr. Sub-prefeito, determina que serão eliminados todos os cães que forem encontrados vagueando pelas ruas e praças. Não deixa de ser uma medida louvável e saneadora a do sr. Sub-prefeito, pois não são poucos cães vadios que vivem a infestar as nossas ruas e praças, em virtude do abandono em que deixam os respectivos donos. Precavenham-se, portanto, os srs. amantes da caça, si não quiserem, por uma simples negligencia, perderem os seus preciosos companheiros. [3]

CI=OP= 15/09/1933 JO5 Indivíduos desalmados. Ultimamente a policia local tem estado em regular actividade para prender certos indivíduos desalmados que procuram raptar crianças com o fim de saciar instintos bestiaes. Tem sido mesmo presos alguns indivíduos para averiguação. A policia applicará o necessário correctivo a semelhantes monstros, devendo, pois, serem apresentadas imediatas denuncias, quando forem surprehendidos taes elementos que tentarem por em pratica sua acção abominável. [4]

CI=ON= 22/09/1933 JO5 Horário dos auto-omnibus Novo Hamburgo e Bom Jardim. Sahidas de Novo Hamburgo, em sextas, sabbados, domingos e segundas feiras: as 19 horas. Sahidas de Bom Jardim, aos sabbados, domingos, segundas e terças feiras, as 5,45 horas. Para Estancia Velha diariamente: sahidias de Novo Hamburgo as 9,30 e 19 horas Sahidas de Estancia Velha as 6,45 e 16,30 horas. [3]

CI=OP= 29/09/1933 JO5 Com vistas á Policia. Chamamos a atenção das nossas autoridades policiaes para o fato de estarem sendo roubados, ultimamente á noite, os portões das cercas de particulares, por indivíduos desocupados, que certamente, acham que os portões são 'dispensáveis'. Assim ainda aconteceu sabbado passado, á noite, especialmente na zona da estação da V. F. local, onde foram arrancados diversos portões e transportados para lugares differentes, sendo em seguida abandonados... Vê-se, pois, que se trata simplesmente de brincadeiras de mau gosto, praticadas por indivíduos que mereceriam um correctivo da policia, que poderia, eventualmente dar-lhes uma occupação mais proveitosa no xadrez, durante umas boas 24 horas.... Ali, talvez, lhes seja dado carregar com as grades.. [4]

CI=ON= 13/10/1933 JO5 Serviço de omnibus. Ultimamente temos recebidos diversos pedidos para reclamarmos contra os serviços de omnibus nesta villa, que têm sido grandemente descuidado por quem de direito, principalmente no tocante à observação do respectivo horário da empeza que esta affecta a linha de Hamburgo Velho. Acontece que, repetidas vezes, os omnibus deixam de observar o horário estipulado, quando não 'se esquecem' da viagem. Outra circunstancia que tem levantado queixa geral é a que ocorreu agora nos 'Kerbs' do Matadouro kröeff: os caminhões, quando se dispunham a trazer passageiros para a villa (de regresso) iam aceitando passageiros no fim da linha e, na passagem, não podiam deixar de 'dar um giro' nos outros salões, gosando uma valsinha, ou, talvez, 'refrescando a garganta', emquanto os passageiros se viam obrigados a 'aguardar os acontecimentos'. Mas não é tudo. Há ainda as viagens tratadas para determinadas localidade: seguidamente as pessoas contratam um caminhão, vêm-se obrigadas a esperar por muito tempo depois da hora marcada. E o regresso, então, Talvez os leitores não acreditem, mas é certo que, ainda há poucos dias, um caminhão que devia buscar, de volta, passageiros de uma localidade visinha, atrazou-se 'apenas' em 6 horas ou mias... Francamente já passa do sério... [3]

CI=CO= 10/11/1933 JO5 Mascates... Novo Hamburgo, de há tempos para cá, tem sido bastante visitado pelos vendedores ambulantes mais conhecidos por 'mascates', que, de Porto Alegre, ou de outras cidades, aqui apparecem com grande numero de aposentadorias, especialmente do ramo de armarinhos - meias, gravatas, etc. - cujos artigos, collocam, de preferencia, directamente nas casas particulares, a preços com que o honrado commercio local não pode competir, pois, emquanto este paga elevado tributo com impostos, aquelles na maioria das vezes, negociam lesando os cofres públicos, pois, em rarissimas vezes pagam impostos e mesmo, si tal succeder, pagam geralmente quantias determinadas, às vezes irrisórias. [5]

CI=ON= 08/12/1933 JO5 Trafego de auto-omnibus. A empeza 'Andorinha' acaba de inaugurar uma nova linha de auto-omnibus entre a visinha localidade de Campo Bom e esta villa. Os omnibus obedecerão ao seguinte horário: Sahidas de Campo Bom ás 6 e 12,45 horas. Sahidas de Novo Hamburgo ás 9 e 18 horas. Estes horários tem baldeação com os omnibus da linha de São Leopoldo a Porto Alegre. Aos sabbados e domingos corre mais um omnibus, que sahe de Novo Hamburgo as 15,30 e de Campo Bom ás 17,20 horas. Alem deste horário, a empeza encarrega-se de viagens especiais, desde que tenha de

9 a 10 passageiros. Por ocasião de inauguração d alinha, pessoas residentes em Campo Bom ofereceram um chopp á Empreza andorinha, tendo naquela occasião discursado o sub-prefeito daquelle districto, sr. Walter Thoen e pela 'Andorinha' falou o sr. Walter R. Kayser. [3]

CI=ON= 15/12/1933 JO5 Informou-nos ainda o sr. Schimitt que quando estiver concluído a macadamização da estrada que liga esta villa a São Leopoldo, a qual, ao que consta, será começado logo que estiverem terminados os trabalhos da faixa de cimento daquelle cidade a Porto Alegre, pretende ele adquirir um dos luxuosos carros fechados para esta linha, o que prova o carinho com que a citada empreza deseja servir o publico destas duas localidades e arredores. [3]

CI=LC= 26/01/1934 JO5 Circo Holdem. A estreia do grande crico Holdem, installado na praça 20 de setembro, nesta villa, foi coroado do mais brilhante sucesso. Tanto na função de sabbado, como na de domingo, toda a lotação chegou a ser excedida, tal a massa de povo que affluio a este espetáculo. [6]

CI=CV= 16/02/1934 JO5 Carnaval. Quer nos parecer que o carnaval em Novo Hamburgo vae retrocedendo de anno em anno. Quem reside aqui há alguns annos, deve lembrar-se com saudade da animação que sempre reinava na festa de Deus Momo. [6]

CI=ON= 29/03/1934 JO5 O transporte de passageiros entre Porto Alegre, São Leopoldo e Novo Hamburgo. O transporte de passageiros entre a capital, São Leopoldo e Novo Hamburgo, que é explorado pela empreza Catelli & Cia Ltda, que em boa hora pôs em trafego innumerables omnibus de passageiros, - alguns até bem elegantes - facilitando assim uma viagem rápida entre um município a outro, o que honra sobremodo a feliz iniciativa de seus dirigentes, pelo seu patriotismo, procurando estreitar mais as relações e dar mais vida ás diversas localidades por onde passam seus vehiculos, merece no entanto de um pequenos 'retoques', afim de que seja completo este serviço e evite aborrecimentos aos passageiros que se utilizam deste meio de transporte. Em primeiro, é a questão do horário. Cada cahuffeur possui um relógio, pelo qual se guia, - nada mais natural - o que, entretanto, não é natural é que os relógios dos diversos conductores não combinem entre si. Emquanto uns se guiam pelo horário official, outros o fazem pelo da Estrada de ferro, e alguns por um horário a juízo próprio. O passageiro poderá saber 'aproximadamente' a hora, mas nunca poderá precisa-lo ao certo. Porque não uniformizar este horário, para que se saiba com exactidão as horas de partidas? Em segundo, é o serviço que é feito entre Novo Hamburgo e São Leopoldo; exemplo: o passageiro que parte de Porto Alegre ás 6 horas da manhã, chaga habitualmente as 7 horas e pouco em São Leopoldo, salvo casos imprevistos que ninguém poderá evitar e dirigindo-se o mesmo a Novo Hamburgo terá de vir com o omnibus que parte ás 7,30 horas de São Leopoldo e estará ás 8,15 em Novo Hamburgo - admirável, não é? - Pois bem, si o mesmo passageiro tiver a infelicidade de vir no caminhão das 7 horas, em vez do das 6, terá que passar por bastante aborrecimentos. Ei-los: partindo de Porto Alegre ás 7 horas, chegará em São Leopoldo pouco depois das 8 horas: não pode, no entanto, seguir viagem, porque o primeiro omnibus que segue dahi para Novo Hamburgo sahe ás 9,30 (horário da estrada) e o passageiro terá que esperar quasi 2 horas, chegando muito depois do trem que parte da capital 7,30 horas. Além disso, como os carros de Porto Alegre vêm de meia em meia hora a São Leopoldo e, vindo em cada um diversos passageiros que se dirigem a Novo Hamburgo e outros lugares aquém de São Leopoldo, vem geralmente o omnibus transformado em 'lata de sardinha'. Domingo ainda foi assim, como alias, vai ser todos os dia de movimento; mas, o pior é que entendem de que em cada banco podem ir 5 pessoas, quando os carros não estão adequados a isto, e sim a 4 pessoas, pois, si, em alguns bancos vem passageiros 'peso pluma', em outros vem 'peso baleia', o que causa sérios transtornos e aborrecimentos principalmente ás senhoras que vêm quasi esmagadas e aos solavancos pela estrada. Em dia de maior movimento, como os domingos e feriados, e em horas de maior trânsito, de manha e de tarde, a empreza deve por em trafego carros de hora em hora. Terceiro: o forasteiro que vier de Porto Alegre até Novo Hamburgo, de manhã, no caminhão das 7 horas, ainda tem outra surpresa desagradável: entrando em São Leopoldo, pela arteira principal, ficará encantado, pela sumptuosidade que fica a beira-rio, em que está em completa remodelação e, onde se ergue alteroso o monumento do centenário da colonização alemã; terá porem logo adiante uma amarga desilusão: ao descer na pracinha, onde param os omnibus, fica privado de ao sentar nos bancos alli existentes, pela simples razão de não estarem em taes condições por causa dos travessos pardaes, que durante o dia fazem uma algazarra alegre e infernal e á noite, cansados, vão dormir nas árvores da praça; como são 'pequenos e inocentes', têm o feio costume de 'sujarem o caminho' o que, aliás, acontece a todos os pequenos, o que é preciso no entanto, é que o digno prefeito de São Leopoldo, que honra lhe seja feita, vem administrando com denodo e invulgar patriotismo o município, - dê as necessárias ordens a quem de direito, afim de que os bancos sejam lavados ao amanhecer, evitando desta maneira um juízo menos justo; por último deve mandar colocar mais uns torrões de areia na estrada até a divisa e, por sua vez, se digne o cel. Prefeito de Novo Hamburgo mandar

colocar mais umas pedrinhas evitando-se assim o 'enjôo da areia', e, assim, com um pouco de boa vontade, podem estar certos de que não faltará forasteiros, que, atraídos pela facilidade e conforto do transporte, venha apreciar a beleza e a prosperidade destes dois municípios, dignos de figurarem entre os primeiros do Rio Grande do Sul. ES [3]

CI=OT= 11/05/1934 JO5 Andarilho. Esteve em visita a redacção desta folha o andarilho hespanhol Manuel Vasques, que vem percorrendo o mundo, tendo saído em 1927 de Tetuan (Hespanha). Depois de percorrer varios paizes da Europa, passou elle para a Africa, donde se transportou para a America do Sul, vindo agora de percorrer o Chile, a Argentina, o Uruguay. Continuando o seu 'raid', irá ele ao norte do Brasil, indo principalmente do Rio, donde seguirá depois para o Matto Grosso. Acompanha o raidman o sr. José Zismondi.

CI=OB= 25/05/1934 JO5 Rodovia S. sebastião do Cahy- São Leopoldo. Constando-nos ainda que o traçado em estudo abrangerá zonas menos importantes do que as que estamos pleiteando sejam beneficiadas, seria de bom alvitre que a commissão em apreço, constituindo de elementos que querem o progresso de nossa villa, e mesmo a nossa prefeitura, prosseguem nas negociações, procurado um entendimento com as partes interessadas, no sentido de serem conciliadas não só os interesses de Novo Hamburgo, como também os das localidades circumvizinhas, entre estas algumas do próprio município de São Leopoldo, assim como do de São Leopoldo, etc., ligando assim numerosos centros de produção, sendo desnecessário ressaltarem as vantagens que dahi adviriam para todos. [3]

CI=CO= 01/06/1934 JO5 Serviço Aéreo. Há muito fazia se sentir nesta villa a falta de uma agencia para serviços aéreos, que sejam os de passageiros, correio, encomendas, cargas, etc. [5]

CI=ON= 08/06/1934 JO5 Linha de omnibus Estancia Velha- Novo Hamburgo. Durante a época de inverno, de 1º de Junho até 31 de agosto, o omnibus da linha Estância Velha a esta villa ocorrerá somente ás terças-feiras e quintas-feiras, aos sabbados e domingos, obedecendo ao seguinte horário [3]

PR=ET= 06/07/1934 JO5 Com a viação férrea. Por um dos tantos 'caprichos da sorte', cahi num dia destes, neste grande galpão, ao longo dos trilhos, que tanto contrasta com a beleza da Praça fronteira e ao qual a Viação Ferrea intitula pomposamente de 'armazem'. Si a fachada deste velho barracão já se apresenta com aquelle aspecto 'sui-generis', verdadeiramente retrógrado, pior se nos mostra ainda a sua parte interna, hoje transformada num legitimo covil de ratos. Por uma mera coincidência, com já disse, me foi dado ensejo de entrar, há dias, naquella celebre choça (bem digna de um lugar de destaque em algum museu!) e chamou-me logo espécie uma grande quantidade de buracos cavados pelos terríveis roedores. Maior, porém, foi o meu espanto, ao deparar com um fardo de couros, cujo invólucro de amagem fôra, em grande parte, roído pela rataria, o mesmo succedendo com alguns saccos de farinha de trigo... Qualquer comentário se tornaria supérfluo... e evitei, mesmo, de fazer maiores sindicancias com medo de que qualquer demora alli poderia reverter em prejuízo meu, pois muito bem poderiam os ratos se engrajar dos meus sapatos e deixar-me sahir descalço... [9]

PR=UC= 06/07/1934 JO5 Graf Zeppelin. Passavam cerca de 15 minutos das 13 horas, quando, finalmente, divisava-se a longo o gigantesco 'pássaro prateado', prorrompendo a multidão em grande manifestação de entusiasmo. Lentamente, o 'Graf Zeppelin' ia vencendo a grande distancia e, pelas 13,30 horas rumava para esta villa. Nesta altura, um dos aviões que o foram encontrar, despistou a grande aeronave, que, por isso, voltou, sem mesmo cruzar a parte central desta villa. Foi muito sentido que o imponente dirigível, quando jaia em território hamburguez, não cruzou a zona principal deste município, onde teve inicio a colonização allemã do Estado, há 110 annos, e onde, em Hamburgo Velho, ergue-se, majestoso o bello monumento em homenagem aos pioneiros dessa grande obra de colonização. [9]

CA=CF= 09/11/1934 JO5 Cafés. Acham-se bastante adeantados a nova construcção com que o sr. Eduardo Cramer está amplificando o Café Avenida, vindo assim ao encontro de uma necessidade, pois, o recinto do referido baar já se tronou muito pequeno para acolher o grande número de pessoas que costumam freqüentar esse modelar estabelecimento, especialmente nos dias de verão. Dentro de poucos dias deverão ficar ultimadas as installações do novo café, de propriedade do sr. Frederico Lenhardt e situado á Praça 14 de julho, esquina Lima e Silva.... Barbearia. O snr. Eduardo Cramer communica-nos que passou novamente á sua direcção a barbearia que funciona annexo ao Café Avenida, cuja dependência está attendida por dois componentes profissionais. [12]

CI=TR= 30/11/1934 JO5 Accidente. Ao chegar á altura daquelle trecho, aconteceu escapar a castanha da direcção, indo carro direto ao vallo, de regular profundidade. Por muita sorte, o omnibus não virou, conservando-se todos os passageiros dentro do carro, sem soffrerem o menor ferimento. O

omnibus, que teve uma roda dianteira quebrada, foi retirado a muito custo do valo, ocupando-se neste serviço numerosas pessoas. [3]

CA=CF= 14/12/1934 JO5 Café Avenida. Com a conclusão desta obra, o referido café fica dotado de dois mais espaçosos compartimentos, que se destinam principalmente para salas de restaurante, especialmente apropriados para exmas. Famílias. A pintura de que se revestem estas novas salas - uma com fundo côr de rosa e outra verde - executadas com fino gosto, já por si constituem um motivo de atracção para aquele local. [12]

CI=ON= 14/12/1934 JO5 Linha de omnibus. O snr. Henrique Haas acaba de organizar uma linha regular de auto-omnibus entre a localidade de Nova Petropolis e esta villa. [3]

CA=CF= 21/12/1934 JO5 Café Avenida. Conforme já adeantamos em nosso numero da semana passada, as novas dependências do referido Café constituem um atrahente local para exmas. Famílias, equiparando-se ás suas congêneres da Capital do Estado e de outras localidades adeantadas. [12]

CI=SG= 01/02/1935 JO5 Novo typo de uniforme para a guarda Civil. Ainda para completar remodelação, foi adoptado um novo plano de uniforme para guardas e inspectores, ficando, assim, demonstrado o interesse pela uniformidade da guarda e pelo município de Novo Hamburgo, que merece uma policia digna, disciplinada e bem fardada. [4]

CI=CV= 08/03/1935 JO5 O carnaval de 1935. Si nas ruas passou quasi despercebido o carnaval, pela ausência de corsos ou outros festejos, o mesmo, entretanto, não se pode dizer dos bailes realizados pelas diversas sociedades, nos quaes reinou sempre a maior animação e folia [6]

CI=ON= 15/03/1935 JO5 Linha de auto-omnibus. O sr. Normelio Stabel, que explora a linha de auto-omnibus desta villa a São Leopoldo, acaba de crear uma nova linha de Dois Irmãos para esta villa e vice-versa. [3]

CI=TR= 01/06/1935 JO5 Desastre de automóvel. Ao chegarem nas proximidades da ponte sobre o arroio Weintz, Rugard sentiu, repentinamente, não se sabe porque, um movimento no carro, como que um choque, que o fez perder a direcção e, antes mesmo que pudesse elle retoma-la, o carro foi de encontro a um poste de ferro da luz, e isto com tal violência que o poste ficou bastante vergado, além de ser arrancado do solo. O automóvel capotou e em seguida e, por felicidade ainda, não cahiu pelo barranco abaixo, ficando deitado no meio da estrada. [3]

CI=ON= 12/07/1935 JO5 Linha de auto-omnibus de Novo Hamburgo - Campo Bom. Em virtude do grande movimento de passageiros, que encheram o omnibus de Campo Bom para esta villa, varias pessoas ficaram impossibilitadas de regressarem pelo menos a esta villa, domingo ultimo. Este factio, segundo nos informaram prejudicados, já tem acontecido em outras ocasiões. [3]

PR=UC= 16/08/1935 JO5 Pombos-correios. O dr. Nelz, de Gramado, possui uma numerosa criação de pombos-correio, já tendo feito varias experiências, com êxito, em localidades visinhas. Quarta-feira desta semana enviou elle 31 pombos a esta villa, que foram soltos, de dois em dois minutos, na Praça 14 de julho, donde tomaram logo o rumo ao pombal de sua procedência, sendo, pois, esta experiência também coroada de pleno êxito. Por occasião da inauguração da Exposição Farroupilha, o snr. Dr. Nelz fará soltar alguns pombos do local da mesma em Porto Alegre. [9]

PR=UC= 23/08/1935 JO5 Pombos-correio. que o primeiro pombo chegou ao seu destino em 26 minutos. Solto aqui ás 14,06 horas, chegou a Gramado ás 14,32 horas, tempo mínimo alcançado. Quasi todos os pombos, que haviam sido largados de dois em dois minutos, chegaram avulsos, gastando no percurso 30 a 50 minutos, com raras exceções. [9]

CI=LU= 27/09/1935 JO5 A limpeza das ruas. Destas columnas temos apellidos repetidas vezes á população local, no sentido d não serem atirados ciscos, cascas de fructas e outras sujeiras nas ruas, principalmente nas mais centraes. Embora produzisse bons resultados, em parte, o nosso apello, todavia, não encontrou o devido echo na generalidade, pois não raras vezes vê se algumas ruas que em nada condizem com os nossos foros de progresso e civilização. Com a elevação de nosso amado recanto a categoria de cidade, achamos opportuno reiterar, calorosamente, ainda uma vez o nosso appello a todos os habitantes para que, com um pouco de boa vontade - o que não seria difficil - contribuirem efficientemente para o embellezamento da nossa 'urbs', já que a prefeitura vem encarando com interesse o concerto e a conservação das ruas, conforme vem se observando nestes últimos dias. Tornemo-nos dignos e orgulhosos da nossa cidade! [2-7]

CI=ON= 27/09/1935 JO5 Nova linha de omnibus. O snr. Normelio Stabel, que já explora há vários annos a linha de omnibus entre esta cidade e São Leopoldo, acaba de inaugurar uma linha regular directa entre Hamburgo Velho e Porto Alegre. [3]

PR=OB= 27/09/1935 JO5 Doação da praça 20 de setembro á prefeitura. Baseou o snr. Adão Adolfo Schmitt a sua proposta, em querer apenas, nesse lapso de tempo, os juros de 7% sobre 100.000\$000 Rs, se bem que a 'praça' valesse mais do que o dobro ou sejam mais de 200.000\$000 por quanto a mesma foi estimada. [9]

CI=SG= 04/10/1935 JO5 O policiamento do município. Chegou domingo ultimo a esta cidade um contingente de 16 homens da Brigada Militar do Estado, que vae effectuar o policiamento do município, em substituição á Guarda Civil, que acaba de ser dissolvida. É commandante deste destacamento o 2º sgt. Mário Azevedo de Queiroz. [4]

CI=AT= 14/11/1935 JO5 Hora official na viação férrea. Consoante uma praxe ou há muitos annos, os relógios da viação ferra são atrasados em 5 minutos da ora official do país. Reconhecendo a inutilidade dessa medida, tanto mais que as populações das localidades do interior tem por habito acertar os seus relógios pelo da estação da viação ferroviária, a directoria da viação ferra vem determinar que a partir do dia 15 do corrente todos os relógios da rêde sejam adiantados de 5 minutos, de modo que passarão a registrar a hora official, cessando, assim, aquella praxe. [3]

CI=ON= 22/11/1935 JO5 Auto viação Hamburgueza. A primeira e a terceira viagem de ambas as direções, são feitas em carro fechado e as demais em carro aberto. Aos domingos corre mais um carro (fechado), que sahe de Porto Aelgre ás 19,15 horas. [3]

CI=TR= 06/12/1935 JO5 Trafego de veículos. Conforme já noticiamos em nossa edição anterior, foi, pela prefeitura municipal, terminantemente prohibido ás pessoas que não tiverem caderneta de chauffeur, de guiarem automóveis no território do município. Outroassim chamamos novamente a attenção dos interessados que a velocidade maxima, permitida dentro dos limites urbanos, para automóveis e motocicletas é de 30 kms e para auto-omnibus e caminhão, de 20 kms a hora. Os contraventores ficam sujeitos ás multas estabelecidas em lei. [3]

CA=CF= 13/12/1935 JO5 Serviço de omnibus Hamburgo Velho - Porto Alegre. A partir de segunda feira próxima, os omnibus que fazem a linha para Porto Alegre terão o seu ponto de partida no Café Avenida, encarregando-se a Empresa Andorinha da baldeação a Hamburgo Velho, em omnibus especial, que observará o mesmo horário de partida de Hamburgo Velho. [3-12]

CI=ON= 13/12/1935 JO5 Com os conductores de omnibus. Há dias estiveram em nossa redação pessoas que vieram reclamar contra a imprudência de alguns conductores de auto omnibus da linha de Porto Alegre ao atravessarem o leito da Viação Férrea, allegando as mesmas pessoas que, em virtude do descaso de alguns 'chauffeurs', a vida dos passageiros desses vehiculos é exposta, ás vezes, a grande perigo, pelo que pedem nos para reclamarmos contra este inconveniente. Chamamos, pois, a attenção de quem de direito. [3]

PR=DP= 10/01/1936 JO5 A inauguração da praça General Flores da Cunha. Pelas 18,30 horas, foi, pelo snr. Guilherme Ludwig, cortada a fita, tendo logo a petizada se entregue ás diversões que aquelle parque lhes offerece em variedade. O referido parque apresenta magnifico e moderno aspecto, com ótima iluminação, o que permite que as creanças também a noite possam divertir-se no attrahente local. [9]

PR=AF= 24/01/1936 JO5 A falta de bancos na Praça 14 de Julho. Tendo a Prefeitura Municipal removido, bom numero de bancos da Praça 14 de julho para o parque Gal. Flores da Cunha, faz-se sentir bastante essa falta no aprazivel recanto fronteiro á estação. Sendo justamente a actual época a de maior movimento nesse logradouro publico, torna-se necessário que a Prefeitura providencie uma urgente substituição dos bancos retirados, para accomodar o grande numero de exma. familias que buscam refugio nesse agradável local, nas noites de estio. [9]

CI=OP= 28/02/1936 JO5 Registro de rádios. Na agencia postal-telegraphica desta cidade, está-se procedendo á renovação do registro de rádios, para o anno de 1936. [4]

CI=DP= 01/05/1936 JO5 O hasteamento da bandeira. De accordo com o decreto, recentemente assignado pelo presidente da república, nenhuma bandeira de nação estrangeira, salvo nas embaixadas, ligações e consulados, poderá ser hasteada, mesmo a meia haste, sem que fluctue ao lado a bandeira brasileira. [9]

CI=SP= 01/05/1936 JO5 Repressão e molecagem. O snr. Angelo Provenzano, prefeito municipal, ordenou á policia medidas repressivas contra os moleques, que, costumam damnificar certos objectos públicos, ocupando-se de preferencia em atirar pedras sobre os globos e lâmpadas da iluminação publica. [3-4]

PR=OB= 24/06/1936 JO5 Praça 14 de julho. Prosseguem activamente os serviços de remodelagem da praça 14 de julho, achando-se já em vias de funcionamento a iluminação pelos novos postes de cimento armado, que empresta deslumbrante aspecto á Praça, de noite. A frente da Prefeitura, foi collocado um grande relógio electrico. [9]

CI=CT= 08/01/1937 JO5 Imposto de licença para vehiculo. De acordo com o edital que estamos publicando, a prefeitura municipal está procedendo á cobrança do imposto de licença para vehiculos inclusive sobre bicycletas, referente ao exercício de 1937. A arrecadação desse imposto será feita durante o mez corrente e o de fevereiro. [3]

CI=AT= 02/04/1937 JO5 Accidentes de trafego. Quarta feira desta semana, o trem de passageiros procedente de Taquara, á tarde, apanhou um cavallo que na ocasião postava no leito da estrada de ferro nas proximidades da rua Bento Gonçalves. O animal teve as duas pernas trazeiras fracturadas, sendo, por isso, logo sacrificado. [5]

CI=DP= 05/04/1940 JO5 O 5 de abril. Desde fins de 1926 estava por sahir a criação do nosso município, dia a dia, semana a semana esperávamos a planejada noticia. Demorava e demorava; a nossa paciência era posta em dura prova. Só muito mais tarde é que se soube o motivo dessa demora. O exmo snr dr Borges de Medeiros desejava formar o novo município em harmonia com os políticos de São Leopoldo e mandou vários emissários á vizinha cidade para terem entendimentos, com os respectivos dirigentes. Só depois de ter se convencido de serem infrutíferas todas as tentativas de se chagar a um acordo, resolveu-se s.excia a decretar a emancipação de Novo Hamburgo, por não poder o presidente do Estado alterar os limites dos município - conforme estabelecia a constituição do Estado - ficou Novo Hamburgo encravado em São Leopoldo - ficando as divisas deste inalteradas. Em fins de março de 1927 chegou inesperadamente a esta séde districtal, o dr. Alceu Barbedo, secretario do sr. Presidente do Estado. Foi recebido com entusiasmo, pelos chefes do movimento pro-emancipação e entrou logo a tratar da constituição do novo município, das divisas, da formação dos districtos e do primeiro governo provisório Sendo justamente hora do fechamento das fabricas, esta noticia se espalhou rapidamente e ao cabo de poucos momentos já se ouvia por todos os cantos da nova comuna um intenso espoucar de foguetes que durou a noite toda e durante o dia e a noite seguidos, só parando quando não se encontrou mais um foguetinho em toda a vila. O programa das festas já estava impresso há vários dias e foi profusamente espalhado e cumprido á risca. [1-6]

CI=CO= 03/05/1940 JO5 Farmácia aberta. Domingo próximo estará aberta durante todo o dia a Farmácia Nova, sita á rua Bento Gonçalves, esquina 15 de Novembro. [5]

PR=ET= 10/05/1940 JO5 A estação da viação férrea de Novo Hamburgo. Infelizmente continua afrontando, acintosamente, a estética da bela Praça 14 de Julho e da elegante avenida Pedro Adams Filho, que lhe ficam fronteiras, o apodrecido casebre que, em meados do segundo império, lá pelo ano 70 do século passado, foi trazido, em pedaços, da Inglaterra e aqui arrumado para servir, como ainda serve, embora em condições precárias de estação da viação férrea do RGS. Ao envez de piso de mosaico ou de cimento, de paredes revestidas de azulejo ou escarioladas, e de instalações sanitárias, como é exigido com muita justiça de toda a população, mesmos das zonas sub-urbanas, como medida preventiva de sua saúde, continua a velha estação sem a menor obra de adaptação higiênica No pequeno local, construído no quadro da estação, ao qual, por escarno deu-se o nome de 'Gabinete sanitário', a emancipação excrementária confunde-se com um horrível cheiro de amoníaco, só suportável com o uso de mascaras contra gazes. [9]

CI=SP= 07/06/1940 JO5 Código de posturas. Art 399. Ninguém poderá lançar lixo, cascas de frutas, detricos, animais mortos, qualquer imundice ou cousa semelhante nas ruas ou praças publicas. Os contraventores incorrerão na multa de 30\$000 e o dobro na reincidência. § único. É igualmente proibido, sob pena de multa de 500\$000 a 5000\$000 lançar nos arroios, córregos e valas qualquer corpo estranho, solido ou liquido, que possa contaminar ou tornar imprestável as respectivas águas. art. 400. O animal encontrado morto na rua ou praça, não existindo dono no lugar, será mandado enterrar pela intendência. Existindo dono do animal, será ele intimado para dentro de 2 horas faze-lo enterrar sob pena de multa de

50\$000. Art 401. Será punido com a multa de 30\$000 e o duplo na reincidência o proprietário ou inquilino, que não tiver cubo ou latrina e não conservar esta com o preciso passeios. [7-12]

PR=ET= 23/08/1940 JO5 Má perspectiva. A diretoria da viação férrea está mandando fazer vários concertos no velho armazém da estação local. o fato em si parece ter pouco significado O que porém se depreende dos remendos que se estão fazendo, é que tão cedo não teremos nova estação. O velho barracão (pior que uma velha atafona de um collono pobre), que está servindo de estação e constitui uma aberração do progresso local, continuará per omnia secula, seculorum. Hay que tener paciencia. [9]

PR=ET= 29/11/1940 JO5 Estação da viação férrea (um memorial). Já várias vezes a diretoria da Associação comercial, entidade representativa de mais de trezentos estabelecimentos industriais e outros tantos comerciais, desta cidade, tem-se dirigido ás passadas administrações da viação férrea, solicitando a construção de uma nova estação, á altura do progresso local e em substituição da existente. A velhíssima casa de madeira, a mais antiga estação do RS, cuja construção data, aproximadamente, do ano 70 do século passado, e que está desprovida do menor conforto, tanto para o publico como para os funcionários e a família de agente, que nela reside, continua de pé, como se fora um monumento histórico, em que não deve ser tocado. Basta assinalar que em dia de chuva somente com guarda-chuva aberto é possível nela permanecer. Higiene ali é contrabando. [9]

CI=AT= 17/01/1941 JO5 Desapropriação. Tendo a viação Férrea do Rio Grande do Sul embargado a construção de um prédio na divisa da linha férrea, na passagem para a rua da república, prédio este que tiraria a visibilidade dos maquinistas no trafego dos trens, a prefeitura municipal desapropriará o respectivo terreno para nele construir um pequeno jardim. Esses terrenos pertence aos snr. Albano Tieriweiler e Edmundo Diestmann. [9]

CI=CV= 24/01/1941 JO5 Instruções que deverão ser observadas nos dias de Carnaval de 1941. 2. Nenhuma canção poderá ser cantada nas vias publicas, sociedades, clubes e outras quaisquer casas de diversão, sem prévia censura da respectiva letra. 3. Nenhum agrupamento carnavalesco poderá transitar pelos passeios das ruas nem penetrar nos bares e casas comerciais. 4. Não é permitido o uso de fantasias atentórias á moral, nas vias públicas, nos bailes, nos corsos, etc. Os que se apresentarem com tais fantasias, serão apresentados á Delegacia. 5. Não é permitido o transito pelas ruas de grupos carnavalescos de que façam parte indivíduos maltrapilhos, empunhando latas, fragmentos de madeira e outros objetos. Tais grupos serão dissolvidos e seus componentes levados á Delegacia. [4-6]

CI=PG= 24/01/1941 JO5 População de Novo Hamburgo. Sabe-se, pelo resenciamento, agora concluído, que a população desta cidade é de cerca de dezesseis mil habitantes. Este número é bastante significativo e constitui verdadeira surpresa, pois, a estimativa era de treze mil almas. [7]

CI=CT= 17/07/1942 JO5 Racionamento de gasolina. Conforme instruções baixadas pelo Conselho Nacional de Petróleo, será definitivamente paralisado o trafego de autos particulares e oficiais, á meia noite de 19 do corrente. Neste sentido as autoridades policiais receberam instruções que atingirá os transgressores da proibição, e que são os seguintes: Os veículos infratores desta medida serão apreendidos se ainda tiverem gasolina nos tanques, deverão cedel-os aos táxis ou veículos de carga, ou empregal-a em uso doméstico. Os carros apreendidos serão recolhidos ao depósito judicial. [3]

PR=DP= 04/09/1942 JO5 Arde o 'fogo simbólico' sobre o Altar da Pátria desta cidade. Favorecido por esplendida noite, uma grade multidão, jamais ultrapassada, aguardava, na Praça 14 de julho, o momento da chegada do 'fogo simbólico', a pira que deverá arder durante a 'semana da pátria'. Ás 20,50 horas entrava pela Av. Pedro Adams Filho, procedido por uma formação de motociclistas, o 'fogo simbólico', conduzido pelo atleta Messias. A multidão, postada ao longo da nossa artéria principal, aguardando ansiosamente, tributou frenéticos e entusiasticos aplausos á sua passagem. No alto do coreto, onde foi acesa a pira, em nome do snr. Odon Cavalacanti, edil municipal, o qual, acamadado e febril, se viu privado de, com seu entusiasmo viril de sempre, assistir ás brilhantes manifestações que a população de Floriano votava ao "fogo sagrado da pátria", falou o snr. Heitor Gralha Bonorino, zeloso delegado de Polícia deste município, o qual fez a clássica saudação da cidade de Floriano ao 'fogo simbólico da pátria', e que publicamos a parte. [9]

CI=CT= 11/09/1942 JO5 Racionamento de gasolina. Era de 90.000 lts o dispêndio deste combustível em nossos 375 veículos automotores que por esta cidade trafegavam. Com o racionamento, o volume de combustível acima aludido, foi baixando de nível até eduzir-se no corrente mês, a 26.000 litros. Vários problemas surgiram, com esse racionamento para a nossa produção e transporte, que estão sendo resolvidos convenientemente. [3]

CI=SP= 18/12/1942 JO5 Estão diminuindo os mosquitos. Atento observador disse-nos e com razão que desde 1940 tem diminuindo de cerca de 70% a praga de mosquitos na nossa cidade. Ele atribuiu o fato às diversas medidas tomadas pelo posto de higiene local. As referidas medidas higiênicas foram principalmente, remoção do lixo em latas fechadas, adoção de piso de mosaicos nas cozinhas, restaurantes e dispensas, gabinetes higiênicos com fossas septicas nas casas novas e nas sujeitas á reforma e outras mais, que contribuíram para a aludida diminuição. Infelizmente, disse-nos o nosso informante, em nossa cidade este serviço, por enquanto, não poderá ser completo, pois estão nos faltando, ainda, os serviços de água e esgoto, tão necessários para a completa salubridade. [7-12]

CI=OB= 15/01/1943 JO5 Assuntos municipais. Com este objetivo foi ordenado, pelo edil, o calçamento com pedra irregular, das principais ruas da cidade, obra esta em franco andamento. Escolhendo a pedra irregular, o Dr. Schneider, encarou o caso sob o ponto de vista econômico, pois que, naturalmente, o paralepípedo seria melhor, porem muitissimo mais caro, e cujo custo a atual situação financeiro do município não comportaria. A prefeitura ainda, para diminuir o pó, prontamente tem tratado de mandar varrer as ruas e limpar as sargetas, o que empresta a nossa cidade melhor aspecto, alem de contribuir grandemente para a diminuição do pó; maxime tendo ficado terminantemente proibidas as corridas de veículos nas ruas da cidade. [2]

CI=TP= 15/01/1943 JO5 Veranistas. Pessoa bem informada, calcula em mais de quatrocentos as pessoas desta cidade, que se acham em veraneio. A maioria destes veranistas encontra-se em Tramandaí, praia do Atlântico preferida pelos novo-hamburguêses. O restante dirigiu-se á praia de Capão da Canoa, e aos pontos de veraneio, na serra nordeste. [6]

PR=OB= 19/02/1943 JO5 Praça 20 de setembro. (trabalho de aformoseamento) Foram finalmente atacados, com intensidade, os trabalhos de terraplanagem, arborização e ajardinamento da até agora abandonada Praça 20 de setembro. Deste modo, desaparecerá o 'piquete' em pleno centro da cidade. A população mostra-se interessada nos trabalhos, prova do desejo de vêr o velho e feio logradouro público, transformado num lugar pitoresco e aprazível. [9]

CI=TR= 30/04/1943 JO5 Objetos achados. Foi achada esta semana, tendo sido depositada nesta redação, uma manivela de ventilador de gasogênio. [3]

CI=TR= 04/06/1943 JO5 Ainda a rodovia Novo Hamburgo - São Leopoldo. A referida ligação é por demais íngreme e de difícil acesso, principalmente dos veículos movidos a gasogênio. Disseram-nos que, seguidamente estes precisam formar vertiginosa corrida para subirem a terrível rampa, que dá á estrada federal, tal o aclave da ligação. Correndo á nossa frente, outro veiculo tentou, sem resultado, subir, embora fazendo-o varias vezes. O chofer, que guiava o carro, em que íamos, para não passar pelo mesmo desgosto, embalou o veiculo, ainda a distancia, e na corrida, em primeira, conseguiu subir, para alcançar a grande rodovia federal. Quando, porem, então já em marcha diminuída, alcançamos o ponto almejado, eis que, de inopino, com louca velocidade, surgiu um automóvel do interior, o qual, por um nada, se chocou com o nosso ônibus. [3]

PR=AF= 25/06/1943 JO5 Coração Florido. Nestes brumosos dias de julho, em que a natureza perde, em parte, o seu viço e o seu esplendor, as raras flores e os jardins, não bailam tanto em nossa fantasia, ou mias explicitamente, não nos despertam tanta atenção como na época primaveril, em que tudo parece renascer. Entretanto, ninguém pode ficar insensível á remodelação da nossa praça 14 de julho. A satisfação encheu os nossos corações do constatar a metamorfose que ali se verifica... A estética estava mesmo a exigir uma remodelação naquele logradouro em que, os namorados fazem o seu 'footing', os intelectuais buscam inspiração, as crianças brincam, os rapazes discutem futebol e os velhos buscam a ilusão da felicidade, ao entrar em mais estreito contacto com a vida e com o mundo. Gramado, praticamente, não existia. Os canteiros, com os contornos mal definidos, ofereciam um aspecto lastimável ou, quasi que deprimente. Mas, como diz o provérbio 'não há mal que não se acabe', e este, de acordo com as possibilidades, vem sendo sanado. Assim quando chegar a primavera, a nossa cidade terá o coração florido, com seus recantos aprazíveis e pitorescos. E, as almas sentirão toda magnitude da natureza, no aroma das flores, na sombra das árvores e no brilho ofuscante dos canteiros ajardinados. Respeitar a natureza á amar a Deus (WOK). [9]

PR=ET= 16/07/1943 JO5 Nova estação ferroviária- trafego de três carros motores entre Hamburgo Velho e Porto Alegre. Pessoa autorizada trouxe-nos a alviçareira noticia de que seriam atacadas, ainda no ano em curso, as obras de um moderno edifício, em substituição do velhíssimo prédio - a mais velha estação ferroviária do Estado- e, bem assim, que, dentre em breve, seria, postos em trafego

três carros motores entre Hamburgo Velho e Porto Alegre, exclusive os que já estão trafegando na linha Taquara. [9]

PR=OB= 23/07/1943 JO5 Jardins da Praça 14 de julho. Como se sabe, o jardim aludido e que há muitos anos se encontrava em estado de abandono, teve, a sua destruição completada com a última grande estiagem. Concluída esta incumbência, irá prosseguir o reajardinamento do 2º quadro, que tem como centro o chafariz. Será também atacada o calçamento nos passeios deste lado do logradouro público, ponto principal para onde converge toda a sua população, nas horas de lazer. [9]

CI=AT= 30/07/1943 JO5 Promissora visita do Diretos Geral da VFRGS. Carro motor Hamburgo Velho - Porto Alegre, e vice-versa Ninguém desconhece o conforto que oferecem aos passageiros os rápidos carros-motores da Viação Férrea. No entanto continuam sendo para Novo Hamburgo um penoso ponto de interrogação, pois quantas vezes sucede que um cidadão parar pacientemente por vinte ou trinta minutos no guichet da estação para obter uma passagem e com grande decepção ouve, afinal, que o carro vem lotado. Também é conhecido que a Estação de Novo Hamburgo é uma das que maior movimento de passageiros apresenta nesta linha, de maneira que as viagens nos carros motores eram sempre bem problemáticas para os que pretendiam utilizar-se deste moderno meio de locomoção. [3]

AV=CL= 20/08/1943 JO5 O Instantâneo. Um comentarista carioca disse, certa vez, que aquilo que prende os colaboradores da imprensa à mesma, é algo parecido com um capricho, ou mesmo, uma cousa que, talvez, nem eles sabem definir. E isto, é uma grande verdade. Escrevem eles os seus artigos, artiguetes e crônicas, não para virem o seu nome no jornal, pois este raras vezes aparece; não para serem cumulados de atenções ou honrarias, mas sim, para satisfazer-se a si próprios. Em geral, empregam suas atividades em outros setores, dedicando algumas de suas horas de lazer às chamadas atividades literárias. Eles, ao contrário dos profissionais da pena que, à força de remover diariamente as migalhas da vida cotidiana, fazem, muitas vezes, assunto da própria falta de assunto, porque estes lhes falta, luta, com a abundância de matéria para abordar. E, não é para menos. Para eles o assunto anda aí, como água em tempo de enchente. Procurando comprovar a veracidade destas palavras, imaginemo-nos, por exemplo, em plena Av. Pedro Adams Fº, num domingo à noite, em qualquer ponto do trecho compreendido entre as ruas Gal. Neto e Lima e Silva. Paremos e fixemos um ângulo qualquer. Veríamos com toda certeza, o cronista desportivo desta folha, (desculpe, Justus), parado em frente a uma vitrine, talvez, procurando matéria para seus 'Mexericos'. Mais além, veríamos gente, muita gente, de todos os tamanhos e sexos (perdão, de ambos os sexos) passeando de cá para lá. E, cada qual destas pessoas, que ali fazem o seu 'footing', tem a sua história, o seu romance, os seus problemas. Tudo isto se desenrola aos nossos olhos num momento, num instante. Só com a descrição deste instantâneo fictício (ou verdadeiro?), teríamos assunto para vários artigos, crônicas, e mesmo, para uma novela ou romance (si a capacidade o permitisse). Dito isto, só nos resta exclamar: 'Decididamente, assunto para jornal, hoje em dia, é o mesmo que miséria em casa de pobre... WOK [10]

CI=PG= 03/09/1943 JO5 Reflexões. Si o mundo é pequeno, como tanta gente diz, em compensação, os mundos interiores, criados pela imaginação e pelo pensamento humano, são tão vastos que, a homem algum, jamais foi dado avaliar toda a sua extensão. Julio Verne, o genial escritor francês, verteu em páginas brilhantes, os bacorejos que emoções lhe ditaram, dizendo que, no futuro, os ares seriam cortados por pássaros metálicos feitos por mãos humanas, e que nos mares, os homens atingiriam grandes profundidades navegando, nas agitadas águas, com monstros de ferro e aço, concebidos pela sua própria imaginação. E a atualidade provou, cabalmente, a exatidão das idéias do imortal autor de 'Vinte Mil Milhas submarinas'. Quanto a H.G.Wells, quem poderá duvidar de suas fantásticas previsões?- No entanto, elas não passam de quimeras que se podem concretizar ou não. Questões casuais. Ou então, instinto visionário e percursor, peculiar a certos indivíduos. Perdido nestas cogitações, lembrei-me de nossa cidade. Essa bela e alterosa Novo Hamburgo, que dia a dia mais se eleva no cenário econômico brasileiro. As nossa coletorias que o digam. Mil coisas encheram-nos o pensamento; mil idéias assolaram-me o cérebro, ao pensar sobre seu futuro, sobre o seu aspecto e influência, digamos, daqui há um século. E, estas ruas, (penso para mim) como estarão?- Muitos arranha céus. - Vida Social intensa, vida noturna, 'night clubs' luxuosíssimos, imprensa diária, estações de rádio, progressos de toda a sorte? - Talvez... Mas pergunto, não deixaria Novo Hamburgo de ser, então, a cidade do couro, o local 'onde as fábricas fizeram uma cidade', para ser como as outras, enfim, como todas as grandes cidades, onde há riqueza, mas, ao mesmo tempo misérias em profusão? Ao futuro, ao incognoscível futuro, pertence a resposta. WOK [5-7]

PR=ET= 08/09/1943 JO5 A estação ferroviária está sendo pintada. Não tendo sido possível o conseguimento da construção de um novo edifício para a nossa estação da Viação Férrea, em substituição

da mais antiga dentro do nosso Estado, vemos, todavia, com satisfação, a completa pintura, a óleo, que ali está sendo executada, no velhíssimo casarão, após, varias obras de retoque no mesmo. Também a plataforma da estação irá receber um piso de pedra grês, obra que muito se fazia necessária. [9]

CI=LE= 10/09/1943 JO5 A iluminação da cidade. Em diversos dos últimos números do nosso jornal temos aludido á grande transformação pela qual está passando a nossa cidade, quer quanto á iniciativa pública, quer referente à particular. Nas aludidas notas que fizemos ressaltar, entre outros melhoramentos, as inúmeras construções particulares; a criação de novas industrias e a ampliação das já existentes; o calçamento da cidade, que está aos poucos resolvendo o problema do pó; a varredura das ruas e lavagem, em determinados pontos, das sargetas; o ajardinamento e amorfoseamento da praça 14 de Julho; o projeto da construção do palácio municipal e ajardinamento da praça 20 de setembro, tudo ditado pelo nosso senso de observador. Entretanto, ainda não fizemos a mais leve referência à iluminação da cidade. De meses a esta parte transitamos da imensa escuridão, em que, quasi sempre, nos achávamos imersos, para uma claridade imensa; das trevas, que nos causavam tristezas, abalando, mesmo, o nosso estado de animo, para um mar de luz. As ruas da cidade, quando não apresentavam aspecto negro, fazendo o andante tropeçar, a cada instante, elas eram parcimoniosamente iluminadas, parecendo mais uma casinha de pobre, iluminando o candeeiro, do que vias publicas de uma cidade, como a nossa. Felizmente esta época passou. Os referidos serviços públicos, devemo-los ao dr. Nelson Toohey Schneider, dinâmico prefeito da comuna. S.S. mandou ampliar, grandemente a iluminação, designadamente a da nossa bela Avenida Pedro Adams Fº e das restantes ruas centrais de Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, não esquecendo, também, a dos arredores. A vista da cidade, tanto os seus 1º como 2º distritos, empolgam, principalmente quando contemplada da estrada Getulio Vargas, quer por quem a veja da parte noroeste, quer do lado sudoeste. De ambas as direções e ainda, dos morros mais próximos, descortina-se um panorama majestoso, impressionando tanto os passantes, como os visitantes. Cremos que poucas cidades do Estado possuam tão esplêndida iluminação. Tudo isto constitui ótima reclamação para a nossa cidade industrial. Observando a metamorfose e levados pela curiosidade, fomos procurar dados na Prefeitura sobre o quanto dos Kilowats, que se despendiam e os que se estão gastando. Informou-nos o funcionário encarregado da seção, que antes da atual administração, o consumo de luz absorvia entre 6.000 a 6.500 quilowats, atingindo hoje a quasi 25.000, ou seja quatro vezes mais. Este consumo, embora importante em um pouco sacrificio do erário municipal, diz bem da vida intensa e do grande progresso do município. Demais, uma cidade como Novo Hamburgo, da qual podemos nos orgulhar, tem direito a uma permanente indumentária de gala. [7]

CI=AF= 08/10/1943 JO5 Telhados vermelhos. Embora parecendo de nenhum significado e mesmo inexpressivo, o título, que encima estas linhas, encerram um grande sentido. Sugerido pelo bellissimo panorama, ou digamos, pelas varias e esplêndidas vistas que se descortinam dos pontos elevados, circundantes da nossa bela cidade, da grande comuna, cujo renome, atravessando as fronteiras do nosso Estado, vai ter aos mais longínquos quadrantes do grande Brasil, a rubrica refere-se ás centenas de novas edificações, que, aqui se tem construído ultimamente. Basta assinalar, como prova de nossa afirmativa, que ainda agora estão em obras cerca de três dezenas de novas edificações. São elegantes prédios residenciais, que se erguem majestosamente; são grandes e adequados edifícios destinados ao comercio; são construções, onde vão instalar-se novos estabelecimentos industriais ou para ampliação dos já existentes; são, enfim, modestos chalets, onde se abrigam as famílias dos vários milhares de operários, que labutam em nossas fabricas para o interrupto progresso de Novo Hamburgo e pela grandeza do Brasil. Ainda, ontem, o pequeno território de que é formado o nosso paradoxal município - pequeno em área, mas grande como centro industrial - era apenas um povoado, dependente de administração extranha, para tornar-se, há poucos lustros, um município emancipado, que apresenta-se agora, dentre as cidades do estado e do Brasil, como uma de suas mais pitorescas e belas cidades, que marcha, a passos de gigante, na estrada larga do progresso. Traçamos estas apreciações, fazemo-lo com orgulho. MM [2]

CI=PG= 22/10/1943 JO5 E a cidade se enfeita. Novo Hamburgo progride materialmente. Suas fábricas recomeçam e multiplicam-se. Sua economia aumenta. Sua vida toma fóros de ambiente civilizado. Tudo, aqui, respira atividade, beleza, bom-gosto. Novos edifícios e novas habitações, feitos em estilos os mais modernos ou pitorescos. As ruas calçam-se. Também pudera não ser, sendo a cidade da industria de calçados, em grande escala. Os jardins embelezam-se e se multiplicam. O progresso, aqui é fato incontestado. Mas com esse avanço vertiginoso, as relíquias vão desaparecendo... ficando realmente nos seus lugares: - o Passado. Novo Hamburgo, de quando em vez, resolve rebatizar-se. Há comentários. Numa fotografia de vinte anos atrás vê-se num pedido ainda existente, esta inscrição: 'Borges de

Medeiros'. Novo Hamburgo com Hamburgo Velho, confundem-se. No futuro tudo, pelo que se observa, vai ser 'novo'. A comuna progride, porque o seu povo trabalha e o seu edil constrói. ML [7]

CI=OB= 17/12/1943 JO5 Foi vendido o arcaico prédio Etzberger. Os compradores pretendem demolir antiga casa, decerto uma das mais obsoletas da cidade, para mandarem levantar no local, alteroso edifício, desaparecendo, assim, aquele que destoa do conjunto. [2]

CI=DP= 04/02/1944 JO5 O Nome de Novo Hamburgo (por Leopoldo Petry). Como resultado dos minuciosos estudos e indagações que venho fazendo há muitos anos, posso afirmar que a origem desse nome é a seguinte: o primeiro negociante estabelecido nesta zona foi Alexandre Kersting, mais conhecido como Major Kersting. Era natural da cidade de Hamburg e, costumava frisar sempre sua origem hansiática. Ao despedir-se dos seus freguezes costumava recomendar-lhes: Não se esqueçam de voltar á casa do velho hamburguez." Também o segundo comerciante, do novo núcleo, Carlos Zimmermann, aqui chegado com a segunda leva de imigrantes, era da mesma cidade. Não é de admirar, pois, que os moradores dos arredores, quando falavam desse núcleo, o denominassem de 'hamburguês'- Vamos ás casas dos hamburguêses. E o morro em que estavam localizados estas primeiras casas comerciais, passou a denominar-se o 'morro dos hamburguêses', e esse nome tornou-se popular. Num manuscrito deixado pelo comerciante Alexandre Klein (sogro do sr. Fischel), ex quartel mestre das forças alemãs que tomaram parte na campanha contra o ditador Rosas (1851), chegado ao povoado que foi o berço do nosso município, em 1852, já se refere a êle com o nome de Hamburger-Berg e escreve o seguinte: 'Hamburger-Berg' é a chave da região colonial, uma cidade comercial em formação. Contam-se aqui cêrca de trinta casas. É uma zona de belezas naturais, fértil e romântica. 1856 o capitão austríaco Hörmeyer visitou a região colonial, extendendo sua viagem até a cascata do Herval. Na descrição dessa viagem, ditada por G.C. V'rger, Hamburgo, no citado ano também já encontramos o nome de Hamburger-Berg. Quando em 1875, o povoado de Hamburger-Berg foi elevado a categoria de distrito, a zona que se estende desde o arroio Portão até as divisas de Sapiranga, compreendendo todo o território dos primeiro e segundo distritos deste município, recebem o nome de Nossa Senhora da Piedade de Hamburger Berg, formando então o quarto distrito de São Leopoldo. O nome de Piedade, porém, não conseguiu tornar-se popular e ficou restringido aos documentos oficiais, continuando a antiga denominação, que, aos poucos, foi também sendo usada em varias repartições publicas Ao construir, no fim do século passado e início do corrente, a estrada de ferro de Novo Hamburgo a Taquara, o empreiteiro dessa construção, o saudoso Cel. João Corrêa Ferreira da Silva, adotou o nome de Hamburger-Berg, para a estação que estabeleceu em Hamburgo Velho, sendo que este ultimo nome foi definitivamente estabelecido por decreto do Governo Municipal de São Leopoldo em 1919. O nome de Novo Hamburgo, foi dado à nossa cidade pelos ingleses. A companhia inglêsa concessionária da estrada de ferro de Porto Alegre à nossa cidade, a primeira via férrea do Estado, contrária a construção desse ramal até Hamburgo Velho; chegando, porém, em 1876, com os trabalhos até as imediações do ponto onde se eleva hoje o edifício e os armazéns da estação ferroviária, verificou-se a falta de numerário e por isso a construção parou e o ponto terminal denominou-se New Hamburg - Novo Hamburgo. Esse nome, em 1919, por ato do prefeito municipal de São Leopoldo foi mudado para Borges de Medeiros, tendo porém, o homenageado declarado não aceitar a homenagem e tendo havido um forte movimento de protesto contra a alteração da denominação, foi o ato municipal revogado ainda em fins do mesmo ano, pelo sr. Mansueto Bernardi, então intendente municipal e restabelecido o nome atual. [3]

CA=CF= 18/02/1944 JO5 Sábios Apedeutas. E justamente por isso que, diariamente, na rua, nos cinemas, nos cafés, enfim, onde quer que estejamos, somos obrigados, por um dever de cortezia, a ouvir as mais variadas e controvertidas 'idéias' e 'opiniões' sôbre a guerra, a literatura, as artes, a cultura, etc. O mais interessante de tudo isso é que esses estrategistas de mesa-de-café, pseudo-literatos e críticos de arte, em geral, são indivíduos que, absolutamente, nada entendem daquilo que tomam por tema de suas conversas. [PC-12]

CI=TR= 17/03/1944 JO5 Intenso Movimento na Cidade. Nos últimos dias tem sido intensissimo o movimento da cidade. São dois os fatores a que deve ser atribuído o fato: a abertura, a 15 do corrente, dos internatos, Ginásio São Jacó, Ginásio Santa Catarina e Fundação Evangélica, o que fez com que os pais e outros parentes viessem acompanhar os alunos destes estabelecimentos até aqui, e o fim da temporada de veraneio e consequentemente retorno de varias centenas de pessoas para aqui. [3]

CI=TP= 24/03/1944 JO5 Tarde de Chuva. Do lado de dentro da janela contemplo a chuva que, violenta e copiosamente, arrojase sobre o calçamento da rua. Gotas d'água, num burilar sem cadencia, chocam-se com a vidraça como a quererem quebrá-la, para refugiarem-se do vento que as açoita. Na rua,

um outro viandante, enfiado em capa de borracha e galochas quebra, em passos apressados, a monotonia do deserto provocado pela chuva. Si eu fosse colegial e a professora me mandasse compor frases, aproveitaria o momento e comporia: A chuva é bonita, a chuva é boa! Eu gosto da chuva porque ela revive as flores. O jardineiro não gosta da chuva porque lhe priva de trabalhar. Perde o dia. A vida é tão diferente! [8]

PR=OB= 24/03/1944 JO5 Praça 14 de julho. Prossegue, com presteza, o calçamento e embelezamento da grande e ótima Pra 14 de julho. Dentro de pouco tempo, teremos um logradouro público digno do desenvolvimento e progresso de nosso município. [9]

CI=OP= 14/04/1944 JO5 Falaram o Idioma Alemão. No dia 9 do corrente mês, foi preso pela polícia local, o indivíduo Leopoldo Medtler, açougueiro, residente em Bom Jardim, por ter falado o idioma alemão em publico. Também registraram passagem na Delegacia de Polícia desta cidade, pelo mesmo motivo, a viuva Nicolau Wittmann, estabelecida defronte o Ginasio Santa Catarina, em Hamburgo Velho e a snrta. Herta Konrath, residente no Hotel Doeppre. [4]

CI=TR= 19/05/1944 JO5 Grave acidente de automóvel. Vinham, de automóvel, o snr. Armando Kiefer, do alto comercio desta praça, acompanhado pelo sr. Victor Brusius, industrialista residente em Bagé e ora aqui, a negócios, procedentes de Estancia Velha, pela Estrada Getulio Vargas, quando, já nas proximidades da cidade, em um trecho declive, acelerou a marcha para poder ascender em segunda no seu gasogênio a um aclive, ali existente, quando divisou, á distância, tres meninas brincando, no meio da estrada. O sr. Kiefer buzinou e duas das meninas abriam caminho para um lado, enquanto a terceira enveredou para o lado oposto. O veículo já vinha próximo, quando a que saíra só, de nome Gení Oliveira, verificou estar um cachorrinho em perigo de vida, no meio da estrada. Querendo salvar o cãozinho, decerto de sua estimação, correu para o local, a-fim-de praticar o ato de sentimentalismo, quando o automóvel já vinha muito próximo. O sr, kiefer travou e procurou desviar, para evitar o desastre, mas já era tarde. O veiculo colheu a criança, atirando-a a distancia, desacordada. O condutor condoído com o que acontecera, perdeu a calma, não olhando mais para a estrada e prestando somente atenção a pequena vitima, quando viu que o auto se precipitava para um despenhadeiro lateral. Foi o que aconteceu. Após haver capotado, o veículo caiu, a seguir, em posição de trafego, ao lado da estrada em local de cerca de 2 metros abaixo do nível da rodovia. [3]

CI=OB= 16/06/1944 JO5 A cidade e as construções. Quando temos a oportunidade de percorrer a cidade e os seus vários bairros, surpreende, sempre, as novas construções que vão erguendo, cada dia, com mais freqüência e em estilos os mais exóticos. Se num local ergue-se um edifício febril, mais adiante uma residência está em perspectiva. É o progresso material seguindo o seu ritmo natural, que é de ascensão. A cidade cresce, as casas aumentam. Mas, mesmo assim, pelo trop de zéle higiênico não permitem que sejam construídas casas populares, próprias aos blocos operários. Nem só de alimento vive o homem. Alem de outras necessidades, ele precisa de uma casinha para ficar abrigado. Mas, com as exigências higiênica, alias lógicas para grandes centros, os que tem dinheiro não o empregam em casas, devido ao alto preço que terão que cobrar de aluguel. A Vila Operária, apesar da boa vontade dos doadores do terreno e da promessa do dr. Plinio Cantanhede de mandar construil-a o mais possível, já lá vão três anos que o sonho não obteve ao menos um laivo de esperança. MFL [2-7]

CI=UC= 30/06/1944 JO5 Não é a primeira. Como todo mundo sabe, existe em Hamburgo Velho, 2º distrito da cidade, instalado em confortável e belo edifício, em local aprazível por excelência, um modelar internato, com a finalidade de educar noivas ou jovens, estas, embora ainda não mantendo contrato nupcial, desejam entrar neste estado para posterior união pelo matrimônio. Na Fundação Evangélica, assim se chama o estabelecimento, encontram-se matriculadas varias dezenas de jovens, procedentes de varias partes do Estado e do País. Inúmeras já foram ali educadas para dirigirem o seu lar futuro. Muitas delas entram, na original escola, sem sequer, saberem enfiar a linha em uma agulha, remendar uma meia, ou fazer o mínimo trabalho domestico, para, após, certo tempo, de lá saírem perfeitas professoras em costura, enxovais, lavagem e engomação de roupas, na higiene da casa e, sobretudo, como mestras na arte culinária, afim de poderem, no seu futuro lar, preparar ou ensinar a preparação de gostosos quitutes para os seus maridinhos - A notícia transmitida de SP, onde foi publicado um jornal da capital bandeirante, é falha, pois, quando á apregoada prioridade, alí, da escola de noivas no Brasil. Novo Hamburgo, sim, pôde, com jactância, proclamar esta prioridade. [3]

CI=LU= 08/09/1944 JO5 Novo plantio de arvores. Foi iniciado, pelo poder publico municipal, o novo plantio de arvores em diversas ruas de nossa cidade. A prefeitura determinou a plantação de arvores frutíferas de qualidade escolhida, tendo sido requisitado da Secretaria de Agricultura em Porto Alegre um

técnico especializado no assunto que acompanhou todos os trabalhos. Estamos certos de que a população local, louvando essa boa iniciativa, há de cooperar com o poder competente zelando pelas arvores e não deixando que mãos daninhas estraguem a beleza de nossa urbs. [2]

CI=TP= 12/01/1945 JO5 Praias e Serras. A cidade está ficando deserta das pessoas abastadas e de elementos de classe média que, com o chegar da estação quente, e seguindo a velha praxe, procuram as praias ou as serras. Vão povoar, no verão, as praias de Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa, etc. e as zonas serranas de Canela e outras. [6]

CI=CV= 16/02/1945 JO5 Retiro Espiritual. Constitui, este ano, nos dias de Carnaval, um acontecimento, digno de registro nos anais religiosos da comuna, o Retiro Espiritual realizado no Colégio Santa Catarina, de Hamburgo Velho, por várias moças da sociedade local. É a compreensão das agruras dos nosso dias, da necessidade imperiosa da oração, como já temos frizado, várias vezes neste semanário. [6]

PR=UC= 02/03/1945 JO5 Em ronda às obras municipais. Às 5 horas da tarde, quando a gente já tem cumprido mais um dia de labor, fica, muita vez, sem saber o que fazer. Viana Moog está sobre a mesa, com suas 148 paginas de 'O ciclo do Ouro Negro'. Mas o calor mata a boa vontade que a gente tem de fazer companhia ao festejado autor de 'Um rio imita o Reno' em seu exílio na Amazônia.. A rua talvez ofereça uma temperatura mais amena. Na praça, por exemplo, sob uma das suas frondosas árvores.

CI=OB= 23/03/1945 JO5 O calçamento da cidade. Prosseguem, intensamente, o calçamento da cidade. Grande parte das ruas esburacadas e de difícil trânsito, foram metamorfoseadas em belíssimas vias publicas. Os veículos, que, antes, rodavam nelas com dificuldades, sujeitos a trancos e solavancos, chispam, agora, por elas, com grande velocidades, principalmente nos declives, em flagrante contraste com o que se verificava antes. Os passageiros dos ônibus e os de outros veículos, e ainda, muito particularmente, os moradores, estavam envolvidos em permanentes nuvens de poeira, que lhes sujavam as roupas, moveis, enfim, tudo o que o terrível elemento podia alcançar. [2-3]

CI=ON= 29/03/1945 JO5 O serviço de Ônibus acompanhará a evolução da cidade. Morar em Novo Hamburgo e trabalhar em Hamburgo Velho, ou vice versa, traz ao homem da nossa cidade, uma das maiores preocupações - o transporte. Realmente, o problema do transporte coletivo entre nós, muito deixa a desejar. Um único ônibus, com viagens de meia em meia hora, ao preço pouco simpático de 50 centavos por apenas três quilômetros. As queixas se sucedem, mas tudo continua como dantes. No entanto, a cidade evolui a olhos vistos, sua população aumenta, dia a dia, seus arrabaldes estedem-se, sua estrutura transforma-se, amorfosendo-se e modernizando-se. Apesar de tudo e em contraste com tudo, o serviço de ônibus permanece em seu princípio. Ora, dos meios de transporte depende grande parte do progresso de uma cidade. Jamais será completa a evolução de uma cidade onde o povo não disponha de meios de locomoção à altura de suas necessidades. Infelizmente, em Novo Hamburgo ainda é assim. É uma situação que merece reparos. [3]

CI=CL= 05/04/1945 JO5 Flagrantes... Há uma porção de cousas nas agitações das ruas que muita gente não vê. Não vê porque são pequeninas cousas de todos os dias. Há nas ruas os reflexos sutis das vitrines, envolvendo as sombras dos vultos que passam vibrando de ímpetos incoercíveis. Há a sinfonia dos ventos que envolvem as ruas sumindo nas tramas dos dias. Nos problemas das ruas há a incógnita das esquinas. As existências passam diante de nossos olhos curiosos, que as seguem até que os vultos dobram as esquinas de seus destinos, deixando um leve colorido nas dobras de nossa imaginação. Das esquinas onde os vultos dobram, novos vultos surgem para a jornada de suas vidas. É dos ângulos das ruas que a gente vê o vulto despreocupado e sem pressa do burguês, que passa com gestos medidos de quem tem o privilegio das horas vazias; o vulto esguio da donzela beatificada á procura de um noivo; e a sombra curvada do trabalhador pobre com as mãos vazias nos bolsos vazios, que arrasta sua existência pelos espaços sem cor do seu destino. E como é proveitoso, como enriquece a experiência de cada um, postar nas esquinas e sentir o cheiro dos acontecimentos pequeninos, mas que envolvem em suas agitações os problemas de todos os dias. A exata noção dos sofrimentos das cousas, das angústias e das alegrias dos seres humanos, é um privilegio daqueles que se postam nos ângulos e dos que procuram compreender o jogo das substâncias e das aparências. Se todos olhassem para dentro da vida, assim, por um ângulo diferente, as existências seriam mais venturosas, ou pelo menos, mais calmas, porque se compreenderia a necessidade de viver mais solidários uns com os outros. Não haveria tanto egoísmo nem tanta vaidade, porque veríamos nos outros a copia perfeita de nós mesmos. Cristo morreu pregando a solidariedade humana, mas até hoje só com egoísmo, a presunção e os preconceitos inúteis é que se formam os pedestais das sociedades, isso porque, em geral, estas sociedades são constituídas de indivíduos

circunspectos, que olham com falsa-gravidade como se a alma deles nadasse sempre em traje de gala!... Ercílio Rosa (repetido em 25/11/1949) [3-8-10]

PR=DP= 04/05/1945 JO5 Berlim caiu Hitler morreu. Em Novo Hamburgo, as comemorações ao grande feito das armas aliadas foram iniciadas quarta feira à noite, com um comício e desfile dos manifestantes pelas principais ruas da cidade, fazendo-se ouvir vários oradores. Ontem, promovidas pelo núcleo local da Liga da Defesa Nacional e pela prefeitura Municipal, novas manifestações se realizaram, culminando com um comício monstro, às 16 horas, na Praça 14 de Julho. A cidade permaneceu festivamente embandeirada. A indústria cessou suas atividades, mantendo-se o povo nas ruas nas mais delirantes manifestações de alegria. O júbilo da população é incontido. [9]

CI=CL= 24/08/1945 JO5 Reclamação. Ilmo snr. Osvaldo Schury. DD Subprefeito do 1º distrito - Novo Hamburgo. Acho que é da alçada dessa subprefeitura tomar providencias no sentido de fazer desaparecer um grande perigo que está ameaçando a demasiadamente pacata população de Hamburgo Velho. Refiro-me aos buracos de quasi um metro de profundidade que foram abertos nas calçadas de varias ruas. Era de certo a intenção de plantar arvores num tempo mais ou menos próximo. A carreta que trazia digo levava a terra tirada poderia ter trazido outra para encher de novo os tais sumidores das pernas dos incautos que, mesmo em pleno dia, precisam transitar pelas referidas ruas. A população resmungua que se deveria reclamar a quem de direito mas ninguém o faz. Tem-se medo de deixar sair as crianças à rua para irem às aulas. Não haverá mais nenhum interesse dos poderes públicos para com a vida do cidadão? Vários já trazem na canela a marca da queda que levaram quando sentiram de repente como o chão ia desaparecer debaixo dos pés. Na esperança de ver desaparecer quanto antes estes poços secos firma-se respeitosa e um cidadão que está em dia com os seus impostos e taxas de calçamento. XX [2]

PR=DP= 07/09/1945 JO5 Arde, na pira da praça 14 de julho, o Fogo Simbólico da Pátria. Com a tocha que, partindo de Monte Castelo, na Itália, onde os heróicos soldados da FEB escreveram épicas páginas de bravura, atravessou o Brasil, de Natal a Pôrto Alegre, inflamando os corações dos brasileiros de são patriotismo, unindo-os em torno dos mesmos ideais, concitando-os à luta pela grandeza da nossa terra, foi acesa, na noite de 31 de agosto, sexta-feira da semana transata, a pira da Praça 14 de julho. Tiveram início, assim, os festejos da semana da Pátria de 1945, em nossa cidade. À chegada do fogo simbólico reparamos os sinos das igrejas. Uma grande multidão aglomerava-se na praça e na avenida. Epocaram foguetes. Pelas mãos do atleta Ernesto Lux, do Esperança, foi a chama conduzida até o Altar da Pátria. Em eloquente e patriótico discurso fez-se ouvir, então, o dr, Parahim P. M. Lustosa. Foram apagadas as luzes da iluminação pública. Havia só uma luz, um clarão a iluminar faces e corações: a do fogo simbólico - fogo da vitória, fogo da paz, fogo da união dos brasileiros. Após acendimento da Pira, pelo atleta Paulo, do Floriano, a tocha prosseguiu sua marcha, rumo a capital do Estado. [9]

CI=LU= 28/09/1945 JO5 Arborização pública. A prefeitura municipal está mandando proceder ao plantio de arvores de sombra e ornamentais, ao longo da rua Gal. Osório, a partir da Praça Bandeira. Dentro em breve, de par com a utilidade pratica do referido plantio, o local apresentará belo aspecto. [2]

CI=ON= 07/12/1945 JO5 Onde o cavalheirismo está fora de moda... Entre o Palácio do Comércio e o Mercado Livre, do lado deste, estava parado um ônibus da linha Novo Hamburgo - Porto Alegre e vice-versa. No seu interior já estavam sentados alguns passageiros. Como pretendíamos vir a esta cidade, apressamo-nos, por isso, a ocupar um lugar, garantindo-nos, assim, uma viagem mais ou menos boa, em comparação com a que faríamos parados no corredor. Faltavam, ainda, cerca de 25 minutos para a saída do ônibus. A cada minuto chegavam mais passageiros. E a lotação do carro ficou completa. Restava, apenas, o corredor, onde sempre tem lugar... Observávamos o movimento das ruas e vimos aproximar-se, no meio das outras, a primeira pretendente feminina a um lugar no ônibus, depois que todos estavam ocupados. Era jovem, graciosa e bonita. Ao entrar no carro, olhou em torno, como à espera de que algum cavalheiro, gentil e generoso, lhe cedesse um acento. Mas não houve nenhum. No meio de transporte coletivo o cavalheirismo, ultimamente, está tão fora de moda... É preciso objetar que, se é justo que um cavalheiro ceda o seu lugar a uma senhora idosa ou, como é o caso, com uma criança nos braços, é certo, também, que o não ofereça a uma garota fútil, que vem fazer compras ou o seu 'footing', no centro da cidade, justamente à hora de maior movimento, quando os bondes e ônibus estão superlotados. O ônibus deixou o Mercado, entrou pela avenida Júlio de Castilhos até a Avenida Farrapos. De lá, Navegantes, Niterói, Canoas, Esteio, Sapucaia, São Leopoldo e Novo Hamburgo. No trajeto, embarcaram várias pessoas. Diversas senhoras e senhoritas. Antes da chegada a Esteio embarcou uma senhora, de meia idade, trazendo ao colo um filho pequeno. Os primeiros bancos do ônibus eram ocupados por 'cavalheiros'. E nenhum deles se lembrou de ceder o seu assento... A pobre senhora teve de

forçar passagem através do corredor repleto, até o centro do carro, onde um oficial do Exército, ao nosso lado, erguendo-se, convidou-a para ocupar seu lugar. Estes são quadros que se vêem todos os dias. Espetáculo que se repete. Frutos do século. O utilitarismo dos nossos dias está tornando os homens cada vez mais práticos e, também, mais egoístas. Talvez seja essa a razão pela qual o cavalheirismo está tão fora da moda... Talvez.... [3]

CI=VT= 21/12/1945 JO5 Presentes de Natal. A cidade, como em todos os anos a esta época, apresenta um aspecto interessante, prenúncio das festas de Natal, que se aproximam. Os bazares estão repletos de brinquedos. E de criança admirando estes brinquedos. E de pais dessas crianças, comprando presentes. O movimento das lojas, em geral, que passaram a cerrar suas portas somente as 21 horas, aumentou consideravelmente. Os escarpates, em que se acham expostos os mais variados presentes, apesar dos preços, são um convite para fazer compras. O efeito das luzes, o colorido multicolor dos objetos e brinquedos, a variedade destes- tudo leva-nos a adquirir presentes, com que faremos a alegria de nossos entes queridos, na santa noite de Natal. A par destes aspectos, outros há que despertam nossa atenção: - os diálogos e conversas no interior das lojas comerciais. A petizada discutindo entre si; os casais trocando idéias, os amigos consultando amigos, etc. São quadros que se repetem todos os anos. Nem por isso perdem sua graça e seu encanto. WOK [6]

CI=PG= 11/01/1946 JO5 Uma data significativa para Novo Hamburgo. Transcorreu terça feira da semana finda, 03 de janeiro corrente, a data que assinala o transcurso do trigésimo segundo (32º) aniversário da instalação, em 1914, da Coletoria Federal em Novo Hamburgo, então segundo distrito do Município de São Leopoldo. Embora a muitos não pareça, o evento é de uma grande significação histórica para o nosso município. Foi ele o marco inicial da nossa independência política e administrativa - a criação, sem grande tardança do nosso município -; foi, enfim, a causa máxima para a transformação do pequeno território de Novo Hamburgo, quase sem comercio, sem industria, sem cousa alguma demonstrativa de progresso apreciável, neste renomeado parque industrial, justamente cognominado 'Manchester Brasileira'. Desde então tomou vulto o progresso local. Desenvolveram-se e criaram-se múltiplos ramos de atividade. Os logradouros públicos que naquela época viviam cobertos de ervas daninhas e de espessos maricasais e, ainda, cheios de lagos geradores de moscas e mosquitos e, bem assim, servindo de depósitos de lixo estão agora metamorfoseados em belos jardins, verdadeiras salas de visitas para os forasteiros e parque de recreação dos locais. As ruas da localidade, naquele tempo esburacadas e cheios de altos e baixos, por onde um veiculo de tração animal, dificilmente podia trafegar, hoje transformadas, em sua grande maioria, em vistosas avenidas calçadas, onde de ambos os lados se erguem belíssimos edifícios. [1-7]

CI=EX= 25/01/1946 JO5 Argimiro. Não pode haver tipo mais expressivo para um marginal ou flagelado da vida e da sociedade do que Argemiro. Novo Hamburgo já conhece bem essa creatura humana que vive pelas portas das casas, dos hotéis, dos restaurantes, das repartições e das casas familiares, a pedir repetidamente um níquelzinho ou um prato de comida para matar a fome. Esse Argimiro é bem notável e muito mais interessante para um estudo do que pode parecer. Argimiro é a personificação discreta do homem que deixou, há muito, de ser homem. Se vive é porque tem um estômago para se locomover e movimentar. Argimiro é o fruto de uma sociedade que faz distinções e forma classes conforme o seu paladar egoísta e desumana. É o tipo da creatura que perdeu o lar, a casa, o teto, a família, os filhos, a virtude, a alegria e- se não perdeu ainda a vida é por um milagre de Deus ou, quem sabe, para ilustração dos homens ou exemplo de que a sociedade produz frutos dessa natureza na proporção exata da sua conduta. Quer dizer: Temos Argimiro por aí, aos montes, que nos encham de compaixão e dó, que nos confrangem a alma e nos envergonham, porque temos uma maquina bem organizada para produzir e fabricar Argimiros á vontade. Seguramente haverá, sempre, dezenas de milhares de Argimiros enquanto a nossa sociedade for esse campo propicio para tais experimentações. Há poucos dias estávamos em certo café. Argimiro chegou-se. não pediu cousa alguma porque não precisava pedir. Olhou e cumprimentou os presentes. E, sem dizer cousa nenhuma foi recolhendo os níqueis que lhe apareceram nas mãos. Recolheu com facilidade o preço que os representantes da sociedade sabem pagar pelo fruto que ele Argimiro, no momento, sabia representar com tanta facilidade. Alguém entretanto, objetou: 'Eu não dou dinheiro para cachaceiro como tu, vai trabalhar!' Ora veja, meu leitor amigo, fazer trabalhar o Argimiro. Esse amontoado de ossos humanos, sem côr, sem sangue, sem vida e quasi sem roupa... Fazer esse mau elemento trabalhar! Mas trabalhar como? Como fazer trabalhar uma creatura que nunca encontrou que o ensinasse a trabalhar? Ou, por outra, fazer trabalhar que não tem mais forças para o trabalho. Quem está passando pela vida por acaso ou engano? Fazer trabalhar quem não foi feito para o trabalho. Se Argimiro trabalhar algum dia ele vai morrer bem ligeiro e por isto, está certo, estou com ele,

não deve trabalhar. E, se Argimiro morrer perde-se essa preciosa figura, esse índice bem expressivo do que é a sociedade hodierna. Não, ele não pode morrer. E mesmo não adianta. Se este Argimiro morrer outros surgirão como substitutos legais, embora sem remuneração ou portarias para designá-lo no cargo. Esse tipo que apreciamos nas ruas, nas avenidas centrais, a pedir o nosso níquel, a sobra ou a esmola de nossos bolsos, é uma bandeira desfraldada, é um grande desafio que dificilmente deixará de existir. Os Argimiros viverão aí, aqui ou alhures. Viverão para que possamos viver. Eles são o outro prato da balança que com sua miséria, desgraça, vissicitudes contrabalançam e equilibram a paz social do mundo moderno. E, enquanto eles, os Argimiros, vivem assim, os outros - os do outro prato da balança - sacam contra os maiores bancos, retiram o que não tem depositado. Vivem a la farta e a la grande, desafiando os homens honestos que já são poucos. Buvé. [4]

PR=AF= 24/01/1947 JO5 Flagrantes de Novo Hamburgo. Sua pitoresca paisagem aparece-nos encantadoramente exposta na desenvoltura de seu progresso crescente que a evolução de sua indústria e seu comércio impõe a urbanidade. Sei feito e sua topografia dão lhe uma graça extranha e sedutora, dada a variedade de níveis, que nos permitem admirar os contornos de seu panorama variado e belo. No centro, a praça 14 de julho que é o armazém local das aspirações românticas. É a li que vão sonhar as moças bonitas; os rapazes; as solteironas esperançosas; os velhos românticos cheirando a antigüidades... e toda a população em estado de sonho. A praça é pequenina mas é um mundo. Árvores silenciosas que o vento beija suavemente; bancos verdes onde os namorados acariciam-se; canteiros risonhos de contornos gracís como corpo de mulher bonita, com suas flôres que na primavera misturam-se numa comunhão de côres exalando perfumes estranhos. Envolvendo a praça, a cidade inteira com suas ruas calçadas - algumas ainda descalças...- que se arrastam vertiginosamente riscando a relva dos arredores. O progresso urbano está flagrante aos olhos. A cidade cresce, e dia a dia vai adquirindo ares de metrópole com a exuberância de seu poder econômico. Cada habitante é um dente da engrenagem que move a sua evolução, pois em cada canto, a cada momento, surge espontânea e varonil, um novo estabelecimento fabril que transforma a paisagem urbanística avançando pressurosamente ao encontro do futuro promissor. [9]

CI=BR= 21/02/1947 JO5 Novo Hamburgo em retalhos. Hamburgo Velho é silencioso. A quietude vive perdida nas ruas. Pedacos de conversas, restos de frases, pululam pelo ar, enquanto um perfume estranho envolve as cousas... Aquelas colinas de paisagens bucólicas refrescam as idéias da gente, e o vento sopra de um modo diferente acariciando as árvores que balançam graciosamente como uma lembrança épica no coração de um sonhador... Ruas de ladeiras pitorescas bordejadas de casas luxuosas, que parecem pedacinhos de vida onde o destino depositou um reflexo do céu, um bocado de luz ou uma ilusão de sonhos... Ali as emoções passam como se fossem aragens, e a gente sente as pequeninas cousas que flutuam na vida deste bairro elegante. Em Hamburgo Velho destaca-se a policromia de seus jardins particulares. Não há residência luxuosa ou simples, que não exponha aos nossos olhos maravilhados, um belo jardim cheirando a poesia. Há, porém, ali um exceção, um contraste flagrante que perturba a harmonia daquele conjunto: é o aspecto daquela avenida que conduz ao cemitério que, esburacada, enrugada e coberta de heras parece uma parca desfiando vida. Também, no limiar do outro mundo. Mesmo assim, em Hamburgo Velho há poesia até na aragem que passa... Ercílio Rosa [2-8]

PR=ET= 06/06/1947 JO5 Estações ferroviárias de Novo Hamburgo - Hamburgo Velho. Além de constituir uma verdadeira aberração contra a bôa estética, contrastando com o formidável desenvolvimento da cidade, o pardieiro, com a falta de tudo para o numeroso público, que se vê obrigado a êle afluír, importa, ainda, em desatenção ao respectivo agente, para que o conforto, que merece, é letra morta. No terreno que lhe pertence, então não se fala: tanto a parte do lado da rua 1º de Março, como a que faz frente para o florido jardim da Praça 14 de julho, continuam, aliás, continuaram, fechados com cerca de arame farpado. Si dissemos continuaram, é porque não se trata mais de cerca, propriamente dita - o que já por si seria achincalhante, mas sim de estraçalhos de cerca, com pontas viradas para todos os lados, estado que já deve ter inutilizado muitos trajes dos passeantes do jardim. Convém aqui assinalar que o velho casarão foi o primeiro prédio destinado para a estação construído no RGS, tendo sido mandado levantar na segunda metade do século dezenove, pela companhia (inglesa) de Estrada de Ferro entre Porto Alegre e Novo Hamburgo, a primeira linha férrea no nosso Estado. Contaram os nossos ancestrais, que afluír, então, gente de todos os lados para ver o trem andar sem burros para puxar, voltando encantada com o que observou. Eis porque, aliás, em tom de ironia, alguém comentou que a velhíssima estação jamais seria destruída, para em seu lugar, ser levantado um prédio à altura; pois era intenção de vários dos nossos pró homens, nele, instalarem um museu histórico. [3-9]

CI=CL= 12/09/1947 JO5 Sensações de domingo... O domingo é o oásis na jornada semanal. Nos domingos sempre os dias amanhecem mais tarde... A gente afrouxa as preocupações e espreguiça-se na

dormência subtil das horas folgazãs que vão se dissolvendo na ampulheta do tempo. Domingo é o dia da gente sacudir a poeira da alma ou escovar as ilusões para a ornada fatal das semanas, num entretenimento qualquer. É o dia da gente esquecer os acontecimentos complicados da vida com um passeio vago pelas ruas. E é delicioso o contato das ruas, depois de haver sentido a agitação das oficinas ou dos escritórios. As ruas são sempre um cenário novo, onde as tonalidades nunca confundem. No domingo opera-se uma certa transformação no conjunto dos sentimentos, enquanto revigoramos nossas forças para a corrida do destino, esquecendo a vertigem dos tempos que levam nas rodas de sua engrenagem os retalhos de nossa ventura... Ercílio Rosa [3]

PR=UC= 12/09/1947 JO5 Nos domingos a Praça 14 de Julho é uma válvula de escape para nossas atribulações. Alí a gente esquece uma desilusão afagando uma esperança, e, na hora do footing, sentimos uma aragem cheirosa deixada pelas jovens que perambulam pela avenida, onde uma multidão heterogênea move-se despreocupadamente, confundindo-se o vestido elegante e luxuoso da grafina com o terno surrado do operário humilde. É o gozo do ócio sufocando a canseira semanal. Ercílio Rosa [8-9]

CI=OB= 16/01/1948 JO5 Anonimidade (K. Walzer). Quem não tem nome - não existe. Novo Hamburgo caracteriza-se, atualmente, pelo crescimento no plano horizontal e não vertical. A tendência de 'subir', isso é, de construir casas de 2, 3 ou mais pavimentos, começa-se manifestar timidamente na parte central da nossa 'urbs'. Taes explicações estrambóticas são, de vez em quando, necessárias, porque muitas de nossas ruas vegetam sem nome e sem numeração! Uma rua sem nome sempre provoca no nosso subconsciente um vago sentimento de insatisfação, de abandono e de 'orfandade intelectual'. Nossos cidadãos se interessam de contribuir com sugestões e idéias afim de arrancar as ruas sem nome da irritante anonimidade. O nosso dever cívico exige que o nosso progresso material seja acompanhado pelo aumento de nosso patrimônio moral, não tolerando mais, que muitas de nossas ruas continuem dormindo na bruma incólôr e amôrfô da anonimidade! [2]

CI=OB= 30/01/1948 JO5 Maquilagem urbanística (K. Walzer). Essa maquilagem urbanística começa em cada uma das 3.500 casa de Novo Hamburgo e se estende nas ruas e praças públicas. Não precisamos esperar uma lei para pôr umas cortinas nas janelas de nossas casas; não é necessário que venha um decreto para fazer a caiação de nossos prédios; não convém cruzar os braços até que chegue uma intimação para cuidar de nossos jardins e para manter em condições transitáveis as calçadas. Podemos cooperar na maquilagem urbanística, no embelezamento de nossa cidade, irradiando um esforço estético dentro do 'mileu' de nossas propicias moradias! Encontramos - felizmente - muitas casas no nosso município que são, pela sua apresentação, verdadeiras jóias no panorama urbanístico, e- seja dito - chocamos nossa sensibilidade, que anda à caça de impressões harmoniosas, pelo aspecto sinistro de casébres como, por ex. os chalets em côr preta e cinza que parecem sentidos iguais aos abutres ao longo dos trilhos da Viação Férrea. Cada maquilagem pressupõe a existência de defeitos e imperfeições, as quais ansiamos de esconder, como seja o caso da maquilagem urbanística: a vegetação que invade as ruas dos arrabaldes e os buracos nas ruas (ah, o que seria um jornal local sem esses buracos!) As margens devem ser ornadas com casas residenciais tão convidativas como as que encontramos na rua 5 de abril e na av Mauricio Cardoso; com fachadas tão imponentes pelo seu comprimento e pela clara simplicidade como a de Adams e Cia; com corpos arquitetônicos originais como é o abrigo por sua base triangular; com grupos prediais impressionantes como as obras da EVAI (Escola Vocacional Agro-Industrial) os quais imprimem, no seu conjunto orgânico um novo caráter a 'fisionomia da paisagem' e com blocos fabris tão impulsivos pela seleção de suas linhas e seus contornos como a sede da USMC. Novo Hamburgo tem o monumento em Hamburgo Velho; tem o obelisco na Praça da Bandeira e tem praças e campos de esportes. Falta, porém, alguma coisa. [2-9]

AV=UC= 27/02/1948 JO5 Nas noites de domingo a Avenida nos apresenta os momentos mais íntimos da cidade. A quietude dos arrabaldes põe em relevo o murmúrio que envolve a Avenida, onde a mocidade alegre sorri prazeirosamente, conquistando a simpatia dos austeros casais que se deliciam com a aragem que sopra suavemente na Praça... sensações diversas surgem ali, como pequeninas cousas que flutuam na vida desta cidade trabalhadora e cheia de simplicidade, cuja finalidade é vencer pela vontade objetiva. Ercílio Rosa [9]

CI=TP= 27/02/1948 JO5 Noites quentes de verão! Enquanto certos namorados se apalpm nos recantos escuros da praça, dezenas de pensamentos flutuam dentro das cabecinhas ingênuas das jovens que passeiam na Avenida, abrigando almas diversas. Engraçada essa Avenida! Há jovens de olhares atraentes e rapazes simpáticos. Mas também há mocinhas que viram o rosto com gestos de superioridade, e mocinhos com pretensões a 'gaçãs' que dizem inconveniências... Ercílio Rosa. [9]

PR=UC= 27/02/1948 JO5 Momentos de Verão. As tarefas de verão são como os olhares dos namorados; esticadas, silenciosas e quentes... O sol escorrega preguiçosamente pelas ramagens murchas das árvores, envolvendo a tarde que se esplende pela amplidão, abraçando a gente. Quando a tarde foge para os antípodas, perseguida pela noite refrescante, a população converge para a Praça 14 de Julho, buscando um desabafo qualquer. Alí na Praça e na Avenida, há de tudo: sonhos que não se realizam; anciãs de amor correspondido; ilusões desfeitas, esperas impacientes, sorrisos amargos e desejos de libertações. Uns correm atrás de uma esperança, outros fogem dos desenganos... Nestas noites quentes de verão, alí na Praça 14 de Julho, há sempre uma aragem perfumada... Ercílio Rosa [8-10]

CI=CL= 02/04/1948 JO5 Sábados à tarde... No sábado ao cair da tarde, os institutos de beleza ficam abarrotados de mulheres, belas ou não, que desejam tornarem-se mais belas... Os barbeiros também fazem sua fézinha: cosméticos também têm seu destino na aprimoração da faceirice masculina. Os bares (ah! Os bares) ficam repletos de senhores enfáticos que vêm nos sábados a tarde tomar se chopp em holocausto à semana que findou... E as vitrines das lojas parecem expressões de mulheres carinhosas acenando num gesto convidativo... Assim são os sábados à tarde, monótonos ou agitados, sempre influem na formação da nova semana que iniciará com o domingo esperado. É no crepúsculo dourado dos sábados ensolarados que a gente para. É o limite final de uma fase da vida iniciando outra. É a transição. Depois... Depois vem outra semana, outro sábado, outra fase... No entanto, a cidade se agita. Gente que se recolhe, e gente que se move em direção dos centros mundanos. Uns procurando a calma singela de um lar, outros as agitações frenéticas das aglomerações... Ercílio Rosa [PC-8-10]

CI=VT= 02/07/1948 JO5 Fim de tarde... Caminhando ao largo das ruas singelas da cidade, a gente sempre encontra pedaços de emoções impensadas que se destacam do cotidiano, iluminando as dobras escuras da nossa imaginação. É mais um fragmento de vida exposto á apreciação de quem costuma bisbilhotar as incógnitas... Fim de tarde... Pouca gente sabe sentir as emoções de um prosaico fim de tarde... Mas há algo romântico no panorama de um fim de tarde, quando o sol vae caindo no abismo de nostalgia noturna. Fim de tarde... A mocinha passa tranqüila, pendurada num sorriso, sem perceber aos encantos que causa aos olhares atrevidos que a miram. Passa presunçosa e fria como um sonho hibernal... Pára em todas as vitrines, cheirando as provocações da moda... A gente sempre pára diante das vitrines, porque elas são os reflexos de nossos anseios, desde um bilhete de loteria até um carpin de 35 cruzeiros... Ah! As vitrines! Tentação das mulheres, desespero dos homens... E nestes dias monos que São Pedro nos presenteou talvez para desculpar-se das pedradas que nos deu, a cidade estampa um aspecto pitoresco, transbordante de risos, que enche de sonhos os últimos suspiros da tarde. Fim de tarde... E a mocinha vae parando em todas as vitrines e retoca o penteado num gesto provocante que desperta desejos ocultos... A nossa vida é composta de muitos fins de tarde que vão se sucedendo, sempre renunciando uma nova aurora, um novo amanhã. Mas nunca sabemos se o amanhã é parecido com os fins de tarde que vimos passar. Por isso ficamos impressionados com a mocinha que passa presunçosa e fria como um sonho hibernal... Acontece que os fins de tarde são respingos de sonhos ofegando um desejo... Ah! Os fins de tarde... Ercílio Rosa [8-10]

CI=BR= 20/08/1948 JO5 Uma visão da cidade. Caminhando pelas ruas, com o andar desaperecebido de quem não quer nada, acontece que, ás vezes, sentimos suprezas nos recantos das esquinas ou no prolongamento das paisagens que sempre se transformam. Gosto de andar pelas ruas apalpando emoções estranhas. Por isso, naquele dia fui subindo preguiçosamente, com a morosidade de funcionário público, aquelas ruas que nos levam ao morro Lipp. Ruas íngremes dependurando casas, desde os mais lindos palacetes aos mais singelos chalezinhos. Lá em cima há poesia até nos postes de iluminação que nem sempre iluminam... As sobras ficam compridas atiradas pelo chão... E há pedacinhos de sonhos caídos pelos caminhos... De lá contempla-se toda a cidade em sua magnitude, debruada de eucaliptos e acácias. Mas, oh! Deslumbramento! A cidade cresce dia a dia, afastando os debruns e furando os espaços nus das orlas, e despejando chalezinhos pelas colinas passivas, transformando as paisagens dos arrabaldes. Você já viu como a nossa cidade se transforma constantemente? Não? Então olhe. Saia pelas ruas, suba ladeiras. Cheire os movimentos que passam, e admire. É preciso olhar para ver... De norte a sul e leste a oeste há uma obra imensa coçando os ímpetos dos novo-hamburguenses que sabe o que querem. Aqui todos trabalham. E quem não trabalha vive dependurado num complexo de inferioridade... Mas não é só dos lugares altos que se concebe a grandeza progressiva de Novo Hamburgo. Caminhando por qualquer recanto da cidade, sempre encontramos algo novo para satisfação de nossas emoções. Sempre encontramos um sonho novo em perspectiva de realidade, ou uma vontade férrea apalpando um desejo... Oh! Como a cidade cresce! Você deve ver os nossos arrabaldes, os nossos vales e

as nossas colinas, esticando-se constantemente, alisando os sonhos de seus habitantes... Ercílio Rosa (repetido em 04/03/1966) [2-8]

CI=OB= 03/09/1948 JO5 Problemas urbanos - as ruas e o urbanismo. Assim como uma pessoa tem uma roupa para trabalhar e outra diferente para passear, assim também uma cidade tem ruas para diferentes fins e portanto cada uma deverá ter dimensões que variarão com esses fins. Uma rua de comércio varejista necessita ter largos passeios (calçadas) para o pedestre que vai as compras, que estaciona vendo as 'vitrines' e que sai sobraçando pacotes; em troca, é pequeno o tráfego de veículos e ele pode ser feito nas horas que antecedem o movimento comercial, o que torna possível pouca faixa de tráfego (meio de rua). Já o comércio atacadista, que compra e vende sem balcão, requer estacionamento seguro e contínuo para o veículo que o serve; é o caso de rua com faixa larga de tráfego, dividida por abrigos centrais para separar o veículo estacionado do veículo que está trafegando. A grande indústria possui pátios no interior da fábrica para a descarga da matéria prima e a expedição do produto manufaturado; basta então que a rua lhe proporcione acesso a esses pátios. Resta portanto concluir que a abertura ou o melhoramento de ruas deve ser antecedido de um estudo racional, que leve em conta todos os fatores ponderáveis e variados, uns de ordem econômica, outros de ordem tecnológica, mas todos eles subordinados a uma visão do conjunto e procurando preencher da melhor maneira as necessidades urbanas e principalmente a boa utilização da cidade pelo seu habitante. [2]

CI=CL= 17/09/1948 JO5 Meio dia... Em nossa cidade o meio dia começa às 11,30. Então uma multidão de todas as classes, invadem as ruas com passos apressados e com as mesmas preocupações: o almoço. Uns detêm nos bares, outros nem sabem o que é isso... A cidade fica agitada nessa hora. Casaeas de namorados ou mocinhas casadouras se detêm por minutos nas esquinas; rapazes e homens já maduros, encostam-se nas paredes tomando com os olhos um aperitivo qualquer... Meio dia em Novo Hamburgo é um espaço de hora e meia. Mas quando os relógios marcam doze horas, sintonizando com o badalar dos sinos, as ruas já estão totalmente vazias e afagadas apenas pelo silencio morno que enche os espaços. Ercílio Rosa [3-8]

CI=CL= 22/10/1948 JO5 Visão Furtiva. Sou uma criatura desprevenida andando pelas ruas da cidade, olhando, olhando e vendo... Vejo namorados se beliscando nas dobras escuras das esquinas, e vejo trabalhadores cansados conduzindo uma esperança ou uma miragem de sonho para seu lar modesto... Olhando a gente sempre vê... E nas horas espetaculares quando a gente anda pelas ruas, que se destacam nos vãos das calçadas ou nas dobras furtivas das esquinas, as sensações estranhas da vida comum de todas as horas; segredos comerciais ou confabulações futebolísticas; demagogias políticas ou declarações de amor... Tudo pode acontecer nos vãos escuros das ruas... Os espaços vazios da vida simples estão cheios de algo que a gente imagina. Assim são as ruas, as praças e os cantos furtivos das esquinas. Sempre há alguma sensação desconhecida que se infiltra na alma da gente, para a satisfação de uma ansiedade. Ercílio Rosa [3]

CI=BR= 03/12/1948 JO5 Um recanto pitoresco. A cidade vive sempre dependurada na poesia que escorrega daquele bairro cheiroso que é Hamburgo Velho. Aí a gente sempre encontra uma reminiscência qualquer escorada nas esquinas, ou uma saudade remota escondida nalgum trecho de rua.... Em cada ladeira ou jardim há um pedacinho de historia que ninguém conta! Assinalando uma epopéia, lá está, naquele recanto bucólico, o monumento da Colonização que é um símbolo que a gente enrola na transparência dos dias, encampando um sonho retrospectivo na história da cidade. É um painel decorativo que o América Tênis Clube debruou com as mais lindas perspectivas. De fato, com seu complexo fraternal, o América Tênis Clube tem projetos inteligentemente traçados para dotar aquele local com uma série de atrações desportivas e sociais, transformando-o num berço onde a gente irá embalar as horas desocupadas das tardes domingueiras. Aquele monumento, que é um depósito de recordações, tem o privilegio de destacar aquele recanto pitoresco, onde há um cheiro agreste apalpando a imaginação da gente... Há tantas emoções espalhadas ali! Desde as vibrações sensacionais das raquetes até o balançar silencioso das árvores... Assim é aquele pedaço de chão de Hamburgo Velho, o bairro onde até vento entoa éclogas... Ercílio Rosa. [8]

CI=TR= 10/12/1948 JO5 Minha rua. Aí começa a desventura da pobre transeunte da minha rua, que não pode comprar um 'super' para voar baixinho a tirar poeira na cara dos outros. A 'aza voadora' passa. A poeira micro pulverizada como o pó de arroz Coty, ergue-se do chão onde estivera dormindo ou espreitando as pobres vitimas (esse mundo quebra está tão povoado de gente ruim, que eu chego a atribuir maldades as coisas inanimadas) e joga-se sobre a infeliz criatura: densa compacta, asfíxiante, a gente tenta resguardar, pelo menos os pobres pulmões - que não pediram para passear e não têm nada que ver

com as conseqüências que daí resultam- e leva o lenço a boca e ao nariz. Mas aí, o malvado do pó nada respeita, sente-se os olhos em fogo; abandona-se os pulmões e se leva o lenço aos olhos. Mas, acontece que vêm outro transeunte em sentido contrário, também procurando se proteger na medida do possível, da catástrofe pulverizada e zás: sentimos um choque em todo o corpo e ouvimos um palavrão. Em conseqüência disso, sorvemos, para completar a desgraça, um longo austo do maligno pó. [3]

CI=BR= 14/01/1949 JO5 Falta uma praça em Hamburgo Velho. Hamburgo Velho - a cidade alta - é o recanto mais pitoresco de nossa cidade faceira. Aquelas ladeiras de paisagens poéticas, esfregam na imaginação da gente o cheiro das cousas silenciosas que escorregam pelas ruas. Subindo as ladeiras sorridentes daquele recanto, a gente descobre nos ângulos das ruas, pedaços de sonhos grudados nas esperanças de seus habitantes que temperam a evolução do bairro. Mas quem bisbilhotar a intimidade daquele bairro perfumado, logo sentirá que ali falta muita cousa. E entre essas cousas uma Praça. Existe ali uma placa com o nome da praça, mas... O local mais belo de Hamburgo Velho é o largo fronteiro à Igreja católica, de onde se descortina um panorama vertiginoso da cidade baixa, onde as fábricas vão desenrolando a progressão. Ali é o lugar ideal para uma praça! Ali deveria existir uma belíssima praça para o encanto de uma população progressista, que sonha com algo mais do que trabalhar e descer as pracinhas gostosas do centro... Hamburgo Velho precisa de uma praça florida com bancos sombreados, para os sonhos ilusionistas dos namorados, e para a contemplação filosófica dos outros... O "Morro dos Hamburguêses" merece respeitadas reverências porque é o pai da cidade. Ali a gente vê em cada esquina, em cada jardim e em cada barranco, uma reminiscência dos heróicos colonizadores que nos legaram esta conjunção de fábricas... Si aquele largo fosse uma praça, a gente se portaria ali e, contemplando o vale, rememorearia todos os bens estendidos pela cidade afora dependurados nas encostas, ou escorregando pelas ladeiras abaixo... Ercílio Rosa [8]

CI=CO= 11/02/1949 JO5 A preguiça. Novo Hamburgo é, por princípio, uma cidade de trabalhadores que lutam pelo seu bem e, conseqüentemente, pelo bem geral de todos, dadas as conseqüências do produto de seu trabalho, que se espalha pelo Brasil afora. Mas nas ruas sempre se encontra preguiçosos esfregando as arestas das esquinas, gastando os bancos das praças ou esfolando as mesas dos cafés, escorados no trabalho dos que vivem encafurados nas oficinas e escritórios, lutando pelo pão de cada dia e pela independência econômica, conquistando uma das mais belas paisagens da vida Li não onde que os vadios são uma necessidade, porque a ociosidade é um estado que dá excepcional valor ao trabalho... Mas não concordo com essa sentença. Não concordo porque considero a preguiça uma mal que se estende pelo país afora, corroendo as mentalidades e desvirtuando as intenções dos que se esforçam para trabalhar. Ercílio Rosa. [5-8]

CI=CL= 17/06/1949 JO5 Ruas... Nas sensações das cousas cotidianas, existem as incógnitas das ruas. As ruas são sempre traços geométricos, beirando nossa expectativa debruçada numa surpresa... Rolando pelas ruas, vão sempre as reivindicações justas dos necessitados e o gôso supérfluo dos que desdenham as necessidades alheias... Se não fossem as esquinas, as ruas não seriam as ruas: seriam estradas ou caminhos. Mas há as esquinas. E as esquinas são em geral os ângulos retos das ruas, onde agente quase sempre encontra uma voz ecoando ou sem éco, afagando uma esperança qualquer, enrolada num sonho hipotético... Ruas! As ruas sempre foram o abrigo dos abandonados. E é das ruas que vem o descaso pelas cousas nossas... Ruas! A vida da gente é quase sempre comentada nos cantos das ruas. Mas há ruas que não tem cantos nem esquinas: são caminhos de roça alimentando as emoções das ruas simétricas das cidades. O lugar das ruas é mesmo nas ruas. Ercílio Rosa. [3-8]

CI=PG= 15/07/1949 JO5 Estampas de nossa terra. Às vezes denominamos Novo Hamburgo de aldeola; outras se nos parece verdadeira metrópole. É como si fosse um adolescente com ares de chefe de família. Afigura-se-nos, um menino crescido que trabalha para o sustento da <<casa>>, faltando-lhe horas vagas para ir à escola. Vivendo ao pé da máquina, o habitante novo-hamburguês sofre carência de horas vazias, agitando-se dentro da realidade cotidiana. Às divagações, as meditações filosóficas, prefere o homem ou a mulher de nossa terra, a obra concreta, saída de seus esforços, o sapato acabado, a panela pronta para o fogão, o couro já curtido, a argila transformada em recipiente útil, o ferro num aspecto de uma pá para cavar o solo. Há tanto por construir, há algo ainda por realizar e, isso, impele o homem para as tarefas materiais e o desvia das questões espirituais. Contudo, distanciando-se bastante a cultura do novo-hamburguês de seu progresso material e seu poderio econômico e, também desportivo, não quer isto dizer, que seja em média um cidadão inculto. Possui, em geral, a cultura necessária <ao gasto>. Não é sábio e, também, não é ignorante. Fica no meio caminho. Somente que ainda não teve <tempo> para maior dedicação as coisas do espírito. [7]

PR=UC= 15/07/1949 JO5 Novo Hamburgo, essa aldeia grande e cheia de casas e fábricas, vae esfregando seu progresso no trabalho ardoroso de seus habitantes incansáveis que dependuram nas máquinas empoeiradas e barulhentas, as sensações variáveis de quem deseja progredir. Nossa cidade progride tão rapidamente como namoro de rapaz... Ao longo das ruas vão se perfilando, dia a dia, belos bungalôs e singelos chalezinhos, acariciando desejos e materializando sonhos as vezes não sonhados... Novo Hamburgo, a cidade do calçado, agora está se calçando com artigo fino: as ruas estão sendo revestidas com paralelepípedos, com uma entresola de encanamento hidráulicos... A praça 14 de Julho, coração e mercado sentimental da cidade, é o berço local das aspirações românticas. E de outras aspirações também. Ali os sonhos vão escorregando pela imaginação da gente como desejos na expectativa de um otimista... A praça é pequenina mas abriga sonhos de grandezas espetados nas curvas de seus canteiros debruados de verde, simbolizando a esperança esperada... Ercílio Rosa [8-9]

CI=AF= 29/07/1949 JO5 Tudo por Novo Hamburgo... Na sucessão dos dias que se arrastam incondicionais na progressão dos tempos, Novo Hamburgo vai fugindo pouco a pouco de suas condições de aldeia. Em cada setor de atividades, sentimos as transformações das cousas que se projetam ao longe da nossa imaginação. A cada momento que passa, surge distante de nós, algo novo nas características da cidade, cravando pontos de exclamação nas emoções da gente. Ercílio Rosa [2-8]

CI=CL= 19/08/1949 JO5 Na Estacada... Um dos encantamentos da vida novo hamburguesa ó entusiasmo delirante e contagioso que se apodera da população nas horas vãs que separam os turnos de trabalho: sempre há um entendimento qualquer, engomando as rugas das preocupações que sulcam os destinos dos que trabalham para vencer; sempre há uma distração qualquer, enrolando os espaços vagos entre as horas do trabalho. E é nas ruas que a gente observa a progressão romântica dos que procuram encostar seus destinos... as esquinas quasi sempre escutam promessas dependuradas num sonho irrealizável. As esquinas são depositarias de segredos confessados em sussurros... O cenário das ruas e os segredos das esquinas, são oásis para quem sacrifica seu trabalho pela grandeza desta cidade onde agente depositou um sonho sobreposto noutro sonho... Ercílio Rosa [5]

CI=LU= 19/08/1949 JO5 As árvores e os criminosos. Chegou ao nosso conhecimento que, à noite do ultimo sábado, após a realização de algum baile, talvez pela madrugada, os eternos <mocinhos bonitos>, desconhecedores do valor da arborização de nossa cidade, andaram, mais uma vez, depredando, maltratando e cortando quasi pela raiz as ultimas arvores plantadas em Hamburgo Velho. [2]

CI=TP= 26/08/1949 JO5 O guarda chuva... Era um dia de chuva... O chão das ruas se encharcava com as gotas d'água que escorriam das nuvens estagnadas entre o céu e a terra. Nos dias de chuva, a gente, as vezes, aparafusa na alma um pensamento qualquer com o parafuso de outro pensamento... A chuva quase sempre lava as comoções palpáveis que esquecemos ao relento... É nos dias de chuva que, em geral, quando andamos pelas ruas, carregamos esticadinho sobre nossas cabeças um guarda chuva, com a intenção de abrigarmo-nos de que nossos desejos vão se encharcando nas águas turvas do egoísmo de nossas intenções. Ercílio Rosa. [8]

CI=UC= 26/08/1949 JO5 No começo do dia rasgam os silenciosos rastejantes de nossa cidade sons surdos e metálicos. São milhares de maquinários que, em harmoniosa melodia, iniciam-se no trabalho cotidiano. [5]

CI=CL= 16/09/1949 JO5 Meditação. A cidade anda cheia de vultos, que enroscados em si mesmos, não sabem definir sua própria personalidade, nem medir o tamanho de sua presunção... Os acontecimentos da cidade se misturam nos acontecimentos cotidianos, e depois se perdem nas seqüências dos fatos que empurram nossa imaginação para além de nós mesmos... Ercílio Rosa [3-8]

CI=LC= 30/09/1949 JO5 Novo Hamburgo se destaca. Há um acentuado sentimento artístico revolucionando os aspectos tradicionais da cidade. Em cada canto de rua e em cada curva de nossa alma, há uma esquimose qualquer assinalando a progressão rápida de nossas tendências culturais. Quem se encostar num vão qualquer dos acontecimentos locais e observar as evoluções do espírito associativo de nossos concidadãos, compreenderá que há algo mais profundo enterrado nos desejos de cada um. A <<cidade industrial>> já não se limita a aspirar a poeira das oficinas, nem a construir bungalôs bonitos ou chalezinhos simples ao longo das ruas. Quando um sonho se torna realidade, a gente sempre sonha com outro sonho... Há um acentuado movimento artístico modificando os aspectos da cidade. É por isso que a maioria dos que trabalham procuram gastar suas horas vagas na límpida e fresca suavidade das cousas sonhadas, levando a atmosfera febril das cousas imaginadas nas sensações dos fatos concretizados à margem da realidade... Ercílio Rosa [6]

CI=OB= 11/11/1949 JO5 Serão asfaltadas as ruas de Novo Hamburgo. De acordo com informações colhidas junto ao Executivo desta cidade, é intenção da administração da comuna, cobrir o calçamento de pedra irregular com uma camada forte de asfalto. Promissora é portanto a empresa a que se propõe a municipalidade, a qual, na medida do possível, procurará solucionar o problema de arruamento perfeito da próspera comuna de Novo Hamburgo. [2]

AV=UC= 25/11/1949 JO5 Um jovem resoluto. Nas horas movimentadas dos <<footing>> intenso, a Avenida Pedro Adams cobre-se de uma sadia beleza. Vislumbra-se um aspecto colorante, no jogo do <<vai e vem>> dos passantes despreocupados, que desfilam em indolentes passos, externando satisfação e alegria. O idoso cidadão, na companhia de sua esposa, passeia num descanso psicológico. O jovem romântico, aparentemente letrado, vaidoso, numa superficialidade protuberante, passos monótonos, sussurra com quentura e entusiasmo ao ouvido de sua <<idéia>>. Outros, com sorrateiros olhares, tocam de leve nas formas bem agitadas dos corpos contornados das mocinhas que embelezam a avenida. Aglomerações de pessoas formam círculos de palestras à margem da calçada. Em alhures, demais cidadãos se organizam em ala, para apreciar a graça fulgurante. Uns, protótipos na técnica dom joanesca, narcisivamente acariciam com os olhos, cheios de calidez e doçura, a excelência feminina. Diante as diversas vitrines e entradas de estabelecimentos, deslocam-se diversos cavalheiros: senhores cabisbaixos, celibatários olvidados, boêmios arrependidos, etc. Ercílio Rosa [10]

CI=CL= 25/11/1949 JO5 Flagrantes... Há uma porção de cousas nas agitações das ruas que muita gente não vê. Não vê porque são pequenas cousas de todos os dias. Há nas ruas os reflexos subtis das vitrines, envolvendo as sombras dos vultos que passam vibrando de ímpeto incoercíveis. Há a sinfonia dos ventos que envolvem as ruas sumindo nas tramas dos dias. Nos problemas das ruas há a incógnita das esquinas. As existências passam diante de nossos olhos curiosos, que as seguem até que os vultos dobram as esquinas de seus destinos, deixando um leve colorido nas dobras de nossa imaginação. Das esquinas onde os vultos dobram, novos vultos surgem para a jornada de suas vidas. Gosto das esquinas. É dos ângulos das ruas que a gente vê os vultos despreocupados e sem pressa do burguês, que passa com gestos medidos de quem tem o privilégio das horas vazias; o vulto esquivo da donzela beatífica à procura de um noivo; e a sombra curvada do trabalhador pobre com as mãos vazias nos bolsos vazios, que arrasta sua existência pelos espaços sem cor do seu destino. E como é proveitoso, como enriquece a experiência de cada um; postar-se nas esquinas e sentir o cheiro dos acontecimentos pequeninos, mas que envolvem em suas agitações os problemas de todos os dias. Ercílio Rosa (repetido de 05/04/1945) [3-8-10]

CI=VT= 16/12/1949 JO5 Dezembro... As ruas ficam mais movimentadas, e as vitrines mais sedutoras, provocando desejos na imaginação dos que passam. As vitrines são símbolos das oportunidades que o destino provoca nas ambições humanas; os que podem, desprezam as mostras como si elas fossem ofensas à sua superioridade, e os que não podem se contentam na sua contemplação, resignados à modesta felicidade de apenas cobiçar... Quem se encostar num canto qualquer de rua, poderá testemunhar as emoções várias dos vários transeuntes que se detêm diante das vitrines. Uns sonham com o que podem obter e sentem-se felizes; outros obtêm o que não sonham e sentem-se infelizes... Ercílio Rosa [10]

CI=DP= 06/01/1950 JO5 A crônica da semana. É realmente verdade, não temos por toda cidade um busto, uma estátua, que nos faça lembrar das transições da vida de nossa cidade, os feitos máximos, os homens que os praticaram, etc... Tudo o que temos é um monumento que foi dedicado a homenagear a Colonização Alemã no RS e que lembra um Novo Hamburgo vila, um Novo Hamburgo do passado, colônia ainda.. [7-9]

AV=CL= 20/01/1950 JO5 Problemas em relevo - o trânsito na avenida. Não é esta a primeira vez que observamos em um domingo à noite, a Avenida verdadeiramente transformada em uma nova "Rua da Praia" regurgitando de moças e moços, de crianças, senhores idosos e senhoras de todas as idades. É um prazer observarmos o movimento transbordante da Avenida Pedro Adams Filho, em suas noites de gala. Qualquer pessoa sente-se verdadeiramente feliz em ver como Novo Hamburgo é cheio de vida, como o povo se associa a sua artéria principal. [10]

CI=OB= 10/02/1950 JO5 Problemas em relevo- Bebedouros para animais. Antes de ser canalizado o Arroio Vicente Rao, os condutores de veículos a tração animal, levavam seus fiéis "puchadores" ao dito arroio, ao lado da ponte Rio Branco, para servir-lhes água. Agora, no entanto, com as obras ali em andamento, é, senão de todo impossível, ou difícil acesso àquele lugar, ficando os pobres animais privados do precioso líquido, sem o qual seria desumano exigir-lhes pesados serviços ou serão os condutores de tais veículos obrigados a recorrer a particulares, que amiúde os atendem com dificuldades.

Apelamos, pois, para quem de direito, sejam tomadas medidas imediatas no sentido de dotar nosso centro com bebedouros para animais. [2]

CI=AF= 03/03/1950 JO5 A cidade... Ora, direis, a cidade! Mas eu gosto de às vezes percorrer as ruas da cidade despreocupadamente, como se fosse um burguês qualquer que tenho privilégio das horas vazias... Gosto de me surpreender com as transformações das paisagens que o urbanismo progressivo provoca cotidianamente na filosofia das ruas. E quando os prédios elegantes vão enchendo os terrenos vagos do centro urbano, centenas de moradias heterogêneas enfeitam as margens das ruas, ainda sem nome, dos arrabaldes que, ou subindo ladeiras, ou rasgando orlas de campos rasos, povoam de esperanças e realidades os sonhos embrionários dos que sabem lutar pelos seus ideais... Dia a dia a cidade se transforma, deslumbrando as emoções dos que esporadicamente se detêm num canto de rua ou numa dobra elástica de arrabalde enfeitado de casinhas novas, abrigando um sonho de felicidade. Sempre desejamos o que não podemos obter. E isso é a causa da evolução e do progresso de nossos próprios desejos, embalados na agonia fabril de nossas ilusões... Creio que a maioria dos novo-hamburgueses ainda não soube ou não quis admirar o recente e revolucionário surto de renovação porque atravessa presentemente nosso município; em cada pedacinho de rua surge uma fábrica, um palacete, um chalezinho ou sonho projetado noutro sonho. Ora, direis, a cidade!... Mas é observando os recantos da cidade, que reparamos os vultos humanos enrolando seus destinos na fúria embriagadora dos desejos. Uns vivem para trabalhar, outros trabalham para viver. Uns pensam que vivem, outros querem apenas viver... E enquanto a cidade vai estendendo seus limites, ficando ruas ainda sem nome e bordadas de moradias, sentimos uma satisfação cultivando nossa megalomania... Ora, a cidade! Ercílio Rosa. [2-8]

AV=TR= 14/04/1950 JO5 Problemas em relevo. Ainda o trânsito na Avenida... sexta feira última, dia santificado, o movimento, à noitinha, na avenida e na bela praça que se estende em seu trecho principal, era intenso. Famílias inteiras, com seus rebentos vivazes, gozam de agradável descanso, sentadas nos bancos da praça e apreciando o burburinho humano. Moços, mocinhas, aos pares e aos grupos, flertavam alegremente, fazendo o seu passeio na avenida. Mais tarde, comovidamente, verdadeira multidão assistia em silêncio, a passagem da procissão religiosa. Todavia, uma lacuna, uma imperdoável lacuna, manchava o ambiente. A cada passo, o transeunte despreocupado era colhido por um automóvel ou jogado a distância por algum ônibus. O trânsito para veículo não havia sido fechado. [10]

AV=UC= 14/04/1950 JO5 Mesa de Café. Na praça fronteira, os bancos verdes como pensamento de certos políticos, abrigavam casaes românticos alimentando sonhos da mesma côr do céu... E na avenida uma multidão heterogênea comprimia-se no vae-e-vem recreativo dos que sabem encher as horas vazias que separam as preocupações de cada um. Rapazes amontoados nos ângulos ou escorados ao longo das paredes, <secavam> inutilmente as representantes do sexo oposto que sorriam amavelmente ou presunçosamente sorrindo, passavam provocantes... A avenida é um pequeno mundo onde a gente gasta pedacinhos de vida, enquanto as horas folgadas do fim de domingo vão se alongando nas sensações místicas dos que se encostam ao longo de si mesmos... A avenida é o princípio, o meio ou o fim dos romances citadinos. Enquanto que na Praça 14 de julho... ora a praça!... E na imaginação de cada transeunte talvez havia uma esperança inesperada, um sonho mal sonhado, um problema insolúvel ou uma seqüência de tudo isso envolta numa felicidade de momentos... Ercílio Rosa [10]

PR=UC= 16/06/1950 JO5 Dia dos Namorados. O centro sentimental da cidade é limitado pelos contornos da Praça 14 de julho, diante da Avenida e á sombra das árvores que nesta época vão se desfolhando. É ali que os namorados se abraçam, refletindo nas imaginações humanas, os desejos objetivos encravados nos sonhos platônicos dos que passam... Ercílio Rosa [9]

PR=OB= 24/08/1950 JO5 Praça 20 de setembro. Remodelação completa - vultoso plano de modernização e ajardinamento. Estão em andamento vultosos trabalhos de adaptação ao seu fim da Praça 20 de setembro, um dos mais importantes logradouros públicos da cidade. A divisão é feita com naturalidade de, conservando o romantismo da topografia original, aliás uma tendência moderna, largamente adotada e de imensa utilidade em áreas de maior extensão e mais acidentadas. Na parte baixa, em meio à floresta artificial, que cobrirá esta área, serão construídas modernas instalações sanitárias. Os passeios serão calçados pelo sistema português, como o temos na praça 14 de julho. [9]

PR=DP= 10/11/1950 JO5 Monumento a Ruy Barbosa. Com grande assistência popular, presentes delegações dos diversos educandários de Novo Hamburgo, assim como o poder executivo e legislativo e representantes da imprensa, foi inaugurado na manhã de domingo último o monumento, erigido na praça 14 de julho, em homenagem ao eminente brasileiro Ruy Barbosa. [9]

PR=UC= 24/11/1950 JO5 A praça 14 de julho. A delegacia não é mais ali. A casa tronou-se mais bonita e há tranqüilidade na praça... O busto de Ruy Barbosa impõem respeito aos que respeitam o direito alheio, e a estaçãozinha colonial postada ao fundo ainda suporta, com seus 70 anos, a glória de ser a mais antiga do Estado. Na avenida enfrente, os automóveis correm desabaladamente, ziguezagueando entre a multidão jovem que se esparrama no vae-e-vem costumeiro... A praça 14 de julho é um pequeno mundo onde a gente gasta pedaços de horas, alimentando o sedentarismo dos momentos ociosos postados ao longo do tempo. A praça tem o destino e o privilegio das praças: árvores copadas silenciosas e indiferentes, testemunham os afagos e as rusgas dos namorados; os começos e o fins de romances; sussurros de policiais e projetos inconcebíveis... Há cochichos nos bancos espalhados pelas ruazinhas, enquanto a linha dos canteiros vão tangeando as sensações emotivas dos que se debruçam ao longo dos acontecimentos. E o quiosque, que por certo foi construído para outro fim, serve presentemente apenas de palco para as inocentes imitações cinematográficas das crianças. Parece, às vezes, que a gente não vê as cousas deslizares pelas beiradas de nossas percepções, mas no subjetivo de cada um de nós, há sempre um pensamento impensado percebendo as cousas... A praça é um pequeno mundo. Enquanto as mocinhas provocam sonhos duvidosos na avenida, a estaçãozinha colonial enruga seus 74 anos, envôlta na rústica cêrca de arame farpado limitando a praça... A delegacia não é mais ali, mas quando os automóveis passam velozes na avenida, um brigadiano de folga, lá no último banco da praça, aconchega-se mais um pouquinho á morena luzídia... E o busto de Ruy Barbosa lembra que <<o direito de um termina onde começa o direito do outro>>... A praça 14 de julho é uma seqüência de nós mesmos, exposta ao público... Ercílio Rosa [8-9]

CI=BR= 01/12/1950 JO5 Domingo de sol em Hamburgo Velho. Quem desce na estaçãozinha acanhada e humilde, num domingo qualquer, naturalmente vê um nome sem praça e serenidade em todas as cousas locais. E subindo a ladeira, estreita, sente a calma da vida nos jardins particulares, nas janelas fechadas e nas nuvens preguiçosamente pelo céu azul... Naquela tarde de domingo ensolarado, alguém atravessou a pequenina gare da estaçãozinha escassa, e penetrou na tradicional e curvilínea topografia da cidade alta - o aristocrático bairro de Hamburgo Velho - que desde os tempos coloniais, mantém o tradicionalismo conservador das cousas que não são bem nossas... E foi percorrendo trechos de ruas ondeadas onde há fragmentos ou conversas, escapados pelas janelas semi-abertas... Enquanto alguém caminha pelas ruas de Hamburgo Velho, onde as casas se dependuram graciosamente, a claridade intensa da paisagem envolve-se na fragrância da tarde que se alonga preguiçosamente através de sombras que o arvoredo deposita no chão íngreme. Hamburgo Velho, cidade alta. Casas dependuradas em barrancos sustentando casas, através de artísticas exposições arquitetônicas. Bairro dos ginásios, introduzindo saber na consciência dos adolescentes... A estaçãozinha humilde espia, agachada no vale, as transformações lentas que se operam no bairro; árvores quasi murchas ao longo do sol, testemunhando a evolução da cidade alta, enquanto a tradição local é pouco absorvida pelo tumulto renovador das cousas nossas... E a estaçãozinha acanhada e escassa, continua postada diante de um nome sem praça, assistindo episódios cotidianos enrolados no conservadorismo dos escassos descendentes dos primitivos habitantes do "Morro dos hamburgueses"... Há odes históricos, rimando com a simetria do silêncio domingueiro das ruas de Hamburgo Velho... Ercílio Rosa [2-8]

CI=CO= 19/01/1951 JO5 Manhã de dia útil... Pouco passa das 7 horas. A manhã ainda envolta nas brumas da madrugada, mal foge do orvalho. E o sol, ainda respingando sereno, levanta-se heroicamente nesse começo de dia comum, e enquanto a aragem dorme, como é costume nos vales, uma densa fumaça cheirando à fábrica envolve toda a cidade... Recém começou um novo dia na 'cidade industrial'. E qualquer observador pode sentir, através das chaminés fumegantes, o ruído heterogêneo das 370 fábricas novo hamburguesas, das 294 manufaturando calçados!... Ercílio Rosa [5]

CI=LU= 26/01/1951 JO5 Limpeza Pública. A rua Oswaldo Cruz vulgarmente é mais conhecida por Rua da Limpeza. Motiva-se essa dominação popular pelo fato de se levarem por aquela artéria de lixo e os detritos, que para conservação do asseio dentro da cidade, devem ser afastadas da mesma e ali, em lugar êrmo e agreste outrora, são depositados ainda hoje pelos encarregados da limpeza pública. Com o correr dos anos, acompanhando 'pari passu' o progresso de Novo Hamburgo, a zona circunvizinha das valas receptoras das substâncias removidas, transformou-se em florescente e populoso bairro. A presença das valas fétidas e objetas, nas quais são despejadas os conteúdos dos cubos recolhidos por todos os quadrantes da cidade, em meio as casas de residências daquela futura zona constitui um obstáculo ao seu desenvolvimento, pois que em dias de mormaço as exalações se alastram insuportável e prejudicialmente por vastos trechos. [2]

CI=CV= 02/02/1951 JO5 Carnaval á vista... O carnaval impõem uma interrupção na serenidade cotidiana de nossas vidas. Forma uma parêntesis, dentro do qual a gente se põe á vontade gosando a faculdade de expor sentimentos como eles se manifestam... Carnaval. Uma mentira a mais satisfazendo mais uma ilusão postada num oásis de nossa vida... Carnaval. Mais uma desculpa para fugirmos dos preconceitos... Ercílio Rosa [8]

CI=CV= 09/02/1951 JO5 Depois da Festa... E agora, depois de expostas todas as nossas tendências e nossos recalques ao longo de nossos preconceitos, voltamos a ser o que somos ou continuamos a ser o que nunca fomos... Fantasias amarrotadas jazem sem valor no rol das cousas passadas. Mais um carnaval que passou alimentando liberalidades que os preconceitos sociais afastam do cotidiano... As liberalidades do Momo sempre expõem, através de uma fresta qualquer de nossos sentimentos, as paixões ocultas que trazemos sempre enroladas nas curvas de nossos desejos cotidianos. Ruas vazias continuando a progressão comum de todos os dias. Almas embriagadas, sonhando ainda com as fúrias libertinas que conservam a ilusão carnavalesca de serem o que jamais serão. Ercílio Rosa [8]

PR=ET= 16/02/1951 JO5 Estação sem nome. Os que viajam nos trens de passageiros e carros motores da Viação Férrea, geralmente, ao chegarem a uma localidade, vila ou cidade onde acham-se instalada uma estação, olham em redor da mesma afim de descobrir o nome do lugar. A mesma curiosidade humana investe também contar os passageiros que, ao aproximarem-se da Estação Hamburgo Velho, passam a olhar pelas janelas do comboio para saberem onde haviam chegado. Porém a decepção é grande. Não encontram nome nem letra sequer. Esse caso estranho vem desde 1942, quando foi apagado o nome Hamburgo Velho das paredes externas da estação. [9]

CA=CF= 23/02/1951 JO5 Rodrigo, o velho poeta. Bem na horinha em que a maioria (ou a minoria) dos homens sacudiam a fadiga matinal com o clássico aperitivo, ele foi entrando no bar, sacudindo suas ceações poéticas... Carregando seus sessenta e sete anos de vida, impondo-se pela austeridade de sua atitude patriarcal, ele fazia-se respeitar, não só pela branquíssima barba cobrindo-lhe o peito, como pela sonora e simpática voz que apenas oferecia por 20 centavos uma de suas poesias Ercílio Rosa [8-12]

CI=OB= 02/03/1951 JO5 Realidade em foco - Nomenclatura de ruas e numeração de prédios. Existem nesta cidade vias públicas, que no seu percurso alternam sua denominação, ignorando o público em geral, onde começam e terminam as diversas etapas componentes. Em anúncios e participações sociais e fúnebres, onde o endereço claro e certo assume, às vezes, importância especial, é crucial, quando se apresentam dúvidas dessa espécie e acontece serem mal orientados os interessados em tais publicações. [2]

CI=CL= 16/03/1951 JO5 Realidades em foco - goteiras enfadonhas. Nesta cidade, entretanto, existem prédios de recente construção, que, em suas frentes, possuem balcões e abrigos, com goteiras enfadonhas, que, atentam contra os interesses do público, pois quando chove formam verdadeiras duchas para os transeuntes e, nos dias de faxina nos andares superiores, os orifícios despejam sobre quem por baixo se achar no momento preciso, água suja e quejandos. [2]

CI=AF= 30/03/1951 JO5 Fim de Março - Neste fim de março, ameno e ensolarado, quando as laranjeiras da rua David Canabarro prometem amadurecer seus frutos e os frutos de nossas esperanças continuam dependurados num sonho, fiz mais uma 'fiscalização' no panorama da cidade. E encontrei transformações radicais nas ruas, nas casas, na vida e no cotidiano. As ruas que há pouco mais de um ano não tinham nome e já o têm, e os nomes sem rua estão fadados a tê-los em breve... As casas que não têm número, mas que já pagaram há muito tempo para tê-los, também receberam a promessa de que tê-los-hão... Há transformação no aspecto da cidade: casarões históricos e habitações coloniais foram destruídas sumariamente em prol do progresso e da evolução da cidade. Enquanto as laranjeiras da rua David Canabarro pretendem amadurecer seus frutos, eu admiro a rápida progressão novo hamburguesa através dos fatos concretos expostos nas ruas, na vontade e nos sentimentos modestos e puros, que constróem dia após dia, a transformação da cidade... Ercílio Rosa [2-8]

PR=AB= 09/05/1951 JO5 Realidade em foco - A limpeza no Abrigo Municipal De diversas pessoas, principalmente senhoras, temos recebido queixas nesse sentido, pois que, segundo nos informaram, os referidos 'faxineiros' não tem escrúpulos em alijar o lixo e mesmo água suja na calçada, meias, vestidos de quem por perto esteja aguardando algum embarque. Ora, convenhamos, tal atitude de desrespeito e pouco caso, não condiz com os foros de cidade, que devemos ser ciosos em salvar, guardar,

nem tão pouco nos recomenda bem aos visitantes, que porventura assistam ou sejam atingidos pela 'sujeira'. [9]

AV=UC= 29/06/1951 JO5 Manhã de Domingo - Manhã ensolarada de domingo. Na 'esquina do pecado' homens falando de política ou de futebol, enquanto os bancos verdes da Praça 14 de Julho hospedam sôfregos leitores de jornal. A herma de Ruy Barbosa assiste indiferente e silenciosa, o vozerio monótono dos engraxates instalados bem ali... Na avenida... Bem, todos os olhares se convergem silenciosos para aquele ponto, quando a jovem faceira passa trajando um elegante 'tomara que caia'... A presença da jovem com o 'tomara que caia', com o seu caminhar elegante, diante do testemunho das fachadas e dos telhados, dá à avenida um halo perfumado de mocidade e uma vibração de alegria sacudindo sentimentos... Ercílio Rosa [10]

AV=AF= 20/07/1951 JO5 Grupos, políticos discutem o progresso de calçados e calçadistas, parlamentam a candidatura do futuro prefeito... Enquanto os anúncios luminosos titubeiam por escassez de energia, as vitrines, que sempre foram o ornamento das ruas, saúdam com a beleza de suas mostras, os transeuntes heterogêneos que passam despreocupados pisando os ladrilhos soltos... A avenida Pedro Adams F.º - coração da cidade - já se acostumou a abrigar a elite do choque adventista que, teoricamente, proclama a grandeza filosófica da cidade, conquistada através de seus costumes. Ercílio Rosa [8-10]

PR=UC= 20/07/1951 JO5 Noite de Quarta-feira - Nos bancos da praça, enquanto escassos rapazes falam de namoradas, lá no fundo certos namorados agem...Ercílio Rosa [8-9]

CI=AF= 10/08/1951 JO5 Sinfonia - Neste inverno aquecido pelo fenômeno implícito da natureza, a cidade, intercalada de manhãs brumosas e tardes transparentes, assiste impassível a sinfonia cotidiana das transformações das coisas. E enquanto o sol risca o limite das sombras, a fisionomia das ruas vai se transformando com a fúria propulsora da evolução, enquanto alguns fazem greves inconstitucionais, outros, muitos outros, conduzem suas esperanças debruçadas no otimismo progressivo do desejo de vencer pelo esforço natural do trabalho tranqüilo. E através da cidade morna, as ruas compridas, que ficam cada vez mais compridas, vão testemunhando por si mesmas, toda inquietação alimentada pela ânsia evolutiva de quem sabe querer... Na sinfonia das transformações cotidianas, há sempre a pausa das esquinas... E é das esquinas que se admira toda a grandeza progressiva das ruas, às vezes mal calçadas, mas 'calçadas' cada vez mais de edifícios, suntuosos uns, modestos outros, mas todos abrigando sonhos de progresso. Neste inverno quente, enquanto as árvores desfolhadas sorriem para o tempo, a cidade assiste indiferente os espetáculos diários: ruas bordadas de casas novas; esquinas testemunhando encontros amorosos; gente fazendo greve ilegal e políticos escolhendo candidatos... E através da cidade morna, as ruas compridas ficam cada vez mais compridas... Ercílio Rosa [2-8]

CI=CL= 24/08/1951 JO5 Prosa de uma prosa... Parado na esquina, eu assisto o mundo rodar no espelho da agitação local daquela tarde aquecida. E enquanto o sol paraninfa os sonhos românticos de casais andando pelas ruas, muitos pensamentos agitados postam-se ao longo de minha imaginação enrugada... Parado na esquina, assisto o sol paraninfando sonhos expostos ao longo das ruas, enquanto automóveis de outros municípios rodam sobre os paralepípedes desparelhados da avenida. E nesta prosa oriunda daquela prosaica tarde esquecida em que me encostei naquela esquina assistindo o rodar do mundo através da romanesca agitação das ruas há, por certo, uma interrogação marginando as curvas de minhas idéias... Parado na esquina, eu esqueço tudo o que não sou, para a glória do que jamais serei; congratulo-me com John Locke e pretendo confraternizar com o bem objetivo da humanidade. Ercílio Rosa [8]

CI=DP= 09/11/1951 JO5 Bonança... Dia de eleições. Cartazes e faixas enfeitam as ruas da cidade pedindo carinhosamente a solidariedade de um voto... Votos sem dono rolando pelas ruas e donos de votos afagando volantes... As eleições passaram e os cartazes já não valem mais nada. As ruas já estão limpas e as diferenças se igualam... Ercílio Rosa [8]

CI=BR= 30/11/1951 JO5 Fim de tarde no bairro... Fim de tarde. O sol caindo matematicamente no acaso, ilumina diagonalmente as cousas, despejando sombras compridas sobre as ruas desparelhadas do bairro. E o bairro todo sente a carícia dos que voltam da faina diária, e enrola-se na bonomia transparente da tarde que finda... Operárias lindas andam ao longo das ruas sem passeio, sem estabilidade e sem nome, enquanto centenas de chalezinhos pitorescos e bangalôs pintados a óleo debruçam-se na esperança da realização de seus sonhos... Sonhos de amores clandestinos escorregando dos barrancos, e ilusões assassinaças rolando nos valos... Esquinas sem nome assinalando encontros furtivos e encontros furtivos marcados numa esquina sem nome... Ercílio Rosa [8]

CI=VT= 14/12/1951 JO5 Neste mês... E as vitrines são o consolo. E na contemplação platônica daqueles mundos de brinquedos, desdobramos de nossas reminiscências, certos momentos vividos ingênua e despreocupadamente na longínqua infância. Ercílio Rosa [10]

CI=AT= 11/01/1952 JO5 Assuntos relativos a Novo Hamburgo ventilados na Assembléia Legislativa do Estado. O deputado Adalmiro Moura mostrou ao Governo do Estado o perigo constante para a vida da população e a dificuldade que causa ao tráfego de veículos o entroncamento dos trilhos da rede ferroviária com várias ruas da cidade. [3]

CI=CV= 11/01/1952 JO5 O alvorecer do carnaval de 1952. De ano para ano os tradicionais festejos carnavalescos ganham terreno em nossa cidade, observando-se uma linha ascendente ao concernente ao número de participantes, á perfeição e brilhantismo dos desfiles e programação internas, ás vocalizações e execuções de musicas características de efemeridade, e ainda no que diz respeito á linha impecável de conduta face dos sentimentos cristãos do nosso povo. [6]

CI=LE= 11/01/1952 JO5 Poesia Barata... E, depois do anoitecer, quando a gente pensa que sonha, lâmpadas são quebradas nas esquinas, enquanto a lua ofende a iluminação de certas ruas... Quando o crepúsculo já não é mais nada, a noite impera... Ercílio Rosa [8]

CI=LE= 11/01/1952 JO5 Preciosidade. Novo Hamburgo já viu brotar água encanada nas ruas centrais da cidade. Em breves dias o precioso líquido poderá ser servido nos cafés, pensões, hotéis e residências. [2]

CI=LC= 18/01/1952 JO5 O fim de um princípio. Pedacos de nuvens brancas dançam no céu azul, e uma leve aragem sopra do sul afagando o calor intenso destes dias de Janeiro... Um cheiro típico de couro curtido continua espalhado pela cidade toda, enquanto o ruído das máquinas denota que o novo-hamburguês empenha-se cada vez mais no aperfeiçoamento do calçado, nua miragem quasi obcecada pelos pés humanos... Eu sinto a ausência de um princípio catalogado na congregação de um ideal mais amplo. Estranho o desinteresse de nosso povo pelas cousas do espírito e pelo desenvolvimento cultural de nosso núcleo. É de fato, lamentável que o novo-hamburguês em geral, despreze os nobres princípios espirituais e troque-os pelo brilho barato das prepotências materialistas... Mais de oitenta nomes <brilham> ostensivamente nas alamedas incultas do Centro Cultural de Novo Hamburgo, mas nenhum, que eu saiba, se dignou interprentar religiosamente a finalidade de seus princípios e nem o princípio de seus fins... A mentalidade de Novo Hamburgo ainda se detém na base. E enquanto <ceureamos> os pés, viemos usando a cabeça apenas para pôr chapéu... E eu sinto a ausência de um princípio mais cultural na congregação de um ideal mais amplo... Ercílio Rosa [6]

CI=PG= 18/01/1952 JO5 Caudalosamente, de ano para ano, avoluma-se o potencial econômico de Novo Hamburgo. <<Novo Hamburgo é uma terra singular>>, disse alguém pouco tempo, quando, sob os impulsos de um patriotismo sadio e justiceiro, se referia ao trabalho que os filhos desta gleba realizam em jornadas diurnas e pertinazes, para seu bem-estar e grandeza da Pátria. O potencial econômico de nosso município é uma das realidades palpantes que constituem os esteiros garantidos da própria subsistência e soberania nacional. É uma dessas raízes mestras que, mergulhando no solo fértil do trabalho organizado, regado com os mais sãos princípios sociais de justiça e fraternidade humana, levam ao tronco robusto da Nacionalidade a seiva viva da alimentação, formando e fortalecendo a cortiça de Defesa Nacional, a capa agasalhadora e confortante das ramificações e folhagens, em meio ás quais fazem brotar os frutos do progresso material e as flores da cultura e da arte. Um horizonte cheio de esplendor matinal, em rutilo faiscar, prenuncia ao povo laborioso desta terra o grandioso porvir da Cidade Industrial que, dia a dia, se eleva mais no conceito, não só dos Estados da União e do Continente Americano que Novo Hamburgo é pronunciado com acato e admiração. Melhor dias virão para o bom povo que habita estas paragens, o povo são, cujas tradições constituem uma honra para o Brasil e cujo apanágio são suas virtudes e sua marcante personalidade de município altaneiro, cioso do seu caráter e do seu prestígio! [5-7]

CI=BR= 25/01/1952 JO5 A grandeza dos arrabaldes. Obrigado por certas circunstâncias, eu reparo, presentemente, a singela grandeza da vida de arrabalde: é nos arrabaldes que começam as agitações diárias: as manhãs aproximam as criaturas da natureza, proporcionando emoções de encorajamento em quem tem desejos de vencer. As manhãs dos arrabaldes, com suas criaturas andando pelos projetos de ruas, afastando o orvalho, lembram poesias agrestes encravadas na história de nossas recordações... Geralmente, quando enroscados no prosaísmo da roda circumspecta do centro urbano, jamais nos lembramos da grandeza modesta estampada no cenário de uma rua sem nome ou de um nome

sem rua de um arrabalde qualquer... Mas é um arrabalde simplório, que reside a calma espiritual, embrulhada nas agitações cotidianas... Ercílio Rosa [8]

CI=CO= 01/02/1952 JO5 A iniciativa de uma aventura. Eles tiveram a iniciativa da aventura, e viveram a aventura de sua iniciativa... Os sentimentos de revolta íntima cuidadosamente refreados transbordaram a passividade das almas tradicionalmente serenas e tranqüilas, e expandiram-se, exteriorizando demonstrações de desagrado ao repentino e inexplicável encarecimento dos gêneros de primeira necessidade. Havia incertezas das emoções em quem assistia a progressão daquela turba deslocando-se pacificamente através da cidade, palmilhando seus direitos, arrogantemente invadidos pelos direitos alheios... Ercílio Rosa [5]

CI=CO= 01/02/1952 JO5 Efeitos da carestia em Novo Hamburgo A inesperada e brusca alta dos preços do pão e da carne inquietou o espírito ordeiro e trabalhador do nosso operariado. Chefes de família ficaram com a carestia descontrolada, alarmado, pois sentem o peso da responsabilidade sobre os seus ombros de sustentar mulher e filhos dignamente. Este fato anormal, em desacordo com as esperanças, implantadas na alma simples do trabalhador é a causa psicológica do inédito movimento popular que se desenrola, com disciplina, vehemencia e confiança, nas nossas ruas e praças públicas. [5]

CI=CV= 08/02/1952 JO5 Carnaval. Muita gente não compreende, como numa época de carestia geral o povo pode dedicar-se com entusiasmo aos preparativos para festividades carnavalescas. Ora, a alma humana precisa justamente nos momentos difíceis de alguns instantes de alegria e de divertimento. O grande filósofo Spinoza disse: <uma emoção só pode ser detida ou removida por outra emoção, contrária e mais forte>. Ercílio Rosa [8]

CI=DP= 08/02/1952 JO5 Novo Hamburgo, comarca de segunda estância. Como é público e notório, está se processando uma reforma na organização judiciária do Estado, trabalho em que se acha empenhada atualmente a Assembléia Legislativa. Referente ao nosso município podemos constatar, com satisfação, que a colênda casa, graças ao empenho da Bancada do PSP, chefiada pelo deputado Adalmiro Moura, e em obediência ao imperativo categórico do desenvolvimento e avanço de Novo Hamburgo, acaba de aceitar a emenda apresentada pela qual esta Comarca passará à categoria de segunda estância.

CI=CO= 15/02/1952 JO5 Enquanto a vida escorre. E eu pergunto a mim mesmo, aonde se desgasta ou se esconde todo o produto material das contribuições que cada brasileiro entrega às instituições, si os necessitados continuam como sempre, percorrendo as ruas, os chalés, os bares e os domicílios solicitando a esmola de um gesto qualquer de quem pode dar algo? Para onde se canaliza o total destinado às associações de classes, si há milhares de industriários atirados ao longo de sua sorte, como se nunca houvesse nada que o protegesse? Porque será que as leis sociais são tão fáceis para se contribuir e são tão difíceis para se conseguir algo? [5]

CI=PG= 15/02/1952 JO5 Dura realidade. É quasi impressão geral, que o mundo com toda a civilização e cultura, não consegue consolidar a paz e nem aliviar os males da humanidade. A ambição de conquistar pontos estratégicos, a disputa de mercados internacionais, a redução de produção agrícola e o aumento da população universal deixam transparecer certa insegurança para o futuro. Todas essas anomalias estão também se refletindo na vida econômica brasileira. [7]

PR=ET= 15/02/1952 JO5 Terá Novo Hamburgo nova estação ferroviária? O velho traçado ferroviário, que na extensão de vários quilômetros atravessa esta cidade, tem sido reiteradas vezes, no passado, objeto de estudos e muito têm sido os comentários que em torno do assunto tem circulado. Todos conhecem a freqüência, com que se repetem os acidentes provocados nos numerosos cruzamentos de ruas com os trilhos. Entre tudo quando se tem engendrado para solução do velho problema, sem dúvida tem a primazia o plano de remover para fora do perímetro urbano o traçado da via férrea. [9]

CI=CV= 22/02/1952 JO5 Chegou o carnaval. Apesar das censuras sistemáticas dos puritanos, o carnaval ainda é um dos mais elevados fatores de alegria humana. É durante os dias consagrados a Momo, que cada um pode, sem preconceitos, escancarar as janelas de seu outro eu; pode exteriorizar todas as sátiras dobradas na alma; pode mentir para os sorrisos estranhos... O carnaval é uma fuga. É uma interrupção em toda a falsa realidade em que vivemos. No carnaval, a verdade é mentira e a mentira é verdade. Os que põem máscaras são, sem querer, a afirmação do que realmente são; os desmascarados talvez ocultem problemas cotidianos, arrastado um a um durante o ano... O carnaval é a verdade da vida. Para mostrar a alma nua é preciso ocultar o rosto. O carnaval chegou. E com ele a afirmação do mundanismo. E, enquanto esquecemos as faltas do que necessitamos e as sobras dos excessos, há uma

canção popular plena de sentimentalismo ou repleto de ironias, alimentando nossa sede de viver melhor. Ercílio Rosa [8]

CI=CV= 29/02/1952 JO5 Impressões posteriores... Mais ainda resta uma espiral de serpentinhas, alguns confetes perdidos ou um cheiro qualquer de existencialismo alisando as realidades cotidianas que somos obrigados a arrastar através dos dias que passam... Pronto! Findou-se o carnaval... Ercílio Rosa [8]

CI=CL= 07/03/1952 JO5 A miragem das ruas... Não consigo compreender esses misteriosos fenômenos porque passa a cidade presentemente. Sinto-me perdido e confuso dentro das ruas, construindo imagens miríficas ao longo dos acontecimentos. Afago carinhosamente meus deveres e deslizo na sombra de meus direitos. Terei eu direito de clamar contra esse racionamento de energia elétrica que, justificado ou não, traz incalculáveis prejuízos de toda ordem para o município?... Terei eu direito de criticar essa <chuva de baixo para cima> que as experiências da nova hidráulica provocam nas ruas? Terei eu direito de sorrir criticando ou criticar sorrindo dessa <chuva> que está removendo centenas de trechos de ruas já calçadas?... É na miragem das ruas que a gente imagina toda a beleza da vida, se tivesse direito ao direito.. É na miragem das ruas, que eu deixo escorregar toda a minha incompreensão dessa anormalidade, debruçado sobre minhas idéias confusas, construindo emoções dúbias através da realidade latente dos fatos... Ercílio Rosa [2]

CI=EX= 14/03/1952 JO5 Impressões de um casaco velho... O sujeitinho, esquecido de seu casaco enrugado, pulava barrancos e saltava em certas ruas, se detinha nas esquinas, falava sozinho ou andava em silêncio. Mas o casquinho parado, embora desbotado, ia aguardando nas dobras de suas mangas os lamentos, as queixas, os laivos de amarguras, e os hinos vitoriosos postados ao longo do caminho do sujeitinho apressado... O casaco enxovalhado, cumprindo sua missão de cobrir a camisa poida escutou conversas nas esquinas, nas praças, nos cafés, nos bares, etc., ouviu prosa de quem não pode prosar e escutou queixas de quem não deve queixar-se... Mas o casaco já enxovalhado, apenas acompanhava o sujeitinho apressado, cobrindo a camisa poida... Ercílio Rosa [8]

CI=CO= 21/03/1952 JO5 Enquanto o ônibus não vem... Si cada bom burguês trabalhasse apenas o que manda o figurino, todo esse torrão que se apresta para comemorar o seu jubileu de prata, não seria o que é, presentemente. Si cada habitante desta comuna se deixasse levar pelo descanso estabelecido legalmente, legalmente seria apenas um novo hamburguês descansando... Mas a verdade é que, em geral, em cada pedaço de rua, e em cada trecho de vida desta colméia, há um gesto de satisfação exposto numa fracção de trabalho feito além... É nos fins de tardes, com ou sem sol, que vê lindas operárias carregadas de tarefas, esperando transportes ao longo das ruas. E em cada cabecinha leviana ou em cada coração sonhador dessas construtoras de progresso, deve haver, por certo, um desejo qualquer postado ao longo de alguma esperança... Ercílio Rosa [5-8]

CI=LU= 28/03/1952 JO5 Errei?... Mas neste fim de março, enquanto agoniza o verão com seu horário que no sul dispensamos; enquanto aguardamos ansiosamente as festas comemorativas ao quarto de século da cidade; enquanto esperamos as tradicionais e indispensáveis solenidades cristãs da Páscoa, eu escuto conversas nos cantos de ruas, nas portas de cafés, nas bordas dos jardins e nos bancos de praça. E das vozes anônimas dessas conversas, surgem interrogações que, sem endereço, transformo em outras interrogações: porque será que certos terrenos baldios em pleno centro da cidade e mesmo na zona urbana, são abandonados às macegas ou transformados em receptores de lixo? Porque será que os veículos rodoviários não advinham que as sinaleiras da VF não funcionam por falta de energia elétrica? Porque será que muitas casas da cidade ainda não tem números? Porque será que há ruas com diversos nomes e há diversos nomes sem ruas...? Ercílio Rosa [2-8]

CI=OB= 28/03/1952 JO5 Novo Hamburgo, um dos mais importantes centros comerciais do Estado, gozando da singularidade de ser, relativamente ao seu tamanho, o município que maior somas de rendas carrega para os cofres públicos em todo país, não tem tido, entretanto, um desenvolvimento urbanístico orientado de acordo com as características da época moderna? [2]

CI=PG= 04/04/1952 JO5 5 de Abril O mês de abril sempre foi para nós não só um fim de verão, ou um princípio de outono, foi e sempre será apenas o mês de abril... Mas para todo este pequenino município de Novo Hamburgo, que é simplesmente grande; para toda esta plêiade de idealistas que lutaram, lutam e lutarão pela grandeza desta gleba, é um fragmento de vida e é um princípio... Desde 1927, qualquer novo-hamburguês convicto soube reverenciar a seu modo, a efeméride de 5 de Abril. Todo o coração da cidade engalana-se para receber, em holocausto aos seus vinte e cinco anos, ao menos um gesto de admiração ou culto por todo esse progresso construído dia a dia sob gotas de suor. E nos

cantos das ruas; na curva de uma estrada; na espira de um desejo qualquer, ou uma seqüência de sonho e jubileu da cidade deve encontrar-se pérolas nas margens dos corações que sabem sentir a progressão anônima que se espalha ao longo da vida... Novo Hamburgo comemora o vigésimo quinto aniversário de emancipação envolto na fúria de seu crescimento prodigioso e embalado na cadência monótono do murmúrio de suas fábricas. Ercílio Rosa [8]

PR=AF= 04/04/1952 JO5 A igreja da hora Luterana. Quem da um passeio pela aprazível praça 20 de setembro no centro da cidade de Novo Hamburgo verá na ponta mais alta desta praça uma igreja. Que igreja é esta? Responderia: <Esta é a igreja da Hora Luterana>. [9]

CI=DP= 11/04/1952 JO5 Apoteótica demonstração cívica do povo de Novo Hamburgo no dia do seu jubileu de Prata. As festas do jubileu de prata do município de Novo Hamburgo vieram a constituir-se em acontecimento inédito para a nossa cidade. Perto de uma dezena de milhares de pessoas assistiram ao grandioso e importante desfile realizado na manhã da magna efeméride. As forças vivas da cultura da intelectualidade, do comércio, indústria e operariado, enfim, os valores positivos, integrantes do espírito tradicional de fraternidade e cooperação, estiveram presentes, quando a honra e o prestígio da comuna os conclamava para a grande revista. [9]

CI=PG= 18/04/1952 JO5 25º aniversário da emancipação política de Novo Hamburgo. Se quisermos, de relance, rememorar a grandeza econômica do município aniversariante, será suficiente atentar para o fato de que Novo Hamburgo é o município gaúcho que mais contribui, per capita, para os cofres públicos. A poderosa indústria do couro e seus inúmeros derivados, com fábricas que empregam milhares de operários, ao lado de outras inúmeras indústrias, bem como a elevada e variada produção agrícola, fizeram de Novo Hamburgo o que hoje é: um município rico e progressista. Mas, o paradoxo da riqueza opulenta ao lado da juvenildade tem em Novo Hamburgo uma explicação. E esta explicação é um exemplo para o Estado e para o País. É o trabalho. Esta palavra explica tudo, e diante dela, somente é possível compreender tamanho progresso em tão breve espaço de tempo. [5-7]

CI=UC= 18/04/1952 JO5 Na estrada... Não sei de onde o costume de se apanhar marcela em sexta-feira santa. Sei que é em sexta-feira santa que se busca marcela... E buscando marcela, a gente encontra muitas outras sensações relacionadas com a vida verdadeiramente vida. Comungando com a imensidão do céu infinito; testemunhando a grandeza sem fim das verdades da natureza, e embalando sonhos imbecis na rede crédula de nossa alma... Ercílio Rosa [3-8]

CI=CL= 25/04/1952 JO5 Novo Hamburgo. Tem fábricas em quase todas as ruas e namoros nas esquinas. Tem plicrônicas alvoradas e românticos crepúsculos. Tem ladeiras sugestivas e casas dependuradas nos barrancos... Tem pretensas arianas passeando na avenida depois da missa e morenas de olhos azues amando em segredo nas curvas da praça... Ercílio Rosa [3-5-8]

CI=LE= 25/04/1952 JO5 Ultimamente, porém, Novo Hamburgo tem andado igual as idéias de Noé: sem luz. As fábricas, os lares, as ruas, etc., sentem os profundos princípios de Noé: escassez de luz... Novo Hamburgo tem noites silenciosas e gente sonhando à beira da realidade... Um sapateiro num chalezinho dependurado num barranco ou alguém calçando sapatos de luxo num palacete, é a mesma cousa. Ercílio Rosa [2-8]

CI=OB= 25/04/1952 JO5 Tem também um riacho que corta a cidade ao meio, sobre o qual havia, nos tempos coloniais uma ponte em cada rua... Hoje, onde havia rua não há ponte e onde havia ponte não há rua... nem ponte... Ercílio Rosa [2]

CI=OB= 23/05/1952 JO5 Plano de urbanização. Um plano diretor não é apenas trabalho de topógrafo, um traçado de ruas. Também é tarefa para o sociólogo, o arquiteto, o engenheiro, o artista. Necessita da colaboração dos juristas, dos militares, dos comerciantes, dos industrialistas, dos professores, enfim: de todos. Não é taboleiro para política. <O 5 de Abril> cientificou-me da composição da comissão central do plano diretor de Novo Hamburgo, e fiquei satisfeito ao verificar estarem representadas as mais variadas profissões: 2 engenheiros civis; 1 topógrafo; 3 comerciantes; 2 industrialistas; 2 juristas e 1 desenhista; pois com isto se evitará a aplicação ou ponto de vista unilaterais. Mas estranhei que nem urbanista e nem arquitetos tivessem sido convidados para integrar tal comissão. [2]

CI=DP= 30/05/1952 JO5 Para intendente municipal antes um negro de beijo rachado, do que um filho de Novo Hamburgo. [9]

CI=LE= 30/05/1952 JO5 Administrar para o futuro. Novo Hamburgo, pela sua situação privilegiada no plano econômico e financeiro, pela sua localização próxima à capital do Estado, pela rodovia entre Porto Alegre e São Leopoldo, em plena execução, bem como em virtude do eminente problema da força elétrica, deverá sofrer um desenvolvimento ainda mais surpreendente do que o dos dias que correm. [7]

PR=OB= 30/05/1952 JO5 Retrospecto Histórico. Basta percorrer os nosso arrabaldes para se poder observar o criminoso descaso de nossas autoridades responsáveis pela construção das ruas e estradas dessa zona. Enquanto surgem bairros novos em roda de nossa cidade, enquanto a iniciativa particular abria ruas, levantava construções das ruas e estradas dessa zona. Quasi todos os administradores de Novo Hamburgo (exceto o atual) iniciaram seu trabalho na Praça 14 de Julho, procuraram dar mostras de seu talento, de sua sabedoria, de sua capacidade administrativa. Um levantava os aterros dos canteiros da praça até formarem verdadeiras trincheiras; outros os arrasava todo; um terceiro mandou levantar um pavilhão no centro, destruindo alguns canteiros; outro fez construir um botequim, outro eternizou-se pela idéia ridícula de derrubar um chafariz existente defronte da estação ferroviária, um até quis derrubar as belas árvores que já espalhavam sombra, sob o protesto infantil de serem muito velhas! [9]

CI=OB= 13/06/1952 JO5 Conservar melhorando! Becos fechados, foram abertos; novas ruas foram rasgadas - por enquanto somente no papel. Kurt Walzer [2]

CI=CO= 20/06/1952 JO5 Inauguração festiva da Farmácia do Povo. A cidade alta teve sábado último a satisfação de registrar um acontecimento de realce na vida dessa parte de nossa cidade, quando da inauguração da Farmácia do Povo, localizada ao lado do restaurante Majestic. O novo estabelecimento, do qual são proprietários os sr. Hugo Pedro Streb e Egon Georg, por certo em muito irá beneficiar os moradores dessa zona, pois, que suas instalações e sortimento de produtos farmacêuticos se enquadram perfeitamente nos moldes mais atualizados do ramo. [5]

CI=PG= 04/07/1952 JO5 Ah! O destino... Jamais saberemos o que existe diante de nós. Apenas sonhamos. Imaginamos, na esperança de nós mesmos, esferas de sonhos, veredas de realidade e restos de imaginação que sobram das fases passadas. Ercílio Rosa [8]

CI=PG= 04/07/1952 JO5 Imigrantes italianos para Novo Hamburgo. Como é de conhecimento público, está prevista a vinda de apreciável contingente de imigrantes de nacionalidade italiana para o nosso Estado. Em palestra com o senhor Prefeito, este nos informou que de fato pretende trazer pra Novo Hamburgo o maior número possível desses imigrantes visto tratar-se de elementos selecionados e capacitados no ramo de sua especialização, havendo entre eles técnicos em agricultura, indústria e demais ramos conexos. [5]

CI=PG= 25/07/1952 JO5 25 de Julho. Mas... o que é o colono? tenho no dicionário que explica:... cultivador livre de terra que pertence a outrem... Portanto, conforme a explicação dada, à muitíssimos anos já não existem colonos em nossas glebas! E Novo Hamburgo nada deve a quem quer que seja, de seus primitivos colonizadores. Em Novo Hamburgo não há colonos... Há simplesmente indústrias! Em cada rua já de nome feito ou em cada projeto ou vila, há uma indústria satisfeita ou um industriário mais ou menos feliz, cada qual dono de sua terra... Muitos matizadores de raças; muitos fabricantes de aparências; muitos criadores de situações e muitos vendedores de brasilidade têm homenageado Novo Hamburgo na palavra colono... E o novo hamburguês industrial ou industriário, se limita apenas a saudar seus antepassados coloniais no dia 25 de julho de cada ano, debruçado sobre a conquista de seu próprio esforço sobre o esforço da conquista de seu ancestral... Ercílio Rosa [5-7-8]

CI=BR= 08/08/1952 JO5 Hamburgo Velho receberá uma praça? Há muitos e longos anos conheço a zona perto do hotel Esplêndido. Me recordo bem do tempo, quando uma estreita trilha conduzida à pequena Capela, ao lado do cemitério. Observei, enquanto os lustros passaram, as profundas modificações que foram feitas nestas ladeiras. Ruas pavimentadas, calçadas cobertas com lages de grês, postes de luz, escadarias e muros de arrimo vieram a integrar o morro bucólico nos rígidos moldes citadinos. Vi toda esta metamorfose se processar perante meus olhos; e apesar disso, apesar de ter testemunhado estas transformações com meu olhos físicos, me escapou um elemento importante que somente o olho mental consegue enxergar e interpretar. [2]

CI=CO= 15/08/1952 JO5 Movimento de protesto do Operariado local contra o alto custo de vida. Como já levamos ao conhecimento do público, quinta-feira da semana transata irrompeu nesta cidade expressivo movimento de protesto contra a carestia da vida. Numerosos operários saíram para rua

em sinal de protesto contra os preços escorchantes pelos quais estão sendo vendidos os gêneros de primeira necessidade. Nesse local, previamente anunciado por altos falantes e pela emissora local, realizou-se nesse mesmo dia uma grande concentração do povo, na qual falaram diversos oradores, concitando os trabalhadores a voltar às suas fábricas e confiarem na comissão que dali por diante zelava pelas aspirações gerais. [5]

CI=LC= 15/08/1952 JO5 No reino da música... Tenho a impressão de que, em geral, a cultura musical de Novo Hamburgo ainda não sabe separar o joio do trigo... Contaram-me que há anos aqui esteve consagrada cantora de fama mundial - intérprete do folclore brasileiro - que não conseguiu mais de 20 pessoas no auditório... Outros artistas célebres têm nos visitado, e o resultado pouco ou nada passa disso. Entretanto, qualquer malandro que, com apenas um pandeiro ou um violão, se apresenta diante de nossa platéia, recebe ovações indescritíveis... Porque? Não sei! Conheço muita gente que comparece em concertos clássicos apenas para serem vistas... Ercílio Rosa [6]

CI=DP= 12/09/1952 JO5 Brasilidade. Mas todos esses eflúvios cívicos transbordando corações brasílicos, na mais brasílica das efemérides, não conseguem vencer o cepticismo e o negativismo quase sistemático que dominam as populações socialmente incultas, nem dominam a ausência de fraternidade que pulula entre a maioria dos homens públicos... Ercílio Rosa [8]

CI=DP= 12/09/1952 JO5 Festejos comemorativos da semana da Pátria. No ar, os nossos pilotos festejavam a magna data em revoadas arrojadas e elegantes, falando, com o ruído dos seus motores, a linguagem do futuro glorioso deste povo, cujo destino as noites estreladas ostentam no cruzeiro reluzente e os dias refletem o brilho do sol nas azas metálicas dos aviões. A alma da Pátria se espalhava freemente e indômita nos milhares de rostos alegres desse povo glorioso, em cujos peitos está acesa a chama ardente e crepitante do mais puro patriotismo, envolvido no trabalho diuturno e fecundo em prol da nação, para a grandeza sempre maior do Brasil. A demonstração de civismo e ardor patriótico, que marcou as festividades de encerramento da <semana da Pátria> em nossa cidade, veio, mais uma vez patentear de público o valor de nossa gente, constituindo-se na melhor prova e afirmação de Brasilidade dos descendentes dos bravos e heróicos pioneiros da colonização riograndense.[4-7]

CA=CF= 25/09/1952 JO5 A dama das 18 horas... Quasi que com a pontualidade de um cronômetro, ela sempre surge, às 18 horas na fiabreria. No princípio ninguém notava. Mas depois que os fregueses do bar anexo começaram a acotovelarem-se, os relógios começaram serem acertados pela sua presença... Na sua naturalidade de um cliente comum, ela talvez ignora os rumores que sua presença causa nas mesinhas postadas ao longo da fiabreria. Talvez ignora os comentários à meia voz e os olhares curiosos de uns e maliciosos de outros... Sou um dos acotoveladores das mesas do anexo... Mas a conheço apenas porque chega sempre às seis da tarde... Chega, compra fiabres e sai... E a <bancada> fica murmurando. Ela não é um tipo de beleza. Mas é simpática. Simpática talvez pela sua pontualidade... Ninguém a conhece. Mas todos a esperam as seis da tarde. No compasso da vida sempre há fases extarnhas assinalando complexos ou fabricando ilusões; sempre há sensações platônicas ao longo de uma visão qualquer e, quasi sempre há uma visão ao longo de um desejo platônico... E nas sucessões dos momentos, as horas sempre deixam em nossos anseios o direito de sermos o que somos... É por isso que quando a dama chega assinalando horas certas, os cotovelos se movimentam nas mesinhas anexas. Uns se contêm na fúria silenciosa da malícia, outros se exteriorizam no silêncio espetacular que sua graça feminina irradia no ambiente. Ninguém a conhece. Mas ela já está identificada como <a dama das seis da tarde>... Não sei se ela sabe sorrir. Não sei si ela já percebeu que os relógios são conferidos pela sua presença na fiabreria... Sei apenas que às 18 horas, diariamente, há murmúrios no bar... Mas ela aparece, invariavelmente, aquela hora, na fiabreria. No princípio ninguém notava. Mas hoje é a cronométrica <dama das seis horas da tarde. Ercílio Rosa [12]

CA=CF= 03/10/1952 JO5 A dama das 18 horas. Ela chegou pontualmente... Ela chegou e chegará sempre na hora certa... Ercílio Rosa [12]

CI=PH= 03/01/1953 JO5 Instalada mais uma linha telefônica para Porto Alegre. [2]

CI=DP= 09/01/1953 JO5 Respondendo a um aparte. Em princípio concordamos. O ensino, no caso, a alfabetização, o ensino primário, como início e base de qualquer programa de elevar o nível cultural e econômico do povo, devem ser reformados. Um ponto em que não concordo com o segundo aparte, é quando sugere que o ensino deverá ficar a cargo do município pois, nem todos os chefes de nossas comunas se interessam pela instrução do povo. É sabido que na escolha dos candidatos a prefeitos municipais não prevalece o critério de se dar a preferência aos mais inteligentes e capazes. Tais cidadãos,

sem o necessário lastro cultural, quando eleitos, procuram naturalmente, satisfazer sua vaidade. Cercam-se de um grupo de pessoas que aplaudem todos os seus atos e que, naturalmente, em compensação, fazem parte do governo, de que gozam favores, vantagens e regalias; na administração visam em primeiro lugar tirar proveito pessoal de sua posição. Nos melhoramentos que iniciam, na construção de pontes e ruas, dão preferência às que beneficiam suas propriedades e quando sobram recursos às vezes, atacam serviços de interesse geral - o que então é divulgado com espalhafatosa propaganda. Leopoldo Petry [2]

CI=EX= 09/01/1953 JO5 Infância Abandonada: Caldo de cultura da Criminalidade. Pelo que se observa e se ouve, aqui em Novo Hamburgo, está começando a surgir o problema de delinquência infantil. Urge pois que os poderes competentes procurem eliminar, de forma positiva, os focos deste mal. Nossa cidade desenvolveu muito; daí o surgimento nela de problemas próprios dos aglomerados humanos. Entre nós a delinquência infantil está sendo uma realidade e possivelmente sua base seja, unicamente, o abandono de menores. Cumpre, às autoridades, tomar medidas radicais, com a compenetração, a seriedade e a urgência, que tão grave questão está a reclamar. Adalberto Alexandre Snel. [4]

CI=TP= 23/01/1953 JO5 Nestes dias quentes... E como uma sugestão, as cousas da cidade entram no cotidiano das ruas suando o silêncio das manhãs e cobrindo de pingos de suor tudo que passa... Muitos fogem das horas encaloradas que o verão presenteia à cidade. Uns por covardia, por medo do suor, outros por snobismo ou por vaidade... E outros, ainda, por necessidade ou por prazer de fugir... Ercílio Rosa [8]

CI=PG= 30/01/1953 JO5 Dentro das ruas... Mas em Novo Hamburgo é sempre assim: quer pisando a poeira das ruas descalças ou gastando as molas dos automóveis, cada concidadão se esforça para conseguir realizar seus desejos idealizados nas sombras de algum sonho remoto, pendente das seqüências de esperanças postadas num pedaço de rua, numa esquina qualquer ou num aceno de solidariedade... Todos os dias, desde a ponte que não é ponte até a casa sem número daquela rua, vou encontrando 'conhecidas' que passam pela mesma rua. Ercílio Rosa [2-8]

CI=BR= 06/02/1953 JO5 Tentaremos vencer... As enxurradas... Depois de evoluir o mais possível, em seu centro comercial e político, Novo Hamburgo sente já agora a necessidade de maior espaço, procurando se espraiair em demanda das encostas dos morros que começam a asfixiá-los. O desejo de progresso começa a se tornar maior que os obstáculos naturais. Engenheiro José Miguel Conceição. [2]

CI=EX= 06/02/1953 JO5 Os pequenos esmoleiros. Em face da condição de miserabilidade de muitos pais, em alguns casos já condições crônicas, noutras decorrência evidente da agravação brutal do custo de vida, bem como o resultado de outras circunstâncias, - certo é que regular número de pequenos seres, quando mais necessitam de assistência, cuidados, educação e exemplos estão, em Novo Hamburgo, jogados, pelo destino amargo, a mendigar pelas ruas. Alfenus [4]

CI=OB= 06/02/1953 JO5 Denominação das ruas de Novo Hamburgo. É uma dolorosa verdade que muitas das ruas de Novo Hamburgo ainda não terem nomes. Parece que a nossa cidade cresceu com mais rapidez que a nossa capacidade de vencer concomitantemente a amorfa anonimidade. Kurt Walzer [2]

CI=DP= 20/02/1953 JO5 O voto como um dever cívico - Direito, dever e arma. Reforma da lei Eleitoral - Recentemente alguém dizia, através das colunas do "O 5 de Abril", que o povo era o próprio culpado pelo que estava ocorrendo no país. Explicava-se por outro lado, que o voto é um direito como, também, um dever do cidadão. Era em última análise, a grande arma do eleitor. Talvez não seja exagero afirmar que o sucesso da democracia dependa mais diretamente do povo do que dos próprios governantes. Alfenus

CI=OB= 20/02/1953 JO5 Novo Hamburgo espera... que cada um cumpra o seu dever... Os bem intencionados, os que realmente desejam um futuro mais bonito e promissor para Novo Hamburgo, tenho a certeza que interpretam esta nossa decisão mais como um freio a cercear o ímpeto desordenado das construções na cidade, coordenando esta ânsia de progresso evidente, para realizações futuras mais importantes. Eng. José Miguel Conceição [2]

AV=SI= 27/02/1953 JO5 Sinais de trânsito. A diretoria do trânsito pretende realizar nesta cidade inovações, destinadas a melhorar o tráfego de veículos, instalando sinais automáticos em diversos pontos reputados de maior intensidade de movimento. Inicialmente será instalada uma no

entroncamento da Avenida Pedro Adams Filho e rua 15 de Novembro. Esta iniciativa vem sendo acompanhada com grandes aplausos. [3-10]

CI=DP= 27/02/1953 JO5 Aqui estão, amigos... Boas notícias! Numa época em que a maioria das administrações luta com dificuldades orçamentárias que sufocam todas as boas intenções de um trabalho consciente, Novo Hamburgo pode se orgulhar de sua administração quando ela apresenta um balanço de atividades equilibrado. Convenhamos, sem bairrismo, que tal coisa é, na realidade, algo raro no Brasil, quer no âmbito municipal, como estadual e muito principalmente federal... Eng. Jose Miguel Conceição

AV=AF= 06/03/1953 JO5 Através da janelinha do veículo, ele relanceava a paisagem instável das ruas e admirava o progresso da cidade: diariamente mais uma construção de iniciava ao longo do trajeto, e mais um trajeto de iniciativa se concretizava na progressão dos dias... A prefeitura exigindo calçadas e muros nos terrenos baldios da zona urbana, e a tradicional 'estação' cercada de arame farpado em plena praça 14 de julho!! E o novo-hamburguês feliz por não ser pedestre, ainda pela janelinha do ônibus, viu a fumaceira do mesmo atingir em cheio não só os olhos, mas os pensamentos do transeunte descuidado... Ercílio Rosa [8-10]

CI=OB= 06/03/1953 JO5 E no seu chalezinho sem nº, numa rua sem nome desta 'cidade industrial', o novo-hamburguês anônimo e sem pretensões, releu novamente toda notícia da 'liquidação' da estação ferroviária de Taquara... E numa associação de idéias, lembrou-se da velhice daquele barracão cercado de arame farpado, que 'ornamenta' a praça 14 de julho... E pela segunda vez, invejava os Taquarenses! Mas escorado numa rua que sobe ou dependurado numa rua que desce, o novo-hamburguês sempre confia na sua capacidade progressiva, embora haja fumaça de óleo nos narizes dos que caminham na Avenida e arame farpado cercado a 'estação' local... Há certos ventos que arrastam aromas enfumacados...! Ercílio Rosa [2]

CI=ON= 06/03/1953 JO5 Cheiro de Fumaça... Enquanto o ônibus corria e, impunemente, descarregava fumaça de óleo queimado nos olhos, no rosto, no corpo e até na alma do pedestre desprevenido, o novo hamburguês feliz por não ser pedestre, se recostava faceiro na poltrona do coletivo e, vagarosamente, abria o jornal do dia... E sob o balanço monótono do veículo, ávidamente lia apenas títulos ao virar páginas e virava páginas ao ler apenas títulos... subitamente... Ercílio Rosa [8-10]

PR=ET= 06/03/1953 JO5 E voltou-se para o jornal... subitamente... E o novo-hamburguês do ônibus teve inveja dos Taquarenses!... Releu o título da nota e se concentrou no texto da notícia. Era verdade! A 'estação' ferroviária de Taquara fora destruída... E eles serão atendidos em suas reivindicações: terão estação condizente com o desenvolvimento da comuna... E o novo-hamburguês que não cheirava óleo queimado dos ônibus da cidade, dobrou o jornal e preparou-se para introduzir sua passagem no coletor. Era final de seu trabalho diário... Ercílio Rosa [8]

PR=UC= 13/03/1953 JO5 No bancos verdes da praça, casaes encerram-se no pequenino mundo de si mesmos, ou dirigem o limitado grande-mundo infantil de seus filhos invadindo canteiros... Maridos em férias 'matando o tempo' nas curvas do movimento, e curvas de movimento roubando o tempo de muita gente... Taxis quasi voando, num flagrante desrespeito aos despreocupados pedestres, surgem a cada momento como meteoros, riscando de ponta a Avenida.. Ercílio Rosa [8]

CI=CO= 27/03/1953 JO5 Falta de banha e arroz. Em todo o país as conseqüências inexoráveis de uma gestão econômica em bases errôneas, estão tomando vulto cada vez maior e mais desastroso. Nesta cidade, a falta quase completa de artigos indispensáveis, principalmente a banha e o arroz, eleva o descontentamento popular ao ponto de oferecer aos elementos extremistas o terreno propício para a sua propaganda deletéria. Em face da ameaça eminente de ser esta cidade envolvida nas malhas perfias da greve, os condutores do operariado, através dos sindicatos de classe secundados pelo Prefeito Municipal, tomaram a iniciativa de salvar a tranquilidade no seio da família comunal. [5]

CI=DP= 27/03/1953 JO5 Entretanto, os jornaes nos trazem, diariamente, todas as manifestações de desagrado, de desgosto, de desconfiança e até de revolta contra os que vivem à custa dos que verdadeiramente trabalham! É que 'a dor ensina a gemer'... E, enquanto os 'produtores' lutam para defender a economia da região, os verdadeiros produtores produzem toda grandeza de sua mísera vida de pedintes... Como a realidade é diferente das demagógicas mentiras estampadas nos programas partidários!... Ercílio Rosa [5]

CI=OB= 27/03/1953 JO5 Manchete: Mais duas modernas pontes serão construídas em breve nesta cidade: ambas sobre o arroio Luiz Rau e situam-se nas ruas Cel. Frederico Linck e República. [2]

CI=CO= 03/04/1953 JO5 Indústria de Calçados Erno Ltda. O progresso industrial de Novo Hamburgo em marcha ascendente e acelerado é cousa que ninguém desconhece. Estabelecimentos surgem aqui e acolá, geralmente pequeninos, desenvolvendo-se gradativamente segundo as suas possibilidade econômicas. [5]

CI=DP= 03/04/1953 JO5 Ampliação de um prédio escolar. O senhor prefeito municipal, demonstrando mais uma vez seu grande interesse pela instrução e educação da juventude de nossa cidade, acaba de realizar melhoramentos no prédio onde funciona as aulas do Curso Ginásial. [7]

CI=OB= 03/04/1953 JO5 Lançamento da pedra fundamental do novo Palácio Municipal na Praça da Bandeira. Domingo próximo além de ser uma das festas da Cristandade, Páscoa da ressurreição de Cristo, assinala também o 26º aniversário de criação do Município de Novo Hamburgo e concomitantemente fundação deste jornal. Comemorando a magna data de Novo Hamburgo, sua administração programou, do ensejo da festa efeméride, o lançamento da pedra fundamental de sua futura Prefeitura, que terá lugar às 9:30 horas na Praça da Bandeira com a atuação da Banda Municipal, que executará várias das belas peças de seu já apreciável repertório. [2]

CI=OB= 17/04/1953 JO5 O novo Palácio Municipal. Em uma solenidade simples mas extremamente significativa, foi lançada no dia 05 de Abril passado, a pedra fundamental do novo e moderno edifício da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo que desde já ficará conhecido como 'Palácio Municipal'. Foi o passo inicial de uma arrancada do poder executivo do Município, no sentido de dotar Novo Hamburgo de uma sede de Governo condizente com a sua importância no conceito dos demais municípios do Estado. Eng. Jose Miguel Conceição [2]

CI=SP= 12/06/1953 JO5 Os fogueteiros. Não creio que exista outro lugar por fora da Terra, que seja mais fogueteiro do que Novo Hamburgo. De fato, noites a dentro ou madrugadas a fora, nossa cidade sempre é contemplada ou sobressaltada com foguetes inesperados. Tenho a impressão de que, em nossa cidade, qualquer cidadão que à noite não pode dormir, vinga-se da vizinhança soltando foguetes... E dentro de minhas idéias confusas, paira uma interrogação pertinente: será que dentro da Lei Orgânica do Município não haverá alguns dispositivos proibindo a perturbação do sossego noturno dos novo-hamburguenses?... Ou será que o tributo pago pelos novo-hamburguenses não merece algo além de foguetes?... Ercílio Rosa [6]

CI=DP= 19/06/1953 JO5 Uma pretoria em Novo Hamburgo. Em decorrência do excessivo acúmulo de processos no fórum local, circunstância perfeitamente explicável face ao vertiginoso desenvolvimento da cidade e de suas atividades econômicas, foi realizado interessante estudo pelo dr Adalberto Alexandre Snel, que foi apresentado ao Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul. Objetiva referido causídico a criação de uma pretoria para esta comarca, bem como a criação de um quadro de juizes substitutos para o interior do Estado, como já existiu anteriormente. [6]

CI=OB= 19/06/1953 JO5 A prefeitura Municipal acaba de adquirir em Porto Alegre uma potente máquina escavadora e transportadora 'Turnerpull' para os serviços de ruas e estradas. A nova unidade, que é de tipo moderno e apreciável capacidade produtora, irá influir sensivelmente na abertura e melhoramento de nossas vias de comunicação, que aliás, há muito estavam a exigir tal aquisição. [2]

CI=PG= 19/06/1953 JO5 Tradições caídas... Hoje, os balões, as fogueiras e os busca-pés estão proibidos nas cidades somente porque as cidades cresceram. Mas, quem fez as cidades crescerem? Fomos nós mesmos!... Fomos nós, os integrantes dos progressos estampados nas faces do mundo, que cooperamos para o destronamento de nossas tradições... Ercílio Rosa [8]

CI=TR= 19/06/1953 JO5 Com vistas á Delegacia de Trânsito. Mais um desastre, e desta vez de graves conseqüências, ocorreu em Hamburgo Velho, defronte ao grupo escolar Antônio Vieira, sendo atropelado um menino por uma auto de praça, que em grande velocidade, desrespeitando a tabuleta indicativa do transito, ali existente, trafegava á hora da saída dos escolares. A população local, de há muito, vive em sobressalto com o menosprezo de certos automobilistas, fazendo das ruas da cidade verdadeiras pistas de corridas. Está em tempo do sr. Delegado tomar severas medidas, multando ou mesmo apreendendo as carteiras de condutor dos 'corredores' desabusados que, continuamente, em desbaladas corridas, põe em risco de vida transeuntes, principalmente das crianças. Há certos trechos de nossa cidade que mais parecem pistas de corridas do que ruas de um centro industrial e comercial. Automóveis e até caminhões 'voando' a 60, 70, 80 e até mais quilômetros horários, é espetáculo comum em ruas de bastante movimento. Nas ruas menos centrais, então nem é bom falar. Sirva este comentário

de apelo ao sr. Delegado para fazer executar á risca o regulamento de transito quanto à velocidade máxima permitida. [3]

CI=PG= 03/07/1953 JO5 Plantado em uma zona das mais ingratas do Estado, Novo Hamburgo é bem o exemplo da pujança de uma coletividade voltada inteiramente ao trabalho construtivo e ao progresso de sua terra. Contornado por elevações que há muito deixaram de ser entrave ao seu desejo de desenvolvimento econômico. Continua ele a passos firmes, em demanda do ideal que lhe traçaram seus fundadores em Hamburgo Velho, continuado pelos pósteros em Novo Hamburgo. Hoje o município situa-se dentro das parcelas municipais do Estado, em uma posição não somente honrosa quanto também invejável. Na quase impossibilidade de se destacar pela agricultura ou pela pecuária, por razões topográficas de seu território e razões geográficas de sua extensão, Novo Hamburgo encontrou na industrialização febril e continuada o poderoso meio de trabalho com que se destaca de seus co-estaduanos. Eng. José Miguel Conceição [5-7]

CI=DP= 17/07/1953 JO5 Novo Hamburgo comemorará o 'Dia do Colono'. Apesar de as instâncias governamentais não terem, até o momento, cogitado em categorizar o dia como feriado, a Prefeitura Municipal, as entidades culturais, esportivas, religiosas e recreativas se movimentam organizando programas, a serem levados a efeito no 'Dia do Colono', a 25 de Julho corrente. [7]

CI=LC= 24/07/1953 JO5 25 de Julho. Amanhã Novo Hamburgo comemorará o 'Dia do colono'. Não importa que muitas ruas estejam sem nome e quasi todas as casas ainda não tenham nº... O principal é que não esqueçamos o 25 de Julho... Ercílio Rosa [7]

CI=LU= 31/07/1953 JO5 Limpeza nas ruas da cidade. Apela para o povo no sentido de tudo envidar o que possa contribuir para uma digna apresentação de nossa 'urbs' aos olhos dos que nos visitam. Uma cidade limpa, ostentando suas ruas e logradouros sempre asseados e convidativos para o trânsito e permanência nos mesmos, além de recomendar-nos aos visitantes, é indício de progresso e avanço civilizatório. [2-7]

CI=OB= 31/07/1953 JO5 Ruas com nomes. Comecei explicando que as ruas do meu bairro não tem nomes e indiquei - como 'Ersatz' - alguns pontos de referência... para os novo-hamburguenses, uma notícia grata e há longo tempo desejada; pois a nossa cidade vegeta ainda, sem justa razão - graças à anonimidade, em que perdem muitas de nossas ruas - no nível de uma aldeia amorfa. Esta medida salutar e absolutamente necessária, de dar, à cada uma de nossas ruas um nome com a respectiva placa, transformará a nossa povoação numa 'urbs' com aspecto progressista; dará o 'rótulo', indispensável num ambiente civilizado; prestigiará a nossa indústria local que não precisará mais apresentar os seus estabelecimentos com o humilhante endereço: 'rua sem nome e sem nº'. Kurt Walzer [2-7]

CI=OB= 07/08/1953 JO5 A propósito de... Recuos Progressivos. Não é o caso, como quer aquele cidadão, de se preocupar. Antes eu diria que é o caso de vir a orgulhar a todos os novo-hamburguenses. Sim, meus amigos, porque quando em uma cidade começa a aparecer o problema de recuos progressivos, em seus arruamentos já delineados, é porque taç se impõe pela necessidade de trânsito; é porque tal trânsito seja de veículos de carga, seja de passeio, traduz melhor o progresso de um núcleo citadino, do que laudas e laudas de louvores, às vezes gratuitos e sem conteúdo verdadeiro; é porque tal cidade marcha com imponência para futuro brilhante. Um desse, que convém desde já alertar aos amigos novo-hamburguenses, é justamente o dos recuos progressivos nos alinhamentos atuais das vias públicas; recuos que são mais a consequência de um alinhamento avassalante do que propriamente uma imposição do poder público. É preciso, por isso mesmo, que cada um se compenetre do papel que lhe cabe no embelezamento e na melhoria das condições de vida e tráfego das ruas de nossa cidade, sacrificando um pouco de seu para o bem de todos. Novo Hamburgo muito terá ainda que viver para chegar ao ponto em que está atualmente Porto Alegre, mas mesmo com seu odor honesto, sincero e ingênuo de cidade provinciana, deverá enfrentar dentro de um futuro bem próximo o problema dos recuos progressivos em seus alinhamentos, tão antipático para o público, quão necessário para a cidade. Eng. José Miguel Conceição [2]

CI=OB= 07/08/1953 JO5 Calçamento das ruas de Novo Hamburgo. Em ritmo pressuroso, nunca dantes constatado nesta cidade, prossegue o calçamento de nossas ruas. As ligações com os diversos bairros mereceram, por parte da atual administração, atenção especial, estando os trabalhos em fase de conclusão, podendo, dentro de breves dias, serem entregues as novas artérias de tráfego. [2]

CI=LU= 14/08/1953 JO5 Á população de Novo Hamburgo. O sub-prefeito do 1º distrito apela para o povo desta cidade, no sentido de colaborar na limpeza de calçadas, ruas e praças. Chama

outroassim a atenção para o artigo 399, do código de posturas: Ninguém poderá lançar lixo, cascas de frutas, detritos, animais mortos, qualquer imundície ou cousas semelhantes, nos passeios, ruas ou praças públicas. Os contraventores incorrerão na multa de Cr\$ 50,00 e no dobro na reincidência. Parágrafo único: É igualmente proibido sob pena de multa de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 5.000,00 lançar nos arroios, e córregos ou valas, qualquer corpo estranho, sólido ou líquido, que possa contaminar ou tronar impréstatível as respectivas águas. Dora avante será exercida severa fiscalização para a observância do Código em questão. Novo Hamburguês! Colabore com a Prefeitura para que possamos mais uma vez orgulharmos e servir de padrão em mais um sector importante, a fim de fazer jús, a um lema existente: cidade limpa, cidade culta! [5]

CI=AT= 21/08/1953 JO5 Grave desastre Rodoviário. Entre 14 e 15 horas de segunda feira última ocorreu grave desastre na travessia dos trilhos junto da Estação Ferroviária local, à rua Lima e Silva. Ao tentar realizar a travessia dos trilhos, naquele local, o ônibus da linha Decio Ott e Cia Ltda, foi colhido pelo trem de carga que vindo de Hamburgo Velho, entrava para a estação. Em consequência do violento choque, verificou-se incêndio com a explosão do tanque de gasolina, irrompendo as chamas entre a locomotiva e o ônibus que jazia tombado no costado da mesma. Pessoas que se achavam presentes, iniciaram de imediato, na remoção de duas dezenas de passageiros, dos quais diversos receberam ferimentos graves, não se tendo registrado nenhuma morte. As vitimas fora, transportados para o Hospital Operário desta cidade, onde receberam o tratamento necessário, ficando algumas hospitalizados aí mesmo. Reiterando todos os apelos que por estas colunas já foram lançados mais uma vez chamamos atenção dos responsáveis para os cruzamentos da ferrovia com as rodovias e ruas da cidade. As celebres e arcaicas sinaleiras já não mais preenchem a finalidade a que se destinam, ainda mais quando freqüentemente não funcionam, constituindo-se, em tais casos, em legítimos 'fogos fátiros' para os condutores de veículos que nelas se fixam. [3]

CI=DP= 11/09/1953 JO5 Um sonho brasílico. Do que precisamos é de menos discursos de palanques, de promessas de politiqueiros de bairros, e de mais ação e mais trabalho de quem faz que trabalha. Ercílio Rosa [8]

AV=SI= 09/10/1953 JO5 Sinaleiras automáticas em Novo Hamburgo. No último sábado foram inauguradas as novas sinaleiras instaladas no entroncamento da Avenida Pedro Adams Filho, e da rua 15 de Novembro. [3-10]

AV=ES= 16/10/1953 JO5 Estacionamento de veículos na Avenida Pedro Adams Filho. Por determinação superior, o estacionamento de veículos entrou a ser feito do lado leste da Avenida Pedro Adams Filho, fato este que, a nosso ver, não vem de encontro as necessidades do tráfego. Somos da opinião e conosco a maioria dos condutores de veículos, que o lado a ser ocupado para estacionamento deve ser o oposto ao atual, ou seja, ao longo da Praça 14 de Julho. [10]

CI=EX= 16/10/1953 JO5 Lançamento de pedra fundamental. No próximo dia 25 de outubro, domingo, as 15 horas, a Associação das ex-alunas das irmãs de Santa Catarina fará o lançamento da pedra fundamental da Casa da Criança, a ser construída à rua Barão do Rio Branco, nesta cidade. [4]

PR=OP= 13/11/1953 JO5 Vandalismo. Fatos verdadeiramente deprimentes vêm se verificando, de tempos para cá, na praça 20 de Setembro. Mãos ladras, na calada da noite, não têm tido pejo em arrancar mudas de flôres, como sejam, roseiras, azaleias e gladiolas, culminando no roubo de uma palmeira imperial. [9]

PR=NT= 24/12/1953 JO5 Natal da criança pobre em Novo Hamburgo. A praça da Bandeira acha-se natalinamente enfeitada para receber amanhã pela manhã cerca de 1000 crianças, afim de serem agraciadas cada uma, com seu presentinho de Natal. [9]

CI=DP= 31/12/1953 JO5 Mais uma página lida... 1953 não foi bom nem foi mau. Houve vencidos e vencedores. 1953 foi um ano feliz. Feliz porque os 'patriotas', apesar do esforço, ainda não conseguiram liquidar com o nosso país... Ercílio Rosa [8]

CI=CN= 08/01/1954 JO5 Toda a vez que se realizam numa noite várias sessões no único cinema, aqui em Novo Hamburgo temos observado a formação de enormes 'bichas' de interessados, guardando com verdadeiro estoicismo, o seu direito a um lugar mais cômodo na participação da respectiva sessão. [bicha significa filas] [6]

CI=LE= 08/01/1954 JO5 A falta de luz e força foi e ainda é um assunto muito debatido. São dezenas de município e centenas de vilas e picadas que clamam por mais energia elétrica. Onde existe energia abundante reina conforto. [2]

CI=CL= 15/01/1954 JO5 É sempre pelas ruas e pelos caminhos do mundo que, com ou sem encontros estranhos, marchamos diretamente para a velhice... Nas ruas sempre encontramos gente de todos os tipos e tipos de toda gente. Mas dessa indefinida sucessão de passos que andam pelas ruas e caminhos do mundo, há muitos passos dados em falso; há muita gente que não sabe de onde vem e nem para onde vai: andam apenas ao léu, subjugados aos empurrões da vida... Mas felizmente, há também, os que sabem andar! Andam com algum destino definido, mesmo sabendo que qualquer que seja a rua ou o caminho, infelizmente os levará à velhice e, conseqüentemente, ao fim. Nestes primeiros dias de 1954, a gente sempre se deixa impressionar pelas ruas e pelos caminhos. Mas ruas da vida e caminhos do mundo.. Ercílio Rosa [3-8]

CI=EX= 05/02/1954 JO5 A mendicância de nossas ruas. Verifica-se ultimamente o número crescente de mendigos que perambulam pelas ruas de nossa cidade, estendendo a mão à caridade pública. Anos atrás, os poderes públicos haviam eliminado, quase que por completo, esse fenômeno deprimente da mendicância pelas ruas. [4]

CI=OB= 05/02/1954 JO5 Plano Diretor. Acentua-se, dia a dia mais, a absoluta necessidade de um traçado mestre, pela qual se possa guiar o futuro e vertiginoso desenvolvimento de Novo Hamburgo. A falta de um plano diretor poderá originar, como de fato origina, uma série de aberrações técnicas na construção de nossas ruas, prevalecendo em geral, em cada caso, o interesse imediato dos moradores mais próximos então, como seria necessário e de justiça, a visão de conjunto do plano urbanístico. [2]

AV=CV= 26/02/1954 JO5 O curso de domingo. O curso dos carros, cordões, blocos e ranchos obedecerá o seguinte trajeto: e desse local seguirão para a Avenida Pedro Adams Filho. [6-10]

CI=CV= 26/02/1954 JO5 Instruções Policiais. Observadas nos dias de carnaval: 3) será reprimido, severamente, o uso de fantasias atentórias a moral; 4) não é permitido o trânsito nas ruas e logradouros de grupos carnavalescos de que façam parte indivíduos maltrapilhos, empunhando latas, fragmentos de madeira e outros objetos. [4]

CI=CV= 26/02/1954 JO5 O carnaval deste ano na cidade industrial está sensacionalizando o público. Si atentarmos, por exemplo, para o luxo dos carros e das fantasias teremos uma visão aproximada do sucesso que alcançará em Novo Hamburgo a mais popular festa nacional. [6]

CI=DP= 05/03/1954 JO5 Novo Hamburgo empolgada com a atuação da Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais, do Rio, no centro da cidade: bem demonstram o sentimento pátrio de que é possuída a culta população de Novo Hamburgo, que bem soube dar o tributo de sua admiração e aplauso a exibição grandiosa, como a em apreço. Acorreu ao local indicado uma enorme massa de povo, que se cumpria em torno do imponente espetáculo. É de lamentar que grande nº de evoluções não pudessem ser apresentadas, ante a estreiteza da Avenida Pedro Adams Filho, que não oferecia o espaço indispensável. [4-10]

CI=AF= 02/04/1954 JO5 Ao longo das ruas... Andando pelas ruas, despreocupadamente ou não, acontece que as vezes, deparamos num canto qualquer de alguma esquina, ou num prolongamento de rua, as cousas novas que surgem inesperadamente da ebulição do progresso... E esta semana vi as ruas sem placas com placas e as placas sem ruas com ruas... Novo Hamburgo é uma cidade relativamente nova e com mobilantes rastros progressivos, assinalados airoosamente pelas estatísticas incontestes. Desde as profundezas dos pensamentos ôcos às mais elevadas colinas, toda a cidade é uma contínua transformação; dos verdejantes canteiros da praça 14 de julho aos mais longínquos arrabaldes. E assim, Novo Hamburgo vai progredindo gradativamente, transformando as paisagens dos caminhos e alargando os sonhos dos que sabem prosperar na calma filosófica do trabalho... Ercílio Rosa [2]

CI=AF= 09/04/1954 JO5 No panorama urbanístico ressalta, de imediato, em alterosas formas arquitetônicas o espírito religiosos de nossa gente e com o correr dos anos, sem dúvida, aumentará também, 'pari passu' com o desenvolvimento da cidade, essa manifestação espiritual e religiosa do nosso povo mediante amoldação da matéria bruta em símbolo palpável dos ideais impalpáveis. [2-7]

CI=AF= 09/04/1954 JO5 Quem, de uma de nossa soberbas colinas, contempla em visão aérea o pitoresco, formado pelos telhados novos e os virentes contornos das residências, pode aquilatar impulso e o dinamismo, injetado a essa faixa pelo intenso tráfego, processado na moderna rodovia (Getúlio Vargas),

que nos comunica com importantes centros populacionais do Estado e com a parte norte do nosso País. [7]

CI=PG= 09/04/1954 JO5 Alastramento cidadão de Novo Hamburgo: Fatores múltiplos influem na forma e no ritmo do alastramento cidadão, que se verifica em nossa cidade. Com o correr do tempo aprofundam-se certas características, que advêm à nossa industrial metrópole e a distinguem de outras cidades, onde os elementos influentes na figuração cidadina e urbanística são diferentes. O esparramento exagerado, que se constata no alastramento de nossa 'urbs' é um dos aspectos que dão a impressão de desordem e ausência de planificação racional. [2-7]

CI=TP= 14/05/1954 JO5 Maio. Mês das reticências e das reivindicações. Pelas ruas, folhas amarelas caídas como a maioria dos sonhos humanos... Desejos mal concebidos e anseios fracassados... Pensamentos desfolhados e mais um inverno acenando. Ercílio Rosa [8]

CI=TR= 16/06/1954 JO5 Desastre de automóvel. Com a intensificação do tráfego de veículos em nossa cidade, crescem concomitantemente as conjunturas do perigo de acidentes. Ultimamente quase que não passa dia sem se verifique choques de veículos em nossas ruas. [3]

CI=SP= 25/06/1954 JO5 Na véspera de São João. Sobre a cidade praticamente as escuras, espoucam fogos de todos os artifícios... Fogueiras esporádicas iluminam os espaços, afagando tradições que o modernismo vai aniquilando pouco a pouco. Ercílio Rosa [6-8]

CI=PG= 23/07/1954 JO5 As águas volúveis do rio dos Sinos são testemunhas mudas de toda a evolução de um pugilo de imigrante calcados no desejo fixo de vencer. Estigmatizados pelo desejo voluntário, toda a plêiade se procriou pelo Rio Grande afora, construindo colônias e plantando cidade. Ercílio Rosa [8]

PR=AF= 30/07/1954 JO5 Chão úmido... Chovera. O chão úmido ainda assinalava o rastro do último transeunte e as árvores da praça continuavam respingando os ternos e os vestidos dos passantes... A cabeça do Ruy, postada no pedestal, embora molhada, cheirava quasi toda a fumaça da locomotiva parada na estaçãozinha acanhada... E na esquina um grupo heterogêneo confabulava... Ercílio Rosa [8]

CI=CO= 13/08/1954 JO5 Enquanto a chuva está caindo, os preços continuam subindo. [5-8]

PR=ET= 10/09/1954 JO5 Há alguns dias, um colega da capital do Estado, ao contemplar nosso ponto mais central da cidade, ficou pasmado com a presença da estação ferroviária, que conhecera há muitíssimos anos e que, pela sua deplorável apresentação, contrasta vivamente com o progresso manifestado em todos os outros setores. Conclui aquela pessoa que isso constitui um verdadeiro paradoxo e lhe assisti a razão. [9]

CI=TP= 17/09/1954 JO5 Aurora Primaveril. No limiar da primavera as ruas ficam mais alegres e mais sugestivas, aureoladas pelo colorido de suas margens, de suas esquinas e de seus postes! Nesta primavera, até os postes das ruas estão emoldurados! Eu sinto cheiro de política nos jardins, nas praças e até na carícia da alma dos que passam. As ruas ostentam fulgurantes ramalhetes primaveris, representados por gravuras ou faixas pedindo ou oferecendo algo. Como sempre e para justificar o progresso, vivemos momentos de apreensões e de aflições que envolvem nossa fantasia e nossos sonhos pueris; vivemos com os pensamentos perturbados pelas perspectivas incógnitas do próximo verão. A cidade ainda cheia de vultos e de promessas, enquanto os dias arrastam-se pela paisagem colorida do sopro primaveril. Ercílio Rosa [8]

CI=DP= 08/10/1954 JO5 Conformismo. Agora tudo já passou. Os cartazes e faixas que se dependuravam nas ruas, sugerindo carinhosamente algum voto, já não representam mais nada. Mas o dia das eleições amanheceu com cheiro de chuva, os cabos e sargentos eleitorais cruzavam as ruas da cidade aliciando soldados para seus generais, na derradeira batalha de princípios. Ercílio Rosa [8]

CI=CO= 03/12/1954 JO5 Cidade Industrial: Novo Hamburgo é talvez a única cidade, pelo menos no nosso país, em que os estabelecimentos industriais, em nº de 403, são superiores aos dos estabelecimentos comerciais, em nº de 350. [1-5]

CI=CL= 07/01/1955 JO5 Nossas calçadas... Já foi afirmado por alguém, que os passeios de uma cidade são o espelho de sua administração... Em Novo Hamburgo a situação das calçadas em muitos pontos, e não raro na parte central da 'urbs' não é das melhores, não sendo compreensível tal estado de coisas a perdurar meses a fio. Poderíamos apontar muitos trechos onde o transeunte passa dificuldade, mormente em dias de chuva e à noite, pois que há lugares, onde a buracama e as poças d'água zombam do

capricho das residências próximas e dos cuidados, às vezes quicá excessivos, dispensando a outros setores da disciplina cidadina, sem falar dos perigos que não raro resultam do mau estado dos passeios. Também encontramos frentes de terrenos, que já há anos possuem cordão, e os respectivos proprietários não constróem a calçada, nem o poder público parece interessar-se em pôr em ordem na lamentável situação. Muitas vezes tais terrenos ficam situados entre outros, onde os donos já colocaram os passeios, formando então um aspecto de revezamento da calçada a capoeira ou grama, ou ainda barrancos. Já era tempo de disciplinar esse setor, pois que, a nosso ver, o saneamento neste particular em muito poderia contribuir para o embelezamento da cidade e, sobretudo, para a comodidade e segurança dos transeuntes. Serem postas em prática medidas capazes de proporcionar á cidade passeios praticáveis. [2-5]

CI=CO= 07/01/1955 JO5 P.M. edital 38 - dep. Fazenda: Se procederá, á boca do cofre, a arrecadação dos impostos de licença para abertura e funcionamento do comércio, indústria e profissões, veículos em geral, grades, placas e tabuletas com letreiros. [5]

CI=LE= 07/01/1955 JO5 A iluminação de Novo Hamburgo. Existem zonas onde as ruas ficam ás escuras dias seguidos e mesmo semanas, com evidente prejuízo para os respectivos moradores, principalmente senhoras e crianças, que mais temem a escuridão ao transitarem pelas vias públicas. São periódicas e bastante freqüentes tais 'blach-outs', que além de deporem contra o prestígio de Novo Hamburgo, são fontes de muitos inconvenientes, até de ordem moral. Urge, pois sejam tomadas medidas capazes de dotar nossa cidade de iluminação pública conveniente e de acordo com seu alto grau de desenvolvimento sob todos os aspectos de sua vida cidadina. [2-7]

CI=LC= 14/01/1955 JO5 Tribunal do júri em Novo Hamburgo. Realizou-se ontem, nesta cidade, tendo como lugar o salão de festas da sociedade Atiradores, um lugar amplo para a realização de um juri de tanto interesse para o público. Numeroso público assistiu aos trabalhos. [6]

CI=SP= 14/01/1955 JO5 É ou não é um abuso. Não raro os pacatos moradores de nossa cidade sobressaltam-se altas horas da noite, quando elementos desclassificados se dão ao 'prazer' de largarem foguetes e bombas pelas ruas, estabelecendo um ambiente de algazarra e insossego em horas que não comportam barulho de espécie alguma, quanto menos o espocar enervante e insensato de bombas foguetes ou tiros. É um abuso, que além de perturbar o sono necessário dos que durante o dia trabalham, deprime o prestígio da cidade ordeira e serena. [6]

CI=CV= 21/01/1955 JO5 Carnaval de 1955. A barulhenta e alegre temporada das festas de momo está às portas e já atingem nosso ouvidos os prólogos das epopéias de festança e gáudio, cujo torvelinho arrasta em suas ondas o que há de vitalidade e pujança em nossa cidade. [6]

CI=CV= 28/01/1955 JO5 Carnaval de 1955. A elevada linha de conduta, que sempre presidiu a festança desenfreada e incontida da mocidade de nossa terra, parece constituir também este ano um dos traços vigorosos de nosso carnaval, que, atualizando-se gradativamente com o correr dos anos, tem para si o mérito de mover-se sempre dentro dos limites da decência e do respeito mútuo. Assim, a cidade industrial vai a passos largos e decididos ao encontro do rei da alegria, honrando suas tradições de gente alegre e divertida, coisa de seu alto prestígio social, conquistado através de sua ilibada e retílínea conduta. [6]

CI=CV= 24/02/1955 JO5 Carnaval de rua. O carnaval de rua no presente ano teve em nossa cidade um transcurso timbrado com animação inédita e participação de grandes massas populares, postadas ao longo das ruas atingidas pelos imponentes corsos carnavalescos de domingo e terça-feira última. [6]

CI=LU= 24/02/1955 JO5 Novo Hamburgués! Colabore com a Prefeitura conservando limpa sua calçada. [2]

CI=AN= 11/03/1955 JO5 Nessa cidade de Novo Hamburgo, com foros de civilização, existem bairros onde são encontrados inúmeros cachorros pelas ruas. O barulho, a sujeira, o perigo que encerram, não devem ser detalhes esquecidos pelo poder público. Também aqui há gente engordando porcos em pleno perímetro urbano, sob as vistas de autoridades e há muito vizinho que acorda cedo, com o grunhar cumprimentador dos suínos!!! [2]

PR=AF= 01/04/1955 JO5 28 anos de lutas e de progressão. A cidade vai esticando ruas e avenidas, lambendo colinas e vales, substituindo matos e barrancos por casas e por rebentos de urbanização. E a praça 14 de julho, espelho da mocidade local, ostenta em seus verdejantes jardins, a pauta poética das flores, inspirando romances na imaginação sutil de toda gente... 28 anos, ruas

espreguiçando-se pelos arredores e casas dependurando-se nos barrancos; bairros novos acenando carinhosamente e velhos arrabaldes cada vez mais novos com suas residências lindas, ocultando-se atrás de jardins perfumados. E o tempo, esse insofismável creador de velhice, quase sempre nos permite um olhar otimista para o futuro ou um repuxo de saudade para o passado... Ercílio Rosa [8-9]

CI=AF= 08/04/1955 JO5 A minha velha cidade natal já não é mais aquela... Hoje, em cada esquina, em cada bairro e em cada canto outrora deserto, há um amontoado de edificações atestando a furiosa progressão dos que ficaram. E a estrada comprida que encurta distâncias, já está separando os dois morros, testemunhas mudas das aventuras de minha juventude saudosa. E onde era o mariscal do 'campo do sete', onde há anos a molecada banhava no fundo do riacho, hoje perfila-se edificações magníficas margeando belas ruas calçadas ou asfaltadas. Apesar das evoluções e das transformações que os anos operam, há sempre em todas as cidades vestígios que não se apagam nunca, conservando tradições num canto de rua, num muro velho ou num pedaço de costume, guardando recordações límpidas de saudosos tempos que os anos consumiram.. Ercílio Rosa [2-8]

CI=AF= 08/04/1955 JO5 Foto praça 14 de julho foto aérea centro foto vista aérea cidade alta foto aérea praça 20. [9]

CI=ON= 22/04/1955 JO5 Num ônibus... É nesses coletivos urbanos ou nos cantos das ruas, que a gente sempre escuta as lamúrias, os comentários e as críticas da coletividade. Num ônibus lotado, numa esquina ou numa feira livre, a gente sempre aprende alguma cousa da vida cotidiana. Ercílio Rosa [3]

CI=VA= 22/04/1955 JO5 Au revoir, Paris! Por Ruy. Há 2 anos, 3 meses e 27 dias, que tive como residência esta cidade que chamam a 'capital do mundo'. Dentro de um pouco eu estarei no vapor de volta á terra natal. Quantas coisas não aconteceram em Novo Hamburgo. As cartas de Dulce e mamãe deixaram-se mais ou menos ao par dos acontecimentos. O que elas esqueciam o "5" regularmente fazia o resto: o incêndio dos Jacó, a escada perto de casa, a construção da prefeitura, o Cine Lumière, noivados, casamentos.

CI=TP= 20/05/1955 JO5 Este mês de maio... o sol vai fugindo e parece que os dias tornam-se sem cor e que os sonhos se desfiam com as folhas. Tudo vai se desprendendo: árvores nuas sob a carícia da brisa e folhas amarelas pelo chão como ilusões perdidas... Ercílio Rosa [6-8]

CI=AF= 27/05/1955 JO5 A cidade... A cidade vai crescendo dia-a-dia, impulsionada pela insatisfação natural de seus habitantes. Cotidianamente vão surgindo edificações de todos os tipos, aterrando banhados ou cortando barrancos, na fúria apressada de encher espaços vazios. Novo Hamburgo se espalha gostosamente sob o amparo poderoso do trabalho fecundo, em cada canto, em cada pedaço de rua, há uma máquina rodando: é uma fabriqueta surgindo do nada... Sem a gente perceber, a cidade vai se estendendo, rolando sobre montes e vales, colorindo-os suavemente com pluralidade contrastante das casas postadas ao longo das ruas desparelhadas. E os chalés escorados nos barrancos ou assentados nas planuras dos vales, abrigam sonhos agitados de progressos ou escondem lembranças de desilusões enroladas em pensamentos novos. A cidade cresce dia a dia as paisagens se transformam sob a fúria progressiva da cidade que invade os arredores, riscando o chão e levantando casas. Ercílio Rosa [8]

CI=OP= 27/05/1955 JO5 Namoro violento. Domingo passado (os dois) demandavam ao centro da cidade a fim de fazerem o footing na praça 14 de julho. Tudo estava azul, mas em dado momento, começaram a discutir sobre o amor. Foi quando Sérgio, enciumado, sacou de uma faca que trazia à cinta, agrediu e feriu sua bem amada que tombou à rua Joaquim Nabuco, defronte da C.E. Federal. A vítima foi conduzida pelo motorista que faz o ponto na praça 14 de julho e naquele momento passava no local da tragédia, ao consultório do Dr. [4]

CI=BR= 03/06/1955 JO5 No subúrbio. Tarde pelo meio, o sol descambando vagorosamente no poente, vai encobrendo sombras sobre as ruas e caminhos desparelhos do ambiente. Gente simples e modesta anda ao longo das ruas sem passeio e sem nome, enquanto dezenas de chalezinhos pitorescos e casebres excêntricos debruçam-se na dobra de esperança qualquer ou alinham-se na miragem de algum sonho incerto... Enquanto a gurizada joga a 'pelada' no campinho de futebol, a turma alisa o balcão do boteco ou se esparramam na cancha de bocha... Tudo ali é romance e calma. Tudo ali é belo, desde o cântico do galo ao amanhecer à sinfonia sublime dos passarinhos a trinar nos arvoredos... Ercílio Rosa [2]

CI=OT= 03/06/1955 JO5 Miscelândia. Que jeito? Garrafeira: a senhora não tem garrafas vazias de cerveja para vender? Dona de casa: o Sr acha que tenho cara de bebedora de cerveja? Garrafeira: e de vinagre? Oração da noite: nada vos peço para mim Senhor. Para minha mãe vos peço que lhes mande um

genro. Amém. Entre vizinhos. Grita a vizinha: se o senhor fosse meu marido, eu lhe daria veneno! Retruca o vizinho: e se a senhora fosse minha esposa, eu tomaria o veneno!

CI=PR= 03/06/1955 JO5 Mandado de segurança. Não se conformada com determinação dos fiscais da municipalidade, impetrou mandado de segurança contra a Prefeitura, D^a Joana Catarina Tiss, proprietária de um brodel existente nesta cidade. [4]

CI=CN= 10/06/1955 JO5 Chapeuzinho vermelho. Malgrado as chuvas caídas durante todo o dia de sábado passado, a pleia do cine-teatro Carlos Gomes apanhou grande número de espectadores ansiosos pela encenação de 'Chapeuzinho vermelho' tão ruidosamente anunciado e levado ao cartaz. A petizada gozava com a faceirice do 'passarinho' e com a austeridade dos cavalheiros, emocionava-se com a bondade da fada que detestava a bruxa, não deixando em nenhum momento de amar 'chapeuzinho vermelho'. [6]

CI=EX= 10/06/1955 JO5 Vulto nas ruas... há quasi sempre nos prolongamentos das esquinas alguma figura humana, estranha e sem destino, carregando na alma amarrotada e incolor, alguma história cheia de segredos, de misérias ou de dor. Anda aí pelas ruas da cidade um desses vultos. Vagarosamente e despreocupado, parece não ter destino. Tudo o que possui é aparentemente, um capote velho, uma trouxa e um jornal novo. Sua cama é algum telhado qualquer, uma árvore ou uma estrela... Uma manhã fria de inverno vi-o sair de sob um ponte novinha em folha... Às vezes é visto nos bancos da praça folhando o jornal que lê da primeira á última palavra. Há muitos desses vultos que se arrastam à margem do mundo, da sociedade e à margem de si mesmos. São estranhas criaturas que flutuam na multidão, debruando lágrimas com sorrisos ou encobrendo ironias com lamentos... Ercílio Rosa [2-4-8]

CI=OP= 24/06/1955 JO5 Tarado ás soltas. Nos últimos dias tem ocorrido fatos nesta cidade que evidenciam haver um tarado, destituído de qualquer senso moral, encontrando como passatempo a difamação de pessoas aqui residentes. Esse tarado covarde, caindo nas mãos da população local, não deverá se admirar se for justicado em praça pública tal a revolta geral que sua conduta está determinando. [4]

CI=PG= 24/06/1955 JO5 Bons momentos aqueles. No terreno baldio do vizinho a fogueira ardia majestosa e espoucante. Além, mais outra desafiando a aragem gélida da noite. Mesmo na rua tortuosa e arenta do bairro, erguiam-se fogueiras-monstros, crepidando tradicionalmente, em holocausto ao bondoso São João. Mas isso era há muitos anos. Hoje, o terreno baldio do vizinho já não existe e as ruas arentas do bairro já estão calçadas e debruadas de bungalôs modernos. A evolução, o progresso e a fúria da atualidade mataram as fogueiras e os balões de outrora. As tradições vão sumindo pouco a pouco, abocanhadas pelos turbilhões inevitáveis das transformações sentimentais ou objetivas que empurram a vida sobre os dias que passam. Ercílio Rosa [6-8]

CI=PG= 24/06/1955 JO5 Miscelândia. No ano 2000: segundo Huxley - autor do famoso livro contraponto e do propalado adágio 'o preço da liberdade é a eterna vigilância' - a humanidade no ano 2000 será pouco combativa e mais acessível às idéias gerais, a um humanitarismo mais sincero. Porém - ele próprio adverte - será de caráter mais débil, como ocorre com as pessoas que tem demasiadas considerações e vivem com múltiplas torturas e inibições interiores. [7]

CA=CN= 01/07/1955 JO5 Queixas do povo. Vários moradores da rua Gen. Neto e alguns freqüentadores do Cine Lumière procuraram-nos para nos fazer ciente do incômodo que vem causando naquela artéria o estacionamento de automóveis em frente ao mesmo cinema. Adiantam os queixosos que aquela permanência aumenta justamente aos domingos quando tem mais afluência às casas de diversões ali situadas, formando, então, os veículos filas duplas, interrompendo desse modo o trânsito de pedestres e dos próprios veículos que tentam ali trafegar. [12]

CI=CL= 01/07/1955 JO5 Se existe um ambiente que me agrada satisfatoriamente em Novo Hamburgo, é a liberdade de culto religioso por parte de seus habitantes. [2]

CI=CN= 08/07/1955 JO5 Em cartaz: Um romance em Paris. É o filme mais discutido do século - a opinião pública - em virtude de apresentar a dança mais frenética de todos os tempos, a dança mais realista e sensacional que o cinema já filmou. (superprodução musical, em tecnicolor, 2º e 3º dimensão) [6]

CI=AF= 15/07/1955 JO5 Gente também sobe o morro. Enquanto muitos procuram os bancos da praça, para aproveitar os raios de sol, nesses dias frios que estamos vivendo, procuro espichar as pernas e apanhar sol nas ladeiras escarpadas que me levam ao tabuleiro do morro. Aqui em Novo Hamburgo os

arranha-céus não conseguiram até agora formar a cortina de cimento que poderia esconder o morro, alto imponente, donde posso dominar perfeitamente o panorama que meus olhos descortinam. O morro é triste e abandonado, suas principais vias de comunicação - as ladeiras que lhe dão acesso - estão em verdadeiro estado de miséria. Não sei como transitam, por algumas dessas subidas, pessoas e veículos. [2]

CI=CO= 15/07/1955 JO5 Aeroporto Comercial. O desenvolvimento de Novo Hamburgo, no setor industrial, está exigindo que o poder público municipal, e as classes conservadoras se unam, para a organização de uma aeroporto comercial em nossa cidade. O volume de carga que sai de Novo Hamburgo está impondo a necessidade do embarque ser feito, diariamente aqui, para os pontos de destino. [5]

CI=EX= 19/08/1955 JO5 Vagabundagem nociva. Um dos problemas, atualíssimos em nossa cidade, e que reclama urgente e inadiável atenção dos poderes públicos, é o que diz respeito à infância desamparada, aos menores vadios que perambulam pelas nossas vias públicas. É o que viemos assistindo em nossa cidade, como já bem elevado n.º de guris, menores de 14 anos, que fumam e bebem como 'gente grande' cuja única preocupação é vadiar, freqüentar casas de diversões noturnas, e, não raro, entregues á mais franca e desenfreada jogatina. [4]

AV=OP= 02/09/1955 JO5 Esquina não é mictório. Elementos inescrupulosos estão fazendo mictório da esquina que compreende a rua Lima e Silva e Av. Pedro Adams Filho. Esses indivíduos que se ocultam nas sombras da noite para aquelas atitudes merecem por certo a atenção da polícia e a merecida corrigenda pela ação indecorosa que procedem. [10]

AV=SP= 02/09/1955 JO5 Menos volume. No serviço de alto falante que ora está funcionando nesta cidade, não é possível suportar o ruído ensurdecedor que penetra nas moradias e departamento de trabalho, dos prédios situados nas proximidades do abrigo municipal e praça 14 de julho. [9]

CI=CO= 02/12/1955 JO5 Eis o resultado final de minha apreciação, no estudo daqueles que nasceram 'montados' e dos que andam a pé, em Novo Hamburgo. O exemplo paradoxal entre numerosos padrões e a maioria dos trabalhadores na indústria do calçado, que não tem um par de calçado para calçar, embora seja sua função diária confeccionar muitos pares de calçado a fim de que Novo Hamburgo seja chamada a 'cidade industrial' e os industrialistas do ramo receberem o título pomposo de magnatas ou 'tubarões do couro'. (a pedido de um grupo de 13 novo-hamburguenses) [5]

CI=CO= 02/12/1955 JO5 Em Novo Hamburgo mais de 80% dos industrialistas vivem cobertos de macacões ou de pó, lutando lado a lado com seus empregados em prol de progresso de toda uma coletividade. Em Novo Hamburgo, a vida é muito diferente da de outros lugares: aqui, para desespero de muitos granfinos forasteiros, se despreza quase por completo o preconceito de classes; aqui nesta cidade essencialmente industrial, fora das oficinas praticamente não há empregados nem empregadores. Há apenas novo hamburguenses. A maioria dos automóveis que correm nas ruas da cidade, certamente custaram muitos macacões engraxados e muito suor por fora e por dentro de seus proprietários... Ercílio Rosa [5]

CI=OB= 06/01/1956 JO5 Plano diretor (Kurt Walzer): Um plano diretor não é um luxo, não é uma extravagância e sim uma inadiável necessidade. O nosso crescimento urbano é como o vigoroso barulho de um indômito e selvagem jazz - mas não como uma harmoniosa, disciplinada e pura estrutura de uma sinfonia. Nosso atual desenvolvimento citadino é como um agitado lago que recebe tumultuosa e descontroladamente as correntes em forma de trabalho e de esforço, expandindo-se aritmeticamente ao sabor do acaso - mas não é um açude que forma um conjunto, equilibrando a natural energia da nossa população produtiva com uma visão coordenadora. Construímos, em Novo Hamburgo, casas e fábricas e ruas e estradas, enfim, um impressionante aglomerado de prédios e de vias públicas - mas não chegamos, ainda, ao ponto de construir uma cidade. [2]

CI=PG= 03/02/1956 JO5 A velha casa. foi repontando uma saudade que eu me dirigi para o velho arrabalde. As ruas esburacadas e desertas, estão arrumadinhas e retificadas, bordadas de casarios heterogêneos... A velha casa já está se desmoronando, a chacinha toda é destroço de uma época, mas ao revê-la há dias, muitas cousas relembrei daqueles bons tempos de minha juventude que os anos não trazem mais. Ercílio Rosa [8]

CI=BR= 24/02/1956 JO5 Queixas do Povo. Dia e noite aquela rua é transitada por seus moradores ou pessoas que se destinam a outros pontos do bairro. Durante o dia também as crianças brincam na rua e deixam em seu leito galhos de mata, lata,... O pior mesmo é o estado miserável em que está a rua. Quando chove ninguém pode passar, fica completamente alagada. Procuram remediar a

enchente colocando algumas pedras, improvisando uma ponte para atravessar de pés enxutos o riacho. No inverno vi muita gente com as pernas respingadas pela lama saltada, quando o transeunte pressionava o passeio sobre algumas pedras dos passeios públicos de nossa cidade. [2]

AV=CO= 02/03/1956 JO5 Comércio ambulante. De uns tempos para cá, quer-nos parecer, constitui-se nossa cidade a nova 'meca' dos 'mascates'. Diariamente vemos em nossa principal artéria, a Avenida Pedro Adams Filho, proximidades do abrigo municipal e estação rodoviária, como também nos passeios e calçadas da praça 14 de julho, a exposição de toda espécie de artigos, inclusive fazendas, roupas feitas, etc., etc. [10]

CI=AN= 02/03/1956 JO5 No bairro canudos estão eles (os cachorros) pintando o sete, como se diz, pondo em polvorosa as pessoas ali residentes: ladrando noite a dentro sem parar, atacando, mordendo, assaltando casas e roubando alimentos. Diversas vezes crianças foram vítimas de mordeduras de cães e transeuntes tiveram suas vestes rasgadas pelos dentes caninos. [3]

CI=PR= 02/03/1956 JO5 Maloca. Desde há algum tempo foi montado um casebre No começo, quando a maloca era habitada somente por mulheres tudo ia bem. Agora porém, sofreu alterações consideráveis com a presença de indivíduos desclassificados que promovem ali grande bebedeiras, acompanhados pelas mulheres, residentes na maloca, pondo, depois, todo o bairro em polvorosa com a pancadaria, gritaria e palavrões. [4]

CA=CL= 23/03/1956 JO5 Queixas do povo. Está a rua Gen. Neto enriquecida com um majestoso edifício de finas linhas arquitetônicas. Já em seu andar térreo foi instalado moderno magazine, tudo contribuindo para que nossa cidade fique mais ornamentada e bela. Há, porém, um detalhe que está causando transtorno, uma diferença que custa caro. Acontece que a calçada do novo edifício não obedece ao alinhamento, deixando uma saliência considerável, fazendo com que muitos pedestres topem naquele obstáculo e tombem ao solo, como já ocorreu diversas vezes. [12]

CI=OB= 06/04/1956 JO5 Plano diretor. Problemas do tráfego, do traçado das ruas, da localização das estações rodoviárias, ferroviárias (inclusive a retirada dos trilhos do centro da cidade). Não é possível deixar crescer a cidade às cegas, amontoando-se em confusa sucessão, as mais distorcidas criações arquitetônicas, no mais profundo rezevamento de estabelecimentos, os mais variados. [2]

CI=TP= 20/07/1956 JO5 Geadas... É lindo o panorama de uma manhã de geada! Os jardins, os pomares, as ruas, as esquinas e todos os telhados cobrem-se de sereno gelado, espetando nos olhos da gente, o espetáculo arrepiante e belo da geada postada à espera do sol... Geada! Um manto branco cobrindo o cisco das ruas ou o telhado de algum nobre palacete... Ercílio Rosa [8]

CI=AN= 17/08/1956 JO5 Queixas do povo. Animais soltos: bois, vacas, cavalos, vivem soltos e invadem os quintais, rompendo as cercas, não importando qual seja o material de sua construção. Também cães de todas as raças e tamanho vêm pondo em polvorosa as pessoas. [3]

CI=UC= 17/08/1956 JO5 Os guris da rua, insuflados pelo entusiasmo do futebol, resolveram promover um campeonato extra de pelada naquela artéria. A rua é lugar de trânsito, jogo de bola deve ser feito em áreas apropriadas. [3]

CI=OP= 24/08/1956 JO5 Todos têm o direito de viajarem num automóvel de aluguel, mesmo na calada da noite, porém, horroroso é quando um desses veículos é aproveitado por um bandido unicamente com a intenção de assaltar, matar e roubar. [4]

CI=CO= 14/09/1956 JO5 Pois é nas agitações das ruas que a gente pode observar os que tem direito a muito mais do que o mínimo de salário e os que não fazem justiça nem a viver... Em cada pedaço de rua a gente pode observar que enquanto os 'conquistadores do salário mínimo' vivem refesteladamente suas horas de lazer nos bancos das praças ou esfregando solas de sapatos caros nos paralelepípedos das avenidas centrais, os outros, os que trabalham para a conquista de seu direito, vão amassando areais das ruelas dos arrabaldes, carregados de aviamentos para o 'serão' até as 23 ou 24 horas em prol do progresso coletivo... Ercílio Rosa [5-8]

CI=PG= 14/09/1956 JO5 Cidade assanhada. A cidade toda parece elástico ao esticar-se pelos arredores, invadindo espaços vazios e cobrindo de edificações todos os 'campos' onde há mais de 25 anos joguei 'peladas' com guris que hoje não conheço mais. As ruas foram se esticando e se cruzando formando esquinas onde hoje os namorados se esfregam. Sob o asfalto de suas ruas modernizadas, por certo, ainda existe algum fragmento de minha juventude ignara, esperando tudo do nada... E agora que os anos já

passaram, sinto-me feliz quando revejo minha cidade cada vez mais jovial, mais linda e mais assanhada, sorrindo brejeira na sensualidade de sua evolução progressista... Ercílio Rosa [2-8]

CI=CL= 05/10/1956 JO5 Parei. Era um pedaço de momento, bem na esquina de uma curva... Postei-me a olhar a multidão que passava ansiosa com a sofreguidão dos que tem pressa. Ercílio Rosa [3-8]

CI=LE= 12/10/1956 JO5 Quando em nossa cidade foi criada a rede hidráulica, para servir a população do precioso líquido, houve a promessa de que cada ano seria a mesma ampliada paulatinamente. Todavia a ampliação realizada foi muito pequena. [2]

CA=OP= 30/11/1956 JO5 Um desarranjo qualquer no anúncio luminoso da casa Floriano deu o prenúncio da manifestação do terrível elemento querendo fazer desordem, causando pânico entre as pessoas que transitavam pela av Central, bastante movimentada àquela hora, pois, terminara uma sessão cinematográfica. [12]

CA=CF= 18/01/1957 JO5 Melhoramentos no Café Avenida. O sr. Omar Guerreiro, proprietário do café Avenida, acompanhando o progresso da cidade, fez passar por novos melhoramentos as instalações de seu estabelecimento comercial. O Café Avenida, além de reformas na aparelhagem interna, tem agora um balcão refrigerador com todos os requisitos de higiene, que serve de depósito para as iguarias e especialidades, a fim de bem servir sua numerosa freguesia. Também a abertura de uma porta larga para a rua General Netto, deu um novo aspecto ao popular café da Avenida Pedro Adams Filho, cuja esquina é ponto favorito dos encontros para a discussão das partidas de futebol e assuntos gerais entre a nova geração e a velha guarda. Os melhoramentos do Café Avenida só um complemento na beleza da cidade. [12]

CI=LE= 18/01/1957 JO5 Novo Hamburgo brevemente terá vasta rede de esgoto - grande benefício para a cidade industrial - Notícia recebida de fonte fidedigna faz com que levemos ao conhecimento de nossos leitores o propósito do Governo Estadual de querer dotar Novo Hamburgo de moderna e vasta rede de esgotos, em virtude de haver tomado em consideração o sólido conteúdo de um memorial que reivindica esse melhoramento. Considerando o grande benefício para a cidade industrial - observando-se de há muito a falta de esgoto sem que nenhuma decisão fosse tomada a fim de sanar essa necessidade - na próxima semana entraremos em campo, buscando material para uma reportagem. [7-12]

CI=PG= 18/01/1957 JO5 A vida humana já não tem preço. Tudo está conspirando contra a vida humana: a insensatez do homem, o avanço das pesquisas científicas, a ganância de comerciantes inescrupulosos, o contrabando de entorpecentes, de veículos, o tráfico, tudo, afinal, vem dando combate à valorização do homem e da vida em geral. [7]

CI=TP= 18/01/1957 JO5 Que calor! O inverno de 1956 foi um desses invernos de chupar os dedos, como se fosse picolé. Inverno gelado, casas fechadas, cinemas com pouca frequência, bailes pequenos, futebol com assistência limitada, ruas desertas... ninguém queria nada com o frio! Em compensação o verão chegou... aí está ele: muito sol, quente prá chuchu! E se está quente! O verão de 1957 é um desses verões de sol causticamente onde que a pessoa procure amenizar o calor: no banheiro, sob uma árvore, no banco da praça, na sombra de um edifício, na serra... não adianta, o calor ataca em qualquer lugar e a qualquer hora. [6]

CA=OB= 25/01/1957 JO5 Anúncio: Primeiro arranha-céu de Novo Hamburgo na rua General Netto. [12]

CI=LE= 25/01/1957 JO5 Ampliação da rede hidráulica. Há muita gente que até ignora as circunstâncias de que os assuntos ligados a rede de água são da competência do governo estadual. A municipalidade não passa de pedinte, intérprete das reivindicações populares. Com o Governo do Estado em Novo Hamburgo somente tem a preocupação de arrancar dinheiro sem fazer qualquer coisa de útil para justificar as somas que diariamente daqui leva para as suas arcas e como a falta de recursos é a desculpa conseqüente, os vereadores entenderam destinar uma apreciada verba para a extensão da rede hidráulica. Da proposta orçamentária tiraram-se verbas com o objetivo específico de serem colocadas a disposição do Governo do Estado, a fim de que algo se faça neste particular. Problema correlato ao problema da água, está o problema do esgoto. É um imperativo de política sanitária que seja resolvido assunto de tanta importância para a coletividade. Adalberto Alexandre Snel [2]

CI=AF= 08/02/1957 JO5 O centro, o bairro e os morros da cidade. Quem vem de fora, seja visitante ou morador de Novo Hamburgo, desembarcando na rodoviária que fica no centro já desce do

ônibus calcando o sapato nos buracos existentes na calçada que circula o abrigo. Ali os tijolos foram deixando seus lugares um a um, como que revoltados com a falta de zelo pela conservação daquele logradouro público. Depois, sob o sol deste verão formidável, o que chegou pode subir e descer por algumas ruas asfaltadas com as quais ficará impressionado. Maravilhada a pessoa apanha o ônibus para qualquer uma dessas vilas que poderemos denominar de bairros e, aproveitando a viagem de percurso curto ou longo, vi anotando com a vista a deficiência de detalhes urbanísticos e outras deficiências que aparecem a luz do sol. Passou o tempo e apareceu a promessa de melhoramento. Quase nada melhorou onde deveria melhorar. Os bairros estão abandonados. Os morros também. Basta chover forte uma hora para que a cidade fique alagada causando grande transtornos a pedestres, a veículos, ao comércio e a indústria. [2]

CI=AF= 15/02/1957 JO5 Fragmentos da cidade... Do vale do rio dos sinos ao pé da serra, segmentos de retas ou diagonais, projetam ruas e caminhos, acomodando desejos e prostrando ideais, que sobem e descem ladeiras na fúria imensa das conquistas humanas... Bangalôs coloridos e ajardinados encravados nas avenidas ou chalézinhas segurando barrancos, estendem-se pela cidade toda abrigando sonhos, burilando esperanças, acariciando ideais subjetivos ou não. Novo Hamburgo vai invadindo o chão... Ruas sem nome trepam colinas dependurando chalezinhos nas encostas, e nomes sem ruas atravessam banhados localizando fábricas... Fios de esperança se dependuram nos ares e sonhos arrojados invadem as noites... Ercílio Rosa [2-8]

CI=OB= 05/04/1957 JO5 Os bairros requerem maior atenção do poder público - vila industrial e arredores. Vila Barcelos e bairro Oswaldo Cruz. Novo Hamburgo cresce e ainda se desenvolve sem uma diretriz, assunto que mereceu nossa atenção nesta coluna por diversas vezes. O plano diretor deverá passar a constituir uma realidade num futuro próximo. Enfrentam as autoridades problemas de saneamento, de água, de luz e força, de pavimentação, etc. em todos os recantos da cidade e do município, exigências administrativas que se tem agravado com o aumento populacional e com a exploração de loteamentos que não obedecem às condições mínimas estabelecidas em lei. Adalberto Alexandre Snel [2]

CI=DP= 17/05/1957 JO5 O embaixador alemão dr, Werner Dankwort, visita Novo Hamburgo. [7]

CI=DP= 07/06/1957 JO5 Visitou Novo Hamburgo, o dr. Hermann Gohn, Embaixador da Áustria no Brasil. [7]

CI=OB= 07/06/1957 JO5 Importante projeto. Há dias vem sendo objeto de discussão importante projeto rodoviário. Trata-se da construção de uma estrada ligando esta cidade à vila de Campo Bom por um traçado que, partindo da citada vila, segue pelo lado norte do leito da via férrea Novo Hamburgo - Taquara, atravessará os bairros Canudos (norte), Vila São Jorge, vila Schaum, Vila São José e, passando pelo monumento da Colonização e a Fundação Evangélica, continuará em linha reta rumo ao Rincão dos Ilhéus, onde emboca na faixa federal. Leopoldo Petry [3]

CI=LE= 09/08/1957 JO5 A hidráulica de Novo Hamburgo está ampliando... Causou geral contentamento entre os moradores dos populosos Bairro Guarani e Vila Esperança a decisão de serem estendidas àqueles bairros os benefícios da água potável pela hidráulica de Novo Hamburgo. [2]

CI=AT= 06/09/1957 JO5 Na manhã de terça-feira desta semana, ocorreu, nesta cidade, mais um grave acidente, quando o trem de passageiros colheu um automóvel particular ao pretender este cruzar o leito da Viação férrea. [3]

CI=CL= 27/09/1957 JO5 Queixas do povo. Isto aqui em Novo Hamburgo está ficando bom, de dia a dia melhor. Não é só que as calçadas estão viradas em pistas de ciclismo, mas agora também os varredores da Prefeitura resolveram andar com suas viaturas (carrinhos de mão) em cima do passeios, e o pedestre que caminhe na rua. Isto está se presenciando diariamente em ruas do Bairro Rio Branco. Será que a Prefeitura não tem algum fiscal, também para este setor? E o código de posturas, será que é só para inglês ver? E por falar em código de posturas, já tem sido apontado e reclamado neste coluna o estado precário, vergonhoso até, em que se encontram grande parte das calçadas em nossa cidade, sem que até no momento tenha sido tomada providência por quem de direito (e obrigação). E isto na maioria dos casos em propriedade de 'gente que pode'. Ao nosso ver resta iniciar uma campanha popular apontando, por esta coluna, a rua e o número do prédio em que a calçada esteja em más condições, em franco desrespeito ao Código de Posturas e afronta aos pedestres, que tem o direito de não arriscar a destronar o

pé, ou, em dias de chuva, pisar em possas d'água. O passeio defronte de uma moradia deve ser o cartão de visita do dono da casa. Grato pela publicação - um leitor. [2-3]

CI=CO= 27/09/1957 JO5 A crônica da semana - sobre o aumento do preço do leite. Vergonha, meus amigos... falta de vergonha de todos. Do poder constituído que faz demagogia em torno do assunto e depois coloca melancolicamente uma pedra em cima... dos tambeiros, que desejam enriquecer a custo do dinheiro do povo,... e do próprio povo que reclama, mas que no final se conforma Jayme Keunecke [5]

PR=OB= 08/08/1958 JO5 No próximo dia 24 de agosto, em solenidade especial, será erigido o busto do imortal estadista, num pedestal de granito, junto à praça 14 de julho. [9]

CI=UC= 29/08/1958 JO5 Estes 'play-boys' não tem passado de refinados cafajestes, produtos desta sociedade materializada, escravos do prazer (até mesmo invertidos e tarados sexuais) e reis da malandragem, esta é exercida em todas as suas formas. [3]

CA=CF= 05/12/1958 JO5 Na esquina... Manhã de domingo... Encoste-me na parede da esquina. Em frente, a praça 14 de julho verdejante e florida. Ali em frente, a estação que ainda é a mesma de 1874, apesar dos progressos da cidade... Veículos de toda espécie deslizam pela Avenida. Veículos e lambretas. E eu ali, escorado na parede da esquina. Cheiro de conversas em mistura com restos de fumaças de cigarros vêm do café atrás de mim, enquanto o engraxate e o vendedor de jornais procuram seus fregueses. Esta esquina é o coração da cidade. É a esquina das reivindicações. É nesta esquina que se distribuem as notícias, e que se discute as pequenas e grande cousas. Ercílio Rosa [12]

CI=VT= 19/12/1958 JO5 Pedacos do Cotidiano... Neste mês de dezembro, as vitrines sempre exercem um fascínio sobre a alma ingênua e pura das crianças, que sonham sorrindo com o tradicional presente de Natal. Mas os filhos das vizinhas vieram apenas olhar, cobiçar, desejar e suspirar diante das vitrines, para no outro dia fazer imitações de latinhas velhas debruadas de sonhos lá nos barrancos do bairro, pois brinquedos de vitrines e papai noéis não entram em casebres de arrabaldes. Ercílio Rosa [6-10]

CI=AT= 16/01/1959 JO5 Senhora idosa atacada por uma vaca, atirada à frente de uma locomotiva: Dona Dina, ao atravessar uma passagem da viação férrea, foi atacada por uma vaca que pastava a margem, sendo atirada sobre os trilhos, justamente no momento em que se aproximava uma composição. [3]

CI=DP= 16/01/1959 JO5 Desde muito antes que o 'lunik' se foi, elevando para as proximidades do sol o prestígio científico dos russos, havia na prefeitura dessa cidade gente que se debruçava num caderninho, onde anotava promessas que não sabia se poderia cumprir.

CI=CL= 13/02/1959 JO5 Curioso acidente. Aproveitando a fresca tardinha, o ancião estava sentado na calçada em frente à sua residência, quando, em dado momento, saiu cambaleando da porta ao lado um bêbado que foi cair por cima dele. [3]

CI=CV= 13/02/1959 JO5 Carnaval: Ainda que possam parecer estéreis e sem significações reais, as febris azáfamas do carnaval pelas ruas centrais da cidade são uma demonstração eloqüente da vitalidade do nosso povo e uma magnífica revelação de incomensuráveis mananciais de energia latente da geração presente, os quais, devidamente canalizados, poderiam eclodir a favor de melhores objetivos e mais profundas realizações em prol da felicidade geral e da elevação sempre mais alta do prestígio de nossa extremada pátria. [6]

CI=OB= 08/05/1959 JO5 Queixas. Um dia foi aberto ali uma rua. Sua conservação está nas mãos da natureza. Quando o tempo se faz bom, o pedestre apesar de muita dificuldade (desviando de pedras e valetas) ainda consegue passar. Mas quando chove, esta rua se torna, na expressão da palavra, intransitável. De rua só tem o nome pois mais parece com o leito seco dum rio. [2]

SH=BR= 24/07/1959 JO5 Orgulho-me de ter vivido meus verdes anos de menino nesta cidade, quando descalços ou ainda com um chinelinho bem gasto, arrastava os pés pelas ruas poeirentas do centro. As carroças coloniais iam e vinham do interior, fazendo um ruído característico de arreios velhos e rodas emperradas. Em minhas carreiras desbaladas, não eram poucas as vezes que cruzavam a rua da 'baderna', em demanda à 'mistura'. [2-6-13]

CA=CF= 07/08/1959 JO5 Conversa no café. Manhã de domingo. Nuvens escuras cobriam o céu, privando-nos dos raios calientes do sol... Entrei no café como quem não queria nada, e não queria nada mesmo. Distraído, como um curioso em férias, relanceei os olhos através da fumaceira de cigarros que se

enrolavam no ar. Gente exteriorizando sentimentos vários, esfregavam-se nas mesas, enquanto o garção serpenteava entre pernas e cadeiras, na ânsia de atender todos ao mesmo tempo. Furando o som característico do chaqualhar das xícaras misturado com o vazeiro, se distinguem pedaços de conversa surgidos de todos os lados. Olhando longe, caminhei vagarosamente entre as mesas e fui separando as palestras. A maioria 'salvava' o país... Uns opinavam pelo loteamento simples e puro; outros achavam ser necessária umas vassouradas em regra; outros mais eram de opiniões que com Brisa era difícil a solução... Eram os grupos entendidos em política... E ali no canto, o futebol se desenvolvia em toda a sua grandeza popular. Mais além lamentava-se a ausência do dinheiro, de crédito, de seriedade, de tudo... E eu, sem querer nada, fui atravessando o burburinho regurgitante e continuava ouvindo frações de conversas: padrões queixando-se dos empregados e empregados queixando-se dos patrões... Funcionários de todas as classes, discutindo reivindicações de aumento de ordenados. Saí como havia entrado: sem querer nada e distraído como curioso em férias... Na rua, o sol frágil espiava por um buraco de nuvem, enquanto a mocidade, como os pássaros livres, sorria contente, irradiando felicidade e trazendo, sem querer, um pouco de luz e alegria para a alma da gente. Ercílio Rosa [8-12]

CI=PG= 14/08/1959 JO5 O progresso de nossos dias é espantoso e revolucionário, mas sempre baseado na prepotência de uns sobre os outros. O progresso que estamos vendo na intensidade dos dias, chegará infalivelmente ao cúmulo do nada, que é o fim implacável de tudo o que do nada veio... Ercílio Rosa [7]

AV=EX= 21/08/1959 JO5 O engraxate. Manhã lustrosa... nenhum tipo de nuvem impedia que o sol iluminasse totalmente a cidade... Mocinhas endomingadas saídas da missa gastavam os passeios da avenida andando de uma quadra á outra, como numa exposição de beleza, enquanto os rapazes se encostavam nas paredes na espera de algum olhar distraído ou na silenciosa admiração pelo voluptoso andar das mais salientes... Enquanto as mocinhas engomadas gastam os chãos dos passeios, o engraxatizinho esfrega um sapato, talvez pensando num pedaço de pão dormido ou na aventura de algum assalto que praticará amanhã, sem saber que existem instituições pagas para apontar-lhe o bom caminho dentro da vida... Ercílio Rosa [8-10]

CI=BR= 04/09/1959 JO5 Conheceu os poteiros e paisagens que havia na frente da viação férrea; conheceu também os perigosos sumidouros, onde hoje se engalana a nossa vistosa praça 14 de julho. [9]

CI=SI= 04/09/1959 JO5 Inauguração da sinaleira automática: quarta-feira desta semana Novo Hamburgo foi contemplada com um melhoramento de alta valia. [3]

SH=BR= 04/09/1959 JO5 Deve ter conhecido também o 'pau na nuca', dali da rua da baderna que só dava acesso à mistura, através da célebre pinguela sobre o arroio Luiz Rau. Quem atravessava aquela comprida pinguela de madeira de pinho, não poucas vezes roçava com o chapéu nas flores dos pés de maricá, cujos galhos pendiam preguiçosamente sobre o pantanal. Do outro lado do arroio só moravam os 'brazilianer', como diziam. [2-13]

CI=LE= 11/09/1959 JO5 Conversa. Já nem adianta mais a gente sentir as manhãs nem as tardes cotidianas; as noites também já estão superlotadas de latidos de cães, talvez famintos como muitas famílias inteiras por aí... A ausência de luz em muitas ruas da cidade, deixa a gente com uma dúvida no pensamento: não se sabe se aumenta a legião dos que reclamam ou se admira as estrelas sorrindo no céu. [4]

CI=DP= 18/09/1959 JO5 Sucessão municipal. Dentro do seu tradicional espírito ordeiro e trabalhador, nosso povo não se está entregando às disputas pre-eleitorais com paixão desmedida e cheia de excessos inconvenientes. O novo-hamburgues, descendente direto e tradicional dos pioneiros colonizadores, antes de mais nada trabalhadores e empreendedores de grandes iniciativas, não se deixou contaminar pela semente da desenfreada disputa eleitoral. [7]

CI=TP= 18/09/1959 JO5 Temporal. As ruas jaziam alagadas e nas sarjetas avolumavam-se correntes de água que se atiravam vorazes por sobre os escoadores. Veículos passavam velozes erguendo nuvens de água, pessoas desabrigadas corriam em busca de proteção, imprelações e queixas subiam aos ares num conjunto densamente exteriorizado. [6]

CI=CO= 09/10/1959 JO5 O sapateiro. Os primeiros alvares começavam a tingir no horizonte o azul celeste com o colorido vivo dos raios solares. A cidade despertava aos poucos, movimentando-se, a princípio, vagarosamente, e os primeiros transeuntes desfilavam pelas ruas em demanda do trabalho cotidiano no afã do progresso que projeta para o lato as criaturas humanas. O leiteiro e o padeiro já de há

muito distribuíam o necessário alimento, correndo com as suas carroças pelas ruas e becos, entregando aquelas cargas preciosas. Um humilde sapateiro também dava os primeiros passos no atendimento dos afazeres. [5]

CI=AT= 10/10/1959 JO5 O estado precário de nossas ferrovias. As atuais estradas de ferro cada vez mais se afastam do plano de revitalização nacional. Mal podem acompanhar os largos passos do progresso e da evolução dos sistemas de comunicações, devido ao alto custo do material de manutenção e de renovação das linhas. Hoje, sem verbas suficientes que lhe garantam mais eficiência no sistema de transporte, perdem gradativamente a preferência do público. Quantos anos ainda vão passar até que a direção geral da viação férrea do RGS se lembre de construir uma estação condizente com a evolução urbanística de nossa cidade? [3]

CI=CN= 16/10/1959 JO5 O Cine Carlos Gomes (na Lima e Silva), no afã de proporcionar a seus distintos 'habitues' sempre maior conforto e bem estar, vem renovar completamente as suas cadeiras, instalando as afamadas poltronas estofadas 'brafor'. [6]

CI=PG= 30/10/1959 JO5 Para um país subdesenvolvido, é muitíssimo mais vantajoso construir estradas pavimentadas do que estradas de ferro. Convém construir rodovias, enquanto for época deste meio de comunicação, pois que ninguém se admire se amanhã ou depois os telégrafos, os foguetes, os aviões a energia nuclear, não substituam o ciclo econômico do automóvel. [7]

CI=DP= 06/11/1959 JO5 Um aviso importante ao eleitorado... Há pessoas de cultura política deficiente que pretendem lançar boletins de última hora dizendo terem os mesmos retirado as suas candidaturas (no caso dizendo que o adversário retirou a sua) Já ocorreu fato semelhante nas eleições municipais de 1955, quando foi eleito o atual prefeito.

PR=ET= 27/11/1959 JO5 Novo Hamburgo cindida pela estrada de ferro. Uma vista aérea da cidade sempre a dividiu claramente em duas partes distintas, profundamente demarcadas com a cisão contundente e sinuosa da estrada de ferro. O que se vê por aí: duas estações do arco da velha, armazéns de reboco caído e tijolos puídos á vista. Definição da praça Mauá, sua urbanização e delineamento, visando melhorar o aspecto antigo e pouco agradável da paisagem - a estação vetusta com seu armazém. A retomada do primitivo alinhamento da praça 14 de julho, no lado oeste, onde velhos trilhos demarcam erroneamente uma área de terras que não pertencem á viação férrea. O ganho de área bem que poderia ser aproveitado na construção de uma feira. Falta de garantia das atuais passagens de nível. Sempre a principal responsável é a viação férrea que arca invariavelmente com os danos materiais. Como um desafio á predestinação de uma cidade que marcha célere para o progresso. [9]

CI=LE= 04/12/1959 JO5 Hidráulica. Nestes últimos dias tem se verificado constantes interrupções no fornecimento d'água á cidade. Na época atual, de calor e seca, a falta do precioso líquido torna-se flageolo para a população. [2]

PR=AB= 04/12/1959 JO5 A demolição do abrigo velho. Com o desenvolvimento que vem tendo a cidade, os alterosos edifícios que se constróem a cada passo, tudo isso está em flagrante desarmonia com o velho casarão do abrigo. Ele já cumpriu suas finalidades, construído que fôra com o apoio e com interesses partidários, não poderia hoje prestar-se nem mesmo a um mercado livre. Há o problema da higiene e da limpeza em pleno centro da cidade. Precisamos de um mercado no centro, mas não queremos fazê-lo funcionar num casarão velho e anti-estético. [9]

CI=VT= 11/12/1959 JO5 Concurso de vitrines. A par de estimular uma boa apresentação das mostras da cidade aos visitantes e á população em geral. [10]

CI=TR= 25/12/1959 JO5 O motorista de ônibus que tem de enfrentar diariamente o burburinho de um tráfego pouco disciplinado, é um homem que se encontra em constante tensão nervosa. Maior ainda será sua preocupação quando precisar atravessar, com seu coletivo muitas vezes apinhado de passageiros impacientes, o leito frio e irremovível de um par de trilhos da viação férrea. E temos várias dessas passagens de nível, em pleno centro da cidade, sem a devida segurança mínima recomendada. [3-7]

CI=EX= 12/02/1960 JO5 A mendicância em Novo Hamburgo. Novo Hamburgo, apesar de estar em condições de eliminar de suas fronteiras a degradante prática da mendicância, continua com este deprimente 'tumor social' a agravar-se de dia para dia. Este estado de coisas, efeito de causas patentes urge ser estudado mais de perto e ser solucionado cabalmente, pois que nossa comuna tem a possibilidade

de livrar-se desse humilhante aspecto de nossas ruas, povoadas de mendigos e mendigos que, em número assustador, abordam a quem se movimenta pelas artérias centrais de nossa 'urbs'. José Valentin Backer [4]

CI=LE= 12/02/1960 JO5 Segundo fomos informados junto à CEEE a partir de 3a. feira última, não mais haverá racionamento de energia elétrica em Novo Hamburgo. [2]

CI=CO= 19/02/1960 JO5 Novo Hamburgo tem na fabricação de calçados, indiscutivelmente, a sua maior fonte de produção. As centenas de fábricas de calçado, na medida do possível, ampliam sua produção, sempre na ânsia de acompanhar a evolução da moda e do progresso. A par disso, os responsáveis pelo ótimo produto, não se descuidam jamais em introduzir em seus estabelecimentos industriais, moderna e mais aperfeiçoada maquinaria, visando um resultado melhor, tanto para o calçado como, igualmente, para o próprio consumidor. [5]

CI=LE= 26/02/1960 JO5 O canaleta da rua Tupí. Há em nossa cidade um sem número de problemas a resolver, com respeito ao escoamento de águas pluviais, onde a falta de providência e o descaso podem ocasionar, em futuro próximo, sério prejuízo ao bem público, para não falar dos inevitáveis prejuízos aos cofres públicos. Por exemplo, está em vias de receber a última cobertura de asfalto a rua Frederico Linck que se tornou numa esplêndida via de acesso à cidade. No entanto, se não forem tomadas medidas técnicas mais eficientes, todo o sistema de condutos das águas pluviais está fadado a estourar, aqui ou ali, devido à precariedade da tubulagem. Eugênio Nelson Ritzel [12]

CI=CO= 04/03/1960 JO5 Novo Hamburgo: um exemplo de pujança e de capacidade produtiva. Pouca gente sabe que o nosso município de Novo Hamburgo, tão pequeno em sua extensão geográfica, ainda ocupa um lugar de destaque não só como potência industrial, como também pelas suas invejáveis possibilidades econômicas. Eugênio Nelson Ritzel [5]

CI=CO= 18/03/1960 JO5 Novo Hamburgo, conta, desde sábado último, com mais um novo posto de gasolina e produtos derivados, modernamente instalado, situado na parada 108, na Avenida Pedro Adams Filho, nesta cidade. [5]

CI=LE= 18/03/1960 JO5 Um dos mais expressivos índices do progresso material de uma cidade é, sem dúvida, a extensão da rede d'água. [2-7]

CI=CO= 25/03/1960 JO5 Sem dúvida, a cidade de Novo Hamburgo é uma das mais dinâmicas do Estado do Rio Grande do Sul, e, quem sabe, até mais dinâmica do país. Não importa o tamanho territorial ou a densidade populacional - importa a produtividade individual. Econ. Sven R. Schulz [5]

CI=PG= 25/03/1960 JO5 A cidade... ladeiras que se transformam em cachoeiras nos dias de chuva, levam a gente ao alto dos mais populosos bairros da cidade. Uns sobrepostos na arrogante situação de localizar residências mais ou menos luxuosas, outros postados simplesmente ao luar, arrastando misérias, cercas caindo, varais de roupas esticadas ao sol e galinhas soltas misturando-se com a molecada e cachorros sem classe, invadindo projetos de ruas... As vezes a gente lamenta a destruição de um barraco histórico ou de alguns barracões tradicionais postado nas margens da cidade, mas acabamos por ver as cousas como si elas sempre tivessem sido assim, e acostumamo-nos com a evolução que o progresso compõe na sua marcha constante... Há dias vi, num livro de história, uma estampa focalizando o centro da cidade há uns trinta ou quarenta anos atrás, vista de uma colina, naquele tempo distante recanto bucólico, e que hoje não é nada mais nada menos do que um buliçoso bairro de ínvias ladeiras que se tornam cachoeiras em dias de chuva... Senti, deveras, não ter vivido aqui naquele tempo saudoso... Por certo havia mais aconchego, mais fraternidade e mais compreensão dentro da coletividade daquela época. Hoje... Como isto está mudando! A gente olha dali do adro da igreja do bairro e vê a cidade esticada em todo o seu esplendor progressista, estirando-se pelo espaço afora, desafiando a lembrança dos saudosistas... Foi a estampa aquela que me puxou no pensamento e disse: como isso está mudando. Olhei e vi que estava mesmo... E a não ser certos bairros que vegetam teimosamente ao longo de projetos de ruas, por culpa não sei de quem, a cidade progride intensamente, distanciando-se cada vez mais daqueles tempos em que os bairros de hoje eram românticos recantos bucólicos... Ercílio Rosa [2-8]

CA=OB= 08/04/1960 JO5 Anúncio Edifício Charrua [12]

CI=PG= 08/04/1960 JO5 O aniversário do Município. Dois fatos cunharam de forma característica o desenvolvimento de Novo Hamburgo, desde os primórdios de sua existência: a indústria manufatureira e a rede de ensino, ambas em franco progresso. Há poucos municípios onde se trabalha e produz tanto como aqui, e raras são as cidades onde há tantas escolas, tantas oportunidades de aprender e estudar como a nossa. A indústria levou aos mais recônditos rincões da Pátria, o nome deste município.

Tornou-se grande pelo trabalho difícil de seus filhos. E ainda hoje em dia quando os viajantes comerciais partem em suas jornadas de visita e conquista de mercado para os produtos desta terra, sua missão assemelha-se ao bandeirantismo de outros séculos. Idêntica é a projeção que a rede de ensino faz do nome desta cidade. Jovens dos municípios circunvizinhos afluem à Novo Hamburgo para estudar. Nossas escolas irradiam conhecimentos sobre a região e o Estado. Há estabelecimentos com matrículas de alunos vindos de outras unidades da Federação, e do estrangeiro até. Egon Eduardo Schuenemann [5-7]

CI=AN= 16/04/1960 JNH Campanha contra cães. Julgamos de nosso dever cumprir a lei em vigor. Estamos fazendo envez de um mal, um bem para a população de Novo Hamburgo. Os pedidos de pega de cães vadios são maiores dos que o contestam. No período de férias escolares 3 crianças foram mordidas por cães loucos. Vamos continuar fazendo a limpeza da cidade.. O dono de um animal preso pode recebê-lo de volta, desde que num prazo de 3 dias, pague a multa de Cr\$ 40,00 e mais a alimentação de Cr\$ 30,00 diários, vacinando, com a respectiva coleira, chapa da Prefeitura e focinheira. Não só estamos protegendo a saúde, como estamos selando pela limpeza da cidade. Até agora apenas quatro cães foram mortos e todos estavam raivosos. sub-prefeito Schwann [3]

CI=OP= 26/04/1960 JNH Operação cabeleira para os malandros. A delegacia de Policia local deu início esta semana a 'operação cabeleira', procedendo os cortes das melenas dos diversos gatunos e malandros que deram entrada na Delegacia no decorrer da semana. Medida sem dúvida das mais salutares pois mostrará a toda população os malandros que infestam nossa cidade, tirando um pouco ao menos de circulação enquanto perdurar a careca. [4]

CI=CO= 07/05/1960 JNH A nova loja da cidade. Um importante acontecimento registrou a cidade. Abriu suas portas a Nice Modas, uma casa destinada a bem servir as elegantes de Novo Hamburgo. A mesma foi instalada em um dos locais centrais de nossa cidade, mas que, por uma destas circunstâncias imprevisíveis, se transformara anteriormente em verdadeiro desafio ao progresso de nossa terra. Ali se encontravam as ruínas de um edifício que há mais de 15 anos desafiava os moradores de Novo Hamburgo. Com sua visão progressista, resolveu a direção da nova loja, transformar aquele local em um belíssimo recanto onde as elegantes e a alta sociedade poderão encontrar o que de mais recente for lançado na moda internacional. São vendidos para cada cliente cortes exclusivos, permitindo assim à pessoa que o adquirir, a certeza de que não encontrará em qualquer recepção social, ou baile, um outro vestido com padrão igual ao seu. [5]

CI=UC= 07/05/1960 JNH Parada dos bichos. A cidade assistiu pela primeira vez a parada dos bichos, pela artéria principal. Ótimas piadas foram escritas nas tabuletas pelos estudantes, a maioria delas referindo-se a situação do País, a caça do leão de Sapiranga, e a fatos da atualidade. [3]

CI=CN= 04/06/1960 JNH Cinemas. Notamos a falta de decoro de certas pessoas nos cinemas locais. Alguns 'engraçadinhos', ignorando a boa ética social, se conduzem de maneira pouco recomendável e nada social. Para esses 'astros' sem cultura, recomendamos algumas aulas noturnas... [6]

CI=PH= 04/06/1960 JNH Telefones. Em Novo Hamburgo, já existe telefones automáticos. Todos os telefones chamam ao mesmo tempo. Talvez seja imitação de grande cidade. O assinante atende o chamado e ninguém responde. [2]

PR=ON= 04/06/1960 JNH Ônibus. Observamos que, no abrigo municipal, os ônibus que ali fazem parada, entram com velocidade demasiada, ocasionando grave perigo aos pedestres. [3]

AV=SP= 11/06/1960 JNH Porém em muitas ruas centrais, continuam em incompreensível abandono. Os galãs. Aqueles 'engraçadinhos' que, nos fins de semana, na Avenida Pedro Adams Filho, dirigem gracejos de mau gosto às senhoras e senhoritas que por ali transitam, são mesmos engraçados. Também, (coitados!) é a única maneira de se fazerem notar. Se, em Novo Hamburgo, houvesse um policiamento mais rigoroso, por certo esses 'galãs' já teriam sido convenientemente punidos... Perguntas. Por que será que ainda não foi construído um mictório público em Hamburgo Velho? [10]

CI=OB= 11/06/1960 JNH Notas recolhidas. Ruas. Cada dia que passa, acentua-se mais e mais o desenvolvimento de renovação e de progresso da 'cidade industrial'. Observamos nas ruas da cidade, o esforço da municipalidade em acompanhar essa fase de evolução. Das velhas ruas vão surgindo novas e novos calçamentos vão atapetando o chão industrial. [2-7]

CI=SI= 11/06/1960 JNH Será que não poderia dar um jeitinho de fazer funcionar as sinaleiras da viação férrea? [3]

CI=EX= 24/06/1960 JO5 A 3 de julho próximo levar-se-á a efeito a inauguração de uma parte da casa da criança de Novo Hamburgo, iniciativa da associação das ex-alunas das irmãs de Santa Catarina. [4]

CI=PR= 24/06/1960 JO5 Novo Hamburgo cidade aberta ao meretrício. Não faz muito foi motivo obrigatório de considerações a estranha proposição legislativa que visava de certa forma oficializar o meretrício em nosso meio. A construção de casas para decaídas e salões de bailes para as mesmas feitas pelo Estado ou se tal intento ficasse sob a orientação da iniciativa particular representaria um rude golpe nos nossos costumes e seria uma desmoralização para a família hamburguesa. Quer com o confinamento realizado pela comuna, quer pela iniciativa particular, da prostituição, estar-se-ia possibilitando o incremento do mal e oficializando-o Adalberto Alexandre Snel [5]

CI=CO= 09/07/1960 JNH Greve. O dia amanheceu sem o costumeiro pito das indústrias da cidade. No ar pairava algo de diferente, algo de inédito, a grande cidade fabril do sul do País não iniciara aquele dia da mesma maneira com que inicia os demais dias da semana, os demais dias de trabalho. Quarta feira é dia de greve. Ercílio Rosa [5]

AV=EX= 29/07/1960 JO5 Assim é nossa cidade. As vezes a gente ficava muito satisfeito, quando um grupo de meninos, engraxates e jornaleiros, sentados em roda a várias mesinhas do Café Avenida tomando, relativa ordem e silêncio, o café da manhã. Em todos meninos ocupados, esperando uns pelo seu jornal para vender e outros pelo seu freguês de caderno para engraxar seus sapatos. Toda criança andrajada na rua devia ser imediatamente inquirida por quem de direito, com a finalidade de verificar as causas do abandono em que se encontra. Enquanto se vêem garotos engraxates, jornaleiros e baleeiros ocupados no centro da cidade, também há o quadro tristes daquelas crianças que são obrigadas a pedir esmolas de porta em porta... Assim é nossa cidade! Eugênio Nelson Ritzel [10]

PR=AB= 13/08/1960 JNH Demolição ao prédio do abrigo municipal, situado bem no coração da cidade. Decretou a Câmara uma lei, segundo a qual, estava o chefe do executivo autorizado a demolição deste próprio municipal, a partir de 1961. [9]

PR=AB= 20/08/1960 JNH Deve ou não ser demolido o abrigo municipal? Considerando o problema do ponto de vista urbanístico e prático, acho que deve ser demolido o antigo abrigo municipal. Este prédio nos seus vários anos já cumpriu com as suas finalidades estando agora o progresso de nossa cidade a exigir sua demolição. No meu entender deveria ali ser construído um largo que permitisse uma maior movimentação do trânsito do centro de nossa cidade e qualquer outra construção que ali fosse edificada seria trazer graves problemas futuros no que diz respeito ao congestionamento no centro da cidade. FL O abrigo ainda tem sua utilidade. A idéia de demolição somente poderá ser posta em prática quando estiver determinado o que ocupará aquele local após a extinção daquele próprio municipal. Urge no entanto que se providencie com relativa presteza no melhor aproveitamento daquele local, pois que além de enfeiar a cidade já atualmente está a criar sérios problemas para o trânsito no centro da cidade. Uma nova construção dentro de alguns anos também deverá ser demolida, o melhor mesmo é que fosse ali feito um 'largo' que facilitaria ao máximo o escoamento do trânsito em nossa artéria principal. AB Entende que deva ser demolido desde que seja substituído por algo que justifique a sua demolição. Assim sendo não se poderá precipitar a operação de demolição sob pena de privar a cidade de um próprio que a mais de vinte anos sem servindo a população. No caso que se confirme a demolição creio que deveria se ampliar o abrigo municipal no sentido da praça 14 de julho, para que não se perdesse esse ótimo local de confluência da cidade em obras que não visassem algo de prático e de positivo, e de real valor para a cidade. OS [9]

CI=OP= 26/08/1960 JO5 Domingo, cerca das 14 horas, a cidade foi abalada com um incêndio que irrompeu no prédio 5443, situado na principal artéria da cidade, a Avenida Pedro Adams Filho, e de propriedade do sr. Norberto Sander. [4]

CA=CF= 03/09/1960 JNH Sexta feira. Sexta-feira à noite, é algo assim como que, especial. Os programas desse dia são sempre bem recebidos. Pode ser programa duplo em um dos cinemas locais. Um bate papo no Café Avenida não está fora de cogitações. E não devemos esquecer que entra nos planos uma 'serenata' para os amigos. Lauro Diogo de Jesus [12]

CI=DP= 03/09/1960 JNH Aconteceu por aí. Mais uma semana da pátria passou e aconteceu coisa rara em muitos anos: uma semana de comemorações elevadas e dignas da magnitude do evento. Culminaram essas comemorações com o grande desfile escolar, num dia em que mais de 8.000 crianças e atletas de nossas escolas e de nossa entidades desportivas - com garbo e distinção extraordinários -

desfilaram brilhantemente pela Avenida Pedro Adams Filho. Sem dúvida, uma bela e rara demonstração de civismo sadio que nos faz pensar no futuro esperançoso e construtivo que aguarda essa mocidade de Novo Hamburgo. Se existe um problema que deve ser atacado e resolvido é este da 'criança abandonada'. O problema espalhou-se por aí, de tal maneira e jeito que até em Novo Hamburgo ele existe e de forma a inspirar grandes cuidados.[4]

CI=EX= 03/09/1960 JNH O abrigo. Não resta dúvida que o problema do menor é aflitivo em nossas cidade como o é em qualquer cidade. O número de menores que circulam pelas ruas da cidade, mendigando, engraxando sapatos, vendendo jornais ou não fazendo nada de útil, é elevado e tende a aumentar, porque as dificuldades de vida também aumentam. O menor está ligado diretamente ao interesse de todos. É o operário que irá trabalhar descansado sem preocupações com os filhos, é a mãe que poderá produzir mais, é o aspecto da cidade que irá melhorar, é mais um exemplo que estaremos dando ao resto do Brasil. E sobretudo estaremos evitando a proliferação de subhomens, a proliferação de ladrões, assassinos e desajustados sociais. A verdade gritante é esta: que anda pelas ruas, pedindo esmolas, vendendo jornais, cometendo delitos. É uma verdade de que nos envergonha e que será um grave problema amanhã ou depois. Jota Feio [4]

AV=CN= 16/09/1960 JO5 Foi, finalmente, marcada para sábado a inauguração da nova cas de espetáculos de que disporá Novo Hamburgo na sua resoluta marcha pelo progresso. Contando com dois cinemas no centro e um em Hamburgo Velho, as salas de projeção cinematográfica já não estavam correspondendo, em número de lugares à ocorrência do público. O crescimento vertiginoso da cidade já estava a exigir mais um cinema. Compreendendo o problema, um grupo de idealistas fundou a empresa Cine Teatro Avenida Ltda., que imediatamente pôs mão a obras e, num curto espaço de 100 dias montou em lugar central, na Avenida Pedro Adams Filho, defronte aos Correios e Telégrafos, o Cine Avenida. [6]

AV=UC= 22/10/1960 JNH Crônica. Num domingo bonito. Era um domingo bonito aquele. A cidade como sempre o faz nos domingos bonitos estava radiante de beleza e cores iluminada pelo sol claro e refletida no azul do céu. A nossa avenida regurgitava de gente moça, gente velha, gente bonita, gente feia e crianças. Na esquina principal um pai de família numerosa aproveitava o dia de folga de uma semana de intenso trabalho e se instalou com um aparelho de sua fabricação, para encher balões coloridos e vender às crianças, alegrando-lhes, mais ainda,, o domingo bonito. Era um domingo bonito para todos. num outro canto da cidade outro operário montou na bicicleta e saiu para o centro da cidade. O domingo estava tão bonito, o céu tão azul, a cidade tão colorida que dava vontade, mesmo, de passear. Pedalando, o operário ia vendo a sua cidade, as modificações que ela sofria de um domingo para o outro. Pedalando ele sonhava em ser algum dia, proprietário de uma casa bonita, com jardins e filhos sadios brincando à frente, nos domingos bonitos como aquele. Pedalando, ele foi chegando ao centro, dirigindo seu veículo porque o movimento de gente e automóveis era intenso. Pedalando ele ia admirando a multidão de côres e alegria do sol brincando nos cabelos das jovens, nos telhados das casas, e nos balões que as crianças carregavam soltando gritos de alegria naquele domingo bonito. Jota Feio [10]

CA=CF= 22/10/1960 JNH Garotos nas ruas. Quem entra sábado entre 9 e 11 horas no Café Avenida, tem sua atenção despertada pelo sem numero de menores que percorrem as mesas pedindo a seus ocupantes, numa voz lamurienta 'um trocadinho'. Quem são, onde moram, de onde vêm, ninguém sabe. Na parte da noite o movimento muda de local, e as personagens também. Agora é quem passa defronte o Café Avenida que nota um movimento inexistente até há bem pouco tempo. Ali entre 20 e 22 horas o número de engraxates é verdadeiramente assustador. Nós compreendemos que esses 'pequenos operários' estão fazendo o máximo para conseguir uma fêria maior. Mas a verdade é que de quando em vez estoura uma briga e o vocabulário utilizado lembra a qualquer chofer de caminhão que está precisando de uma atualização. Enquanto isso acontece, as famílias estão passando e ouvindo. Quem sabe onde moram esses meninos? Como vão para as suas casas? E a que horas? Lauro Diogo de Jesus [12]

CI=EX= 11/11/1960 JO5 O desemprego de menores está criando problema social. Em 21 de junho deste ano a Folha da Tarde publicou uma reportagem sôbre a situação dos menores em nossa cidade. Ficou acentuado que mais de 800 operários de menos de 18 anos tinham sido despedidos. A notícia é realmente impressionante. O número é estarrecedor! Adalberto Alexandre Snel [4-5]

PR=UC= 12/11/1960 JNH Respeito e educação. A praça 14 de julho, já não é mais praça de recreio, já não é mais encontro de famílias, já crianças não podem mais brincar, está sim transformada em uma oficina publica de bicicletas, pista de corrida dos mesmos veículos, e ainda pior de tudo isso são os terríveis tripulantes destes veículos que fazendo praça de uma falta de educação a toda prova levam, nas horas de maior movimento, o pânico, não só por suas proezas e malabarismos sobre os passeios da Praça,

mas também por dichotes e impropérios de toda ordem que lançam contra os populares que por ali transitam. [9]

CI=SP= 03/12/1960 JNH Algazarra e trabalho. Novo Hamburgo seria a detentora do título, se caso houvesse concurso da cidade mais barulhenta do Estado. Aqui na terrinha tudo é motivo para algazarra. Aniversários, foot-ball, comício, jogo de bicho, enfim alguma coisa que saia fora do normal e festejado com uma fogueira que dá gosto de ver. O 'fino do programa' é arrumar uns amigos que tenham automóveis, e dar uma voltinha pelo centro da cidade queimando os 'guris' nos ouvidos de quem não tem com o acontecimento. Mas não é só através dos 'pum-puns' que a população da cidade industrial é incomodada. Os métodos usados são os mais diversos e, é preciso que se diga, sempre com bons resultados. Conta-se entre lambretas sem descarga, automóveis idem, buzinas a ar e, as vezes para termos ares de cidade mundana, bebedeiras de nossos jovens. Qualquer dos métodos é válido nas 24 horas do dia. Lauro Diogo de Jesus [6]

CI=SI= 30/12/1960 JO5 Mau funcionamento de sinaleira. Há várias semanas que não vem funcionando normalmente a sinaleira colocada na confluência das ruas Bento Gonçalves e Joaquim Nabuco. Acontece que uma das lâmpadas com face para a rua Bento Gonçalves está queimada. [3]

CI=LE= 31/12/1960 JNH Iluminação Pública. As reclamações deixaram de ser isoladas para se transformarem em um verdadeiro clamor público contra o descaso para com a tranqüilidade e segurança da população, que a noite, em demanda aos seus lares, é obrigada a tatear no escuro, com o risco de se acidentar e ainda, criando um ambiente propício a assaltos e toda sorte de molestações para os transeuntes. Não pretendemos iluminação feérica em todas as ruas Luiz Antônio de Moura [2]

CI=CO= 07/01/1961 JNH Macaquices. Em Novo Hamburgo, felizmente, o 'macaquismo' encontrou um terreno desfavorável para medrar e as raras tentativas de introduzi-lo, sempre encontraram a mais tenaz repulsa da parte do que há de tradicional e representativo entre seus filhos. Provavelmente, alguns macacos ficarão escandalizados quando verem que o grupo de industriais novo-hamburgueses que viajaram aos Estados Unidos, não voltaram de blue jeans, mascando chicletes e peritos na difícil arte do rock-and-roll. Sua decepção aumentará mais ainda quando ouvirem-nos falar sobre as maravilhas da técnica de produção e do muito que aprenderam na viagem. Afranio Junior [5]

CI=LE= 21/01/1961 JNH A prefeitura de Novo Hamburgo paga mensalmente a importância de 150 mil cruzeiros pelo consumo de iluminação pública, credenciando-o como o município do interior do Estado que possui maior extensão de rede, sem que, no entanto, sirva de contento, como temos registrado nas últimas semanas. [2]

CI=ON= 25/01/1961 JNH Estragaram o direto de Novo Hamburgo. Frase ouvida no dia da inauguração do novo ônibus 'direto' entre Porto Alegre e esta cidade: - Meus Deus, pelo tempo que levaram para por um novo 'direto' em funcionamento eu pensava que vinha um 'Super-Constelation e no final nos apresentam esta 'carreta' pintada de nova. [3]

AV=TR= 28/01/1961 JNH Mão única na Avenida Pedro Adams Filho. A idéia surgiu com estudos realizados para desafogamento e conseqüente diminuição de acidentes no trânsito da principal artéria da cidade. [10]

AV=UC= 28/01/1961 JNH Choro de pobre. O negro Lauro comprou um automóvel (?) e andava pelas ruas centrais todo bacana fazendo alarde que tinha 'abandonado a pobreza'. Sua alegria não durou bem uma semana e lá veio a bomba: aumento geral dos combustíveis. A 'conversível' sumiu de circulação. Explicação dada pelo ex-feliz proprietário: - Mandei fazer uns pequenos concertos que não estavam como eu gostaria que estivessem... Não colou. [3]

CI=CO= 28/01/1961 JNH Erro de contas. A turma da marreta está fazendo cada conta que chega por cabelos da gente de pé. Senão vejamos: uma corrida de auto de praça até a Prefeitura custava 50 pilas. Veio o aumento da gasolina e a mesma passou a 80. A distância do centro ao Palácio Municipal é de aproximadamente de 7 km, contando a ida e volta. Consumo de combustível: 1 lt. Aumento efetivo na despesa: Cr\$ 7,40. Aumento no preço Cr\$ 30,00. Eu hein...? [3]

CI=LE= 28/01/1961 JNH Escoamento de água. A cada nova chuva somos obrigados a evacuar a casa tamanha quantidade de água que irrompe dos bueiros, que não dão conta, pois são muito estreitos e cheios de volta. ADR O problema é muito antigo. Qualquer chuva nos atinge, pois que os bueiros não dão vencimento a grande quantidade de águas que vindas de diversos locais vem desembocar nesta rua. JCS

Está na hora deste problema ser resolvido por quem de direito, pois não se compreende que tenhamos que agüentar sempre novos prejuízos a cada vez que chove. ORA [12]

AV=TR= 04/02/1961 JNH Mão única na Avenida Pedro Adams Filho. Modificação totalmente prejudicial e impraticável. Esta providência traria grandes transtornos e mesmo prejuízos para o comércio e também para a cidade em geral, pois a Avenida Pedro Adams Filho é uma rua de trânsito obrigatório e uma direção só diminuiria o movimento da mesma no mínimo em 50%. LMF Não é muito interessante principalmente para o comércio, pois que o forasteiro encontraria maiores dificuldades em se locomover no centro da cidade. AS Traria uma grande confusão para o trânsito no centro da cidade, pelas inúmeras contravenções que se verificariam. DS Viria desafogar o centro da cidade, cujo trânsito tem-se tornado muito intenso de uns tempos para cá. [10]

CI=OP= 04/02/1961 JNH Bêbados põem hotel em polvorosa. Na madrugada de quarta feira a Polícia foi chamada a intervir em mais uma ocorrência da qual o maior responsável era novamente o álcool. Decididamente é preciso que alguma providência seja tomada afim de evitar esta barbaridade de ocorrências nas quais o álcool aparece como maior responsável e causador. Não é justo que o sossego público de nossa cidade pague tributo a uma malta de maus elementos, que encham a cara e depois ficam a desafiar todo mundo, acreditando-se verdadeiros super-homens, quando não são nada mais nada menos que uns simples e reles bêbados, inúteis e desordeiros. [4]

CI=CV= 11/02/1961 JNH Carnaval. Acredito que o Carnaval de 1961 será o mais estrondoso e alegre dos últimos anos. Contamos com a inestimável colaboração da Banda Municipal e de um eficiente policiamento para zelar pelo bom andamento de todo préstito carnavalesco. JB Tenho certeza que o Carnaval deste ano fará renascer com redobrada força o Carnaval em nossa cidade, que já foi um dos melhores do Estado. DH O meu grupo está bem organizado e disposto a fazer bonito para animar e alegrar o Carnaval de nossa cidade, em homenagem a este povo trabalhador que tanto merece o nosso esforço. JCA [6]

CI=LE= 24/02/1961 JO5 O problema sem solução das águas poluídas dos curtumes. Possuímos em nossa cidade uma boa porção de estabelecimentos industriais que se ocupam da preparação e curtição de couros e peles, usando produtos químicos os mais variados em que predominam os compostos de arsênico. Os curtumes em tempos idos, quando Novo Hamburgo não passava de simples vilarejo, estavam, em geral, localizados longe dos pontos de maior densidade populacional, devido ao cheiro acre e pouco agradável de seus tanques de curtição. Hoje constituem uma indústria vital na preparação e colocação do couro nas fontes de consumo, mas alguns se viram, com o crescimento da cidade, instalados em pleno centro, sem que lhes coubesse qualquer responsabilidade. A cidade crescia e com ela as habitações e casas foram cercando também os curtumes. Hoje, muitos deles estão transferindo suas instalações novamente para bem longe da área populacional, visando não somente conciliar necessidades de higiene, como também ampliar suas atividades produtivas. Eugênio Nelson Ritzel [7-12]

CI=PH= 04/03/1961 JNH Novo Hamburgo, cidade que cresce, tem, como qualquer outra, problemas ocasionados pelo progresso. Destacam-se entre eles a precariedade do nosso serviço telefônico. Como é de conhecimento de todos que utilizam tão útil (?) aparelho as ligações urbanas são realizadas com relativa facilidade apesar do sistema obsoleto usado e do pequeno número de aparelhos existentes. Mas em se tratando de ligações inter-urbanas o telefone do assinante novo hamburgues é quase uma inutilidade. [7]

CI=PH= 04/03/1961 JNH Telefones. No século atual, com o ritmo dinâmico em que vivemos, o telefone automático é objeto de primeiríssima necessidade, elemento indispensável que se reflete no desenvolvimento de todos os ramos de atividade. [2-7]

CI=PG= 31/03/1961 JO5 No aniversário do Município. Cada ano que passa, marca mais um ponto no relógio da tradição desta terra onde o trabalho, o progresso e a ordem são apanágios de todos. E o desenvolvimento industrial da comuna avança sem cessar, em meio ao retinir de engrenagens e máquinas, sem solstícios para descanso, nem paradas. Eugênio Nelson Ritzel [5-7]

CI=TR= 01/04/1961 JNH Trânsito. Não é possível que fiquemos indiferentes ante a balbúrdia que ultimamente tem se verificado no trânsito de nossa cidade. Muito embora não se possa dizer que estivesse em alguma oportunidade muito melhor do que está hoje, porém nos últimos dias o descabro já chegou as raias da calamidade pública. 'Meninos bonitos' transformam nossas principais artérias em pistas de corridas. 'Pintacudas' estacionados de tudo quanto é maneira perturbando e entravando o livre tráfego pelas ruas mais movimentadas. Descargas abertas que dão a impressão que nossa cidade aos poucos está

sendo transformada no pátio de uma oficina mecânica. Ruas de mão única são propositadamente usadas no sentido contrário ao que está estabelecido. Menores e não habilitados flanando despreocupadamente em um verdadeiro desafio as autoridades. Ciclistas pondo o centro da cidade em polvorosa com suas evoluções e treinamentos para corridas. Enfim uma série de infrações e irregularidades são cometidas, em qualquer hora e em qualquer parte, provocando esta verdadeira anarquia em que está se transformando o trânsito de Novo Hamburgo. [3]

CA=CO= 07/04/1961 JO5 Gravura Casa Floriano localizada na Avenida Pedro Adams Filho p. 36 [10]

CI=LE= 07/04/1961 JO5 A hidráulica de Novo Hamburgo. A hidráulica desta cidade foi resultado de insistente reivindicação coletiva. Finalmente surgiu o precioso líquido e de forma abundante. A satisfação foi, contudo, efêmera. Faltou a necessária previsão. Tudo foi feito para o momento vivido e não com a atenção para o dia de amanhã. O resultado é aquilo que estamos experimentando. Embora não fosse possível, na ocasião, admitir um tão fabuloso desenvolvimento urbanístico e tão grande densidade populacional era, porém, certo que os depósitos inaugurados e que toda a rede estendida pelas ruas, estavam em função daquele momento. Novo Hamburgo cresceu de maneira impressionante e este serviço público, de natureza essencial, ficou no esquecimento. É de justiça que se registre que os servidores locais, daquele setor estadual, desdobravam-se em esforços e que a Municipalidade não ficou atrás, inclusive fornecendo canos e mão-de-obra. Adalberto Alexandre Snel [2]

CI=ON= 15/04/1961 JNH A viagem no pinga-pinga. Se nós estivéssemos naquele que eu queria vir, uma porção de coisas interessantes já teriam acontecido. Por exemplo: na hora do fiscal pedir a passagem começaria a farra. Tem sempre um passageiro que não encontra o desgraçado do papelzinho, e é aquela confusão: levanta, senta, procura em tudo que é bolso e nada da passagem. Nesta altura ele torna a levantar e, inclusive as vezes pedindo que você levante também, nova procura é feita, e por aí vai. Mas o bom mesmo seria quando entrássemos em São Leopoldo. Eu chamo esta viagem da hora da gritaria. Todo mundo grita, mas cada qual tem o seu próprio grito. O do fiscal é: aperta o corredor!. O cobrador dá o seguinte: a saída é na frente! Como conseqüência lógica, alguém reclama: não empurra!. E para completar uma voz no meio daquele mar de gente: pára que eu vou sair! Aquilo que é viagem, nunca mais ando neste velório ambulante (referindo-se ao direto) [3]

PR=UC= 15/04/1961 JNH Os velhos e a praça. Novo Hamburgo cresceu muito, principalmente nos últimos anos. Os homens de dinheiro sobem os morros colocando lá em cima seus suntuosos palacetes. Os edifícios ganham os céus rivalizando o panorama com os 'dois irmãos'. As ruas ficam estreitas para o movimento de automóveis. As calçadas não comportam mais tanta gente. É Novo Hamburgo que cresceu e ficou cidade grande, perdendo muito de seus antigos costumes, suas antigas atrações para se transformar na atual e vibrante 'Courocap'. Quem vivem e participa diretamente neste buliço que é o progresso, que é a nossa cidade, quase não nota o seu crescimento vertiginoso, a mudança de seus hábitos, seus costumes, suas gentes. A velocidade dos dias atuais não permite que se detenha a observar com olhos de saudosista as transformações dos dias, das noites, das manhãs de domingo. O tempo hoje em dia vale ouro, até para quem não tem nada para fazer. Todos correm e ninguém pára. Todas as tardes eles se reúnem no mesmo banco, ali na praça. Sabemos que são homens que já viveram e já deram o seu quinhão em prol do engrandecimento de Novo Hamburgo. Sentados enquanto o sol da tarde permite, eles falam de tudo, recordam de tudo e sente saudades de tudo que já viram, já fizeram, já passaram. Seus olhos cansados, mal divisam o outro lado da rua, mas seus corações sentem a vibração, os ruídos e a agitação da cidade que cresceu. [9]

CI=OB= 22/04/1961 JNH Está prevista para a rua 1º de março a construção de quatro pistas as quais terão extraordinária largura de 16 metros, sem dúvida alguma, uma verdadeira avenida, que dará notável capacidade de trânsito e uma notável via de acesso à Novo Hamburgo. [2-10]

AV=TR= 29/04/1961 JNH Mão única na Avenida Pedro Adams Filho. Uma série de irregularidades que vem sendo verificado no trânsito de nossa cidade, mormente no perímetro central, onde em determinados momentos a balbúrdia chega as raias da mais completa anarquia. [10]

AV=TR= 06/05/1961 JNH Pedro Adams será uma avenida com mão única. Continuaram, porém, os veículos a trafegarem nos dois sentidos, durante e após o dia 1º, data na qual deveria se iniciado trânsito em uma só direção. Enquanto isso perdura aumenta a balbúrdia do trânsito em nossas principais artérias sem que algo de prático e imediato seja feito para pôr fim a esta insustentável situação. [10]

CI=PG= 11/05/1961 JNH Novo Hamburgo. Da emancipação até nossos dias tudo foi trabalho, tudo esforço, tudo dinamismo, transformando-se o 'Hamburger-berg' de 1824, na 'Manchester Gaúcha' de nossos dias. É hoje Novo Hamburgo um centro de trabalho e de cultura, de respeito à ordem, de obediência às leis e de cumprimento de seus deveres cívicos. Existe uma orientação sadia e firme, que dos pais passou aos filhos e netos e forma hoje uma tradição honrosa, intimamente ligada ao desenvolvimento econômico, social, cívico e religioso de nossa coletividade. [5-7]

AV=CL= 20/05/1961 JNH Problemas. Ela é bonita como só ela pode ser. Aos domingos, após a missa, em elegantes vestidos, desfila na Pedro Adams Filho. Faz um sucesso danado. Eu tenho a impressão que se ela pusesse um vestido feito de saco de aniagem o furor que causaria seria o mesmo. Nunca a vi com namorado, apesar de todos os olhares langorosos que vejo nossos jovens lançarem em sua direção. Mesmo os 'faróis' em cima com tal intensidade que a gente fica a imaginar se eles estão pensando no passado longínquo em que as 'patroas' possuíam aquela mesma elegância ou se estão ruminando algo parecido com isso: - Afinal este diabo de divórcio vem ou não vem? Lauro Diogo de Jesus [10]

CI=CO= 20/05/1961 JNH Mentalidade renovadora. Vive Novo Hamburgo na atualidade uma de suas maiores e mais esplendorosas fases de expansão e progresso. Os seus homens, a cada dia que se passa, mais e mais se afirmam como verdadeiros e legítimos capitães de indústria, com visão e tirocínio, com medidas tomadas, da mais profunda repercussão e favoráveis reflexos. [5]

CI=VT= 20/05/1961 JNH E tem a moça que ajuda lá em casa que passou dias terríveis - e noites piores - até conseguir comprar aquele sonho de blusão que viu em uma vitrine. Lauro Diogo de Jesus [10]

CA=PH= 10/06/1961 JNH Acontece que os rapazes resolveram brincar de telefone. Isso é uma réplica ao 'brinquedo de comadre' das garotas. Arranjam uns telefones coloridos e vivem fingindo que estão falando com alguém. O Café Avenida, bar do seu guerreiro, entrou de gaiato e se justifica, porque ali é o clube dos homens, e qualquer folguinha a concentração é no cafezinho. [12]

CI=PH= 10/06/1961 JNH Telefone: fator de progresso. Imaginem os leitores Novo Hamburgo com 2 mil aparelhos. Atualmente possuímos 280 do estilo 'manivela'. Um número dos mais expressivos se atentarmos para o fato de que em 1908 (há 53 anos) possuímos 280 aparelhos. Coincidentemente, portanto, o mesmo número. Não terá a cidade crescido? Novo Hamburgo apresenta as mesmas condições de 1908? Telefone é um fator de progresso, e nós não poderemos permanecer amarrados em comunicações. (acompanha desenho de telefone) [2-7]

CI=VT= 10/06/1961 JNH Vitrinas e telefones. A cidade tem suas coqueluches que duram dias ou meses, como acontece de momento com vitrinas e telefones. Outro dia me espantei com o interior de uma vitrina, e aprecia que ali tinha passado um furacão: todas as coisas estavam jogadas em todas as direções, e em volta de bolsas, sapatos e sombrinhas os lenços davam a impressão de sacudidos pelo vento. Pensei que ia ser arrumada, mas me explicaram que aquilo era decoração. Tratava-se de uma decoração informal, disse o informante, e o desequilíbrio era apenas aparente, pois tudo representava ritmo através de movimentos organizados. Procurei entender o princípio estabelecido pela decoradora da vitrina, mas acabei fazendo o que fazem os homens: fiquei espiando do outro lado as balconistas bonitas. Afinal, para o sexo forte, é essa a principal utilidade das vitrinas, ver o desfile do outro lado dos vidros de fregueses e balconistas. Mas esse negócio de vitrinas tem lá seus lados cômicos, e noutra noite fui dar com meu amigo de tripé em punho batendo fotos de uma vitrina de um supermercado, com um grupo de curiosos a seu redor. Bispei que o fotógrafo, certamente era parte da decoração e sua presença ali, apertando flashes, se fazia necessária para provocar a aglomeração popular. É como quem pensa estar vendo um disco voador: em pouco tempo uma multidão fica parada de boca aberta vendo nada. Lá pelas páginas tantas um bêbado veio de maneira muito informal examinar o negócio. A camioneta da polícia também parou, e o seu inspetor pensou logo numa concentração de pensionistas do IAPI. Daí, então, o fotógrafo fez o pior: não agüentou no posto e abandonou a posição. Os curiosos se perguntando uns aos outros: Que foi? O trem pegou alguém. Arrombaram a sapataria? O único que sobrou uns momentos mais tarde foi o bêbado, olhando muito sério a pequena bailarina dançando em cima de um disco, dando voltas e mais voltas. Sacudiu a cabeça e saiu dizendo: não é possível, acabo tonto vendo esse troço andar em roda! [10]

CI=OB= 23/06/1961 JO5 Urbanização. O que primeiro chama a atenção é a paralisação que sofreu o sistema de pavimentação de ruas. Muito pouco tem sido feito nesta matéria e o estacionamento é prejudicial para a população que não vê recompensada sua operosidade, numa gritante injustiça para com seus deveres e suas obrigações tributárias. [2]

CI=CO= 30/06/1961 JO5 Ignotos. Novo Hamburgo é conhecida como a cidade industrial. É a cidade que mais contribui per-capita para os cofres públicos em toda nação brasileira. Diariamente temos forasteiros que aqui nos visitam para adquirir o nosso produto, tão famoso no mercado nacional. [5]

CI=SG= 08/07/1961 JNH Os fritz e frantz. Novo Hamburgo está apresentando algo novo em seu aspecto diário. O forasteiro que aqui chegar, provavelmente, não notará nada de diferente. Mas nós, os moradores, sabemos que existe inovação na 'Courocap'. Há, já, alguns dias que vemos praças da Brigada Militar, em duplas, caminhando por nossas ruas, assim como quem não quer nada. A passo lento, conversando entre si, geralmente com as mãos para trás, eles seguem indiferentes aos olhares que lhes endereçam os que desconhecem a finalidade desse aparente trocar de pernas. O que esse elementos da 'Gloriosa' estão fazendo nada mais é que o policiamento ostensivo da cidade. antes da medida, o praça da Brigada só estava presente onde se imaginava que podia 'dar galho', ou então quando já tinha dado. [4]

AV=PR= 15/07/1961 JNH Blitz de repressão ao Trotoir de menores. Na noite de segunda feira última foi empreendido uma blitz contra um estado de cousas que vinha se verificando em nossa cidade nos últimos meses e para o qual estavam sendo atraídas as atenções de nossa população. Trata-se da proliferação de menores perambulando pela cidade a procura de amor fácil. Tais meninas, mariposas mirins, portando quase que todas uma frasqueira, marcavam encontros nos cafés centrais, daí rumando para hotéis onde passavam as noites em companhia dos seus galãs. [10]

CI=AT= 15/07/1961 JNH Trilhos devem sair de Novo Hamburgo. O problema da existência dos trilhos da viação férrea cortando praticamente a cidade toda a sua extensão, tem motivado uma série de manifestações, entre as quais a que prevê simplesmente, a extinção do ramal que passa por esta cidade. Seria esta medida razoável? O sistema ferroviário está ultrapassado? Quais as providências plausíveis podem ser encontradas? Mudança no trajeto? São perguntas que cabem perfeitamente nesta hora. [3]

AV=SP= 19/08/1961 JNH Meu cantinho. Aqui estaremos comentando a nossa maneira o comportamento dos jovens e senhores da nossa cidade que se tem na conta de 'irresistíveis galãs', postando-se nas esquinas a dirigir piadas e gracejos para nós mulheres como se estivessem pondo em prática uma técnica infalível de conquista. Assim terão uma idéia mais exata de suas verdadeiras qualidades, permitindo-lhes o aproveitamento de suas palavras, gestos e tempo, para atividades mais práticas e úteis, como escolher melhor suas roupas, seus alfaiates, seus barbeiros, suas lavadeiras e, sobretudo, seus médicos plásticos. [10]

CI=VT= 16/09/1961 JNH Meu Cantinho. Em matéria de moda masculina estamos chegando ao máximo com os últimos tipos de penteados que alguns bonitinhos estão adotando. Francamente temos de olhar duas vezes para termos a certeza de que estamos deparando com uma pessoa do sexo masculino, tal a semelhança que ficam com o cabelinho lambidinho para o lado tipo língua de vaca. A ignorância de certos tipos em imitarem ídolos cinematográficos ou cantores, leva-os a cometerem estas aberrações inqualificáveis que chegam a deformar completamente o tipo físico de um homem. Se estes mocinhos soubessem que usa 'o cabelinho lambidinho' certamente nunca se aventurariam a usá-los. Pelo simples fato de um indivíduo se destacar como ator ou cantor, vestir-se excêntrica e adotar maneiras mais excêntricas ainda, não quer dizer que seja ditador da moda. Nós estivemos em Paris, na Itália, Buenos Aires, Nova Iorque e outras grandes capitais. Por isso sabemos quem são os tipos que usam roupas extravagantes, cabelos lambidos e gestos inequívocos. Não são em absoluto, credenciados pelos verdadeiros homens, para ditarem moda. Raspem a cabeça, queridos mocinhos, deixem que volte um cabelo vigoroso e desgrenhado, assumam atitudes de homens de fato e de direito. Assim como vai não é mais possível. Elsa [9]

CI=SP= 18/09/1961 JO5 Campanha do silêncio. O juizado de menores iniciou há pouco uma campanha moralizadora contra a vadiagem e o desrespeito de menores em nossa cidade. Os resultados colhidos até agora atestam o acerto das medidas, verificando-se igualmente, nos espetáculos cinematográficos, um ambiente mais simpático e decente, ao contrário do que vinha sendo observado anteriormente. Estende, agora, o juizado de menores, em colaboração com a delegacia de polícia local, sua atividade para o setor da tranqüilidade pública, promovendo a campanha do silêncio, principalmente a noite, após as 22 horas. Pródigo nesse sentido são, entre outros, os jovens condutores de lambretas os quais, abusando e contrariando o código de posturas, trafegam altas horas da noite, com descarga aberta, provocando ruídos ensurdecedores, a par da expressão de palavras obscenas e de baixo calão. [6]

CI=LE= 30/09/1961 JNH Iluminação ou escuridão pública. Novo Hamburgo é uma cidade semi-escura. O centro da cidade, após serem apagados os neons dos anúncios comerciais, cai em uma perfeita

penumbra, que, de maneira alguma, se coaduna com uma cidade progressista e adiantada como a nossa. Continuamente vem acontecendo que ruas inteiras e até mesmos bairros inteiros permaneçam noites e por vezes semanas sem que a iluminação pública de os ares de sua graça. Não é possível que uma família saia à rua em tais e freqüentes ocasiões, pois a escuridão é tamanha que permite que tôda uma série de desmandos sejam cometidos. [2]

CI=AN= 14/10/1961 JNH Sub prefeito em repouso. Como todos sabem, o sub prefeito Schwann é conhecido nesta terra como o terror dos cães. Há tempos atrás recolheu uma barbaridade de cachorros que foram parar numa fábrica de sabão, onde passaram por diversos processos e posteriormente a pasta foi muito bem vendida, principalmente para os adeptos da campanha 'mãos limpas'. Há dias atrás, seu sub prefeito inventou de sair novamente com a carrocinha, mas desta vez foi muito mal sucedido. A cachorrada uniu-se e avançaram nele, mordendo-lhe tanto, e em tantos lugares, que o homem dos cachorros foi parar no hospital. Que na próxima vez seja mais vivo, em vez de deixar os bichos lhe morder, morda-os primeiro. Au! Au! Au!... [3]

CI=SI= 14/10/1961 JNH Mais uma sinaleira. Vendo o crescimento acelerado, constatando o grande movimento em nossa cidade, acharam oportuno providenciar mais segurança aos pedestres e aos condutores de veículos, sendo que esta providência vem de ser tomada com a instalação de uma sinaleira. [3]

AV=SI= 28/10/1961 JNH Sinaleiras não funcionam. Além de parca, a sinalização de nossa cidade sofre deficiência, pois que, constantemente, as sinaleiras, apenas duas, estão fora de funcionamento. Por vários dias, aquela na Pedro Adams Filho com a Joaquim Nabuco, em vez de auxiliar, constitui-se antes um perigo para o normal escoamento do trânsito nestas importantes artérias centrais da cidade. O condutor de veículos que com certa velocidade tenta atravessar o cruzamento, e não vendo nenhum sinal, fica duvidoso e se constitui num perigo para os transeuntes e para os demais veículos. [3-10]

CI=OB= 28/10/1961 JNH Campanha vamos dar número às nossas casas. Os leitores que moram em rua que ainda não possui número fiquem acompanhando estas publicações. Sugerimos aos moradores das ruas que nosso jornal publicar, que providenciem a numeração imediata de suas casas, quer comprando números individuais, quer pintando provisoriamente o número, até a colocação das placas. [2]

AV=PR= 11/11/1961 JNH No meio desta semana foram tiradas de circulação diversas meninas que estavam fazendo o trottoir no centro de Novo Hamburgo. O que aconteceu com elas? Qual foi o fim que tomaram? Nas respostas à estas perguntas é que se apresenta o grande problema que dia a dia cresce na cidade. A cada dia perdido maior e mais grave se torna a situação. Há poucos anos passados não existiam casos como estes. Agora já o temos. [4-10]

CI=EX= 11/11/1961 JNH Dez horas da noite, o comissário foi chamado para recolher um menor que perambulava pela rua sozinho. - Como é que tu andas aqui a esta hora? O garotinho, 8 anos, sujo, com um pão enfiado no bolso da calcinha, olha o comissário e com ar mais natural deste mundo e totalmente conformado explica: - Meu pai me deixou na rua. Ele tava bêbado... A miséria em Novo Hamburgo já se apresenta como um flagelo. São centenas, talvez milhares de crianças e adultos que vivem como bichos em toscos casebres sem as mínimas condições de higiene e conforto. A miséria se manifesta de diversas formas, sempre a procura de uma solução imediata para o pior dos problemas, a fome. Para comer, eles matam, roubam, pedem esmolas, e, por fim, se prostituem. Deve haver interesse maior, caso contrário em pouco tempo Novo Hamburgo perderá sua tradicional característica de cidade progressista porque a miséria e a prostituição ocuparão com primazia as manchetes dos jornais com os relatos escabrosos da sua proliferação. [4-7]

AV=SP= 18/11/1961 JNH Meu cantinho. Na próxima semana contarei a história do cidadão que disse uma gracinha para uma jovem, ali na esquina, e recebeu uma resposta digna de registro. Elsa [10]

CI=AT= 01/12/1961 JO5 Despachos na viação férrea. Durante muito tempo a viação férrea não aceitou, a despacho, calçados em embalagem de papelão, motivada pela pouca segurança que oferecia. Atendendo, porém, ao encarecimento da embalagem de madeira, e a insistentes pedidos das firmas produtoras, voltou agora a receber calçados a despacho em caixas de papelão, uma vez oferecendo perfeita segurança. [3]

CI=LE= 02/12/1961 JNH Explicação lógica. Depois de muitos estudos o Departamento de Cobras e Lagartos da Prefeitura que tem a frente o engenheiro de minas, nosso amigo 'zequinha', chegou a

triste conclusão que o mau estado dos asfaltos da cidade é devido a poeira atômica que já teria atingido nossa cidade, com reflexos na Hidráulica e CEEEEEE. Para evitar perigo de contágio, estas repartições estão aconselhando que não usem mais água de torneira nem acendam-na Luz durante a noite, para evitar conseqüências funestas como: constatar que não há água nas torneira e que as lâmpadas não acendem. [2]

AV=PR= 09/12/1961 JNH Menor abandonada, meretriz em potencial. Apresentávamos, naquela oportunidade, também as iniciais de diversas meninas que faziam trottoir nas ruas de nossa cidade, degradando-se e depondo assim contra os foros de civilização e de moral de nossa gente. Luiz Antônio de Moura [4]

CI=PG= 09/12/1961 JNH Nascidos em outras comunas. Em toda estatística levada a efeito em nossa cidade um fator ressalta aos olhos de qualquer leigo que a vá verificar. Trata-se do número de pessoas vindas de outros municípios que residem em Novo Hamburgo. Por incrível que pareça o número de forasteiros que aqui residem é bem maior que o número de naturais da terra. O número de hamburguenses é inferior ao número de forasteiros. [5-7]

CI=VT= 09/12/1961 JNH Meu cantinho. Temos visto, horrorizada, principalmente nestes dias quentes, muita menina bonita, com enormes penteados para a festa de gala, freqüentando as nossas ruas centrais, calçando estes chinelinhos tipo cai-cai. Convenhamos minhas amigas, isto é o que se poderia chamar de contra senso. Além de usarem aquelas horríveis 'melancias' que já me referi, mas que enfim, para um baile ou festa ainda serviria, andarem calçadas desta maneira não é possível. Está certo que usem estas chinelinhas tão cômodas e bonitinhas, mas me ajudem nesta tarefa de corrigir os homens, usem penteados esportivos. Assim como vocês andam, é o mesmo que ir a um baile de gala calçando tamanco. Elsa [10]

GA=CO= 09/12/1961 JNH Anúncio Lojas A Melodia [5-11]

CI=AN= 16/12/1961 JNH Animais soltos na Avenida Pedro Adams Filho. Segundo declarações de populares, motoristas de empresas de transporte, proprietários de carros, a Avenida Pedro Adams Filho vê seu trânsito prejudicado com o grande número de animais soltos, que transitam por esta movimentada via. Segundo nossa reportagem foi informada grande culpa recai sobre os proprietários de animais, pois que estes os soltam, sem saber onde os mesmos vão procurar forragem, vindo a prejudicar o movimento, mesmo em altas horas da noite. Irresponsáveis e desordeiros, quando notam a aproximação de algum veículo, tocam os animais soltos para a rua, pelo prazer de ver manobras perigosas de motoristas que desconhecem a situação, estão sujeitos a causar desastre. [3]

CI=LU= 23/12/1961 JNH Que a cidade está bonita, está limpa, está em festa para receber a grande data do Natal. Ninguém nega que Novo Hamburgo mantém a sua condição essencial de cidade limpa, cumprindo sua tradição e seus dotes de cidade líder no Rio Grande. Parabéns àqueles que mantêm tão cara tradição de cidade organizada e que traduz o esforço de seus filhos e o progresso tão almejado em todos os quadrantes da Pátria. Parabéns a sua administração que não tem poupado esforços para que Novo Hamburgo continue a ser exibida como cidade limpa e decente. Se os poderes mais altos, do Estado e da União Federal, viessem em socorro das necessidades que temos, por certo que Novo Hamburgo se tornaria a 'cidade sem problemas'. Falta-lhe luz, força, água, telefones, problemas que só podem ser resolvidos por outrem. Socorra-se Novo Hamburgo que ela continuará a aumentar o seu progresso indiscutível. Sinuhe [2]

CI=PG= 30/12/1961 JNH Obrigado Doutor. Uma cidade também adocece. Quando isso ocorre leva seus males a todos os habitantes. Novo Hamburgo não possui muitos males, mas os que existem, pessoas bem intencionadas tratam logo de debelar para que não se transforme em epidemia, em calamidade pública. Estas providências sempre tomadas em tempo hábil permitiram que a cidade presente, hoje depois de adulta, um aspecto sadio, vigorosa e que é motivo de admiração. Jota Feio [7]

CI=OB= 06/01/1962 JNH Do ponto de vista urbanístico e estético a Gomes Portinho representa uma total e completa negação dos mais comezinhos princípios da técnica de embelezamento de uma cidade. Hoje é um logradouro que recomenda a cidade. [2]

CI=OP= 13/01/1962 JNH Onda de arrombamentos. Novo Hamburgo, cidade industrial por excelência, vive intensamente o seu trabalho durante dez meses por ano. Período de tempo no qual tudo é dinamismo, tudo é dedicação, tudo é vontade de vencer e progredir. Dois meses do ano porém, a cidade entra em recesso. Não um recesso total. Mas sim uma pausa para descanso. As indústrias para permitir repouso para os heróis anônimos, que nas oficinas constroem o progresso de uma comunidade. Os meses

são de calor, e todos procuram um refugio para a canícula que se faz sentir. Deixam a cidade a procura de repouso e tranqüilidade. Podem encontrar repouso; podem fugir das agruras do calor, mas não conseguem a tão necessária tranqüilidade. Não conseguem porque Novo Hamburgo fica entregue a ninguém. Não conseguem encontrar a tranqüilidade porque as suas casas, que deixaram desocupadas, não estão seguras, não tem sua inviolabilidade garantida. Anualmente, nesta época, a cidade é sacudida por uma onda de arrombamentos que a todos sobressalta, inquieta e assusta. Este ano a situação nestes primeiros dias de Janeiro se tronou verdadeiramente calamitosa. [4]

CI=PR= 13/01/1962 JNH Naufrágio. Tendo falido a autoridade, nada mais resta a fazer. Dissolve-se a Comissão e que cada um vá para seus lares cuidar de suas filhas o máximo que puder e deixem que o 'mal necessário' tome conta da cidade e que o Império da Catarina continue mandando na cidade, ditando as leis e os costumes. Jota Feio [4]

AV=TR= 10/02/1962 JNH Problemas no trânsito. A balbúrdia, a complicação, a imprudência, o desleixo dos responsáveis, faz com que o centro de nossa cidade em matéria de tráfego, seja uma autêntica 'Babilônia'. O problema é o abuso das buzinas. É verdadeiramente impressionante a ensurdecidora sinfonia executada, principalmente pelos coletivos, pelas estridentes buzinas a vácuo e a ar em nossas ruas centrais, dando a impressão de as mesmas, grandes auditórios de espetáculo de cunho rocamboloso e alucinante. Alucinante sim, não é absoluto exagero de terminologia, pois que duvidamos que alguém que permaneça cerca de uma hora na Avenida Pedro Adams Filho não seja vítima de, pelo menos 3 a 5 choques provocados pela clarina de uma buzina manipulada por alguém que não imagina o malefício do seu procedimento. [10]

CI=AT= 10/02/1962 JNH Fiquei até hoje com minhas emoções de criança, quando via um trem enfumaçando o horizonte, e me arrepiava como se ele estivesse atravessando as savanas do oeste norteamericano, cercado de índios comanches, e hoje ainda paro para olhar a chegada e a partida de uma composição. Formei fileiras para lutar também pela sobrevivência da linha férrea ameaçada de abandono. Os trens não podem parar porque são impulsionados pelo coração dos homens que nasceram e viveram ouvindo a música das locomotivas e os chiados da pressão escapando pelas válvulas. Vinicius Bossle [9]

CI=PH= 17/02/1962 JNH Inscrições de Telefones. A campanha alcançou 742 interessados.. Novo Hamburgo, com sua pujança econômica e padrão de vida de seus filhos, poderia ter atingido a casa dos 2.000 aparelhos. da previsão do Estado, 1.100 pretendentes, houve assim uma procura de 70%, aproximadamente. [2]

PR=AF= 17/02/1962 JNH Praça, potreiro ou campo de concentração? Uma cerca de arame farpado, como foi colocada, em pleno centro da cidade, é uma verdadeira afronta aos níveis de civilização e cultura de nossa população. Uma cerca daquela apresentação somente poderia ser mandada fazer se já aqui estivesse chegado o sistema usado em alguns 'países democráticos' que é o campo de concentração. Esperamos que aquela horrível, vexatória e anti-econômica cerca seja o quanto antes destruída por aqueles que a edificaram sob pena de que se venha a própria população a se encarregar de tal o fazer. [Foto da praça em reforma] [9]

CI=OB= 24/02/1962 JNH Plano Diretor. Imaginem que logo Novo Hamburgo, uma pujança econômica do Rio Grande e que apresenta índices fabulosos de desenvolvimento, se observa a falta de um plano diretor. [2]

CI=CV= 10/03/1962 JNH Meu Cantinho. De carnaval só vimos o de rua, mas foi suficiente para notar que o mau gosto, a pornografia e a imoralidade ainda são os predicados maiores de alguns foliões. Os chamados Blocos humorísticos deviam merecer uma fiscalização mais severa, resultando na liberdade que alguns foliões de mau gosto tiveram, constringendo senhoras e moças, com obscenidades e gestos imorais. Elsa [6]

CI=CO= 16/03/1962 JNH Barco parado não rende frete. Surgem as interpretações de progresso, para uns os requintes da civilização, as linhas aero-dinâmicas do automóvel, o estilo funcional da residência, a gravata borboleta, o penteado tipo 'touca', o bronzeado da pele, um sem número de padrões estabelecidos pela moda. Outros se confinam nos problemas de produção, presos à própria expansão de sua fábrica ou curtume. Se comprares um carrinho nacional, vão dizer que teu balanço deixou muito a desejar; se tiveres a petulância de adquirir um auto de segunda mão, é certo que vão afirmar que tua fábrica 'anda pelas caronas', e até crédito vai te faltar. Por isso acho que deves comprar um 'grandão', para que todo mundo note que teus negócios vão bem. [3-7]

CI=CV= 16/03/1962 JNH Meu cantinho. Muitos elogios foram feitos ao nosso Carnaval de rua. Concordamos que foi o melhor da região, mas ainda está muito longe de ser um autêntico Carnaval de rua. O que se viu, foi apenas um desfile daqueles do tempo da ditadura, onde o garbo da juventude, a disciplina dos militares foi substituído pelo legítimo espírito do brasileiro fuleiro e irresponsável quando livre de seus compromissos e responsabilidades. O ano passado assistimos um dia de Carnaval no Rio de Janeiro e, apesar de termos nos escandalizado com o que vimos, podemos afirmar que o nosso Carnaval foi uma parada militar em marcha 'a vontade'. Deus queira que aquele carnaval que o carioca tanto preza, jamais chegue até nós. Aquilo não é mais diversão, não é mais alegria, é pura bandalheira, mas nunca carnaval. Há, meus caros jovens, as vossas extravagâncias colocadas ao lado daquilo, para uma comparação, transformar-vos-iam em noviças quando saem a passeio: de mãos dadas e encabuladas. Elsa [6]

CI=SP= 24/03/1962 JNH Perturbação do sossego público é contravenção. Uma população trabalhadora, dinâmica como esta desta pacata cidade, bem que merece um repouso reparador sem interrupções causadas por elementos que não sabem o mal que estão causando com seu desrespeito ao sossego público. [6]

CI=ON= 13/04/1962 JNH Meu cantinho. Tenho visto e comentado, por várias vezes, o comportamento dos jovens desta nossa simpática e progressista cidade, mas o que observei no interior de um ônibus que faz a linha entre Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, no horário de saída das aulas, francamente é um caso de polícia. Seria aconselhável que os diretores dos estabelecimentos masculinos, incluíssem na matéria de ensino, algo relacionado ao bom comportamento e respeito, principalmente para com as jovens alunas dos colégios Santa Catarina e Fundação Evangélica. Muitos esquecem que suas irmãs viajam no mesmo ônibus ou talvez noutro, expostas aos mesmos vexames, às mesmas vergonhas a que estão submetendo as que viajam em suas companhias. Seria o caso de se destacar alguns elementos da polícia Pedro E Paulo para acompanharem as jovens desde a saída dos colégios até o portão de suas casas, para livrá-las da sanha, do deboche de alguns transfigurados morais que freqüentam aulas e viajam de ônibus como se fossem civilizados. Elsa [3-4]

CI=VT= 28/04/1962 JNH Meu cantinho. A páscoa este ano, parece que exerceu profunda influência nas nossas jovens, levando-as a transformarem-se em verdadeiros ornamentos da Páscoa. Vimos assombradas, diversas garotas com os cabelos pintados, tingidos parecendo ovos de Páscoa, daqueles que estamos acostumadas a fazer em casa com anilina. Azul, marrom, vermelho, amarelo, enfim, todas as cores do arco-íris foram usadas por um grupo de jovens. Foi tão chocante, tão surpreendente o arrojo que não sabemos, ainda, se ficou bonito ou feio, se é moda ou exagero, se é atualização ou mau gosto. A primeira impressão que nos ocorreu é que as jovens, haviam aderido aos festejos de Páscoa de maneira nunca vista em nossa cidade, aproveitando à tintura que sobrou do tingimento dos ovos, em casa, para pintarem os cabelos. Elsa [10]

CI=LE= 05/05/1962 JNH Continua mal iluminada a cidade. Uma cidade como a nossa, que cresce, progride e desenvolve, defronta-se com um problema que em absoluto poderia dificultar ou mesmo entrar a sua marcha de encaminhamento para a condição de grande cidade. É um fator de enfeamento do aspecto noturno de Novo Hamburgo. Outras ruas existem que somente permanecem iluminadas até certa hora da noite porque o automático de controle está mal regulado, com sua revisão atrasadíssima e relaxada. Nesta situação se encontra até mesmo a artéria principal da cidade. A cidade ficaria imensamente grata se as luzes existentes fossem acesas e ainda mais, se nos locais que não tivessem postes de iluminação, fossem colocados, para que Novo Hamburgo não continue a ser uma cidade escura, onde o manto negro se faz sentir e notar, como se até aqui não tivessem chegado ainda os benefícios resultantes das descobertas dos últimos séculos. [2]

CI=LE= 15/06/1962 JNH Instalação de esgoto. A instalação da rede de esgoto em nossa cidade vem sofrendo uma protelação que geralmente ocorre quando estão em jogo os interesses da população de Novo Hamburgo. A realização desta obra é tão necessária para a nossa cidade, que vem se desenvolvendo extraordinariamente em todos os sentidos. As instalações de esgoto são absolutamente necessárias e das mesmas carece Novo Hamburgo, porquanto as obras viriam a facilitar posteriores edificações e melhoramentos públicos na cidade. [2-7-12]

CI=TP= 06/07/1962 JNH Solidão. Decididamente Novo Hamburgo enfrentará novos dias calmos, sem grandes festas. Muita gente preparando as malas para diversos pontos do país, onde gozarão as férias de inverno. Nossos clubes, neste mês, que deverá ser chuvoso e frio, permanecerão fechados. Nossas ruas, geralmente movimentadas, ficarão silenciosas e tristes, privadas da beleza e graça das jovens

que enfeitam a cidade. No verão, essa solidão que se abate sobre a cidade é mais suportável, amenizada, talvez pela beleza da estação. Porém no inverno onde tudo é úmido e frio, esse abandono parece que toma conta de tudo, envolvendo-nos também em seu véu de melancolia. [6]

CI=OP= 20/07/1962 JNH Novo Hamburgo até alguns anos atrás era uma cidade das mais calmas e pacíficas. Tudo era ordem, tudo era tranqüilidade. Todavia o progresso chegou. Rápido e absorvente. Com ele vieram as naturais decorrências de nosso desenvolvimento célere e quase imediata. A cidade de tranqüila passou a ser plena de estrépito. A calma deu lugar a movimentação desusada dos centros maiores. O pacifismo quase que desapareceu. Os fins de semana passaram a ser agitados. A polícia, que nem sequer tinha plantão, passou a se desdobrar, para acabar se apequenando ante as imagens ruins do filme do desenvolvimento. As arruaças deram lugar ao roubo, para o arrombamento, para o assalto. Novo Hamburgo é uma cidade até nisto. Também agora já tem ladrões. [4-7]

CI=TP= 20/07/1962 JNH As noites frias de julho, varridas pelo sibilar cortante e gélido do minuano, trazem consigo o espectro da morte, o estigma do sofrimento, a centelha da revolta. Quando se vai no horizonte o sol, que sob seus raios cálidos e amigos, abriga aqueles que só têm na natureza mãe a sua proteção, surge em toda sua plenitude, em toda a sua rudeza, o flagelo daqueles que vivem à margem do mundo, escorraçados da sociedade. Não conseguem eles compreender como pode o Supremo Criador, em toda sua magnitude e bondade, permitir que a natureza assim os fustigue, que sejam assim flagelados. anseiam que volte o verão, que encurte novamente as noites, que pare de soprar o minuano, para que tanta falta não lhes faça a luz, para que tanto frio não sintam, para que dentro de casa, tão desabrigados se vejam. Os pobres, os marginais, os que a sorte esqueceu, odeiam o inverno, não sentem a temperatura do minuano e, conseguem achar linda as noites estreladas de julho. [4]

PR=EX= 20/07/1962 JNH Bruxel, o vagabundo mais famoso de Novo Hamburgo, continua vivendo a sua vida de homem sem tempo e sem existência. Sentado nos bancos da praça, nas horas de sol, lendo o jornal; dormindo nas soleiras das portas dos depósitos da Viação Férrea; perambulando pelas estradas sem rumo, ele carrega seus dias num saco vazio. Para ele não existem os dias... Jota Feio [9]

AV=PG= 11/09/1962 JNH No meio da alegria singela de mais um passo dado à frente, uma pontinha de saudades daquele tempo em que a Avenida Pedro Adams Filho tinha a 'voz do poste' e as pessoas que desfilavam em noite de sábado eram todas nossas conhecidas... Saudosismo [10]

CI=DP= 11/09/1962 JNH Charge Bodo sobre o desfile onde o palanque desmontou. [4]

CI=OP= 21/09/1962 JNH Charge Bodo sobre a revolucionária moda masculina para o próximo verão, lançada na Vila Diehl. 'a nossa maneira de vestir'... Ah se a moda pega. [4]

AV=TR= 30/10/1962 JNH Mão única na Avenida Pedro Adams Filho. Medidas urgentes são reivindicadas para por fim a esta enorme balbúrdia que presentemente se verifica nas ruas mais centrais de nossa cidade, mormente nos momentos de mais intenso movimento. [10]

CI=AF= 06/11/1962 JNH Meu cantinho. Novo Hamburgo progride tanto, que basta ficar-se fora alguns dias para se observar quanta coisa surge durante a ausência. Fredy Bar é uma inovação agradável. O edifício Charrua já está sendo vestido. A praça 20 foi moralizada... a 14 de julho ainda não. Muitas ruas centrais asfaltadas. Uma bonita escadaria embelezou a Gomes Portinho. É uma maravilha a gente poder observar como acontecem estas coisas em tão pouco tempo e que servem para demonstrar que aqui se faz alguma coisa. [2]

CI=LC= 06/11/1962 JNH Os nosso amigos, embora de 'bambuchas' estão diferentes, mais respeitadores, mais civilizados. Só continuam não dançando, preferindo a copa às garotas bonitas, durante o baile. Mas temos esperança de que também, neste particular, as coisas mudem para melhor. Elsa [6-10]

CI=OB= 06/11/1962 JNH Plano Diretor. O plano diretor, tem a finalidade de traçar normas disciplinatórias do crescimento das cidades. Não se concebe, por isso, que possa uma comuna se desenvolver e progredir, sem que haja um plano pré-determinado de orientação do setor urbanístico. Os resultados negativos de um crescimento em condições de ampla liberdade, causam um futuro imediato, problemas profundos que poderiam ser facilmente evitáveis se desde logo a comunidade seguisse um plano bem orientado e estruturado. É a certidão de batismo, um tanto atrasada é verdade, mas que ainda chega em tempo para se construir algo de grandioso e definitivo para o futuro. É também uma medida corajosa que deverá ser tomada antes que o mal se torne insolúvel. [2-7]

CI=VT= 06/11/1962 JNH As jovens abandonaram aqueles horríveis penteados que as assemelhavam a soldados em dia de parada. [10]

AV=TR= 10/11/1962 JNH Mão única. Ressalta-se a importância que ele representa para a comunidade. Os acidentes se sucedem um após outro, ceifando vidas e causando danos materiais, com ausência de medidas disciplinares e com uma fiscalização deficiente para fazer executar as normas vigorantes. Enfim era uma situação retratada como insustentável. [10]

CI=NT= 24/11/1962 JNH Embelezamento da cidade para as festas natalinas. Consiste na colocação de lâmpadas, das mais diversas cores nas árvores das ruas centrais da cidade, em especial da Avenida Pedro Adams Filho, artéria principal. Dentro de mais algum tempo, portanto, a cidade estará mais uma vez engalanada, ocasião em que o aspecto do centro tornar-se-á dos mais acolhedores, notadamente à noite. [2]

CI=TR= 05/12/1962 JNH Providências no trânsito. Acontece que, em diversas oportunidades, veículos tem desobedecido ao determinado, pondo em risco os que confiadamente não se preocupam com a possibilidade da desobediência; temos visto caminhões estacionarem obliquamente, o que também implica em dificuldades para o livre trânsito; os estacionamentos no lado proibido dificultam os que estão manobrando para sair do estacionamento oblíquo, obrigando a fazer mais de uma manobra. Para de propósito o trânsito, confiados em sua impunidade e no tamanho de seus veículos, verdadeiros 'monstros' de aço a circularem ao seu bel prazer em todos os sentidos. [3]

CI=SP= 05/01/1963 JNH Cidade tomada por verdadeira e terrível praga de mosquitos. Além do gritante problema da falta d'água, a cidade vem se defrontando com um outro que se não assume as mesmas proporções do primeiro, ao menos vem provocando o mesmo côro de reclamações, a mesma onda de pedidos de providência. Também este problema se manifesta mais duramente por ocasião dos meses de verão, quando então a população de nossa cidade sofre diversas privações e sofrimentos que parecem não comover em nada as autoridades responsáveis. A cidade, para ser mais explícito, está tomada por uma invasão de mosquitos, que se constituem, a esta altura, os verdadeiros donos das noites de Novo Hamburgo. Deste fato temos conhecimento por intermédio de diversas vozes populares que até nós chegaram e, também por experiência própria da Reportagem, que, por infelicidade, também tem tido suas noites plenas da presença dos irritantes zumbidos e, das malfadadas picadas, isto sem contar com as indeléveis marcas que ficam, resultantes da inglória luta contra o mosquito. Sinceramente, jamais tínhamos verificado tamanha quantidade de mosquitos em nossa cidade. Realmente, todos os anos, por esta época, aumenta consideravelmente o número destes insetos, mas na proporção que presentemente se fazem sentir não tínhamos até agora conhecimento. Em verdade os mosquitos de adonaram da cidade industrial. [7-12]

CI=SI= 12/01/1963 JNH Por outro lado, já se acostumou a cidade, tanto motoristas como pedestres, a se guiarem pela sinalização luminosa na orientação de sua movimentação nos locais aludidos, vindo assim o não funcionamento a causar duplo embaraço, que qualquer instante poderá provocar acidentes de grande mostra. [3-10]

CI=PG= 19/01/1963 JNH Metamorfose de Novo Hamburgo. Imaginou Novo Hamburgo como sendo um São Paulo miniatura, porque aqui como lá, tudo é trabalho, dinamismo, ânsia de progresso, um ritmo acelerado de desenvolvimento e aquela vontade firme de vencer nos mais arrojados empreendimentos. Novo Hamburgo estupidamente transformado num centro industrial de uma vasta e futura região, oferecendo ilimitadas possibilidades de maior desenvolvimento. Há mais de trinta anos era comum, vulgar mesmo, ouvir-se falar quase que exclusivamente a língua alemã nas casas de comércio, nas sedes sociais, nos bares, nos cafés, nas reuniões, enfim onde quer que fôssemos ou estivéssemos. Se caminharmos pela avenida central ou freqüentarmos os nossos bares, cafés, cinemas ou outras casas públicas, já não se nota mais aquela predominância da língua alemã, até outra bem diferente que nós outros ainda não entendemos. Encontramos aqui o grego Nathan, o romeno Nicola, o turco ou sírio Ahmud, o polonês Petrowoski, o espanhol Carrasco, o italiano Sefadi, e porque esquecer o velho tronco, o português Isaias. Mais adiante vamos encontrar o ex-alemão Schubert, o ex-alemão Fink e assim formando uma maravilhosa sinfonia étnica, cada um de seus componentes trazendo para nosso meio os conhecimentos, experiência e cultura de suas terras de origem para enriquecer este Novo Hamburgo. Plínio Arlindo de Moura. [7]

CI=OB= 26/01/1963 JNH Prefeitura exigirá demolição. Quando lá pelo ano longínquo de 1950 a cidade se viu abalada pela idéia temerária da construção de um edifício de 16 andares, poucos foram os

que se manifestaram, com medo de serem considerados retrógrados, ou anti-progressistas. Todavia muitos, mais experimentados e sisudos, tiveram oportunidade de dizerem da impossibilidade da realização do projeto, apontando alguns dos muitos motivos que então impediam o bom êxito do empreendimento. Mas estes foram arrastados no turbilhão que então se formava e, propugnava irredutivelmente pelo imediato início dos trabalhos de edificação. Depois de alguns anos o abandono foi então total e completo. Os primeiros trabalhos, os primeiros vestígios de uma futura e grandiosa realização vieram a se tornar uma autêntica tapera. Os marcos iniciais da futura e planejada majestosa construção passaram a ser espectros, como se por ali tivesse passado um tufão. Tudo esta acabado. Nada mais restava como esperança. O imóvel apresenta péssimo aspecto, é ponto de reunião de desordeiros e maloqueiros, ali, também, os mosquitos encontram campo para proliferar. Talvez através da iniciativa oficial se consiga alterar a apresentação daquele imóvel, que hoje somente enfeia a cidade. Todos os esforços se concentram para transformar nossa cidade em uma das mais bem urbanizadas do Rio Grande e do Brasil, não se concebe nem compreende, em plena avenida principal um local tão imundo, tão anti-estético como este. Quando milhares deverão afluir a nossa cidade, não é de bom alvitre, que acintosamente, seja exposto aos mesmos um quadro que deslumbra quando se transita pela Pedro Adams Filho, ou se repousa na Praça 14 de Julho. [2-7]

CI=OB= 09/02/1963 JNH Plano diretor. Porque essa preocupação em prever no plano a transferência da Prefeitura para a zona comercial da cidade, quando o objetivo do plano é disciplinar o crescimento colocando cada coisa em seu lugar? Deveríamos nos preocupar com aquilo que é uma necessidade e ainda não está feito, e não sempre seguir aquela velha mentalidade de tudo estar ao lado da igreja. [2]

CI=DP= 20/04/1963 JNH Hino a Novo Hamburgo. Dedicado a FENAC por Leopoldo Petry. Novo Hamburgo, baluarte altaneiro de trabalho intensivo e cultura, Onde a ordem unida ao progresso, Produziu bem-estar e fartura. Onde um povo ordeiro e pacato Em esforço continuo se expande Do Brasil ao progresso servindo E a grandeza do nosso Rio Grande. Onde os homens em tempos passados Os azares da sorte enfrentaram E vencendo a floresta ainda virgem Do futuro alicerces lançaram. De paragens longínquas chegados Onde medra o frondoso carvalho Nestas plagas de esbeltas palmeiras Iniciaram proffcuo trabalho. Suas esposas. Heroínas sublimes, Não deixando os maridos sozinhos, Corajosas à selva seguiram Sobraçando os queridos filhinhos. Em união com os filhos pioneiros Doutras terras, com nobre heroísmo Do progresso as estradas abriram Animados de patriotismo. Sempre unidos, semeia e plantam Satisfeitos recolhem a messe Quando a terra, premiado o trabalho Seus tesouros, em paga oferece. E onde ranchos outrora se viam, Confortáveis vivendas se reguem, Onde a densa floresta imperava, Progressistas cidades nasceram. Guarda sempre, terrinha querida Do passado a herança sagrada E põe todo esse rico tesouro A serviço da Pátria adorada. Pois, assim colherás altaneira, Do labor merecida vitória, E teus filhos, dos pais de orgulhando Cultuarão, com fervor, sua memória. [7]

PR=OB= 18/05/1963 JNH Remodelação da praça 14 de julho. A praça 14 de julho, a mais central de nossa cidade, deverá sofrer, nos próximos dias, total remodelação. Deverão ser adotadas medidas que venham impedir novas depredações e mutilações do tradicional jardim. [9]

CI=SG= 01/06/1963 JNH Policiamento. Os Pedro e Paulo vinham realizando fiscalização, tanto com os malandros que proliferavam em nosso meio e, em particular, nos principais pontos desta cidade, como no setor de trânsito, efetuando uma fiscalização rígida, desde o estacionamento irregular, até a habilitação do motorista, deram melhores condições ao nosso trânsito, tão cheios de erros e defeitos crônicos. Sua ação moralizadora permitia um livre trânsito, tanto de pedestres, em especial do sexo feminino, que se viram livre dos incômodos e impróprios 'Don Juan' que aqui infestavam, como de veículos, sem a probabilidade de serem 'abalroados' e intimados, com a possibilidade de levar a pior, pelos filhinhos de papai rico. À noite já se tornaram tranqüilas, afastadas que foram do centro as pistas de corrida e a experimentação de roncões de motores, pelos diversos competidores locais. Tudo isso resultou em paz e tranqüilidade permanente, em muitos setores. [4]

CI=LC= 13/06/1963 JNH Ciclo-motores e lambretas. Na manhã de domingo, as avenidas centrais de Novo Hamburgo viram-se tomadas por grande massa humana, que acorreu a fim de assistir às provas de ciclomotores que ali iriam se realizar. Para a satisfação de todos, as mais altas autoridades municipais estiveram presentes, desta maneira, prestigiando o acontecimento que contou com um ótimo serviço de policiamento. [6]

CI=DP= 12/07/1963 JNH Desaforo. Contava-me quarta-feira à noite o historiados Leopoldo Petry cuja memória é um arquivo de fatos curiosos e interessantes, que em 1922, quando veio para Novo

Hamburgo era um dos poucos borgistas e as paixões políticas acirradas da época faziam dos membros de uma e outra facção inimigos figadais em todos os sentidos. Depois, em 1932, o historiador foi preso, por ter aderido à revolução constitucionalista, num clima ainda de excessiva exaltação partidária. Naqueles dias cumprimentar um adversário era uma desonra quase, e não se ia nem ao enterro do líder da facção inimiga. Vinicius Bossle [1]

CI=UC= 19/07/1963 JNH Ruas e vidas estreitas. Viver numa rua estreita que nem dá passagem a dois carros, ruelas desprezíveis onde as casas de um e outro lado ameaçam violar todos os sigilos, é andar com as janelas abertas à indiscrição sem maldade dos vizinhos. Disseram que a rua era bisbilhoteira, e eu custei a entender. E a ruazinha, do tamanho de uma quadra, tem o colorido de certos filmes neo-realistas a modo dos diretores italianos, com suas comadres trocando novidades na hora de varrer as calçadas ou da passagem do verdureiro. Vinicius Bossle [3]

GA=CO= 26/07/1963 JNH Anúncio da loja A Melodia [5]

CI=CN= 09/08/1963 JNH Cinemas: desordeiros prejudicam sessões. Há muito tempo temos notado, em sessões cinematográficas, nos diversos cinemas da cidade, a presença de certos elementos que, decididamente, não merecem estar no meio de um público respeitável. Esses elementos dedicam-se, todo o tempo, a dizerem suas 'piadinhas' a respeito da película que está sendo projetada, desrespeitando a todos no interior da casa de espetáculos. Isso tem-se dado freqüentemente. Muitas vezes, os fiscais encarregados, localizam o 'engraçadinho' e o punem, expulsando-o do interior do cinema porém, no momento em que este não é localizado ou, antes disto, o público assistente permanece ouvindo palavrões por eles ditos, que são verdadeiros vexames. Um exemplo disso foi na noite da última quarta-feira no Cine Avenida. É de lastimar que estes elementos ainda permaneçam com livre entrada nas casas de espetáculos da cidade, pois, se assim continuar, chegará o dia em que um chefe de família não mais poderá levar os seus a assistir uma película, a menos que queira os expôr a ouvir as baixeiras ditas por esses maus elementos. [6]

CI=CL= 27/09/1963 JNH Comício de Bêbado. A noite se aproximava da divisa com a madrugada. A cidade bocejava. Nas ruas, já predominavam os bêbados, as meretrizes, os vagabundos. Nos bares, a boêmia. De quando em quando, de algum aparelho de rádio, percebia-se a voz profunda de um orador de programa político de todas as semanas, proclamando a excelência de sua gente e de sua pregação, indiferente ao conhecimento público do negativismo de sua trajetória. Mesmo porque fazia promessas e acusava adversários. E o populacho gosta de agressões. E também de promessas... Na esquina, um ébrio oscilava entre a vertical e a horizontal, certamente sob o peso do cigarro, torto e apagado, que lhe pendia dos lábios em babugem. Três rapazes, cantarolando e fazendo algazarra, dele se aproximaram. Pediu então: - Ei moço... dá o fogo. O grupo estancou. Mais pela perspectiva de uma experiência nova ou de uma 'gozação', do que de espírito de solidariedade humana. Um deles acendeu o cigarro do alcoólatra: - Estás ruinzinho, heim, velho!... - Ruinzinho não... estou afogando... - Afogando as mágoas? Ou a fome?... - Afogando a vergonha de ser brasileiro. Concluiu o 'pudim de cachaça' no vaim de sua maré de garrafa. Eurico de Azevedo [4]

CI=CN= 04/10/1963 JNH Trailers impróprios. Não é concebível que em sessões de censura livre, sejam exibidos 'trailers' de filmes impróprios, onde aparecem cenas de verdadeiro atentado a moral e vandalismo, que ferem as mentes em formação do grande número de crianças que se encontravam naquela sala de espetáculos para assistir ao filme 'As diabruras de Marisol'. Tassilo Becker [6]

CI=LE= 11/10/1963 JNH Malfeitores quebram 20 lâmpadas fluorescentes. Há tempos, cenas de verdadeiro vandalismo vêm sendo praticadas durante as noites, nesta cidade, por elementos que, por seus atos, podem e devem ser enquadrados entre os débeis mentais. Por motivos ignorados, muito possível por maldade, estão destruindo um bem público, a beleza e segurança da cidade, que é a iluminação fluorescente. [2]

CI=VT= 11/10/1963 JNH Ele e elas, as vitrinas e o sexo. Duas ou três jovens olhavam embebecidas a grande vitrina com sua decoração moderna. Mocinhas ainda, comentavam a linha de artigos, sua cores vivas, seus bordados e seus enfeites. Blusões soltos dos tipos 'Martinica', 'Majorca' ou 'Capri', mereciam comentários das garotas. Os slacks 'mel' ou azuis arrancavam gritinhos e 'ohs' das mocinhas, e elas eram uma propaganda para a vitrine. Mas senhor, exclamei dentro de mim, que faziam as garotas diante daquela exposição quase imprópria para suas idades e seu sexo! Elas estavam diante de uma vitrina ampla de artigos masculinos, e vi que sua animação não era resultado de curiosidade ou excitação, mas simplesmente que apreciavam os artigos. Vejam. Para nós eles não fazem coisas tão

bonitas e delicadas. Fiz uma inspeção rápida pelos artigos, e vi que pelo menos os homens se mostravam mais pudicos e não expunham suas peças íntimas como cuecas, sungas, cintas elásticas e outros implementos de sua estética física. Do outro lado os rapazes não deixavam de passar rápidos olhares pela vitrina do sexo frágil mentalmente com outros propósitos, calculando as medidas daquilo que iria encher roupas alvas e transparentes. Qualquer dia eles e elas vão empatar, usando as mesmas coisas. Hoje um pai que tem filhas mocinhas já tem dificuldade em encontrar seu casaco de pijama, seu blusão de lã, sua calças justas, etc. Pensei numa campanha moralizadora junto ao comércio, evitando que suas vitrinas se tornem locais impróprios para menores. Mas o vocábulo sexo tem hoje um significado todo especial, e o entendem diferente as diversas idades. O cronista deve se atualizar para compreender todas as interpretações. E conclui que seria muito mais ilustrativo e educativo, e que auxiliaria inclusive a orientação pedagógica, que os vitrinistas de casas de modas masculinas não escondessem as peças do vestuário íntimo dos homens. E as há também coloridas, com pintinhas ou listradas, verdadeiramente umas gracinhas. De qualquer forma os taludos representantes do sexo forte não vão poder concorrer com elas em desfiles de modas, vestidos ou despidos. Talvez aconteça com os sexos o que dizem os cientistas estar ocorrendo com o mundo, que fica mais frio de ano para ano. Daqui uns dez séculos, se os cientistas tiverem razão vamos acordar montados num iceberg. E os sexos, evoluindo cada um na direção do outro com vitrinas ou sem elas, poderia provocar no ano 20.000 uma confusão dos diabos. Daí não se precisaria mais vitrinas para eles e elas e nem letreiros luminosos para indicar na escuridão dos cinemas certos locais reservados. Vinícius Bossle [7]

AV=UC= 08/11/1963 JNH Impressões de uma avenida. Finalmente, depois de tantos anos de existência, chegou a minha vez de falar. Entretanto, antes de eu começar, quero que procurem a definição de rua em um dicionário; lá lerão: 'caminho ladeado de casas, paredes ou renques de árvores, numa povoação. Sim, é assim que vocês, os homens, pensam em nós, as ruas; como se fôssemos seres inanimados, que não sentem nada, simples coisas postas ali para servi-los; como se nós, as ruas, não fôssemos preciosas colaboradoras dos homens, sempre cumprindo nossa missão: permitir aos homens uma rápida locomoção, um meio mais fácil de se dirigirem aos mais diversos lugares. Apesar disso, nós, as ruas, sabemos de nossa importância e nos orgulhamos dela. A esta altura, se vocês estão pensando no que lêem, já deram conta de que é uma rua que está falando, e talvez estejam pensando: 'Ora, desde quando rua sente, se orgulha?' Este pensamento é característico dos homens, e eu esperava por ele, pois segundo sua filosofia, só eles raciocinam, tem sentimentos. Isto acontece porque vocês nunca deixaram de ser homens, nunca foram ruas. Vejam meu caso, por exemplo. Sou a principal artéria desta cidade. Por mim transitam, diariamente, milhares de pessoas, e os mais variados tipos de veículos. E eu sinto de maneira mais intensa possível. A alegria, as preocupações, a felicidade e o drama de cada um deles, principalmente daqueles cujos passos já me são familiares, daqueles que me percorrem todos os dias. Sei que os primeiros a aparecerem são os padeiros e leiteiros, céleres, passam os operários, dirigindo-se ao trabalho. Em seguida chegam as comerciárias que, em seu passo saltitante, transbordam de esperanças e sonhos. Ao mesmo tempo, estudantes discutindo a lição do dia ou contando a última do professor, pisando em minhas calçadas, dando-me uma alegria toda especial, cheia de carinho e admiração. Mais tarde, aparecem os homens de negócios com sua infalível pasta preta; as mães, sempre apressadas e preocupadas com suas compras; e os imprescindíveis jornalistas: '-Corree-ii-oooo... Diário'. Sim, estes são imprescindíveis, pois os homens sempre compram jornais, para estar a par dos acontecimentos. E ao lê-los, preocupam-se com o que acontece pelo mundo, inquietam-se ao ver o que se passa na capital do país, horrorizam-se com o que lêem nos artigos do Comis. Bergmann e na crônica policial. E pensam assim: 'Ainda bem que isto é por lá, não nos atinge'. Pobres homens, que olham mas não vêem, ouvem mas não escutam. Eu, uma rua, poderia lhes contar muita coisa. Vejam, por exemplo, aquele engraxatzinho, ali na esquina. Tem dez anos, mas parece ter oito. Suas roupas são as mesmas, quer chova, quer faça frio ou calor. Seu pés nus e cansados pisam as calçadas de lá para cá: 'Graxa hoje, seu moço?' E há também o pequeno jornalista que grita: 'Leiam as últimas notícias' - sendo ele analfabeto. Entretanto, eu me orgulho destes, por seu trabalho e esforço. Deveriam seguir seu exemplo alguns dos meus mais contundentes homens de negócios, transeuntes, certos 'escio' que só andam pelos cafés, bancos de praça, desperdiçando seu tempo, sua juventude, seu imenso potencial humano. São gente que tem tudo, e não tem nada. Gente rica, mas mais pobre do que meus engraxatinhos. Mas porque são tantos os tipos contrastantes, que por mim transitam, porque eles me fazem ver tudo o que o homem é e pode ser, é que eu gosto dos homens, gosto de ser uma rua, gosto de ser a Avenida Pedro Adams Filho. [3-10]

CI=AF= 08/11/1963 JNH Foto aérea do centro.

CI=SP= 08/11/1963 JNH São eles os donos. Não é de hoje e nem sou o primeiro a dizer que Novo Hamburgo está se tornando uma das mais barulhentas cidades do Vale. É claro que parte do barulho é proveniente de seu progresso. Já houve tempo e eu bem me lembro, após as 21 horas, não se encontrava viva alma na rua. Nos sábados o movimento espichava um bocadinho e esse bocadinho era bocadinho mesmo. O domingo já não conta. Entrava no padrão dos outros dias da semana. O tempo passou, a 'Voz dos postes' sumiu, a Pedro Adams virou uma via só e o barulho cresceu. Hoje, às 23 horas é comum o movimento de pessoas no centro da cidade. A maioria são nossos estudantes, que após queimarem pestana sobre os livros, estão voltando para suas casas. Bem, mas esses não fazem mais barulho que o normal. Os donos da algazarra são outros. E entre eles se destaca uma classe toda especial: donos de lambretas. Lauro Diogo de Jesus [6]

PR=NT= 06/12/1963 JNH Aproxima-se o Natal: cidade já está ganhando um novo colorido. Desde o fim da última semana, iniciaram-se na cidade, os trabalhos de ornamentação para as festas de fim-de-ano que se aproxima a largos passos. A prefeitura já providenciou a ornamentação da avenida central da cidade, praça 14 de julho. Dentro de mais alguns dias, surgirão os primeiros papais-noel a desfilar pela cidade a recolherem as listas da criançada, que contenham a discriminação de brinquedos para o Natal. [9]

CI=OB= 17/01/1964 JNH Novo edifício na cidade com 9 andares. Na Bento Gonçalves, esquina Mariano de Mattos será construído moderno edifício com 9 pavimentos. A iniciativa é de um grupo de industriais, que sentiu a necessidade de construção do prédio, para possibilitar a existência de um número maior de apartamentos, lojas e salas, em nossa cidade. Será construído no antigo prédio onde funcionou o jornal 5 de abril, que já se encontra demolido, dando, assim, lugar a nova construção que será iniciada imediatamente. [2]

CI=SP= 24/01/1964 JNH Onda de Mosquitos. Verdadeira 'onda' de mosquitos invadiu a cidade, com a chegada do verão. Conforme a zona onde reside, a população não pode mais dormir sossegada, pois os pequenos insetos não deixam. E a cada dia que passa e que aumenta o calor, mais e mais se reproduzem e mais a cidade sofre. [7-12]

CI=OP= 31/01/1964 JNH O problema é nosso. Parece incrível, mas, de uma hora para outra, Novo Hamburgo transformou-se de pacata e ordeira em uma cidade turbulenta e perigosa. Talvez nem todos saibam mas já houve tempo, não muito longínquo, que entre um e outro homicídio na 'Courocap', passavam-se dez anos. Parte destas ocorrências é decorrente do pesado ônus pago por uma cidade que cresce a olhos vistos. O progresso cobra, em acontecimentos negativos, os benefícios que trás. Lauro Diogo de Jesus [4-7]

CI=SG= 07/02/1964 JNH Guarda noturna particular. Deverá ser criada a guarda noturna particular que terá a seu encargo a vigilância noturna dos estabelecimentos públicos, comerciais, industriais, bancários, empresas de qualquer natureza, casas de diversões públicas e residências particulares. O fardamento de defesa do pessoas da Guarda Noturna Particular (revólver e cassetete) e o transporte (bicicleta) serão fornecidos pela Associação, despesa essa que deverá ser coberta com o valor da jóia. [4]

PR=ET= 28/02/1964 JNH Demolição do prédio da Viação Férrea. É uma afronta isto que a Viação Férrea faz, pondo aos olhos e ao uso da coletividade de Novo Hamburgo, uma estação e um armazém da Viação Férrea, no estado em que se encontram, no centro da nossa cidade, em plena praça principal. Estou tão revoltado por esta afronta humilhante, que faço questão de levar ao local, para que vejam com os próprios olhos, todas as personalidades influentes que nos visitam. Um prédio apodrecendo, no centro da cidade, onde vem todos os turistas, onde se localiza todo o grande comércio, e onde se costuma reunir toda a população nos grande dias de festas. Um prédio com telhado apodrecendo, pedaços de construção caindo, vidros quebrados e as paredes cheias de buracos num atestado doloroso de decadência e de falta de interesse para com nossa comunidade. (palavras de Niveo Friedrich - prefeito) [9]

CI=AN= 06/03/1964 JNH Cães. Como ocorreu a tempos atrás, anda a solta pela cidade um ou mais elementos criminosos, que por certo sem terem ocupações, ou então possuem algum recalque, usam-se das noites para envenenar cães. Os envenenamentos tem ocorrido nas zonas centrais da cidade, todos com o mesmo processo. [3]

CI=TR= 06/03/1964 JNH Parece-nos que Novo Hamburgo é a 2ª cidade do Brasil que mais automóveis tem, em relação ao número de habitantes. A cidade tem 70 mil habitantes e na delegacia tem quase 5 mil carros registrados. Isto é nada menos que 1 carro para cada 14 pessoas. Alguém soube e

informou que um cidadão novo-hamburguês comprou na semana passada 15 autos Volkswagen, para aplicar aparte de seu 'capital'. [3]

CI=CO= 04/04/1964 JNH Novo Hamburgo não parou. Novo Hamburgo deu mais um exemplo à Nação ao não tomar conhecimento do movimento de anarquia que se procurou estabelecer no País, com a queda do presidente João Goulart. Todas as indústrias estiveram trabalhando normalmente e nenhum movimento que pudesse provocar desordem foi visto na cidade. Este é um dos motivos que fazem o progresso de Novo Hamburgo. Somente através do trabalho, do empenho honesto e criterioso de nossos governantes é que o Brasil chegará a dias melhores. [1-4-5]

PR=EX= 17/04/1964 JNH Medonho já faz parte da fisionomia de Novo Hamburgo. Sua pessoa não melhora esta fisionomia mas a caracteriza. Ele não incomoda ninguém mas é incomodado pelos outros. Aquele saquinho de matéria plástica que enche de notas de um e dois cruzeiros é a sua fortuna. Dentro de sua mente transtornada aquele dinheirinho, amealhado de um e de outro, deve representar algo muito importante e nisto está sua grande desgraça. Tocar em tal tesouro significa atingi-lo tão profundamente que Medonho sofre uma crise violenta. Tal fato passou a fazer parte de um programa de divertimento geral. Lauro Diogo de Jesus [9]

CI=LC= 09/05/1964 JNH Não faz muito tempo, algumas pessoas foram chamadas à delegacia de polícia local. Lá foi-lhes passado um 'pito' por terem atentado contra o sossego público. No dia, ou melhor, na noite anterior estiveram fazendo serenata. Este foi o motivo da queixa apresentada à polícia. Eu discordo completamente do 'artigo' em que os moços foram 'enquadrados'. Serenata, em qualquer dicionário que se preze, é descrito como 'concerto simples e melodioso, feito à noite e ao ar livre'. Ora, convenhamos, tudo aquilo que é simples e melodioso não pode incomodar ninguém. Serenata é algo já incorporado ao nosso folclore. Aqui vão alguns exemplos de atentado ao sossêgo público, comuns em nossa cidade em horas tardias: lambretas de descargas abertas, automóveis idem, algazarras de mocinhos bonitos que saem dos bailes, estouros de foguetes, etc. Isto sim, incomoda. Lauro Diogo de Jesus [3]

CI=VT= 30/05/1964 JNH Receita infalível para vender qualquer coisa em Novo Hamburgo, até uma passagem marcada para o ano dois mil, com destino a lua: vendedoras jovens, bonitas e modernas. Vinicius Bossle [5]

CI=TR= 12/06/1964 JNH Novo Hamburgo, no setor de trânsito, apresenta um quadro muito parecido com baile público às quatro horas da manhã, isto é, ninguém se entende mais. Existem, nos volantes de lambretas e automóveis, menores sem habilitação, adultos idem e os eternos 'pintacudas de cidade'. O pessoal da DP entrou 'mandando brasa' e a coisa mudou de figura. Mas um pequeno senão. É a maneira acintosa e às vezes mesmo um tanto brusca, com que estão sendo interpelados os motoristas pelo pessoal da Brigada Militar. Lauro Diogo de Jesus [3-4]

CI=PG= 31/07/1964 JNH Novo Hamburgo e os turistas. O movimento enorme de transeuntes que passam pelas nossas calçadas, a agitação nas lojas e fábricas é um aspecto muito interessante que se apresenta aos nossos olhos. Nossa cidade, além de sapatos, oferece aos turistas uma bela visão: é uma cidade bonita, limpa e agradável, com lugares bonitos que merecem ser vistos. Somos uma cidade moderna, mas também temos nossas falhas e uma delas é a falta de bons hotéis. Não temos em nossa cidade um hotel que ofereça a seus hóspedes todo o conforto, bem-estar e divertimentos possíveis. [3-7]

CI=CN= 14/08/1964 JNH Aconteceu por aí... Ninguém desconhece que a televisão invade os lares; penetra como um cinema caseiro e todos assistem seus programas, sejam bons ou sejam maus. Velhos, moços e crianças, hoje ficam em casa para saborear os programinhas que a televisão exhibe... Houve tempo que, aqui em Novo Hamburgo, um indivíduo explorava descaradamente os infelizes engraxates. Sinuhe [6]

CI=SP= 11/09/1964 JNH Minha cidade é assim... Minha cidade, como todas as outras do mundo, é formada por um conjunto de famílias. Essas pessoas brincam, riem, choram, sofrem, amam... Não se concebe que numa cidade evoluída, como é o caso de Novo Hamburgo, ainda se use método tão arcaico para extravasar sentimentos de euforia e regozijo. Os moradores do centro da cidade, onde são inúmeros os edifícios existentes, sabem, por amargas experiências, o que significa a prática de soltar foguetes. O foguete soltado ao nível da calçada explode exatamente 'dentro' dos apartamentos em planos mais altos. Como se sentiria qualquer um desses eternos fogueteiros, se nós fôssemos para a frente de suas casas e explodíssemos diretamente contra suas janelas, uma série de rojões, a uma ou duas horas da madrugada. [6]

CI=LU= 25/09/1964 JNH Cidade limpa, povo educado. Quando passamos pelas principais ruas de Novo Hamburgo, especialmente pela Avenida Pedro Adams Filho, notamos que cada vez é maior o número de turistas que encontramos. Um grande fator é a beleza de nossa cidade. Beleza que vemos em todos os lugares, tanto de dia como de noite. Os senhores já notaram que a beleza da cidade não desaparece quando vem a noite? Não desaparece porque a iluminação pública, com luzes fluorescentes não apresenta defeitos. Não existe praça, não existe recanto pitoresco que não tenha uma iluminação adequada; mas não é só a noite que vemos a cidade bela, mas também de dia. Nas ruas não encontramos sujeira de modo algum; na praça não encontramos os canteiros pisoteados nem os bancos arranhados, em nenhum lugar encontramos as coisas públicas estragadas. Temos exemplos de rapazes que querendo impressionar as garotas sentam-se nas costas dos bancos das praças e põem os pés sobre os acentos. Outros para encurtar caminho numa praça correm por cima dos canteiros, outros ainda, gravam seu nome com canivetes em árvores ou em outro lugar onde o podem fazer. (estudantes do Colégio São Jacó) [2]

CI=ON= 02/10/1964 JNH A mentalidade do Avestruz. Porque-me-ufano-de-minha-cidade. Na rodoviária não havia táxi. Não havia telefone e nem banco para descansar, pois a própria rodoviária estava fechada. O guarda noturno de uma grade loja das imediações não sabia nem telefonar e não quis deixar que usasse o aparelho, apesar de ser bastante conhecido. Chovia. Às cinco e meia um padreiro providencial levou um recado até a praça dos autos do centro, e perto das seis horas, afinal, chegou um táxi. Vinícius Bossle [3]

CI=UC= 09/10/1964 JNH Caçadores Caçados. O automóvel poderá dar à mulher moderna condições ainda inéditas para fiscalizar o homem, criando para este situações mais do que impertinentes. As saias justas e os sapatos salto 7 ou 9 impediam que a mulher nos alcançasse com suas próprias pernas. A arma do momento é o automóvel. Com ele a mulher é tão rápida quanto o homem, e pode cacá-lo, dia e noite. Talvez o auto seja o instrumento de novas e amargas decepções femininas. É provável que ele destrua algumas das melhores ilusões da mulher, que pela sua delicadeza e sensibilidade jamais poderá compreender e perdoar os pecados masculinos. Vinicius Bossle [3]

PR=ET= 16/10/1964 JNH Estação Ferroviária. Caindo aos pedaços, feia e suja, a velha estação que já foi moderníssima em 1890, continua a empanar a beleza da zona central da cidade. A ferrovia perdeu sua razão de ser, foi superada. As vilas são imponentes cidades. As bodegas e artesanatos se transformaram em empórios e grandes fábricas. Tudo progrediu e se modernizou, exceto a ferrovia, que continua a existir nos moldes de 1890: dois trens, um pela manhã e outro pela tarde, que trafegam praticamente vazios e ainda sem horários. Apesar de ser o transporte ferroviário muito mais barato por quilo, o rodoviário tem a preferência por ser muito mais rápido, seguro e eficiente, ao contrário dos trens ainda puxados por 'Marias Fumaças'. Os trilhos entravam a expansão das cidades que são por eles cortadas: Novo Hamburgo é um exemplo vivo em sua zona central. Os trilhos e a estação, além de superados, impedem a expansão da cidade, enfeitando-a. Tudo evoluiu, menos a estação. Luiz Figueiredo. [9]

CI=AT= 06/11/1964 JNH Extinto ramal ferroviário. O interventor da Rede Ferroviária Federal determinou que extinga-se o ramal ferroviário entre Novo Hamburgo e Taquara, e que seja imediatamente suspenso o tráfego de composição no referido trecho, por ser o ramal anti-econômico, e que sejam atacadas as obras de retirada dos trilhos. O ramal ferroviário dificulta a expansão de diversas cidades que são por ele cortadas, como no caso de Novo Hamburgo onde existem 33 passagens de níveis, causando enormes transtornos ao tráfego. [3]

CI=AT= 04/12/1964 JNH Novo Hamburgo parece que surgiu mesmo predestinada a ser infeliz. Foi só falar em tirar estes malfadados trilhos e eis que ressurge das cinzas do passado este trambolho movido a fumaça a perturbar o sossego e o trânsito das principais artérias do centro da cidade. Será que não vai mudar mesmo a sorte desta cidade de trabalho sempre a mercê dos maus fados, que impedem que algo de bom por aí aconteça? Estamos começando a acreditar que antes de solicitar algo de alguém, principalmente dos poderes constituídos, seria interessante procurar uma rezadeira que tirasse o mau olhar das reivindicações de Novo Hamburgo. [3]

PR=EX= 04/12/1964 JNH Os medonhos. Medonho vaga pelas ruas da cidade. Chapéu grande e desabado. Roupas surradas, largas, folgadas, revelando que o seu antigo dono era bem maior do que o do corpo que ora veste. Sapatos não usa e quando os calça, vê-se logo que tiveram outro proprietário. Sua altura não passa de metro e meio e a idade, difícil definir, pois tanto se lhe pode atribuir 16 como 25 anos. É magro e de membros pequenos com as extremidades de tamanho aquém do proporcional. De olhos tristes, como luz mortíça de duas velas a extinguirem-se, colocados num crânio infantil com rosto

encavado, pálido amarelo de ralíssima barba, muito lembrando as caatingas do nordeste. É tão feio, tão feio que, ninguém lhe sabendo o nome todos o conhecem por Medonho, e, por esta alcunha ele atende. Diariamente é visto varrendo ruas da cidade, juntando papéis velhos ou, com um saquinho de matéria plástica na mão, pedindo esmolas que não lhe são negadas, pois só ao ver tal criatura com a pequenina mão estendida e com a contração facial em que não se sabe se está chorando ou rindo, o óbulo é dado. Walter Merino Delgado [9]

CI=LU= 11/12/1964 JNH Maior limpeza na cidade: turistas, natal e Fenac. A prefeitura lançou quarta-feira, uma campanha de limpeza da cidade, principalmente nas ruas centrais, objetivando melhorar ainda mais o aspecto da cidade. A campanha baseia-se no trinômio turista, natal e Fenac. O slogan adotado é: zelemos pela boa apresentação e pela limpeza de nossa cidade. A municipalidade está apelando para a colaboração de todos, visando manter viva a tradição de que Novo Hamburgo é uma das mais bem limpas do Estado, demonstrando, assim, a educação de que são possuidores todos os seus moradores. [2]

CI=PG= 18/12/1964 JNH Por quem os sinos dobram? Ao chegar em Novo Hamburgo, isto há quase 20 anos, a impressão que se tinha era a de uma cidadezinha de interior, de poucas casas de bonito aspecto arquitetônico, sendo que o seu maior edifício era o Berok, e a sua rua principal, com um canteiro ao centro asfaltada mas em tão mau estado que todos diziam que era o pior trecho existente entre Porto Alegre e São Paulo. Novo Hamburgo começou a ganhar feições novas: a Avenida Pedro Adams Filho sofre uma remodelação completa, às ruas foram introduzidos melhoramentos, as casas receberam estilos mais modernos, as construções tomaram impulso e os edifícios começaram a surgir. Hoje, Novo Hamburgo é uma cidade moderna, movimentada, bonita, com grande trânsito de pedestres e veículos. Antes, passava-se pelas ruas e todos eram conhecidos. Quando os sinos de uma Igreja badalavam fúnebremente, sabia-se quem tinha falecido. Hoje, anda-se pelas vias públicas e a maioria dos transeuntes nos são desconhecidos. Os sinos dos Templos gemem funériamente e ficamos sem saber qual o membro da comunidade que a deixou. Assim é Novo Hamburgo, febricitante, inquieta, buliçosa, dinâmica, esforçando-se por aparentar uma calma e tranqüilidade que, na verdade só existem em superfície. Walter Merino Delgado [2-3-7]

CI=NT= 26/12/1964 JNH A cidade presépio. Este jornal leva a mensagem de Novo Hamburgo contando como são nossos costumes, hábitos e trabalho que realizamos, nossas dores e a maneira como nos divertimos. Talvez se a gente contasse às criaturas o que é o Natal aqui nesta cidade que (Paulo) Autran chamou de presépio, se poderia dar uma nova imagem de Novo Hamburgo. Creio que em todas as casas haverá pelo menos um galho de pinheiro simbolizando a árvore de Natal; e que da árvore penderão bolas coloridas, estrelas douradas e velinhas acesas; e que ao pé do pinheirinho o presépio reproduza a história do nascimento de Jesus; e na maior parte das casas as famílias cantarão em coro os trechos de 'Noite Feliz'; e certamente haverá pacotes com nomes sobre a mesa, cartuchos com passas, avelãs, docinhos cobertos com merengues e balas. Do alto da BR-2, milhares de lâmpadas vão brilhar como estrelas, e o recorte dos Dois Irmãos de encontro ao céu completará o quadro visto por Paulo Autran, da cidade presépio dos antigos alemães, hoje uma célula cristã e laboriosa que muito dignifica o Rio Grande do Sul. Vinícius Bossle [2-6]

PR=EX= 22/01/1965 JNH Ao cair da tarde, num dos bancos da Praça 14 de Julho, deixava engraxar meus sapatos por um desses garotos... Eram vários os meninos, menos sujos uns que outros, todos descalços e sobraçando sua caixinha contendo uma tira de fazenda, latinhas de graxa, uma escova e um vidrinho com água. Nela se encontravam todos os seus instrumentos de trabalho e todo o seu capital. Essas crianças são turbulentas e às vezes inconvenientes, quer em expressões que usam, quer em atitudes que assumem. Por um nada, engalfinham-se, agarram-se, rasgam-se mais do que estão e lutam em pleno passeio. Destratam-se, interrompem a passagem dos transeuntes e fazem chegar aos ouvidos destes palavras que nem sempre são encontradas em Dicionários. Walter Merino Delgado [9]

AV=CO= 29/01/1965 JNH Camelôs. Não mais poderão exercer o comércio ambulante na zona central da cidade. Decreto executivo neste sentido foi promulgado esta semana, atendendo a solicitações do comércio estabelecido da cidade, já que aquela atividade estava prejudicando as casas comerciais. Continuarão as carrocinhas de pipoca e cachorro-quente que dispõem de licença especial. [10]

CI=AT= 05/03/1965 JNH Cidade terá perimetral. O prefeito anunciou que está bem encaminhada a sua solicitação para a retirada dos trilhos da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Por onde atualmente passam os trilhos pretende a Prefeitura construir uma grande perimetral que cortará a

cidade ao meio, propiciando rápido escoamento para o tráfego. As obras deverão ter início imediatamente após a retirada dos trilhos.[2]

CI=LU= 02/04/1965 JNH Duas faces de uma cidade. Nossa cidade é assim: o centro de Novo Hamburgo é de se admirar por sua limpeza e bom gosto de suas praças; o quiosque é verdadeiramente um ponto de atração, pois além de estar numa ótima organização está no mais belo jardim de árvores enormes em flor, pois ali parece estarmos sempre na primavera, é a melhor praça que encontrei no sul do país; a iluminação é maravilhosa de se ver, não há palavras que a descrevam quando subimos na parte mais elevada da cidade. A segunda face de Novo Hamburgo: o arroio Luiz Rau é a maior cicatriz desta cidade, pois além de ser cheio de capim, ele contamina todo o ar por onde passa; muitos terrenos sem calçada e sem passeios estraga uma cidade; ruas sem limpeza, capim tanto na rua como na calçada; pontos que precisam de calçadas, pois estão quase no centro. José Collini - visitante de São Paulo [2]

PR=EX= 16/07/1965 JNH Bruxel, o vagabundo-poeta, se erguia do portal do velho armazém da Viação Férrea, seu quarto de dormir nas noites de inverno, e arrumava suas cobertas de farrapos envolvidos em jornais velhos. - Eles (o resto da humanidade) pensam que eu sinto frio. Dormi a noite inteira, e quentinho. Embrulhei-me nesta matéria plástica, e me esquentei com o calor. Assim monologava Bruxel em voz alta, e era uma ilha, suja, talvez, mas que vive de si e de seu próprio calor. Logo depois dei com o estacionário escandalizado. Uma ratazana havia dado luz a cinco bebês no armário da estação. Cortara com os dentes afiados tiras de papel de boletins dos movimento de trens e cargas. Mas não há mais trem e nem carga e nem passageiros. O estacionário é uma reminiscência do passado, quando veio moço e ativo ocupar a vaga do velho Getúlio. Então tinha tanta proa que muitos pensavam que ele era o dono da Viação Férrea. Falta de vergonha da rata, mas seu instinto animal descobrira um dos poucos lugares tranqüilos da cidade, também um ilha no meio dos fatos que enchem os dias. A paz e o silêncio da estação só são quebrados à tarde, quando meia dúzia de homens próximos da jubilação tomam mate e discutem. [9]

PR=AF= 13/08/1965 JNH Nossa cidade. Novo Hamburgo oferece um espetáculo surpreendente de admiração. Sua pitoresca paisagem aparece-nos encantadoramente exposta na desenvoltura de seu progresso crescente que a evolução de sua indústria impõe à urbanidade. De dia, o chiar monótono das fábricas, envolvendo couro nas fôrmas ou formando filetes de esperança nas miragens do porvir. A noite, o rosário de luzes brancas afagando as ladeiras com fileiras de estrelas cintilantes ao relento, segurando sonhos às vezes mal sonhados. Seu feitio e sua topografia dão-lhe uma graça estranha e sedutora, dada a variedade de níveis que nos permite admirar os contornos de seu panorama variado e belo. A cidade vive dependurada na poesia simples e impensada que escorrega pelas ladeiras onde a gente sempre encontra alguma reminiscência escorada nalgum canto da rua ou numa saudade qualquer, escondida entre pedaços de recordações. Há ainda as praças. No centro a praça 14 de Julho, que é o armazém local das aspirações românticas. É ali que vão sonhar as mocinhas bonitas, os rapazes, as solteironas esperançosas, ou velhos românticos e toda a população em estado de sonho. Um mundo de ilusões. Árvores silenciosas que o vento beija suavemente, bancos escondidos onde os namorados acariciam-se canteiros de contornos graciosos como o corpo de mulher bonita com suas flores que na primavera misturam-se em comunhão de cores, exalando perfumes estranhos. Ercílio Rosa [8-9]

PR=ET= 13/08/1965 JNH Estação: feia imagem incrustada na cidade. A velha estação ferroviária, encravada bem no coração da cidade, continua a ser um dos feios contrastes que Novo Hamburgo, hoje já transformada em autêntica metrópole, oferece aos olhos dos visitantes. O galpão onde funciona a estação representa um feio cartão de visitas da cidade. A foto exprime em contornos bem fiéis o contraste citadino, aparecendo a ponta do galpão da estação, vendo-se ao fundo o moderno edifício Charrua. [9]

PR=ET= 13/08/1965 JNH Foto Estação da Viação Férrea em contraste com a cidade moderna [9]

CI=CL= 20/08/1965 JNH Ruas... Rolando pelas ruas, vão sempre as reivindicações dos necessitados e o gozo supérfluo dos que desdenham as necessidades alheias. Se não fossem as esquinas, as ruas seriam ruas: seriam estradas ou caminhos. Mas há as esquinas. E as esquinas são, em geral, o ângulo reto das ruas, onde a gente quase sempre encontra uma voz ecoando ou sem éco. As ruas são enciclopédias abertas, iluminando pensamento e alisando idéias. Caminhando pelas ruas, com o andar despreocupado e desapercibido de quem não quer nada, acontece que, às vezes, sentimos surpresas nos recantos das esquinas ou no prolongamento das paisagens que sempre se transformam. A rua foi o abrigo dos desabrigados. E é das ruas que nos vem o aceno carinhoso acentuando virtudes e corrigindo defeitos.

Nas incógnitas das ruas, sempre há problemas rolando na esperança dos que se postam nas esquinas. Ercílio Rosa [3-8]

CI=CL= 27/08/1965 JNH A Moça. Passou por mim, ondulante e faceira, fitando distraidamente a rua. Os olhos pequeninos, encravados no rosto lindo, pareciam procurar algo que a graça do porte dissimulava numa curiosa interrogação. O passinho curto da moça usando a mais bela idade da vida, era quase um aceno tímido ao culto da esperança. Bastava vê-la para sonhar bobagens que certos momentos nos põe diante dos olhos. E ia pela rua afora. E eu, escondido num vão qualquer de parede, como se fosse dentro de mim mesmo, fiquei espiando. E gostei de espiá-la. Guardarei comigo simplesmente o instante mágico em que ela passou por mim, ondulante e faceira, como um pedacinho de fada, andando pela rua afora, projetando pensamentos atrevidos. Ercílio Rosa [3]

CI=DP= 3/09/1965 JNH O sonho. Tive um sonho deveras interessante. Estava residindo num município muito próspero. Suas atividades eram fabulosas. Seu povo muito trabalhador. Ricos muito poucos, mas toda gente dada ao trabalho construtivo. Seu prefeito era um homem calmo, bondoso e risonho, honesto pelo que vi, pois largara seus interesses particulares para ali estar trabalhando pela comunidade. Contou-me como funcionava o seu conselho municipal. Gente humilde que trabalhava noutras atividades que não são as da Prefeitura, mas dão tudo de si pelos seus co-municepis. Mão recebem nenhum vintém dos cofres públicos. Todos eles se interessam grandemente pelo bem público, certo de que o seu bem está incluído no bem de todos. E quanto aos impostos, indaguei? Todo mundo paga com gosto porque não cobramos impostos absurdos e o que é arrecadado é empregado em serviços, em obras, em estradas, em escolas. O pessoal da Prefeitura são bem pagos e não reclamam aumentos, não reivindicam melhor situação. Parahim Lustosa [7]

CI=TP= 10/09/1965 JNH Dia de chuva. Dependurados na vitrine, emparelhadinhos e têsos, os bilhetes de loteria espiam os gestos vagos dos consumidores de horas. Letreiros de propagandas esticam-se pelas paredes, e comentários sem objetivos espalham-se pelas ruas. O céu nublado espreita os dias chuvosos, enquanto as águas rolam, arrastando frêmitos de alegrias inacabadas ou fragmentos de esperanças. Com chuva ou sem ela, os desejos são os mesmos; as lutas pelos ideais não sofrem alterações: as ânsias evolucionistas progridem no mesmo ritmo, empurrando a vida para os confins ignorados do futuro. Viver é fator fundamental e inato em todos nós. Viver é simplesmente aceitar a vida como a vida é! Emparelhadinhos e têsos os bilhetes de loteria espiam os gestos dos que passam e, enquanto a chuva cai, a gente tenta ler os letreiros estendidos nas paredes. Ercílio Rosa [8]

CI=TP= 24/09/1965 JNH Primavera. Fim de setembro os dias vão se esticando preguiçosamente num suspiro alongado, enrolando-se na harmonia platônica das aragens perfumadas que a sutileza primaveril extrai da natureza, renovando as esperanças humanas. Primavera! Em cada esquina, em cada canto de rua ou em cada pedaço de nós mesmos, há sempre uma ilusão colorida convidando-nos ao romantismo ou à realidade daquilo que é. As tendências humanas não se harmonizam com os desejos da humanidade: desejamos paz provocando guerras e fazemos guerras em prol da paz. Tardes esticadas remendando sonhos rasgados ao léu. A imaginação da gente recompõe pensamentos obscuros e as nuvens desfilam mais brancas. Ercílio Rosa [8]

PR=UC= 22/10/1965 JNH Domingo. Em Novo Hamburgo Domingo é o oásis na jornada semanal. Domingo é dia da gente esquecer os acontecimentos complicados da vida, com um passeio vago pelas ruas da cidade. E é delicioso o contato das ruas, depois de haver sentido a agitação semanal das oficinas ou dos escritórios. As ruas são sempre um cenário novo, onde as tonalidades nunca se confundem. Nos domingos a praça 14 de Julho é um válvula de escape para as nossas atribulações. Ali, a gente esquece alguma desilusão afagando esperanças. E, na hora do footing, sentimos uma aragem cheirosa deixada pelas jovens que passam pela avenida, onde uma multidão heterogênea move-se despreocupadamente, confundindo-se empregadores e empregados. É o gozo do ócio, sufocando a cansaça semanal. Ercílio Rosa [8]

SH=BR= 03/12/1965 JNH Bairro Rio Branco. Pedaço saliente de Novo Hamburgo, encontramos-lo esticado e majestoso, enchendo todos os espaços vazios de suas dimensões. Antigamente chamado de mistura, hoje é frontispício da comuna, dada a sua privilegiada posição. Ali, esticam-se bojudos bungalôs e casinhas simples; fábricas de todos os tamanhos invadem terrenos, ilustrando a pujança que envolve os retalhos dos bens nascidos dos esforços cotidianos. Multidões heterogêneas confundem-se nas lutas comuns, com suas horas cheias de ocupações, sulcadas de atitudes que se incorporam na rotação diária. Ali, quase todos vivem mergulhados no sentimento neutralizante da evolução, neutralizando todos os recalques colados na alma, e gastando as esperanças, dependurados na ilusão de que amanhã será melhor.

O bairro Rio Branco é um ambiente de trabalho árduo, onde o espírito evolutivo arrasta os indecisos. Mas nas horas vagas, há sempre mocinhas de olhares pontiagudos debruçando-se pelas ruas, distribuindo sorrisos e inspirando romances. Ercílio Rosa [2-6-13]

CI=CO= 10/12/1965 JNH Comércio vai ter um novo horário em 66. Novos horários de funcionamento e fechamento para as casas comerciais. Aos sábados é facultado a todo comércio a varejo e por atacado manter-se aberto até as 12:30 h; o comércio a varejo e por atacado poderá funcionar, sem precisar conservar-se fechado das 11:30 as 13:30 h; o comércio a varejo de calçados poderá funcionar, durante o ano, aos sábados e domingos. [5]

CI=NT= 10/12/1965 JNH Ruas e praças estão recebendo decoração. Visando dar um aspecto realmente festivo à cidade durante as comemorações natalinas, o setor artístico do Departamento de Educação e Ensino da Prefeitura está realizando completa decoração das praças e ruas centrais. Lâmpadas multicores estão sendo colocadas e serão acesas a partir da próxima semana. Na praça 14 de Julho, um grande pinheiro dourado, iluminado por refletores, será colocado em cima do escritório central da Fenac. A todo o comércio e aos proprietários de residências particulares está sendo solicitado que decorem suas lojas e casas com motivos natalinos. [2]

CI=VT= 17/12/1965 JNH A atração das vitrinas. Todos nós temos sombras infantis cuidadosamente dobradas e carinhosamente guardadas nalgum recanto da alma, e que na véspera do natal desdobramos, para a contemplação platônica das vitrinas iluminadas. Quem anda ao longo das calçadas, nestas noites em geral, sente na imaginação o oceano paradisíaco das montras, expostas impudicamente à mercê de seus donos. As vitrinas sempre enrolam em nossas almas uma emoção qualquer, que traduz as saudades de tudo aquilo que não fomos, e que alimentamos a pretensão de que ainda somos. Pedacos de sonhos idos e fragmentos de reminiscências esfolumam a nossa imaginação, quando contemplamos as vitrinas pomposamente repletas de brinquedos, com o austero papai noel acenando, acenando. As vitrinas falam a linguagem da época, e escancaram os interesses de seus donos. É nas luzes multicores das vitrinas apresentando ilusões de natal que desdobramos todas as recordações de nossas crendices infantis. É diante de uma vitrina repleta de brinquedos que sonhamos com o Papai Noel sempre esperando, numa ilusão infantil que sempre nos acompanha. Ercílio Rosa [8-10]

CI=TP= 07/01/1966 JNH Janeiro. Pedacos de nuvens brancas danças no céu azul, e uma leve aragem sopra do sul afagando o calor intenso destes primeiros dias de Janeiro. Um cheiro típico de couro curtido espalha-se pela cidade toda, enquanto o ruído das máquinas demonstra que Novo Hamburgo empenha-se cada vez mais no aperfeiçoamento do calçado, numa miragem quase obcecada pelos pés humanos. E o ano começou como começamos todos os anos: as mesmas preocupações, os mesmos anseios e as mesmas esperanças. Os dias também são iguais. Apenas os calendários vão mudando os números, dando-nos a impressão de que medimos o tempo. Ercílio Rosa [8]

AV=CO= 14/01/1966 JNH A proibição da presença das carrocinhas de pipocas, sorvetes, churrasquinhos, cachorros quentes e outras coisas mais no centro de Novo Hamburgo vem sendo um dos assuntos dominantes na cidade. A próxima medida a ser adotada será a da proibição da permanência dos buracos na avenida Pedro Adams. [10]

CI=EX= 14/01/1966 JNH O Jornaleiro. Novo Hamburgo encerra dentro de seu indiscutível poderio muitos episódios comuns que a gente às vezes olha mas não vê. Os pequeninos vendedores de jornais são assim. Ninguém vê a dolorosa e humilde necessidade que atirou essas crianças nas poeiras das ruas; ninguém vê a alegre expressão de suas fisionomia quando, após venderem o último jornal, sacodem os escassos cruzeiros para o pão cotidiano. Nós nunca olhamos atentamente para o guri que nos traz o jornal. Nós pensamos unicamente nas notícias, sensacionais ou não, que o jornal nos trará. Mas o jornaleiro, esse pequenino ente que não conhece as belezas da infância, que nem sabe como é que se entra numa escola e que nunca viu um presente de Papai Noel, também faz parte do mecanismo do jornal; também é um colaborados infatigável que nas tardes suadas de verão ou nas manhãs frias de inverno, palmilham as ruas cotidianamente, distribuindo laudas cheias de letras. Ercílio Rosa [4-8]

CI=TP= 21/01/1966 JNH Verão. Roupas enxovalhadas colando em corpos suados e cremes diversos escorrendo de faces várias. Noites suarentas fugindo dos dias e dias ancalorados perseguindo noites acalentadas. Cheiro de gente embaciando o ar. A gente sua até na imaginação. Verão! Gente que foge das cidades. E enquanto o cheiro de gente vai embaciando o ar há quem sonha com uma praia, um planalto ou simplesmente com um chuveiro comum. Ercílio Rosa [8]

PR=AF= 28/01/1966 JNH A praça 14 de Julho. O busto de Ruy Barbosa impões respeito aos que respeitam o direito alheio e a estaçãozinha colonial postada ao fundo, ainda suporta, com seus 89 anos, a glória de ser a mais antiga do Estado. E na avenida em frente, os automóveis correm desabaladamente enquanto a multidão jovem se esparrama no vai e vem costumeiro. A praça 14 de Julho é um pequeno mundo onde a gente gasta pedaços de horas, alimentando o sedentarismo dos momentos ociosos postados ao longo do tempo. A praça tem o destino e o privilégio das praças: árvores copadas silenciosas e indiferentes, testemunhando os afagos a as rusgas dos namorados; os começos e os fins dos romances; sussurros de gente idosa e projetos inconcebíveis. Há cochichos nos bancos espalhados pelos caminhos, enquanto as linhas dos canteiros vão tengeando as sensações emotivas dos que se debruçam ao longo dos acontecimentos. E o quiosque que há muitos anos, por certo, foi construído para finalidade, serve presentemente de escritório comercial. A praça é um pequeno mundo. Enquanto a mocidade provoca sonhos duvidosos na avenida, a estaçãozinha colonial enruga seus 89 anos, envolta na rústica cerca-viva separando a praça. E enquanto os automóveis passam velozes pela avenida afora, há quase sempre um sapateiro folgado lá no último banco, aconchegando-se um pouquinho mais à morena faceira. Ercílio Rosa. [8-9]

CI=BR= 04/03/1966 JNH Uma visão da cidade. "Naquele dia fui subido preguiçosamente aquelas ruas que levam ao morro Lipp. Ruas íngremes dependurando casas, desde os mais lindos palacetes aos mais singelos chalezinhos. Lá em cima há poesia até nos postes de iluminação que nem sempre iluminam. De lá contempla-se toda a cidade em sua magnitude, debruada de eucaliptos e acácias. E a cidade cresce dia a dia, afastando os debruns e furando os espaços das orlas, despejando chalezinhos pelas colinas, transformando as paisagens dos arrabaldes. Já viram como nossa cidade se transforma constantemente? Não? Então olhem. Saiam pelas ruas, subam ladeiras. Cheirem os momentos que passam, e admirem. É preciso olhar para ver. De norte a sul e de leste a oeste há obra imensas coçando os ímpetos dos novo hamburguenses que sabem o que querem. Aqui todos trabalham. E quem não trabalha vive dependurado em complexos de inferioridades. Como a cidade cresce! Olhem e vejam os nossos arrabaldes, os nossos vales e as nossas colinas, esticando-se constantemente, engomando as esperanças de seus habitantes. Ercílio Rosa (repetido de 20/08/1948) [8]

CA=CF= 11/03/1966 JNH Reflexões. Eu gosto da filosofia barata das esquinas e dos bares. Gosto de olhar a vida por determinado ângulo. E é debruçado nas arestas das esquinas ou sobre o mármore frio dos bares que eu espio a alma dos meus semelhantes. Vejo-os nos bares, despidos de preconceitos, quando no calor de dois ou três aperitivos, expõem nus seus sentimentos, suas aspirações, suas idéias. Nos bares como nas esquinas a gente sempre vê indivíduos iluminados pela luz bruxolenta de suas presunções, tornando-se transparentes. Prefiro bisbilhotar os pensamentos alheios, escorado numa esquina qualquer ou segurando o queixo nu na mesa de café. Uma esquina, um bar ou um café, tudo serve para examinar os sentimentos alheios. Ercílio Rosa [8-12]

PR=ET= 11/03/1966 JNH Uma existência de 90 anos. 1º de Janeiro de 1876 a 10 de março de 1966. Viação férrea encerrou suas atividades. A quase centenária estação ferroviária de Novo Hamburgo foi construída com madeira e equipamentos provenientes da Inglaterra. A obra de colocação dos trilhos até Hamburger Berg ficou paralisada por algum tempo, originando-se então a denominação da nova gare de New Hamburg, conforme uma tabuleta no local, pelos ingleses construtores da estrada. Quando o Estado recebe a ligação com o centro e norte do país num novo trajeto entre Porto Alegre e São Paulo, o município se vê deslocado e até mesmo alijado desta melhoria, ao lhe ser cortado o ramal ferroviário. [9]

AV=SP= 18/03/1966 JNH Uma rua chamada Pedro Adams Fº. Eu particularmente não aturo barulhos estranhos, mas não vou ao ponto de rejeitar certas estradas. Por força de função tenho que transitar com o meu auto na avenida Pedro Adams, mas tenho a nítida impressão de que apesar de ser uma máquina inerte, o meu carro geme como pessoa humana. Lauro Diogo de Jesus [10]

PR=DP= 26/08/1966 JNH Fogo simbólico terá grande recepção: cortejo, banda e fogos de artifício. Centenas de carros integrantes de nossos Clubes de Serviços estarão concentrados as 19:30 h na Vila Scharlau, e formarão alas acompanhando os atletas que transportarão o fogo até a praça 14 de Julho. Neste local o numeroso público que certamente prestigiará a cerimônia de abertura da Semana da Pátria, encontrará um ambiente festivo, com as bandeiras de todos os Estados, o som da banda de música e o espetáculo dos fogos de artifício, bem como a palavra eloqüente de nossos patrícios. [9]

PR=AF= 14/04/1967 JNH Cidade. Novo Hamburgo prepara-se para a Fenac, como uma noiva prepara-se para as suas bodas. Seus jardins tornam-se mais bonitos, suas ruas mais limpas, suas luzes mais brilhantes. E sua gente, como que tentando esquecer seus grandes problemas, na azáfama dos

preparativos, parece estar mias alegre. O grande dia aí está chegando. O verde amarelo dos ipês ainda floridos irá confundir-se com o das bandeiras desfraldadas, estalando à brisa fresca do outono. E o riso das crianças será abafado pelas bandas de música e pelo espoucar dos foguetes. Então tudo será festa, e o que virá depois dela terminada, será apenas o dia a dia na espera da outra Fenac. Paulo de Tarso [9]

CA=AF= 10/05/1967 JNH Ela sozinha revoluciona toda uma cidade. A rua Gal. Neto é composta de apenas uma quadra. Tem, no máximo 120 metros, e olhe lá. Mesmo assim tem a sua estória. Começa com um escola, considerada nos meios profissionais, como uma das melhores. Logo após vem a Sociedade Ginástica. A veterana como é conhecida nos meios esportivos, com todo seu passado e presente de glórias. Logo ali na frente a Telefônica em seu bonito prédio novo. Descendo um pouco damos de cara com o cinema Lumière. O Luna Bar vem após e já foi motivo de crônica. Esse não vale mais. Mas em compensação em frente ao luna temos a alfaiataria do Nilo Muller. O patrão é o Nilo e o único empregado o Ivo. Essa é uma dupla toda especial. Nilo tem a mania de pescar e o outro de gozar os acontecimentos das ditas cujas. Quem quiser tomar um bom chimarrão e dar boas risadas é só aparecer por ali às 10 horas da manhã. Atravessando novamente a rua podemos entrar, sem medo, porta adentro, na Casa Real de Móveis. Provavelmente seremos atendidos pelo proprietário, Arnaldo Schimit. Se isso não acontecer será porque ele está jogando uma partida de xadrez com seu compadre, Omar Guerreiro, lá no fundo da loja. Quando ganha quase deixa louco seu compadre pela flauta que toca. Continuando no mesmo lado encontramos o Escritório Imobiliário Rangel. Esse tornou-se famoso por ser vendedor de terrenos em uma praia, cujo Carnaval foi o mais curto do Brasil: um dia de duração. Vizinho do Rangel está o Daltro Dala Barba, cobrador mais temido que o Banco do Brasil. O último pedido do devedor é sempre o mesmo: Mês faz um favor, não põe minhas duplicatas no Daltro. E aí chegamos na Barbearia do Bender. Bem, essa é fogo. Se algum dia um Santo inventar de vir à Terra e der uma voltinha na General Neto e, por distração, entrar no Bender, está perdido. Não entra mais no céu nem passando pelo purgatório. A última do Bender é uma nova porta que está fazendo em seu estabelecimento. Dizem as más línguas que a pouca altura que a mesma possui tem a sua razão de ser: impedir a entrada do Milton Cassel. Deixamos, propositalmente, para o fim uma outra pessoa importante na Gal. Neto: Alfeu Klein. O último carnaval não foi, como todos sabem, um bom carnaval. A razão foi uma só: Alfeu estava ausente. Mas não é só o carnaval que ele dá vida. Festa popular, aniversário e até casamento são melhores quando tem o dedo de Alfeu. Como vocês notaram, a Gal. Neto é uma rua toda especial. Com aquele tamainho que a Prefeitura lhe deu, ela movimentava uma cidade inteira. Sinto provar, por A mais B, ao Júlio Weissheimer que a David Canabarro pode ser, quando muito, a Segunda rua mais importante de Novo Hamburgo. Lauro Diogo de Jesus [12]

CI=EX= 09/06/1967 JNH Frio. Mais um inverno chegou. Todos pelo menos é o que se observa nos narizes vermelhos, nos sobretudos recendendo naftalina e nos sorrisos dos comerciantes vendo os estoques de inverno começarem a abandonar as prateleiras e saírem pelas ruas. Porém, muito mais estão sentindo o rigor do inverno os esmoleiros esfarrapados e descalços que já fazem parte da coreografia de nossas avenidas, aumentando dia a dia. - Uma esmolinha, pelo amor de Deus. Se isto em Novo Hamburgo, imaginem como não será em outras cidades onde não há tantas possibilidades de trabalho, onde não há preocupação pelo bem estar dos semelhantes, onde não há tantos clubes de serviços, entidades assistencias. Alceu Feijó [6]

AV=LU= 30/06/1967 JNH Cidade limpa. O pessoal da avenida Pedro Adams, ainda descontente com o serviço de coleta de lixo, afirmam, e nós temos constatado, que os rapazes da limpeza, para evitar sobrecarga no bonito e moderno caminhão coletor, estão deixando a metade do lixo nas calçadas. Jota Feio [10]

CI=CO= 07/07/1967 JNH Motoristas contra o uso do taxímetro. Enquete realizada ouvindo usuários e motoristas de táxis revele que os primeiros são quase unânimes a favor do instituição do taxímetro nos carros de praça, enquanto os segundos não concordam. Um fato chama atenção: enquanto a tabela fixa o preço mínimo de 600 cruzeiros velhos os motoristas, a seu bel prazer, estão cobrando 700. [3]

CI=LU= 04/08/1967 JNH Mal cheiro também é problema. Moradores vêm reclamar contra o mau cheiro causado pelos bueiros. Desde a última chuva está entupido pelo acúmulo de detritos trazidos por ela, sem que nenhuma limpeza tenha sido feita até agora. Em consequência são obrigados a aturar um cheiro insuportável, agravado nos dias quentes. Luiz Figueiredo [2]

CI=TR= 25/08/1967 JNH O chinelo. A ambulância arrancara estrepitosamente, levando um corpo mutilado pelas rodas de um ônibus. O povo curioso permanecera no local, vendo o que ainda

restava da tragédia, dando pasto à sua curiosidade mórbida. No pavimento ficara um chinelo de pano. De uma poça de sangue, partia sem destino, obedecendo à inclinação do local, um filete de sangue passando perto de uma pasta de carne humana. Pedaco de vida, esmagada, triturada. Os automóveis, aberto o trânsito, continuaram a sua jornada mecânica e indiferente. Cada roda que passava por cima daquele estilhaço humano, ele parecia tremer; via-se que ainda tinha vida. Ou era impressão do momento? No meu íntimo parecia ouvir um lamento de dor, de uma despedida. Não fazia muito, corria pelas ruas da cidade, integrada ao corpo jovem e esguio de um jornalista, apregoando o jornal da tarde. Agora, inerte, estava entregue à curiosidade pública que se fartava em contemplar o que restou de um acidente, de uma vida. Alceu Feijó. [3]

CI=EX= 01/09/1967 JNH Retrato sujo. Um espetáculo que temos visto repetidas vezes mostra o outro lado de uma cidade que se jacta de ser um exemplo. Por mais de uma vez vimos pessoas revirando latas de lixo à procura de alimentos, numa cena que faz a gente ficar pensando, imaginando o estado de penúria destas pessoas, homens, mulheres e crianças, para chegarem a tal situação. Muitas vezes, ao lado das latas, estão cães, disputando o pedaço de pão velho, para a fome de cada dia. Existe muita gente passando fome ao ponto de disputar com cães os restos de uma lata de lixo, o mais degradante e humilhante recurso de sobrevivência. Talvez, não seja outra coisa que um retrato sujo da cidade, que vai ficando grande, incapaz e indiferente à situação dos vencidos. Coisas do progresso, consequência da vida na cidade grande. Alceu Feijó [4-7]

CI=OB= 09/11/1967 JNH Ruas da cidade devem receber os nomes dos vultos que contribuíram para o seu progresso. O funcionário encarregado da coleta de nomes para as ruas esclarece que nem tudo são rosas, pois há muita dificuldade na coleta de dados que possam justificar a colocação de nomes de personalidades nas ruas. Das 750 existentes em Novo Hamburgo 30 a 40 não tem nome ainda. [2-7]

AV=PR= 17/11/1967 JNH Novo Hamburgo noturno. Azuis, cintilam as lâmpadas fluorescentes das ruas, que se refletem no asfalto brilhante. Esfriam as caldeiras, as chaminés deixam de lançar ao ar sua fumaça, os operários cansados voltam às casas, as escolas noturnas regurgitam com a juventude que trabalha de dia e estuda à noite. Vai-se à Igreja, vê-se televisão, joga-se boliche, ouve-se música, faz-se planos para o futuro, conta-se estórias para adormecer as crianças. Mas, ao lado de tantas coisas boas, paralelamente à nossa vida, outras vidas arrastam-se num mundo que fingimos ignorar. Referimo-nos a essas meninas, quase crianças, que mal despertaram para o mundo, mas que já tem suas almas estigmatizadas, afogadas na lama da prostituição. A sociedade atira-lhes pedras. Enxota-lhes como a cães raivosos, com medo de contágio de sua baba. Paulo De Tarso [4-7]

CA=CO= 24/11/1967 JNH Foto da ex-vendedora de pipoca [12]

CA=CO= 24/11/1967 JNH Senhora ainda vive drama de não poder vender pipocas no centro da cidade. A conhecida pipoqueira de nossa cidade faz três anos foi proibida pelo prefeito Niveo de negociar com seu carrinho de pipocas nas imediações do Cine Lumière. Fato interessante é que a proibição aos ambulantes não inclui os vendedores de amendoim e maçãs, que continuam a trabalhar livremente. Ela apela: - deixe eu trabalhar para poder arrumar dinheiro para meu sustento. Se não querem me dar o lugar que eu tinha defronte ao Lumière, então, ao menos, me de licença para instalar minha carrocinha na rua David Canabarro, perto da Pedro Adams, onde existe uma fruteira. Se querem estou disposta a pagar os impostos e tudo mais, mas me deixem trabalhar... [12]

AV=OB= 01/12/1967 JNH Esta avenida é um problema. Para que as duas pistas apresentem condições normais de tráfego deveria Ter 9 metros cada uma, um cordão central de 2 metros e dois passeios laterais com 3 metros cada, totalizando 26 metros. Ocorre que a largura da Pedro Adams é de 20 metros. [10]

CI=NT= 08/12/1967 JNH Decoração Natalina. A ornamentação em Novo Hamburgo deverá ser uma das mais belas que a cidade já assistiu. Haverá, nas ruas da cidade, um dos mais maravilhosos jogos de luzes que se tem notícia. A idéia é tornar a cidade uma luminosidade jamais alcançada nos anos anteriores. Apela-se à população no sentido de colaborar na ornamentação da cidade, colocando motivos natalinos em todas as residências, oferecendo assim um belo espetáculo aos turistas que nos visitam. [2]

CI=PG= 22/12/1967 JNH Enfim o hotel. Novo Hamburgo cada dia ganha pinta de metrópole. Em todos os setores há progresso e crescimento. São novos edifícios, casas comerciais e estabelecimentos industriais que surgem, absorvendo um maior contingente de homens e mulheres e fazendo convergir para cá o interesse, seja plano comercial ou turístico, cada vez mais crescente de todos os recantos do Brasil. A idéia da construção do hotel parece estar plenamente amadurecida na mente de todos, que

sentem a sua cidade ir se agigantando, sem contudo, oferecer aos seus visitantes as mínimas condições de hospitalidade. Oniram Alves. [7]

AV=CL= 31/01/1968 JNH Avenida Pedro Adams filho, esta que é uma rua-cidade. Há 30 anos passados o centro da cidade industrial encontrava-se embelezado por duas vias, intercaladas por luminárias, emprestando um panorama sui generis na época. Os folguedos na praça 14 de Julho, que já existia então, eram seguidas por retretas no coreto de hoje, por força da evolução irreprimível, foi removido, dando lugar ao chafariz luminoso e colorido que sobe soberbo. É de lamentar-se ou aceitar-se que a citada avenida, com o correr do tempo, viu seus transeuntes de passeio ausentarem-se, deixando o lugar tão somente para aqueles que se dedicam ao trabalho, cruzando-a, diariamente. Quando nos fins de semana a fuga é acentuada e a avenida torna-se monótona. Para passeio já não serve mais, posto que existem pontos mais acolhedores na cidade. Brevemente será ela o ponto de convergência de todos. Poderão deliciar-se com olhares aguçados diante da beleza insofismável do chafariz luminoso, que jorrando suas águas multicolores fará palpar os corações de todos, sem exceções, jovens ou menos jovens. Tende a desaparecer o abrigo municipal, prédio antiquíssimo, assim como as bancas. Possivelmente neste local surgirá um moderno shopping center, o que trará enorme benefícios à comunidade, visto que nosso comércio apresenta-se deveras disseminado, o que vem a favorecer bastante os centralizados. [10]

AV=PR= 15/03/1968 JNH Reclame contra o trottoir no centro. Moradores estão alarmados com a movimentação das mariposas as noites, fazendo o trottoir. Consideram um abuso o que vem ocorrendo em plena zona central da cidade. A partir das 20 horas as meninas começam o desfile, criando uma situação vexatória para as senhoras e senhoritas que por ali passa. Inclusive meninas e senhoras residentes nas proximidades tem sido alvo de propostas indecorosas pelos homens que procuram as mariposas. Na antiga garagem da Viação Férrea a algazarra vai até altas horas da noite, perturbando o sossego público, podendo nestes dois locais serem presenciadas cenas vergonhosas. Os casais procuram este local para seus encontros amorosos. [10]

CA=OB= 26/04/1968 JNH Concerto da Gal. Neto. Que a rua Gal. Neto é a mais importante da Metrópole Industrial disso ninguém mais duvida. Em uma oportunidade dessas, assim de repente, o pessoal da municipalidade, à noite (os grandes crimes sempre acontecem à noite) invadiu a nossa rua, ao estilo dos célebres comandos. Máquinas, caminhões e homens às pencas. Em menos de três horas, o crime estava cometido. Quando sai de casa morava em uma rua asfaltada e limpa. Quando voltei tinham transformado a minha rua naquilo que hoje vocês vêem. Lauro Diogo de Jesus [12]

CI=AF= 07/06/1968 JNH Concurso Fotorama sobre fotos da cidade.[2]

CI=TR= 28/06/1968 JNH Sinal. São 22 horas e 47 minutos. Estão ouvindo a Rádio Cultura, com música à noite. - Como está bom o rádio do carro, não? - Sim, o som está bárbaro. - Tu já reparaste como a máquina está puxando bem, até parece um cavalo, me dá uma vontade de voar. A ti não? - É bom sim, a máquina está tinindo... - Vou sentir a sensação de levantar vôo. - O velocímetro marca 100, 110, 120...140. A sensação é o máximo. Dagmar Sperb [3]

CI=CO= 05/07/1968 JNH Novo Hamburgo já tem seu cemitério de automóveis. Um novo negócio até agora inédito entre nós, surgiu em Novo Hamburgo já conhecido como cemitério de automóveis. [3]

PR=OB= 01/08/1968 JNH Foto da praça 14 de Julho em reforma [9]

CI=UC= 27/09/1968 JNH Chega de boatos. Uma das características das cidades pequenas é a preocupação constante de seus quase sempre desocupados habitantes; detêm-se demasiadamente com a vida alheia. É a fofoca institucionalizada que nasce numa tertúlia de café e assume as proporções de cousa pública. Querem um exemplo pitoresco? Aconteceu ainda Segunda-feira um acidente de trânsito que poderia Ter ceifado a vida de um benquisto engenheiro de nossa cidade. Pois para muitos, baseado no aspecto físico em que ficaram os veículos, o nosso bom amigo já estava morto e como tal espalharam aos quatro ventos a notícia, já que fulano e fulano o haviam visto dar o último suspiro. É vergonhoso para quem cria e para quem difunde o boato, denigre as belas tradições de uma cidade pujante e ocupada como a nossa, onde o espírito e a arte de saber viver em comunidade não é uma mentira. [7]

PR=OB= 08/11/1968 JNH Uma praça mais bonita. A remodelação da praça 14 de Julho vai dar uma nova feição ao centro da cidade: um belo lago e um chafariz luminoso, que formará 135 figuras de jogos d'água e luz, vão tornar ainda mais atraente o perímetro central de Novo Hamburgo. [9]

AV=CL= 15/11/1968 JNH 100 metros de uma rua grande. São apenas cem metros de asfalto, mas ladeando eles há de tudo, o que, certamente justifica o entusiasmo e o orgulho de seus moradores e da cidade, onde ela é, sem dúvida, a única rua realmente cosmopolita. [10]

CA=CF= 15/11/1968 JNH Café Avenida. O café Avenida é o estabelecimento que há mais tempo está na rua Gal. Neto; desde 1931. E naquele tempo não era somente café. Era também restaurante, ocupando toda a área onde hoje são a Livraria Central, a Casa Nova e a Infantil Modas. Era tido como o melhor restaurante da região. Vinha gente de longe, somente para fazer as suas refeições no Avenida. Em 1954 o restaurante fechou suas portas e passou exclusivamente a café, como o é até hoje. O motivo do fechamento foi a abertura do restaurante Majestic, na mesma Gal. Neto. Desde então, pouco mudou o Café Avenida. É simplesmente o mais freqüentado e o mais conhecido ponto de encontro de nossa cidade, onde todos vão, onde se formam governos, se elegem diretorias de clubes, onde se discute futebol e política, onde os velhos e os moços, os que trabalham e os que nada fazem, onde se reúnem os pés de chinelo. O horário sempre foi das 5:30 até quase 1 da madrugada. No Café tem o funcionário mais popular e dos mais antigos da cidade, que só trabalha reclamando. Lauro Diogo de Jesus [12]

CA=CL= 15/11/1968 JNH Comércio intenso faz a rua Gal Neto. A rua tem de tudo, especialmente comércio variado, fervilhante e ativo, que enche de vida e de gente os cem metros de extensão da rua. Pelo muito que tema rua, em pouco espaço, é o orgulho de seus moradores, justo orgulho por sinal. É a Gal Neto, agitada, vibrante, quase viva, cheia de trabalho e habitada por gente curiosa e que gosta muito de sua pequena rua. [12]

CA=CL= 15/11/1968 JNH Gente da Gal. Neto conta um pouco sobre ela. A Gal. Neto poderia ser classificada como uma rua amistosa, uma rua de amizade, uma rua de conversa, uma rua de fofocas. Ela é feita mais do que prédio ou edifícios, é feita de locais para conversa e encontros: Salão Fígaro, do Bender, Luna Bar, Alfaiataria Nilo, Café Avenida. Dizem que é um ambiente obrigatório da cidade e do hamburguês. Chega a ser uma espécie de Bolsa de Novo Hamburgo. São feitos negócios, negociatas, picaretagens, coisa séria e brincadeira, de tudo um pouco... Nilo Muller [da alfaiataria] lembra que há muito tempo a rua era bem diferente da rua moderna e agitada de hoje. Havia pouca coisa. Quando ali se estabeleceu lhe diziam ser louco pois ali era um beco escuro sem calçada... Onde hoje é o Café Avenida morava a família Hoeffel, no Varejo Avenida havia um hotel. No lugar da nova CRT havia uma central telefônica, mas o prédio era mais antigo e foi demolido. Na Finansinos havia uma casa. Onde hoje é o edifício Minuano e tudo para cima era propriedade do sr. Alberto Schmitt, que ali tinha sua casa. Onde hoje é o consultório do dr. Casemiro era sua residência e dali pra cima era potreiro de propriedade de uma viúva. Em 1911 iniciou a construção da sede social da Ginástica e quando ela ficou pronta haviam os animadíssimos bailes de Kerb que duravam três dias: Domingo, Segunda e Terça. Lauro Diogo de Jesus [12]

PR=OB= 22/11/1968 JNH Chafariz. A fonte de Novo Hamburgo terá cerca de 120 figuras e cinco cores: violeta, vermelho, verde, amarelo e azul. Para a cidade vai ser algo maravilhoso. Inédita e belíssima, deverá atrair turistas e, graças às infinitas combinações de cores e figuras possíveis, nunca chegará a enjoar, pois proporciona sempre espetáculos diferentes, com a água dançando suavemente ao som de música estereofônica. Combina-se assim, de forma maravilhosa, água, cor e música, num espetáculo emocionante que chega a fazer chorar. Administração Municipal presta contas ao Povo [9]

CI=AT= 27/12/1968 JNH Foto antiga do Trem [9]

PR=OB= 27/12/1968 JNH Antes um velha estação, agora uma praça bela e alegre. Com a retirada do leito da estrada de ferro que passava pelo centro da cidade, a praça 14 de Julho ficou com um aspecto diferente. Fez-se necessário uma remodelação da praça, que já é parte integrante da história de Novo Hamburgo. A fonte construída forma 135 figuras de água e luz colorida, que estarão sendo sincronizadas com música hi-fi em estereofônico, que poderá ser ouvido em qualquer recanto da praça. Ela é a maior do país, com 10 mil litros de água, sempre em movimento, não necessitando ser renovada. O motivo principal da remodelação da praça será o espelho d'água, assim chamado pelos arquitetos, porque dará realmente a impressão de um espelho, onde serão refletidos os motivos luminosos da fonte. No interior do lago estará uma seqüência de plataformas de concreto com dimensões e planos diferentes. Uma delas será a plataforma cívica, onde serão hasteadas as bandeiras e estará a pira da pátria, para o fogo simbólico nos dias de festa da pátria. O chafariz estará localizado no centro deste espelho. A praça ainda terá recantos pitorescos, trazendo também o modernismo àqueles velhos locais de encontro dos antigos casais hamburguenses, que agora relembram saudosos seus velhos tempos. Há pouco ainda se lembrava da velha estação ferroviária que durante anos esteve fazendo parte do cenário do centro da

cidade. A história dos trens que passavam diariamente pela cidade, trouxe muito desenvolvimento a esta região. Porém, com a evolução e o progresso, o trabalho despendido por aqueles pioneiros, que enfrentaram os maiores contratemplos para que os comboios transportando passageiros ou mercadorias pudessem levar sua parcela de colaboração para a região do Vale dos Sinos foi esquecido, e as máquinas tomaram conta do velho cenário, transformando-o paulatinamente nesta que hoje é indicada como uma das praças mais modernas do interior. Administração presta contas ao Povo [9]

PR=EX= 10/01/1969 JNH Respeitável vagabundo. Andar lento e inseguro. Estatura mediana. Cabelo grisalho e escasso. Seus olhos eram rodeados de profundas olheiras e a testa enrugada denotava preocupação. Seu volumoso bigode filtrava a fumaça do charuto que rolava de um para outro canto da boca. Deixava pender os braços e ombros para diante desleixadamente e bambolear diante do corpo magro e mal vestido. Calçando num pé o chinelo e noutro o sapato que há muito pedia outras sola, aprecia nem notar que mancava. Suas calças remendadas mal deixavam aparecer o pano da origem, a diversidade das cores dos remendos davam-lhe um aspecto festivo. O mesmo já não acontecia com o casaco: era de uma só cor mas rasgado às costas e junto aos bolsos. A enormidade de suas orelhas contrastava com a magreza de seu corpo. Entrou num bar. Com os dedos polegar e indicador fez sinal para o garção: queria um aperitivo. Sentou-se e espichou as pernas. Com as mãos tamborilava sobre a mesa. Ao ser servido, tomou o copo entre os dedos, girou a mão examinando o líquido, cheirou-o e bebeu um gole... estalou os lábios de satisfação e de um gole bebeu o resto. Com as costas da mão esquerda secou os lábios enquanto que a mão direita juntava o charuto que caíra do chão. Levantou-se, ajeitou o casaco rôto e saiu aparentando ar de dignidade de um respeitável vagabundo. Inácio Stoffel [9]

PR=OB= 17/01/1969 JNH A cidade. Convenhamos. A fonte luminosa está sendo construída com boa técnica. O teste agradou; as primeiras experiências alegraram o coração do povo. Este aplaudiu, bateu palmas, talvez esquecido, naquele momento, de que ele é que as merece, mesmo transformadas na dança colorida das águas. A música lhe traz boas recordações e alegria; ameniza-lhe a preocupação e a constância do trabalho de todas as horas. Novo Hamburgo, cidade industrial, o seu comércio, os operários, mais do que tudo, merecem um espetáculo para os olhos afeitos ao trabalho, descanso para o espírito submisso à operosidade, ao vigoroso cumprimento do dever; e a palma da vitória ao contribuir com as grandes somas para os cofres públicos. Frederico Morsch [9]

PR=OB= 17/01/1969 JNH Projeto da praça [9]

PR=OB= 17/01/1969 JNH Uma praça que será orgulho da cidade. A praça é pulmão da cidade. Psíquica e fisicamente o espaço verde dá o descanso que precisamos no aglomerado urbano. As calçadas junto aso prédios deixarão de ser refúgio dos pedestres para se transformarem em amplos passeios. De um pódium cívico, junto aos símbolos da pátria, as autoridades assistirão às paradas nos dias festivos. Plataformas escalonadas servem a aglomeração do povo que dali apreciará o chafariz luminoso, apresentações de coros - sobre a laje do sanitário -, comícios e retretas. Administração presta conta ao povo. [9]

PR=PG= 17/01/1969 JNH A Praça. Onde está a praça que estava ali? Não sei... Sumiu; arrancaram tudo, demoliram o Coreto, não tem mais flores, não tem mais jardim. Que saudades eu sinto, do Coreto nos dias de festa; muita gente assistindo, vibrando, aplaudindo a retreta. Era a praça "Quatorze", coração da cidade, reunindo para a festividade. E nos carnavais! Vinham os blocos, o povo aplaudia; aglomeração, discussão, opiniões diferentes. O povo subia nos bancos, gritava, vibrava, ria a valer. Era o máximo; a grande festa; o encontro de todos, ali na praça. Depois vinha a Bandinha, sempre aos sábados dar espetáculo. A praça cheia; crianças, homens, mulheres, velhos, moços, enfim... todos na praça a ouvir os acordes e esquecer a tristeza. Hoje não mais praça; mas algo surge no local, acompanhando a evolução. Tudo cresce; é o progresso. E Novo Hamburgo cresce junto, é destaque no Brasil, e nos dá satisfação. Não temos mais a Bandinha, o que nos resta é a saudade, dos momentos alegres, felizes, que ali vivemos. Ma eis que surge a beleza. No mesmo local da praça; uma obra-prima encantadora; bela como a natureza. Um presente ao hamburguês, uma idéia muito feliz. Onde ontem tinha a praça, hoje tem o chafariz. [em forma de poema] Rogério Martins [9]

AV=AF= 31/01/1969 JNH Foto da avenida Pedro Adams [10]

AV=BC= 31/01/1969 JNH Bancas, uma tradição da cidade. Hoje concentra enorme quantidade de público, em especial quando o comércio e a indústria cerram suas portas finalizando mais um dia de labuta. Certo é que as bancas, além de serem uma obra de real destaque, tem o seu valor pelo simples fato

de servirem à comunidade hamburguesa com lanches e petiscos apetitosos, e, em especial, por guardarem um lugar ao povo que fugindo às intempéries refugia-se no abrigo de seu teto. [12]

CA=CF= 31/01/1969 JNH Um pouco da história da avenida. Onde hoje deparamo-nos com o busto do Rui Barbosa erguia-se um chafariz. Mais abaixo, o decantado coreto que nos fins de semana divertia com as bandinhas que se fazia presente. Havia também grande quantidade de plátanos, os quais emprestavam sua sombra aos animais de tração que ali estavam a puxar enormes carretas, abarrotadas de mantimentos que seriam transportados para os trens. Em 1915 havia o cinema Guarany, dividido em duas partes distintas. Na parte térrea havia casa de jogo e na parte superior sala de projeção que também servia para bailes quando necessários. Na esquina do Café Avenida, quando noite, não raras vezes tropeçava-se nos bois que ali se encontravam para o seu descanso noturno. Uma das lojas mais antigas em tecido era a Casa Floriano, de 1925. Dificilmente os burros conseguiam ultrapassar a profunda areia que se encontrava diante da loja. Fato pitoresco era que admitia moças balconistas, o que não era visto de bom grado na época. [10-13]

PR=AF= 31/01/1969 JNH Foto da praça 14 de Julho em reforma [10]

PR=AF= 26/02/1969 JNH A praça feia. Existe um amplo projeto, elaborado pela administração anterior, visando embelezar o centro da cidade, com várias obras previstas na praça 14 de Julho e adjacências. O novo prefeito, muito cauteloso, decidiu sustar a obra. Ao invés de embelezar a cidade, a praça, na situação que está, transformou-se na coisa mais feia do centro da cidade, trazendo dificuldades, inclusive ao trânsito de veículos e pedestres naquele perímetro. Cercada por todos os lados, está mais parecida com um curral do que com um logradouro público. Oniram Alves [9]

AV=ES= 20/06/1969 JNH Estacionamento no centro, um problema que se agrava dia a dia. O industrialista, para esquecer um pouco os problemas do cotidiano, deixou sua fábrica, dirigindo-se ao Café Avenida para um bate papo informal com os amigos. Andou mais ou menos 15 minutos ao redor da quadra e não conseguiu um local vago para estacionar seu carro. É o crescimento criando tais problemas. Rogério Martins [10]

CA=AF= 20/06/1969 JNH Três fotos na rua Gal. Neto [12]

AV=BC= 03/09/1969 JNH Bancas, onde o povo se encontra. As bancas, coloridas e movimentadas, com jeito de cidade grande, reúnem os mais diversos tipos de pessoas. Engraxates, médicos, estudantes ou comerciários vão lá tomar a sua batida, um cafezinho, comprar jornal, conversar simplesmente. É comum que se faça negócios, enquanto os ônibus vêm e vão. - Mas quanto ele quer pelo terreno? Se ouve. Os jovens falam a respeito da próxima reunião dançante:- E o conjunto, qual é? Pedaço alegre e pitoresco da cidade, com cores vivas de mercado, ostentando os verde e vermelho das frutas, as oito bancas congregam gente tão diferente. Muitos dizem que vão tomar o ônibus, ele vai embora, e o freguês continua ali, porque a conversa está boa. Como em outro bar, discute-se política e futebol. E nas segundas-feiras toca-se flauta naquele cujo time perdeu. Certas presenças dão um toque característico às bancas. O conhecido medonho. A verdade é que há muito de humano nas bancas. Gente que se encontra, que vai e vem. As novidades são contadas e espalham-se rapidamente, toma-se um cafezinho, olhando para as pessoas que nunca se viu, os que trabalham perto vão ligeiro comprar cigarros. Ali o povo se encontra. [10]

AV=BC= 03/09/1969 JNH fotos das Bancas [10]

AV=DP= 10/09/1969 JNH Três fotos do desfile na avenida Pedro Adams [10]

PR=PG= 17/09/1969 JNH Saudades daquela praça. Eu me lembro, não faz muito tempo, no centro da cidade havia uma praça, arborizada e florida, onde passarinhos e borboletas completavam o esplendor da natureza ali presente. Nos dias ensolarados, bancos à sombra de árvores ali estavam para acolher a todos que buscavam o descanso. Nas noites agradáveis de Domingo, a bandinha da cidade se apresentava no pequeno coreto que havia no centro da praça; enquanto os dobrados e marchas aconteciam, as crianças brincavam e corriam por sobre os passeios enfeitados com pedrinhas brancas, à luz das lâmpadas incandescentes que ali haviam. Tudo era belo. Mas os tempos mudaram: já não é mais a mesma praça e nem o mesmo banco, diriam os enamorados. Agora o que vemos? Pedras e mais pedras de concreto, o denominado modernismo de linhas arquitetônicas, e um lago seco artificial. Não há mais árvores para purificar o ar da cidade. Não tem mais parque iluminado para as crianças brincarem. Ai está a fonte de águas dançantes, uma maravilha do século XX, com um sistema de alto falantes que

infelizmente se tornou atentado à moderna técnica eletro-acústica e o martírio de todos os moradores e lojistas circunvizinhos. Hélio Luz [9]

CI=CL= 05/11/1969 JNH Manhã de sol. Calçadas estreitas, gente que a passos largos se movimentava, gente que vive, que anda às pressas pelas ruas. As vitrinas refletem toda sua beleza de elegantes arranjos, sob o céu azul, iluminadas pelo sol. Alegria de sorrisos, satisfação estampada no rosto e uma multidão que se comprime. É a rua principal e os automóveis, num desfile garboso, continuam seu trajeto, dando um toque de dinamismo à cidade que cresce. De repente uma figura loira. Dois olhos no meio da multidão. Pedacos do céu, promessas de amor, ternura de oração e de esperança que ali alimenta e conforta. Passa e sorri. Ilse Antunes [3-10]

CI=UC= 18/03/1970 JNH Gíria. Linguagem de malandros, com a qual evitam ser compreendidos pelas outras pessoas. Alemão: crioulo, homem preto. Avião: automóvel grande, banheira. Bacana: muito bom. Bagulho: pessoa feia. Bandar: passear. Bicho d'água: pessoa branca demais. Bode: complicação. Bolar: não entender. Boneca: moça bonita. Broa: moça bonita. Buso: ônibus. Cambito: perna fina. Cantada: pedido, solicitação. Carroça: ônibus. Chincar: chamar a atenção de alguém. Chutado: bêbado. Come quieto: malandro, calado. Comuna: comunista. Coroa: velho, maduro. Deixar barato: não se importar. Delega: delegado de polícia. Duro: sem dinheiro, liso. José Schmitt [3]

GA=OB= 18/03/1970 JNH Galeria Hamburguesa fica pronta de maio de 1971. A galeria Hamburguesa ligará as ruas Gal. Neto e David Canabarro. A pujança do crescente comércio de Novo Hamburgo exige as formas mais avançadas de prédios comerciais. Numa cidade como esta, onde existe um comércio descentralizado, a galeria formará um novo polo de atração comercial, transformar-se-á em verdadeiro centro comercial, atraindo para um só local todas aquelas pessoas que possam consumir. A galeria contará com 38 lojas térreas e 17 conjuntos no piso superior, servido por elevador. [11]

CI=UC= 20/03/1970 JNH Mais gírias. Embonecar: enfeitar. Ensarnar: incomodar. Escamoso: orgulhoso, vaidoso. Gasosa: gasolina. Giz: cigarro. Grupo: mentira, lorota. Ir na onda: deixar-se levar pelos outros. Levar no papo: convencer. Loira: cerveja. Loque: mau jogador. Maçaneta: namorada. Magrela: bicicleta. Máquina: mulher bonita, carro, revólver. Mina: moça bonita. Piau: caipira. Pirulitar: fugir. Prego: cansado. Queimar: comentar mentiras. Quiçassa: bagunça. Quizumba: farra. Sarro: ironia. Segurar as pontas: tomar cuidado. Teco: pedaço. Trampar: trabalhar. Uva: moça bonita. Vidrado: apaixonado. José Schmitt [3]

CA=CF= 01/04/1970 JNH Ao seu Vinícius. Quando se fala do Café Avenida, os jovens, que tanto quanto os outros tem lá o seu segundo lar (até me lembro que tempos atrás nós chamávamos o café de casa do estudante hamburgues. Não temos mesas determinadas, sentamos sempre onde existe lugar (uma vez roubamos a mesa da vitrina da turma da uma hora). A primeira vez que entrei lá aparentava ainda timidez ao sentir-me um intruso no antro dos adultos e ao ver olhares (muitos) reprovadores sobre mim. Luiz Franz [12]

GA=OB= 01/04/1970 JNH Novo Hamburgo está mudando: vem aí a Galeria Central. "O centro de Novo Hamburgo dentro de algum tempo estará com o seu aspecto bastante mudado, pois o progresso está chegando e o velho vai dando lugar às novas e arrojadas formas. Um exemplo disso é a Galeria Central que deverá ligar as ruas Lima e Silva e Joaquim Nabuco. Terá ela 43 lojas, dos quais já agora 80% estão vendidas. Esta galeria estará tendo em suas lojas um movimento bastante diversificado, pois lá estará funcionando uma relojoaria, uma ótica, um tabelionato, lojas de calçado, lojas de eletrodomésticos, lojas de móveis, 'atelier' fotográfico, além de vários outros ramos do comércio. A escolha de Novo Hamburgo deveu-se ao ritmo grande de expansão do município." [11]

CI=OB= 03/04/1970 JNH As ruas. Assunto em pauta na cidade. As ruas, ou melhor, aqueles pequenos orifícios que fazem os carros ficarem barulhentos. Tenho uma amiga que fala muito. Não é dondoca. Diz ela que enquanto não arrumarem as ruas não manda reapertar os parafusos do seu carro. [2-3-10]

GA=CO= 03/04/1970 JNH Anúncio Comercial com desenho da Galeria Hamburguesa [11]

GA=CO= 03/04/1970 JNH As galerias, uma solução. Para o comércio que tinha pouco espaço para a sua expansão no centro da cidade, surgiu uma nova solução: as galerias, até agora praticamente inexploradas em nossas cidades e que agora surgiram definitivamente em nosso cenário. Nos primeiros meses do próximo ano deverão estar concluídas as Galerias Central e Hamburguesa, ambas no centro, que além de sua grande beleza arquitetônica trarão também novos horizontes para o nosso comércio. [11]

CA=CF= 17/04/1970 JNH Ponto chique. Domingo à tarde um grupo de jovens de nossa sociedade resolveu experimentar a emoção de sentar à mesa das fofocas do Café Avenida e saborear um gostoso cafezinho. Gostaram tanto que deixaram o seguinte bilhete em poder de Luíza: que o exemplo destas duas jovens sirva para as demais jovens de nossa cidade. Que todas elas venham também sentar nesta mesa, a mesa das fofocas. Luíza ficou tão entusiasmada e resolveu estabelecer um horário só para as jovens. No referido horário colocará um vaso com flores para indicar aos barbados que é o horário feminino. Jota Feio, coluna fatos e boatos [12]

CA=CF= 08/05/1970 JNH Charge Sinovaldo sobre mini saia no Café Avenida. Moça passando no Café Avenida de saia comprida ninguém dá bola, mas de saia curta... [12]

CI=TR= 15/05/1970 JNH Charge Sinovaldo sobre o engarrafamento do trânsito. Vários veículos se encaminham para dentro de um garrafão. [3]

CI=PG= 04/06/1970 JNH Desgarrada. A cidade de concreto de defronta ante mim. Os edifícios escuros, lúgubres e tristes se erguem como monstros para o infinito e projetam suas sombras negras por sobre as ruas estreitas e quebradas da cidade que grita, que clama por meio do movimento dos carros, por meio da agitação, das pessoas, das sinaleiras e dos múltiplos vendedores. O sol, de quando em vez se faz notar em forma de um réstia fraca de luz, que petulante se impõe entre os pesados blocos de concreto. O céu, a muito custo, se consegue ver, pois não há tempo para olhar para os lados e muito menos para cima. Mas, eis que me deparo com um florista, numa esquina, gritando o preço de suas flores, o preço do seus sustento que é humilde. Paro, não sei por que, e olho para cima. E eis que uma ave perdida está a voar entre os arranha céus majestosos como montanhas. Eis uma ave, um ser, uma vida que grita e está voando em meio à cidade, em direção do céu, que agora me digno a olhar. E fitando céu, paro mais ainda. Todos me olham, pois não estão acostumados a ver ninguém parar, porque têm pressa e trabalham. Parando, fito o infinito e lhe vejo o azul tão lindo, por entre as majestades escuras e comparo aquele céu de minha terra que é muito mais bonito, mais azul, mais límpido, maior em extensão, pois os montes de concreto ainda não o taparam de todo e ele se apresenta amplo e benfazejo ao meu olhar. Pois noto que na minha cidade não há sombras, a não ser das árvores, não há escuridão em meio à cidade. E o povo passeia, não corre, mesmo se está com pressa. Na minha cidade vive-se, pois lá as aves são abundantes, voam livremente em bando e não apenas uma, desgarrada, sozinha, como aquela, perdida na cidade grande. Perdida como muitos de seus habitantes. E enfim lembrei-me com saudades da minha terra pura e ampla. Ampla de sol e de felicidade. Maria Dânia Junges [2-3-7]

GA=OB= 06/06/1970 JNH Galeria, um novo marco do progresso da cidade. Quem chega pela primeira vez ao centro de Novo Hamburgo fica impressionado: nas suas quadras de maior movimento é como um corpo pela metade, inacabado. O lado direito da Pedro Adams é ocupado pela praça 14 de Julho, e o comércio foi obrigado a desenvolver-se e comprimir-se somente num lado da avenida. Com isso já não havia mais espaço para o comércio, as lojas se sucediam uma após outra, comprimidas e sem possibilidades de expansão. Soluções para o seu desenvolvimento eram pouca e todas implicando em obras que poderiam não melhorar e sim deixar menos atraente o centro da cidade. Até que surgiram as galerias, praticamente ao mesmo tempo foram lançados dois projetos, que logo se evidenciaram como a melhor solução para o desenvolvimento do comércio no centro. Elas não roubam espaço, aumentam-no e oferecem também soluções para a instalação de estabelecimentos comerciais bonitos e atualizados. O hamburgues gostou da idéia e as vendas das lojas e das salas foram rápidas. A idéia foi aceita e aprovada. As duas galerias serão arquitetonicamente bonitas e até mesmo parecidas. Na galeria Central a diversificação é enorme: lá haverá uma loja de venda de automóveis, uma casa de chá, uma loja de enxovais para noivas, um restaurante, um ótica, lojas de calçados e de eletrodomésticos, um cartório e até farmácia. Quem sai lucrando é Novo Hamburgo: é a cidade que fica mais bonita, que cresce para cima, é o nosso comércio que maiores e melhores condições de desenvolvimento. E é também você que brevemente poderá passear pelas iluminadas galerias olhando as últimas novidades em eletrodomésticos ou vestuários. [11]

GA=OB= 06/06/1970 JNH Uma foto, vista do alto, da construção da Galeria, e dois desenhos representando sua conclusão. [11]

CI=LU= 08/07/1970 JNH Charge Sinovaldo sobre o cheiro do arroio. As pessoas passam com o nariz tampado por sobre a ponte. [2]

AV=TR= 07/08/1970 JNH Charge Sinovaldo sobre os buracos na avenida Pedro Adams. Carro atola num buraco em dia de chuva e o rapaz tenta explicar que a culpa não é do carro. [10]

PR=CO= 23/10/1970 JNH Como 34 anos como taxista seu Leopoldo viu a cidade crescer. Era exíguo o número de residências particulares, casas comerciais, indústrias, mesmo de pequeno porte, naqueles anos. Onde hoje situa-se o bairro Rio Branco havia somente nove ou dez casas, e ao redor somente matos. Não era raro os animais (vacas ou cavalos) atravessarem e andarem calmamente ou em corrida, nas ruas centrais. As dificuldades que tinham os automobilistas em se deslocar para certos bairros da cidade, devido a buraqueira e barral existentes. Os veículos tinham que estar providos de correntes, nos pneus, para poderem andar nas estradas daquela época. [3]

PR=CO= 23/10/1970 JNH Foto dos taxistas [3]

PR=PG= 30/10/1970 JNH E a praça? Cada vez gosto mais da nossa praça. Dia a dia ela fica mais bonita. Sei que muita gente sente saudades da velha amiga, com suas árvores e o coreto. Era lindo mesmo. Criava vida com a banda municipal executando belos dobrados, e a gente correndo no mesmo ritmo. Nessa época eu era criança e achava genial ficar sonhando. O coreto era meu castelo e dali eu comandava meu reino. Ah gente, como era bom! Até mesmo quando as árvores se transformavam no exército inimigo e ameaçavam os meus domínios. Mas, então, os meus amigos pássaros corriam em meu socorro e, é lógico, sempre venciam. Mas o progresso é um negócio sério. Tudo se modifica em função dele. A nossa praça também. Ela agora está moderna, bem de acordo com a época. As velhas árvores e o velho castelo ficaram deslocados. Mesmo porque as nossas crianças não sonham com castelos. Sonham, isto sim, com espaçonaves e viagens interplanetárias. Vêem! Não seria a mesma coisa. Maria Helena Correa e Silva - coluna só para mulheres. [9]

CI=AT= 06/11/1970 JNH Desenho do possível Trem aéreo [3]

CI=AT= 06/11/1970 JNH Trem aéreo entre Novo Hamburgo e Porto Alegre. Qual o meio de transporte ideal entre Novo Hamburgo e Porto Alegre? Um grupo de técnicos acredita que a melhor é a linha férrea, mas elevada. Seria uma espécie de trem aéreo que se locomoveria sobre um monotrilho, em ambos os sentidos. A linha teria uma altura de 5 metros, e a cada 20 metros estaria sustentada por pilares de concreto. Seriam gastos 15 minutos na locomoção entre a cidade industrial e a capital. A composição do trem seria formada de 3 a 4 vagões, com capacidade de levar, cada um, 110 passageiros. Este trem elevado poderia utilizar aqui em Novo Hamburgo o curso do arroio Luiz Rau, pois que além de não ser necessária a ocupação de outro percurso, a zona do arroio apresentaria uma vantagem: a distância existente em Quase todo o percurso, entre o arroio e as residências, fazendo com que o possível barulho que este trem possa apresentar, traga os mínimos prejuízos possíveis. [3]

AV=SP= 27/11/1970 JNH Moradores da Avenida Pedro Adams Filho estão revoltadíssimos com os atos de vandalismo cometidos por crianças e até pessoas que pela idade deveriam Ter mais vergonha na cara. É que a municipalidade, com alargamento e o novo calçamento da avenida, construiu no centro da artéria, para dividir as duas pistas, canteiros agora cobertos de azaléias e macieiras do jardim, e nos passeios mudas de extremosas e de coníferas. Mas, sistematicamente, bandos de rapazes e até mulheres, estão arrancado as mudas das árvores decorativas e também das flores dos canteiros centrais. Nem parece que a cidade é policiada por um batalhão da Brigada Militar, cujos patrulheiros, até esta data, nada fizeram para deter a onda de vandalismo contra a natureza. Vinícius Bossle [10]

CI=PH= 06/01/1971 JNH Nosso telex está funcionando. Finalmente, após tantos imprevistos, o funcionamento da cabina de telex de Novo Hamburgo é uma realidade. O aparelho está à disposição da população na agência dos Correios. O telex funcionará em caráter experimental, sendo que sua oficialização para funcionamento permanente depende da aceitação que terá junto à população. É preciso que os hamburguenses usem o telex agora para que no futuro não venham lastimar sua perda. [2]

CI=CN= 13/01/1971 JNH Praga diária. Você trabalha 9 horas por dia, seja em qualquer profissão e em qualquer ambiente. Você está cansado, abatido, derrotado. Mas do caminho do serviço até a casa, você vai sorrindo, imaginando as horas de descanso. De uma boa leitura, ou quem sabe de um sono tranquilo. São 19 horas ou menos. Você entra em casa e quase cai de costas, quando ouve um grito que quase derruba as paredes. - Ai, o Manuel assassinou o Luciano! que crime horrendo! Pronto, estragou seu dia. Antes mesmo de chegar à sala de onde viera o grito, você começa a imaginar qual de seus parentes tem o nome de Manuel, o sádico, que assassinara o Luciano. Ou o Luciano, que fora vítima de tão odioso assassinato. Mas quando chega à sala, vê somente sua esposa, sua irmã,... pasmem, até o velho diante de um aparelho de televisão, assistindo à novela que está em seus capítulos derradeiros. Sérgio Pires [6]

PR=OB= 13/01/1971 JNH Recomeçam os trabalhos para conclusão da praça 14 de Julho. A praça deve ser analisada sob três aspectos. O primeiro sobre a beleza turística que oferece, e a fonte das

águas dançantes. O segundo aspecto é a estrutura de concreto, um demonstração da arquitetura moderna. A terceira é a parte de ajardinamento e árvores. [9]

GA=OB= 29/01/1971 JNH Fotos da Galeria Hamburguesa e da Central, ambas em construção. [11]

GA=OB= 29/01/1971 JNH Novo Hamburgo em ritmo de Brasil grande. Das importantes construções que estão surgindo no perímetro central e Novo Hamburgo destacam-se as galerias, que vieram preencher uma lacuna no setor de grandes obras no município. Virão apoiar antes de tudo o comércio, com sala próprias para isto, além de ligarem ruas. A Galeria Central, que liga a Lima e Silva à Joaquim Nabuco, deverá estar concluída em 30 de março do corrente, embora sua entrega oficial seja somente um mês depois. Também a Galeria Hamburguesa vem tendo um ritmo acelerado nos seus trabalhos. A rapidez com que foram realizadas as tarefas de erguimento das duas galerias deve-se à receptividade que elas tiveram junto ao público. A comunidade da cidade industrial, sentindo a importância destas obras, de imediato atendeu a chamada das firmas responsáveis, adquirindo as salas para que houvessem as condições necessárias para a conclusão da obra. [11]

PR=LC= 03/02/1971 JNH Mesmo com chuva, desfile show foi sucesso na praça. O último dos quatro desfile da Courovisão 71 foi realizado junto à fonte das águas dançantes na praça 14 de Julho. Infelizmente, devido às chuvas a apresentação teve de ser interrompida na sua metade. Mesmo assim um grande público acorreu ali para assistir a um espetáculo inédito na América Latina. [9]

PR=OB= 19/02/1971 JNH Desenho do projeto do Centro de Informações e do Relógio-torre, ambos na praça 14 de Julho. [9]

PR=OB= 19/02/1971 JNH Praça 14 vai ganhar relógio e centro de informações. A praça 14 de Julho terá três partes distintas, quando totalmente concluída. A primeira, onde se encontra atualmente o chafariz, será o centro cívico; a Segunda a de recreação, no local central; e a terceira será denominada de centro de informações e play-ground, onde será erguido o relógio torre. [9]

CI=LU= 19/03/1971 JNH Concurso de slogan. O vencedor foi: o bom cidadão não joga lixo no chão; houve outros: A limpeza é o sorriso da cidade; Limpeza: imagem do povo; Cidade limpa e bem cuidada é cidade muito visitada; Novo Hamburgo já é Courocap, será em breve Limpacap; A limpeza faz beleza; Mostra na limpeza de tua cidade, a beleza de tua educação; Novo Hamburgo, cidade industrial, na limpeza é sem igual; Todos vão colaborar para limpeza conservar; Turismo e beleza exigem limpeza; Novo Hamburgo cidade espelho, reflete limpeza pro Estado inteiro; Limpa a cidade, ela é tua; A limpeza é um bem que ajuda a engrandecer; Cidade limpa, cidade linda. Liene Schutz

AV=TR= 14/04/1971 JNH Foto da Avenida Pedro Adams focalizando o movimento dos carros. [10]

AV=TR= 14/04/1971 JNH Novo Hamburgo ou São Paulo talvez? À primeira vista pode parecer São Paulo ou qualquer outra cidade brasileira. Entretanto não é nada mais do que a nossa avenida Pedro Adams. [10]

GA=AF= 14/05/1971 JNH É a cidade que está crescendo: as galerias estão sendo entregues. A galeria Hamburguesa terá 34 conjuntos. Estarão funcionando lancherias, bares, boutiques e outras lojas comerciais. Formada por três pisos virá reunir grande numero de consultórios num só ponto, além de escritórios das mais variadas atividades. A galeria Central terá cerca de 40 salas. [11]

GA=OB= 14/05/1971 JNH Foto da Galeria em construção [11]

CI=PG= 19/05/1971 JNH Cidade Grande. Comentava-me alguém, outro dia, sem qualquer fundo de bairrismo, que Novo Hamburgo está ganhando, a cada dia que passa, ares de cidade grande. E o autor do comentário chamava-me a atenção para o número cada vez maior de veículos que trafega no centro da cidade, o que, como conseqüência natural, está resultando num trânsito cada vez mais difícil. Ao contrário de outras cidades, que praticamente não se modificam nos últimos anos, mantendo ainda as mesmas feições do século passado, em Novo Hamburgo a coisa tem sido diferente: a cidade se moderniza, desaparecem os prédios antigos, surgem novas construções, galerias, belas residências. Oniram Alves [3-7-10-11]

CI=DP= 26/05/1971 JNH Sistema. O comunismo é o ópio do povo, irmãos. Mas logo vem a voz dissidente, meio esganiçada e saindo duma cadeira não identificada lá na penúltima fila: discordo senhor orador. Ópio, onde já se viu. Uma coisa superada destas, que barbaridade! Se vossa excelência ainda

falasse em heroína, ou talvez maconha, eu me absteria deste aparte, mas assim não é possível. Sugiro que conste em ata a minha intervenção, retifique a intervenção para o comunismo é o LSD do povo. Afinal de contas, temos de nos adaptar à evolução! Luiz Franz [4]

GA=OB= 09/06/1971 JNH As duas galerias já estão prontas. As galerias Central e Hamburguesa, duas obras monumentais, já estão prontas para a satisfação do público hamburguês que pode agora usufruir destes dois locais. [11]

CI=SP= 16/06/1971 JNH Não falei? Nossos tímpanos agora são feridos e cada vez mais pelo infernal ruído das descargas e do excesso de velocidade. Novo Hamburgo é aquela cidade, em termos de barulho. Não é nenhum fim de mundo. Lauro Diogo de Jesus [3]

CI=PG= 23/06/1971 JNH Transição. A tristeza ainda habita em mim. Os anos passaram, a cidade cresceu, o povo evoluiu, os prédios se multiplicaram. Tudo cheira o novo. A mocidade. A moda após muitos rodeios, continua a mesma de antigamente, ganhando apenas, mais desembaraço. As vitrinas, agora de modernas e sofisticadas lojas, apresentam ainda seus artigos em velhas decorações, em estilos que já eram. As ruas se alargaram ou se estreitaram. Não sei bem. Pois já estou muito velha e as lentes dos meus óculos estão querendo ser mudadas há muito, mas falta tempo, ou fiquei preguiçosa, para não dizer que o reumatismo já tomou conta dos meus ossos e dos meus músculos. Não consigo mais me identificar com ninguém daqueles que conheci no meu tempo. Não sei se foram para outro lugar, ou estão piores do que eu, em casa ou numa cama. Pobres tempos estes, comparados àqueles tempos moços, joviais, belos e coloridos. Aqueles tempos são bons, ativos, de alegria. Aqueles tempos que não voltam mais. Maria Junges [7]

CI=PG= 16/07/1971 JNH O lado negro de uma cidade. A miséria é indubitavelmente o grande câncer do século XX, contrastando visivelmente com o progresso tecnológico e o engrandecimento das nações. Nos países que vivem constantemente em conflitos, talvez esta miséria ainda tenha uma explicação viável, pois são destruídos os meios de vida, as fábricas, as casas. Mas onde a paz impera e somente há um intenso progresso? Ninguém saberia explicar como uma família de onze pessoas pode morar num barraco de com metros quadrados e nem por que uma criança de alguns meses não tem um pedaço de pão e muito menos um pouco de leite para se alimentar. Novo Hamburgo é um exemplo disto. Progressista, município escola, a cidade que consegue as grandes divisas na exportação e que arrecada milhões de dólares, também tem o seu lado triste, o seu câncer, a doença que atinge muitas famílias, e que pode ser curada somente com a ajuda dos que podem mais para os que não tem nada. Na vila santo Antônio, além do bairro Canudos, há um aglomerado de casebres onde a miséria é a companheira do dia a dia. É lá, mais uma prova de que somente a fraternidade pode auxiliar aquela gente. [7]

PR=AB= 21/07/1971 JNH Depois de 32 anos pombal será demolido. A cidade cresce. É o progresso em ritmo de Brasil grande. Por isto prédios que outrora foram atrações pelo seu modernismo, hoje já se tornaram antiquados e até são considerados como entrave para o crescimento de Novo Hamburgo. O pombal, como é conhecido tradicionalmente na cidade, já foi uma das mais importantes obras, pois nos idos de 1939, quando inaugurado, veio trazer uma nova face para a parte mais central da cidade. Em 32 anos, a cidade de Novo Hamburgo tem muitas histórias para contar. Pouco depois de sua emancipação, em 1927, começou a crescer paulatinamente, com o surgimento das primeiras casas comerciais, dos bares, cafés e mesmo das primeiras indústrias. Depois o progresso veio célere. E a derrubada deste prédio que ornamentou a cidade por mais de três decênios, agora se faz necessária, em virtude de novas construções na zona central. Para aquelas pessoas que estiveram acompanhando o crescimento da cidade, por certo não faltará uma lembrança do prédio há anos muito elogiado, mas que agora se tornou obsoleto, em virtude da força e da grandeza do progresso. Para os mais velhos, não será fácil esquecer aquele ponto de reunião de muito tempo dos bares e cafés ali instalados. Para os novos, fica somente a expressão que mais uma velha construção caiu, para dar lugar a outras mais modernas e requintadas. A praça 14 de julho precisa expandir-se, e o pombal está no caminho. [3-9]

PR=AB= 21/07/1971 JNH Duas fotos do Abrigo Municipal [9]

GA=CL= 01/08/1971 JNH As galerias estão quase prontas, mas o funcionamento do comércio é pouco. A população hamburguesa ainda não está totalmente acostumada a transitar pelas galerias, e parece que o principal motivo para que isto aconteça, é que existem poucos locadores instalados, já que a maioria ainda não procurou ocupar suas salas. As poucas salas ocupadas estão tendo uma visitação razoável por parte do público. Aguarda-se que as galerias entrem em pleno funcionamento para que haja uma maior atração ao público. [11]

CI=UC= 13/08/1971 JNH Prato predileto. Existe algo que é extremamente desagradável e bastante negativo. É a facilidade com que se espalha a maledicência na base do me disseram. Para infelicidade nossa tais notícias correm com uma rapidez que chega a assombrar, criando foros de verdades indiscutíveis. O prato predileto é a conduta de senhoras e senhoritas. Alguém dá-lhes um amante e logo após entra o me disseram. Precisamos sair do costume provinciano e maldoso de falar da vida alheia. Nossos filhos tem o direito de viver em uma cidade limpa de línguas viperinas cuja finalidade é despejar fel e maldade. Lauro Diogo de Jesus [3]

CI=PG= 08/09/1971 JNH O futuro. O progresso não pode parar. Não podemos parar de evoluir, tanto culturalmente como tecnicamente. Não podemos parar. Estamos condenados a progredir sempre, sem parar. Não podemos estacionar no tempo, pois ele nos engolirá. Não podemos parar na esquina da praça, porque o relógio nos chama. Não podemos parar de aprender, porque não podemos parar no tempo. Maria Junges [7]

PR=AB= 08/09/1971 JNH Duas fotos da demolição do abrigo; na primeira o prefeito com a perfuradora, na segunda o abrigo demolido. [3-9]

PR=AB= 08/09/1971 JNH Em três dias o pombal desapareceu. Com diversas solenidades foi iniciada a demolição do velho pombal, que já vinha entrvando o progresso e o desenvolvimento de Novo Hamburgo. O tão conhecido pombal surgiu em 1938, dado à necessidade na época de ser construída uma rodoviária em Novo Hamburgo, devido ao crescente movimento de veículos de transporte coletivo, que começava a tomar conta da cidade. Agora obsoleto e feio, o velho pombal caiu derrubado para colocar Novo Hamburgo em dia com o futuro. [3-9]

PR=OB= 15/09/1971 JNH Relógio torre inaugurado. O Lions Clube Novo Hamburgo Courocap inaugurou o relógio torre colocado ao lado do centro de informações, no centro da cidade. Além de ser um monumento indicador de horas, também será um instrumento benemérito, pois anualmente são colocadas propagandas cuja renda reverterá às entidades assistenciais. O relógio poderá ser adaptado ao mesmo tempo para rádio, toca fitas e toca discos. O relógio torre está equipado com um amplificador automático em funcionamento permanente das 6:30 à meia-noite. [9]

CI=AF= 17/09/1971 JNH Foto de um prédio em construção, com 10 andares [2]

CI=AF= 17/09/1971 JNH Novo Hamburgo também cresce para o alto. Além de seu desenvolvimento econômico, provocado principalmente pelo aumento dos índices de comercialização de seus produtos, Novo Hamburgo também está crescendo fisicamente, e para o alto. A cada dia são novas construções e modernos edifícios no centro da cidade. Capa [2]

PR=BC= 15/10/1971 JNH Agora prefeitura vai derrubar as bancas. O prefeito pretende tomar uma atitude: derrubar o Abrigo municipal onde estão localizadas as bancas. Este ponto já se tornou tradicional no centro da cidade, como ponto de encontro e parada de vários ônibus urbanos. A medida se impõe como um decorrência do progresso que Novo Hamburgo está alcançando nos últimos anos. [3-9]

GA=CO= 10/11/1971 JNH Eletrolar instalou filial moderna na Galeria Central. Foi inaugurada em nossa cidade mais uma moderna loja de eletrodomésticos, na galeria Central, loja 43. A loja virá ao encontro do público consumidor hamburguense, com as mais recentes novidades para o conforto e a beleza do lar. O ato inaugural contou com a presença de figuras representativas da comunidade. [11]

CI=CN= 12/11/1971 JNH O milagre. Não sei se vocês já se deram conta mas a televisão é algo assim do outro mundo. Um negócio de louco, para falar a verdade. Quando estou assistindo o Jornal Nacional e vejo, imagem e som, dos mais distantes recantos do Brasil, não consigo esconder minha admiração pela inteligência do bicho-homem. Apesar de ocorrer diariamente, o fato de Recife, Brasília, Guanabara, São Paulo e mais um número de cidade dentro de minha sala é motivo de constante deslumbramento. Lauro Diogo de Jesus [6]

CA=OB= 24/11/1971 JNH Ginástica vai construir centro comercial. A respeito da atual sede social, que está localizada à Rua Gal. Neto, é propósito da diretoria transformar aquele prédio em um futuro centro comercial. O projeto constará de duas galerias e uma garagem subterrânea. [12]

CI=PG= 17/12/1971 JNH Gente descalça na Capital do calçado. Casa de ferreiro, espeto de pau. Realidade sofrida, curtida na pele, nas plantas dos pés de muitos irmãos nossos. Novela: espere aí que a mamãe vai buscar um táxi... na manhã fria de inverno em Novo Hamburgo, toca uma campainha na fina residência. A senhora abre a porta e vê duas crianças maltrapilhas, tremendo de frio: a vizinha não tem

um roupinha pá nós? Pobrezinhos, esperem um pouquinho, já vou ver. Lá se foi a senhora aflita arranjar alguma coisa para vestir as crianças. No brigado vizinha a senhora ficou olhando as crianças, enlevada, interiormente recompensada pela consciência de um boa obra... Enquanto arrumava algumas flores à frente de casa viu a cena se repetir com as mesmas crianças. Mas como? Pensou ela... A senhora foi verificar o misterioso fato. Lá num lugar ermo estava a mãe das crianças dobrando e ajeitando o monte de roupas que as crianças trazia. No fim da manhã a mãe avisa às crianças: esperem aqui que vou chamar um táxi... Pader Oscar Colling [4-7]

CA=CF= 05/01/1972 JNH O Café Avenida faz parte da vida de Omar Guerreiro. É um local freqüentado pelos senhores e jovens locais. É lá que se fica sabendo das últimas notícias sobre futebol, política, etc. É encontro para o cafezinho, bate papo, que pode acontecer a qualquer hora do dia, das 6 à 24h. É a esquina do pecado, pois está localizada numa área central vista por todos. O ambiente descontraído ocasiona boas soluções e opiniões aso assuntos da cidade. O Café Avenida é para o hamburguês assim como o calçado é para Novo Hamburgo. [12]

CI=TP= 05/01/1972 JNH É uma glória. O Sol maravilhoso deixou de ser gostoso para se tornar abrasador. Não se pode mais andar na rua. O chopinho ao ar livre, não há quem possa, pois em questão de segundos se torna choco e quente. O viver intenso se restringe ao se arrastar de um lugar para outro, procurando um ar-condicionado e reclamando de tudo e de todos. As noites são uma mortalha, causam insônia, tem mosquitos demais, um inferno. O asfalto esquenta, derrete e gruda, pondo em risco a própria vida do cara que grudou por causa do carro que vem voando para não grudar também. Os beuiros à noite abrem suas bocas mal cheirosas e cospem milhares de insetos nojentos, como as baratas que voam para dentro de nossas casas. Stela Sperb de Jesus [6]

CI=PG= 12/01/1972 JNH A poluição está nos matando. Estou sufocado. Quero ar, preciso de ar puro. Preciso respirar. Tenho sede, muita sede, sede de água. Mas a água está poluída, intragável. Que melodia? não ouço. Apenas um som estridente, que me fere os ouvidos. Quase não consigo mais ouvir melodias suaves, pois meus ouvidos não estão acostumados com decibéis acima do normal, estão quase surdos. [7]

CI=PG= 12/01/1972 JNH Um velho amargurado: o progresso vai lhe tirar terras e animais. Acentuadamente abatido e marcado pelos longos anos de sua existência, o ancião se considera um injustiçado. Apesar de bastante afastado da cidade, a fiscalização tem sido rigorosa quanto à soltura dos animais, quase sempre perdendo-os e cobrado pesadas multas. Os grandes proprietários de matadouros não sofrem este tipo de pressão. Seu gados permanecem soltos vários dias sem que nada lhes aconteça. A lei é para todos? [7]

PR=EX= 26/01/1972 JNH Medonho, um caso de polícia ou saúde pública? [9]

PR=EX= 26/01/1972 JNH Medonho. Não será irresponsabilidade deixar um indivíduo nessas condições solto pelas ruas? Algumas passagens suas: pedradas em vidraças, tentativa de atirar-se debaixo de automóveis, o rosto de uma moça foi atingido por uma pedra quando passava pelas imediações do Café Avenida, tentativa de suicídio em plena praça 14 de Julho, strep tease no Café Avenida, deitar-se no corredor dos edifícios, atrapalhando a passagem, quando não lhe dão papel velho, botar fogo nas portas das residências quando estas não tinham jornais velhos, antenas quebradas dos automóveis. Caso de polícia ou saúde pública? Ramon G. von Berg - carta ao editor [9]

CI=TR= 26/05/1972 JNH Meu reino e minha vida por um carro. Quando uma pessoa, considerada normal, entra num carro, transforma-se. Dentro, sente-se rei, dona do mundo, e procura mostrar o que sabe fazer. Desliga-se do mundo e zuuuuummm, zanza por aí como mosca tonta. Se os carros fossem inquebráveis e os pedestres robôs poderíamos fazer isso. Entretanto, sentamos num compartimento cujas paredes são tão frágeis que basta uma batida e a lata já amassa. O carro não é culpado, pois ele não anda sozinho. Liti Rutzen [3]

CI=PG= 31/05/1972 JNH Esta Novo Hamburgo... Esta Novo Hamburgo cresce, ergue-se imponente e progressista, fazendo sobressair o contraste entre suas modernas construções, e o extenso vale que a circunda. Trabalhando com o que é seu, em prol de seu próprio engrandecimento, esta jovem cidade conseguiu que o progresso viesse até ela, timidamente a princípio, mas talvez influenciado pela avidez com que era esperado, infiltrou-se através do vale com a rapidez inesperadas de uma avalanche. O futuro desta Novo Hamburgo é promissor, porque ela tem horizontes tão largos como a imensidão do vale em que se acha incrustada, e o povo que nela labuta sabe bem olhar para a frente visualizando progresso, sempre progresso. Adelia Minuscoli [7]

CI=EX= 23/06/1972 JNH Já dá pra comprá cigarro. Era uma tarde fria, o vento cortava de fininho até a medula. No centro da cidade, um menino mal agasalhado pedia pelo amor de Deus um trocadinho para ir de ônibus para casa. Já estava anoitecendo, e a senhora que foi abordada ficou com pena. Coitadinho, ele merece. E deu o trocadinho. Mal receber o dinheiro, já um outro menino assobiou do outro lado da rua: ei, quanto deu? Deu x, e tu? Eu ganhei tanto. Oba, já dá pra comprar cigarro. Padre Oscar Colling [4-6]

GA=CL= 04/08/1972 JNH Galeria Hamburguesa: locatários esperam melhor movimento. Novo Hamburgo já comporta uma galeria desta envergadura? Talvez a conclusão das duas galerias juntas tenha prejudicado um pouco o movimento. O que está faltando para melhorar? O térreo deveria ser ocupado com boutiques de artigos femininos, para assim haver maior movimentação de público. O povo já se conscientizou da importância das galerias? Não, pois é muito preso à tradições. Nota-se pela movimentação e curiosidade que as galerias despertam a cidade, elas cooperam para o desenvolvimento do pequeno comércio, e servem para embelezar a cidade. Não há nenhuma dificuldade em localizar o endereço no andar superior. [11]

GA=CO= 04/08/1972 JNH Anúncios de serviços na galeria Hamburguesa. Beбето's aperitivos, na espinha da galera, emitindo o bib... bib da onda, afogando gregas e troianos, num mar.. acujá molhadinho, na divina cana; Nagel Cabeleireiras; Ao Belo Rio lancheria; e anúncio de venda de lojas e conjuntos no local. [11]

CI=AT= 18/08/1972 JNH Foto de um Trem aéreo no Japão, ilustrando uma reportagem sobre a pretensa vinda do trem à cidade. [3]

CI=AT= 18/08/1972 JNH Prepare-se para viajar de trem aéreo. Um trem que voa sobre um trilho suspenso, à velocidade de 80 km por hora. Em breve, talvez você deixe seu carro em casa e abandone os incômodos ônibus, fazendo uma viagem tranqüila a Porto Alegre, sem correr riscos que a estrada comum oferece a todo momento. [3]

PR=EX= 13/10/1972 JNH Foto do vagabundo Bruxel [9]

PR=EX= 13/10/1972 JNH O velho Bruxel é uma espécie de mendigo, sempre filosofando ou lendo o seu jornal, quase nunca sorrindo, e com os pensamentos geralmente longe. Ele vive atirado na rua, dormindo com seus trapos sujos e com mau cheiro embaixo de marquises, ou no céu aberto em pleno centro da cidade. Em sua juventude foi irreverente, e como tal, cavou sua própria sepultura. Andava com qualquer tipo de mulher, e a sua vida sexual era bastante ativa. Com uma delas contraiu doenças venéreas, e a terrível sífilis. Teve atrofia testicular. Não sou alienado, diz ele, simplesmente não quero me aproximar muito das pessoas, pois sei dos perigos das doenças que carrego comigo e poderia transmiti-las a outros. Bruxel mostrou-se uma pessoa consciente, sempre falando um bom português, apesar do sotaque germânico. Ele diz que os momentos mais felizes de sua vida são aqueles em que se sente totalmente sozinho. Quando pode divagar, e olhar para tudo que o cerca, sem nada ver. Gosta muito de filosofia e as coisas materiais não o atraem. Só espera o momento de morrer, crê que a vida material já está acabada para ele há muito tempo. Sabe que será enterrado como indigente, sem nenhum acompanhante, e que ninguém irá levar flores à sua sepultura. [9]

PR=LC= 31/01/1973 JNH Garotada tem Play-ground aerodinâmico na Praça 14. Os brinquedos lembram conquistas espaciais, devido as formas dos escorregadores e balanços. Está sendo plantadas flores, e feito um caminho para pedestres, calçado com lajotas. Ali, ninguém respeitava a grama e logo surgiu um caminho onde ela não crescia mais. Além de facilitar o tráfego, embelezou o local. [9]

CI=UC= 02/03/1973 JNH Campanha contra a nudez feminina. Um grupo de senhoras está fazendo uma campanha para levantar a mulher mais alto nos degraus da decência. Em relação ao top-less e a nudez feminina afirmam que a moça que mostra as nádegas na rua não pode estar aspirando um bom casamento. O exagero da moda está desprestigiando a mulher perante o homem, que vai terminar cansando-se de ver mulher nua nas ruas, nas festas, nas praias e considerá-la imprópria para sua companheira, esposa e mãe de seus filhos. Vamos ver se a mulher adere, pelo menos no inverno. Sabe tudo [3]

CI=CN= 16/03/1973 JNH O Cinema em decadência? Houve época em que o cinema era a única diversão. E, com a chegada da televisão, houve impacto, ocasionando uma queda no público cinematográfico. Mas, atualmente, o hamburguês prefere deixar o conforto de seu lar para assistir a uma boa fita. Algumas pessoas preferem ficar em casa, onde há mais conforto. Opiniões: o cinema já sofreu

decadência por diversos fatores, e uma deles foi a televisão, mas o próprio automóvel prejudicou-o um pouco, pois as pessoas preferem passear do que ir ver um filme; o público é bom quando o filme é bom. [6]

AV=CL= 21/03/1973 JNH Pedro Adams será do povo nas noites de Sábado. Como experiência a avenida será fechada ao trânsito, em determinado trecho, objetivando proporcionar melhor comodidade ao pessoas, especialmente senhoras e crianças que lá costumam passear. [10]

AV=SP= 28/03/1973 JNH Polícia vai acabar com abusos na esquina da paquera. A esquina das ruas David Canabarro e Pedro Adams sofrerá intervenção policial mais rígida a pedido dos comerciantes e moradores das redondezas descontentes com as arbitrariedades, principalmente no campo da moral pública. Os queixosos referem-se a um grupo de elementos desocupados que não conhecendo limites para as suas atitudes degradantes tornam-se pornográficos, atentando contra a moralidade pública através de gestos e palavras. [10]

AV=CL= 13/04/1973 JNH Avenida fechou e o povo gostou. Muita gente tem comparecido na avenida Pedro Adams, nos fins de semana. Ela está fechada para automóveis, sábado e domingos, desde a rua Lima e Silva até a Gomes Portinho, visando proporcionar maior comodidade às pessoas que gostam de passear no centro. As calçadas ficam tomadas pelo público, e a praça também, onde está funcionando a fonte das águas dançantes. [10]

GA=CO= 13/04/1973 JNH Anúncio Eletro Lar, galeria central. [11]

CI=TR= 06/06/1973 JNH Tartaruga em boa hora. A prefeitura vai implantar o sistema de tartarugas para acabar com as correrias do trânsito. A tartaruga é um obstáculo ovalado, colocado um ao lado do outro, em toda a extensão da rua, de uma calçada à outra. Quem quiser correr agora vai se dar mal. Na melhor das hipóteses, se não respeitar as tartarugas, vai Ter mola ou ponta de eixo quebradas... [3]

GA=CO= 22/06/1973 JNH Anúncio Galeria Central; Exata advocacia, Eletro Lar, Rubí Jóias, Razão contabilidade, Escritório Probo, Baruska Lancheria, Lavanderia BBC. [11]

CI=TR= 04/07/1973 JNH Crise de segurança. O progresso sempre traz atrás de si violentos problemas. Como resultado da grandeza pagamos o alto preço. Novo Hamburgo pode ser considerada uma típica cidade brasileira. O número de veículos, face ao progresso econômico da cidade, cresce de forma impressionante, mas as avenidas, as ruas, continuam as mesmas. Resultado: insegurança para motoristas e pedestres, número cada vez maior de acidentes. A região é servida pela BR 116, construída no tempo em que se fazia rodovia por quilometragem, para o empreiteiro ganhar mais, tornou-se uma estrada perigosa. De outro lado, o progresso econômico traz a marginalização de uma camada da sociedade e esta camada marginalizada passa a se constituir numa ameaça para a sociedade. Constantes assaltos e roubos. Oniram Alves [3-7]

GA=CO= 06/07/1973 JNH Anúncio Galeria Central; Tabacaria Araújo, Eletro Lar, Rubí jóias, Razão contabilidade, Baruska Lancheria, Lavanderia BBC. [11]

AV=TR= 20/07/1973 JNH O crime nas ruas. O velhinho de 75 anos insistia na travessia da rua e, ansioso e aflito, não conseguia. Fiquei assistindo o verdadeiro drama de nosso trânsito e a temeridade que consiste em se atravessar uma rua de nossa cidade. Era o fim e era o perigo a todo instante. Parahim Lustosa [3-10]

CI=PG= 20/07/1973 JNH Paz interdita. Você é um produto da cidade grande, que, ironicamente, teria todas as condições de conforto para lhe oferecer. Em vez disso, enfrenta o vaivém dos dias apressados e compete a cada passo. Motores, buzinas. Você acorda no meio da noite. Pela manhã, abre a janela e o ar puro vem sob forma de uma nuvem de fumaça. Na hora das compras dribla carros e pessoas, discute a qualidade das mercadorias, enfrenta filas e empurrões, comprimido nas conduções, abalroado pelas ruas, espremido dentro dos elevadores. Em casa a televisão ordena "compre, compre, compre". Você não pode comprar mais, tem suas prestações e ainda há falta de empregos. Termina o dia com uma estranha sensação de fadiga e desapontamento. Gisela Endres [3-7]

CI=TR= 25/07/1973 JNH Nós estamos planejando nossas cidades em função do automóvel. Nos preocupamos em dar o melhor para um determinado sujeito que ocupa 6 m² de área pública, enquanto o outro ocupa somente 0,016 m². Na faixa de segurança o pedestre é teoricamente intocável. Na realidade a faixa está quase sempre encoberta por um mar de rodas de automóveis. A faixa não é respeitada.; a

sinaleira é de dois tempos; o movimento é intenso. Junte tudo e você terá o inferninho particular dos que andam a pé em nossa urbs. Lauro Diogo de Jesus [3]

CI=PH= 01/08/1973 JNH Fui fazer minha inscrição para um futuro telefone. Sei que estou atrasado, mas simplesmente não confiava no "homem das sextas-feiras". E também no início não era vantagem Ter o aparelhinho preto. Não existia o DDD e os poucos aparelhos da cidade não valiam a pena. De qualquer jeito a gente encontrava o pessoal no Café Avenida. Agora a coisa mudou. O telefone se tornou tão popular que, cada vez que preencho qualquer questionário, tenho que declara que não possuo o maldito aparelho. Além do mais o referido é o único aparelho que você tem dentro de sua casa e funciona de acordo com a vontade de terceiros. E basta você desejar que alguém lhe telefone para se tornar silencioso como uma tumba. Lauro Diogo de Jesus [2]

GA=CO= 24/08/1973 JNH Anúncio Galeria Central: Tabacaria Araújo, Eletro Lar, Rubí Jóias, Razão serviços contábeis, Baruska Lancheria, BBC Lavanderia, Executivo materiais para escritório. [11]

GA=PH= 24/08/1973 JNH Foto primeiro orelhão [2]

GA=PH= 24/08/1973 JNH O primeiro telefone público de Novo Hamburgo, um orelhão, igual aos em funcionamento em Porto Alegre, passará a funcionar amanhã. Ele está localizado em frente à galeria Central, na Joaquim Nabuco. As fichas serão vendidas no próprio local, pela tabacaria, facilitando assim às pessoas que pretendam utilizar o telefone. [2]

CI=VT= 21/09/1973 JNH A primavera está chegando, e com ela novos lançamentos. É tempo de abandonar as roupas quentes, trocando-as por mais leves. É tempo de nova moda. E como acontece todos anos, surgem as novidades para cada estação. As casas especializadas ganharam novos coloridos, enfeitando suas vitrinas com o que vai ser usado nesta estação. O estampado deverá predominar. Roupas alegres e vistosas deverão ser usadas. As novidades masculinas são a camisa de malha, fio escócia, com pesponto, e a calça de brim, tergal ou gabardina. Para as mulheres há terninhos e vestidos com pregas, e blusas com gola xadrez. [10]

PR=OB= 05/10/1973 JNH Concha acústica até o Natal. Foi promovida uma reunião com o objetivo de construir uma concha acústica e um barzinho na praça 14 de Julho, que deverá ser concluída até o Natal. A concha estará localizada sobre a casa de máquinas do chafariz e o barzinho na plataforma em frente à rua David Canabarro. Junto à este haverá guarda-sóis e mesinhas. [9]

GA=CO= 17/10/1973 JNH Anúncio Galeria Central; Tabacaria Araújo, Eletro Lar, Charmosa Boutique, A rouxinha Boutique, Lavanderia BBC, Jo Carvalho cosméticos. [11]

GA=CO= 25/10/1973 JNH Anúncio Galeria Central; Tabacaria Araújo, Eletro Lar, A Rouxinha Boutique, Charmosa Boutique, Lavanderia BBC, Geléia Real Superbom. [11]

GA=CO= 23/11/1973 JNH Anúncio Galeria Central; Tabacaria Araújo, Eletro Lar, A Rouxinha Boutique, Charmosa Boutique, Lavanderia BBC, Geléia Real Superbom, Sandalhão Calçados. [11]

GA=NT= 21/12/1973 JNH Para a maioria das pessoas, o Natal é uma festa maravilhosa. Mas há os que sempre ficam de fora disto, sem nunca participar, sendo mero espectador da alegria dos outros. Para Sérgio, engraxate, 13 anos, todos os natais são iguais, e não espera ganhar nada neste, pois nos outros nunca ganhou. Seu pai está preso e sua mãe é preparadeira de calçado. Já Claudionor, engraxate, 14 anos, [ganhou um ano um brinquedo novinho, mas a alegria durou pouco, pois todos queriam brincar com ele e acabaram estragando. Júlio, vendedor de picolé, acha muito bacana os pinheiros da praça. Em sua casa não tem festa, ele gostaria de dar um presente para sua "velha" mas o dinheiro que ganha vai todo para a "bóia". Valdemar, encontrado na galeria Central, limpando as vitrinas, acha o Natal uma festa bonita, onde é bacana ver o Papai Noel nas lojas, nas ruas. As vitrinas ficam mais enfeitadas. Ele não faz festa em sua casa. João sente alegria no Natal. A cidade fica tão colorida e ele gosta de olhar as luzinhas dos pinheirinhos acendendo e apagando de noite, parecendo vaga-lume. Ele queria um presente. "A mãe manda a gente rezar na noite de Natal. [11]

PR=LC= 26/12/1973 JNH Inaugurada a Concha acústica. No último Domingo, centenas de pessoas lotaram a praça 14 de Julho, para assistir a apresentação do Coral da Igreja Evangélica de Novo Hamburgo, o primeiro a se apresentar na concha acústica. O espetáculo, apesar do barulho dos veículos, foi impressionante. Em primeiro plano, a fonte das águas dançantes fazia evoluções ao ritmo das músicas apresentadas pelo coral. Após, a população assistiu a exibição de um presépio vivo. [9]

CA=AF= 28/12/1973 JNH Foto prédio da Ginástica Novo Hamburgo, na Gal. Neto. [12]

CA=AF= 28/12/1973 JNH Ginástica vende sede velha para Novoseguro. Na maior transação imobiliária já realizada na cidade, a Novo Hamburgo Companhia de Seguros comprou a antiga sede da sociedade Ginástica. A veterana terá ainda 18 meses para desocupar o prédio. A nova proprietária ainda não decidiu o que fazer com o prédio. Capa [12]

CI=SP= 03/04/1974 JNH Charge Sinovaldo: rejeitada a lei do silêncio. Jovens fazem a festa enquanto os moradores pensam em se mudar de Novo Hamburgo. [6]

CI=CO= 05/04/1974 JNH Charge Sinovaldo: nosso sapato virou réu. Sapato brasileiro no banco dos réus dos Estados Unidos. [5]

CI=CN= 10/05/1974 JNH Anúncio do filme em cartaz no cinema Saionara... Um marido sem... é como um jardim sem flores. Proibido para menores de 18 anos. [6]

CI=LU= 10/05/1974 JNH Charge Sinovaldo: mulheres varrendo a cidade, enquanto à noite os maridos cuidam da casa. [2]

PR=ET= 31/05/1974 JNH Seu Manuel, engraxate há 23 anos, lembra do tempo da estação de trem, quando a freguesia era farta. "Os passageiros desciam do trem e me procuravam para limpar o pó da viagem". Um dos maiores problemas atuais, para ele, é a ausência de um abrigo, pois com inverno ou verão, chuva ou calor, ele precisa ficar exposto às intempéries. A existência de um abrigo melhoraria a suas condições de trabalho. [9]

CI=PG= 14/08/1974 JNH Sou contra o progresso. Podem pensar que fiquei lelé da cuca, mas tenho meus argumentos: os hospitais psiquiátricos aumentam dia a dia sua população; a cidade está cheia de buracos; apesar da melhoria das estradas levamos o dobro do tempo para ir de um lugar ao outro, bastando dois fucas se beijarem para dar um tremendo engarrafamento; no veraneio não há descanso; o roubo e o assassinato campeiam a cidade; há o problema do menor; atravessar a rua tornou-se uma jogo mortal; por segurança você só deve carregar cheques, mas ninguém aceita-os pelo grande número de vigaristas soltos; há os tóxicos; transitar em zona bancária é uma temeridade, de uma hora para outra você pode ser envolvido no tiroteio; há a prostituição com meninas de 15 anos. Se há alguém entusiasmado com a evolução da Terra, cumprimento-o e desejo que faça bom uso da mesma. Lauro Diogo de Jesus [3-7]

CI=PG= 30/08/1974 JNH Quais são os valores estabelecidos pela sociedade? Para os adolescentes são coisas como "motoca". Mas no correr dos anos os valores se transformam. Um terreno, televisão a cores, máquina de lavar, roupas, cursos, viagens. É a sociedade de consumo, com suas entidades. Para viver nela a sabedoria estabeleceu seus princípios, e a respeitabilidade tem o carimbo da renda. Um rapaz que ganha bem acaba se envolvendo em comentários, também uma moça que ascende ganha seu título de nobreza. Vinícius Bossle [7]

CI=CN= 18/09/1974 JNH Os filmes arrebentam durante a projeção porque as cópias no Brasil são poucas, e passam por todos os cinemas, chegando a um desgaste muito grande. Na distribuição é um corre-corre danado, pois se acontecer um temporal que derrube uma ponte, o filme que pela manhã está em Uruguaiana não chega a tempo na cidade. [6]

CI=DP= 01/11/1974 JNH Charge Sinovaldo: prefeito desafia quem apontar uma rua por onde o galaxie não passe. Prefeito e seu motorista passeia num galaxie, que por ser largo não cai nos buracos... o motorista reza para que não venha nenhum fusca pelo mesmo caminho. [3]

CI=PG= 17/12/1974 JNH Numa madrugada qualquer, no centro de uma cidade do interior, um grupo de homens idosos reuniu-se em frente a uma sociedade. Eles haviam saído de uma festa e o ambiente era festivo, com foguetes, risos e até gargalhadas. Seguiu-se uma passeata de automóveis, todos buzinando. Na frente da sociedade havia uma edificação, habitado por jovens estudantes. Estes se revoltaram contra a algazarra e jogaram frutas, ovos podres e tudo o mais. Os anos passaram e os jovens foram ficando velhos, e então compreenderam que aqueles "coroas" não estavam tão errados assim. Aquilo tinha sido uma demonstração gritante que os "coroas" estavam vivos, dispostos, entusiasmados e com uma vontade imensa de viver naquela pequena cidade que dava seus primeiros passos rumo à poluição e automação de hábitos e de costumes. Aurélio Decker [7]

CI=TP= 17/01/1975 JNH Charge Sinovaldo sobre o calor na cidade. Fila para entrar no banco, e não é para sacar o PIS, e sim para "sacar" o ar condicionado. [6]

CI=PR= 26/02/1975 JNH Charge Sinovaldo sobre a prostituição na rua. Dois rapazes acham que "estão com tudo" porque as "moças" abanaram para eles. [4]

CI=OP= 22/06/1975 JNH Charge Sinovaldo sobre os assaltos rotineiros. Pessoas passam enquanto assaltantes roubam os motoristas. [4]

CI=CO= 12/11/1975 JNH Anúncio de primeira página sobre a venda de máquinas usadas pertencentes à massa falida de uma indústria de calçado. [5]

PR=AF= 24/03/1976 JNH As pombas do Feijó. Ele acha que tornar a praça o habitat de um sem número de pombas seria uma grande atração turística. Segundo ele, dezenas de hamburguenses foram à Europa só para tirar fotografias no meio das pombas, na praça São Marcos, em Veneza. Fiz algumas restrições pois não é qualquer vivente que gosta de receber, do alto, algo que não se coaduna perfeitamente com um penteado todo trabalhado ou mesmo uma roupa domingueira. Concordo que seria uma glória para a criançada andar no meio das pombas. Também os fotógrafos, caso do Feijó, iriam faturar uma barbaridade. Lauro Diogo de Jesus [9]

CI=CO= 26/03/1976 JNH Piada muito boa surgida em Novo Hamburgo, relacionada à crise Argentina. Dizem que os conhecidos comerciantes Aladim e Bentevi leram a manchete de um jornal da Capital no início desta semana - "Argentina em falência" - e viajaram imediatamente a Buenos Aires, a fim de arrematar as sobras... Só que com a eclosão do golpe militar (ninguém sai, ninguém entra), ambos ficaram presos por lá... Coluna Sabe Tudo [5]

CI=DP= 26/03/1976 JNH O exemplo argentino mais uma vez veio comprovar que os governos fracos, que toleram a greve sistemática e a baderna generalizada, fatalmente terminam conduzindo o país para uma situação de caos. Oniram Alves [4]

PR=AF= 31/03/1976 JNH Saudosismo. Fins da década de 40. Novo Hamburgo, com cerca de 30.000 habitantes, era uma cidade adolescente, na ânsia de atingir a maturidade. No centro, a Praça 14 de Julho, armazém das aspirações românticas, era um pequeno mundo onde a gente gastava pedaços de horas, alimentando o sedentarismo dos momentos ociosos postados ao longo do tempo. A prefeitura ainda era ali em frente, presenciando desfiles nas duas quadras da avenida, que era a passarela onde, nos fins-de-semana, casais de qualquer idade desfilavam num vai-e-vem gostoso. A estaçãozinha colonial, situada ao fundo, ainda suportava, com seus 70 anos, as rugas do tempo, envolta na rústica cerca de arame farpado, limitado a praça. Havia os cochichos nos bancos espalhados pelas ruazinhas, enquanto as curvas dos canteiros iam tangeando os sentimentos dos que ali se deixavam ficar. A praça era um pequeno mundo; enquanto mocinhas bonitas provocavam sonhos duvidosos ao longo dos canteiros, certos pares se aflagavam nos recantos menos iluminados. Existia o quiosque, coreto oficial que, entre as árvores copadas, silenciosas e indiferentes, testemunhavam as retretas que a banda ali executava. Assim era a praça 14 de Julho no final da década de 40. Hoje a prefeitura não é mais ali, o quiosque já não existe, o romantismo escapou e a praça, com muita propriedade, tem o sugestivo nome de Praça do Imigrante. Resta apenas a saudade de uma época. Ercílio Rosa [8]

PR=AF= 07/04/1976 JNH As pombas chegaram. A praça do Imigrante foi enriquecida. O prefeito determinou a compra de várias pombas que serão soltas na praça. Tal iniciativa deve-se à sensibilidade do Alceu Feijó. Coluna Sabe Tudo [9]

GA=CO= 04/06/1976 JNH Anúncio de página inteira da Galeria Central. Executivo materiais para escritório [loja 29]; a Rouxinha boutique moda jovem unisex [loja 33]; Rubi jóias, jóias e relógios consertos na hora; Micro lanches lancheria; Ótica Paiva, óculos sob medida [loja 22] Binho's, a personalidade no vestir, quem for homem apareça [loja 28]; EletroLar, estofados finos com exclusividade, tapetes, forrações [loja 43]; Livraria Delta, livros, artigos escolares [loja 42]; Mokinha moda jovem para Ele e para Ela; Lavanderia BBC, a melhor amiga de sua roupa, self service; Razão Cópia xerox [loja 1]; Ótica Kohler, jóias finas, óculos; Shop Shop, a moda de Ipanema pra você vestir; Yaffé Calçados, exclusividade feminina [loja 16]; Vida Íntima, a boutique da futura mamãe e seu bebê [loja 23]. [11]

GA=CO= 01/10/1976 JNH Anúncio de página inteira da Galeria Central... Salão Rei, cabeleireiro, manicure, pedicure, permanente; Sérgio Hack, serviços comerciais, cópia xerox; PRC Souto Mayor, administração, cobranças no País [loja 17] [11]

CA=OB= 24/01/1977 JNH Calçadão na Gal Neto. A poucos dias da posse o prefeito anunciou medidas para combater o alto consumo de combustível; será adotado o fechamento do centro da cidade

aos veículos particulares em determinados dias e horários. O prefeito estaria propenso a transformar a rua Gal. Neto em um calçadão. A idéia é antiga, desde 1974, e o atual prefeito considerou-a inviável. [12]

CI=UC= 11/04/1977 JNH Não sei bem porque, mas nos áureos tempos não ficava bem ao elemento feminino andar de calças compridas. Os tempos passaram e eis senão quando as moçoilas, e mais tarde o sexo todo, passaram a usar eslaques. O bom senso tarda, mas não falha. Terminou o célebre inverno e a moda continuou. Era uma tal de calça comprida a não acabar mais. Que diabo, um vestido também tem a sua vez. Nada como um caminhar gracioso acompanhado de um vai e vem de uma saia bem modelada. Chegamos a triste situação de não saber mais que é homem ou que é mulher. Lauro Diogo de Jesus [3]

AV=TR= 05/09/1977 JNH Quebra-molas no centro. Uma variante passou ligeiro atirou pela janela uma mola de automóvel. Os engraxates pegaram a mola e, por gozação, atiravam no meio da rua quando um automóvel passava sobre o quebra-mola. Um motorista chegou a parar para verificar se a mola não saíra de seu próprio veículo. Coluna sabe tudo [10]

AV=OB= 14/09/1977 JNH Calçadão na avenida Pedro Adams. O prefeito anunciou a consignação de verba no orçamento de 1978 para a construção de um calçadão na avenida Pedro Adams Filho, entre as ruas Gal. Neto e Lima e Silva. Confirmou ainda a instalação na primavera de bancos e floreiras no trecho, que vão ocupar três metros de largura da avenida, e servirão para acostumar a população a ter mais áreas de lazer no centro. [10]

AV=OB= 14/09/1977 JNH Desenho do calçadão na avenida Pedro Adams, segundo o chargista Sinovaldo [10]

CA=CN= 14/10/1977 JNH Comentário de um hamburguense ao terminar a projeção do filme, Uma ponte longe demais, Terça feira à noite, no cine Lumière: Puxa, finalmente um filme de guerra em que nós ganhamos. A película mostra uma grande derrota dos aliados, durante a Segunda guerra mundial, na Holanda. Coluna sabe tudo [12]

CI=AF= 07/11/1977 JNH Os edifícios. São muitos os edifícios em nossa cidade, tanto os existentes há tantos anos, como os concluídos recentemente, os que ainda se encontram em construção e outros tantos apenas estão sendo projetados para o futuro. Por isso não é de admirar quando um cidadão argumenta: os edifícios nascem como cogumelos. Bruno Dienstmann [2]

CI=UC= 05/12/1977 JNH O repicar dos sinos. Na colônia faz parte da vida diária o tocar dos sinos da igreja. Esse costume vem de longe. Estamos acostumados com este ritmo, desde que nascemos. Mas, recebendo a visita de uma pessoa que mora na cidade grande, esta ficou maravilhada com este costume. É que na poluição sonora das grandes cidades este costume se afundou. Mesmo hoje este costume se afundou, pois para muitos significa acertar as horas do relógio, a saída disparada para o ônibus, a entrada no colégio, no serviço, o almoço, o jantar. Antes, tocar o sino era o chamado para a oração. Herta Parto [3]

PR=OP= 07/12/1977 JNH Na madrugada o guarda da praça dos Imigrantes prendeu alguns taxistas que tem ponto naquele local porque eles estavam pescando os peixinhos que vivem no espelho d'água da fonte luminosa. Com redes de sacos de frutas e arames, divertiam-se pescando peixes decorativos que dificilmente podem ser encarados com alimentação. Coluna sabe tudo [9]

CI=AF= 23/12/1977 JNH Ponto de Vista. No Rio de Janeiro alguns moradores dos bairros distantes nunca viram as belezas da praia. Em Porto Alegre alguns cidadãos jamais desfilaram na Rua da Praia. Apenas alguns privilegiados podem desfrutar dos prazeres que estão à disposição no centro das cidades: as boates, os cinemas com ar condicionado, restaurantes, etc. Num círculo mais externo os carrões são substituídos pelos modelos fora de linha, surgem os cinemas com pulgas, ruas calçadas com pedra irregular. Iluminação precária, bares com cerveja quente e bife com fritas e arroz. Num círculo posterior, há as bicicletas, as ruas empoeiradas, cachorros latindo atrás das pessoas, botequins da cachaça e do mini snooker, crianças jogando bola em campinhos, mulheres conversando entre cercas de madeira com pintura gasta. E depois, bicos onde as patrôas da prefeitura não animam-se a ir, crianças sujas chapinham em valos formados por águas da chuva ou do esgoto, casas de uma peça, paredes de lata e chão batido, varais com trapos postos a secar. Novo Hamburgo já cresceu bastante a ponto de Ter famílias com oito filhos de barriga inchadas, morando num casebre e renda familiar insuficiente para patrocinar um jantar em restaurante de categoria. Estes nunca viram uma colorida boutique do centro, nunca

passaram por uma galeria cheia de lojas atraentes, nunca tomaram gilda de canudinho ou andaram de frescão. Luiz Afonso Franz [2-7-11]

CI=SG= 04/01/1978 JNH Fora do vídeo. No plano real tudo é diferente. Semana passada um homem violento surrava sua esposa grávida, e, perturbado com a interferência da sogra cortou-lhe a garganta. Depois, empunhando uma espingarda atirou no primeiro que apareceu. Violentemente abalado, arrancou um motorista de dentro de uma kombi e escapou. Fosse na tela de cinema o matador seria preso em menos de 12 horas. Mas em Novo Hamburgo, onde a polícia precisa receber vales de gasolina, onde os investigadores vivem de um salário que não faz inveja, limita-se ao mínimo de seus recursos. Acuado no mato somente pela consciência, o homem voltou para casa quatro dias depois, sem oferecer resistência. Aurélio Decker [4]

CI=TR=04/01/1978 JNH Novo Hamburgo já tem 22 mil veículos. Um automóvel para cada seis habitantes. Este elevado índice (um dos maiores do Brasil) é conquistado pela cidade. Esta elevada marca demonstra o estágio de progresso que atravessamos, mas também vale como um alerta: é preciso cuidado no trânsito que cada dia fica mais perigoso. Capa [3]

CI=DP= 05/04/1978 JNH Nome de Novo Hamburgo... proveio da estrada de ferro ou vice versa? Não temos dúvida em afirmar que Novo Hamburgo já tinha seu nome antes de existir, pois certamente previam para esta futura cidade, com a implantação da estrada de ferro, um grande destaque destinado a ser um grande centro comercial desta rica, pitoresca e progressista região. Gastão Spohr [3]

AV=OB= 23/05/1978 JNH Está sendo projetado o calçadão da Pedro Adams. Será aberta a concorrência para construção das obras do calçadão da Pedro Adams, no trecho que vai da Lima e Sila à Gal. Netto. O piso será de basalto, indodos canteiros da praça dos Imigrantes até os prédios. No meio serão implantados canteiros altos para flores e folhagens. Serão plantados árvores já crescidas e dois orelhões duplos. [10-12]

CI=PH= 26/05/1978 JNH Aqui é Veroni... Já imaginaram o que aconteceria numa cidade como Novo Hamburgo, se de um momento para o outro os pequenos segredinhos e os grandes problemas comesçassem a ser de conhecimento público? A coisa está para acontecer, se continuarem havendo as linhas cruzadas nos telefones. Já houve o caso de duas madames conversando sobre a insatisfação da vida conjugal. Uma orientava a outra como proceder para arranjar um homem. Alceu Feijó [2]

CA=CF= 08/06/1978 JNH Foto do Café Avenida batida na década onde aparece uma bomba de gasolina defronte ao Café. [12]

AV=OB= 11/07/1978 JNH Calçadão na Pedro Adams, obras iniciam em agosto. Em agosto deverão ser iniciadas as obras para instalação do calçadão no trecho da avenida entre as ruas David Canabarro e Lima e Silva, para posteriormente se construir entre a David Canabarro e a Gal. Netto. [10]

CA=OB= 17/07/1978 JNH Charge Sinovaldo sobre calçadão. Funcionários da prefeitura em dúvida se o que o prefeito pediu foi um calçado gigante (calçadão) na Pedro Adams. [12]

AV=OB= 24/07/1978 JNH Calçadão. Assunto das rodas do Café Avenida: o calçadão da avenida Pedro Adams. Uma opinião de lá: calçadão é moda, como foi moda o chafariz das águas dançantes. Todos perfeitos queriam fazer uma fonte luminosa. Coluna sabe tudo [10-12]

AV=OB= 04/08/1978 JNH Calçadão. Não satisfaz o público em geral que gosta de passear com seus carros novos pela esquina do Café Avenida, a famosa esquina do pecado. Alceu Feijó [10-12]

GA=CO= 04/09/1978 JNH Roxinha Boutique reinaugurada na Galeria Hamburguesa. A Rouxinha boutique já se caracterizou por ser uma das mais quentes da cidade em termos de moda jovem. [11]

GA=CO= 15/09/1978 JNH Cinco anos de destacada participação no comércio hamburguense graças à aceitação de milhares de clientes da boutique, fazem da Rouxinha uma das mias importantes lojas da cidade. Atende nas duas galerias. [11]

GA=CO= 01/12/1978 JNH Kika boutique. A moda unissex em alto estilo fez morada na loja sete da Galeria Hamburguesa, com tudo em roupas da última moda. [11]

PR=OB= 01/12/1978 JNH Chafariz da praça. A prefeitura está realizando a limpeza em volta do chafariz, secando toda a área onde havia água e preparando o tanque em volta do chafariz para ali serem

colocados bancos, além de um pequeno viveiro de peixe. A prefeitura irá desativar o chafariz, mas sem modificar sua estrutura, deixando à próxima administração que decida sobre o futuro do chafariz. [9]

GA=OB= 06/12/1978 JNH Aproveitem. Já notaram o número de galerias que a cidade está construindo? Não vai levar muito tempo e poderemos atravessar Novo Hamburgo de lado a lado só através delas. E o número de boutiques existentes na santa terrinha? Ou alguém está cometendo um erro de projeção ou Novo Hamburgo anda nadando em dinheiro. Lauro Diogo de Jesus [PC-11]

SH=VA= 14/12/1978 JNH A mentalidade pragmática e materialista anglo-saxônica tomou de roldão nossa maneira de pensar, agir, proceder e viver. Em todos os setores copiamos ou fazemos o possível para atingir o nível de vida dos americanos. Nas nossas cidades as áreas de construção avançam impeiosamente. Não somos utopistas, acreditamos que não há ninguém que possa parar esta roda gigante da nossa civilização. Ernest Sarlet [13]

AV=ES= 06/04/1979 JNH Charge Sinovaldo sobre estacionamento pago no trânsito. O turista vai perguntar algo e a moça da cobrança do estacionamento já lhe pergunta sobre seu carro. [10]

CA=OB= 26/04/1979 JNH Vereador quer calçadão na rua Gal. Netto. O vereador argumenta que tem feito consultas à inúmeras pessoas e que a maioria delas aponta a General Netto como o local mais indicado para o calçadão. [12]

GA=CO= 26/04/1979 JNH Fotos das boutiques Amarelinha e Cogumelus, nas galerias Carolina e Hamburguesa, respectivamente. [11]

GA=LC= 26/04/1979 JNH Galerias: verdadeiros centros comerciais. As galerias tornaram-se uma comodidade para o hamburgues, onde podem ser realizadas várias compras sem precisar caminhar muito. Na galeria central é status possuir uma loja e a predominância é de boutiques, mas são tantas as opções que é possível fazer uma série de compras sem precisar sair delas. O mundo das galerias tornou-se uma comodidade para as pessoas e de desacreditadas passaram a ser status para lojistas e uma vantagem para os hamburgueses. reportagem: meu bairro é assim. [11]

CI=PG= 04/05/1979 JNH Decididamente, adeus Novo Hamburgo. É a cidade que vai se despedindo do passado e se transformando numa grande metrópole com todas as suas complicações. São as transformações causadas pelo progresso avassalador, seco, oportunista prático, objetivo e indiferente à saudade, à nostalgia dos saudosistas que vêem suas lembranças mais caras serem arrastadas para um monturo, para uma valeta ou servindo de aterro para um banhado. O progresso que vem de fora vai demolindo o passado de Novo Hamburgo, igualando nossa cidade às grandes metrópoles do século. Para a juventude isto deve ser bom, pois são coisas de sua época, dos seus dias, do seu cotidiano. Eles quase nem notam as transformações, a derrubada da própria história da cidade. É o dia deles, é o momento deles que está em ação. Mas tem muita gente com saudades do apito da locomotiva passando pelo corredor da Joaquim Nabuco, do resfolegar nos fundos da fábrica de esmaltados, dos velhos prédios centrais que cederam lugar aos grandes edifícios. Essa gente são os grandes derrotados nesta batalha irreversível. Mas a verdade é que Novo Hamburgo está se despedindo do passado. Já se fala até em Centro Comercial, coisas de cidade grande. Já tem até jornal diário e trânsito complicado. O melhor é dizer adeus a Novo Hamburgo de ontem e se preparar para o de hoje... Alceu Feijó [7]

SH=OB= 17/07/1979 JNH Projeto do Centro Comercial. Já está concluído o ante-projeto do shopping center que será construído na área central da cidade, na esquina da Joaquim Nabuco com a Nações Unidas, e que ocupa uma área até a rua 5 de Abril. A área foi adquirida pelo grupo Sulina que ali erguerá um centro comercial com mais de 20 mil metros de área construída. A obra deverá estar concluída em 1981. Coluna sabe tudo [13]

CI=DP= 24/10/1979 JNH Como era bom o meu Vale. Dizem que o cronista, aquele que fala sobre o cotidiano, é a melhor fonte para pesquisadores. Segundo alguns, não tendo obrigações com tendências e facções, através de suas crônicas contam a história real dos acontecimentos. Na crônica estaria a verdade. Quando os anos passarem e alguém quiser saber algo sobre a cidade, poderá consultar as então antigas crônicas. Fico em sérias dúvidas se eu e meus colegas seríamos boas fontes. O homem é um ser político, por mais que afirme ser imune a qualquer tipo desta atividade. Tenho uma curiosidade imensa: como será meu julgamento no futuro? Gostaria, se tal acontecer, que um dia, uma determinada pessoa, folhando as amarelinhas folhas de velhos NHs chegasse a uma conclusão: foi um apaixonado pela santa terrinha. Falei das pessoas e das coisas boas do Vale. Por ter cantado a terra adotiva, no futuro ao ler minhas crônicas, um historiador possa ter uma idéia de como era bom o meu vale. Lauro Diogo de Jesus

CI=PG= 27/12/1979 JNH A mensagem da década de 80. Imagino Novo Hamburgo no fim da década de 80, nos olhando do alto de seus edifícios, e as pessoas procurando os terraços para um encontro com o infinito, para ver uma nesga de céu e o cruzar das nuvens. A partir das aglomerações de gente num só local nasceu quase todos os problemas. Os esgotos não comportam a demanda; a energia é insuficiente; sequer o supermercado atende o vulto de clientes; as escolas não tem mais vagas; as cadeias estão lotadas; a poluição sonora inferniza a vida. O homem mesmo cria suas dificuldades. Se é isto que a década de 80 nos acena, e se é isto o progresso a jângal do cimento, então não quero e não aceito. Vinícius Bossle [7]

CI=PG= 30/01/1980 JNH O uso do sino como meio de comunicação é perfeitamente intendível. Nos tempos de outrora e principalmente nas colônias, o sino era o meio mais eficiente de comunicação. Incêndios, hora do dia e falecimentos, a comunidade tomava conhecimento instantaneamente. Afinal, aquelas pessoas possuíam poucos relógios e conheciam seus doentes. Agora temos gráficas, jornais e estações de rádio para notificar o infausto e por isso não vejo necessidade do "dong-dong" que é lúgubre, irritante e assustador. Nos bons tempos, numa pequena vila, todos se conheciam. A morte era caracterizada e tinha nome próprio. Os colonos paravam sua atividade e lá vinha o comentário: "Horch! Iss ein man gerttorb. Ich tenga mohl das wea millesch pehts. Tea wa so tzimlichkrang gness, un is so ungefëa finef un siptzich ioa ald. Sai bekrebniss is moia, um haleb fia. Un tea wa ein guda mam." Na atualidade ouço o "dong-dong", leio o aviso de enterro, escuto o rádio e não tenho a mínima idéia de quem sej ao vivente, ou melhor dito, o morrente. Lauro Diogo de Jesus [3]

CI=PG= 07/03/1980 JNH Os neuróticos anônimos estão se reunindo hoje nos fundos da Igreja. Estão convidadas todas as pessoas vítimas dos agitados dias modernos, que desejam entrar em contato com outras pessoas também afetadas pelos nossos muitos problemas. Coluna Sabe Tudo [3-7]

PR=OB= 16/05/1980 JNH Gostaria de apresentar mais uma idéia para melhor aproveitamento e humanização da praça ex-14 de Julho, atual Imigrantes. Nossa sugestão é que se transforme o lago numa pista de patinação, tendo em vista os muitos jovens patinando em plena via pública ou nas calçadas, arriscando suas vidas, além de tornar aquele recanto triste e desativado num local de grande movimento. Alceu Feijó [9]

CI=DP= 21/05/1980 JNH Quando os grupos subversivos tentaram guerrilha, as Forças Armadas vieram para as ruas e levaram todos eles de roldão. Uns foram mortos, outros aprisionados e os que sobraram "fizeram pista". Não sobrou ninguém para contar a história. Assim foi feito porque estava em jogo a soberania nacional. E a segurança da nação não está em jogo agora também? O Estado tem sua célula mater na família, e esta, queiram ou não, se encontra desprotegida, insegura e apavorada. Lauro Diogo de Jesus [4]

CI=OT= 18/06/1980 JNH Alceu Feijó era o JotaFeio

SH=OB= 27/06/1980 JNH Shopping Center ficará concluído em 18 meses. Um dos blocos, com 8 andares, de frente para a rua Imperatriz Leopoldina, será dedicado à escritórios comerciais, os demais blocos, com o máximo de 6 andares, serão reservados para estabelecimentos comerciais, selecionados de acordo com suas especialidades. Um dos andares será de estacionamento para 600 automóveis. [13]

CA=CF= 04/07/1980 JNH O ano 200 se aproxima vertiginosamente, exigindo transformações que não só vão atingir nossos costumes mais rígidos como até mesmo os mais triviais. Não haverá mais esquinas para as paqueras, para as piadinhas maliciosas que as garotas ouvem e levam para casa como uma homenagem à usa beleza. É o ano 2000 açoitando a nossa comodidade, os nossos costumes e nos tornando cada vez menos humanos. É possível que alguém resista até o ano 2000 com lucidez bastante para recordar para algum visitante alguns aspectos da antiga cidade. O Café Avenida, como esquina do pecado, será o mais lembrado. Embora conservado, sua estrutura sofrerá alterações. As velhas mesas de mármore e pernas carcomidas desaparecerão. Novos e modernos balcões de fórmica fria surgirão. Os novos freqüentadores serão executivos mais ágeis, homens sem poesia e sem tempo para amigos. O Café Avenida moderno, reluzente, sem pontas de cigarro pelo chão, sem mesas de pedra, mas, também Café Avenida sem alma, como provavelmente serão as gerações futuras. Alceu Feijó [12]

GA=VT= 30/07/1980 JNH Vitrinismo. Circulando pelas ruas da cidade observamos vitrinas; chegamos à conclusão de que poucas lojas usam serviços de profissionais neste setor, o que é lamentável, pois a vitrina é o cartão de visitas da loja, e dela dependerá o sucesso das vendas. A função do vitrinista é dupla, pois ele é responsável tanto pela vitrina quanto pela decoração interior da loja. Usará versatilidade e sensibilidade nas mais diversas manifestações da decoração comercial, tais como: vitrinas, interiores, comerciais, displays, fachadas, stands, etc. Algumas dicas básicas: modelo de vitrina mais apropriada é a

do tipo corredor, pois penetra no interior da loja e dessa maneira o transeunte, ao observá-la, acaba dentro da loja, sendo acediado pelo vendedor e quase sempre acaba comprando o que tinha a intenção apenas de olhar. A composição da vitrina deve ser captada de um só lance de olhar. Não basta ordenar, é preciso compor, criar um ritmo que leve a vista a um ponto previamente estabelecido. A composição da vitrina tem que ser construída e equilibrada em lógicas, seguindo um esquema geométrico. As linhas devem ser combinadas de maneira a proporcionarem interesse e variedade à vitrina. A localização do motivo central será colocada dentro de uma proporção que satisfaça plenamente as exigências do olho. O centro de interesse é o motivo, arranjo ou mercadoria em torno da qual toda a vitrina será construída. Depois de haver sido requerida por motivo excitante, a vista procura os campos de repouso proporcionados pelo espaço vazio. Estes espaços modelam a forma. A cor é o ornato natural da vitrina que envolve o conjunto da exposição de forma agradável, a fim de criar as condições psicológicas propícias à venda. A cor da mercadoria exposta deve ser sempre contrastante com o fundo da vitrina. Assim, no inverno o fundo deverá ser claro porque geralmente as roupas desta estação são escuras, e no verão, quando as roupas predominantes são claras, o fundo deverá ser escuro. As decorações são todos aqueles elementos alheios à mercadoria que entram na vitrina para auxiliar a composição: pinturas, esculturas, artes gráficas e decorativas, folhas, flores, troncos, cestos, bambus, painéis, cartazes, etc. O cartaz tem um poder de atração decisivo como elemento divulgador da mercadoria exposta. A utilização da etiqueta é recomendada, observando sempre relação de tamanho e cor com a mercadoria. Deve ser discreta e muito simples. Uma loja que apresenta suas mercadorias devidamente etiquetadas inspira confiança e vence certos temperamentos naturalmente tímidos. Martha Vohren e Rita Oliveira - Caderno da Mulher [11]

CI=UC= 26/08/1980 JNH Voltar ao sofá caseiro: solução para os namorados. Nos tempos dos nossos avós, ou até dos nossos pais mais inflexíveis, o ato de namorar dentro de casa, normalmente na sala, sob paternos olhares vigilantes, era questão de honra. O namoro de portão, ou na rua, era considerado impudico, a moça, que tivesse essa liberdade, loguinho passava a frequentar as más línguas da vizinhança e das velhas recalçadas. Os tempos mudaram e as moças deixaram de serem vistas como um bibelô intocável. Infelizmente as coisas correm ao inverso do que se espera. O namoro na rua transformou-se num risco permanente. A escalada da violência tem atingido em cheio o ato do namoro. Está na hora dos pais trazerem os jovens para dentro de casa, para os sofás das residências. Oniram Alves [3]

CI=OT= 01/09/1980 JNH Liene Schutz. Aspectos curiosos sobre Novo Hamburgo, entrevistas com pessoas idosas.

CI=UC= 03/09/1980 JNH Quando cheguei por estas bandas, o prédio mais alto que existia possuía três andares e mais o piso térreo. Foi aí que entramos na fase do progresso, sendo que foi a indústria calçadista que se encarregou da desgraça. Aí surgiram os primeiros apartamentos. Fui morar num deles e posso dar alguns conselhos: não tente cantar a vizinha boa do ap de cima, através da janela do poço de luz, pois pode ser que dê resultado, mas o edifício todo fica sabendo; fuja de perto do poço de ar e luz, pois apesar do nome pomposo, é o maior telégrafo dentro do edifício; não alugue um ap na mesma cidade onde mora para a outra, em uma semana todo edifício sabe quem é o coronel. Lauro Diogo de Jesus [2]

CA=CF= 26/09/1980 JNH Satisfeito com a venda de chairas para afiar instrumentos de cozinha, um industrial comentou no Café Avenida ter recebido dois pedidos importantes para o Paraguai e Chile. Um companheiro de mesa fez uma observação: vão servir para afiar as baionetas dos regimes fortes destes dois países. Coluna Sabe Tudo [12]

CI=UC= 05/11/1980 JNH Coisas do passado. A malandragem dos adolescentes era botar os tamancos na calçada para incomodar os vizinhos. A moça aceitar um convite para ir à copa em um baile significava que estava aceitando o namoro. O pão, por longos anos, custava um tostão. As mulheres, quando iam em bailes, não raro levavam seus filhos pequenos e lhes davam pequenas doses de cachaça para que dormissem. Coluna Sabe Tudo - Pesquisa de Liene Martins Schutz, colégio 25 de Julho [3]

CI=UC= 05/11/1980 JNH Quando cheguei à Santa Terrinha, aqui existiam inúmeras famílias. Tinha a do Centro, do Mistura, etc. Todo mundo se conhecia. Quando se ia ao bar parava-se nas mesas para cumprimentar-se à todos. Hoje entro em um cinema e procuro desesperadamente uma cara conhecida para um papo descontraído. Mas encontrar onde? É um mar de rostos que nunca vi! Na rua os motoristas são sempre ilustres desconhecidos. Não aceno para quem não conheço. Somos hoje 136.403 habitantes. Quem sou eu para conhecer um mundão de gente deste tamanho? A verdade é que tenho saudades de antigamente. Lauro Diogo de Jesus [2-3-7]

CI=PG= 11/11/1980 JNH Cidade pequena, com problemas pequenos. Nossa capital já não é mais a mesma. Antes faltava muita coisa, hoje já existem coisas sobrando. Há quinze ou vinte anos reclamava-se da falta de quase tudo. Atualmente estamos Quase auto-suficientes daquelas necessidades, mas já surgem outras a cada dia que passa. Às vezes me pergunto, será que está valendo a pena? Há um meio de impedir tanto progresso? A resposta vem logo... e tem outro jeito? Temos de nos adaptar e pronto. Cláudio Kieling [7]

CI=PG= 22/12/1980 JNH Passante. Passa o barulho dos carros, carregando bons senhores, que fogem da simplicidade dos amores. Passa o ônibus dos operários levando esses homens sem rima, que são obrigados à simplicidade da rotina. Passam as pessoas cuja razão há muito esquecidas, nos faz fugir da simplicidade da própria vida. Carlos Nunes [3]

PR=ET= 07/01/1981 JNH Terminal do Trem vai ser mesmo no centro. A Trensurb confirmou a implantação de uma estação de trem na 1º de Março esquina Miguel Couto, no centro da cidade. A estação terá além das plataformas de embarque, lancheria e bar, para atender os usuários. Capa [9]

CA=UC= 11/01/1981 JNH Corri os olhos pelo abandonado prédio que num passado recente era um dos mais importantes da cidade. Em pouco tempo deve surgir um banco por aqui, pensei comigo. Curiosamente sempre as casas de crédito é que colaboram para sepultar nosso passado mais rapidamente. Olhando aquela majestosa fachada, lembrei das saudosas reuniões dançantes que ali se realizavam lá pelos anos 60, quase sempre aos sábados, começando às 8 horas e terminando pela uma da madrugada. Eu integrava o grupo dos medrosos, aqueles que ficam quase toda noite ardeando sem coragem de dançar. Na frente do conjunto, na pista, ficávamos a beber. A dança era a dificuldade maior, não que faltasse gurias, mas convidá-las. As que ficavam junto à pista, eu já descartava logo porque se acontecesse um carão (recusa) todo mundo ia ver. As que ficavam mais no fundo, já em mesas não tão iluminadas, poderiam ser mais altas ou mais baixas do que aparentavam, por isso era necessário cautela. O tempo passava e nós, os medrosos, sem coragem de fazer o convite. A questão não era tão simples como parece, naquela época a gurua nunca estava só. Em sua mesa, quase sempre, um monte de gente, quase um júri. Finalmente um medroso criava coragem, já tinha escolhido sua vítima e se dirigia até a mesa. A mãe dela lançava um olhar firme, ameaçador, como se dissesse "dança, mas não aperta". A gurua pretendida fazia ares de se surpreender com o convite, olhava só pelos cantos dos olhos a nossa aproximação. Mas não podia disfarçar muito, senão a gente passava reto. Conduzindo a gurua até o salão queria-se ir para o meio da pista, mas nunca havia lugar. Havia o problema da música lenta, pois o medroso, já no meio da pista, arriscava um tocar rosto a rosto. Na época as calças eram mais folgadas do que agora, e quando a música terminava, na hora de ficar um de frente para o outro, a perna esquerda do medroso ficava mais um pouco esticada, meio de lado... Aurélio Decker [12]

CI=UC= 16/01/1981 JNH Cena londrina no Supermercado em Novo Hamburgo: um jovem homossexual vestindo roupas femininas permaneceu de mãos dadas com outro rapaz. Cena não londrina: quase todas as pessoas seguem o casal discretamente. O Super parou de funcionar com a inusitada cena. Coluna Sabe Tudo [3]

CI=UC= 16/01/1981 JNH Minissaia: se eu fosse moça usaria. Para o comércio é bom, vive da moda e precisa de novidades. Só pra brotos. Sou suspeita em falar pois vendo elas na minha loja. É um adubo para os olhos, e na contenção de despesas do país economiza tecido. Me noivo não me deixaria usar. Depoimentos diversos [3]

CI=UC= 20/01/1981 JNH Cuidado, é homem... recentemente um jovem passeava pelo centro à noite e uma loira parou ao seu lado, convidando-o a passear. Aceitando, ele entrou no carro e iniciou-se breve namoro. Na outra noite a convidou para ir à sua casa, ficando ambos somente na sala conversando. Na 3ª noite convidou-a a ir na piscina, mas ela não se agradou. Depois disso não apareceu mais. Desconfiado, o jovem descobriu dias depois se tratar de um homem. [3-4]

CI=PG= 22/01/1981 JNH A era do automóvel. Levou algumas décadas para o homem, dito civilizado, passar a acreditar, a sonhar e concretizar a idéia que o automóvel era o novo Deus da civilização. Todo mundo passou a trabalhar em função do automóvel. De como conseguir um, de como trocá-lo constantemente, anualmente ou mais amiúde até. Paula Jacques Gil [3-7]

CI=PG= 23/01/1981 JNH Cidade grande, amigos pequenos. É uma pena mas Novo Hamburgo está se tornando uma cidade grande. Tão grande que as coisas acontecem e a gente só fica sabendo muito tempo depois ou nunca fica sabendo. E com isso a gente começa a sentir saudades do tempo que a gente conhecia todo mundo, que as pequenas notícias se tornavam grandes, circulando de boca em boca,

ficando todo mundo informado. Cidade grande é cidade fria, sem alma, uma selva sem comunicação. Alceu Feijó [7]

CI=UC= 26/01/1981 JNH A vez dos fofoqueiros. Onde já se viu uma coisa destas? Uma moça de família que faz esta vergonha. Tu sabia que ela sendo evangélica teve a coragem de marcar casamento com o namorado, mesmo descobrindo que ele é católico? É o fim! Os pais dela nem saem mais para a rua de tanta vergonha. E não é para menos, este casamento vai ser uma desgraça, eu só vou lá porque fui convidado e porque gosto muito da moça, senão eu não ia. Pois em Novo Hamburgo, acreditem, se falava da vida dos outros desta forma, a busca do lado ruim, mesmo que ele não existisse. Mas logo as fofoqueiras perderam algum terreno. Uma mulher fumando não significa que ela está a beira da prostituição. Mas a atualidade ainda é generosa com quem precisa falar dos outros para viver melhor: aos desquitados - quem não sabia que aquilo iria terminar assim; aos que se dão mal nos negócios - mas só podia quebrar, era só farra, mulheres e carros novos; os homossexuais já não apanham mais nas ruas - mas esta é uma raça odiável, não posso nem enxergar um; ao homem que bebe - não vai beber, com uma mulher que gasta tudo em porcarias e não lava um prato; à mulher que sofre - coitada, mas o marido é pior, tem até amante, é a fulana; aos que progridem - trabalhou mas tem algo errado, até pandorga pra subir precisa rabo; aos toxicômanos - é fácil resolver.. uma surra por dia. Aurélio Decker [3]

CI=LC= 25/02/1981 JNH Em Novo Hamburgo, até os anos 60, era comum famílias que sentavam na frente da casa, nas tardes de Domingo, para conversarem ao mesmo tempo que observavam o movimento. Coluna Sabe Tudo [3-6]

CI=CO= 30/03/1981 JNH Novo Hamburgo é uma cidade rica. Quem quer trabalhar encontra emprego e um exemplo do bom poder aquisitivo é a média de um veículo para cada 5 habitantes. Se nosso desenvolvimento pudesse espelhar a maioria dos municípios brasileiros, este país largaria o chapéu lá fora, deixando de pedir ajuda. A riqueza que se conquista não cai do céu. O hamburguense trabalha muito, é dedicado, vive de forma mais responsável do que festiva. Aurélio Decker [5]

CI=UC= 06/04/1981 JNH O Gálgaxie. Já estavam ensaiando cumprimentos quando eu passava com o vermelhão, talvez imaginando que eu estava ficando rico. Não sou eu quem estou chegando lá, é o Gálgaxie (usado, é claro) que está vindo ao meu encontro. Continuo na classe média, só espero que o Gálgaxie não apresse minha ascensão, no sentido inverso... Aurélio Decker [3]

AV=CL= 01/05/1981 JNH Parado à porta da loja, observando o tempo desfilando na passarela da Pedro Adams, amigos, moças bonitas, estranhos, o dia-a-dia da cidade nervosa, eis que um movimento diferente desperta minha atenção do devaneio costumeiro. Coisa nova do cotidiano, no dia-a-dia da velha avenida. Uma cadeira de rodas procurando passagem entre os transeuntes com a pressa e a insegurança de um motorista novato. No comando aquela figura grotesca que se arrastava pelos ladrilhos irregulares e pernas indiferentes. O jovem deslocava-se pelas calçadas da cidade com a mesma desenvoltura do jovem atleta sobre sua moto, do cidadão com seu carro zero km. Alceu Feijó [10]

CI=AT= 14/05/1981 JNH Em estudo a implantação de uma linha piloto em Novo Hamburgo do aeromóvel Coester, totalmente fabricado pela indústria nacional. O aeromóvel é movido a ar sobre um corredor localizado a três metros do solo. O itinerário partirá da Victor Hugo Kuntz (Bairro Canudos) até a Nicolau Becjker, numa extensão de 1,5 km. Acredita-se que esta cidade foi escolhida pois este sistema de transporte viria a substituir o trensub, que não teria verbas de chagar à Novo Hamburgo, e ainda há a discordância quanto à ele atravessar o centro da cidade. [3]

SH=OB= 30/06/1981 JNH Um elefante branco, expressão utilizada para definir o projeto do Shopping Center, anunciado há mais de um ano. Aprece que o assunto foi engavetado. Coluna Sabe Tudo [13]

CI=UC= 22/07/1981 JNH Uma característica que se cultua muito em Novo Hamburgo: a mania de apresentar as pessoas relacionando-as a nomes de familiares ou a cargo que ocupam. Houve um filho de uma pessoa de grande prestígio que se mudou do país para deixar de ser afetado por ser "filho de fulano de tal". Aurélio Decker [3]

CI=UC= 28/07/1981 JNH O casamento entre parentes foi um problema nas colônias de imigração alemã, que causou, juntamente com o vício do álcool, a atual elevada percentagem de excepcionais. Herta Parto. [3]

SH=OB= 03/08/1981 JNH Concluído projeto do Shopping Center. O Shopping será um dos maiores centros comerciais do Rio Grande do Sul. O projeto, ainda não divulgado, prevê edifícios

comerciais para lojas, escritórios, consultórios e demais atividades comerciais, além de um edifício de garagem. [13]

CI=UC= 26/08/1981 JNH Fofocas são idênticas à bombas atômicas: nascem de um átomo e vão aumentando de volume e força, capazes de destruir uma cidade. A fofoca tem sua origem no inferno, e o seu chefe é o pai da mentira, o diabo. Herta Parto [3]

PR=UC= 07/09/1981 JNH Por que as mocinhas de hoje não podem passear na praça? mesmo com seus pais ou namorados o risco é o mesmo: assaltos, tiros, esfaqueamentos, estupro. Mona Lisa Lockes [9]

CI=PG= 25/09/1981 JNH De repente o Rio Grande do Sul se volta para o Vale dos Sinos e há uma espécie de corrida do ouro. Colonos abandonaram seu habitat natural para se instalarem às margens das rodovias. É a busca do pote de ouro vislumbrado através dos noticiários enaltecendo e destacando a posição desta região num confronto frontal com o resto do Estado. Alceu Feijó [5-7]

CI=PG= 06/11/1981 JNH A constatação que Novo Hamburgo se transformou numa nova Eldorado tem aspectos positivos: fontes de arrecadação e mercado de trabalho. Coluna Sabe Tudo [7]

GA=VT= 24/11/1981 JNH A moda está mudando constantemente, por isso, uma boutique precisa estar sempre atualizada, apresentando versatilidade e variedade de opções em seus artigos. As vitrinas da Shop-Shop mostram sempre o que está em dia com a moda, seguindo todas as tendências da atualidade, para atender sua clientela. Isto requer muita pesquisa e sensibilidade, além de bom gosto e informação... A Cogumelu's Shop, na Galeria Hamburguesa, possui variedades incríveis de jeans, das mais renomadas marcas, tais como: Fly, Fingers, Flamers, Nuernberg e Byblus. A grande sensação desta temporada são as calças de brim com detalhes em dourado e prateado. Para a moda selvagem continuam a ser usados os tecidos tigrados e cobrados... O pessoal da Roxinha Boutique fala sobre o alto astral da moda verão. É a moda solta que deixa homens e mulheres mais livres, descompromissados, para enfrentar com maior disposição e versatilidade as atividades que o dia-a-dia impõe... O aspecto geral de uma pessoa depende muito de seu modo de andar e vestir. Caderno de moda [11]

SH=BR= 25/11/1981 JNH Antigo Mistura é hoje uma local onde o progresso se acentua a cada dia. As águas do Arroio Luiz Rau, que separam o bairro do centro, eram limpas nos anos 20 e 30. Era de costume das famílias realizarem piqueniques às suas margens, que oferecia muita sombra, por serem cercadas por mato. Os bons tempos terminaram a partir do momento em que começou a derrubada ecológica. O mato em redor do arroio caiu, e com ele, terminaram os piqueniques e as caçadas de passarinhos com fundas e escopetas. Naquele tempo o relacionamento era diferente, jamais a guria e o rapaz ficavam sozinhos. Sempre tinha alguém para cuidar deles. Se fossem surpreendidos de mãos dadas eram severamente reprimidos. Mãos dadas significava noivado. Reportagem com Antônio Cavasotto caderno especial sobre o bairro Rio Branco [2-13]

CI=PG= 30/11/1981 JNH Quando acaba a ilusão. No final da década de 60, um rapaz alto, elegante e muito bonito se destacava na cidade. Nos grupos que se formavam diante da Casa de Chá, era um ídolo invejado, uma promessa de êxito. Mudando-se para os grandes centros ele voltava freqüentemente e sempre falava de duas experiências espetaculares que já tinha vivido, em relação às drogas. Hoje continua sendo atração, desperta curiosidade, mas sem aplausos. Desceu a escada da passarela e foi parar na sarjeta. Seu rosto é esquelético, tapado de rugas. Sem amigos ou parentes, anda maltrapilho e esfomeado, sujo, desnutrido e enlouquecido. Aurélio Decker [4-7]

CI=UC= 30/11/1981 JNH A cidade era pequena, com outra fisionomia. A sociedade era fechada. A vida social era muito fraca. Na Pedro Adams fazia-se o footing na frente do Café. As gurias ficavam sentadas na praça, ou andavam em passeio com amigas de um lado para outro. Brasileiro, como eu, era sinônimo de negro. Católicos não casavam com evangélicos, ou vice-versa. Se os jovens aceitavam com naturalidade, os velhos repudiavam. Havia muitas pessoas de mais idade que só falavam alemão. Reportagem com Manuel Fernandes de Lima, que quando moço, tinha dificuldade em provar que sua carteira de identidade estava certa, pois apesar de ser brasileiro, era de cor branca. [3-6]

AV=ES= 01/12/1981 JNH Após muitas voltas para estacionar no centro, só encontrou vaga quase no bairro Guarani e dali foi a pé ao centro. Conseguir uma vaga no centro, sem Faixa Nobre, assemelha-se à ganhar na loteria. Coluna Sabe Tudo [10]

CI=SI= 05/01/1982 JNH Cidade vai ganhar sete sinaleiras sincronizadas. Anúncio de troca das antigas sinaleiras por um equipamento eletrônico novo, em que os semáforos estarão sincronizados entre si. [3]

CI=UC= 15/03/1982 JNH Novos ricos. Volta e meia noticiamos nomes da terceira turma. Durante a madrugada, elazinhas que fazem parte do "nouveau richismo" para se fazerem interessante ou para chamarem a atenção comentam: "Estou na fossa, quer vir tomar um Jhonnie Walker Black Label comigo?" Ou a 1:30 bate a campainha do apê. É o porteiro trazendo um envelope: "Um motorista particular entregou em nome de uma madame que não lembro mais o nome para ser entregue com urgência!" O Recado: "Meu amorzinho, bati esta foto no Plaza São Rafael há quatro horas atrás, paguei ao fotógrafo uma nota para revelar a foto em tempo recorde. Publica na tua coluna de amanhã, ok!" Eu mereço! Onde estão as famílias tradicionais? Englobando com Paulo Scherer [3]

CI=OT= 31/03/1982 JNH Caderno sobre o Centro... [não encontrado]

CA=OB= 14/05/1982 JNH O Calçadão na Gal. Neto está voltando às discussões [12]

CA=OB= 19/05/1982 JNH Lojistas não aceitam a instalação de um Calçadão na Gal. Neto. Alegam que o comércio será prejudicado com a queda do movimento. [12]

CI=TR= 01/07/1982 JNH Paradoxo do progresso. Novo Hamburgo tornou-se uma das cidades com maior índice de carros por habitante. Ao mesmo tempo que o grande número de veículos é uma das formas de materialização do poder aquisitivo de significativa parcela da população, é também um problema, pois quanto mais carros estiverem circulando, mais desumano fica a área urbana da cidade, extremamente congestionada em horário de pique. Coluna Sabe Tudo [3-7]

CI=PH= 13/07/1982 JNH Nas pequenas cidades do interior não havia muitos empregos para moças, e a maioria das famílias tinha restrições que as suas trabalhassem. Um lugar certo onde a gente encontrava moças era o centro telefônico. A tecnologia mata o romantismo das atividades humanas, e hoje ser telefonista é operar numa mesa enorme coberta de fios, apenas acionando botões e jamais travando conhecimento com os personagens desta infundável comédia humana. Hoje a telefonista é um canal de comunicação frio e insensível aos chamados das criaturas. Vinícius Bossle [2]

CI=OT= 18/07/1982 JNH Convite de enterro falecimento Ercílio Rosa

GA=CO= 26/07/1982 JNH Acaba de ser inaugurada, na Galeria Central, a Brenner Sport's, a loja mais esportiva do Vale dos Sinos, com o mais variado material para levar a vida mais alegre e saudável. [11]

CI=CN= 30/07/1982 JNH Nova modalidade de sonegar impostos: o porteiro não inutiliza os ingressos recolhidos na entrada, devolvendo-os em parte, ao bilheteiro, que os vende novamente, não precisando acionar a caixa registradora. Coluna Sabe Tudo [6]

CI=OT= 30/07/1982 JNH Crônica VB

CI=EX= 09/08/1982 JNH Faleceu o Medonho (Adelino)

CI=UC= 11/08/1982 JNH A última que o cronista Paulo Scherer descobriu foi a maneira de se calcular, matematicamente se pertence ou não à classe A. O que deu de gente fazendo as contas... Dizem as más línguas que nosso comércio de eletrodomésticos aumentou suas vendas sensivelmente. Teve casos que para passar a barreira dos trinta e cinco pontos, ponto crítico "para chegar lá", a compra de uma televisão ou mesmo um aspirador resolvia a questão. Não deu outra! Lauro Diogo de Jesus [3]

CI=AF= 08/09/1982 JNH Novo Hamburgo, como todos os centros grandes, evolui em todos os sentidos. E como não poderia deixar de ser, no mercado imobiliário os apartamentos de cobertura alcançam grande cotação. Englobando com Paulo Scherer [2]

PR=DP= 09/09/1982 JNH Antigamente era uma honra o estudante ser escalado como guarda do fogo simbólico, e parava-se o tempo todo em posição de sentido. Hoje, raro são os estudantes que permanecem junto à pira da Pátria, e os guardas do plantão noturno sentam-se em cadeiras. Coluna Sabe Tudo [9]

SH=OB= 10/09/1982 JNH Shopping Center vai estar concluído em 85. O projeto prevê a construção de um prédio de 4 pavimentos: térreo e 1o andar, onde estarão as lojas e galerias, e no 2o e 3o o estacionamento. Será edificado ainda uma torre de 10 andares, com elevador panorâmico, ar

condicionado central e escadas rolantes. A obra deverá estar pronta em dois anos. Inicialmente seria 169 lojas mas alguns comerciantes tem reservado espaços maiores, fazendo com que diminua para pouco mais de 100 lojas os espaços, aliás, estão muito requisitados. [13]

CA=CN= 13/09/1982 JNH Cidade perde um espaço de sua história. Lumière fecha as portas. "O maior espetáculo da Terra", do imortal diretor Cecil DeMille e "Zumbi holocausto" um drama de terror, com atores e direção desconhecidos, quase 30 anos separam a apresentação destes dois filmes. O primeiro marcou sua inauguração, em maio de 53, o segundo, o encerramento de suas atividades. A triste tarefa de fechar pela última vez o cinema, coube ao seu Hugo. Quando saiu o último espectador ele baixou a grade da rua, chaveou-a e encerrou assim um ciclo histórico dentro da vida cultural hamburguesa. [6-12]

CA=CN= 13/09/1982 JNH O adeus dos namorados. A construção do cinema Lumière e sua inauguração transformaram o centro da cidade, criando uma nova imagem e ponto de atração, pois o local impressionava com suas quase duas mil poltronas. Além do cinema havi ao restaurante que bateu o recorde de proprietários até que virou Câmara de Vereadores, e agora vai ser uma loja de eletrodomésticos. Terminou o ponto de encontro dos namoradinhos das matinês e das sessões mais comprometedoras da noite. A partir de alguns dias, os casais abraçadinhos irão procurar o cinema Lumière não para iniciar um romance, mas para ratificar aquele beijo roubado numa tarde de Domingo. A General Neto já teve um hotel, a Ginástica, o Lumière, um restaurante famoso, terá agora suas noites mais quietas e seus dias mais movimentados. Lumière, onde os suspiros arrebatados dos namorados serão substituídos pela expectativa dos balconistas no afã de aumentar seus rendimentos. O escurinho conivente com os namorados será desvendado por potentes conjuntos luminosos. A poesia dará lugar ao prosaico, os heróis abandonarão a tela para sempre. Alceu Feijó [6-12]

CI=VA= 03/12/1982 JNH A crise da moda. A humanidade e os brasileiros em particular estão vivendo o modismo do dia, ditados pelos grandes monopólios da opinião pública que saem às ruas, invadem os lares, ocupam os espaços mais nobres, violentam o povo com perguntas não só engatilhadas, como sendo a própria resposta que o entrevistado deverá dar, segundo o interesse do patrocinador. Alceu Feijó [3]

CI=CO= 13/12/1982 JNH O telefone tocou... atende. Era a G. Da Somoda Homem, convidando para um papinho agradável, ao sabor de drinques e salgadinhos em sua nova loja, ali no ladinho do Cine Saionara. Realmente de um bom gosto incrível os ambientes criados. As roupas também com muita exclusividade para todos os gostos. Com tudo isto, o entra e sai de gente "in" local era um assombro. Englobando com Paulo Scherer [5]

CI=PG= 13/12/1982 JNH Lucila, tia do Aurélio, tinha ganho um refrigerador novo por ter sido garota propaganda num comercial das lojas CR. O Aurélio é que tinha entregue o presente... Na hora de sair da casa da tia, ganhei um abraço do tipo quebra-costelas. Mais do que isto, pude sentir muita alegria no semblante de uma mulher quase idosa, uma viúva de incorrigível sotaque alemão. Uma mulher querida e pura, que demonstra em seu comportamento toda a inocência de quem passou a vida inteira trabalhando na roça e que hoje precisa fazer alguma força para se integrar no mundo do modernismo. Quantas tias como a Lucila existem nesta região, de certa forma ignoradas só porque falam de maneira esquisita? Conheço pelo menos uma dezena de casos concretos, mas que por ignorância dos mais esclarecidos, sofrem de rejeição. Aurélio Decker [7]

CA=OB= 14/12/1982 JNH Confirmado Calçadão na Gal. Neto.[12]

SH=CO= 16/12/1982 JNH Já estamos chegando à fase em que poderemos chamar Novo Hamburgo de cidade comercial ao invés de industrial, pelo grande número de lojas que temos e de muitas outras que estão sondando o mercado para virem pra cá. Coluna Sabe Tudo [5]

CI=SP= 18/01/1983 JNH A cidade está ficando vazia, silenciosa e melancólica, e já não há o bulício da juventude, o atordoar das motos e a interminável estridência das buzinas. Parte da população está de férias, patrões e empregados, a maior parte espalhada na orla gaúcha ou até catarinense. Vinícius Bossle [3-6]

PR=UC= 19/01/1983 JNH O que se fez com a praça 14 de julho, nome altamente significativo na história republicana? Em determinada época, ao sabor de interesses momentâneos teve outros batizados, prevalecendo hoje o nome de Imigrantes. Nesta época existiam belíssimas árvores e era o lugar preferido para encontros e descanso, especialmente quando o calor era intenso. Inúmeras pessoas ali se reuniam à noite e desfrutavam de lazer. Infelizmente muitas árvores que ali haviam foram substituídas por

construções inadequadas, prevalecendo então a pedra e o cimento. A mutilação aumentou com a construção de um bar. Hoje inexistem condições da população ali encontrar paz e sossego. Adalberto A. Snel [9]

PR=AF= 21/01/1983 JNH A praça maldita. Descordo da apresentação da praça dos Imigrantes como exemplo de trabalho e de uma perfeição de obra. Creio que para ela ser completa só falta um enorme capacete militar sobre a casamata do comando do chafariz. Acho que ela é a pior praça do mundo, fria, insalubre, insossa e acarpitada de cimento. Sem iluminação, sem comodidade e sem poesia. Praça sem poesia, recantos bucólicos e românticos, é praça de guerra. Alceu Feijó [9]

CI=UC= 02/03/1983 JNH Etiqueta. Quando num lugar público trocamos algumas palavras e comentários com um desconhecido, não há necessidade de nos apresentarmos. Uma apresentação é fora de propósito, pois obriga a outra pessoa a também apresentar-se e, se ela não estiver disposta a isso, cometemos uma indiscrição. Se caminhamos em companhia de uma amigo e cruzamos com outro conhecido, manda a boa educação que paremos para saudá-lo e imediatamente o apresentamos ao amigo que nos acompanha. Agir de modo diferente é fazer parecer que queremos esconder a identidade de nossas relações ou que as desconsideramos. Englobando com Paulo Scherer [3]

CI=CO= 07/03/1983 JNH A primeira conseqüência palpável da maxi-desvalorização da moeda foi transformar devedores relapsos em heróis contestadores do sistema econômico. "Devo, não nego, mas por culpa da maxi não poderei pagar." Aumentou muita a procura de consultórios psiquiátricos neste últimos dias, por portadores de insônia, angústia e depressão. A maior parte dos clientes é ligado ao mercado financeiro e à indústria. [5]

CI=OT= 30/03/1983 JNH Encarte sobre o Centro

PR=AT= 20/04/1983 JNH Vocês já se deram o trabalho de dar uma olhada no placar sobre os acidentes de trânsito, existente na praça dos Imigrantes? Fica bem em frente à rua Gla. Neto. Um dia destes, estando no Café Avenida, dei uma verificada nos números ali expostos. Levei um baita susto. Lauro Diogo de Jesus [3]

CI=UC= 16/05/1983 JNH Crônica Aurélio Decker sobre a sua tia Lucila... Tulivacot, naguele dempo era diferente, não como hoj, em gue os namorato cha vai agarando na bremera vez que fê. (pegar nas mãos nos primeiros meses) Só lonche da bai, senão chá levava um dapa. A bai bremero breccissafa saper guemera o rabaiz, e zó depois dissia se podia o namoro. Hoj, os curria bremero casam, depois tizem pros bais. (coisas para fazer naquela época) Dinha paile de guerb da Figuera, em Roteio Bonit, Patilha. Em daguara não podia barticipá, era lonche. Fora os guerbs só dinha bazeio lá na Figuera, na gaza de barendes ou amicas. (namoro no baile) Zó podia disser, nada de agaramendo. Se a chende engosdava no rost do namorato a mãe e bai cha bodava olho grante. (beijo disfarçado) Era berigosso, beicho só quanto dinha namorro virme. Mass os rabaiz zembre gueriam beichá a chende, brincipalmente depois do paile, guando, as fesses, iam chundo até a gaza da chente. (pedido de beijo em alemão) "Alô, curria, quepmi ain cussia, alô." Uns dissiam assim, odros fassiam roteio, dinham gonversa móI, assim: "Alô, quepmi ain brova de amôor. Vecha os olhos. Ich vil uma bicóta na boca, alô." (roupas) A chende usava roba de mulher, hoj a maorria usa roba de hom, esdas galças gombridas. Eu não gué sê adrasada, zeí gue é brático esdas calça, mass é roba de hom, isto é. [3]

CI=PH= 12/06/1983 JNH Peguei meu telefone sem fio e fui ao supermercado, pois estava aguardando uma ligação importante. De repente o fone começa a tocar. Foi um engano. Englobando com Paulo Scherer [2]

CI=AF= 24/06/1983 JNH Realmente... sair à noite pela Courocap é uma das coisas mais deprimentes que já fiz nestes últimos anos. As ruas completamente vazias, os poucos bares abertos de uma freqüência surrealista, restaurantes com uma meia dúzia de gatos pingados, para terminar passando pelo antigo abrigo de ônibus na Pedro Adams Filho onde circulava de um lado para o outro o popular Macuco, sempre com aquele bilhete de loteria com o final da placa do carro da gente. E aí as pessoas de fora me perguntam onde é que está o povo de Novo Hamburgo? E eu lhes respondo: aqui é uma cidade em que se trabalha. Englobando com Paulo Scherer [3]

CA=CF= 12/10/1983 JNH "Vai assim como estás que já vale." A dica, em tom de brincadeira, foi dita ontem no Café Avenida. Numa mesa, um hamburguense, daqueles loiros com sobrenome alemão, contava que iria se trajar como um colono para participar de uma comemoração. O outro gozou e ainda perguntou: "Pra que a fantasia? Vai assim mesmo que já está bem caracterizado." Coluna Sabe Tudo [12]

GA=CO= 17/10/1983 JNH Skate House. A direção da loja convida a todos para conhecerem sua coleção primavera/verão. Lá você encontra as melhores marcas em vestuário jovem, como: Armação. DeláPracá. Primo, OP, Pier, etc. A loja situa-se na Galeria Hamburguesa, sala 4. Coluna Gente Importante. [11]

CI=CO= 21/11/1983 JNH No último finados uma senhora colocou um ramallete de flores defronte uma agência bancária em Novo Hamburgo. Interpelada sobre o fato ela respondeu: é aqui que meu marido está enterrado até o pescoço. Coluna Sabe Tudo [5]

CI=AT= 05/12/1983 JNH Quando o primeiro trem andou a 15 km/h a reação das pessoas foi tamanha que houve que chegou a escrever que muita gente ia morrer de ataque cardíaco e que as vacas não ficariam mais prenhas. Ernest Sarlet [3]

GA=CO= 14/12/1983 JNH Anúncios Galeria Hamburguesa - Foi-se o tempo em que a gravidez era sinônimo de deselegância. Venha conhecer nossa moda gestante. A Rouxinha, loja 1. Em nosso bazar você tem um mundo de novidades... Ferragens Weissheimer, lojas 34 e 38. O natal está chegando e sua amada vai gostar muito de um presente bem íntimo. Cantinho das Camisolas, loja 6. As novidades deste verão estão na Xulé Modas, sala 10. Seja original neste Natal. Vista-se conforme seu bom gosto. Pele Boutique, loja 27. Neste Natal o melhor presente você encontra na Tic-Tac Presentes, loja 25. Kifoto, sala 8. [11]

CA=OB= 27/12/1983 JNH Obras no Calçadão vão iniciar em uma semana. [12]

CA=OB= 04/01/1984 JNH Os passos iniciais para a construção de um Calçadão na Rua Gal. Neto começaram a ser dados ontem. [12]

CI=SI= 04/01/1984 JNH É ridículo botar sinaleira pra pedestre se ele não sabe usar, se ele não foi ensinado. Deve haver uma orientação para uso das sinaleiras. Do contrário elas se tornam inúteis. Sabe tudo que observava o comportamento dos pedestres nas principais ruas do Centro. Coluna Sabe Tudo [3]

CA=PG= 05/01/1984 JNH As frases do Calçadão: Calçadão é obra de prefeito de cidade subdesenvolvida. Calçadão é progresso, só vai ajudar a população e trazer vantagens ao comércio. Eu não entendo a falta de visão desta gente. Não é uma obra prioritária. Há muita miséria nos bairros e lá sim deveriam ser feitos trabalhos maiores. É uma barbaridade que estão fazendo. É o fim do mundo. Por que não ouvirem os comerciantes da rua? Isto é coisa de pára-quedistas que vêm pra cá e acham que são donos da cidade. Quando o pessoal daqui vai a Porto Alegre, estaciona o seu carro longe do centro, acha o máximo e caminha por todo o calçadão da Rua da Praia. Tem gente que volta com torcicolo de tanto olhar os prédios e achar tudo lindo. Por aqui tem muita gente com mentalidade de colônia. Lá é bonito, aqui não pode. Esta cidade já não pertence a meia dúzia de pessoas. Se o pessoal do Café Avenida for contra fica feio, se for a favor convencem todo mundo. Coluna Sabe Tudo [12]

CA=PG= 06/01/1984 JNH Imagine se o Jaime Lerner, introdutor do Calçadão no Brasil, fica sabendo que o Calçadão é coisa de cidade subdesenvolvida. As principais cidades da Europa têm Calçadão e não são taxadas de subdesenvolvidas. Coluna Sabe Tudo [12]

PR=OB= 10/01/1984 JNH A Prefeitura quer construir um restaurante típico onde hoje se localiza o quiosque na Praça do Imigrante. [9]

AV=ES= 11/01/1984 JNH Estacionei meu carro e apareceu um guri pedindo dinheiro para cuidá-lo. Disse-lhe que na volta pagaria. Depois de cinco minutos voltei e dei-lhe umas moedas. Ele reclamou, querendo um barão. Eu não concordei e ele jogou fora dizendo na minha frente: isto eu não quero. Coluna Sabe Tudo 10]

CA=OB= 12/01/1984 JNH Calçadão poderá ser inaugurado no 5 de Abril. [12]

CI=UC= 13/01/1984 JNH Num passado recente, mas não tão remoto em relação à realidade de hoje, era comum a gente ler nas colunas notícias sobre garotas da sociedade que passavam o tempo praticando hipismo, freqüentando chás de caridade, fazendo cursos de cultura geral e ponto final. Foi-se o tempo das atividades de espera marido. Mesmo para as ricas. Ainda bem... Vestir uma tendência de moda a cada estação é bem mais simples do que trocar o corte dos cabelos constantemente. Englobando com Paulo Scherer [3]

CI=CN= 16/01/1984 JNH Um engraxate pretendia ver um filme no cinema. Ficou perto da bilheteria, até que um casal resolveu comprar um ingresso ao menino. Sorridente, foi direto ao porteiro,

mas voltou chorando porque foi proibido de entrar. Causa da proibição: estava de pé no chão. Outro engraxate também não pode entrar, pois estava com as roupas sujas. Coluna Sabe Tudo [6]

CA=PG= 18/01/1984 JNH Existem muitas opiniões respeitáveis contra o Calçadão - aqui deveria ser sapatão - no Centro de Novo Hamburgo. Me parece que o Calçadão no Centro da cidade, antes de ser uma obra apenas estética, é um primeiro passo para começarmos a pensar nas pessoas muito mais que nos carros. O comodismo que o automóvel nos trouxe, causou-nos uma paranóia coletiva de que sua excelência, o automóvel, é o verdadeiro dono das ruas. Novo Hamburgo é ainda uma cidade pequena, comparada às grandes metrópoles, mas deve começar, desde hoje, a pensar grande, a raciocinar em termos futuros, a criar coisas que dêem espaço para o ser humano e não para a máquina. Precisamos mais praças, mais calçadas para caminhar, mais árvores e flores, menos cimento e carros. Consideramos que as ruas e avenidas são apenas para facilitar acessos e acomodar nossa bunda nos assentos de carros, em pleno Centro, é uma inversão de valores que não é justa nem inteligente. Há nesta cidade, espaços enormes para estacionar, em áreas próximas do coração do centro. O problema é que cada proprietário de automóvel quer estacionar exatamente na porta da loja ou Café, da escola ou da casa em que vai entrar. Ninguém anda mais alguns metros, porque andar parece um crime nesta terra. Por pensar que andar de vez em quando é saudável e que o carro não serve para mais nada além de transporte (não sou do tipo de pessoa que passa o Sábado todo lavando e dando brilho em auto) é que me ponho, sujeito a vaias e tomates podres, ao lado do Calçadão. Ele é um presságio de futuro, um pequeno sinal que estamos hoje melhorando e humanizando nossa cidade. O Calçadão não terá grande utilidade a curto prazo. Só o futuro comprovará sua absoluta necessidade para termos um cidade mais feliz. Sérgio Pires [12]

CI=VT= 18/01/1984 JNH A moda nada mais é do que o reflexo de cada época. Na década de 80 ela se libera e evolui para o terreno do casual e confortável, com idéias novas para agitar as contemporâneas cabecinhas atuantes e retratar o ritmo cada vez mais dinâmico da vida feminina. Gigi Martins - só para mulheres. [10]

CA=PG= 20/01/1984 JNH Do calçadão ao sapatão. O calçadão é uma calçada pequena que deveria ter ficado grande mas como Calçadão não é calçada e sim uma rua que transformaram em calçada não se sabe bem ao certo o que é calçadão calçada ou rua grande fechada nos dois extremos e transformada num local de sentar caminhar vender bugigangas para incomodar o comércio oficialmente estabelecido pagando impostos e outros encargos que os que vendem latinhas escritas não pagam contudo é uma coisa com que nós devemos aprender a conviver porque o prefeito que é um cara que foi votado pelo povo em eleições diretas e agora é diretamente criticado porque resolveu transformar uma rua direita em indireta construindo o tal calçadão que não é calçadão porque não foi a calçada que foi aumentada mas sim a rua que aumentou eliminando as calçadas que existiam nas laterais por onde somente as pessoas passavam procurando lojas bares e alguém para conversar coisa que não poderão fazer com maior tranquilidade pois além do grande espaço que terão não haverá atropelos de gente correndo pela estreita calçada de antigamente e os autos e os caminhões e as motos malucas e as bicicletas contramão e em cima da calçada que era só dos pedestres embora as bicicletas vão continuar andando pelo calçadão batendo nas pessoas porque são dirigidas por garotos que ainda não sabem dirigir o auto do pai e da mãe e dos irmãos mais velhos até não fazendo mal que ele atropelam outras crianças menores que fatalmente estarão brincando despreocupadas no calçadão que não é calçadão como já disse mais acima e sim uma rua que foi fechada nos extremos e sobre a qual foram colocadas lâmpadas para iluminar de noite para não ficar muito escuro e tristes bancos para as pessoas sentarem quando estiverem cansadas ou quando simplesmente desejarem sentar para ver as outras caminharem até cansar e flores para alegrar e perfumar o ambiente que será muito freqüentado e muito discutido depois que aqueles buracos estiverem aterrados que aqueles canos estiverem soterrados e que os cabos de fios da luz e dos telefones forem colocados em canos e igualmente enterrados para não ficarem enfeitando o ambiente que será criado que por sinal desde sua implantação já tem gente chamando a gente de sapatão o que não impede de continuarmos o footing indiferentes aos comentários esperando apenas que algum entendido no assunto venha a público e explique de uma vez por todas o que é Calçadão o que é passarela o que é Rua de Lazer e até o que é minhocão. Este negócio de escrever e fazer Calçadão é muito controvertido, principalmente porque tem muita gente que vai fazer ponto lá. Especial Centro [12]

CA=PG= 23/01/1984 JNH O tempo se mandou. Não tem mais laquê nos cabelos e as luzes das reuniões na Ginástica se apagaram. Nas boates de hoje os cabelos são soltos, mas é pouco significativo para a gurizada que nem mais quer colar o rosto. Ninguém mais bebe "cuba libre" e até o cachorrão já aprendeu a fazer xixi direito. Na madrugada todo mundo sai acompanhado e os namorados em muitos casos levam uma hora para começar e três para terminar. Não quero julgar se ontem era melhor que hoje.

Só estou registrando saudades de coisas que desapareceram. Na frente da Ginástica nem rua tem, e naquele tempo tinha... Aurélio Decker [12]

GA=OP= 30/01/1984 JNH Num dos elevadores da Galeria Carolina, dois rapazes pareciam brincar de sobe e desce. Revelaram sua intenção quando uma moça embarcou no elevador. Fechada a porta exigiram todo o dinheiro que ela tinha. Coluna Sabe Tudo [11]

CA=AF= 12/03/1984 JNH Perspectiva do Calçadão da Gal. Neto [12]

SH=OB= 20/03/1984 JNH O futuro Novo Hamburgo Shopping Center, que está sendo construído com rapidez espantosa, deverá ser inaugurado oficialmente no dia 27 de Abril de 1985. [13]

SH=OB= 20/03/1984 JNH Perspectiva do Shopping [13]

CI=UC= 23/03/1984 JNH Coberturas, um estilo de vida muito especial. Oferecendo os privilégios de uma casa, sem as desvantagens, as coberturas são, para muitos, a forma ideal de morar. Um jardim com flores ao lado da segurança permitem aos seus moradores viver bem e de modo diferente dos vizinhos, mesmo em áreas consideradas selvas de pedras. Englobando com Paulo Scherer [2]

AV=BC= 28/03/1984 JNH A popularidade das bancas traz problemas aos comerciantes. A noite eles são obrigados a conviver com prostitutas que procuram o movimento do local para promoverem seu negócio. Houve tempo que isto trouxe dores de cabeça. Com o policiamento ostensivo, se mantém um ambiente de respeito, sem algazaras. Procura-se evitar as piadinhas, porque elas gostam de serem tratadas com igualdade. Também os engraxates procuram as bancas. Para que não fiquem pedindo dinheiro às pessoas que ali estão, os comerciantes oferecem algum alimento. Quando incomodam demais pode-se pedir que eles saiam, e eles atendem. Especial Centro [10]

AV=UC= 28/03/1984 JNH O centro da cidade ganha um colorido especial, nas manhãs de Sábado, quando a Banda do Bolota percorre as suas ruas principais e até entra nas casas comerciais, tocando músicas típicas alemãs. A banda foi inspirada na Bandinha Carlos Gomes, fundada em 1948 e que naquela época fazia isto. Especial Centro [10]

CA=AF= 28/03/1984 JNH Calçadão para embelezar o coração da cidade. Com 180 metros de extensão e 17,40 de largura, o Calçadão da Gal. Neto terá quatro bancas de revista, quatro para floristas, cabinas telefônicas e locais fixos para engraxates, além de 19 pontos de iluminação, com três luminárias cada, e oito floreiras. No piso pedra de basalto. As bancas serão construídas em madeira e concreto, com telhado de barro. O Calçadão será uma área de lazer e já existem bares interessados em colocar mesas em seu lado de fora. Especial Centro [12]

CA=CF= 28/03/1984 JNH Avenida, o último dos cafés. O velho ventilador alemão gira sem fazer ruído, desde 1933. Nunca foi para o concerto. Nunca foi lubrificado. As mesas são da mesma idade e têm sulcos em todas as pernas, sempre na mesma altura, de tanto roçar cos assentos das cadeiras e com os joelhos dos clientes. São símbolos da resistência do Café Avenida, uma das poucas casas do ramo que resistiram ao desvario desenvolvimento brasileiro. Onde mais um cidadão imaginaria que pode sentar e conversar com amigos, pelo tempo que quiser, gastando apenas para beber um cafezinho? Em tempos distantes o café era um bom negócio. Os Cafés eram pontos de encontro importantes na vida de cada cidade. Com o passar dos anos a vida foi se tornando mais agitada, as pessoas ficaram mais apressadas e a maioria dos estabelecimentos substituíram as mesas pelos balcões, onde os fregueses são atendidos de pé, saboreiam rapidamente seu cafezinho, trocam meia dúzia de palavras com algum conhecido e jogam-se de volta à agitação cotidiana. [12]

CA=CN= 29/03/1984 JNH Lumière, um cinema que deixou de existir. Ele era o maior do Rio Grande do Sul, com 1900 lugares. Na fachada do segundo andar uma única marcado passado, o nome do cinema escrito em letras antigas, acimentado nas paredes. O cinema foi palco de grande espetáculos e acolheu numeroso público. Especial Centro [6-12]

CA=DP= 29/03/1984 JNH O prefeito considera o calçadão como sua menina dos olhos. Isto fica patente quando se observa sua presença diariamente no canteiro de obras. Ele acredita que a obra oferecerá uma nova vida ao centro da cidade, permitindo uma nova opção àqueles apreciadores dos passeios pelo centro da cidade. Especial Centro [12]

CI=CN= 29/03/1984 JNH Cine Saionara, é o mais antigo de Novo Hamburgo, chamava-se Cine Theatro Carlos Gomes. O primeiro filme foi O Apito. Especial Centro [6]

CI=CO= 29/03/1984 JNH A ótica Kondorfer serve desde 1889 a comunidade. Naquela época os exames eram realizados no próprio estabelecimento, e após eram enviados para a Alemanha, onde eram confeccionadas as lentes e armações. Especial Centro [5]

PR=AF= 29/03/1984 JNH As pombas da praça. O cimento e o asfalto gradativamente vão tapando a visão bucólica de uma cidade que foi pequena e cresceu. Os prédios se erguem um ao lado do outro e pouco resta a ser preservado. Em Novo Hamburgo o homem tenta conservar os sinais de liberdade, como o pombal da praça, onde um bando de aves vive solto entre algumas árvores e o largo do chafariz. Especial Centro [9]

CA=PG= 24/04/1984 JNH Aquela rua em Novo Hamburgo. A velha Gal. Neto, sede por tantos anos da Sociedade Ginástica, do Fórum, está sofrendo uma decisiva operação plástica, ficará lisa como popô de nenê. Sinto que a nova Gal. Neto já tem seus admiradores, e há quem sugira que se coloquem escarradeiras em pontos estratégicos, para que não se cuspa no calçamento lustroso, e se distribua recipientes para coleta de lixo, e se ponha fiscais para punir os faltosos. Uma rua sem cheiro de gasolina queimada e movimento de tráfego é pausa e alegria no meio da cidade, que quase nunca pára para pensar. Certa vez me apaixonei por uma rua e levei um quarto de século para conhecê-la. Foi depois que li "Aquela Rua em Paris", de Eliot Paul; ali se amava e se sofria, o sol de agosto dourava suas calçadas gastas pelos séculos e a neve de dezembro se espalhava sobre as pedras polidas do leito. Sinto isto pela Gal. Neto e, convenhamos, não poderia patrocinar a nova rua, que da antiga terá muito pouco, porque um se mudaram e outros nem vivem mais. Quem sabe seja a hora de dar ao Calçadão seu apelido, como se fazia antigamente. Seu nome precisa ser juventude, quem sabe "Cinderela", lembrando o ritmo alegre e fascinante das jovens que desfilavam em carruagens pela Avenida Pedro Adams Filho. Uma rua é linda na medida que quisermos assim, porque o conceito de beleza não depende do objeto, e sim do sentimento da pessoas que o admira. Vinícius Bossle [12]

CA=PG= 16/05/1984 JNH Julgamento histórico. Os centros das cidades em épocas passadas, eram os locais mais finos das distintas. A coisa era sumamente snob. As pessoas do bairro botavam suas melhores roupas nos dias em que precisavam ir ao centro. Aquilo era um tanto besta. Em compensação não precisava virar da maneira que virou. Qualquer grande cidade, está com seu centro ocupado pela marginalização. Atraídos como por um imã, o centro está se tornando um lugar não muito distinto. Menores abandonados, mendigos e alguns vigaristas já estão em nosso dia a dia. No Calçadão, se não houver cuidado especial, em pouco tempo se transformará no "habitat" preferido dos desocupados. Os Calçadões ou embelezam os centros das cidades ou se transformam num lugar maldito. Será um julgamento histórico. Lauro Diogo de Jesus [12]

CA=UC= 22/05/1984 JNH Já examinei o Calçadão de todos os ângulos e concluí que os aposentados da praça irão se transferir para lá, e que ela irá nos aquecer nas manhãs de inverno e nos refrescar nos finais de tarde de verão. Aquele pedaço alegre de uma quadra já é local de reunião diária, há uma variedade de pessoas que ali chegam, ficam olhando, admiradas, como se o Calçadão fosse um milagre. [12]

CA=AF= 13/06/1984 JNH Melhorar o visual. O prefeito tem apelado aos comerciantes e proprietários da antiga rua Gal. Neto para que melhorem as frentes dos seus prédios. Como o Calçadão dará um novo realce ao centro, os proprietários poderiam se integrar ao espírito de novidade, pintando a fachada e melhorando os luminosos. Coluna Sabe Tudo [12]

CA=OB= 13/07/1984 JNH A prefeitura precisa pensar numa solução para o piso escorregadio em dias de chuva. Pelo tipo de lajota, extremamente escorregadia, várias pessoas caíram ao transitar por ali. Coluna Sabe Tudo [12]

CA=AF= 20/07/1984 JNH Queiram ou não... o Calçadão já é uma vitória do prefeito e sua funcionalidade ainda poderá ser discutida, mas já é matéria vencida porque a vaca tem que se acostumar ao trilho. O que faltava é os proprietários dos prédios dar uma guaribada nas paredes e até mesmo criar um estilo que irá transformá-la numa maior atração vindoura, para que não se transforme numa colcha de retalhos. Alceu Feijó [12]

CA=UC= 20/07/1984 JNH O calçadão é muito importante para o comércio pois ele se torna o ponto quente do centro da cidade. O centro foi enriquecendo e o pó diminuiu... O Calçadão foi muito bem concebido e dará um certo ar de grandeza à cidade. Mas se ele nasceu certo, deverá continuar assim, limpo e casto... deve ser cuidado para que as pragas não tomem conta: camelôs, entregadores de panfletos, mendigos, bicicletas e patins... O Calçadão trará consigo novos hábitos à cidade, tornando-se

um ponto de encontro para amigos terem o seu bate-papo... É um desperdício de dinheiro para satisfazer um capricho do prefeito. O Calçadão ficou bonito, um verdadeiro cartão de visitas, mas, não seria interessante termos uma cidade sem casebres e mendigos? Bastaria colocar flores sobre o asfalto... A iluminação, apesar de bonita, é fraca... Depoimentos [12]

CA=DP= 30/07/1984 JNH Inaugurado Sábado pela manhã o Calçadão. (28/07) [12]

CI=UC= 07/08/1984 JNH Desde que o mundo é mundo, ou melhor, desde que a mulher habita o planeta, a beleza tem sido uma de suas preocupações fundamentais. Englobando com Paulo Scherer [3]

SH=CS= 16/10/1984 JNH Febres de Calçadões. A construção do segundo Calçadão em Novo Hamburgo está se concretizando. Será em frente ao Shopping em construção, entre as ruas Joaquim Nabuco e 5 de Abril, sobre o arroio Luiz Rau. Coluna Sabe Tudo [13]

CA=CF= 05/11/1984 JNH O primeiro que eu pegar engraxando aqui, vou recolher a caixinha e não entrego mais. Esta foi a ameaça que um garçom do Café Avenida fez a um grupo de engraxates que caminhavam no Calçadão. O regulamento no uso do Calçadão não permite o trabalho dos engraxates com caixinhas, mas não consta que a fiscalização seja feita por garçons do Café Avenida. Coluna Sabe Tudo [12]

CA=LC= 05/11/1984 JNH O tradicionalismo ocupou o Calçadão. Prendas e gaúchos, com suas indumentárias típicas, munidos de cuia, chaleira, violão e gaita, invadiram o Calçadão na noite de Sábado, tirando a monotonia do lugar. [12]

CA=PG= 13/11/1984 JNH Charge Sinovaldo sobre o Calçadão. Colono plantando no local do Calçadão... é que as obras demoram e ele aproveita o espaço ocioso. [12]

CI=EX= 19/11/1984 JNH Os rendimentos de um garotinho de rua que pede dinheiro em Novo Hamburgo, porque São Leopoldo dá muito pouco, é de causar inveja. Ele tem quatro irmãos, todos pivetes que cumprem a mesma atividade. Coluna Sabe Tudo [4]

CA=CF= 25/11/1984 JNH Uma cidade tem ou não alma de acordo com suas figuras humanas e determinados locais? Nosso centro não foge à regra. Alguns estabelecimentos já desapareceram. Um pouco da história foi com eles. O Café Paulo, o Bar do Juquinha, o Cine Guarani, que na década de 50 era freqüentado pelos casais que compareciam nos famosos matinés. E o Meu Cantinho, que hoje faz parte da Casa Floriano. Teve o Pombal. E o Café Avenida, que não é nada disso que se conhece hoje. Uma noite, depois das 10 horas, se você se sentar numa mesa, pedir um cafezinho e aguardar a oportunidade, talvez convidar o Seu Omar, e devagarzinho solicitar a história do Avenida, irás gostar imensamente. Lauro Diogo de Jesus [12]

CI=PG= 14/12/1984 JNH Num governo, as carroças foram abolidas do centro. O boom automobilístico também colaborou para a erradicação da carrocinha do padeiro, do verdureiro, do biscateiro. Além da proibição era mais barato um DKV que um cavalo bem alimentado. As ruas e avenidas passaram a pertencer aos automóveis. Com o aumento da gasolina as carrocinhas começaram a aparecer. Com isto a cidade fica mais humana, perde um pouco aqueles ares de metrópole ou megalópole. A simples modéstia do carroceiro e o cheiro do esterco do cavalo, do trotar do cavalo do padeiro e do leiteiro nas madrugadas de antigamente, assim como os papeleiros puxados à mão, carroças e carrocinhas que circulam pelos qutros cantos da cidade num dinamismo empolgante e comovente. [2-3]

CI=UC= 28/12/1984 JNH O número de prédios despontando nas coxilhas que circulam a cidade e as canhadas que modulam a topografia, comprovam o estado de graça que vive a região. Quem se ausentou de Novo Hamburgo por mais de dez meses fica torcendo o pescoço de um lado para outro tentando contar os edifícios como colono em Nova Iorque. Alceu Feijó [2]

CI=UC= 15/01/1985 JNH A cidade dos mil galaxies, a que maior número deste tipo de carro possui em todo o Brasil. Em Novo Hamburgo existem sempre circulando muitos importadores de calçados, acostumados a rodarem apenas em carros grandes e confortáveis. Este foi o comentário no telejornal da TV Globo, mostrando que não existe outra cidade do interior com tantos galaxies rodando. Coluna Sabe Tudo [3]

CA=OP= 22/01/1985 JNH Numa das flores do Calçadão foi plantado há mais ou menos três meses um pé de maconha que, quando descoberto, já atingia 1,5 metros de altura. Capa [12]

SH=CS= 07/02/1985 JNH Em abril será iniciada a construção do calçadão sobre o arroio Luiz Rau, em frente ao Shopping. [13]

CI=UC= 18/03/1985 JNH Sábado, o coração da cidade estava vivendo momentos de completa confusão, a partir do Calçadão. Havia, além do trânsito intenso, comemorações, protestos e até pequena procissão religiosa. No Calçadão, tocava a Banda Municipal. No bar da praça um conjunto popular, na praça havia a concentração dos funcionários do SulBrasileiro. Depois apareceu um grupo interrompendo o trânsito e gritando: Hei, hei, Jesus é nosso Rei! O centro transformou-se num verdadeiro mercado persa! Coluna Sabe Tudo [3]

CI=TR= 20/03/1985 JNH O tráfego de carroças nas principais ruas da cidade é considerado uma piada. Uma cidade grande como esta não pode mais conviver com estes absurdos. Coluna Sabe Tudo [2-3]

CI=PG= 27/03/1985 JNH Novo Hamburgo vai acabar se tornando o Eldorado para os vigaristas. Aqui o pessoal trabalha muito, só pensa em sapatos e acaba esquecendo de se municiar contra muita gente que vive aplicando golpes por aqui. Coluna Sabe Tudo [4-7]

AV=CO= 12/04/1985 JNH A fama e a importância de uma avenida é feita de personagens como o pipoqueiro, como o vendedor de bilhetes, como o vendedor de revistas, o cafezinho, o grande centro comercial, o cinema, as bancas, os pontos de táxis, os bares, os restaurantes imprimindo cada um a sua personalidade naquilo que fez e a história de uma cidade passa a ser contada a partir de suas atitudes, seus gestos, suas atividades. O Chico das pipocas é o mais novo integrante da paisagem humana da Pedro Adams. Sua presença será marcada como a do pretinho, simpático, afável, que um dia curvou sua coluna para servir um cafezinho à autoridades ou simples moradores na Prefeitura da cidade. Alceu Feijó [10]

CA=DP= 30/04/1985 JNH A exemplo do que está acontecendo em outras cidades, onde ruas e monumentos vão recebendo o nome de Tancredo Neves, Novo Hamburgo poderia batizar o Calçadão com este nome. Coluna Sabe Tudo [12]

CI=TP= 07/05/1985 JNH O frio soprado pelo minuano, entra por um ouvido e sai pelo outro, e a mão esfrega a orelha e aperta o lóbulo entre o polegar e o indicador para experimentar a temperatura. É o inverno, encapotado, disfarçado de tanta roupa, embaçando o vidro das janelas e acendendo o fogo das lareiras e dos cada vez mais raros fogões de ferro que sobraram. Vinícius Bossle [6]

CI=AF= 10/05/1985 JNH Férias maravilhosas. Resolvi tirar as férias num mundo diferente, embora vivendo e convivendo com ele. Vou rever Novo Hamburgo. O automóvel e a preocupação de chegar, a balbúrdia do trânsito, as sinaleiras, fazem com que agente se torne um desconhecido em sua própria cidade, ou melhor, a cidade se torne desconhecida para a gente. Nas minhas andanças houve momentos que me senti verdadeiramente numa cidade desconhecida. De imediato a gente constata que a cidade está sofrendo o impacto de uma grande transformação urbanística. As coisas que caracterizavam um momento de desenvolvimento vão cedendo lugar para um situação bem mais ostentosa e ostensiva. Em pouco tempo Novo Hamburgo não terá mais passado. Talvez por isso ela se apresente tão curiosa e desconhecida ao se percorrer à pé suas ruas. O surto de construção foi tão grande nos últimos anos que a cidade já adquiriu uma nova fachada. O encontro com as casinhas do princípio do século lutando contra o emaranhado de fios. Os arbustos secos recortando seus galhos contra o concreto dos edifícios. A chaminé da fábrica Alles perdendo o sentido e a suntuosidade da época em que foi construída, para se tornar apenas uma chaminé nivelada com o menos edifício da redondeza. É um mundo curioso. Alceu Feijó [2-3-7]

SH=OB= 14/05/1985 JNH Apesar de não ter cumprido a previsão de inaugurar em abril, o Shopping está com sua obra praticamente pronta. A nova previsão é setembro. Coluna Sabe Tudo [13]

CA=AF= 17/05/1985 JNH Plataforma de um candidato: transformar o prédio onde funcionava a Sociedade Ginástica, no mais moderno e central motel do Vale (a pedido dos usuários anônimos. Alceu Feijó [12]

AV=ES= 11/06/1985 JNH As moças que orientam o estacionamento pago terão novo uniforme. Será um blusa branca com gravata vermelha, calça e casacos azul-marinho. Coluna Sabe Tudo [10]

PR=DP= 09/08/1985 JNH Qual a finalidade da concha acústica da praça dos Imigrantes? Os atos públicos são realizados no coreto da praça, interrompendo o trânsito na avenida e não na concha. Coluna Sabe Tudo [9]

CA=CO= 29/08/1985 JNH Muito antes do SPC existir, a Casa Floriano não só era fonte de consulta dos comerciantes da região como sua freguesia ostentava com muito orgulho o fato de comprar fiado na Hamburgueza (antiga nome fantasia), ou então, "qualquer coisa o senhor pergunta lá pro seu Ebling. [12]

CA=UC= 18/09/1985 JNH O Calçadão está sendo utilizado apenas como bar, torna-se impossível transitar por lá. Se não bastasse a falta de espaço, ouve-se piadinhas dos frequentadores. Coluna Sabe Tudo [12]

SH=OB= 27/09/1985 JNH A inauguração do Shopping terá uma nova data: março de 86. Estão faltando alguns detalhes de acabamento como vidros, ferros e equipamentos da parte elétrica. Coluna Sabe Tudo [13]

CI=UC= 01/11/1985 JNH Novo Hamburgo meu amor. É fácil gostar dela. Bonita, sensual, dinâmica, não é muito romântica, mas é extremamente fiel. É destas que provocam sempre amor à primeira vista. Por isso não é difícil dizer: Novo Hamburgo, eu te amo. A palavra é o chavão mais antigo do mundo, mas não inventaram outra forma de manifestar o sentimento quando se ama. Claro que as pessoas gostam das cidades onde nasceram ou onde moram. Mas Novo Hamburgo tem algo de peculiar. É uma cidade tipo garota faceira, liberada, moderna, que excita ao primeiro contato. Estas manifestações a gente tem observado ao longo da vida com as pessoas que chegam à Novo Hamburgo. Sociedade um tanto fechada para os forasteiros ajuda a criar um clima rústico e provocante ao mesmo tempo. É uma cidade alegre, sorridente, franca, mas nunca chega à "dar tudo" facilmente. O cara tem que conquistar com seus próprios valores, por isto existem tantos vencedores vindos de outras terras. Alceu Feijó [3]

PR=AF= 03/12/1985 JNH Superpopulação dos pombais. A praça dos Imigrantes está sendo palco de um problema de super população: cerca de mil pombas se espremem nos pombais e entre as árvores da praça. [9]

CI=EX= 05/12/1985 JNH Um mendigo vem provocando revolta e indignação. Ele abre feridas que estão cicatrizando, provocando sangramentos com a intenção de chamar a atenção dos transeuntes. Coluna Sabe Tudo [4]

CI=PG= 05/12/1985 JNH Falando sobre o futuro, progresso da humanidade, automatização e outras coisas da era moderna, começamos a relembrar de algumas coisas de um passado recente, que muitos já não lembram mais ou sequer tiveram o privilégio de conhecer. Lembramos do forno de barro, hoje atração turística aos vizinhos de quem tem, do poço de água límpida, fresquinha, que suava a caneca de lata de azeite, do caminhãozinho de madeira, dos rolos feitos com latas de leite em pó, das pandorgas feitas com grude de polvilho ou farinha de trigo, das bolinhas de gude. Dejair Krumenan [7]

SH=AF= 06/12/1985 JNH Um projeto à nível internacional. Em breve Novo Hamburgo terá o seu shopping center de nível internacional. O shopping pretende ser um universo especialmente criado para atender as necessidade do consumidor. Nele o ato de comprar será motivo de prazer. Longe da chuva, do frio ou do calor, sem engarrafamento, contando com estacionamento coberto e gratuito com 6.300 vagas/dia, segurança, enfim, todo uma infra-estrutura minuciosamente planejada. Na concepção arquitetônica procurou-se criar um ambiente sóbrio, atraente, acolhedor e dotado da máxima funcionalidade. Ruas climatizadas, ar condicionado em todas as lojas, um conjunto de cinco escadas rolantes, áreas de lazer, promoções infantis e musicais que tornarão o local ideal para compras. Da facilidade que a variedade oferece, nem se fala: móveis, eletrodomésticos, grandes magazines, lojas de departamento, vestuários. [13]

SH=OB= 06/12/1985 JNH Não foi sem surpresa e muita curiosidade que os transeuntes acompanharam o rápido desenvolvimento dos trabalhos de construção. Hoje, quem passa pelo local vai deparar com um gigantesco complexo de concreto e aço inacabado de 39 mil m², seguindo estilo arquitetônico arrojado, um elefante branco para muitos... Independente da dimensão do atraso, a comunidade está muito curiosa com o Shopping, e anseia vê-lo concluído... Depois do pionerismo dos telefones automáticos, da impressão off-set, do uso dos computadores por colegiais de 1º grau, a cidade vai ser a primeira a contar com um shopping center no interior do estado... O projeto exigiu uma ampliação de 3 mil m² no previsto inicialmente. Paralelamente à isso, a Incorporadora atravessou uma fase difícil, chegando à concordata. Ao que parece, os problemas estão no passado. [13]

SH=OB= 06/12/1985 JNH Obras no Shopping vão reiniciar, garante o incorporador. Com sua inauguração adiada por três vezes o Shopping deverá estar concluído em 1986. [13]

CA=NT= 18/12/1985 JNH Calçadão. Dispostos a incrementar o comércio no Calçadão, os comerciantes estão resolvidos a criar uma associação. O primeiro passo em busca de melhor resultados nas vendas foi dado: a decoração de Natal totalmente feita pelos comerciantes. A comunidade poderá aliar o lazer e o divertimento às suas compras. [12]

CA=LC= 31/12/1985 JNH É uma euforia que espanta os fantasmas, e que tem sido o pozinho milagroso que une a outros condimentos para tocar em frente o barco. O Calçadão, que andava meio abichornado, animou-se, e as mesas e cadeiras estão se espalhando por ali, trazendo para a rua protegida crianças, jovens e nem tão jovens, que descobriram um outro ponto de encontro para as noites agradáveis deste início de ano. Vinícius Bossle [12]

CA=LE= 09/01/1986 JNH Deverá começar o racionamento de energia pelo Calçadão. Ele não deverá ficar com todas suas luzes ligadas. Coluna Sabe Tudo [12]

CI=TR= 15/01/1986 JNH Em termos de Brasil não existe mais do que dez e no Rio Grande do Sul mais que duas: Mercedes-Benz zero km. Um empresário de Novo Hamburgo está circulando com uma. Coluna Sabe Tudo [3]

SH=CS= 21/01/1986 JNH Garantida a construção do calçadão do shopping em fevereiro. O objetivo da obra é assegurar aos usuários do shopping o máximo de segurança, o lazer da população com a construção dos quiosques, play-ground, bancos, floreiras, área cívica e árvores plantadas, sendo assim um local de encontro das famílias nos fins de tarde e finais de semana. Enfim, será um mini parque, além de servir de ligação entre o bairro Rio Branco e o Centro. [13]

CI=ON= 23/01/1986 JNH Tinha mais gente do que em velório de rico. Cabia no ônibus 40 pessoas, mas tinha 70 no mínimo. Era um aperto pra ninguém botar defeito. Amontoavam as pessoas de tal forma que era impossível acreditar que o carro iria sair do lugar. Dejair Krumenan [3]

CI=TP= 24/03/1986 JNH Gosto de sentir na ponta dos dedos as mudanças de estações. A primavera é molhada e ventosa e o verão pode ser seco como carne de sol, mas, o outono, que está diante do nariz, tem o perfume das últimas maçãs maduras, e é uma incógnita todas as manhãs, porque vira mais depressa do que cata-vento. Vinícius Bossle [6]

AV=AF= 02/04/1986 JNH Quem passeia pelo centro da cidade, nas quadras bem centrais, certamente já se apercebeu de um fato bem curioso e preocupante. Neste local inexistente qualquer tipo de vegetação. Isto bem no centro da nossa amada urbe. Bem ali onde nós transitamos em nossas andanças no mundo comercial. Pedras, asfalto e anúncios nos recebem. As pessoas que andam por ali não merecem tanta tristeza. Um pouco de beleza natural não faria mal. O melhor cliente é o cliente feliz e relaxado. Não grita, nem neurotiza a balconista. Arno Kayser – Ecologista [10]

CI=AT= 04/06/1986 JNH Depois que extinguiu as linhas férreas, a Rede Ferroviária Federal está fazendo uma intensa campanha, utilizando out-doors e a televisão, para alertar aos motoristas quanto aos perigos dos cruzamentos de rodovias e linhas de trem. "Você pode parar, o trem nem sempre." [3]

PR=UC= 19/06/1986 JNH Causou estranheza o fato de que parte da iluminação da Praça dos Imigrantes ficou desligada justamente quando a caminhada dos "sem terra" passava pela avenida Pedro Adams. Tão logo os colonos passaram a iluminação voltou. [9]

SH=CS= 20/06/1986 JNH Até o Natal, o Calçadão sobre o arroio Luiz Rau, em frente ao shopping, deverá estar concluído. Capa [13]

SH=OB= 02/07/1986 JNH Charge Sinovaldo sobre a inauguração do Shopping Center. Lesma carregando fitas e tesouras para a inauguração do centro de compras. [13]

CI=TR= 14/07/1986 JNH Os veículos mataram cinco vezes mais pessoas do que qualquer outra arma em Novo Hamburgo. Coluna Sabe Tudo [3]

CI=PG= 24/07/1986 JNH Novo Hamburgo é uma cidade engraçada. Enquanto tem asfalto por tudo que é canto, há enorme deficiência no atendimento médico. Coluna Sabe Tudo [2]

CA=CF= 28/07/1986 JNH Cena triste. Uma menina de 16 anos, conhecida como alemoa, teve de ser retirada da Café Avenida por policiais, onde se refugiou depois de ficar dopada ao cheirar cola. Coluna Sabe Tudo [12]

CI=PG= 18/09/1986 JNH Novo Hamburgo anda ficando bonita, limpa, a maioria das ruas asfaltadas. Para se andar de carro, bicicleta ou moto é uma beleza, mas ainda discuto os efeitos que este asfalto produzirá no futuro da cidade. Dejair Krumenan [2-7]

AV=BC= 02/10/1986 JNH Depois das reformas feitas nas Bancas até o gosto do pão com chimia mudou. Parece que está faltando alguma coisa. Elogio feito à limpeza e reforma onde foram instalados exaustores, coifas e azulejos. Coluna Sabe Tudo [10]

AV=CL= 05/10/1986 JNH Novo Hamburgo não é mais aquela cidade industrial que trabalha de dia e desaparece de noite. Das 22 horas até o amanhecer, o centro da cidade, que era deserto, está com mais movimento nos parques bares. Mas é na principal avenida que o movimento aumentou. Dezenas de pessoas, entre indigentes, homossexuais, prostitutas e menores sem ter onde dormir, perambulam pela avenida. Coluna Sabe Tudo [4]

CI=UC= 05/10/1986 JNH Aqui na colônia a gente não adianta o relógio em uma hora, pois as vacas estão acostumadas com a hora de tirar o leite. Coluna Sabe Tudo [6]

CI=PG= 19/10/1986 JNH É curioso que numa cidade cuja praça central é enfeitada com bandeirinhas de papel, onde nas manhãs de Sábado o povo se reúne para ouvir as retretas da banda, se pense em construir um moderníssimo edifício de 27 pavimentos, com heliporto. [7]

CI=PG= 06/11/1986 JNH Eu estava em uma cidade do futuro. Era uma cidade totalmente industrializada. Eu andava solto pelas ruas e aos poucos fui tirando minhas primeiras conclusões: era uma cidade rica, as pessoas demonstravam viver num elevado padrão econômico. Todos tinham veículos próprio, e por isso mesmo não havia transporte coletivo. Eu andava pelo centro e ali havia muita gente. As ruas estavam abarrotadas de pessoas mas eu não conhecia nenhuma delas. Eu olhava para cada uma nas ruas, procurava fitar seus olhos mas não consegui qualquer resposta. Tudo em volta eram edifícios e aquela cidade super urbanizada não guardara nenhuma espaço para o verde. Germano Hauschild Neto [2]

AV=AF= 27/11/1986 JNH Em Novo Hamburgo pode ser nitidamente vistas algumas características de grandes centros. Costumo dizer que alguns problemas daqui, antes de se assemelharem aos problemas de uma cidade grande, lembram sim os de uma cidade rica com seus contrastes. Outro dia, encontrei uma amiga num bar, e ela veio me falar com os olhos arregalados: Ontem de madrugada atravessei a Pedro Adams e tive a impressão que seria devorada, tamanha quantidade de tipos ameaçadores, senti medo de estar naquele local... Retruquei que isto é normal em Novo Hamburgo. Pouco depois atravessei o cenário que ela falara. Na área da praça dos Imigrantes um grupo de homens e mulheres estava formado à sombra. Pouco adiante alguns travestis e prostitutas. Defronte o Café Avenida havia vários grupinhos de pessoas ameaçadoras, como rostos amargos e carrancudos. Todos atentos ao que aconteceria em volta, inclusive minha passagem. Uns falavam, outros cochichavam, todos gesticulavam, eu tive a sensação de medo e acelerei o passo. No meio de todos estes os meninos e meninas cheirando o resto de cola utilizada para calçados de exportação que enriqueceu a cidade em muitos aspectos. Germano Hauschild Neto [10]

AV=OB= 10/12/1986 JNH Prefeito estuda a construção de mais um calçadão para resolver o problema do trânsito. A idéia do prefeito é fechar todo o acesso dos carros às ruas centrais da cidade, construindo um calçadão. [10]

SH=OB= 15/12/1986 JNH Shopping Center: obra será reiniciada em janeiro de 87. As obras permaneciam paradas e agora a Caixa Federal deu parecer favorável para assinatura de contrato suplementar. [13]

CI=LE= 18/12/1986 JNH Para fazer a iluminação de Natal, sem ir contra o racionamento, serão desligadas 40 lâmpadas de 400 watts (de mercúrio) que equivalem-se em consumo. [2]

CI=SG= 18/12/1986 JNH O Brasil leva a fama de ser um dos países com maior índice de violência do mundo, mas os números não revelam as condições de trabalho da polícia local. Uma coisa que espanta é ver uma dupla de brigadianos parada em uma esquina qualquer da cidade durante a madrugada. O que eles poderão fazer caso alguma coisa aconteça? No máximo sair correndo atrás, ou, em alguns casos, será mais aconselhável correr para fugir dos transgressores que, provavelmente, estarão mais bem equipados do que eles próprios. Germano Hauschild Neto [4]

CI=PG= 21/01/1987 JNH Novo Hamburgo está mais para uma cidade pequena, do que para uma grande metrópole. Não tem necessariamente os problemas (e traumas e menores) característicos de uma

cidade grande, mas tem os que são comuns às cidades ricas, e que apesar de ricas mantém uma pobreza muito grande. Há as situações criadas por contrastes violentos entre automóveis de luxo e crianças cheirando cola. O desequilíbrio atinge as pessoas cujos pulmões estão afetados de resíduos despejados no ar pelas descargas dos automóveis que superpovoam as ruas e pessoas cujas narinas estão danificadas pelo cheiro dos lixos e da podridão urbana. Pessoas que habitam as cidades cobertas de asfalto, cidades que não dão mais lugar às árvores, cidades cuja poluição não mais permite se veja as estrelas no céu. Germano Hauschild Neto 7]

CI=PG= 30/03/1987 JNH Quando eu era menino pobre do bairro Guarani, eu imaginava que deveria ser bom morar num apartamento no centro da cidade, pertinho do cinema e de tudo que era bonito. Agora que eu sou um adulto pobre, que moro num apartamento no centro, imagino como deve ser bom morar numa casa de bairro onde existe grama, terra, árvore, campinho de futebol, e armazém, onde se pode apalpar a língua exposta, pra ver o pedigree. Aurélio Decker [7]

CI=UC= 13/05/1987 JNH Há quase 40 anos, para quem vinhas "das capitais", Novo Hamburgo era muito morno. As 9 horas da noite estava tudo fechado. Com exceção do Café Avenida. Aos sábados esticava um pouco mais. Era o dia do passeio pela avenida Pedro Adams. Os namoricos iniciavam ali. Os postes de iluminação, colocados no meio do canteiro central, tinham como "penduricalhos" os alto-falantes da "Voz do poste". Lá em cima, os futuros locutores da Rádio Progresso encarregavam-se da animação do "footing". Rapazes e meninas caprichavam nos olhares cheios de intenções. "Encostar" na eleita era um fato comemorado por toda a "torcida". Segurar na pontinha dos dedos da futura esposa terminava ocasionando sonhos românticos. O primeiro grande crime cometido, em nome do progresso, foi a retirada daquele canteiro central. Os alto-falantes ficaram sem seu ponto de apoio e... era uma vez a Voz do Poste. Na época ninguém se deu conta, mas foi uma perda irreparável. Parece que foram colocados em árvores das laterais da avenida. Ali nunca tiveram a importância de antes. Parece que adivinhava a morte imediata de tão significativo serviço. As matinês eram reuniões de amigos e pessoas conhecidas. As sessões noturnas não eram diferentes. A Segunda opção ficava por conta dos encontros na Sociedade Ginástica... Se alguém dissesse que eu teria saudades do "marasmo" de Novo Hamburgo, em tacharia de louco. E não é que aconteceu? Lauro Diogo de Jesus [PC-3-10-12]

CI=AF= 03/06/1987 JNH Calcula-se que haja 90 prédios com mais de quatro andares em construção na cidade. Coluna Sabe Tudo [2]

CI=PG= 05/06/1987 JNH Novo Hamburgo cresceu muito. Os homens de dinheiro sobem os morros, colocando lá em cima seus suntuosos palacetes; os edifícios ganham os céus, rivalizando o panorama com o morro dos Dois Irmãos; as ruas ficam estreitas para o movimento de automóveis; as calçadas não comportam tanta gente. É Novo Hamburgo que cresceu e virou cidade grande, perdendo muito de seus antigos costumes, suas antigas atrações, para se transformar na atual e vibrante Courocap. Quem vive e participa diretamente neste rebuliço quase não nota o seu crescimento vertiginoso, a mudança de seus hábitos, seus costumes, sua gente. A velocidade dos dias atuais não permite que se detenha a observar com olhos de saudosistas as transformações dos dias, das noites, das manhãs de Domingo. O tempo, hoje em dia, vale ouro até para quem não tem nada que fazer. Todos correm e ninguém pára... A publicação desta crônica, há 27 anos, permite ver que as coisas se repetem apenas em outras proporções. Se nós fossemos escrever hoje sobre o crescimento da cidade, sobre o movimento dos carros, seria a reprise de um filme "que já vi antes". A cidade cresceu muito, as ruas continuam congestionadas, as tradições mudaram completamente, os costumes são outros, as mulheres menos bonitas e o mundo mais triste... Alceu Feijó [3-7]

CI=TR= 09/06/1987 JNH Um dos problemas de mais difícil solução enfrentado pela comunidade hamburguesa é o do trânsito. A cidade herdou um sistema viário do tempo da colonização, e desde a explosão industrial, o crescimento urbano vem acontecendo sem planejamento. As ruas são estreitas e não têm capacidade para dar vazão ao grande volume de veículos que por aqui circula. A cidade é bem sinalizada, mas o desrespeito à sinalização e às regras de trânsito é enorme. [3]

CA=AF= 12/06/1987 JNH Quando inauguraram o Calçadão sugerimos que se aproveitasse o muro após o prédio da ex-Ginástica para que artistas colocassem ali seus talentos. Com isso se quebraria bastante a frieza imposta por tanto cimento, dando ao local mais beleza. Tivéssemos permanecido no cinza que teria ficado melhor, mais limpo, menos poluído. Deve-se mandar limpar o muro e contratar gente com mais beleza no coração e mais pureza na cabeça. Algum tempo ali, tentando decifrar a mensagem que pretenderam transmitir, nada encontramos de positivo. A sensação foi de mal estar. Se

alguém conseguir decifrar aquilo ao alfabeto grego teremos os mais feios e pornográficos palavrões. Alceu Feijó [12]

CA=AF= 15/06/1987 JNH Em favor do muro. O muro saiu de sua acidentada insignificância e passou a ser olhado e debatido, e agora sofre a ameaça de ser pintado de branco. Se isso acontecer será uma grande vergonha ideológica desta terra. Nesta cidadezinha interiorana que tanto enriquece, nesta Novo Hamburgo ainda tão conservadora, há este muro "pichado" por mãos de respeitosos e talentosos artistas. Fizeram uma manifestação em favor da vida da gente do Vale, um grito contra a morte do único rio que banha estas terras. Eles poderiam fazer uma obra prima à moda antiga, mas não é essa a proposta. Nesta terra só se pensa em sapato e dinheiro. Há muitos anos que se luta para conscientizar a população da morte do rio. Mas ninguém dá bola. As empresas poluidoras, cujos proprietários são pessoas importantes e "nobres" na cidade, continuam sem estações de tratamento dos efluentes. Faz tempo que debatemos o assunto, mas tudo continua igual. Só o rio que muda, ficando a cada dia mais morto, mais fedorento, mais pastoso, mais podre. Seria um ato conservador demais para um fim de século pintar o muro de branco. No muro primeiro aparece o rio bonito, em harmonia com a natureza, assim como era antigamente. Depois o rio vai sendo poluído e acaba cheio de esqueletos, ou seja, é obvio, morto. Artistas se manifestando contra a morte de um rio jamais significará poluição. Isto é um ato ecológico. Evania Reichert [12]

CI=PG= 20/06/1987 JNH Em Novo Hamburgo, na década de 70, pouca gente fumava maconha e todos eram conhecidos. Como eram conhecidos os que preferiam tomar "boleta" em vez de se trancarem nos carros para curtir um "baseado". O crescimento de Novo Hamburgo no aspecto econômico fez daqui um ponto rentável para a distribuição não apenas de maconha, mas especialmente de cocaína. Novo Hamburgo deixou de ser uma cidadezinha. Aurélio Decker [4-7]

CI=PG= 26/06/1987 JNH Charge Sinovaldo sobre a poluição do Rio dos Sinos. No aquário, o peixe-mãe ameaça o peixe-filho que se ele não se comportar ela manda largá-lo no Rio dos Sinos. [4]

CI=PG= 15/07/1987 JNH Um estudo de um engenheiro florestal afirma que o asfalto em demasia e grande quantidade de locais concretados, estão auxiliando na morte do rio dos Sinos. A impermeabilidade em nossa cidade tem sido uma ambição do progresso. Deseja-se ordem, limpeza, fluidez do trânsito, enquanto grandes áreas cobertas com cimento são símbolo de luta vencida. Tendo o orgulho como guia e o controle da situação como argamassa, gasta-se dinheiro público e privado em obras de efeitos questionáveis. Impermeabilizar a cidade é cobrir ruas com asfalto, é cimentar passeios públicos, pátios e estacionamentos. É construir sempre mais. É canalizar arroios e drenos de tal forma que a água perca totalmente o contato com a terra e corra para o rio. Com a grande impermeabilização, a água da chuva é coletada com rapidez, penetra o sistema de drenagem, e faz com que os drenos estejam sempre atulhados e o alagamento das ruas seja uma constante. A substituição dos canos com dimensões maiores passa a ser rotineiro. O rio, desconectado de seus órgãos de limpeza, passa a ser um mero canal de transporte de águas, sem alterar sua qualidade pelo caminho. O rio está praticamente morto e sem condições de renovação. Engenheiro Marcus Weber – entrevista [12]

CA=AF= 17/07/1987 JNH A polêmica do muro no Calçadão... enquete: è necessário que a cidade veja o que se passa em termos de ecologia; um pouco exagerado dentro de um Calçadão bacana como esse; retrata a realidade; serviu para embelezar o Calçadão; a pintura conscientiza o povo sobre a tomada de providências para salvar o rio. [12]

CA=AF= 19/07/1987 JNH A verdade indiscutível é que não será com passeatas, pichações de muro, palestras e outras intelectualidades que se remediará a poluição. Somos nós os poluidores em plena ação. Alceu Feijó [12]

CI=DP= 19/07/1987 JNH Charge Sinovaldo sobre o prefeito Foscarini e sua vontade de asfaltar toda a cidade. Ele faz uma serenata com a seguinte letra: se essa rua fosse minha, eu mandava asfaltar... [3]

CI=OP= 21/07/1987 JNH Outro dia me disseram que um canal de TV divulgou que a rota internacional da cocaína passa pelo Vale dos Sinos. Cheguei a rir, mas me arrependi. Vinícius Bossle [4]

CI=PG= 21/07/1987 JNH O requinte dos edifícios construídos aqui já chega ao detalhe de um deles instalar uma antena parabólica. Coluna Sabe Tudo [2]

CA=AF= 22/07/1987 JNH Quando o Feijó criticou a pintura do muro do Calçadão, concordei com ele. A minha geração também acredita que não é preciso colocar as pessoas mostrando sempre o lado

desgraçado de tudo. Mas aí, a Evânia entrou de sola, e puxou as orelhas de todos, alertando que a morte retratada no muro reflete a realidade, e que não devemos viver na ilusão de que o rio ainda é lindo, caudaloso e poético. Aí o Feijó, na tréplica, diz que fumante não pode falar em poluição. Negar que a humanidade, como um todo, optou pelo conforto generalizado desde o automóvel até o universo de plástico é ignorância. Usamos adoidadamente as adoráveis cacarecadas que o mundo moderno oferece, sem pensar nos detritos, para onde vão, que males causam. Sabemos que o rio tem as mínimas chances de ser salvo e aí a gente faz de conta que o assunto não é conosco. Ainda há tempo de recuperar o rio... Aurélio Decker [12]

CA=AF= 25/07/1987 JNH O assunto está na pauta das discussões, nas rodas de café, no bate papo das comadres, enfim, na boca do povo. O muro acabou virando símbolo de uma luta dos ecologistas. Quem ainda está quieto como criança que fez cocô na calça são nossas autoridades. Até quem sabe por problemas de consciência, pois basta ver o "mar" de piche que cobre a cidade. Dejair Krumeran [12]

SH=OB= 31/08/1987 JNH Shopping Novo Hamburgo inaugura em Abril de 88. Palavras do prefeito: é a obra do século em Novo Hamburgo. Eu nunca vi na vida uma coisa semelhante tão perfeita, tudo pensado nos mínimos detalhes. Isto merece uma inauguração condigna. E nós faremos isto para fazer com que Novo Hamburgo seja respeitável. O desejo do prefeito é realizar a inauguração do Shopping junto com o Calçadão sobre o valão da avenida Nações Unidas. [13]

CI=OP= 07/09/1987 JNH Em Novo Hamburgo a cocaína deixou de ser esparramada apenas sobre mesas de fino acabamento, em algumas mansões de luxo. O pó começa a ser comercializado em bares, portões de escolas e clubes. Nossa cidade se tornou um muito rentável ponto de consumo. Aurélio Decker [4]

PR=EX= 11/09/1987 JNH Seis horas da tarde, centro da cidade, praça dos Imigrantes. Eis o cenário apropriado para que os hamburguenses assistam cenas chocantes: crianças, as vezes menores de 10 anos, empunhando sacos plásticos, cheirando cola de sapato. Coluna Sabe Tudo [9]

AV=OB= 29/09/1987 JNH Pronto ante-projeto do calçadão na Pedro Adams. A transformação em calçadão, do trecho da Pedro Adams entre a Gomes Portinho e Lima e Silva, é, para muitos hamburguenses, a solução dos problemas de engarrafamento no centro da cidade, devido ao excessivo número de veículos existentes. Um dos principais problemas que a prefeitura deve enfrentar é a resistência dos comerciantes que brigam pela manutenção do estacionamento próximo às suas lojas. [10]

SH=OB= 07/10/1987 JNH As obras de acabamento do shopping começam a despertar a curiosidade das pessoas. Pode-se ver, diariamente, inúmeras pessoas junto ao vidro da porta principal, tentando ver o que está sendo feito lá dentro. Coluna Sabe Tudo [13]

CI=LU= 28/10/1987 JNH Novo Hamburgo, para que não sabe, é uma cidade que orgulha a maioria de seus moradores. Grande parte de sua área tem alguma espécie de pavimento, sendo um número significativo asfaltado. É apresentado como exemplo de cidade limpa. Lauro Diogo de Jesus [2]

CI=AF= 30/10/1987 JNH Com o crescimento da cidade algumas construtoras estão aprimorando a qualidade de suas construções, e a existência de prédios sofisticados tem sido uma das características dessa modernização. Em breve tempo, a cidade vai contar com um prédio com heliporto, além de passar a ser o mais alto da cidade. [2]

CI=AF= 30/10/1987 JNH É um choque ver a velha Novo Hamburgo tomada de edifícios. Antes, quando a gente andava pela Faixa Federal (BR 116) Novo Hamburgo tinha características próprias de uma cidade semelhante às européias. As torres das Igrejas se destacavam. Até se podia observar com alguns detalhes o relevo da cidade, os morros e os vales. Hoje a coisa está bem diferente, a igreja São Luiz não é mais tão alta e os vales e morros estão escondidos atrás dos edifícios. De semelhante aos europeus, só ficou mesmo o sotaque dos alemães, que aqui residem. Claro que isso é um discurso imaginário, mas sua essência é a expressão da realidade hamburguesa. As coisas realmente estão mudando e a paisagem é a forma mais simples de se verificar esta mudança. Novo Hamburgo cresceu e é considerada uma das maiores metrópoles do Estado. Como tal, está coberta de arranha-céus. [10]

AV=BC= 18/11/1987 JNH Sobre o calçadão... não estão previstas obras de construção de novos banheiros públicos no calçadão que a prefeitura pretende construir na avenida Pedro Adams. Isso significa que a população vai Ter que agüentar os mesmos sujos e precários banheiros das Bancas. Coluna Sabe Tudo [12]

AV=BC= 29/11/1987 JNH Se Novo Hamburgo tivesse pena de morte, já teria um local prontinho para as execuções: o banheiro das bancas, ou a popularmente conhecida Banca 9. E nem seria preciso gastar luz para eletrocutar alguém, ou gás para que a morte fosse lenta. Seria preciso apenas colocar uma porta com um grande cadeado e jogar pra dentro do banheiro, vivinho da silva, o condenado. Se a figura é exagerada, exagerado também é o cheiro que exala dali. Aurélio Decker - especial Centro [10]

AV=UC= 29/11/1987 JNH As mulheres do centro. A gente saía da missa das 9:30 h na São Luiz e ia para a Pedro Adams, quase correndo, escorar as colunas da NovoSeguro e esperar, com ar desinteressado e o coração a 130 batimentos, as meninas que vinham da mesma missa. Manhãs de Domingo no centro - sempre havia sol brilhante - o ar fresco e com cheiro bom. Manhãs de Domingo no centro, a primeira e fantástica revelação deste espaço da cidade como um lugar feito para o prazer. Luiz Afonso Franz. Caderno Especial Centro [10]

CA=UC= 09/12/1987 JNH Antes a gente tinha que desviar dos carros. Agora que fizeram o Calçadão na Gal. Neto, temos que desviar dos garçons e das mesinhas de bar que tomam conta do Calçadão, principalmente à noite. Coluna Sabe Tudo [12]

SH=AF= 15/12/1987 JNH O futuro Shopping ganhou uma obra de um artista local... A escultura é formada por uma figura central, com seis metros de altura, composta por aves gigantescas e oito pássaros suspensos, com asas em posições diferentes. Eles estão sempre em movimento, em função do fluxo do ar. Ela estará dentro de um lago de concreto. A escultura estará inserida na dinâmica comercial do centro de compras, em jogo com as fachadas de neon, a decoração das lojas e objetos. Teve de ser pensado no sentido de causar um impacto visual positivo. Já como se trata de uma construção fechada, surgiu a idéia de um tema ecológico. A clarabóia onde está inserida transmite a sensação de subida. É como se os passeios estivessem ao redor de uma fonte, dando a idéia de uma praça tradicional, com a vivacidade e sensação de liberdade que o vôo dos pássaros transmite. [13]

SH=CS= 16/12/1987 JNH O novo calçadão, em frente ao shopping, já vem se tornando um ponto de encontro, e principalmente à noite, onde lá se reúnem crianças e jovens marginalizados para cheirar cola. E junto ao palanque cívico existe em construção um pequeno lago e quem passar por ali poderá ver milhares de larvas de mosquito em pleno desenvolvimento. Existe gente que aposta que o centro comercial somente abrirá em 1989. Coluna Sabe Tudo [13]

CA=CF= 07/01/1988 JNH Um sabe tudo flagrou um grupo conversando numa mesa do Café Avenida, e comentavam a desvalorização dos prédios no Calçadão, pois muitas casas comerciais estariam fechando devido ao pouco movimento. Coluna Sabe Tudo [12]

AV=OB= 03/04/1988 JNH Está tudo pronto para o início das obras de instalação do novo calçadão na Pedro Adams. O objetivo da sua construção é humanizar o centro, criar mais espaços onde as pessoas possam brincar. Enfim, um local humano, de encontro e lazer no meio da selva de edifícios, que começa a tomar conta da cidade, além de desafogar o trânsito. [10]

AV=OB= 10/04/1988 JNH Uma pesquisa feita pela ACI com os comerciante da área que será atingido pelo calçadão da Pedro Adams revela a contrariedade... Há comentários entre os lojistas da Gal. Neto que os consumidores classe A e B se afastaram das lojas ali instaladas... E as Bancas são o assunto principal. Muitos acham que o prédio deveria ser remodelado, poderia ser até demolido pra realocar as bancas individualmente na praça. Coluna Sabe Tudo [10]

AV=TR= 10/04/1988 JNH Manhã fria de outono. Gente, carros, motos, bicicletas. O barulho aumentava a cada minuto. No meio da multidão um rosto bonito, moreno, observava tudo. E parece que só ele podia ver a cena, pois o resto passava, quase tropeçava e não via nada. Pareciam cegos. O rosto era de Maria, que correu ao encontro daquele corpo caído no meio da rua. Era uma senhora que se sentira mal e havia desmaiado. Ninguém parava. Maria correu, pediu socorro, mas todos estavam alheios. O problema não era deles. Tinham pressa. Cada vez mais pressa. [10]

SH=CS= 12/04/1988 JNH Embora não tenha sido inaugurado oficialmente, o calçadão do shopping já vem sendo tomado pela população local. Crianças brincando, famílias tomando chimarrão e até grupos musicais. Curioso foi o pedido para os músicos tocarem baixinho... talvez para não atrapalhar a poluição sonora provocada por carros e ônibus. Coluna Sabe Tudo [13]

AV=OB= 24/04/1988 JNH Numa pesquisa entre comerciante sobre a instalação do calçadão na Pedro Adams o resultado foi negativo. Pois alegam: haverá um número de desocupados na praça, o

hamburguense está acostumado a estacionar seu veículo em frente à loja que deseja entrar, o automóvel em Novo Hamburgo é fundamental. [10]

CI=UC= 25/04/1988 JNH Crianças que não perturba a vida de adulto é aquela que passa o tempo todo na frente da TV. Em Novo Hamburgo, tudo incomoda. Música em bar não pode, na praça também não, ensaio de conjunto jovem enche o saco, agrupamento em frente à sorveteria é danoso, jogar bolinha de gude nas ruas atrapalha os motoristas, andar de skate, nem se fala. Aurélio Decker [3]

AV=OB= 26/04/1988 JNH Prefeito diz que vai fazer somente a infra-estrutura do calçadão (da avenida Pedro Adams Fº) e deixar ao próximo prefeito a decisão de fazer ou não. [10]

SH=CS= 02/05/1988 JNH No calçadão do shopping foram construídas rampas para cadeiras de rodas, só que o projeto não inclui rampas nas calçadas. Coluna Sabe Tudo [13]

PR=AF= 26/06/1988 JNH Inverno de 88 em Novo Hamburgo: noites de frio, medo e solidão. A praça dos Imigrantes e as Bancas são pontos onde sempre se encontram pessoas. Ali, travestis, cheiradores de cola, prostitutas e mendigos, e até mesmo crianças, passam a noite. [4]

CI=AF= 28/06/1988 JNH A presença de assaltantes fazem de Novo Hamburgo uma cidade que vive em constante pavor. Coluna Sabe Tudo [4]

CI=PG= 29/06/1988 JNH Nas cidades as marcas do tempo se debruçam sobre o espaço da rua. Nas antigas casas o ladrilho hidráulico não vertia em dias de umidade; a cal das paredes repelia os insetos; nos quintais as goiabeiras, a cartesiana horta e o indefectível espantalho. Estas imagens vêm à mente ao defrontar com o prédio da Bento (2391), onde um batalhão de operários desmontam o tempo: janelas, portas e vidraças, soleiras e peitoris aguardam o golpe fatal da marreta certa. Os fantasmas sem sótãos, vagam ao longo da rua. Onde andarão os antigos moradores? Terão levado suas lembranças para novas paredes no edifício? Os novos moradores, atores de um novo cenário, trarão consigo novos hábitos. Longe da rua terão como fuga o horizonte da cidade que se refaz em outras ruas. Vizinhos todos, por todos os lados. Porta a porta. Multidão a dividir espaços comuns e a ratear gastos. O porteiro eletrônico será a voz metálica que comandará o acesso. Humberto Hickel [PC-3-7]

CI=PG= 10/07/1988 JNH Charge Sinovaldo. Belos edifícios dentro de um grande sapato feminino. Ao redor do sapato os casebres. [7]

AV=OB= 03/08/1988 JNH Calçadão da Pedro Adams não será construído já: "Eu fiz dois calçadões que acredito foram do gosto da população. O terceiro fica para outros prefeitos discutirem." [10]

CI=AF= 12/08/1988 JNH Idéia surgida em Novo Hamburgo: todos os edifícios em construção seriam obrigados a implantar no teto possantes holofotes. Ligados formaria um show de luzes que nenhuma cidade produz. Coluna Sabe Tudo [2]

CI=AF= 16/08/1988 JNH Luzes nos edifícios. Sugiro que todo edifício erigido nesta cidade seja dotado de um dispositivo de iluminação colorida através de holofotes instalados na parte mais alta. Os holofotes deverão projetar fochos de luz em diferentes direções. Esta inovação contribuirá para que a população saia da psicose do medo e viva a noite, dará à cidade destaque de metrópole e oferecerá deslumbrante visual noturno. Selson Haag [13]

SH=OB= 16/08/1988 JNH Uma pedra no sapato do prefeito é o shopping de Novo Hamburgo. O prédio está concluído mas as chances de inauguração são mínimas. A obra não é municipal, mas o prefeito tinha desejo de inaugurá-la em sua gestão. Coluna Sabe Tudo [2]

CI=PG= 26/09/1988 JNH O som da madrugada. Imagine o desastre que seria uma serenata hoje. Um grupo entrando sorrateiramente num pátio, depois de pular o muro. Imagine alguém da casa escutando os passos perto da janela, ou mesmo os vizinhos vendo rapazes de maneira suspeita pulando muros. Antes do violinista empunhar seu instrumento musical, o tiroteio ia comer solto. Não há mais clima de serenata. Aurélio Decker [3-7]

GA=OP= 27/11/1988 JNH Os comerciantes da Galeria Hamburguesa foram surpreendidos pela incursão automobilística de um motorista rumo ao interior do estabelecimento. [11]

GA=VT= 30/11/1988 JNH O lojista direcionado à venda de confecções preocupa-se e insere-se numa nova mentalidade surgida nos grandes magazines europeus que busca no "clean" (limpo) de suas vitrinas para mostrar apenas algumas peças básicas. Há muito ultrapassou-se o conceito de propor ao

cliente uma infinidade de roupas em suas vitrinas. O mínimo indispensável tem se mostrado cada vez mais eficiente no retorno de vendas. Waldemyr Carlos Selbach Fº [11]

SH=AF= 13/12/1988 JNH Neve caindo em intervalos regulares, gente de todas as idades superlotando e comprando seus maiores parcimônias, bares e restaurantes igualmente abarrotados de pessoas saudáveis e bem vestidas, além de uma temperatura digna de vistosos agasalhos. Nem esmoleiros, nem batedores de carteira. Tampouco vendedores de carnês interrompendo o ir e vir. Polícia particular bem equipada. Um paraíso. Parecia Europa, ou muitos outros lugares, menos o Brasil. Sabe tudo em visita à um shopping center de Porto Alegre [13]

AV=NT= 15/12/1988 JNH Transitando pela centro da cidade, dois árabes chamavam a atenção pela linguagem e pelas vestimentas que usavam. Em época de Natal há quem tenha associado-os aos três reis magos. Na verdade estão aqui para conhecerem patrícios. [10]

CI=CO= 15/03/1989 JNH Em Novo Hamburgo o primeiro dia de greve foi um desastre. Fábricas trabalhando, lojas abertas, bancos atendendo normalmente. Até os ônibus que eram poucos pela manhã, surgiram em maior número à tarde. A conclusão é simples: em Novo Hamburgo as pessoas optaram pelo trabalho e não pela paralisação. A esmagadora maioria dos hamburguenses mostrou que não é simpatizante de movimentos grevistas. Coluna Sabe Tudo [5]

CI=CO= 16/03/1989 JNH Se todos os brigadianos que estavam no centro resolvessem se agrupar, o contingente seria maior do que os grevistas que fizeram a acanhada passeata. Coluna Sabe Tudo [4-5]

SH=CO= 16/03/1989 JNH Charge sobre o shopping. Dois colonos estancados olhando o prédio fechado do shopping. Um diz ao outro: fritz, a greve foi pra valer, fecharam até esse loja! [13]

CI=VT= 18/03/1989 JNH O clássico impera. Talvez porque os produtores estejam cansados de propor um estilo de vanguarda sem nada vender, talvez porque estejam confusos com os diversos lançamentos que surgem dia a dia. Mas o clássico, sóbrio ou mesmo conservador é a palavra chave dos últimos lançamentos... O inverno é sem dúvida a época mais elegante. Elegância no jogo de peças, nos truques de superposição, nos efeitos dos jogos de estampas e cores. Tudo gira em uma idéia somente, consumir sim, mas adquirir aquilo que poderá e deverá ser usado em outras estações, aliados ou não ao que já temos. Waldemyr Carlos Selbach Fº - Caderno de Domingo [10]

CI=SG= 27/03/1989 JNH Novo Hamburgo ostenta o título de uma cidade próspera e rica, mas nem por isso tem conseguido resolver os sérios problemas que envolvem a segurança de seus habitantes. Ainda são poucos os que conseguem atacar ou minimizar o problema, utilizando recursos próprios, como cadeados, grades, babás, cachorros treinados, carros e motoristas, guardas particulares, alarmes, e outros mil mecanismos anti-insegurança. A grande maioria dos cidadãos continua exposta a todo e qualquer tipo de agressão. Coluna Sabe Tudo [4-7]

SH=OB= 28/03/1989 JNH O shopping Novo Hamburgo já é mesmo um "elefante branco". Em São Leopoldo, que começou a construção bem depois, inaugurou o seu sem muito alarde. Comenta-se que um dos motivos "emperrantes" do empreendimento seria o preço de 200 mil OTN's que um grupo de hamburguenses quer pela sua parte. [13]

CI=SG= 29/03/1989 JNH A pobreza franciscana da polícia civil é um fator que imperra a solução de qualquer crime. [4]

CI=PH= 14/04/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre telefones. Uma caveira à espera de uma ligação em Novo Hamburgo. Teias de aranha e o cinzeiro cheio compõem a cena. [2]

GA=VT= 14/04/1989 JNH O inverno 89 já toma nossas vitrinas. Fala-se em tendências, estilos confirmados por este ou aquele estilista, comenta-se inclusive que uma pessoa não será atual se não seguir os passos da moda. Mas nunca a moda esteve tão variada e diversa como nesta estação. Waldemyr Carlos Selbach Fº [11]

CI=TR= 21/04/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre a comissão de trânsito instalada em Novo Hamburgo. Um dos componentes, diante de um garrafão cheio de automóveis, pergunta aos demais se alguém têm um saca-rolhas. [3]

SH=OB= 02/05/1989 JNH Mandelli tem interesse na compra do shopping. O presidente da Fiergs confirmou negociações, mas fez uma ressalva: a perdurar o "Sábado inglês" em Novo Hamburgo, a compra não acontecerá. Capa [5-13]

SH=OB= 04/05/1989 JNH Caixa Federal sugere campanha local para a compra do shopping. "Uma cidade como Novo Hamburgo, com sua pujança e riqueza, é perfeitamente capaz de assumir o empreendimento." A CEF estaria disposta a conceder refinanciamento do débito aos novos proprietários. [13]

SH=OB= 10/05/1989 JNH A imprensa registra que o shopping é inviável por estar situado numa cidade retrógrada, pois o comércio fecha aos sábados. Palavras de Alécio Ughini. Coluna Sabe Tudo [5-13]

CI=PG= 27/05/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre construção. Pai de família que vive em baixo da ponte comenta sobre a inexistência de crise na construção civil, após ler no jornal. [3]

SH=OB= 09/06/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre o shopping. Um sujeito fala ao outro que o personagem do Tio Patinhas resolveu abrir no prédio do shopping sua caixa forte, já que ele não abre nunca. [13]

CI=VT= 22/06/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre a violência. Estilista de calçados cria modelo baseado na violência... é um sapato com balas de revólver como decoração. [4]

SH=OB= 22/06/1989 JNH Mandelli compra shopping center de Novo Hamburgo. Capa [13]

SH=OB= 27/06/1989 JNH Compra do shopping ainda sem definição. Capa [13]

SH=OB= 29/06/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre o shopping. Senhora simbolizando a prefeitura tenta tirar um elefante branco da lama. [13]

PR=PR= 07/07/1989 JNH Os travestis de Novo Hamburgo que circulam pela noite, principalmente na praça dos Imigrantes, estão pedindo uma rua específica para que possam transitar à vontade sem constantes batidas da polícia. Já há quem denomine a tal rua de "veadódromo". [9]

SH=AF= 19/07/1989 JNH Em 40 mil m2 o shopping é um projeto de conhecimento público. Na entrada frontal, pela Nações Unidas, está a fonte da praça principal, envolta por cinco escadas rolantes condutoras aos outros três pavimentos. Deste espaço é amplamente visível uma cobertura com 600 m2 de vidro. No segundo acesso, pela Joaquim Nabuco, fica a praça secundária e a obra prima de um artista hamburguense. É um ambiente semelhante a centros comerciais do Canadá. Os banheiros de granito e mármore possuem mictórios infantis e também aos deficientes físicos. Outra característica é a amplitude dos corredores, para evitar acúmulo de pessoas. Além disso, o ambiente é todo climatizado, tem sonorização e equipamentos de prevenção contra incêndio. O piso em mármore pérola Bahia foi trazido do Espírito Santo pra ser pisado por consumidores hamburguenses. [13]

CI=OB= 21/07/1989 JNH Heliporto. Novo Hamburgo terá o primeiro edifício do interior do Estado com pista para pouso de helicópteros. [2]

CI=TR= 21/07/1989 JNH Ônibus capota no centro após bater num galaxie. Capa [3]

PR=UC= 01/08/1989 JNH Tempos modernos. Passeando de mãos dadas pela praça, o jovem casal resolvei comprar bijuterias dos artesãos. A jovem foi direto aos brincos. Escolheu, olhou, perguntou preços e até decidiu. Só que não era para ela. O brinco que ela escolheu era para o seu namorado. Coluna Sabe Tudo [9]

CI=CO= 02/08/1989 JNH Credibilidade dos cheques de hamburguenses. Num posto de gasolina a placa: "Não aceitamos cheques". Falando com o fretista este respondeu: "sendo de Novo Hamburgo nós aceitamos". Coluna Sabe Tudo [5]

CI=ON= 08/08/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre ônibus apinhado de passageiros. um comenta sobre o aumento dos ônibus... o outro responde que não foi de tamanho... [3]

CA=DP= 01/09/1989 JNH Decreto nº 224/89 de 31/08/1989 declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, o prédio da Cia Novo Hamburgo de Seguros Gerais, no calçadão da Gal. Neto, antiga sede social da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, pelo presidente da Câmara dos vereadores, prefeito em exercício, Carlos Fink. [12]

PR=EX= 07/09/1989 JNH Sábado de manhã na praça dos Imigrantes e no Café Avenida, foi sentida a falta do folclórico "Macuco". Para alegria dos frequentadores do centro, no Domingo, Macuco estava nas Bancas, para um pão com schimier e nata e café preto na banca 8, cheio de "causos" e recebendo muitos abraços pela sua "aparição". [9]

CA=DP= 08/09/1989 JNH Ritzel revogou o decreto de Fink que torna de utilidade pública o prédio no centro da cidade, onde antes era a sede social da Sociedade Ginástica, no calçadão da Gal. Neto. [12]

SH=OB= 21/09/1989 JNH O diretor do grupo DHB, Luiz Carlos Mandelli, confirmou a assinatura formal do contrato de compra e venda do shopping. [13]

SH=OB= 26/09/1989 JNH A prefeitura, a fim de pressionar as negociações no "caso do shopping", deu um prazo para definição do término das obras. Após ela irá articular junto à CEF a possibilidade de leiloar a área, juntamente com o "elefante branco" que preenche o espaço físico no local. Para o secretário a população merece o acesso à um shopping, por isso a intervenção. [13]

SH=OB= 04/10/1989 JNH Charge Sinovaldo shopping X lixão. Um grupo de aposta para ver qual das duas tartarugas chega antes à Novo Hamburgo... uma é caso shopping, a outra o caso lixão. [13]

SH=OB= 10/10/1989 JNH Nova Promessa: shopping abre no segundo semestre de 1990. [13]

SH=OB= 24/10/1989 JNH Shopping abre em um ano. Capa [13]

SH=OB= 25/10/1989 JNH Charge Sinovaldo sobre abertura do shopping. Filho comenta ao pai diante do anúncio de que o shopping abriria em uma ano: Ué pai, voltou o programa acredite se quiser? [13]

CA=CF= 03/11/1989 JNH Nenhuma notícia surgida no Café Avenida até hoje foi desmentida.. Falou bo Café Avenida, tá falado! Alceu Feijó [12]

CA=CF= 10/11/1989 JNH Um cafezinho no Avenida custa 1,50. Nas Bancas 1 cruzado. A diferença é que no Avenida, por 50 centavos a mais, tem cadeira, atendimento na mesa e direito a escutar temas que vão desde a política, até a pescaria abundante, passando por falência de empresas e situação nacional... Coluna Sabe Tudo [12]

AV=NT= 26/12/1989 JNH Nem tudo é alegria. Quem passou pelo centro na madrugada de Natal, assistiu cenas do dia a dia, só que notadas com mais emotividade. Defronte o Café Avenida pai e filho dormiam na calçada abraçados. Na ponta da praça um grupo de garotos cheirava cola e abanava para quem passava. Mais adiante outros menores juntavam pontas de cigarros para rápidas tragadas. Adiante um grupo de travestis, embriagados, sonhavam com uma noite de amor ou só prazer, entre goles de sidra. Coluna Sabe Tudo [10]

SH=OB= 11/01/1990 JNH Agilizada as mudanças no shopping Novo Hamburgo. Seguem em ritmo acelerado as alterações no prédio que está ganhando novas escadarias, mais leves, além de outras escadas rolantes. Capa [13]

CI=TR= 03/02/1990 JNH Neurose no trânsito. Se você está parado em um cruzamento cujo sinal está vermelho, o verde nem precisa aparecer para alguém já estar buzinando neuroticamente. Aliás, sinal vermelho não significa muita coisa hoje em dia porque ninguém respeita. No trânsito tudo é válido. Se você está dirigindo dentro dos limites, cuidado, não tarda um motorista vai ofendê-lo por não estar em alta velocidade. Lori Schimit - o leitor [3-7]

CA=CF= 02/03/1990 JNH Avenida-press. O noticiário e os comentários feitos no Café Avenida têm sido tão fidedignos, que o Luiz vai requerer o registro como agência de notícias, com direito autoral e tudo o mais que tiver direito. Alceu Feijó [12]

CA=PR= 02/03/1990 JNH Delegado prende travesti por vadiagem e perturbação. "Nós temos recebido várias reclamações de comerciantes e moradores do centro, que não conseguem ter sossego por causa das atitudes obscenas dos travestis. Eles não permitem que os trabalhadores descansem, pois nos lugares onde atuam a bagunça é generalizada." João Bancolini - delegado -página policial [12]

CA=SP= 02/03/1990 JNH Nem só de skate vive o hamburguense. Alguém deveria evitar que o esporte fosse praticado naquele local, já que é intenso o trânsito de pedestres que circulam no Calçadão. Coluna Sabe Tudo [12]

SH=OB= 08/03/1990 JNH Novo Shopping deve ser inaugurado em outubro. Capa [13]

SH=CO= 09/03/1990 JNH Já está contratada a instalação, no Novo Shopping, das seguintes organizações: Lojas Americanas [loja âncora]; Lojas Renner [loja âncora]; West Coast [moda jovem]; Casa Rubens [artigos esportivos e confecções]; Lojas Strassburger [artigos de couro e esportivos]; Sorveteria Mônica; Mundial ótica, jóias e relógios; Loja Xinten [moda feminina]; Ótica Confiança; Alberto Joalheiro; Gaston lançamentos [calçados]; Panvel farmácias; Cia da Pele [moda feminina]; Super festas [brinquedos, artigos para festas]; Tabajara [moda feminina]; Kenwood-Whoop [moda feminina]; O Boticário [perfumaria e cosméticos]; Wrangler [moda jovem]; esperando Nenê [moda gestante e bebê]; A Cambial [cine, foto, som] Dalcellis [moda jovem]; Choi Modas [moda feminina]; Courolândia [artigos de couro e esportivo]. Especial Novo Shopping [13]

SH=DP= 09/03/1990 JNH Este shopping vai dar o que falar, e o que arrecadar... anúncio da prefeitura. Especial Novo Shopping [13]

SH=OB= 09/03/1990 JNH Autoridades e lojistas conhecem Novo Shopping. Mais de 500 convidados especiais tiveram a oportunidade de conhecer ontem à noite os diversos pavimentos do Novo Shopping. nesta ocasião foi feito o lançamento oficial da comercialização dos espaços ainda disponíveis para quem deseja participar do seletivo grupo de 140 lojas que serão abrigadas ali. Especial Novo Shopping [13]

SH=OB= 09/03/1990 JNH Os convidados eram identificados por computador. Especial Novo Shopping [13]

CA=UC= 10/03/1990 JNH O Calçado do centro tornou-se extensão do salão de cabeleireiros e da lancheria, ambos localizados na Galeria Hamburgeusa. Com a falta d'água o cabeleireiro decidiu lavar a cabeça dos clientes ao ar livre, através da torneira instalada junto ao canteiro. A lancheria enchia um balde a cada 30 minutos para lavar a louça. Capa [12]

CI=PG= 18/04/1990 JNH Me pergunto o que existe de moderno ou de aperfeiçoamento nestes movimentos da paranóia, da poluição sonora, das alienações. Nas artes em geral, o que se tem visto é a busca de imposições da anticultura. Se tem buscado a destruição das verdadeiras culturas. Se tem presenciado a falência cultural. Luiz Ventura - Espaço Livre [7]

PR=PG= 28/04/1990 JNH Existe a família hamburguesa, que toma chimarrão dentro do seu asseado cercadinho de medo, com alguns docinhos. No centro de um sábado à tarde, um velhinho e duas velhinhas de frente para a concha acústica ereta sobre fedorentos banheiros onde paga-se dois cruzeiros por mijada. Vendo o passeio de tantos carros novos passar o tempo. João Biehl [9]

CI=ON= 16/06/1990 JNH Charge Sinovaldo sobre greve dos ônibus. Um ônibus tricota pra passar o tempo. [3]

SH=LC= 30/06/1990 JNH Dentro da filosofia que um shopping não vive só de lojas, já que também funciona como pólo de atração para o lazer, a administração estuda a utilização do prédio para a realização de shows. A idéia de colocar público dentro do shopping tem por objetivo principal acostumar a população a freqüentar o centro lojista, pois o mesmo permite uma formidável economia de tempo, esforço e de dinheiro ao comprar. Tomando como referência 1 km de vitrines, o cliente de calçada percorreria uma distância quatro vezes maior num tempo seis vezes maior, considerando o mesmo número de lojas. Sistemas de informação e sinalização previamente estudados tornam o ato de comprar uma tarefa simples e rápida. Especial Rio Branco/ Vila Rosa [13]

AV=PG= 02/07/1990 JNH Novo Hamburgo conta com um prédio de valor histórico a menos. A edificação na esquina da Pedro Adams com a Gomes Portinho e datada do início do século foi demolida em menos de dois dias. No local estará surgindo mais um arranha-céus. Coluna Sabe Tudo [10]

CI=PH= 05/07/1990 JNH Charge Sinovaldo sobre telefone sentado na rua, pedindo esmolos e com a plaqueta dizendo: cego, mudo e surdo. [13]

SH=LC= 05/07/1990 JNH Embora ainda não possa realizar compras no Novo Shopping, o público hamburguense poderá conhecer as dependências do empreendimento. O shopping será palco de um show, mostrando-se à comunidade. [2]

AV=LC= 09/07/1990 JNH A flagrante redução dos ruídos sonoros na zona central da cidade e uma sensação generalizada de tranqüilidade entre os freqüentadores do coração de Novo Hamburgo,

foram os benefícios mais imediatos do fechamento da Pedro Adams entre a Gomes Portinho e Lima e Silva, no sábado pela manhã. O espaço ganhou o nome de "Rua do Lazer". [10]

CI=OP= 14/07/1990 JNH Charge Sinovaldo sobre tóxicos. Sujeito sofre ataque de histeria porque não foi sorteado no consórcio de cocaína descoberto em Novo Hamburgo. [4]

SH=OB= 18/07/1990 JNH Cultura perde espaço na construção do Shopping [Capa]. Foi retirada a escultura que ocupava o vão livre, pois acreditavam que ela estava mal colocada e atrapalhava a visão das lojas. Na mesma praça central foi retirada a escada de mármore para aumentar o espaço que abrigará atividades comerciais da área de lazer e eventos culturais. [13]

SH=OB= 19/07/1990 JNH Charge Sinovaldo sobre a demora na inauguração do shopping. O asno fala ao touro que se a lesma do trensurb acelerar ela chega antes da lesma do shopping. [13]

CI=PR= 31/07/1990 JNH Travestis do Vale decidem criar associação pioneira. Marginalizados pela sociedade, os travestis resolveram se unir e fundar uma entidade. A associação, primeira no gênero na América Latina, pretende fazer a defesa dos chamados travestis e promover sua integração harmônica na sociedade. Capa [4]

CI=EX= 09/08/1990 JNH A cena que há alguns anos seria inacreditável em Novo Hamburgo, hoje pode ser presenciada em alguns pontos da cidade. Menores dormindo ao relento. Coluna Sabe Tudo [4]

CI=LU= 31/08/1990 JNH Charge Sinovaldo sobre a campanha "se-pa-re o lixo". Dona de casa coloca no saco de lixo orgânico o próprio marido. [2]

CI=OT= 17/09/1990 JNH "Estamos saindo do marasmo para o túmulo"- FHC, então senador, em reunião-almoço na ACI, plagiando o antropólogo Claud Lévis-Strauss que afirmou que as cidades das Américas vão à decadência sem passar pelo esplendor. Coluna Sabe Tudo

CI=TR= 29/10/1990 JNH Novo Hamburgo já é conhecida como a capital do quebra-mola. Em quase todas as ruas da cidade existe este tipo de obstáculo. Coluna Sabe Tudo [3]

SH=CO= 19/11/1990 JNH Porque as melhores marcas já garantiram seu lugar no Novo Shopping em Novo Hamburgo? Porque o Novo Shopping reúne todas as características que o lojista precisa em um grande centro de consumo. São mais de 1.200 mil pessoas de alto poder aquisitivo. 82,3% da área locada. Anúncio página inteira [13]

CI=PG= 21/11/1990 JNH Charge Sinovaldo paradas de ônibus. Cidadão sentado na nova parada de ônibus de fibra de vidro comenta sua beleza. O outro, olhando pra família numerosa e que sonha com aquela parada transformada em casa, responde que não vai durar muito tempo. [3]

SH=AF= 24/11/1990 JNH A arquitetura dos shopping centers. A interiorização é a característica pois a intenção é levar o usuário para dentro do complexo. As circulações, amplas, conduzem até espaços maiores (áreas de encontro, convívio, marcadas por interseção de corredores) e que dão origem a "praças", com áreas de lanches, estares ou recreação infantil. O uso de obras de arte e muita vegetação é marcante. A simplicidade marca a arquitetura de interior das áreas comuns para que a atenção seja dirigida para as lojas. Jussara Kley - Coluna Arquitetura [13]

SH=UC= 24/11/1990 JNH O lazer consumista. Definido como um centro de consumo nos tempos atuais, o shopping center passou a conceituar progresso urbano e modernidade. E nessa estratégia comercial eles cada vez mais conquistam seus espaços. Nestes locais a ordem é consumir, o que também passou a ser uma referência contemporânea para lazer. E a forma é das mais tentadoras pois num único local reúnem-se lojas com múltiplas opções de compra. Também o paladar é despertado com as lanchonetes e restaurantes nas já afanadas praças de fast food... Com estacionamentos fechados e seguros, as pessoas saem de seus carros tendo à sua frente todas as coisas que necessitam e longe dos centros urbanos onde menores abandonados, vendedores ambulantes e, por vezes, assaltantes fazem a mescla da definida "massa social". No shopping, o público/ freguês diverte-se com as escadas rolantes, sonha com o colorido das vitrines e anseia pelo belo produto estampado... A modernidade nas vendas é revestida de neon, música das paradas de sucesso e muitos multicolores apelos. Se os anseios mais profundos de cada um não podem ser resolvidos, a satisfação pode ser aliviada através de um sanduíche, uma comprinha, ou um flerte em meio a tantas e belas vitrines. É a geração shopping center. Adolescentes ou adultos, a maioria deles não descarta uma namoradina olhando as vitrines, no balcão de uma loja ou à mesa, saboreando qualquer guloseima. O banco da praça é substituído pelo corredor do shopping. Os habituéis

do local já se anuncia perto da loja de discos, ou à surf-shop, circulando pela praça, eles desfilam bronzeados, saia justa, tênis aeróbica, miniblusa, jeans ou bermudas. A garotada tem mais um point. E joga charme e chinfra. Caderno de Domingo [13]

CI=AF= 24/12/1990 JNH Um sabe tudo comenta a quantidade de placas de propaganda poluindo o visual de Novo Hamburgo. Coluna Sabe Tudo [3]

PR=AF= 21/01/1991 JNH O que está acontecendo com a praça dos Imigrantes? Um fonte desativada, enfeando o ambiente. Concreto, em vez de verde. Engraxates, puxando para perto de suas cadeiras, bancos que deveriam ser dos usuários. Um mambembe parque de diversões. Para completar, a agressividade dos vendedores de "Carnê do Baú". Coluna Sabe Tudo [9]

CI=OP= 01/02/1991 JNH As quadrilhas operando em motos leva a conclusão de que os roubos e assaltos nem sempre são provocados pela "crise" para matar a fome. Hoje se rouba, se mata, para atender outras necessidades que não tem nada de fome ou miséria. Miséria não anda de moto nem fome se alimenta de droga. Alceu Feijó [4]

CA=CF= 07/02/1991 JNH Liga das Nações. Dia destes, no Café Avenida, uma verdadeira Liga das Nações estava reunida em diferentes mesas. Numa um grupo discutia em árabe, em outra hamburguenses debatendo em alemão. Numa terceira um grupo em português. Coluna Sabe Tudo [12]

PR=EX= 16/02/1991 JNH Um conhecido hamburguense foi resgatado pelos salva-vidas no feriadão de carnaval. Na beira da praia uma senhora com um bíblia na mão que disse-lhe que pela graça concedida (retorno à vida) ele deveria voltar-se para uma missão especial. Lhe sugeriram adotar o "Macuco". Coluna Sabe Tudo [9]

SH=CL= 09/04/1991 JNH 15 mil pessoas circularão pelo shopping em setembro (Capa) [13]

CI=OP= 11/04/1991 JNH São tantos os golpes contra a população de Novo Hamburgo que aqui é um verdadeiro paraíso para os vigaristas. Todos os dias, em algum ponto da cidade, alguém está sendo lesado. Coluna Sabe Tudo [4]

CA=CF= 20/04/1991 JNH O funcionamento do Café Avenida durante toda a noite está merecendo críticas. A partir da meia-noite já não é mais possível caminhar tranquilamente no calçadão. Há travestis bolinando e sendo bolinados para quem quiser ver, até com seios de fora; travestis urinando no calçadão, porque o banheiro do Café nem sempre está à disposição; bêbados vomitando; menores embriagados e cheirando cola; prostitutas e desocupados bebendo e gritando palavrões; batucadas e cantorias a noite toda. Coluna Sabe Tudo [12]

CI=PH= 29/04/1991 JNH Charge Sinovaldo sobre a depredação de orelhões. Orelhão liga para a polícia pedindo socorro. [2]

CI=PG= 09/05/1991 JNH Ter uma horta no interior, longe do asfalto e do dia a dia de uma cidade industrializada, é comum. Agora, plantar num bairro central de Novo Hamburgo - manga, amendoim, flores e outros produtos - tendo como pano de fundo majestosos edifícios, foge da rotina urbana. Na rua T... três senhores mantêm este clima interiorano há 10 anos. [7]

SH=LE= 31/05/1991 JNH Novo Shopping absorverá 2,23% da carga regional. Num espaço de 44 mil m² será necessário uma carga elétrica equivalente ao consumo das residências e estabelecimentos comerciais do bairro Canudos (70 mil habitantes) [13]

CA=EX= 24/06/1991 JNH No calçadão: uma doente mental ficou totalmente nua no meio da rua, andando com uma corrente na mão e tentando acertar os automóveis que por ali transitavam. Coluna Sabe Tudo [4-12]

CI=EX= 12/07/1991 JNH Charge Sinovaldo sobre o frio. Dois senhores comentam o frio na época do ano, um deles fala ao outro não reclamar pois olha para duas crianças seminuas, passando pela rua. Na cena um senhora passeia toda garbosa com um cachorro bem agasalhado. [6]

CI=EX= 12/07/1991 JNH Os meninos sem sapato da capital do calçado. Há tempos que Novo Hamburgo não conhece mais seus filhos. A migração para a capital do calçado deixa marcas na cidade. São gente do interior, que busca na metrópole a esperança perdida na roça. Na maioria das vezes, a emenda sai pior que o soneto. O resultado são crianças pelas ruas, tendo como companhia a miséria e a fome. Para levar uns trocados, eles fazem de tudo. Não importa o tamanho do carro. Capa [7]

CI=PG= 12/07/1991 JNH O êxodo das pequenas cidades para os pólos industriais trouxe enormes problemas para os municípios. Era o começo do cinturão de miséria que acabaria por sitiar os bairros nobres. Atraídos pelo sonho da selva de concreto e suas luzes, os "invasores" vão chegando, dando vida a verdadeiros anjos de cara suja: os meninos de rua. No primeiro momento tudo é novidade: o asfalto, o ônibus, os carros de luxo. Logo o tempo encarrega-se de mostrar que o brilho e o conforto não são para todos, e sim para poucos, pouquíssimos. O convívio urbano, e em especial a mendicância, torna-os mais próximos. Reconhecê-los não é tarefa difícil: são os mesmos que transitam, mulambentos e desesperados pelas ruas do Vale dos Sapateiros. Reportagem Mário Selbach [4-7]

CI=PG= 19/07/1991 JNH Apesar dos carros de luxo, e a pompa da cidade grande, o município dos hamburguenses possui duas faces: uma é conhecida nacionalmente, e outra que luta para ser reconhecida pelos próprios habitantes - a cidade dos mendigos. É a noite que esta população invade a capital do calçado, expondo os dois lados de uma moeda, que durante muito tempo teimou em mostrar apenas uma face: a que Novo Hamburgo desconhece. (capa) Existe uma cidade que não pára de crescer dentro de Novo Hamburgo. Uma cidade que a maioria dos hamburguenses desconhece, ou melhor, insiste em não reconhecê-la: a cidade dos mendigos e desamparados. Ela sobrevive durante o dia, favorecida pelos raios solares. À noite ganha força e ocupa as ruas. Os donos da metrópole vestem-se de forma diferente. No lugar de vistosas capas e elegantes casacos, contentam-se com o que sobrou - os trapos. Os rostos e nome são diferentes, mas a história é a mesma. São filhos de pais separados que adotaram a noite e a rua como companheiras, ou então, perdidos andarilhos, que caminham a esmo, sem saber o que procuram. Desorientados, desamparados, esfolados e angustiados, só a noite os acolhe em seu falso brilho. Esse é o Quadro que encontra-se nas principais ruas hamburguenses: debaixo das marquises ou em qualquer lugar que ofereça um pouco de abrigo, várias pessoas, gente de carne e osso, seres humanos, crianças até, dormem seu sonho marginal. Reportagem Mário Selbach [4-7]

SH=AF= 25/07/1991 JNH Definitivo: Novo Shopping inaugura em 23/10. No total, serão 140 lojas, 14 restaurantes, 2 cinemas, 5 escadas rolantes, 2 sanitários por pavimento, 6 elevadores, sistema de ar-condicionado nos corredores e nas lojas, além de sprinklers para prevenção de incêndio. Também estão definidas as duas lojas âncoras: Lojas Renner e MobyCenter Hipermercado. [13]

CI=TR= 06/08/1991 JNH Charge Sinovaldo sobre a mudança de trânsito no centro da cidade. Carros vão em direção à um funil. [3]

CA=EX= 01/10/1991 JNH Detenho-me um instante para observar as crianças que assediam as pessoas que curtem o Sábado e o calçadão. São garotinhos e meninas vileiros, que hoje não se pode afirmar que vêm de outros municípios mais pobres, mas seguramente do calor de casebres que cercam Novo Hamburgo. Vinícius Bossle [12]

SH=SI= 02/10/1991 JNH A partir de hoje serão efetuados testes com sinaleiras para pedestres em frente ao Novo Shopping. Coluna Sabe Tudo [3]

CA=LC= 03/10/1991 JNH Estou muito triste com a retirada do parque na praça dos Imigrantes. Era um divertimento barato e que ainda dava para trazer as crianças no sábado pela manhã. Coluna Sabe Tudo [9]

CI=CO= 04/10/1991 JNH Os pequenos feirantes da esquina. Tornou-se comum pessoas sobreviverem de subempregos. Mas nos últimos tempos nem mesmo as crianças conseguiram fugir à regra. O trabalho substituiu a escola, o chinelo de dedo e o calção surrados ao uniforme. Mas apesar disso eles não se cansam de lutar, nem de sonhar. Nas esquinas hamburguenses, morangos e meninos criaram um comércio à parte. A vida sobrevive ainda que sob muito suor. São os trabalhadores da fruteira do semáforo [Capa] Mário Selbach [3-4]

SH=CS= 08/10/1991 JNH Andarilho é encontrado morto no arroio Preto. José Conceição, o Queimado (porque em certa oportunidade colocaram fogo nele) ou Eritosse (pelo nome de um remédio que se tomado em grandes doses pode provocar distúrbios) morreu após cair dentro do arroio. Ele dormia embaixo da ponte da Joaquim Nabuco com as Nações Unidas, próximo ao Novo Shopping. [

SH=DP= 23/10/1991 JNH Inaugura hoje maior Shopping do interior... mas um aviso: hoje é só inauguração oficial. Compras, só à partir de amanhã. Capa [2-7]

SH=AF= 24/10/1991 JNH Esse Shopping foi construído em uma época de dinheiro mais abundante, por isso tem espaços mais amplos. A arquiteta encarregada apostou numa decoração versátil, não instalando placas fixas mas móveis, que permitem a adequação às promoções culturais que cada vez

mais os shoppings são palcos. Os cinzeiros, lixeiras e floreiras são grandes e móveis, seguindo o objetivo de versatilidade. Defronte as lojas Renner há uma escultura "no melhor estilo nova-iorquino", feita por um profissional da região. Especial Shopping [13]

SH=AF= 24/10/1991 JNH Neste empreendimento foram investidos mais de US\$ 20 milhões. Entre as vantagens destaca-se a modernização do comércio local, alterando significativamente a dinâmica empresarial, oferecendo num só local variadas opções de compras e lazer, aliado à segurança e conforto. Além disso a venda por m² é três ou quatro vezes maior do que em lojas tradicionais. As vitrines são vistas por um número de consumidores dez vezes maior. Especial Shopping [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH A Authentikos pretende ser uma loja exclusiva. Esta autenticidade é buscada também na decoração da loja, que diferencia-se nas cores e padrões, procurando ajustá-la aos produtos que comercializa e também às tendências da moda. Especial Shopping [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH A Brasil Moreno entra com toda força no Novo Shopping, trazendo na simplicidade o diferencial para moçada que gosta de vestir bem, sem abusar da conta bancária. A decoração da loja acompanha o estilo da mercadoria que vende. É leve e descontraída, com vitrines que proporcionam que o visitante veja da rua tudo o que há por dentro. Especial Shopping [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH A decoração ds Lullaby foi feita no estilo natural, com muita madeira cru, ferro, chapas de aço e vidro, telas de aço e ferro fundido. Especial Shopping [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH Anúncios. Casa dos Gravadores, tecnologia de vanguarda; O que não tem no Shopping você encontra na BomLar; Authentikos, geração original, dê o primeiro passo porque você é único; O som que a partir de hoje você vai escutar no shopping foi comprado na Facsom; Supermercado MobyCenter, a nova atração da cidade; O sonho acaba de acontecer, Mil Coisas, agora você tem mil maneira de transformar seus sonhos em realidade; Estilo e exclusividade, Proposital sapatos, cintos e bolsas, feitas artesanalmente com produção limitada; A Renner Novo Shopping tem o tamanho da saudade que a gente sentia por você; Pietron, apareça e aconteça; Modaviva, o jeito bonito de viver a vida; O seu estilo já tem endereço certo, Maria; Na hora da festinha vá ao lugar certo, Sófestas. [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH O público terá acesso hoje à partir das 10 horas. Cerca de 70 lojas (50% do total) deverão estar abertas. Seu funcionamento será das 10 h às 22 h. A praça de alimentação atende domingos. [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH Para a ACI-NH é um passo a caminho da modernização. Como verdadeiros templos de consumo, os shoppings centers têm funcionado com sucesso em todo o mundo e trazem o desenvolvimento ao segmento comercial. O shopping trará um maior amadurecimento, muito saudável, pois procurarão aperfeiçoar atendimento e mão de obra, e se adequarão ainda mais nas linhas de modernidade que vem por aí. O shopping servirá de estímulo aos comerciantes tradicionais, que criarão novas formas de atração ao consumo, investindo em promoções, vitrines e atendimento. A concorrência salutar gera maior eficiência. Os shoppings são uma forma de lazer seguro à população, uma maneira de decidir compra e venda num espaço físico concentrado, num tempo menor. É uma visão moderna de compra e venda, na qual a cidade hamburguense irá se enquadrar. Especial Shopping [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH Para o secretário executivo do CDL, o comércio tradicional vai lucrar também, outros shoppings a céu aberto vão surgir, mediante a decoração de ruas e melhoramentos nas calçadas. Especial Shopping [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH Serão 15 lojas de alimentação. Bob's [fast food], Boca Rica, Bronsous pastéis, estação Café, Franguetto, Hungrill Grelhados, Made in China, Mak's cachorro quente, Oficina das Panquecas, Pasteletto, People's Place [restaurante], Pica-Pau lanches, Sabor por inteiro, Sanducheria Flor de Primavera e Torta de Panela. Especial Shopping [13]

SH=CO= 24/10/1991 JNH Visitei duas lojas e constatei a beleza do resultado final. Na Vias de Fato a proposta de decoração foi clean, com muitos metais, pintados e cromados, e madeira, nas cores "bois de roses" com cinza... ZA, responsável pela decoração das lojas da estilista Milka Wolf, falou sobre a decoração utilizada: "coloquei dois continentes no trabalho. Numa visão geral, Paris e suas belas maisons estão ali, no mais puro estilo clássico europeu. Colunas gregas surgiram para o aproveitamento das vigas. As paredes são marmorizadas. O continente asiático surge nos móveis e provadores, todos em estilo chinês."... Pela movimentação, o shopping dava a impressão de uma imenso formigueiro. Os operários ficaram com o destaque. Foram muitas horas de trabalho duro, com condições nem sempre

atingindo o desejável, mas com a missão sendo realizada com entusiasmo. Por Maria Helena Corrêa. Especial Shopping [13]

SH=DP= 24/10/1991 JNH "O Shopping é como um filho para mim." Ex-prefeito Atalbio Foscarini. Especial Shopping [13]

SH=DP= 24/10/1991 JNH Charge Sinovaldo sobre a inauguração do shopping. Dois sujeitos assistem à queima de fogos... um deles comenta que nunca vira tamanho show pirotécnico... o outro, ironicamente, responde: também, foram 10 anos guardando fogos. [13]

SH=DP= 24/10/1991 JNH Novo Shopping abre para o público hoje... Ele foi inaugurado oficialmente ontem à noite numa cerimônia que contou com a presença do governador, diversas autoridades estaduais e municipais. Além dos tradicionais discursos, houve show de raio laser e pirotécnico e apresentação de conjuntos. [13]

SH=OB= 24/10/1991 JNH Vivenciei a arrancada final do Shopping. Só conhecia a parte bonita, pronta, brilhante e totalmente agradável aos olhos e olfato. Do outro lado, senti a luta homérica de operários, empresários e administradores contra o tempo e contratemplos. Convivi com pessoas das mais diversas classes sociais e fiquei feliz ao perceber um sentimento em todas as pessoas: a alegria e a emoção do trabalho realizado. Por Maria Helena Corrêa. Especial Shopping [13]

SH=SG= 24/10/1991 JNH A empresa que cuida da segurança interna conta com 54 seguranças. O esquema funcionará 24 horas por dia, com turnos reforçados no horário de pique. Os inspetores e supervisores estarão munidos de rádios para comunicação, além de diversos telefones internos. Haverá também um sistema computadorizado que detectará todo veículo que estacionar no Shopping. Existe também uma brigada de incêndio. Especial Shopping [13]

SH=UC= 24/10/1991 JNH Quem vai ao Shopping Center: apesar dos produtos serem mais caros, KGM [13] gosta de passear e ver as vitrines; para GF [31] o shopping é mais cômodo, tranquilo, tem mais opções e é mais seguro; FA [19] constatou em shoppings que os produtos tem sido mais baratos que no comércio tradicional; NBV [30] dificilmente entra em shoppings pois para a população de baixo poder aquisitivo não é vantajoso comprar lá; IJ [56] geralmente compra em shoppings porque acha mais gostoso, há variedades de produtos e para se divertir; JG [13] além de comprar e brincar em jogos eletrônicos, gosta de ir ao shopping para "aloprar" com os amigos; JCK [36] não irá ao shopping por dizem que é mais caro, para ele a cidade não ganha com o shopping por ser uma diversão da burguesia; PRG [21] reúne sua turma para se divertirem, "é confortável e eu posso sempre conhecer novas pessoas". Especial Shopping [13]

SH=UC= 25/10/1991 JNH Um grande número de pessoas foi ontem conhecer o Novo Shopping. antes das 10 horas, uma pequena multidão se juntou na entrada principal para "invadir" o prédio e olhar de perto as lojas. Capa [13]

CI=PG= 27/10/1991 JNH A cidade de Novo Hamburgo divide-se em miolo ou casca, tal como um pão sazonado, cozido em forno de barro. O miolo, que poderia se configurar pelo centro, pela bela avenida Pedro Adams, pelo movimentado bairro Rio Branco, provoca manifestações lisonjeiras e ecomiosas dos moradores locais e dos visitantes. A casca, formada pelas vilas esquecidas por Deus e por algumas administrações, espanta também, e provocam exclamações, mas de horror e pavor. A casca invadiu o miolo, infiltrou-se na sua macia textura, salgou o doce sabor do pão fresquinho, e quem sabe até o sitiou com sua miséria. Vinícius Bossle [2]

SH=UC= 28/10/1991 JNH As tardes de domingo estão diferentes. Pode-se perceber isto após a abertura do shopping. Apesar das lojas não estarem funcionando, muita gente esteve naquele centro comercial. Capa [13]

SH=UC= 28/10/1991 JNH O Novo Shopping está agitando a cidade de Novo Hamburgo nos últimos dias. É impressionante o número de pessoas que circulam ininterruptamente por aquele estabelecimento. Mas há pessoas, que apesar da curiosidade, ainda não foram visitar a novidade, por não gostarem de estar no meio deste grande movimento de público. Fica a dúvida sobre qual a porcentagem de pessoas que vão fazer compras e as que vão apenas para passear ou matar a curiosidade. Coluna Sabe Tudo [13]

SH=LC= 29/10/1991 JNH Charge Sinovaldo sobre o touro mecânico instalado no shopping. Um senhor sai com dores nas costas depois de andar no aparelho. [13]

SH=UC= 29/10/1991 JNH Novo Shopping começou a mudar "hábitos" na cidade. Além da curiosidade normal, de conhecer a "grande obra", a população procura se adaptar à modernidade. Encontros com amigos já tem um novo ponto. Passear com a família, levar as visitas para ver as vitrines e "passear" já começam a acontecer. No seu primeiro fim de semana o shopping ficou "pequeno" para tamanho público. Até para "andar" nas escadas rolantes houve fila. Com certeza o shopping provocou um novo e grande salto para a modernidade da cidade. Coluna Sabe Tudo [13]

PR=PR= 30/10/1991 JNH As meninas invadiram as noites da capital do calçado. A noite de Novo Hamburgo deixou de ser privilégio dos maiores de idade. Agora, baixinhos e baixinhas, que não possuem televisão ou luxo, disputam palmo a palmo as calçadas hamburguenses com as mulheres da noite. Meninos mendigam. Meninas se prostituem. Desavenças em casa, briga de família, a rua acaba sendo a válvula de escape para dezenas de crianças e adolescentes. Capa [9]

SH=UC= 01/11/1991 JNH Um shopping não é somente um conglomerado de lojas, um centro eufórico de compras, senão um local referencial de moda. Por lá as pessoas desfilam os mais bonitos modelitos e apreciam nas vitrines o que está "in" ou "out". Este majestoso prédio tornou-se a coqueluche da cidade. Alejandro Malo - Coluna Moda [13]

SH=CO= 20/11/1991 JNH Passada a euforia da abertura do shopping, o perfil do consumidor já começa a ser delineado. Quem compra pertence a classe média alta e alta mesmo. Um exemplo de que as pessoas estão efetivamente começando a comprar pode ser constatado na praça de alimentação. Logo que o shopping abriu, este espaço estava sendo usado como área de descanso... hoje a situação está bem diferente. Semilda Koenig - Coluna Maria Helena Corrêa - Poucas e Boas [13]

SH=UC= 10/12/1991 JNH O hábito de vir para o centro nas manhãs de sábado relaciona-se com as compras, com as mulheres e moças percorrendo as lojas e os homens e rapazes postados nas calçadas ou na Avenida, tomando o cafezinho. Este ano veio incorporar-se às manhãs de sábado o shopping center de Novo Hamburgo, e o povo tem se dividido entre a avenida e o Calçadão e o novo centro comercial. Aos aficionados da Pedro Adams e do Calçadão chegaram a temer pela sobrevivência do movimento na sua área, com a atração irresistível do shopping. De certa forma, estabeleceu-se uma espécie de competição entre Pedro Adams, Praça, Calçadão e Shopping. Vinícius Bossle [13]

SH=CN= 23/12/1991 JNH Sabe tudo estranhando o fato de que à entrada do cinema do Novo Shopping, existe um vendedor de pipoca. Só que é proibido entrar na sala de projeção comendo pipoca, amendoim e outras guloseimas tradicionais ligadas ao cinema. Coluna Sabe Tudo [13]

CA=CO= 06/03/1992 JNH O Varejo Avenida revolucionou o comércio da moda em Novo Hamburgo quando, em 1950, suas amplas vitrines iluminaram a avenida Pedro Adams, mostrando a moderna moda da época para o mundo feminino da cidade. O Varejo Avenida não era só a loja mais moderna da cidade, como também a que empregava balconistas mais bonitas que se confundiam com os manequins expostos nas vitrines. Do outro lado do Varejo, o local de concentração dos paqueradores da cidade: os frequentadores do Café Avenida. Era uma batalha de olhares e comentários cruzando a Gal. Neto. [12]

CI=PG= 09/03/1992 JNH Novo Hamburgo é uma cidade de contradições: tem um dos melhores sistemas de ensino mas as pessoas não primam pela cortesia; o Consepro é um dos mais atuantes do Estado, só que a cidade está cada vez mais entregue a assaltos; sair à rua é coisa para kamikaze; tem grande número de sinaleiras e os motoristas são os mais irresponsáveis. Coluna Sabe Tudo [3-4]

GA=EX= 11/08/1992 JNH Galeria Carolina. Com a intensidade do frio esta galeria passou a ser um albergue de indigentes que procuram abrigo de madrugada. É triste constatarmos a miséria e o desemprego destes seres que mesmo sem instrução poderiam estar trabalhando em algo útil. Maria Mattos – cartas [11]

SH=VA= 03/10/1992 JNH Sexta-feira passada, após um lanche no Novo Shopping, resolvi olhar as vitrines. A primeira loja que vi, de artigos juvenis, tinha uma grande bandeira norte-americana. Espero que o proprietário caia na realidade e rededique seu estabelecimento que enoja qualquer brasileiro que ainda não está contaminado pelo vírus da mídia americana. Alfredo Henz – Carta [13]

SH=LC= 23/10/1992 JNH Programa de aniversário do Novo Shopping. A partir de amanhã uma intensa programação alusiva ao seu primeiro aniversário. Haverá apresentação de danças e karaokê, atividade infantil (Tia Cris) e infanto-juvenis (Bola Viva), apresentação de ginástica olímpica, palhaços,

aeróbica, show de mágica, além de exposição (encontro com o Japão) e mostra de lanchas e jet-skis. Variedades [13]

SH=AF= 24/10/1992 JNH Os lojistas vão dar atenção especial às vitrines, mantendo-as iluminadas durante o final de semana, quando um grande número de potenciais consumidores circulam pelas dependências do Shopping. Especial Shopping [13]

SH=AF= 24/10/1992 JNH Um ano depois, o cenário do Novo Shopping é outro. Ao longo desta primeira etapa foi visível a transformação positiva. Os tapumes cederam espaço à novas lojas. As áreas de lazer, como hall de entrada e a praça de alimentação, passaram a ser local de exposições, parques infantis e de shows musicais. Especial Shopping [13]

SH=SG= 03/11/1992 JNH Um de minhas colegas sugeriu em fazermos uma pesquisa (sobre as eleições). Fomos ao Novo Shopping pois pegaríamos ali todas as camadas sociais. Fomos barradas, um segurança nos interpelou dizendo que era proibido. Desistimos. Sentamos na Praça de alimentação e os seguranças passaram a nos observar como se fôssemos ladras, bandidas; eles faziam gracinhas pelo rádio em contato com outro, tipo assim: "deixa comigo que elas estão bem guarnecidas" se são treinados para tratar os cidadãos hamburguenses assim, tomem cuidado, porque de repente pode faltar público e não haverá motivos para manutenção de tão educados seguranças. Shopping não é um lugar público? Rejane dos Santos – Opinião [13]

SH=UC= 07/11/1992 JNH Eu pedia um lanche no Shopping quando encostou ao eu lado um negro alto, 1,90, falando inglês. Pensei: o que faz perdido neste shopping um negro deste tamanho, com problemas até pra descolar "coke" e fritas? Ele era de Barbados (Barbados) e vem sempre comprar sapato em Novo Hamburgo. Ele pega um avião e faz algumas baldeações, salta no Salgado Filho e via Cootraero (taxi) desembarca em Novo Hamburgo. Enche sacolões com 2 mil pares e volta; bota nas vitrines e vende tudo à turistas americanas de chapelão de palha. Este homem, mastigando um hambúrguer, sentado sozinho numa mesa do Bob's, de jaqueta colorida e boné, é um empreendedor, não tem distância ou fronteira para o seu negócio. Mas pensei: lojista que faz pedido de 2 mil pares não tem direito à paparicação e Gruta Azul. Me explicaram que em exportação, só tem direito à mordomia quem compra 100 mil pares, ou o dobro se não for branco. Luiz Afonso Franz, jornalista – opinião [13]

SH=NT= 26/11/1992 JNH A decoração de Natal do Novo Shopping saiu da área interna do prédio. Uma grande e bem iluminada estrela brilha no telhado, para embelezar a cidade. Coluna Sabe Tudo [13]

CI=LU= 30/11/1992 JNH Charge Sinovaldo sobre o Arroio Preto. Duas senhoras comentam a tonalidade que muda todo dia. Um responde ironicamente que deve ser decoração de natal. [13]

SH=LC= 04/12/1992 JNH Crianças da Roselândia estão produzindo pinheiros em miniatura, guirlandas, arranjos e cartões natalinos. O Novo Shopping abriu espaço à elas para exporem seus trabalhos. Geral [12]

SH=CO= 22/12/1992 JNH Shopping vendeu US\$ 800 mil em dois dias. As vendas do final de semana deixaram os lojistas entusiasmados. A direção do Novo Shopping registrou a entrada de 150 mil pessoas. Alguns lojistas forma obrigados a fechar as portas em determinado horário para fazerem um atendimento controlado. Economia [13]

CI=LU= 23/12/1992 JNH Novo Hamburgo tem um arroio colorido. Um dia água verde, noutra roxo, depois preta e algumas vezes azul. São os dejetos industriais ali despejados. Coluna Sabe Tudo [2]

CI=PG= 26/12/1992 JNH Charge Sinovaldo segurança. Crianças pobres comentam entre si a prisão de crianças ricas, brincando por detrás de grades. [7]

PR=PG= 06/01/1993 JNH Uma coisa que o prefeito poderia fazer nesta sua nova gestão é transformar a Praça dos Imigrantes numa verdadeira praça. Basta iluminá-la feéricamente para espantar os maus elementos e atrair as famílias para seus passeios à noite. Mauro Gomes – Cartas [9]

CA=CF= 15/01/1993 JNH O Café Avenida, este relicário de saudade, está em situação difícil. Seu proprietário, Omar Guerreiro, em idade avançada, dificilmente terá forças para manter vivo o Café, que fatalmente se transformará em mais um espigão nos próximos anos. Existe boatos que um empresário pretende adquirir o ponto e manter o Café com a presença do Omar como símbolo do empreendimento que se tornou domínio público. O Café Avenida não pode acabar. Alceu Feijó [12]

SH=LC= 16/01/1993 JNH Arte tem sua vez no Novo Shopping. O Novo Shopping está sendo uma exceção promissora no verão de Novo Hamburgo. O departamento de eventos mantém, com ótimos resultados, intensa programação durante a semana e nos finais de semana. A aposta foi feita, o resultado está sendo acima do esperado. Quem tinha dúvidas sobre a receptividade da população às trações culturais nos meses de Janeiro e Fevereiro deve tirar o exemplo do shopping como termômetro: está sendo intenso o movimento aos locais onde ocorrem o evento. Variedades [13]

SH=LC= 16/01/1993 JNH Novo Hamburgo sofre a síndrome da falta de opções culturais. No verão não há vida na cidade. A exceção tem sido o Novo Shopping. Coluna Sabe Tudo [13]

PR=EX= 23/01/1993 JNH Oito e meia da manhã e o cara estendido em plena praça dos Imigrantes, botando sangue pela boca. A um metro, a calçada e um monte de gente passando. Gente distraída, que nem via, gente que olhava, curiosa, gente que passava, medrosa, gente de todos os tamanhos e idades. Simone Sauressing – Opinião [9]

SH=CO= 11/02/1993 JNH As águas de março trarão vida nova ao Novo Shopping. a guinada inicia pela praça de alimentação. Alguns proprietários estão insatisfeitos com o sumiço dos clientes. Quatro lojas já fecharam. Mesmo com o reduzido número de clientes, há os que tentam manter a loja funcionando. "Está ficando cada vez mais difícil. As despesas com operação são altas e o movimento tem deixado a desejar." Economia [13]

CI=TP= 12/02/1993 JNH História de verão. Mudaram muito os costumes. Ainda lembramos das escapadas que os "casados", que ficavam na cidade enquanto as esposas iam para o litoral, davam para espalhar a noite. As escapadas eram feitas em "carros de praça", ônibus ou até o trem das oito. Os tempos mudaram, as coisas do progresso foram chegando trazidos pelos viajantes dos grandes centros ou pelos importadores com gostos mais requintados e paladares exigentes. Adentramos os anos 90 com uma infra-estrutura de fazer inveja aos mais famosos lugares do mundo. Temos hoje casas de massagens instaladas no centro com anúncio no jornal, ou clubes de mulheres. Alceu Feijó [4-6-7]

AV=OP= 19/02/1993 JNH Quando as calçadas das ruas centrais começam a ficar manchadas de sangue, a coisa adquiriu contornos bem mais preocupantes. Alceu Feijó [10]

CA=DP= 12/03/1993 JNH O Calçamento nada mais é do que o produto da adaptação de uma rua ao uso exclusivo de pedestre. Não vejo razão para batizá-lo de "Osvaldo Cruz". Paulo Henrique Kern - autor do livro Ruas e praças de Novo Hamburgo - quem é quem [12]

CI=PG= 24/03/1993 JNH Charge Sinovaldo sobre a favela que invade cidade. Sujeito tenta vender a casa de barbada. O comprador não entende por que de tão barato. É que uma proteção esconde a favela ao lado. [7]

SH=CO= 03/04/1993 JNH Uma carioca, moradora de Novo Hamburgo há bastante tempo, espantou-se ao ver instalado na 5 de Abril, perto do Novo Shopping, um camelô. Breve deve surgir uma multidão de outros camelôs, e a 5 de Abril pode virar o camelódromo. Coluna Sabe Tudo [13]

CI=DP= 05/04/1993 JNH Rara é a cidade que possui uma imprensa isenta e independente de grupos políticos e que atua em defesa da comunidade, com informações, cultura e posição nas questões que dizem respeito à cidade e seu desenvolvimento. Paulo Bassi

AV=TR= 07/04/1993 JNH Em uma de minhas caminhadas pelas ruas da cidade, lembrei uma piada existente em Novo Hamburgo: Duas velhinhas conhecidas se encontram numa movimentada avenida. Cada uma em um dos lados da rua. Uma delas indaga... como você conseguiu atravessar com este movimento? Responde a outra... não atravessei coisa nenhuma, já nasci deste lado! Lauro Diogo de Jesus [10]

CI=PH= 23/04/1993 JNH Já chegou à Novo Hamburgo o telefone celular. Seu uso não vai demorar a invadir a cidade, principalmente nos locais frequentados pela média alta. O uso do aparelho nas grandes metrópoles corre solto, misturando exibicionismo com funcionalidade. Julio Weisheimer [2]

CI=DP= 29/04/1993 JNH Charge Sinovaldo sobre a escolha da moradia no plebiscito. Com a escolha do item "moradia" pela população hamburguesa, num pleito realizado, milhares de famílias do interior rumam à Novo Hamburgo. [3]

CI=DP= 30/04/1993 JNH Charge Sinovaldo sobre prefeito e o asfalto. Repórter pergunta ao prefeito sobre sua opinião em relação à escolha da moradia no pleito realizado. Prefeito sorri "amarelo", esconde ruas asfaltadas e pontes, e sonha com a asfaltolândia. [3]

SH=LC= 07/05/1993 JNH Shopping promove várias atrações. Um fim de semana com música, exposições e a feira de antigüidades "Antiquität". Variedades [13]

CI=DP= 08/06/1993 JNH Charge Sinovaldo sobre a insegurança. A chapeuzinho vermelho vai à Novo Hamburgo, mas entrevê a floresta cheia de lobos que lhe aguarda. [4]

CI=LU= 24/06/1993 JNH Charge Sinovaldo sobre a Vega Sopave. Algo incomoda o bolso do prefeito.. é um caminhão de recolhimento do lixo, agora terceirizado. [2]

CI=OP= 03/07/1993 JNH Apreensão recorde de cocaína. É a maior apreensão da história do Brasil (2.100 quilos). A droga estava escondida no interior de fardos de couro na divisa de Novo Hamburgo e São Leopoldo. Procedente da Colômbia e Bolívia tinha como destino toda Europa. [4]

CI=CL= 08/07/1993 JNH Calçadas. Novo Hamburgo é tida como uma cidade limpa. Entretanto, há um aspecto que não faz jus à imagem da nossa cidade: as calçadas. Elas são velhas, mal cuidadas e mal feitas. Esburacadas, com pedras soltas que nos dias de chuva dão verdadeiro banho se, distraído, o pedestre pisar uma pedra em falso, esquichante, e não renovadas. Renaldino Gehlen, advogado – Opinião [2]

CI=OP= 15/07/1993 JNH Charge Tacho sobre a queima da cocaína apreendida. Uma das torres pergunta à outra se foi ali que queimaram a cocaína, ela responde: sóóóó [4-7]

CI=PG= 15/07/1993 JNH Quanto mais crescem edifícios em Novo Hamburgo, tanto mais as pessoas se afastam e encolhem as mãos. Na colônia, as pessoas moravam a quilômetros de distância, mas viviam mais próximas do que aquelas que estão lado a lado nos apartamentos. Herta Patro - Tribuna Livre [2]

SH=UC= 20/07/1993 JNH Alunos em férias agitam shopping. Ontem foi o primeiro dia de férias dos alunos da rede municipal e grande foi o movimento do Novo Shopping, eleita uma das principais opções de lazer. [13]

SH=UC= 09/08/1993 JNH Shopping, opção certa nas tardes de Domingo. Todos os domingos, mesmo com as lojas fechadas (exceção daquelas de lazer e alimentação) p shopping recebe um número crescente de jovens que têm como programa principal ficar encostados nos balcões das lojas andando e descendo as escadas rolantes, olhando as vitrines ou simplesmente sentando num banco pensando na vida e num possível namorico. Se encontra de tudo, desde os modelos surfistas mais antigos, aquele estilo blusão colorido, boné, tênis, anéis nos dedos e olhos atentos a toda e qualquer menina que passa, até os normais que fazem o estilo "estou usando a roupa que tenho". [13]

CI=LE= 12/10/1993 JNH Um hamburguense, que esteve fora da cidade por alguns anos, e veio visitar seus parentes, se surpreendeu com a frenética iluminação pública de Novo Hamburgo. "Meus Deus, Novo Hamburgo parece uma árvore de natal, nunca vi coisa igual!" Vinícius Bossle – opinião [2]

SH=CO= 21/10/1993 JNH Sanduiches, pizzas, bife com fritas, pão de queijo, doces, tortas e sorvetes. Sucos, refrigerantes, cerveja e chope. Café simples, expresso, cafezinho ou chá. Tudo isso e muitas outras coisas de dar água na boca estão à disposição do público, no 3o piso do Novo Shopping. A praça de alimentação (12 lojas) mantém um movimento regular durante o ano todo. Especial Shopping [13]

SH=CO= 21/10/1993 JNH Shopping comemora 2 anos e se consolida como centro de compras. Hoje, abriga 124, lojas em apuração. A expectativa é que o faturamento deste ano atinja US\$ 50 milhões. O número de pessoas que ali circulam é de 20 mil por dia durante a semana e 35 mil por dia sexta e sábados. Capa [13]

SH=CO= 21/10/1993 JNH Um passeio pelas lojas do Novo Shopping... Na Sweet Maker, um show com 120 tipos de balas. A loja comercializa guloseimas a granel, fica situada estrategicamente perto do parque de brinquedos no 2o piso. O Tevah começa como maior magazine do Vale. Com 400 m2, a loja oferece produtos de qualidade com preços 40% inferiores à concorrência. Ela comercializa toda linha de trajes, inclusive os famosos reversíveis. A Courolândia é líder na comercialização de artigos para viagem. A empresa vende também tênis, abrigos, bolsas e sapatos femininos. Com 170 m2 e 15 funcionários, a

loja está localizada no 2o piso. A Casa Lyra atua em quatro segmentos: meias femininas, langerie, perfumaria e bijuterias. A loja Ortopé, localizada no 2o piso, oferece calçados e confecções da fábrica Ortopé de Gramado, além de produtos com a marca Ortopé licenciada. Líder em vendas em moda jovem, a Gang chega a Novo Hamburgo. O lay-out da loja deverá ser mais ousado comparando com as outras 15 lojas da rede. Com 103 m² na filial do Novo Shopping, e com uma produção terceirizada de acordo com a própria modelagem, a loja espera faturar até US\$ 50 mil mensais. O Bicho da Luz atende o público feminino, no estilo prêt-à-porter. Situada no 2o piso, aloja trabalha com linho, seda e javanês. A Hong Kong segue o estilo voltado para artigos do oriente, trabalha com decoração, flores de seda, muita porcelana, estatuetas e quimonos. A Personal Paper coloca à disposição da comunidade toda linha de papéis, canetas, cartões e agendas, na melhor qualidade dos artigos importados. A Liss fornece produtos femininos, atendendo à um público que varia dos 15 aos 70 anos, passando por um estilo clássico, valorizando as transparências do linho. O objetivo da loja é vestir bem a mulher que trabalha. A Rayon, um ponto de referência para quem procura moda jovem feminina, oferece confecções em jeans, cotton, moletons, crepes, camisarias e até calçados. A palavra chave no estilo da loja é descontração, fazendo o estilo "à vontade", para mulheres de 15 a 30 anos. A Tilk's Tecidos faz parte do visual do shopping. A loja é especializada em tecidos para decoração. Que abrange estofados, cortinas, almofadas e colchas. Os mais variados gostos podem ser satisfeitos na loja. Especial Shopping [13]

SH=UC= 21/10/1993 JNH Os jovens comparecem com freqüência ao Novo Shopping. Um exército de meninos e meninas invadem diariamente os largos corredores do empreendimento em busca de momentos de descontração. Eles geralmente gastam algum dinheiro com um copo de suco ou refrigerante, às vezes compram roupas, mas quase sempre investem na paquera. Tudo é um bom motivo para diversão. "Venho mais para ver as gurias"; "o Novo Shopping é um lugar de lazer"; "é legal encontrar amigos e as amigas"; "ao invés de ficar em casa eu venho pra cá". Especial Shopping [13]

SH=UC= 21/10/1993 JNH Uma ilha de consumo no coração da cidade. Especial Shopping [13]

PR=EX= 26/11/1993 JNH Depois que o medonho deixou de distribuir os convites para enterro, é sempre mais freqüente ficar-se privado de prestar a última homenagem aos falecidos. Coisa de cidade grande. Carlos Luiz Poisl – Opinião [2-9]

CI=PG= 01/12/1993 JNH Os hamburguenses estão habituados a ouvir um discurso que apresenta a cidade como uma terra de progresso e pionismo. Além dos nossos limites, a imagem é semelhante. Um levantamento criterioso de números e fatos desvenda que, na verdade, Novo Hamburgo escorrega lentamente de suas posições, empobrecendo tanto em números relativos quanto absolutos. Novo Hamburgo Presente/ futuro. [5-7]

PR=PG= 01/12/1993 JNH Desapareceu da vida da cidade o velho relógio que havia na praça dos Imigrantes, bem em frente ao Calçadão. Coluna Sabe Tudo [12]

SH=CS= 27/12/1993 JNH Ao invés de casa, eles têm como moradia o estreito vão entre o fétido arroio Luiz Rau e o Calçadão do Novo Shopping. A comida é trocada pelos saquinhos de cola. De sobremesa baganas de cigarros. Eles são conhecidos como as "tartarugas ninjas", vivem entocados como ratos, praticam pequenos furtos e despertam dor e revolta. Capa [2-13]

CI=UC= 28/12/1993 JNH Fogos começam a sumir das lojas. Com a proximidade dos festejos de virada de ano, o comércio de fogos de artifício surge com toda a sua infinidade cores e alternativas. [6]

AV=VT= 28/01/1994 JNH Um dia nostálgico, pensando nos desfiles que as madames faziam todas as tardes na Pedro Adams, constatei porque as mulheres de Novo Hamburgo haviam perdido a graça. Ocorre que nos anos 50/60, as mulheres elegantes eram elegantes em todas as horas do dia, em todas as ocasiões, fossem de festas ou lazer ou simplesmente uma passagem pela Pedro Adams. O marketing da moda colocou calça comprida em todas as mulheres, nivelando maciçamente o dia a dia das mulheres. Elegância mesmo e refino, só nos grandes momentos sociais. Alceu Feijó [10]

CI=OT= 21/03/1994 JNH Dias atrás faleceu Lauro Diogo de Jesus

SH=CO= 21/03/1994 JNH Opiniões: "Pela proximidade do Shopping, muitos comerciantes querem vir para o bairro Rio Branco, os pontos valorizam muito"; "O Centro está decadente"; "O shopping trouxe mais clientes às lojas"; "Alguns nos pediram para abrir Sábado à tarde em função do shopping"; "Aumentou também a concentração dos menores delinqüentes, a começar pela praça em frente ao shopping"; "o bairro e a cidade inteira mudaram depois da abertura do shopping". [13]

CI=PG= 01/04/1994 JNH O mundo ficou pequeno para Novo Hamburgo, Nova York, Hong Kong e Paris se transformaram em arrabaldes da faceira cidade. Novo Hamburgo se expande, se agita e há muito tempo perdeu a sua bucolidade, para ser uma cidade madura com todos os problemas inerentes ao crescimento um pouco desordenado. Alceu Feijó

SH=CS= 23/04/1994 JNH Parece que os skatistas e pedestres não conseguem viver em harmonia. Um morador de Porto Alegre afirma que em frente ao Novo Shopping um grande número de skatistas reúnem-se para usar drogas e insultar pedestres. Coluna Sabe Tudo [13]

PR=OB= 28/04/1994 JNH Rua 24 horas. Imagine você procurar e encontrar à sua disposição de madrugada, serviços como o chaveiro, florista, tabacaria, livraria, farmácia, posto policial, etc., em um local que lhe ofereça toda a segurança possível. Os primeiros estudos indicam que o projeto se localizará na rua Lima e Silva, trecho entre a 1o de Março e Pedro Adams. A maior parte do projeto estará localizado na praça dos Imigrantes, que pretende revitalizar, reformulando os espaços da concha acústica e dos banheiros, tendo como principal objetivo o de integrar o projeto Rua 24 Horas com a praça. Victor Schimitz - Tribuna Livre [9]

CI=CO= 05/05/1994 JNH A cidade americana de Lawrence, que não acreditava na concorrência estrangeira, hoje convive com 400 fábricas de calçados fechadas. Coluna Sabe Tudo [5]

CI=PH= 18/05/1994 JNH Charge Sinovaldo sobre dirigir falando ao celular, mostra um homem dirigindo um celular e falando ao carro. [2]

CI=ON= 02/06/1994 JNH Charge Sinovaldo Heliponto. Helicópteros pousando e decolando do edifício... tal movimento é por causa do preço da passagem de ônibus. [3]

SH=CO= 02/06/1994 JNH Ficou muito melhor a praça de alimentação do Novo Shopping com as reformas. Bonitas floreiras enfeitam o ambiente, mesas novas e mais sofisticadas garantem mais espaço para quem quiser fazer um lanche ou só matar o tempo. Dois novos restaurantes contribuem para que o local fique mais movimentado. Coluna Sabe Tudo [13]

CI=PG= 23/07/1994 JNH Lindas ruas e avenidas floridas. Asfaltadas lindas ruas sem rede de esgoto. Belos arroios que morrem. Vilas marginalizadas e crianças que brincam neste belo arroio de esgoto. Não importa, existem postos de saúde em todas as vilas. As avenidas asfaltadas são lindas aos olhos e não estragam, nem sujam nossos carros. Enquanto alguns andam de carros importados, muitos não podem nem andar de ônibus. Lanussi Pasquali - Tribuna Livre [2-7]

CA=CO= 18/08/1994 JNH Loja atende de portas fechadas. Os comerciantes do Calçadão da Gal. Neto têm enfrentado dificuldades para vender e driblar o assédio de alguns meninos que circulam pelo local. Os meninos promovem verdadeiras "excursões", onde chegam a entrar nas lojas em grupos de 15 garotos com o pretexto de pedir água, mas acabam tomando conta do estabelecimento e perturbando a segurança. [11-12]

CA=CO= 19/08/1994 JNH Charge Sinovaldo sobre portas trancadas. Vendedora abre a porta da loja que permanece trancada por causa dos assaltos e das agitações causadas pelos menores de rua. Por debaixo do vestido da cliente, uma velhinha simpática, várias pernas, e em sua bolsa, uma arma. [12]

CI=PG= 01/09/1994 JNH Nossa região deixou de ser um romântico conjunto de pequenas cidades de origem germânica. Agora, enquanto vivemos o ritmo febril dos grandes centros econômicos, a cultura local incorpora múltiplos elementos novos, pela migração de trabalhadores e pelo contato com mercados fortemente competitivos. Luiz Tomazeli [7]

SH=UC= 02/09/1994 JNH Um grupo de crianças de uma escola municipal foi expulsa do Novo Shopping sob alegação que estavam espantando os consumidores. O gerente diz que é porque as crianças ocuparam umas 30 mesas do centro de alimentação para um verdadeiro piquenique. Elas estavam ocupando lugares de quem iriam consumir e isto pode ter irritado alguns lojistas, já que eles trouxeram tudo de casa. Coluna Sabe Tudo [13]

CI=AF= 08/09/1994 JNH Há 15 anos atrás, a paisagem de Novo Hamburgo era identificada pelas torres da Igreja, visíveis de praticamente todos os pontos da cidade. Hoje, a cidade é identificada pela nova arquitetura, apesar da luta pela manutenção dos prédios históricos. Não existe um estilo arquitetônico único nas novas construções, mas a tendência geral é seguir o pós-modernismo, ou seja, reinterpretar o moderno utilizando elementos de outras épocas e estilos. [2]

PR=AF= 21/09/1994 JNH Outro dia estive na praça dos Imigrantes. Tentei sentar num banco. Todos estavam livres, mas cheirando à cola e cachaça. Coluna Sabe Tudo [9]

CI=TR= 26/09/1994 JNH Terapia de sinaleira. Requisitos: um automóvel, pouco tempo para o relax, uma dose razoável de estresse e disposição para se adaptar à vida moderna. Some a isso quatro ou cinco sinaleiras no seu caminho e um intelecto mínimo para ler enquanto dirige. A leitura é só o início, depois você decora o texto e não precisa mais do jornal. A terapia é feita no trajeto diário de casa para o trabalho, do trabalho para casa. Você entra no carro com o jornal na mão, põe a chave na ignição e vai lendo o texto. Um ônibus lhe pisca os faróis atrás e um fusca velho na frente não deixa você ir mais rápido. Na primeira sinaleira uma senhora com uma criança no colo lhe cutuca o vidro pedindo dinheiro. Você não tem culpa mas se sente mal. Diz "Não" com a cabeça e prolongando o movimento começa o aquecimento do pescoço alternando esquerda direita. Debrue, abra o cinto e desabote o botão da calça. Dê uma de iogue: exale todo o ar dos pulmões e contraia a pança. Aspire o oxigênio que resta à sua volta pausadamente. Na outra sinaleira tire os sapatos e faça uma massagem chinesa. Massageie o pé esquerdo no debruidor e o direito no freio. Sinal verde à vista. Arranque e apague da mente os afazeres e imagine que seu dia irá ser bom. Diga bem alto: o meu chefe é bom.. o meu salário é bom. Frases como estas você intercala entre as sinaleiras. Na próxima sinaleira abra o vidro, estique os braços na altura dos ombros e movimente-os num vai e vem tal qual um pássaro. É o tai-chi adaptado à sinaleira do trânsito. Todo mundo tá vendo, mas você está livre em pleno trânsito... Você precisa voltar à realidade, por isso cante: ai, ai, ai, tá doendo o bolso... crie uma melodia. Rogério Goldman [3]

CA=AF= 27/09/1994 JNH O palco. Pode-se afirmar que o Calçadão, aos sábados, é um palco iluminado pelo grupo de garotas que o toma de assalto. Parecia uma avenida de Amsterdã no mês de agosto. Todo mundo apareceu. Quem não apareceu foi pra praia. Pessoas de fora dizem que a impressão é que Novo Hamburgo tem pelo menos 1/2 milhão de habitantes. Não existem muitas cidades tão alouçadas como a nossa nas manhãs de Sábado. Vinícius Bossle [12]

CI=PG= 17/10/1994 JNH Charge Sinovaldo sobre a indiferença. Várias pessoas vêem um cadáver estendido no chão... o que elas estão fazendo é ler o jornal que cobre ele. [7]

SH=CN= 22/10/1994 JNH O Novo Shopping pode ganhar em breve uma terceira sala de cinema e os proprietários admitem a possibilidade de transformar o Novo Cine 1 numa espécie de cine-teatro. Especial Novo Shopping [13]

SH=CO= 22/10/1994 JNH Uma revenda de carros importados dentro de um shopping. A idéia é novíssima e surpreende muita gente. O Novo Shopping salta à frente e inaugura em dezembro uma loja assim. Especial Novo Shopping [13]

SH=UC= 22/10/1994 JNH A praça de alimentação do Novo Shopping oferece ao público, além da variedade em comidas fast-food, um ambiente agradável e vem se transformando num dos mais movimentados pontos de encontro da cidade. É um local para descansar, observar as pessoas, conversar, estudar ou somente passar o tempo. Especial Novo Shopping [13]

SH=UC= 22/10/1994 JNH Ir ao Shopping já faz parte do cotidiano dos hamburguenses. Capa [13]

SH=UC= 22/10/1994 JNH O Novo Shopping vem abrindo espaço para atividades culturais e comunitárias, o que contribui para fixar ainda mais o centro de compras no dia a dia da população. "A missão do Novo Shopping não é só comprar e vender, mas viver, sentir mais a vida, trazer e vivenciar as qualidades da comunidade. A comunidade deve pensar: aqui é minha casa, aqui eu tenho lugar. A prestação de serviços será a tônica dos projetos de expansão. Se o cliente precisa engraxar os sapatos, trocar pneus, lavar roupas, utilizar bancos, correios, etc., deve ter isto aqui dentro." Especial Novo Shopping [13]

CI=OB= 28/10/1994 JNH A opção em asfaltar ruas e becos é ótima, o problema é que o asfalto é tão fino que fica a dúvida se a rua foi asfaltada ou pintada de preto. Tribuna Livre [3]

CI=VA= 11/11/1994 JNH Iniciado nos bares de cidades americanas, o happy hour difundiu-se por vários países. A hora da descontração já começa a fazer parte do cotidiano da cidade. Capa [3]

CA=CF= 19/11/1994 JNH Despejo ameaça o Café Avenida. O mais tradicional ponto de encontro da cidade pode deixar de existir. Seu proprietário tem dificuldades para manter o Café. O aluguel é caríssimo. Capa [12]

CI=PH= 09/12/1994 JNH Uma nova onda de ricos paira no ar e se espalha nas grande cidade. Curtem, esnobam. São os assinantes dos telefones celulares. Os novos ricos fazem charme, pose, carregando e usando o celular. Descem dos carros com o aparelho na cintura e vão logo fazendo uma ligação, só pra mostrar que tem celular. Eles gostam mesmo é quando o aparelho toca... deixam ficar tocando de propósito. Sérgio Hack Tribuna Livre [2]

AV=EX= 06/01/1995 JNH Sua verdadeira identidade e origem ninguém sabe ao certo. Ela apareceu atraída pelo movimento e pelas luzes do centro. Ela atende por um apelido conquistado na pia batismal da indiferença pública. Sua passarela são as ruas da cidade com preferência pelas proximidades do Bar Quiosque. Entre o Café Avenida e o Bar ela desfila seus vícios conquistados ali mesmo. Encena diariamente um espetáculo que varia entre top less, cheirar cola e provocar brigas com colegas de infortúnio e proprietários que emolduram seu palco. Quando a loira sumir, como sumiram outros tantas, outra irá surgir para conquistar os aplausos ou as críticas dos freqüentadores dali. Alceu Feijó [10]

CI=PH= 09/01/1995 JNH Outro dia eu comentava com um amigo que ao ver certos exibicionistas do celular, recordava-me dos índios em seus primeiros contatos com a civilização, quando ganhavam espelhos e corriam para as aldeias exibi-los. Assis Vieira - Tribuna Livre [2]

CI=PG= 11/02/1995 JNH Charge Sinovaldo Crise no calçado. um cidadão não entende porque vale da latinha e não dos sinos. O outro esclarece: é que lá tinha uma fábrica de calçados, lá tinha um curtume. [5]

CI=CL= 15/03/1995 JNH A calçada é a rua dos pedestres. Hoje, temos várias ruas asfaltadas, mas tenho a tristeza de constatar que os pedestres (que geram riquezas para a construção das ruas) não têm calçadas para caminhar com segurança. Mauro Möller – Opinião [3]

SH=CO= 16/03/1995 JNH Com 70 m2 de área a Cristófoli abre sua loja no Novo Shopping. Ela terá 40% de produtos da marca e o restante de marcas voltadas para o público que atende. [13]

SH=CO= 05/04/1995 JNH O Novo Shopping inaugurou ontem mais uma loja. Trata-se da ótica Corujinha do Vale. A escolha do shopping se deve ao fator segurança: "no calçadão fica muito difícil trabalhar com o público, enquanto que no shopping é normal o cliente vir até nós". [13]

CI=PG= 07/04/1995 JNH Novo Hamburgo completa 68 anos com um nó na garganta. Muita gente angustiada olhando o pôr do sol sem saber como será o dia de amanhã. Desemprego, fábricas falindo e muitos automóveis importados disputando estacionamento com Brasília. Gente esperando nas longas filas para receber o salário-desemprego e gente viajando para Cancun.... Um belo dia a cidade foi se transformando, as pessoas andando muito ligeiras de um lado para o outro, fábricas crescendo e se multiplicando, edifícios surgiam como frutos de efeitos cinematográficos. Em 15 anos uma nova cidade substituiu a pacata Novo Hamburgo. O milagre americano aconteceu, as torres da Igreja desapareceram, suplantadas por enormes edifícios. Alceu Feijó [2-3-5-7]

SH=CO= 07/04/1995 JNH Duas atrações especiais movimentam o Novo Shopping. Uma é promovida pela Woodstock, que mantém uma manequim circulando por várias partes do shopping, acompanhada por um violinista. A outra, é a toca do coelho, onde as crianças podem entrar para conversar e fazer pedidos ao Coelho da Páscoa. Coluna Sabe Tudo [13]

AV=TR= 13/04/1995 JNH Será instalada em frente ao Calçadão a primeira lombada eletrônica da cidade, um equipamento que registra a velocidade dos veículos e fotografa as placas para eventuais multas... Surpreendente é sua instalação num local onde o trânsito sempre flui lentamente. Coluna Sabe Tudo [10]

AV=TR= 22/04/1995 JNH Charge Sinovaldo lombada eletrônica. Casal posando em cima do carro para ser fotografado pela lombada eletrônica instalada na avenida Pedro Adams Filho, em frente ao Calçadão da Gal. Neto. [10]

CI=CO= 17/05/1995 JNH Recebendo o troco da China. Lá pelos anos 66, 67, fomos com uma proposta de irmanar Elda na Espanha com Novo Hamburgo. Eles dominavam as exportações de calçado relativamente econômico e de baixa qualidade. Sem maldade, eles nos deram aulas de exportação. Ensinarão que as metas a ser conquistadas, primeiramente, era as vitrines de Londres. Logo saia de Novo Hamburgo um caminhão de sapatos embarcando para Londres. Passados anos, nós começamos a crescer e eles estagnaram as vendas. Culpavam as indústrias brasileiras que eram subsidiadas pelo governo e pagavam valor irrisório a um operário que vivia na miséria (circulavam fotos de favelas e mendigos nas

ruas). A concorrência dos chineses é um "filme" já visto pelos espanhóis. Em nossas mãos passam fotografias da vida miserável chinesa. Estamos recebendo o troco de nossa antiga concorrência com a Espanha. José M. Carrasco [4-5]

CI=CO= 16/06/1995 JNH Charge Sinovaldo sobre indústria. Grupo turístico em visita ao Vale do Creck... creck porque todas as fábricas estão quebrando. [5]

PR=AF= 22/06/1995 JNH O fim das seringueiras. As árvores foram plantadas de forma inadequada e suas raízes causam danos ao calçamento, à rede de água e esgoto. Além disso elas não são o tipo de vegetação compatível com a arborização urbana. Coluna Sabe Tudo [9]

CI=CN= 23/06/1995 JNH Cidade perde último cinemão. Novo Hamburgo perde um de seus espaços mais tradicionais. O antigo Cine Teatro Carlos Gomes, o Saionara, inaugurado em 1930, apresentou sua última sessão ontem. [6]

CA=OP= 26/07/1995 JNH Os proprietários de lojas no Calçadão, vítimas de vários arrombamentos, estão assustados com a falta de policiamento no centro de Novo Hamburgo. [12]

CA=CF= 10/08/1995 JNH Piada no Café Avenida: "Como foram as vendas na Fenac? Muito boas, vendi minha D-20 e 2 terrenos em Tramandaí." Reflexão: em vez de Ter camioneta e terrenos, o dinheiro deveria estar investido na empresa. [12]

CI=PR= 11/08/1995 JNH Um jornal da capital comentou a disputa das casas noturnas de Porto Alegre com as de Novo Hamburgo, em busca pela preferência dos visitantes da FENAC. Pela análise do jornalista, as casas da região teriam vencido as da capital ou a crise teria influenciado no libido dos participantes da feira. Alceu Feijó [4]

SH=LC= 19/09/1995 JNH Shopping lança nova coleção. O Novo Shopping realizou o seu 1o desfile de lançamento da moda primavera-verão. É uma tentativa de trazer o público para mais perto do centro de compras e mostrar tudo o que o local oferece. [13]

PR=AF= 25/09/1995 JNH E é a praça principal. Não sei se alguma prefeitura do interior tem tantos arquitetos com a de Novo Hamburgo. Então porque a praça do Imigrante tem aquela salada de frutas arquitetônica? Olhando da Pedro Adams, da esquerda para a direita, tem as bancas, o mais antigo prédio. Nos fundos tem o prédio do turismo que mais parece um conjunto de escritórios de contabilidade. Aí, aparece o novo prédio da Brigada Militar, quase uma imitação de postos da polícia de Copacabana. Mais ao lado um banheiro público, cujo visual parece que foi feito por mim, que não entendo patavinas de arquitetura. Perto deste novo banheiro tem aquelas enormes pedras de mármore, cravadas no chão por um movimento religioso e que parecem dois túmulos. Aí surge o quiosque cujo prédio lembra uma rodoviária em Tucunduva, mas com mesinhas bonitas, invadindo parte da praça. Depois começa o mar de concreto, em redor do chafariz e tem ao fundo a concha acústica e, ao lado desta, aquele banheiro público parecido com o último reduto da defesa do Hitler, nos últimos dias da 2a Guerra. A praça do Imigrante acaba tendo um mistura de péssimo gosto. Esqueci de falar que durante muitos dias, entre o quiosque e os dois túmulos, a "Alemea" pendura suas roupas para secar. Existe ainda a banquinha de revistas, de frente para a 1o de Março, que não é parecida com nada do que falei antes. Anda podemos nos dar por felizes porque a praça não está asfaltada... ainda não. Aurélio Decker [9]

CI=PG= 28/11/1995 JNH Pulsa o coração de Novo Hamburgo. No centro coexistem a correria urbana (evidente em seu trânsito caótico) e um bucolismo interiorano de cidade que já miscigenou, mas não abandonou o sentimento étnico-cultural alemão. Especial Centro [2-3-7]

CI=VA= 28/11/1995 JNH Novo Hamburgo segue as tendências das grandes capitais, com suas doughtons tornadas cada vez mais imensos shopping de vendas e serviços e cada vez menos espaços residenciais. A mesma população que cria a metrópole de negócios rápido, é a que se refugia nas periferias. Especial Centro [3-4]

GA=VT= 28/11/1995 JNH Galeria Central organiza concurso. Em ritmo de festa de final de ano, a Galeria Central está organizando a decoração de suas lojas com motivos natalinos e um concurso para escolher a melhor vitrine. Esta promoção tem a finalidade de integração e participação dos lojistas. As lojas estão oferecendo brindes e cupons a cada compra. "A vitrine é o ponto principal em vendas. Atrai o cliente para a loja"; "a empolgação foi tanta que já estamos pensando em repetir na páscoa"; "A galeria existe há tantos anos e esta é a primeira vez que se realiza algo do gênero"; "Muitas pessoas param, olham e elogiam". Especial Centro [11]

SH=CO= 12/12/1995 JNH Domingo ficou evidente que o Novo Shopping é o centro de compras mais importante da região. No estacionamento lotado havia carros de várias cidades. Na frente das vitrines e no interior das lojas os visitantes se acotovelavam. Coluna Sabe Tudo [13]

AV=NT= 13/12/1995 JNH Passear pelas ruas de Novo Hamburgo à noite tem sido uma surpresa agradável. O espírito natalino parece ter contaminado a comunidade e o resultado são luzes e mais luzes, enfeitando casas, edifícios, escolas, árvores e estabelecimentos comerciais. Muitos garantem que nunca viram a cidade assim. Capa [4]

SH=CO= 15/12/1995 JNH A casa lotérica instalada no Novo Shopping lança a campanha "Natal alto astral". "Nós vendemos sonhos e nada mais adequado do que vendermos também otimismo e o alto astral". [13]

CA=LC= 20/12/1995 JNH Até o próximo Sábado a comunidade pode apreciar de perto os artigos do Brique de Hamburgo Velho, que está instalado no Calçadão da Gal. Neto. [12]

SH=AF= 20/12/1995 JNH Sabe tudo reclama que a administração do Novo Shopping estaria desligando o ar condicionado como medida para cortar despesas. Coluna Sabe Tudo [13]

SH=SG= 20/12/1995 JNH Outro sabe tudo reclama que comprou um presente nas Lojas Renner e ao sair o alarme disparou, ficando ela numa situação constrangedora. O segurança foi estúpido e quando ela quis devolver o produto levou um chá de banco. Coluna Sabe Tudo [13]

CA=CF= 27/12/1995 JNH O fim do Avenida. Depois de ser o mais tradicional ponto de encontro dos hamburgueses, na noite de ontem o Café Avenida fechou suas portas para não abrir mais. "Sinto como se estivessem arrancando um pedaço de mim". Omar Guerreiro. Capa [12]

CA=CF= 29/12/1995 JNH O Café Avenida não era só um ponto de encontro para divagações. Era também um templo que abrigava todos os credos, ricos e pobres, na busca de suas afirmações, alegrias e tristezas para serem divididas. Em seu lugar, provavelmente, será erguido um grande edifício, que irá embelezar a cidade, mas jamais matará a saudade de metade da população que tinha o Café Avenida como o seu "oásis" durante suas andanças pelo centro. Alceu Feijó [12]

SH=CO= 06/01/1996 JNH Cinco lojas fecharam as portas no Novo Shopping. Para a direção o rodízio é normal dentro de um centro comercial. A taxa de substituição anual nos espaços é de 10%. Com custos operacionais maiores, em épocas de crise a tendência é sofrer mais os efeitos recessivos. [13]

CI=OB= 10/01/1996 JNH Heliponto ainda não foi utilizado. O não uso da pista é atribuído pela falta de pessoas que tem helicóptero e pela falta de hábito. [2]

SH=CO= 08/03/1996 JNH Alimentação é âncora no shopping. Mais de três mil pessoas circulam por dia pela praça de alimentação. As praças acabaram ganhando força dentro desses estabelecimentos e estão recebendo espaços privilegiados. No começo, as lojas de alimentação eram apenas mais um setor dentro do contexto. Hoje se transformaram numa alternativa importante para atrair o público. [13]

CI=PG= 01/04/1996 JNH Frases: Prefeito anuncia que não asfaltarão mais nenhuma rua em Novo Hamburgo. No Café Avenida ninguém dirá, em segredo, quem comeu no fim de semana. Muitas empresas calçadistas estão em excelente estado, mas seus donos não. Aurélio Decker [2-5]

CI=ON= 03/04/1996 JNH Transporte urbano. A situação aqui em Novo Hamburgo é lamentável. Os hamburgueses pagam uma das passagens mais caras do Estado e não têm um serviço condizente com a realidade. Orestes Luz - Tribuna Livre [3]

CA=CF= 12/04/1996 JNH Com o encerramento das atividades do Café Avenida chegou-se a imaginar que o local iria sofrer um esvaziamento completo. Os antigos proprietários do Café Avenida instalaram-se mais acima com o nome de Café Guerreiro, o que manteve sua fiel frequência. O Calçadão tem tudo para se tornar um efetivo ponto comercial. Seus bares e cafés podem imitar os famosos cafés parisienses com extensões envidraçadas, avançando para os dias mais frios e chuvosos. Imagino-me tomando um cafezinho quente, vendo a chuva batendo nos vidros num daqueles terríveis dias de inverno. O Calçadão é um Shopping aberto, com sol, chuva e crianças patinando entre os canteiros e mesas num movimento estético alegre. Alceu Feijó [12]

SH=UC= 12/04/1996 JNH Shopping. Frequentadora assídua do Novo Shopping desde a sua inauguração, constato a queda vertiginosa de público, tanto nas lojas quanto na praça de alimentação.

Também constato o fechamento de muitos estabelecimentos sem que os espaços sejam reocupados. Afinal, o que está havendo com o nosso Shopping? [13]

CI=UC= 23/04/1996 JNH O condomínio reuniu as famílias dispersas pela loucura da urbanização e criou pequenos e médios grupos sociais que vivem, comunitariamente, discutem, tomam chimarrão nas áreas de lazer, brigam e se reconciliam. Há paz e seguramente conflitos, mas jamais guerra. E nos momentos de aflição se unem, se solidarizam, e tudo renasce em paz. Vinícius Bossle [2]

CI=PG= 25/04/1996 JNH A cidade chegou a um limite de modelo. A máquina econômica que vinha sustentando a cidade está embreada. Não foi só a explosão de um depósito de produtos químicos em pleno centro da cidade. É um modelo de vida superficial que explode numa cidade que perdeu, com a migração do boom do calçado, sua identidade cultural. Uma miscelânea de gente aqui aportou atrás da ilusão do ganho fácil das exportações. Ele passou e quem pôde saltar foram saíu. Arno Kaiser – ecologista [4]

CI=PH= 25/04/1996 JNH Fichas telefônicas são substituídas por cartões. Aos poucos, a velha ficha telefônica perde terreno para os cartões magnéticos. Capa [2]

CI=PG= 30/04/1996 JNH E do homem se fez o lixo. Afinal, quem é louco. Aquele que baba pelas ruas, nos mostra a língua e diz palavras desconexas ao léu, ou aquele que aumenta o passo e salta sobre os homens, mulheres e crianças que mendigam pelas calçadas? Tome-se as grandes metrópoles e nelas se constatará milhares de espécimes humanas esparramadas no meio fio. Já estamos nos conformando com a máxima: o lixo é um problema que não se resolve, se administra. João Manoel Oliveira – jornalista [2-4-7]

SH=LC= 09/05/1996 JNH O andar térreo do Novo Shopping foi invadido por objetos de toda natureza. Aparelhos de chá ingleses, faqueiros de prata, lanças das mais variadas partes da Europa. É a feira de antiguidades. [13]

SH=LC= 10/05/1996 JNH Dentro da campanha do Dia das Mães, o Novo Shopping promoveu ontem três desfiles de moda na praça de eventos. "É uma atitude louvável o desfile. O consumidor pode ver, além das vitrines, o que as lojas têm à mostrar". [13]

CA=AF= 21/05/1996 JNH Calçadão (II) Uma rua tem muita história, ri e chora com os que nela vivem e vê ao redor como se tivesse olhos. Por isso, mesmo não querendo, ainda não consegui sair da ex-General Neto, envolvido por seus fantasmas, pelo jovem doutro Casemiro, que vivia no hotelzinho Deppe e entrava madrugada a dentro no seu consultório. Casemiro se foi, e com ele sua doce e competente enfermeira Magdalena. E o advogado Antônio Bemfica Filho, o tribuno eterno sonhando com o parlamento. Ainda o vejo apontando com o dedo a miséria do mundo. Cruzo uns anos e a rua mudou. Chega na rua um baixinho, atrevido, e instala a Casa Real de Móveis, conquistando a cidade toda. Arnaldo Schmitz ainda é visto, aos sábados, saracoteando no Calçadão. Inaugurou-se o Cinema Lumière, e suas noites de gala reuniam a "fina flor da sociedade hamburguesa". A Sociedade Ginástica cresce, é um centro social da região. A rua cruza uma década, e vai perdendo seus astros, o cinema, o clube e por fim o Café Avenida. Uma rua é como uma criatura humana: é criança, adolescente, moça e linda, recolhe geadas nos seus cabelos, e de repente remoça, revive, renasce. Talvez se esteja assistindo uma nova infância da rua, transformada em Calçadão. Até a Banca Ridi, uma das mais fiéis e antigas do abrigo municipal, veio tentar a sorte e está se dando bem. O Guerreiro apenas mudou de ponto. O Luna Bar permanece tal qual era e o Selegar está transferindo seu negócio para o filho. A telefônica se transformou, mas ainda existem pessoas que se lembram das primeiras telefonistas. Eu aposto no Calçadão, que nos últimos 80 anos tem sido o coração da cidade e já esteve ameaçado de infarte, mas resistiu e jamais morrerá. Quase todos os dias o revejo. Tomo um cafezinho aqui e ali. Escuto os grupos de caixeiros viajantes, ouço o políticos e os que odeiam política. Há sempre um breve silêncio quando cruza uma bela mulher. Os dias são quase sempre iguais de segunda à sexta. Mas sábado a rua brilha, é palco, teatro e até circo, é local e internacional. As crianças patinam no seu piso e os jovens gritam de pura alegria. As rodas, nas mesas dispostas no meio da rua, se fecham de gente que extravasa seu entusiasmo. O professor Petry e o jornalista Luiz Afonso Franz não conseguem sequer jogar sua partida de xadrez e o Júlio Weissheimer é solicitado, de um lado e de outro, para contar as últimas novidades da cidade. Chegam as bandinhas, a do Bolota e a do Ruggeri, e a própria Pedro Adams estoura na boca do Calçadão com um desfile de candidatas à mais bela comerciária. Mas há uma hora que marca o fim do espetáculo: é o meio-dia e a multidão vai voltando para casa. De tarde o movimento declina e Domingo quase morre. A rua

apenas descansa, porque tem pela frente a responsabilidade dos anos que virão. E precisa preservar sua fama - de ser "aquela rua de Novo Hamburgo". Vinícius Bossle [PC-12]

SH=ES= 22/05/1996 JNH 1/4 da capacidade de rotatividade do estacionamento não é utilizada por pessoas que fazem compras no shopping. Será adotado o estacionamento pago. Coluna Sabe Tudo [13]

CA=AF= 28/05/1996 JNH Aquela rua em Novo Hamburgo. Quando eu era um pouco mais que adolescente, li um livro escrito por um jornalista americano, Eliot Paul, o livro "Uma rua em Paris". Foi tão nítida a descrição dele que eu via a ruazinha na minha imaginação e quando fui visitar Paris percorri ela. Ainda estava igual à descrição. Aqui, na minha cidade, apaixonei-me há muito tempo pela ruazinha de uma quadra, enfiada no coração de Novo Hamburgo, onde ainda hoje todo mundo marca seus encontros e desencontros. É a ruazinha que conheci como General Neto, e que o prefeito transformou em Calçadão, e assim ficou conhecida e se chamará aqui e fora daqui, não adianta o nome se lhe queira dar. Os alegres sábados de manhã fizeram o calçadão disparar no Ibope. E de cima abaixo, com um hiato na frente da bela e antiga sede da Sociedade Ginástica, os hamburguenses e visitantes de fora se redescobrem, e matam suas saudades. Os sábados plenos de sol deste belíssimo mês cobrem de ouro o nosso Calçadão, e o pequeno comércio, disposto de cada lado da rua, se esmera num capricho de arrumação que é o próprio apanágio da cultura luso-germânica. Revejo os mais antigos comerciantes, como o Fink, do Luna Bar, Segunda geração, recebendo seus clientes, lotando as mesas cativas. Do outro lado, o novo Café Avenida, com seus hábitos de praxe, e o Guerreiro sentadinho numa mesa do lado de fora. Eo cafezinho tão gostoso como o primeiro que tomei há algumas décadas. Mas há gente nova, como a casa de chocolates Praver, um café expresso delicioso. Eo Peteffi, com uma sorveteria e lancheria que dá gosto de se ver, tudo tão branquinho e arrumadinho. Para completar a banca do Araújo, sempre com fregueses espichando a compra do jornal e da revista para mais um dedo de prosa com o proprietário, e a lancheria da entrada da galeria repleta. E de repente, o Calçadão explode, pois chegou a banda municipal. "Aquela rua em Novo Hamburgo" tem graça e fascina toda gente. Pena que dela esteja destoando o elegante prédio da antiga sede da Sociedade Ginástica. Ele está fechado, com pintura desbotando e pedindo reparos e retoques. E seu saguão está imundo, com sujeira acumulada há muitos meses. É a face negativa e triste de uma Calçadão que é hoje o cartão de visitas de Novo Hamburgo. A velha Ginástica deveria estar aberta para a cidade e para o mundo, sediar nos seus salões a música e a arte dos descendentes dos antigos imigrantes alemães e as etnias que vieram enriquecer Novo Hamburgo. Então sim, nossa rua em Novo Hamburgo não ficaria devendo nada à ruazinha de Elio Paul, em Paris. Vinícius Bossle [13]

GA=CO= 24/06/1996 JNH Um dia antes do Dia dos Namorados, descobri no meu casaco um interessante folheto de propaganda. Uma loja de sapatos da Galeria (aquela da loja do Junqueira e a farmácia do Sesi) inventou uma promoção diferente. O prêmio para quem comprasse sapatos na loja e fosse sorteado seria 10 horas numa suíte de motel. Aurélio Decker [11]

SH=CN= 08/07/1996 JNH O cinema era um rito programado. Hoje, ir à sala exibidora tornou-se uma extensão das compras nos shoppings. Antigamente, uma hora antes o cinéfilo tomava banho, vestia-se, penteava-se, raspava a barba, calçava o sapato e, pronto e arrumado, saía de casa em direção ao cinema. Existia um clima, uma atmosfera, uma comunhão. Já na poltrona, dava para ouvir uma música ao fundo e, de repente, o gongo anunciando o início da sessão; luzes coloridas se alternavam no ritmo da batida do gongo e a cortina abria-se, estampando na tela o cine-jornal com as notícias de 4 meses atrás. Hoje, vai-se primeiro ao shopping e o cinema é mera extensão do shoppiar. Julio Weissheimer. Lojista [13]

SH=ES= 17/07/1996 JNH A partir de hoje, os frequentadores do Novo Shopping passarão a pagar pelo estacionamento privativo. O sistema entra em funcionamento no momento em que o cliente chega no shopping. Na entrada do estacionamento existe um cancela que abre automaticamente após o motorista retirar o tiquete que registra a hora da chegada. Quando concluída a visita ao centro de compras, o usuário deve se dirigir a um dos postos instalados nos corredores do shopping e efetuar o pagamento. [13]

SH=LC= 18/07/1996 JNH Os visitantes do Novo Shopping podem observar a nova atração no saguão central do primeiro piso. É a exposição "Mistérios do Antigo Egito", que reúne cerca de 300 réplicas de obras da antiga civilização. [13]

PR=AF= 30/07/1996 JNH O ideal utópico de praças limpinhas e bem planejadas é realidade do passado e sonho lindo para o futuro. As praças acolhem muitos dos antigos trabalhadores, que se somam a biscateiros eventuais, sem falar nos malandros legítimos e outros, que fazem dela o último leito acolhedor. Transformaram a praça dos Imigrantes numa enorme quadra de utilidades com as mais variadas construções. nos shoppings, praças modernas vendem sua luz artificial, mas sem o antigo cirandar de um povo alegre e desocupado. Vilnei Moraes - Eng. Civil [9]

CA=UC= 10/09/1996 JNH Cheguei ao nosso Calçadão e me vi diante de uma imensidão azul como o céu, piscando cristal em suas janelas neoclássicas. Foi muito feliz a escolha do azul celeste para alegrar o coraçãozinho quente de nossa ruazinha, que é hoje o "rendez-vous" usado no sentido puro de encontro apressado de quem está às compras ou para um cafezinho distraído. Vinícius Bossle [12]

CA=UC= 26/11/1996 JNH A via pública mais fiscalizada pela população de Novo Hamburgo é o Calçadão. Através dele se espia a cidade e se fica sabendo de todas as novidades. Caminhamos para transformá-lo numa imitação da Calle Florida de Buenos Aires, ou da rua do Ouvidor, no Rio. O prédio onde funcionava o Café Avenida está sendo reformado pelas lojas Disapel. Vinícius Bossle [12]

CA=CF= 27/11/1996 JNH Café Avenida à perigo. Um dos mais tradicionais pontos de Novo Hamburgo passa novamente por dificuldades. O avenida não consegue faturar o suficiente para pagar as despesas. Um grupo de frequentadores fundou a Associação dos Amigos do Café Avenida. Capa [12]

SH=NT= 29/11/1996 JNH Segredo bem guardado. Papai Noel está no Novo Shopping. Ao seu redor a decoração natalina do centro de compras, que apresenta do lado externo do prédio 120 mil lâmpadas em forma de cachoeira. O bom velhinho ouve pedidos, recebe cartas e dá os tradicionais conselhos. Capa [13]

SH=UC= 16/12/1996 JNH Domingo de compras. O conforto do ar condicionado e a centralidade de vários pontos comerciais fizeram do Novo Shopping o local preferido para conferir ofertas e pesquisar preços. Os corredores estavam lotados. Ao abrir as portas as pessoas já começaram a tomar conta das lojas. [13]

CI=PG= 13/02/1997 JNH Quando chega a noite, Novo Hamburgo se deixa mostrar na sua intimidade. Em meio à escuridão, brotam os problemas que a população passa o dia disfarçando não ver. As esquinas emolduram palcos para a prostituição. A praça se transforma em reduto de travestis. Nas ruas, dezenas de crianças e adolescentes carentes desenham a dura rotina de uma cidade que a cada ano, sente com mais intensidade as conseqüências do desemprego: miséria e violência. Marluza Mattos – Cidade [7]

SH=UC= 24/02/1997 JNH Em busca de programa para uma tarde chuvosa. Shopping foi opção de que não quis ficar em casa. O dia nublado fez muita gente mudar os planos. Os mais corajosos que resolveram sair, encontraram no Novo Shopping a melhor opção. Com os corredores vazios houve espaço para conferir ofertas ou somente passear com os filhos. Saborear um sorvete, brincar nos jogos eletrônicos e a programação dos cinemas foram algumas opções. [13]

SH=CO= 26/02/1997 JNH Novo Shopping agora conta com loja Levi's. Já está funcionando, no 2o piso, a loja Levi's, voltada tanto para o público masculino quanto feminino. Seu produto, o jeans, possui uma numeração especial, mais ampla, com medidas de comprimento e cintura para biotipos diferentes. Empresas [13]

SH=LC= 01/04/1997 JNH O que pensa a juventude? Exposição no Novo Shopping mostra portas decoradas por adolescentes. Com a intenção de abordar o tema foi aberta a exposição com 10 portas decoradas por jovens como se fosse o "lado de dentro" de seus quartos. Cidade [13]

CI=AF= 04/04/1997 JNH Nestes 70 anos muita coisa aconteceu em Novo Hamburgo. Seus casarões se tornaram escritórios de exportadoras, seus chalés viraram espigões cobrindo vales e morros. Com 70 anos Novo Hamburgo vive atrás das grades. Bairros inteiros parecendo cemitérios antigos. Crianças lideram quadrilhas. Com 70 anos Novo Hamburgo perde sua cara germânica e uma população nova de cabelos negros e pele morena assumem o comando social e econômico da cidade. Alceu Feijó [2-3]

CI=CN= 10/04/1997 JNH Uma faixa colocada no Cine Saionara: breve aqui, Igreja Universal do Reino de Deus. Coluna Sabe Tudo [6]

SH=LC= 17/04/1997 JNH Baleias chegam ao Novo Shopping. Vindas do litoral de Santa Catarina, estarão hoje na praça de eventos. Trata-se da exposição fotográfica com identificação individual e informações pedagógicas. Variedades [13]

CI=OT= 20/04/1998 JNH Os artigos e cartas publicados aqui nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente. Texto explicativo da Coluna Opinião

CI=EX= 21/04/1998 JNH Cena urbana. Passear pelas ruas de Novo Hamburgo nos finais de semana não é uma opção das mais agradáveis. O número de mendigos e indigentes pelas ruas, muitos alcoolizados ou com aparentes problemas mentais, é crescente. Alguns assustam os transeuntes com reações agressivas ou obscenas. A situação exige providência do poder público, que precisa, pelo menos, garantir alguma assistência a essas pessoas, pois em função do desvio de comportamento, podem facilmente tornarem-se alvo de atos de violência. [4]

CA=CF= 19/05/1998 JNH Sem Café - Cena de uma cafeteria no centro de Novo Hamburgo, na manhã chuvosa de domingo. Menos de dez clientes sentados, alguém pede uma taça de café e a balconista avisa que vai levar alguns minutos. Perguntada se a máquina de café expresso estava com problema, a vendedora nega prontamente e alega o motivo da demora: - Todas as xícaras estão ocupadas e você precisa esperar que alguém termine de tomar. E agora! [12]

SH=UC= 05/08/1998 JNH Gilberto Mosman apareceu inesperadamente no cafezinho do shopping. Assim tem sido as tardes no cafezinho, sempre uma surpresa, sempre um amigo a quem não víamos há muito tempo. É um grupo reunido no espaço aconchegante do Donuts. É bem diferente do que era no Café Avenida ou no calçadão, onde só compareciam homens, os mesmos de sempre. No shopping é uma reunião social. Como uma mesa nos salões da Ginástica, ou num Café de Paris, Londres ou Nova York. O desfile contínuo nos corredores é uma constante mudança de cenário. Ora um grupo de estudantes, depois uma bela jovem mostrando a tatuagem na barriga, com o moleton bem no limite máximo permitido pelo pudor e os bons costumes. Bons costumes porque a frequência do shopping vai dos 8 aos 80. Mas no cafezinho do Donuts está acontecendo uma situação bem curiosa, que tem servido de um constante rejuvenescimento. Um anoitecer no shopping é um amanhecer na vida. Quantos amigos de outros tempos são representados e revividos através de seus filhos e netos. Histórias são contadas, fatos são lembrados e vividos como se estivéssemos num elevador. Cada andar uma surpresa. Tem mais! O constante desfile de mulheres jovens, bonitas, de todas as idades, concorre com muita vantagem com um desfile na praia. No shopping elas estão recém saídas do banho e da frente dos espelhos. Suas roupas estão bem ajustadinhas aos corpos perfeitos. A praia apresenta as imperfeições, principalmente porque não é toda bunda que dignifica o fio dental. A maioria condena. Viver o shopping é viver modernamente. É estar em dia com o mundo de hoje, de ontem e de muito antes. Alceu Feijó [13]

SH=LC= 18/09/1998 JNH Viajando pelo mundo virtual no shopping. Ir ao shopping encontrar amigos é hábito comum entre os adolescentes. No entanto, os jovens que freqüentam o Novo Shopping estão experimentando uma prática diferente: encontrar amigos virtuais. Um empresa de informática disponibilizou microcomputadores para acesso gratuito à rede mundial de computadores com o objetivo de pessoas de todas as idades tenham contato com a rede. [13]

SH=AF= 23/10/1998 JNH Em permanente estado de festa. Novo Shopping completa sete anos sob o signo da mudança. Sete é número cabalístico, de força e cercado de mistérios. Pois o Novo Shopping completa sete anos de atividades encontrando seu ponto na nova era do mundo dos negócios. O centro de compras vive um 1998 em permanente estado de festa. "O shopping alcançou a maturidade". Este ano o shopping conquistou 33 novas lojas, entre elas sua nova âncora, a C&A. São 140 lojas, o novo Centro Cultural, e até uma loja celular CRT, única no gênero instalada em shopping. A fachada mudou de cor com a nova pintura e até a logomarca mudou. O shopping vai trabalhar agora dentro de uma fórmula considerada infalível: "Criar permanentes expectativas de novidades." Novos banheiros serão construídos no Terceiro piso, com recursos arrecadados do estacionamento pago. No natal deste ano a administração aposta ser inesquecível: "No estilo Nova Iorque, será a decoração mais sofisticada da história do shopping". A decoração será interativa, com brinquedos para as crianças. De quebra, vão cobrir parte da avenida Nações Unidas com 300 mil lâmpadas. Seu slogan para a temporada de fim de ano, nesse período de transição política e econômica, será baseado no otimismo e na alegria. Empresas [13]

SH=UC= 22/01/1999 JNH Ao meio dia, as mesinhas do Café Donuts, do Shopping, estão sendo freqüentadas por um grupo singular e discreto... O responsável pela administração do petit café, afirma

que o comportamento da turma é nota dez. Indiferentes às mulheres e meninas belíssimas que transformam, diariamente, os corredores do Shopping numa eterna passarela, só falam em negócios, exportações, venda de imóveis, fábricas de sapato, couro, etc... O híbrido café recebe a presença de pessoas importante... [13]

CI=CO= 29/01/1999 JNH Em 1960, um grupo de fabricantes representando os vários tipos de calçados fabricados no Vale foram aos Estados Unidos para ver como se produzia calçado em grande escala. Foram tão conscientes de sua tarefa, que trocaram uma festa especial, com lindas garotas de Nova York, para darem continuidade ao programa estabelecido, anteriormente, que era uma viagem a Boston, para conhecerem os grandes fabricantes de máquinas. Nesta comitiva estavam nomes como Oscar Adams, Bruno Petry, Nilo Grun, Edgar Sieler e Seno Ludwig, deputado estadual que conseguiu com o governador Brizola a oficialização da comitiva... [4-5]

PR=OB= 30/04/1999 JNH Inicia remodelação da praça dos Imigrantes [9]

CA=OB= 10/05/1999 JNH Reforma no Calçadão pode gerar consulta. A proposta de reformulação do Calçadão Oswaldo Cruz, da rua General Neto, mexeu com os brios de hamburguenses como Rudimar Serves. Ele agendou um espaço na tribuna popular da próxima sessão... No projeto mostrado por Serves a abertura para o trânsito de carros acabou descartada. Sua atenção se concentra na troca por um piso antiderrapante e, entre as floreiras, a construção de cafés-bistrôs, à semelhança dos que existem em Buenos Aires e Paris... Enquanto propostas surgem, os comerciantes do Calçadão, que, no ano passado, negaram a proposta da Rua 24 Horas, aguardam uma definição por parte dos técnicos da Prefeitura. Eles acreditam que, com a abertura de uma rua de 3 metros de largura, perto de 1,5 mil carros passariam diariamente em frente aos seus negócios. [12]